

André Reis Penido.

A Ética e a Arquitetura Templária Grega:

A Organização do Sentido de Permanência Transposto aos Hábitos e
Costumes, a Construção da Ética
e sua Transposição à Arquitetura Templária Grega.

Dissertação do Curso de Mestrado em Arquitetura
da Escola de Arquitetura da Universidade Federal
de Minas Gerais como requisito à obtenção do
Título de Mestre em Arquitetura.

Área de Concentração: Teoria e Prática do Projeto.

Orientadora: Prof^ª Maria Lúcia Malard.

Belo Horizonte,
Escola de Arquitetura da UFMG,
1998.

Sumário:

Lista de Figuras.....3.

Resumo.....4.

Introdução.....5.

Capítulo 1: Os Primórdios: o Difícil Sentido de Permanência.

1.1. A Incontornável Banalização da História Pelas Mídias.....09.

1.2. Muito Antes do Mito de Prometeu.....12.

1.3. Três Elementos Distintivos Entre os Hominídeos e os Símios.....16.

1.4. Os Hominídeos e o Seu Meio Ambiente.....21.

Capítulo 2: O Período Paleolítico: Os Primeiros Sinais de Relação Com a Natureza.

2.1. As Primeiras Tecnologias do Período Paleolítico.....23.

2.2. A Captura do Fogo: a Primeira Abstração Materializada.....32.

2.3. A Incipiente Construção dos Significados.....35.

2.4. O Cenário dos Povos Caçadores e Coletadores.....40.

Capítulo 3: O Período Mesolítico: A Ordem do Mundo nas Representações do Sagrado.

3.1. O Cenário Mesolítico.....44.

3.2. As Hierofanias Como as Primeiras Organizações de Entendimento do Mundo.....50.

3.3. As Cratofanias no Futuro Contexto Neolítico dos Gregos.....60.

Capítulo 4: O Período Neolítico: A Fixação das Primeiras Comunidades Humanas.

4.1. O Período Neolítico.....65.

Capítulo 5: A Grécia Minóica: o Sentido de Permanência na Dimensão do Humano.

5.1. A Grécia Minóica.....81.

5.2. “O Primeiro Elo da Cadeia Européia”97.

Capítulo 6: A Grécia Continental: A Persistência da “Centralidade do Humano”.

6.1. De Creta aos Miceneanos.....101.

6.2. A Obscura Idade dos Heróis.....114.

Capítulo 7: O Território Grego e suas Implicações nos Hábitos e Costumes.

7.1. O Mar-Território Grego: as Características Geomorfológicas e a Homogeneidade da Cultura Grega.....129.

Capítulo 8: A Construção da Idéia de Templo e a Construção dos Primeiros Templos.

- 8.1. Os Primeiros Templos da Idade dos Heróis.....139.
8.2. Algumas Técnicas Construtivas dos Antigos Templos da Idade dos Heróis.....162.
8.3. A *Phrónesis* e a Arquitetura Templária Grega.....170.
8.4. A Expressão do *Logos* na Arquitetura Templária Grega.....174.

Capítulo 9: Elementos da “Fenomenologia do Ethos” e a Arquitetura Templária Grega: Ética e Arquitetura.

- 9.1. Uma Breve Recapitulação.....180.
9.2. Elementos da “*Fenomenologia do Ethos*” e os Ambientes Construídos.....187.

Conclusões e Sugestões Para Novos Estudos.....201.**Anexos.**

- Anexo 01.....203.
Anexo 02.....204.
Anexo 03.....205.
Anexo 04.....207.
Anexo 05.....209.
Anexo 06.....210.
Anexo 07.....213.
Anexo 08.....214.
Anexo 09.....215.

Bibliografia.....218.

Lista de Figuras:

FIG. 01: Sítios arqueológicos.	11	FIG. 61: A arte de Lisipo.	87
FIG. 02: Australopithecus e Cro-Magnon.	17	FIG. 62: Agásias de Éfeso.	87
FIG. 03: Primeiras ferramentas.	24	FIG. 63: Planta do Palácio de Festo.	89
FIG. 04: Primeiras ferramentas e seus usos.	24	FIG. 64: Escadarias do Palácio de Festo.	89
FIG. 05: Ferramenta da Idade da Pedra.	25	FIG. 65: O teatro do Palácio de Festo.	90
FIG. 06: Propriedade cultural nos barcos.	28	FIG. 66: Aspectos do Palácio de Festo.	90
FIG. 07: Estrutura dialética do <i>Ethos</i> .	29	FIG. 67: Aspectos do Palácio de Festo.	90
FIG. 08: Propriedade cultural nos de fogo.	33	FIG. 68: O Palácio do Rei Mínos.	93
FIG. 09: Cervos de Lascaux.	37	FIG. 69: O teatro do Palácio de Cnossos.	96
FIG. 10: Rena gravada sobre chifre.	37	FIG. 70: Aspectos externos do Palácio de Mínos.	96
FIG. 11: Pintura rupestre da Rodésia.	37	FIG. 71: Os depósitos de Cnossos.	96
FIG. 12: Bisão de Altamira	37	FIG. 72: Os aposentos da rainha.	96
FIG. 13: Disco de Festo.	38	FIG. 73: A torre do corpo da guarda de Cnossos.	96
FIG. 14: Primeiras moradias na Inglaterra.	41	FIG. 74: Construção “C”, 6ª cidade de Tróia.	74
FIG. 15: Primeiras moradias na Inglaterra.	41	FIG. 75: Restos dos muros de Tróia.	74
FIG. 16: Pote cerâmico inglês.	45	FIG. 76: Planta do Palácio de Tirinto.	104
FIG. 17: Restos de uma aldeia mesolítica.	45	FIG. 77: Portão interno de Tirinto.	104
FIG. 18: Túmulo mortuário inglês.	46	FIG. 78: Galeria entre os muros de Tirinto.	105
FIG. 19: Necrópolis inglesa.	46	FIG. 79: Parte da 2ª cidade de Tróia.	107
FIG. 20: O <i>Stonehenge</i> .	47	FIGS. 80: Planta da cidade de Tróia.	107
FIG. 21: Primeiras fazendas.	48	FIGS. 81: Planta da cidade de Tróia.	107
FIG. 22: Interior das casas de uma fazenda	48	FIG. 82: Portal dos Leões em Mícnas.	109
FIG. 23: Situação das primeiras fazendas.	48	FIG. 83: Detalhe do Portal dos Leões.	109
FIG. 24: Estatuetas feminina turca.	52	FIG. 84: Mapa da Grécia: topografia áspera.	130
FIG. 25: Uma Grande-Mãe turca.	52	FIG. 85: Mapa da hegemônias comerciais.	134
FIG. 26: A Deusa-Mãe minóica.	52	FIG. 86: Relações de proximidade na linha costeira.	136
FIG. 27: Ídolo cretense neolítico.	52	FIG. 87: Zonas litorâneas do Mediterrâneo.	136
FIG. 28: A <i>Taurocathapsía</i> , mural cretense.	57	FIG. 88: Mégarons “A” e “B”.	149
FIG. 29: A <i>Taurocathapsía</i> , os exercícios.	57	FIG. 89: Mégaron na acrópoles de Selinute.	149
FIG. 30: Cornos de consagração de Creta.	58	FIG. 90: Templo de Apolo em Termo.	149
FIG. 31: Colunas de Cnossos.	62	FIG. 91: Templo primitivo em Esparta.	150
FIG. 32: Cidadela de Mícnas.	63	FIG. 92: Templo “A” em Prínia.	153
FIG. 33: Cemitério circular de Mícnas.	64	FIG. 93: Capitel do templo de Neandria.	155
FIG. 34: O Tesouro de Atreu..	64	FIG. 94: Estoa em Atenas.	158
FIG. 35: Machado de fazendeiros.	66	FIG. 95: Ágora em Magnésia.	158
FIG. 36: Planta de Çatal Hüyük.	68	FIG. 96: Bouleutério em Mileto.	159
FIG. 37: Reconstituição de Çatal Hüyük.	68	FIG. 97: Eclesiastério em Priene.	159
FIG. 38: Interior: casa de Çatal Hüyük.	68	FIG. 98: Palestra em Epidauro.	160
FIG. 39: Torre neolítica de Jericó.	41	FIG. 99: Teatro em Epidauro.	160
FIG. 40: Isometria de Hacilar.	41	FIG. 100: Templo de Hera em Olímpia.	162
FIG. 41: Isometria de uma casa em Hacilar.	41	FIG. 101: Construção da coluna.	165
FIG. 42: Vila neolítica: Khriokítia.	70	FIG. 102: Formas de sistemas de içamento.	166
FIG. 43: Primeiros espelhos do mundo.	70	FIG. 103: Formas de grampos.	166
FIG. 44: Cerâmica de Hacilar.	70	FIG. 104: Êntase das colunas dóricas.	167
FIG. 45: Moinho de mão.	71	FIG. 105: Curvatura ascendente do estilóbato.	169
FIG. 46: Escrita cuneiforme assíria.	78	FIG. 106: Inclinações das colunas dóricas.	169
FIG. 47: Cilindro com escrita cuneiforme.	78	FIG. 107: Detalhe do Pártenon.	174
FIG. 48: O Linear A de Creta.	79	FIG. 108: Capitel do templo de Vesta.	175
FIG. 49: O Linear B de Creta.	79	FIG. 109: Elementos da ordem dórica.	177
FIG. 50: O Vaso dos Ceifeiros de Creta.	84	FIG. 110: Elementos da ordem dórica.	177
FIG. 51: O <i>rhytón</i> ou vaso sacrificial cretense.	84	FIG. 111: As ordens da arquitetura segundo Serlio.	178
FIG. 52: Outro <i>rhytón</i> cretense.	85	FIG. 112: As ordens segundo Vignola.	178
FIG. 53: Afresco em relevo cretense.	86	FIG. 113: As ordens segundo Scamozzi.	178
FIG. 54: Pintura da XVIII dinastia egípcia.	86	FIG. 114: As ordens segundo Claude Perrault.	178
FIG. 55: Estátua de Mikerinos.	87	FIG. 115: A cidadela de Gúrmia.	183
FIG. 56: O Atleta grego.	87	FIG. 116: Salão do Trono de Cnossos.	184
FIG. 57: Apolo de Tenea.	87	FIG. 117: Cidadela de Orkney na Inglaterra.	192
FIG. 58: Apolo do século VI.	87	FIG. 118: Persépolis, escadaria em alto-relevo.	193
FIG. 59: Apolo de Cassel.	87	FIG. 119: O Pártenon, foto.	195
FIG. 60: Diadúmeno de Policleto.	87	FIG. 120: O Pártenon, planta baixa.	195

Obs.: As figuras constantes do corpo dessa Dissertação destinam-se a ilustrar precariamente os assuntos abordados. Arquivos em formatos maiores e mais esclarecedores encontram-se disponíveis na pasta Figuras nesse mesmo CD.

Resumo.

O objeto dessa dissertação é a lenta formação e transformação das idéias que fundam a construção dos ambientes humanos, desde os mais remotos ancestrais, os homínídeos africanos, até a culminância dessa idéia nos princípios da Civilização Ocidental, ali entre os povos gregos. O princípio que subjaz a esse objeto é o de que somente os **hábitos** e **costumes**, tomados na amplitude da **cultura** e como os depositários da *praxis* humana, podem fundamentar ou emprestar um sentido mais amplo aos ambientes construídos e assim à prática arquitetônica.

A matriz conceitual adotada é exposta pelo filósofo Henrique C. de Lima Vaz e, apesar de estenderem-se por toda a sua obra, está contida nos primeiros capítulos do livro *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*. Daí foram retirados alguns elementos da **Fenomenologia do Ethos** e alguns conceitos da **Ética**, os quais colocados na perspectiva da idéia de **regularidades** da vida humana, desdobram-se na ordem dos **hábitos** e **costumes** como possessões estáveis, ou de estilos de vida e ação. Por seu turno, esses **hábitos** e **costumes**, à luz do *logos* grego, ou razão, constituirão o seu projeto de **Ética** e homologamente fundarão a sua Arquitetura Templária. Eis então a relação que se procurava estabelecer entre **Ética** e a **Arquitetura**.

INTRODUÇÃO.

Encontrar os fundamentos da *praxis* arquitetônica, concebida como uma atividade completa e total é o verdadeiro interesse e objeto dessa dissertação. Para além das teorias esteticizantes, das questões cruamente tecnológicas, das abordagens meramente técnicas ou ainda do discurso arquitetônico puro, a *praxis* arquitetônica desdobra-se infinitamente num sem número de relações sociais no horizonte da cultura. Assim, para apreendê-la em sua totalidade seria necessário submetê-la a um sistema conceutivo de envergadura, capaz de a um só golpe situá-la devidamente no tempo e circunscrita aos vários níveis de abordagem necessários à sua compreensão. Esse é o papel da Filosofia e, mais especificamente, esse é o papel da Ética conforme a apresenta o filósofo Henrique C. de Lima Vaz.

Trata-se de um sistema fenomenológico, originalmente amplo e complexo, que apresenta os seus conceitos intimamente articulados e dispostos à apreensão da enorme gama de nuances, condicionantes e determinações verificáveis entre as comunidades históricas que se alinham à tradição do pensamento ocidental. É um sistema extremamente fértil. São então esses conceitos, através de seus recortes e potências, que se utilizou para que se descortinassem os elementos fundantes dos ambientes construídos na tradição ocidental.

Eis aí a hipótese inicial para o desenvolvimento dessa monografia: a de que a Ética, segundo a acepção desse filósofo, pudesse ser utilizada como um poderoso instrumento disposto ao entendimento e fundamentação da *praxis* arquitetônica.

De modo a comprovar tal hipótese, partiu-se de tempos imemoriais, tempos onde a história se converte, ou se apresenta, cifrada em tênues fragmentos de ossos, cerâmicas; trata-se de uma história somente contada por arqueólogos, antropólogos e, algumas vezes por paleontólogos. Dessas temporalidades remotas o trabalho norteou-se pela idéia central de *permanência* e da construção do sentido de *regularidade*. Essas duas idéias, são básicas para a construção de duas outras noções: a de *hábitos* e *costumes*. Não se poderia conceber a existência dos *hábitos* e *costumes* sem que os sentidos de *permanência* e *regularidade* estivessem presentes. São essas sensações e sentidos, provavelmente originárias do desejo e necessidade de manter-se vivo sobre o mundo, que abrem ao humano a possibilidade de uma vida regularmente organizada, do repetir-se dos mesmo atos, enfim de uma *praxis* regular.

Mais adiante, esses *hábitos* e *costumes* fixados na *regularidade* da *praxis* serão os fundadores de um modo de operar sobre o mundo desdobrando-se ainda nas primeiras organizações sociais ou tribais. A essa altura da história humana não se pode dizer da existência de uma razão conseqüente ou ordenada. Suas bases ordenadoras podem ser muito mais explicadas pelas formas dos cultos primitivos, as mais diversas hierofanias, ou as expressões do sagrado, do que pela existência de uma razão conseqüente. Serão necessários mais alguns milênios até que a razão seja minimamente ordenada segundo a sua lógica interna.

Nesse contexto, a *praxis* retoma o lugar central dos *hábitos* e *costumes*. É a *praxis*, o fazer constante e ordenado dos mesmos atos que se desdobra não só nas ações dos indivíduos para com os outros como também se distende por todas as áreas de expressão humana. As próprias construções dos ambientes implicam em ações ordenadas de acordo com alguma finalidade. Assim a sua existência organizada indica a existência dos *hábitos* e *costumes* e mais do que isso, indica que os sentidos de *permanência* e *regularidade* encontraram a sua expressão. Por outro lado a *praxis* age como o momento de atualização onde o indivíduo sempre experimenta uma nova possibilidade de ser e estar no mundo. Não se trata apenas de uma operação dada pela simples inovação de algo, mas de uma novação inserida no contexto de uma tradição cultural.

Por outro lado, são eles então, os *hábitos* e os *costumes*, que abrem o espaço humano no mundo e que inauguram a possibilidade de fixação do homem, não segundo as *contingências* e irregularidades da natureza mas segundo uma *intencionalidade* que é humana, ou uma *necessidade* ordenada, que os difere dos animais.

É então a partir desses elementos regulares que a idéia de *necessidade* ou, o que é diferente do *contingente*, do eventual e incerto, que vai-se expressando lentamente e sendo organizado por milhares de gerações humanas. Passados mais alguns milênios, os povos gregos organizarão essa *praxis* através da razão, ou *logos*, não mais segundo as ordenações rituais ou místicas mas segundo a razão conseqüente. Trata-se de uma revolução, trata-se da emersão dos mitos à razão. Essa nova forma de ser e estar no mundo, pressupõe a existência de uma lógica, de uma ordenação que não se encontra no mundo mas que diz respeito apenas à razão. É esse *logos*, situado no interior dessa *praxis* e para além dela, e que se submete a essa nova ordenação que originará a Ética entre os gregos. O *logos* será a medida da boa ação Ética, ou da boa *praxis*.

Esse movimento de organização do mundo e da própria cultura experimenta entre os povos do Mediterrâneo, notadamente entre os povos gregos, a sua mais alta expressão que são as leis, ou o *nomos*, não apenas como uma necessidade de organização mas, fundamentalmente, como uma necessidade de justiça, da exata medida das proporcionalidades compensatórias em relação aos maus atos, às más *praxis*. O entendimento abre-se então à normatividade do *nomos*, das leis que fixam as proporcionalidades entre as ações éticas, que buscam julgar e ponderar sobre a vida nas cidades e as suas dimensões civilizatórias.

Os desdobramentos dessa nova forma de ser e estar no mundo são quase infinitos. Entre esses desdobramentos está a *polis* grega: a maior expressão construída desses preceitos ordenadores das cidades e de suas vidas. Essa mesma expressão encontra-se igualmente gravada na Arquitetura Templária grega, indissociável que é da ordem das cidades e objeto do presente estudo.

Eis então a relação que se procurava estabelecer entre a Ética e a Arquitetura Templária grega: a partir dos *hábitos* e *costumes* constituídos na *praxis* e fixados na Ética como a própria normatividade daquele povo de vida cidadina, esses elementos ordenadores encontram a sua expressão em seus templos. Eis o que tornou aqueles templos exemplares e eis o que eternizou as suas formas no horizonte da cultura ocidental. Eles são a mais fiel transcrição de um modo de ser e estar no mundo ordenado segundo a razão. Eis a relação entre Ética e Arquitetura.

É nesse momento crucial da Civilização Ocidental que a Ética inicia-se como ciência, e que a ciência se reconhece como tal. É também nesse momento que a Ética comparece como uma tentativa de lançar sobre as cidades a medida do justo, justo esse dado inicialmente pelo divino e posteriormente pela razão. É ainda nesse exato momento daquela comunidade histórica que os conceitos éticos são francamente expressos nos seus ambientes construídos, na sua *pólis* e em sua Arquitetura Templária. É então somente a partir da Ética, ou da organização racional da vida nas cidades, que os ambientes construídos são concebidos como Arquitetura. É nesse momento que deixa-se a construção comum para ascender à regras segundo as quais uma construção deve ser edificada. Eis o nascimento da Arquitetura no contexto da civilização Ocidental.

Nesse ponto, a identificação de sua Ética, ou de seus *hábitos* e *costumes* à luz da razão, com a sua Arquitetura Templária é tão clara como fecunda. Nasce ali as bases da Arquitetura Ocidental, profundamente vinculada aos *hábitos* e *costumes*, mas também estreitamente vinculadas ao olhar conceptivo embebido pelo *logos* ordenador. É exatamente a partir dessa reciprocidade entre os ambientes construídos, os *hábitos* e *costumes* e essa razão que a tudo ordena, que percebe-se que a Ética pode ser uma poderosa ferramenta de interpretação e conformação dos ambientes construídos. Assim, caso essa hipótese se confirmasse, a Ética apresentar-se-ia como numa poderosa lente através da qual a Arquitetura é revelada, não segundo um olhar fragmentado, mas em sua amplitude, em sua totalidade.

Sob um ponto de vista mais técnico a dissertação estrutura-se da seguinte forma:

A) Argumento:

Pode a Ética ser uma estrutura conceptiva favorável à apreensão dos ambientes construídos?

B) Demonstração:

1. Mostra-se como a idéia de *regularidade* e o sentido de *permanência* são gradativamente construídos no decorrer do processo civilizatório até que essas idéias se fixem nos *hábitos* e *costumes*. Discute-se o papel das hierofanias e os primeiros ambientes construídos ordenados

por essa forma de expressão de ser e estar no mundo;

2. Sugere-se como os hábitos e costumes encontram uma outra expressão que coroa a centralidade do humano na ilha de Creta e como esses elementos civilizatórios aportam no continente europeu após a decadência ou a destruição dessa civilização minóica. Aborda-se algumas características geomorfológicas do território continental grego e suas possíveis relações com as formas de organização dos clãs e posteriormente política.
3. Ao chegar à Grécia Clássica mostra-se como se dão algumas passagens da Ética grega aos ambientes construídos, notadamente no que concerne à estratégia de organização da *polis* e cabalmente as suas homologias em relação à Arquitetura Templária grega. Mostra-se assim como a Ética relaciona-se inequivocamente aos ambientes construídos no horizonte conceitual ocidental.

Eis resumidamente os conteúdos de cada um dos capítulos da dissertação:

Capítulo 1: Situa a abordagem histórica da dissertação e a inicia mostrando os primeiros elementos paleontológicos e antropológicos atualmente disponíveis sobre os homínidos africanos. A partir desses elementos primários são apresentadas as formas de distinção desses seres dos animais e inexistência do sentido de regularidade da vida em seu meio ambiente.

Capítulo 2: Mostra como o surgimento das primeiras tecnologias indica a existência dos primeiros sentidos de regularidades da vida e ainda como esses primeiros significados da vida humana encontram as suas transcrições nas pinturas rupestres. Posteriormente, a partir da possibilidade de permanência assegurada pela estabilização climática da Terra e dessas primeiras regularidades que são apreendidas tecnologicamente, mostra-se como o cenário onde vivem esses seres é radicalmente transformado. São as primeiras analogias entre o “*estilo de vida e ação*”, ou dos hábitos e costumes, e os espaços construídos.

Capítulo 3: Aborda a construção do sentido de permanência a partir do surgimento das primeiras fazendas e assim dos primeiros elementos de organização do mundo presentes nas *hierofanias*. Ilustra ainda como esses elementos de organização da vida se encontram representados nos ambientes construídos desses primeiros fazendeiros.

Capítulo 4: Destina-se a mostrar como a fixação das comunidades humanas nas primeiras fazendas propicia a aparição da noção de *ethos* ou de um espaço de permanência que é o da *cultura*. Simultaneamente à essa aparição o mundo se abre às finalidades e intencionalidades humanas, um novo modo de ser e estar no mundo natural.

Capítulo 5: Destina-se a mostrar como a abertura do espaço de intencionalidade do humano se encontra presente na Ilha de Creta. Essa nova perspectiva inaugura um outro momento de concepção dos espaços construídos afirmada pela centralidade do humano.

Capítulo 6: Mostra como o sentido de permanência do humano conquistado na Ilha de Creta ultrapassa as barreiras marítimas fixando-se na Grécia Continental. Mostra ainda como a esfera das antigas *hierofanias* é rompido para posteriormente ser recomposta segundo uma intencionalidade de reunificação que ultrapassa as antigas formas *hierofânicas* para recompor-se na forma religiosa e consequentemente Ética.

Capítulo 7: Mostra como algumas características do *ethos* grego ou de seus vários *ethoi*, podem relacionar-se diretamente com outros elementos constitutivamente Éticos. Tratam-se de características territoriais, que se não são determinantes são constitutivas do modo de ser e estar no mundo. Mostra ainda que elementos territoriais e culturais garantiram a homogeneidade civilizatória aos gregos e como a idéia de templo refere-se indissociavelmente a esse núcleo civilizatório.

Capítulo 8: Indica como a idéia de templo decorre de vários ambientes construídos preexistentes e como esse novo ambiente construído, o templo, é concebido não segundo a negação dos templos anteriores, mas antes, coloca-se sinteticamente entre essas várias noções. Mostra ainda que esses novos ambientes construídos foram concebidos segundo novas intenções das quais decorreram outras tecnologias e alguns sofisticados artifícios que visaram a questão do todo harmônico e mais uma vez a centralidade do humano. Nesse mostra-se como dois núcleos conceptivos gregos, a idéia de *phrónesis*, ou a sabedoria prática, e o *logos apodeiktikós*, ou a razão demonstrativa, podem ser evidenciados na arquitetura templária grega. Representam pois duas passagens possíveis entre a Ética e os ambientes construídos de uma determinada comunidade histórica.

Capítulo 9: Esse capítulo destina-se a apresentar elementos da “*Fenomenologia do Ethos*” segundo Henrique C. de Lima Vaz, assim como a formação da idéia de Ética a partir dos vários *ethoi* gregos. Desse contexto duas instâncias temporais suscitadas a partir de duas formas de universalidade igualmente distintas serão abordadas. Tratam-se das universalidade nomotética e da universalidade hipotética. Essas duas temporalidades são suscitadas de modo a sugerir novas investigações em trabalhos futuros.

Nesse ponto cabe uma nota sobre as fontes consultadas. Em sua grande maioria as fontes factuais não foram coletadas a partir de textos de primeira mão. O que talvez justifique essa conduta irregular é a amplitude cronológica que a presente dissertação pretendeu abordar. Seria insensato, senão impossível, uma pesquisa minuciosa baseada em autores especializados pois o volume de informações a serem tratadas provavelmente impossibilitaria as conclusões sintéticas das quais o trabalho não poderia prescindir. Assim optou-se por fontes secundárias ou manuais, como os Atlas, ou alguns dicionários não especializados. Neles as informações pecam pela ausência do rigor científico e pela ausência de maiores detalhes dos eventos e achados. Por outro lado, somente nessas fontes é que se poderia encontrar as informações devidamente sintetizadas e sintonizadas com os propósitos dessa dissertação.

Por outro lado, com relação aos conhecimentos de ordem filosófica, houve a felicidade do fácil acesso aos textos do filósofo Henrique C. de Lima Vaz, que por mais complexos e inexpugnáveis que se apresentassem inicialmente aos olhos de um arquiteto, foram pouco a pouco apreendidos. Como se percebe a tarefa não se mostrou fácil, contudo os próprios textos, equilibrados, lúcidos, sensatos e principalmente generosos desse autor, constituíram sempre um alento inigualável e aparentemente as dificuldades foram superadas.

CAPÍTULO 1.

Os Primórdios: O Difícil Sentido de Permanência.

1.1. A Incontornável Banalização da História Pelas Médias. *Physis e Ethos: Dois Conceitos Primeiros / A Necessidade de Linearização da História / O Conhecimento Imediato Apreendido Como as Médias da História.*

1.2. Muito Antes do Mito de Prometeu. *O Mito de Prometeu / O Preço da Razão / O Mito Que Imita a Vida.*

1.3. Três Elementos Distintivos Entre os Hominídeos e os Símios. *A Coercitividade Instintiva / A Hipertrofia do Cérebro / Os Hominídeos Indistintos do Mundo Natural / A Intuição das Regularidades / A Irregularidade da Vida / A Indistinção Entre Sujeito e Objeto / A Impossibilidade de uma Cultura.*

1.4. Os Hominídeos e o Seu Meio Ambiente. *O Ambiente Ideal do Surgimento dos Hominídeos: A África / A Indistinção dos Seres no Coabitar.*

1.1. A Incontornável Banalização da História Pelas Médias.

Physis e Ethos: Dois Conceitos Primeiros / A Necessidade de Linearização da História / O Conhecimento Imediato Apreendido Como as Médias da História.

O percurso descrito pelas sociedades humanas desde as primitivas formas associativas dos hominídeos até o surgimento da noção de *ethos*, ou, como quer PETERS (1983), o “*modo de vida habitual*”,¹ alcançada e concebida pelos gregos foi longo e pode ser descrito inicialmente como sucessivas aproximações entre as esferas abstratas, ou o mundo das idéias, e a própria concretude da vida, ou como quer AMARAL (1988), “*a vida vivida em sua imediaticidade*”.²

É dessas sucessivas aproximações e ajustes entre ambas as esferas que emergem os sentidos de permanência e de regularidade resultando desse esforço milenar a esfera da cultura e da civilização ou do *ethos*. Apesar de ser uma idéia aparentemente banal aos olhos contemporâneos a aparição desse termo revela um esforço relativamente sistemático e secular que se distende desde os primórdios e que se expande por todos os domínios da cultura.

Num primeiro momento, a abrangência do termo *ethos* é incomensurável, distende-se por todos os espaços da cultura preenchendo-os segundo a sua forma modelar e conferindo-lhe sentido e propriedade. Constitui-se assim em tudo o que é normativo e regular, dispondo sobre todas as normas e interditos de uma cultura. Para ele convergem as formas de ser e estar aceitáveis assim como tudo o que se coloca para além desse limites e que é condenável. Seus fundamentos são os hábitos e costumes de uma determinada comunidade histórica. Ou seja o modo de agir e compreender o mundo de um povo determinado num lugar específico.

¹ PETERS, F. E., *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, pg. 85. Ali entre os gregos, nos princípios da Civilização Ocidental, o termo *ethos* já alcançaria grande significação e abrangência. Conforme ainda Peters: “*Heráclito: ‘o ethos de um homem é o seu daímôn [“Daímôn ou daimónion: presença ou entidade sobrenatural, algures entre um deus (theos) e um herói.” pg. 47]*’. Em Platão é um resultado do hábito, é mais moral do que intelectual (diánoia [“entendimento”. pg. 52]) em Aristóteles. Tipos de *ethos* de vários períodos da vida são descritos por Aristóteles. No estoicismo o *ethos* é a fonte de comportamento.” pg. 85.

² Notas de aula do curso: *Tópicos de Filosofia da Cultura - Ética e Cultura*, Prof. Hugo Amaral, Departamento de Filosofia, UFMG, segundo semestre de 1988. O sentido mais preciso para a frase será abordado mais à frente.

Conforme o autor a partir do qual esse trabalho se realiza, o filósofo Henrique C. de Lima Vaz, a amplitude do termo *ethos* está bem caracterizada quando ele apresenta o campo das ciências hermenêuticas e enumera os seis problemas fundamentais que se constituem em seu *objeto* no âmbito da Antropologia Filosófica que são: o problema da cultura, da sociedade, do psiquismo, da história, da religião e, finalmente, o problema do *ethos*. Assim, conforme VAZ (1991):

“... na verdade esse problema envolve, de alguma maneira, todos os outros, desde que se entenda por *ethos* a dimensão do agir humano social e individual na qual se faz presente uma normatividade ou um dever-ser, ou que se supõe provir da natureza ou que é estatuído pela sociedade. Enquanto social o *ethos* é costume, enquanto individual é hábito. Sendo coextensivo à cultura, e *ethos* é objeto, desde os inícios da história da filosofia ocidental, de saberes específicos, a Ética tendo por objeto o agir individual e o Direito e a Política, o agir social.”³

Assim como o termo *physis*, que designa sinteticamente a “natureza”⁴, a noção de *ethos*, também só é pensável a partir do cenário de uma racionalidade constituída, o que entre os hominídeos desses primórdios é inconcebível pois prevalecem os instintos à razão.

Contudo pode-se adiantar que *ethos* é aqui entendido segundo uma unidade conceptiva que remonta aos *ethoi*,⁵ ou os vários *costumes* distintos das antigas tribos gregas. *Ethos*, sintetiza pois, a idéia desses conceitos contidos nos *ethoi* atualizados, ou reinventados, não conforme uma ordem aleatória, mas segundo uma ordem **racional**⁶ e superior. É pois indicativa da ordenação de todo o horizonte humano e de sua existência. Sua unificação no conceito de *ethos*, é assim abordado por VAZ (1988), quando indica os pressupostos para a construção da Ética:

“... pressupõe, em suma, que a pluralidade histórica dos *ethoi* ou dos *costumes* possa ser referida a um princípio de unidade capaz de dar origem a uma teoria do *ethos* ou a uma explicação da ação humana como ação sensata.”⁷

Nessa mesma profundidade conceptiva se encontra o termo grego que designa sinteticamente a “natureza”, ou *physis*. Conforme hoje se sabe, o termo *physis* não coincide com a coisa natureza, ou com os seus objetos determinados pela ciência, mas tão-somente com a idéia que dela se tem. Em tempos remotos, lá entre os gregos, quando da construção de sua capacidade de organização racional e formal, esses termos emergiram segundo uma relação de reciprocidade, articuladamente segundo todo homólogo conceptivo. Contudo, mesmo após a sua aparição, esses termos foram considerados indemonstráveis, ou simplesmente, auto-evidentes.

A amplitude desses conceitos é incomensurável e sua extensibilidade atinge a indeterminação das esferas do comportamento humano transcritas em seus hábitos e costumes assim como às formas de relacionar-se com o mundo natural que é o domínio da cultura. Conforme se vê a correta acepção do termo *ethos* desdobra-se pelos vários campos das ciências humanas a todos envolvendo numa extensa articulação. Por outro lado o termo *physis* significa a primeira representação do mundo exterior, ou a apreensão da natureza em todos os seus matizes e formas segundo um princípio ordenativo e distinto dos amplos

³ VAZ, H. C. de L.: *Antropologia Filosófica I*, São Paulo, Edições Loyola, 1991, pg. 17.

⁴ *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 189. *Physis* é a própria natureza para os gregos. Mas não se trata de uma natureza conforme modernamente se admite. Para aquele povo o conceito de natureza coincidia com a coisa mesma. As essências das coisas estavam contidas nas coisas. Delas, das coisas e de seus eventos correlacionados, emanavam a ordenação primeira da vida natural e das comunidades humanas. Os fatos e eventos naturais, colhidos para além dos domínios do humano, mostravam revelavam a própria ordem do mundo. Não bastassem essas diferenças, a *physis* grega estava preenchida de significados simbólicos e sagrados. Era uma *physis* preenchida pelas vontades dos vários deuses que ocupavam o seu panteão. Um exemplo dessa abundância divina é que todo o território grego possuía registros de locais sacrossantos, de tênues domínios divinos que se imiscuíam em cada recanto, gruta ou riacho. Assim, o seu significado nada apresenta de semelhante com o que contemporaneamente se diz dela. Jamais seríamos capazes de apreendê-la como aquele povo a concebeu. Assim, preferiu-se deixar o seu significado momentaneamente em aberto optando-se por explicar mais sobre esse conceito no decorrer do texto e à medida que o contexto de discussão propiciar a amostragem de algumas nuances que o termo admite.

⁵ O termo *ethoi* designa o plural de *ethos*.

⁶ “**Racional**. 1. Que usa da razão, que raciocina. 2. Que se deduz pela razão. 3. Conforme à razão. 4. *Filos*. Diz-se de conhecimento resultante de princípios *a priori*.” FERREIRA A. B. de H.: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1ª edição, 11ª impressão, 1975, pg. 1180.

⁷ VAZ, H. C. de L.: *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, São Paulo, Edições Loyola, 1988, nota nº 10, pg. 62.

círculos descritos pelos *ethoi*.

É a partir dessa oposição desses dois conceitos e segundo a intuição grega do sentido de unidade ordenadora interior a ambos que surge a arquitetura templária grega; somente nessa perspectiva de fundação do evento civilizatório é que a sua expressão pode ser devidamente entendida. Assim a arquitetura será uma das expressões dessa idéia central, da conseqüente oposição do *ethos* ao mundo natural e que instaura sobre e a partir dele uma nova ordem construída. A arquitetura será então abordada como uma transcrição do *ethos* ao espaço construído.

Contudo até que as primeiras associações humanas surgissem e até que elas se organizassem entre os gregos sob a denominação dos *ethoi* centenas de milênios se passaram. Esse transcurso é normalmente apresentado como uma sucessão de passos evolutivos linearmente organizados contados a partir de alguns milhões de anos ou dos hominídeos que antecederam as primeiras associações humanas.

Em parte essa linearidade deve-se à ausência de registros confiáveis dessas antigas culturas, dado que poucas provas materiais foram conservadas e atravessaram os tempos. Contudo, sabe-se que a história dos povos como um todo, ou mesmo a história de uma cultura específica, não pode ser objeto de tamanha simplificação. A simultaneidade dos fatos e eventos de qualquer cultura, ou mesmo as descobertas e importações tecnológicas e artísticas, não podem ser linearizadas à pena de se apresentarem inverossímeis ou banalizadas. As realidades dos eventos históricos invariavelmente se mostram tanto mais dinâmicas como complexas.

Além do mais há sempre o imperativo do repasse das informações, que transformadas em fundamentos de ordem pedagógica, vez por outra perdem seu compromisso para com o sua função teleológica primeira para com a verdade e a complexidade da vida. O que de fato se verifica, através das datações dos sítios arqueológicos, é que a coexistência de comunidades humanas em diferentes estágios de desenvolvimento é tanto mais plausível como realmente verificável. Não há então como conceber a história do evento humano a partir de grupos isolados, mas sim mediante constantes trocas de experiências, de tecnologias, de componentes lingüísticos, entre tantos outros. Assim vários grandes grupos coexistiram em diferentes estágios evolutivos.

Tanto assim o é, que a história recente o atesta: quando as nações européias, imersas há muito tempo numa perspectiva de cultura e civilização, ensaiavam a ampliação suas novas rotas comerciais durante o Expansionismo, várias comunidades foram reencontradas em estágios culturais perfeitamente alinhadas aos homens do período Paleolítico, ou da Pedra Lascada. Nesse quadro assim amplo, as descrições dos períodos históricos abordados por essa dissertação, deverão sempre ser consideradas como médias, como um *medium cultural*, termo a ser utilizado apenas como indicativo de alguns poucos graus culturais, médias de formas tecnológicas próprias de determinadas culturas ou mesmo de características predominantes de determinados períodos.

O que autoriza a considerar essas médias com certo grau de confiabilidade é, por exemplo, a verificação da existência das grandes extensões territoriais nas quais esses grupos pré-históricos de um mesmo nível tecnológico⁸ se instalavam. A **figura 01**⁹, acima, referente ao ainda longínquo período Paleolítico, ilustra



Figura 01

⁸ Não se pretende aqui ensaiar uma definição do termo tecnologia, mas apenas esclarecer que dada a ausência da escrita nesses primórdios, recai nas tecnologias o papel fundamental de esclarecer sobre as formas desses seres relacionarem-se com o mundo natural. Através desses toscos seus objetos encontrados pode-se vislumbrar a disponibilidade de materiais, os instrumentos utilizados para confeccioná-los, a eficácia de seu uso, a sua evolução no tempo, outros objetos confeccionados a partir de um primeiro, o grau de entendimento necessário para concebê-lo e construí-lo, etc., etc.. Esse mesmo papel revelador das culturas também está presente nas artes ou o que chamamos de artes entre esses povos. São os primeiros desenhos rupestres, as primeiras cerâmicas pintadas. Mais à frente aparecerão as jóias, os paramentos, os utensílios rituais, enfim, tudo o que uma cultura produziu para o seu consumo ou manutenção da vida ordenada.

⁹ Legenda da **figura 01**: "Sítios na Europa e Ásia Ocidental: Onde restos humanos fósseis foram encontrados. Datam de cerca de 700.000 a 14.000 a.C.. O mais antigo (700 mil a 250 mil anos) está associado aos restos de uma forma primitiva de *Homo sapiens* e o mais recente (35 mil a 14 mil anos) com características de seres humanos modernos. Típicos homens de Neanderthal

os vários pontos pesquisados por arqueólogos e paleontólogos onde se fixaram aqueles grupos humanos no território europeu de então.

A grande similaridade entre esses artefatos atesta uma mesma forma de relacionar-se com o mundo, uma mesma perspectiva de conhecimentos imediatos, um mesmo nível de comportamento e um mesmo modo de relacionarem-se com a natureza. Tinham, portanto, uma mesma forma ou média de entendimento e de apropriações tecnológicas, as quais, à luz da razão, ainda sequer podem ser definidas como cultura.

Considerando os elementos paleontológicos e antropológicos, pode-se supor a existência de um *medium cultural* que abarcava várias culturas pré-históricas num recorte temporal mais ou menos específico. Pode-se também supor que a similaridade de artefatos deveu-se às constantes trocas realizadas por essas tribos que existiam em estado de nomadismo. É então, a partir dessas trocas que surge a idéia da existência de uma *média* de grau tecnológico, indicativa por sua vez de uma certa proporcionalidade mental, ou *média* mental, ou ainda um *medium cultural*.¹⁰

Entretanto, esse modo de relacionar-se com o mundo físico ou mundo natural, entrecortado por essas simples e rudimentares descobertas tecnológicas, além de indicar desde já um diferenciar-se no reino animal, prenuncia a aparição das culturas. Em dado momento de seus escritos, LEROI-GOURHAN (1971), suscita uma imagem que servirá como ilustração dessas trocas culturais ocorridas na pré-história humana:

*“Se pudéssemos fazer desfilar cronologicamente num écran, os movimentos dos homens e os das suas criações técnicas, imaginaríamos provavelmente povos em marcha, raças deslocando-se com o seu material, perseguindo-se e devorando-se mutuamente. Ora na verdade talvez nada disso acontecesse; veríamos provavelmente algo tão fugaz como um efeito de luz sobre uma fina camada de petróleo à superfície da água. Certamente que a corrente do tempo havia de deslocar os homens tal como a água arrasta e deforma a mancha de petróleo; mas o mais sensível seria uma cintilação fugidia perpassando sobre moléculas praticamente imóveis.”*¹¹

É assim, nessa lenta perspectiva de um “*cintilação fugidia*” do movimento dos homens daqueles primórdios, ainda que não se possa dizer da existência dos termos de *ethos* e *physis*, pois que seriam necessários mais alguns milhões de anos até o surgimento e organização da razão e a conseqüente aparição dos conceitos, é que surgem as relações desde sempre tencionadas entre esses dois termos indicando uma das mais antigas faces do evento civilizatório: o permanente esforço pela apreensão e domínio da natureza. Trata-se de uma característica comum a todas as civilizações, contudo, o povo grego potencializou-a de modo absolutamente original.

As causas para que tal evento ordenador ocorresse entre os gregos não são claras, contudo há alguns poucos indícios, e não muito confiáveis, que poderiam ser relacionados. Por exemplo, a sua situação insular, a forma mítica e específica adotada por aquele povo, a intuição da existência de uma ordem imanente na natureza, as primeiras formas de organização dos clãs, entre tantas outras. Como se percebe, não há a primazia de uma sobre a outra e o mais plausível é que cada fator ao seu modo e intensidade colaborou para a construção dessa concepção racional e original do mundo.

1.2. Muito Antes do Mito de Prometeu.

A Cultura / A Civilização / A Ética Como Co-Extensão da Cultura / O Mito de Prometeu / O Preço da

foram encontrados em sítios datados de 80.000 a 30.000 a.C., mas alguns fósseis com características dos homens de Neanderthal remontam a 250.000 a.C.” Fonte: *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 32.

¹⁰ Ver ainda o ANEXO 01: “A Similaridade dos Artefatos Ancestrais”, sobre a similaridade de artefatos e a sua dispersão por grandes porções territoriais e suas conseqüências conceptivas.

¹¹ LEROI-GOURHAN, A.: *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, Lisboa, Edições 70, 1971, pg. 13.

Razão ou Iluminação Divina.

Cabe inicialmente delimitar, a amplitude do conceito de cultura. Para DURANT (1966),¹² o moderno termo **cultura** é amplamente realizado somente na transição do período Paleolítico ao Neolítico, quando da descoberta da agricultura. Essa etapa da fixação do homem numa parcela territorial determinada propicia as condições básicas e necessárias para o futuro evento civilizatório. Assim, o sentido de permanência prolongada num lugar determinado e a construção de uma cultura encontram-se estreitamente vinculados.

Nesse sentido não há como referir-se à cultura sem que se aborde as características específicas do lugar, ou o cenário em que ela se desenvolve como codeterminante. Nada poderia ser mais simples: é a partir do que esse lugar oferece em todos os níveis de abordagem, que as tribos humanas se organizam inicialmente para manter a sua sobrevivência. Nesse sentido tudo o que o lugar oferece será utilizado e de algum modo será internalizado nas práticas cotidianas quer seja na linguagem, nas tecnologias, nas artes, ou mesmo na apreensão e manifestação do sagrado. A cultura de um lugar estará inevitavelmente realizada por esses elementos naturais, por essa ordem de coisas existentes, que percorre desde as condições climáticas, passando pelo relevo peculiar, pela disponibilidade de matérias-primas, pela caça, pelas plantas, enfim, tudo o que caracteriza esse lugar. Nada poderia ser diferente. Todas as culturas procederam assim e nada será diferente entre os gregos.

Contudo, é a partir da indagação de VAZ (1997) que o termo cultura ganha uma dimensão mais apropriada à dissertação:

*“Que fins teriam levado o homem a abandonar o seguro porto da Natureza e a aventurar-se no mar incerto da Cultura? A pergunta pode parecer tanto mais ociosa quanto parece evidente ter sido exatamente a invenção da Cultura o único caminho que se apresentou à espécie humana, por ocasião no cenário da Vida, como capaz de assegurar-lhe lugar e sobrevivência no seio da Natureza. Foi sem dúvida para mostrar como é vã a pergunta que Teillard de Chardin cunhou a definição lapidar: l’artificiel c’est le Naturel réfléchi, que pode ser traduzida o cultural é o natural refletido. Vale dizer que o cultural é, para o ser humano, seu lugar natural na imensa vastidão do universo, e é a partir dele que o homem pode estender sobre todas as coisas seu olhar inteligente e a operosidade do seu fazer. O cultural, na enorme variedade das suas formas, é igualmente para o homem o lugar de nascimento dos costumes e hábitos que dão ao seu agir constância e direção, e cuja organização histórica e social constitui justamente o ethos, essa versão humana da natureza, que confere ao operar do homem a dimensão que a distingue todas as outras formas de atividade multiplicadas em torno de nós: a dimensão ética.”*¹³

Esse fundamental estreitamento entre *ethos* e cultura denuncia, somente na perspectiva da fixação de um estilo de vida, oposto ao estilo de vida “natural”, que o homem constrói sua outra morada, o seu novo abrigo, enfim, o seu *ethos*. É ainda VAZ (1997), após ter discutido as relações entre o “*Cristianismo e Cultura*” e “*Modernidade e Cultura*”,¹⁴ quem retoma as relações entre Ética e cultura de modo conclusivo:

“Voltemos agora à interrogação que deu início às nossas reflexões. Se o homem deixou um dia o abrigo seguro da natureza e aventurou-se pela rota incerta da cultura foi porque, como ser inteligente e livre, ele só pode operar pensando e escolhendo os seus próprios fins e não recebendo-os predeterminados pela natureza. Isso significa que os fins propriamente humanos só se constituem tais enquanto avaliados e escolhidos pelo próprio homem, ou seja, enquanto são valores. A cultura, como

¹² Eis como Durant justifica e explica a relação entre a agricultura e a possibilidade de formação da cultura: “A agricultura constitui a primeira forma de cultura. É quando se fixa e cultiva o solo, e acumula provisões para o incerto dia futuro, que o homem acha tempo e razão para civilizar-se. Dentro deste limitado círculo de segurança - bom suprimento de água e alimento - ele constrói sua cabana, seus templos e escolas, inventa instrumentos de trabalho, domestica o asno, o cão, o porco e por fim a si mesmo. Aprende a trabalhar com regularidade e ordem, vive mais tempo e transmite mais completamente aos filhos a herança mental e moral da raça.” DURANT, W.: *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, Rio de Janeiro, Record, 1966, pgs. 1 e 2.

¹³ VAZ, H. C. de L.: *Escritos de Filosofia III - Filosofia e Cultura*, São Paulo, Edições Loyola, 1997, pgs. 101 e 102.

¹⁴ Essas discussões têm lugar no capítulo *Filosofia e Cultura: O Problema dos Fins* In: *Escritos de Filosofia III - Filosofia e Cultura*, op. cit., pgs. 101 a 118.

domínio dos fins humanos é, pois, uma imensa axiogênese, uma gestação incessante de bens e valores, desde os bens materiais que alimentam a vida aos valores espirituais que exprimem as razões de viver. Ora, tendo o valor uma natureza essencialmente teleológica, pois é sempre avaliado segundo os fins que orientam o agir humano, nele está sempre presente um sentido possível a ser dado à vida; e sendo, pois, a cultura uma gestação de valores, a história nos mostra que ela é, na verdade, uma luta pelo sentido - pelos sentidos - que imporão e prevalecerão na vida dos indivíduos e dos grupos. Por outro lado, não há, por definição, homogeneidade de valores, como não há homogeneidade de bens. Como gestação de valores, a história é igualmente, um longo e trabalhoso processo de hierarquização dos valores, constituindo o lado normativo da cultura, ou o que designamos como seu ethos. Co-extensiva ao ethos, a cultura é, portanto, constitutivamente ética.”¹⁵

O próximo passo, posterior à fixação dos elementos de cultura, consiste na construção do sentido de **civilização**. Esse segundo momento se apresenta como uma superação ou sofisticação do momento anterior, quando então as necessidades básicas da vida estão devidamente realizadas e devidamente ordenadas. Estabelece-se assim um equilíbrio na vida a partir do qual novas aquisições são possíveis. DURANT (1966) define assim a civilização:

“A civilização é a ordem social promovendo a criação cultural. Compõe-se de quatro elementos: provisão econômica, organização política, tradições morais e acúmulo de conhecimentos e artes. Seu início se dá quando o caos e a insegurança chegam ao fim. Porque, logo que o medo é dominado, a curiosidade e a construtividade se vêem livres, e por impulso natural o homem procura a compreensão e o embelezamento da vida.”¹⁶

Assim a civilização é colocada como um excesso da cultura, como algo que lhe é superior mas que dela nasce como que tendo asseguradas as suas raízes firmemente plantadas na cultura primeira. É somente a partir do enraizamento da cultura que a civilização pode florescer e frutificar. Conforme ainda o autor, a civilização também só é possível caso algumas condições sejam asseguradas e o seu conceito opõem-se ao de **caos**,¹⁷ originalmente o vazio destituído de sentido, mas que, segundo a tradição grega, propicia a geração do mundo. E mais adiante DURANT (1966) prossegue:

“A cultura sugere a agricultura, mas a civilização sugere a cidade. Sob um aspecto, a civilização é o hábito da civilidade; e civilidade é o refinamento só possível na civitas, ou cidade.”¹⁸

Nesse sentido a civilização parece constituir-se como o excesso da cultura, como florescimento de padrões estáveis do ser e do agir segundo a profunda estabilização dos hábitos e costumes. Além do mais a civilização parece exigir a centralidade do que é humano como uma possessão estável após todos os esforços de humanização do mundo terem sido realizados. É essa possessão da estabilidade que admite a expansão da cultura no sentido da civilização.

Contudo, a construção do sentido permanência a partir do qual emerge a cultura com as regularidades, e posteriormente, o surgimento do sentido de civilização foi longo e demorado. É também somente nessa longa perspectiva temporal é que nasce a arquitetura entendida como tal.

Inicialmente apenas como ambiente construído o seu estatuto vai-se consolidando à medida que a cultura e a civilização ganham os seus sentidos de permanência, de possessão estável da vida tendo elegido como a sua centralidade o humano. É assim, simetricamente ao sentido dessa centralidade humana, que emerge

¹⁵ *Escritos de Filosofia III - Filosofia e Cultura*, op. cit., pgs. 115 e 116.

¹⁶ *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, op. cit., pgs. 1 e 2. Para Durant o advento civilizatório define-se pela aquisição da sofisticação conceitual e pela conquista do bem-estar. Assim, mais à frente ele prossegue: *“Porque, para bem ou para mal, para a cidade refluem a riqueza e o cérebro produzidos pelo campo; na cidade a invenção e a indústria multiplicam o luxo, a comodidade, o lazer; na cidade os mercadores se encontram e trocam mercadorias e idéias; nessa mútua fecundação dos espíritos, a inteligência se apura e é compelida a criar. Na vida urbana alguns homens se conservam fora do campo material e produzem ciência e filosofia, literatura e arte. A civilização começa na cabana do camponês mas só floresce nas cidades.”* *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, op. cit., pgs. 1 e 2.

¹⁷ Não se poderia furtar aqui o sentido do termo caos. **“Caos.** [Do gr. *cháos*]. 1. *Hist. Filos.* Nas mitologias e cosmogonias pré-filosóficas, o vazio obscuro e ilimitado que precede e propicia a geração do mundo; abismo. ... 2. Grande confusão e desordem.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 272.

¹⁸ *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, op. cit., pgs. 1 e 2.

a arquitetura. Foi uma construção milenar. Suas bases consistem em discretos e lentos passos evolutivos, por vezes acumulados, muitas vezes perdidos. Sua trajetória pode ser disposta a partir dos primeiros hominídeos que habitaram a Terra e revela uma persistência inumana, quase heróica e, ao mesmo tempo, quase inexplicável. Revela um constante mover-se a partir das trevas da não razão em direção à conquista do fogo celeste, ou do poder que a captura do fogo divino confere aos homens. Entre os gregos esse movimento foi exposto inicialmente através do **Mito de Prometeu**.¹⁹ Trata-se de uma alegoria que retrata o momento em que aqueles homens roubam o fogo gerador da vida e apropriam-se de suas faculdades criadoras.

O Mito de Prometeu é se situa nos inícios da mitologia Grega, quando as cosmogonias, ou os mitos destinados às explicações das origens e transformações do Universo, já haviam sido elaboradas. Contudo a sua eficácia é inequívoca e as suas imagens suscitam precisamente as possibilidades criativas do homem e a sua determinação em conquistá-las. Contudo envolve dois componentes: o furto de uma propriedade divina, o metafórico fogo celeste, e punição por tal ato e a inexorável culpabilidade de seu agente: Prometeu.

Prometeu, após ter enganado Zeus, roubando-lhe ao fogo celeste e entregando-o aos homens, é odiosamente castigado: acorrentado ao meio de uma **coluna**²⁰, era obrigado a ver seu próprio **fígado**²¹ ser devorado durante o dia por uma águia enviada pelo absoluto deus grego, Zeus. Não bastasse a dor inicial, seu fígado se regenerava à noite para novamente ser devorado no decorrer do dia vindouro. Tamanho castigo, que o condena à infinita dor em ver devorado o próprio fígado, foi motivado pelo roubo do fogo celeste, fogo divino provedor da vida, da luz própria, da inteligência, da razão.

A alegoria em torno do tema é construída considerando-se que a luz da vida, subtraída aos deuses e dada aos homens, propiciaria a autonomia dos homens em relação aos deuses, promoveria a sua luz própria, vida própria, independentemente dos deuses. Eis a razão do castigo: a razão, a luz própria predicado dos deuses, jamais deveria ser estendida aos mortais sob a pena de infinita dor. Eis, desde então, o preço pela captura do fogo celeste, ou da apreensão da razão divina pelos homens: a dor de ter a vida devorada quotidianamente.

Assim o ato de tomar para si a luz do fogo divino, a luz que anima e propicia a vida, é punido com a subtração da própria vida. Não é o roubo que leva o ódio ao coração de Zeus, mas a divisão de um atributo divino com os homens, a divisão do fogo celeste. Após ter suplantado Uranos, Zeus passa a encarnar o mais alto grau de deificação no panteão grego. O todo poderoso dispõem sobre tudo e todos tomando para si a prerrogativa do julgamento, da razão última e incontestável. O fogo divino, ou a luz que lhe é própria, tem também esse significado metafórico: a razão divina. Prometeu rouba a razão de Zeus e a leva aos homens, eis a razão de seu hodierno e infinito castigo.

Esse mito encerra vários significados como a da origem ou descendência dos homens, a do posse do sopro ou da autonomia da vida metaforizados no fogo divino, a ruptura da sujeição dos homens aos deuses e a conseqüente liberdade de vida, a inteligência, e muito outros significados que porventura possam ser ainda engendrados. Contudo, Prometeu se coloca nesse lugar transgressivo, que indignado ou padecido com a condição humana tenta agir, ainda que furtivamente, em prol da humanidade. Esse mito quer fazer significar a eterna busca humana pela luz, pela autonomia, pela ciência, pelo conhecimento, simbolizado pelo fogo eterno da iluminação e da vida, da inteligência, da razão, então posses do poderoso Zeus. Prometeu, ou o pré-vidente, antecipa e potencializa as conquistas intelectuais humanas

¹⁹ Ver **ANEXO 02**: “O Mito de Prometeu”, uma sucinta descrição do mito e suas implicações conceptivas.

²⁰ Primeiramente: “**Coluna**. Suporte vertical composto geralmente de base, fuste e capitel. Destina-se a servir de apoio a abóbadas, entablamentos, etc. e também como adorno. É o elemento arquitetônico que determina a ordem dos estilos. Foi sempre empregada universalmente desde as primeiras manifestações da arte.” REAL, R. M.: *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1962, pg. 148. Complementando: “**Colunas**. As designações latina, inglesa e portuguesa não se aplicam aos suportes de seção quadrada ou retangular, que recebem o nome de pilares, mas, aparentemente, [termos gregos] teriam um caráter de ambigüidade.” ROBERTSON, D. S.: *Arquitetura Grega e Romana*, São Paulo, Martins Fontes, 1997, pg. 452.

²¹ A escolha do **fígado** entre tantos outros órgãos do corpo humano não se fez sem algum sentido. Afinal, porque o fígado, especificamente o fígado, deveria ser diariamente devorado pelas águias? Conforme Junito de Souza Brandão, “O fígado era considerado em quase todas as culturas como a sede da vida, e como órgão especial para indicar a vontade dos deuses.” BRANDÃO, J. de S.: *Mitologia Grega - Volume I*, Petrópolis, Editora Vozes, 1989, pg. 167.

simbolizadas pelo fogo divino, pelo fogo que é a própria vida. Roubar o destino aos deuses e tomá-lo em suas próprias mãos; eis a futura trajetória das conquistas humanas encarnadas no Mito de Prometeu.

Assim, como reza essa passagem cosmogônica, os homens viviam, até o roubo do fogo celeste, em perfeito estado de harmonia entre os imortais do Olimpo. A vida era amena, doce e cercada de regalias divinas; a vida era fácil e folgazã. Desde então, a vida dos mortais jamais voltou a ser o que era. O fogo celeste, ou o próprio reluzir inteligente da existência humana, antes cedido aos homens, foi-lhes subtraído e desde então os homens são obrigados a trabalhar arduamente, não só por ele, o fogo celeste, mantendo-o constantemente aceso em seus lares, como também para o seu sustento diário. O paralelismo entre a laboriosa luta pelas conquistas humanas e a supressão do fogo celeste aos deuses descrita pelo mito é inevitável e muito se aproxima do longo percurso que se desenvolve desde as trevas primordiais, localizadas entre os primeiros hominídeos, até a conquista do sentido de civilidade impresso na Civilização Ocidental pelos gregos.

A mitologia grega, assim como o Mito de Prometeu, apesar de terem sido criados milhões de anos depois da existência dos hominídeos, indica assim, o tortuoso e eterno, posto que desde sempre, caminho em direção à civilização e das invenções humanas como a ciência. Esse percurso que se inicia há 4,5 milhões de anos atrás com os primeiros hominídeos africanos e que desemboca nos conturbados homens modernos, descreve uma espiral, nem sempre ascendente, mas também nem sempre descendente, de sucessivas descobertas ou aperfeiçoamentos gradativamente acumulados e superpostos às experiências anteriores. Será esse o percurso a ser descrito nas próximas páginas: o que vai desses hominídeos à cultura grega. O fio condutor será a busca de qualquer elementos que indique e fixe o sentido de permanência e regularidade entre esses seres.

1.3. Três Elementos Distintivos Entre os Hominídeos e os Símios.

A Coercitividade Instintiva / A Hipertrofia do Cérebro / Os Hominídeos Indistintos do Mundo Natural / A Intuição das Regularidades / A Irregularidade da Vida / A Indistinção Entre Sujeito e Objeto / A Impossibilidade de uma Cultura.

Os **Australopithecíneos**²² foram os primeiros habitantes da Terra que demonstravam possuir traços humanos. A **figura 02**²³, na próxima página, reproduz dois crânios obtidos em escavações paleontológicas. O crânio da esquerda pertenceu a um Australopithecíneo que vivia na África meridional, e o da direita é atribuído aos futuros Cro-Magnon que viveram na Europa. Ambos possuem estruturas cranianas e corporais aproximadas, contudo existem poucos indícios confiáveis sobre o comportamento desses longínquos antepassados africanos.

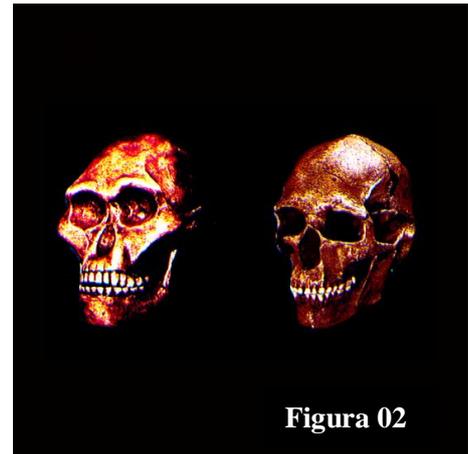
É desse primário e obscuro estado inicial, daquela pura tenção sensória, constante e absoluta, que três elementos diferenciáveis entre os hominídeos e animais antecipam o que alguns milhões de anos mais tarde vai constituir-se em cultura.

O primeiro é revelado por transformações estruturais na ossatura e que dispõem os hominídeos ao

²² Ver **ANEXO 03**: “Os Seres Ancestrais”, adicionando algumas informações sobre esses seres. Há também nesse mesmo ANEXO algumas referências sobre as parcas tecnologias que esses seres utilizaram e que serão mencionadas no texto mais à frente.

²³ Legenda da **figura 02**: “Ancestrais do Homem - O Australopithecus (esquerda), ou símio do Sul, era parente próximo dos primitivos ancestrais humanos. A variedade esguia do *Australopithecus africanus* tinha crânio baixo, testa inclinada e boca proeminente com grandes dentes. Os **Australopithecíneos** tinham cérebros pequenos (apenas 1/4 do cérebro do homem moderno) e cerca de 1 m de altura. A característica fundamental da evolução humana subsequente não foi o aumento do cérebro, mas um desenvolvimento mais rápido do cérebro em relação ao corpo. O cérebro humano moderno é duas vezes maior em relação ao corpo que dos Australopithecíneos. Para abrigar cérebros maiores, os humanos modernos (**Cro-Magnon**, à direita) possuem crânio mais alto e testa mais levantada. Além disso, o desenvolvimento de ferramentas e métodos de cocção tornou cada vez mais fácil a mastigação e digestão, diminuindo a pressão dos dentes e dando lugar a uma boca menos proeminente.” Fonte: *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 32.

bipedalismo. Contudo, o que essa nova postura ao andar revela pertence ainda à ordem dos instintos. O segundo, igualmente de ordem fisiológica, os apresenta conforme o agigantamento da caixa craniana e suas implicações da massa encefálica. A partir dessa transformação supõem-se que esses seres apresentassem maior capacidade de apreender o mundo que os cercava. O terceiro elemento indica ainda uma pequena capacidade de transpor os obstáculos da vida com a criação de pequenos artifícios tecnológicos ou a utilização de fragmentos de pedras para esmagar ou cortar coisas.²⁴ Dos três elementos citados o primeiro diz respeito ao bipedalismo ou à capacidade de andar sobre duas patas ou, sobre as pernas. Conforme o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995):



“Ossos fossilizados e pegadas mostram que a adaptação fundamental do homem ao bipedalismo (andar ereto) se deu na África há 4 milhões de anos. Vestígios dos primitivos homínídeos bípedes - os Australopithecíneos ou símios meridionais - foram os primeiros descobertos na África meridional, principalmente no Transvaal, onde sobreviveram entre fragmentos de rochas de cavernas calcárias. Porém a mais antiga e segura prova de bipedalismo foi encontrada na África Oriental, na região de Afar, na Etiópia. Era o esqueleto conhecido como Lucy, um Australopithecíneo do gênero feminino que vagava pela região há cerca de 3,4 milhões de anos. Mais notável foi a descoberta de pegadas, preservadas por cinzas vulcânicas, de dois Australopithecíneos adultos acompanhados por uma cria em Laetoli. A descoberta mostra que os ancestrais do homem já vivia em núcleos familiares há 3,8 milhões de anos.”²⁵

Por mais banal que possa parecer essa informação, além de indicar o bipedalismo já conquistado, “Lucy” era acompanhada por seu filhote. Esse andar acompanhado, mesmo que situado apenas na perspectiva do núcleo reprodutor ou núcleo familiar, indica a existência de um certo grau de que ora se denomina de **coercitividade instintiva**. Essa coercitividade instintiva, provavelmente apenas fruto dos instintos de preservação da espécie, está na base do que mais tarde constituirá o aparecimento dos grupos nômades caçadores e coletadores na forma de uma coercitividade estendida ao grupo a partir do núcleo reprodutivo. Literalmente esse foi o primeiro passo.

O segundo elemento, conforme o já exposto, diz respeito ao aumento do volume craniano e o conseqüente aumento da massa encefálica. Essa antiga capacidade mental, promovida lentamente pela **hipertrofia do cérebro**, é que distinguia os homens dos primatas. Porém, nesse estágio evolutivo nada pode ser inferido a partir do agigantamento de suas massas encefálicas. Não há ainda entre eles quaisquer comprovações de que esse aumento tenha acarretado alguma modificação em seu estilo de vida.

Assim, a ampliação de massa encefálica aparentemente não foi suficiente para retirá-los da “*vida vivida em sua imediatividade*”^{26, 27}. Os poucos registros indicativos de sua existência não apontam para quaisquer modos de relacionarem-se simbolicamente, de relacionarem-se através de sistemas articulados ou mesmo que fossem minimamente racionais. Permanece-se apenas na perspectiva dos gestos. Sua forma de relacionarem-se com os outros e com o mundo natural talvez estivesse reduzida a grunhidos, sons guturais e onomatopaicos acompanhados de gestos que, articuladamente, talvez significassem uma forma inicial de relacionarem-se com os outros, ou também uma primeira necessidade de comunicação.

²⁴ Claro é que e, como sempre, não há como distinguir a ordem de importância desses três elementos diferenciadores desses homínídeos dos animais. Há sim, que concebê-los indistintamente e no mesmo grau de importância e capacidade transformadora desses homínídeos.

²⁵ *Atlas da História do Mundo*, São Paulo, Empresa Folha da Manhã; 1ª edição brasileira: 1995, pg. 32.

²⁶ O termo **imediatividade** não consta nos dicionários usuais. Contudo o sentido de imediato ilustra bem o sentido da ação ou pensamento sem a interposição da razão ou de um ato irrefletido. “**Imediato**. 1. Que não tem nada de permoio; próximo. 4. *Filos.* Diz-se de toda relação ou toda ação em que dois termos se relacionam sem que haja um terceiro que se interponha como intermediário. 5. *Filos.* Diz-se de objeto de conhecimento que se oferece como um dado último e primitivo, que não pode ser nem lógica nem objetivamente contestado. 6. *Filos.* Diz-se de conhecimento ingênuo que se oferece como ponto de partida de análise crítica.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 743. O termo será abordado mais à frente no texto quando então se fará a distinção entre duas forma de relacionar-se com o mundo natural; uma sem a interposição da razão, ou imediata, e outra raciocinada, ou mediatizada.

²⁷ Notas de aula do curso: *Tópicos de Filosofia da Cultura - Ética e Cultura*, curso citado anteriormente.

Mas, ainda que essas hipóteses sejam plausíveis, tudo não passa de conjecturas aos olhos da paleontologia e da antropologia. Nenhum registro material existe de modo que se comprovem essas conjecturas.

É esse antigo olhar infinitamente distante do que seria o *logos*²⁸, ou razão, sem a necessária apreensão racional do mundo natural, apesar do aumento da massa craniana, que inicialmente intui as regularidades naturais sem no entanto organizá-las racionalmente. Esses primeiros olhares é que promoverão a aparição dos primeiros elementos mentais, das quais decorrerão as primeiras formas de relacionarem-se com o mundo natural ou, as primeiras tecnologias. Apreendem-se os princípios da confecção da pedra lascada, mas esses princípios não se encontram referidos a uma mentalidade que pensa consequentemente, que raciocina segundo a aceção moderna de razão.

Naqueles primórdios o mundo era apenas intuído indistintamente a partir de sua realidade que supõem-se parecer concreta àqueles hominídeos. Tratava-se de um universo intuitivo de movimentos sensórios e musculares, um cenário composto de instintos básicos de auto-preservação. Nesse contexto animalesco não há sujeitos. Reciprocamente, não existe uma unidade conceptiva do que é ser, do que é íntimo, enfim, do que é interior. Consequentemente não há o que é exterior, não há objeto. Nesse todo contínuo que é a vida, nesse horizonte de vida composto por um todo cinestésico indistinto e inqualificável, sujeito e objeto não podem ser especificados. Se já houve uma profunda escuridão no mundo, ela esteve lá, entre aqueles hominídeos.

A única regularidade possível é constância dos sentidos atentos e aguçados, gradualmente mais desenvolvidos pelo lento crescimento da massa encefálica. Todos os eventos da vida ocorrem no exato tempo da imediaticidade, tudo é basicamente intuição animal. Tudo é somente percepção nervosa à procura de alimentos. Tudo resume-se à fuga jactante de seus devoradores pela continuidade da espécie ou pela auto-preservação. Paira no ar uma fina tensão indescritível, indefinível e atenta; sentidos que buscam pela permanência do corpo no mundo, corpos que percebem os movimentos do mundo e que, num todo caótico, esforçam-se pela reprodução da espécie, pela dominação do que sequer não sabem existir. Auto-preservação, permanência, existir, estabilidade, ordem, lógica; caros substantivos a serem apreendidos.

Assim, apesar dessa incerta percepção de algumas regularidades no mundo, regularidades essas que lhes asseguram a própria vida, não se pode falar de uma vida regular, de hábitos e costumes como práticas cotidianas racionalmente ordenados e concebidos.

Se por um lado a racionalidade é ainda uma conquista milenar e distante, por outro, a vida regular de hábitos e costumes definidos como um estilo de vida somente será possível após a descoberta da agricultura no ainda distante Período Neolítico. Nada que se assemelhe a hábitos e costumes pode ser verificado, nada que prenuncie a estabilidade de um estilo de vida e ação, nada que signifique cultura, assim, nada que indique *ethos*.

Finalmente, o terceiro elemento relaciona-se com as tecnologias da pedra lascada, indicativas de uma certa intuição das regularidades do mundo natural usadas em benefício da espécie. O processo de lascas pedras requeria intuição e planejamento e é uma evidência das habilidades intelectuais e manuais dos ancestrais primitivos do homem. Esses primeiros passos de apropriações tecnológicas revelam uma certa disposição mental de relacionar eventos semelhantes a causas semelhantes; uma longínqua e incerta intuição da existência de repetições no mundo físico, da existência de relações relativamente constantes entre as coisas, entre os eventos semelhantes. Aparece aí uma certa disposição em apreender que golpes semelhantes em pedras similares resulta em pedras cortantes igualmente utilizáveis. Nesse ponto existem apenas intuições de um certo olhar causal, que relaciona eventos semelhantes a resultados similares. São intuições inexprimíveis racionalmente, já que não podem ser sistematizadas. Esse então é o terceiro passo: o surgimento de uma certa **intuição das regularidades**.²⁹

²⁸ *Logos*, é um termo grego que significa razão. “**Lógos**: discurso, relato, razão, definição faculdade racional, proporção.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 189. Conforme se vê o seu significado maior é alterado e amplificado por outros matizes que o termo admite. Alguns desses significados serão abordados no correr do texto e oportunamente.

²⁹ O termo **intuição das regularidades** aqui utilizado apresenta certa propriedade no contexto da dissertação já que se coloca na perspectiva de uma razão não organizada e sequer comunicativa. Eis uma idéia mais precisa do que provavelmente ocorria há milhões de anos atrás apresentada por DURANT (1966): “*O homem natural não formulou a física, mas praticou-a; não podia*

As pedras lascadas são os únicos indicativos concretos de alguma distinção entre a ordem do mundo animal e esses seres hominídeos. Os animais jamais construíram ferramentas, esses hominídeos sim. Elas são as primeiras comprovações da existência de um modo diferenciado de lidar com a ecosfera. Assim, as primeiras tecnologias da pedra lascada são o indicativo de uma certa intuição das regularidades do mundo natural usadas em benefício da espécie.³⁰

Nessa perspectiva de milhões de anos atrás, tudo indica uma grande semelhança estrutural no que diz respeito às relações com a natureza. Não há como distinguir radicalmente esses antepassados dos homens de seu meio natural e, até certo ponto, de outros animais. Tudo permanece situado num todo contínuo entre nascimento, vida e morte imersos num incomensurável mundo físico. Prevalece o caráter animalesco indistinto da ordem do mundo natural. Tudo se passa na mais completa imediaticidade; ou seja, nada pode ser **mediado**³¹.

Na perspectiva específica da apreensão ou domínio do mundo físico e num contexto de construção da idéia de uma Ética, dois modos de relacionar-se com o mundo podem ser descritos. A primeira forma é a imediata e a segunda é a forma mediada. A primeira forma é assim concebida por AMARAL (1988):

*“Diz-se que nesse estágio a vida é vivida em sua imediaticidade. O mundo é concebido segundo um contínuo temporal de eventos onde a ordem subjacente às coisas se revela sem mediações racionais, assim, imediatamente.”*³²

Nesse contexto de revelações imediatas da ordem subjacente às coisas do mundo não há a participação do sujeito segundo a sua intencionalidade cognoscente. A apreensão do mundo faz-se sem a interposição da futura razão, ou do *logos*. Tudo se coloca segundo um contínuo de eventos e a vida se dá sem rupturas, sem discontinuidades. Não há a interposição da razão. Não há a razão. Segue à vontade o ato fazedor num todo circunstancial de eventos contínuos ou ininterruptos. Nesse sentido as causas dos eventos não podem ser enumeradas como razões, mas apenas como uma sucessão de eventos que precedem outros tantos sem que se constituam numa cadeia lógica. Não há a formalidade conceptiva a partir da qual o homem moderno apreende a natureza ou o mundo.

Dito de outra forma, o *logos*, ou a razão, não comparece como mediador entre a *physis*, ou o mundo natural, e a sua futura natureza de segunda ordem que será o *ethos*. As ações humanas, ou *praxis*,³³ ocorrem segundo um todo indistinto e sem a interposição ou interferência da intencionalidade do juízo. Assim, *“a vida é vivida em sua imediaticidade.”*

Entretanto a partir da experimentação de sucessivas rupturas nesse contínuo que é a *“vida vivida em sua imediaticidade”*, inicia-se um esforço no sentido do entendimento dessas discontinuidades que posteriormente desembocará numa forma de racionalidade. Nessa segunda forma o *logos*, ou razão, comparece como mediador entre o mundo físico e a cultura, reordenando incessantemente ambas para, na perspectiva do mundo ocidental, fundar a ciência, ou a *episthème*.³⁴

delinear a trajetória de um projétil, mas arremessava muito bem a flecha com seu arco; não conhecia símbolos químicos, mas de relance distinguia as plantas venenosas das alimentares e usava ervas como medicamentos.” *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, op. cit., pg. 55. Como se vê esses hominídeos não possuíam a potente ferramenta da razão mas já esboçava as suas primeiras apreensões sobre os princípios fundamentais das futuras ciências.

³⁰ Eis porque o advento das pedras lascadas ganham tamanha importância aos olhos da antropologia: *“O uso de instrumentos distingue os seres humanos de outros primatas. Os chimpanzés lascavam a pedra e usavam as pontas afiadas para abrir nozes, mas não tinham tradição de fabricar ferramentas de pedras, como ocorreu com os primitivos ancestrais do homem. Por isso, os primórdios dessa atividade, há cerca de 2,5 milhões de anos, são uma linha divisória significativa no desenvolvimento humano. Instrumentos de pedra eram usados para cavar, abater ou arrancar plantas; cortar junco ou separar a casca de árvores, na confecção de esteiras ou cestaria; e para transformar madeira, osso e outras matérias-primas em artefatos úteis.”* *Atlas da História*

do Mundo”, op. cit., pg. 34. Elas representam inegavelmente uma linha distintiva entre homens e animais: *“O processo [de lascas pedras] requerida intuição e planejamento e é uma evidência das habilidades intelectuais e manuais dos ancestrais primitivos do homem.”* *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 34.

³¹ **“Mediar**. 1. Dividir ao meio; repartir em duas partes iguais. 2. Intervir como árbitro ou mediador. 3. Ficar no meio de dois pontos; distar.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 903. O verbo mediar significa então fazer juízo de uma medida que é a razão; interpor a razão aos eventos. Eis a diferença do que não é mediado, ou o que é imediato.

³² Notas de aula do curso: *Tópicos de Filosofia da Cultura - Ética e Cultura*, curso citado anteriormente.

³³ **“Praxis**: ação, atividade.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 195.

³⁴ **“Episthème**: 1) conhecimento (verdadeiro e científico) (oposto a doxa [opinião]); 2) um corpo organizado de conhecimento,

A palavra *episthème*, é uma transliteração do grego que significava ciência. O termo mais próximo àquele significado subsiste modernamente como uma derivação, como tantas outras derivados do grego, na forma de **epistemologia**.³⁵

Essa é a segunda forma de relacionar-se com o mundo que é a forma mediada, ou aquela segundo a qual a razão comparece como uma interlocutora dos eventos e, segundo a qual, a sua ordenação se faz logicamente. Nessa forma de relacionar-se com o mundo a interposição da razão expressa uma necessidade de ordenação, um esforço cognitivo ou de apreensão das razões pelas quais as coisas são como são.

Assim entre o fato ou coisa externa, colocada para além do indivíduo, e a percepção do fato ou coisa pelo indivíduo, a razão intenta preencher a lacuna do inapreensível tornando-o objeto da razão, preenchendo-a de sentido, de significados. Todas as culturas procederam assim.

Contudo, os povos gregos, além de se utilizarem da razão que preenche de significados os eventos da vida, pretenderam também a sua sistematização através de princípios, de harmonia, de fundamentos e de lógica. Eis uma das razões pelas quais fica evidente a necessidade da abordagem daquele povo grego: ao colocarem a *episthème*, fruto da razão demonstrativa, no centro de seu sistema simbólico eles, de certo modo, inauguram a civilização ocidental. Como quer VAZ (1988):

*“Tendo sido aparentemente a única civilização conhecida a colocar decididamente a episthème, fruto da Razão demonstrativa, no centro do seu universo simbólico, a civilização do Ocidente se vê a braços, há 26 séculos, com o ingente labor teórico de transpor os costumes e as crenças nos códigos discursivos do logos epistêmico. Os sistemas teológicos e éticos são, ao longo da história da nossa civilização, o campo desse labor e nele a philosophia, invenção tipicamente grega, destinada a pensar o conteúdo das crenças e a normatividade dos costumes, encontra sua matriz conceptual primeira e o espaço teórico dos seus problemas fundamentais.”*³⁶

Conforme será exposto convenientemente, esse *logos*, dialeticamente disposto como a normatividade do bem comum, articulará e ordenará no entendimento as tensões entre *physis* e *ethos* na ação humana, ou a *praxis*, ultrapassando o conhecimento de ordem imediata, estabelecendo relações e proporções racionais entre os eventos. Nesse sentido o *logos*, ao emprestar ordenação e proporção entre as causas e os efeitos dos eventos naturais, mediará todas essas relações. O mundo será, por assim dizer, incessantemente mediado pelo *logos*.

Diz-se então de uma vida mediatizada, ou, **subsumida**³⁷ no *logos* que procede segundo aquela ordenação formal do bem comum.

Milênios mais tarde, quando o homem estiver diante de uma racionalidade conquistada, o conceito de *ethos*, indemonstrável que é, será definido em estreita relação com outros dois conceitos: o de *physis*, ou o mundo físico, e o de *praxis*, ou ação humana. Nesse futuro contexto de uma linguagem articulada, as relações entre os três conceitos é de simultaneidade, de proporcionalidade, e também dialética. Os três conceitos articulam-se quase indistintamente e de modo indissociável, apontando para a profundidade da gênese do termo *ethos*.

Assim os hábitos e costumes devem ser entendidos como uma transcrição do mundo físico à cultura

uma ciência; 3) conhecimento teórico (oposto a praktike [ciência da ação] e poietike [ciência produtiva, arte; poética]).”
Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico, op. cit., pg. 77.

³⁵ **“Epistemologia**. “[Do gr. epistème, ‘ciência’, + -o- + -log(o)- + -ia.]. S.f.: Estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das ciências já constituídas, e que visa a determinar os fundamentos lógicos, o valor e o alcance objetivo delas; teoria da ciência.”
Novo Dicionário da Língua Portuguesa, op. cit., pg. 542.

³⁶ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 07.

³⁷ O verbo subsumir é aqui exposto já que normalmente ele comparece pouquíssimo na linguagem coloquial. **“Subsumir**. [De *sub-* + lat. *sumere*, ‘tomar, acolher, aceitar.’ *Filos.* 1. Conceber (um indivíduo) como compreendido numa espécie. 2. Conceber (uma espécie) como compreendida num gênero. 3. Considerar (um fato) como aplicação de uma lei.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 1332. O sentido adotado na dissertação é aquele que indica que a vida é posta sob o julgo da razão ou, que a vida é posta sob a tutela da razão. Complementando a ilustração do termo subsumir: **“Subsunção**. [De *sub-* + lat. *sumptione*, ‘ação de tomar’, ‘aquilo que se toma’,] *Filos.* Operação de subsumir.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 1332.

mediados pelo fazer humano. Para eles convergem uma estreita relação de homologia com os elementos do mundo físico apreendidos como que naturalmente. Dito de outra forma: a **imanência**³⁸ do mundo físico é transposta ao domínio dos hábitos e costumes sempre mediada pela ação humana, ou pela *praxis*. É dessa primeira relação de homologias e proporcionalidades que emergem os hábitos e costumes.

Conforme o exposto, o termo *ethos*, somente definível em relação estreita com o termo *physis*, articula-se também, no contexto da Ética, ao termo *praxis*, sendo a *praxis* o termo segundo o qual a *physis* e o *ethos* são mediados e expressos na forma dos hábitos e costumes para posteriormente serem fixados na forma de **nómos**, ou “lei”³⁹. Nesse sentido o *ethos* se colocará futuramente como uma “*morada do homem*”⁴⁰, como uma natureza de segunda ordem recriada a partir do mundo físico.

Entretanto, nada do que se possa reconhecer como cultura pode ser comprovado pelos registros arqueológicos. Nenhuma dessas características estão presentes na perspectiva daqueles pequenos hominídeos. No contexto desses Australopithecíneos é impossível dizer de uma normatividade ou dos de hábitos e costumes fixados como normas e leis; decididamente é impossível sequer pensar. Lá não havia Ética. Serão necessários milênios até que essa forma racional floresça plenamente. Contudo, é nesse cenário do animalesco, indistinto e intuitivo, que as regularidades primais vão se acumulando e organizando pelos milhões de anos que antecedem aos homens modernos.

1.4. Os Hominídeos e o Seu Meio Ambiente.

O Ambiente Ideal do Surgimento dos Hominídeos: A África /A Indistinção dos Seres no Coabitar.

Conforme a posição dos achados paleontológicos e arqueológicos, algumas informações podem ser deduzidas sobre aqueles hominídeos tais como sua área de abrangência e algumas referências comportamentais. Porém, antes da hipertrofia craniana possibilitar o desenvolvimento de técnicas de sobrevivência em locais inóspitos ou menos generosos, a condição de vida e habitabilidade desses Australopithecíneos era dada pelo meio ambiente, diante do qual, as simples opções de vida eram feitas.⁴¹ Conforme as escavações na África, sucessivas gerações de Australopithecíneos coabitavam com outros descendentes de hominídeos e até mesmo outros símios, o que de certo modo, indica que a indistinção em relação ao mundo natural era reproduzida nos locais de abrigo. Coabitavam num mesmo espaço físico hominídeos diferentes e outros símios, todas essas espécies talvez unidas por comportamentos semelhantes ou mesmo por hábitos alimentares idênticos.

O fato de espécimes relativamente diferentes habitarem os mesmos abrigos indica que aqueles hominídeos não eram seres situados nem na singularidade do indivíduo e do grupo. Sequer havia definição de uma territorialidade que os distinguisse dos outros animais. Eram apenas seres postos no mundo natural, existentes no mundo natural. Por milhões de anos prevaleceu apenas um modo de vida

³⁸ “**Imanente**: 1. Que existe sempre em um dado objeto e inseparável dele. 2. *Filos.* Que está contido em, ou que provém de um ou mais seres, independentemente de ação exterior. 3. *Filos.* Diz-se daquilo de que um ser participa, ou a que se tende, ainda por intervenção de outro ser.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 743. Complementando o sentido do termo:

“**Emanar**. 1. Provir, proceder, sair, originar-se, manar, dimanar. 2. Desprender-se.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 506.

³⁹ “**Nómos**: *costume, convenção, lei constitucional ou arbitrária.*” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pgs. 159 e 160. Assim o termo *nómos*, ou lei escrita, indica uma estreita relação com os conceitos de *physis* e *ethos*, sendo o *nómos* a transposição da ordem imanente da *physis* ao domínio do *ethos*. Os três termos estabelecem um todo articulado e homólogo.

⁴⁰ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 12.

⁴¹ Ilustrando precariamente essas condições de habitabilidade: “*Fósseis importantes de homens, símios e ancestrais humanos foram descobertos em sítios na África, Ásia e Austrália. No Rift Valley (Vale da Fenda, na África Oriental), fósseis encontrados nos depósitos estratificados podem ser datados com bastante precisão. A localização dos restos sugere que seres humanos primitivos viviam longe de florestas densamente povoadas e habitavam terras de pastagem onde vários recursos podiam ser explorados com menos concorrência. Mas a vida não era sem perigos: alguns crânios de Australopithecíneos das cavernas da África do Sul mostram marcas de dentes de leopardo.*” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 32.

indistinto dos animais, uma mesma perspectiva intuitiva de abrigar-se, abastecer-se, reproduzir-se e talvez defender-se.

Não é difícil imaginá-los vagueando pelas pastagens africanas, colhendo aqui e ali, pequenos lagartos, insetos, moluscos, gramíneas, sementes e frutos.⁴² Esses pequenos seres errantes acolhiam-se entre arbustos, ocos de troncos, cavernas, buracos, grotas; enfim, qualquer lugar que pudesse servir de esconderijo ou abrigo, qualquer localidade que lhes oferecesse um mínimo de segurança.

Assim, para além da coercitividade instintiva, da hipertrofia do cérebro, e da tecnologia incipiente da pedra lascada, nenhum outro traço ou registro encontrado indica qualquer elemento abstrato ou concreto do que poderia constituir-se como um *ethos*, muito menos algo que se assemelhe à racionalidade.

Ao que tudo indica, o grande avanço recaiu na gradativa hipertrofia do cérebro de algumas espécies de homínídeos entre tantas outras. Aparentemente essa hipertrofia foi o que propiciou uma radical mudança em seus comportamentos e disposições frente ao mundo natural. Para isso esses homínídeos dispuseram de alguns milhões de anos e o seu surgimento se deu por volta dos 4,5 milhões de anos atrás. Sua população parece ter culminado por volta dos 1,7 milhões de anos e o seu desaparecimento não foi súbito. Essa forma parece ter subsistido entre tantas outras até aproximadamente 200.000 anos atrás. O que é muito pouco se consideradas as cifras.

Contudo, esse percurso rumo à construção da idéia de um *ethos* gerador de cultura ainda é demorado. Serão necessários mais alguns milhares séculos à sua construção.

⁴² *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 32. Essa expansão territorial do *Homo habilis* parece ter se iniciado por volta de 1,7 milhão de anos atrás. Conforme o texto do ATLAS: “Os *Australopithecíneos* estavam restritos à África tropical onde podiam sobreviver sem vestuário, abrigo ou fogo. Mas os descendentes do *Homo Habilis* logo começaram a se estender além de seu local de origem para colonizar ambientes menos hospitaleiros na Europa e na Ásia. Para isso fizeram uso de sua inteligência superior, que lhes permitia construir abrigos, confeccionar peças de vestuário, dominar o fogo, habilitando-os a viver e prosperar, mesmo quando camadas de gelo cobriam a maior parte do mundo setentrional.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 32.

CAPÍTULO 2.

O Período Paleolítico: Os Primeiros Sinais de Relação com a Natureza.

- 2.1. As Primeiras Tecnologias do Período Paleolítico.** *A Pequena Ampliação de Registros Concretos / A Lenta Evolução Biológica / A Revolução Tecnológica a Partir da Pedra Lascada / Um Mesmo Medium Tecnológico / As Necessidades Humanas e o Conceito de Tendência / As Determinações do Meio Ambiente e o Conceito de Fato / A Propriedade Cultural / A Praxis e a Dialética Material / A Dialética Material e sua Fixação na Praxis / As Diferenciações das Culturas Paleolíticas.*
- 2.2. A Captura do Fogo: a Primeira Abstração Materializada.** *O Domínio das Tecnologias do Fogo / Um Mundo Ampliado Pelo Fogo / O Fogo Celeste e a Esfera Terrena: A Alteração da Perspectiva Intuitiva.*
- 2.3. A Incipiente Construção dos Significados.** *Da Coercitividade Instintiva às Hordas / A Necessidade do Sentido Teleológico / O Medium de Comunicabilidade das Pinturas Rupestres / A Aparição dos Símbolos / O Prenúncio da Escrita.*
- 2.4. O Cenário dos Povos Caçadores e Coletadores.** *A Instabilidade Territorial dos Povos Caçadores / Uma Nova Visão do Comportamento do Povos Coletadores / A Impossibilidade da Aparição das Constâncias do Ser e do Estar / A Impossibilidade de um Ethos / A Estabilidade Climática: Uma Nova Perspectiva Humana.*

2.1. As Primeiras Tecnologias do Período Paleolítico.

A Pequena Ampliação de Registros Concretos / A Lenta Evolução Biológica / A Revolução Tecnológica a Partir da Pedra Lascada / Um Mesmo Medium Tecnológico / As Necessidades Humanas e o Conceito de Tendência / As Determinações do Meio Ambiente e o Conceito de Fato / A Propriedade Cultural / A Praxis e a Dialética Material / A Dialética Material e sua Fixação na Praxis / As Diferenciações das Culturas Paleolíticas.

O período **Paleolítico**, ou o que poderia se chamar de antecedentes do evento da cultura, é também conhecido como período da Pedra Lascada pela abundância de pedras lascadas encontradas nos sítios arqueológicos. As **figuras 03** e **04**⁴³ à frente trazem alguns desses artefatos que eram usados para cortar, rasgar ou macerar alimentos, couros ou madeiras. Do mesmo modo que o período anterior, esse período é também abordado com certa cautela por paleontólogos e antropólogos. Não resta dúvida de que o número de evidências e objetos retirados dos sítios arqueológicos são maiores do que os referentes a períodos anteriores, o que de certo modo aumenta o grau de segurança das descrições acerca desse período.

⁴³ Legenda da **figura 03**: “As primeiras ferramentas. Os dois dos principais implementos de sílex usados por caçadores e coletadores são mostrados aqui. À esquerda é uma ferramenta de corte de *Clacton-on-Sea, Essex*, que difere do machado de mão em forma de pêra à direita.” MANLEY, J.: *Atlas of Prehistoric Britain*, op. cit., pg. 17.

Legenda da **figura 04**: “As primeiras ferramentas de pedra conhecidas eram pedaços de rocha dura (a) da qual lascas eram retiradas para forma uma grosseira borda cortante. Na maior parte do mundo, há 500 mil anos, o sílex era a matéria prima preferida para ferramentas: podia ser lascado com relativa facilidade e propiciava bordas cortantes como navalha. Os melhores artefatos eram o machado se cabo (b), instrumento cuidadosamente modelado, alongando-se da base arredondada até a ponta aguda. Ao fim da Idade do Gelo, as pesadas ferramentas de pedra haviam dado lugar a peças mais leves e elaboradas, como a ponta em forma de folha de louro (c) provavelmente utilizada como ponta de lança do Solutreano.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 34.

Apesar da passagem ao período Paleolítico representar um avanço no tempo de alguns milhões de anos, algo em torno de 3,5 a 6,5 milhões de anos até o surgimento do gênero *Homo*⁴⁴, mais especificamente o *Homo sapiens*, não significa sob o ponto de vista da formação da cultura, em toda a sua amplitude, um avanço substancial. A dimensão do tempo de evolução biológica é gigantesca maior do que o tempo da construção e fixação da cultura conforme a sua concepção moderna.

Envolvido por conjecturas improváveis até o momento, e por vezes bastante romaneado, esse período revela conquistas e descobertas fundamentais aos passos seguintes da humanidade no sentido da civilização. Os sucessores dos Australopitécidos, ou os antecessores do *Homo sapiens*, parecem ter colonizado não só o continente europeu como todos os outros, à exceção da Antártida.⁴⁵ Essa expansão se deu por volta de 1 milhão e 700 mil anos atrás e esses grupos adaptaram-se a diferentes tipos geológicos e condições ambientais diversas.⁴⁶

A despeito das incertezas que cercam a determinação correta da descendência do *homo faber*, e a sua exata localização territorial, o interesse por essa questão vai de encontro à formação da idéia de uma Ética na amplitude de uma posterior racionalidade. Conforme será abordado posteriormente, o meio ambiente, ou o mundo natural, pode ter se apresentado como uma das faces da complexa organização da racionalidade grega na sua forma distintiva e original de relacionar com o mundo.

Claro é que qualquer território e as suas peculiaridades e singularidades, concebido segundo a sua codeterminação dos hábitos e costumes, teve o mesmo papel em relação aos demais grupos étnicos de então. Assim, o território é, senão condicionante, ao menos codeterminante da aparição desses diferentes grupos étnicos e suas formas de relacionarem-se com o meio ambiente.

É nesse período que a empresa humana experimenta uma explosão tecnológica sem precedentes. Às rudimentares técnicas primais dos tempos anteriores, que basicamente se restringiam a pequenas adaptações simiescas no modo de operar sobre o meio ambiente, somam-se novas aquisições provavelmente relacionadas à amplificação daqueles três elementos distintivos: a hipertrofia do cérebro, a coercitividade instintiva e a intuição das regularidades. Articuladamente, essas três características possibilitaram o desenvolvimento de um sem-número de pequenas invenções a adaptações a partir de materiais simples como a pedra, galhos de árvores, ossos, marfim, etc.. A **figura 05**⁴⁷ abaixo mostra um instrumento atribuído ao período Paleolítico.

Os dados levantados a partir das desses artefatos indicam que o que se poderia chamar cultura paleolítica havia se fixado com sucesso por quase todo o globo revelando que, mesmo dispersos pelos quatro continentes, seus instrumentos denotam um mesmo patamar de desenvolvimento tecnológico, um mesmo

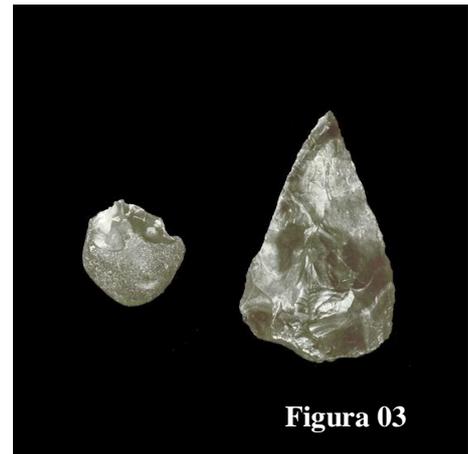


Figura 03

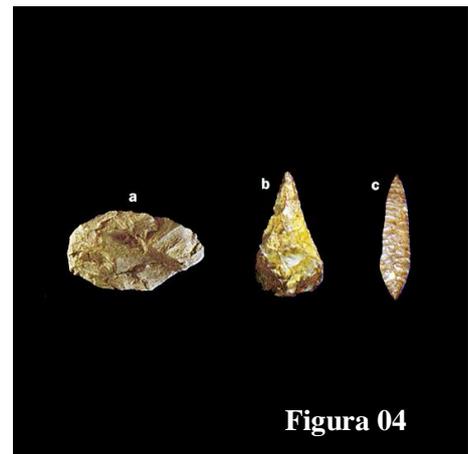


Figura 04

⁴⁴ A título de ilustração: o gênero *Homo* compreende uma entre várias das formas evolutivas dos ancestrais hominídeos. Entre as espécies que supostamente se encontram sob esse gênero estão, cronologicamente, o *Homo faber*, o *Homo erectus* e o *Homo sapiens*.

⁴⁵ “Entre 100.000 e 10.000 a.C., seres humanos plenamente modernos povoaram todos os continentes, exceto a Antártida.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 34. A permanência do homem na Antártica somente foi possível a partir dos séculos XIX e XX.

⁴⁶ Ver o **ANEXO 04**: “Elementos do Período Paleolítico: os Sete Grupos Fósseis, os Seres, sua Dispersão Territorial e suas Tecnologias”, sobre a dispersão e adaptação desses ancestrais em diferentes regiões do planeta e também algumas notas extraídas de DURANT sobre a explosão tecnológica experimentada naqueles remotos tempos.

⁴⁷ Legenda da **figura 05**: “Ferramenta típica da Idade da Pedra. Dentes de roedores amarrados a um longo osso, da tribo siriono que pertence ao grupo Guarani, da Bolívia.” Fonte da figura e texto: *A Origem do Livro - Da Idade da Pedra ao Advento da Impressão Tipográfica no Ocidente*, op. cit., pg. 43.

modo de relacionar-se com o mundo natural, uma mesmo *medium* de apropriação tecnológica. O antropólogo LEROI-GOURHAN (1984) afirma, surpreendentemente, que as trocas culturais eram mais frequentes do que supúnhamos e que, alguns objetos atribuídos a determinados grupos puderam ser encontrados “*até os confins do continente*”.⁴⁸

Considerando então a existência dessa cultura paleolítica a dispersão dos mesmos artefatos por vastas e longínquas regiões, como explicar a aparição das diferentes culturas? Talvez a chave para parte dessa explicação resida na forma específica de relacionarem com um meio ambiente específico.

Aqueles artefatos apresentam um mesmo nível de necessidades que é humana: são instrumentos concebidos, ou seja, em algum momento foram ideados. Além do mais foram construídos e realizados para o desempenho de tarefas idênticas como cortar, costurar, moer, polir, atividades que, tomadas separadamente, definem uma única necessidade humana, um mesmo modo de comportar-se, um mesmo operar, uma mesma e repetitiva ação. Indicam pois, a existência de uma certa universalidade que é própria da necessidade humana, específica do gênero Homo, determinadas quer seja pela fome, pela necessidade de alimentar-se, de vestir-se ou de perceber-se distintos. São necessidades ditadas inicialmente pelo próprio corpo e suas necessidades básicas.

Essas necessidades foram expressas através de um mesmo nível conceutivo de utensílios ainda que suas formas e materiais constitutivos fossem diferentes e intimamente relacionados ao que o meio ambiente apresentava. Contudo foram destinados a funções idênticas em todas as culturas. Representam pois necessidades universais que se desdobram por ações idênticas em quaisquer das regiões ocupadas do globo.

LEROI-GOURHAN (1971) assinala na perspectiva da etnologia, que os artefatos, assim como a evolução do seres humanos se inscrevem numa ordem sucessória que é ao mesmo tempo lógica e simultânea.⁴⁹ Vem desse paralelismo entre a evolução do gênero Homo e de seus artefatos o seu conceito de *tendência*:

*“A tendência tem um caráter inevitável, previsível, rectilíneo; é ela que leva o sílex seguro na mão a adquirir um cabo, o fardo arrastado sobre duas varas a munir-se de rodas. Pelo fato do adorno ser uma tendência é que o homem se pinta com terra colorida, seguindo para pintar-se, as linhas naturais de seu corpo: nada há de surpreendente em encontrar, em extremos opostos do globo, os mesmos desenhos ao longo das pernas ou à volta dos seios: ele vai inevitavelmente fixar ornamentos em toda a parte onde seja possível suspendê-los e enfiar espinhas e fragmentos de osso nos lóbulos das orelhas, nos lábios, nas narinas, porque assim fica bem à vista e é realizável sem ser muito doloroso, sem muita efusão de sangue nem grande incômodo anatômico. A presença de pedras suscita a existência de um muro, e a ereção do muro implica na existência da alavanca ou a roldana. A roda acarreta o aparecimento da manivela, da correia de transmissão, da divisão de forças. No terreno das tendências todas as extensões são possíveis: quando o vizinho traz o aperfeiçoamento que, na ordem lógica, se segue ao estado em que se encontra o povo visado, este último adota-o sem esforço e o etnólogo, sem pano de fundo histórico, deixa de controlar aquilo que tanto pode ser uma invenção local como uma adoção recente ou milenária.”*⁵⁰

Assim, dada uma necessidade básica do homem, a *tendência* pode ser entendida como uma lógica de



Figura 05

⁴⁸ LEROI-GOURHAN, A. : *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, Lisboa, Edições 70, 1984, pg. 12.

⁴⁹ Eis a ordem sucessória ao mesmo tempo lógica e simultânea de LEROI-GOURHAN: “*Com efeito, através dos utensílios de pedra talhada que, praticamente são os nossos únicos testemunhos, sabe-se que em todas as culturas que precederam os homo sapiens os utensílios seguiam, no seu conjunto, uma linha de evolução progressiva e comparável à que seguiam as formas humanas, dos remotos Australantropos aos Pitcantropos e ao Homem de Neanderthal. De um período para o outro, cada forma de utensílio apresenta-se com se tivesse tido por ascendente a forma que o precede. Assim como não se encontra um tipo muito aperfeiçoado de equídeo que tenha precedido as formas ancestrais do cavalo, também não se encontram incoerências nas obras humanas: os utensílios encadeiam-se numa escala de tempo segundo uma ordem que, surge como simultaneamente lógica e cronológica.*” *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, op. cit., pg. 22.

⁵⁰ *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, op. cit., pg. 24.

desenvolvimento inerente, ou imanente, a um determinado artefato. Essa lógica de algum modo preside ou determina o próximo passo no sentido do aperfeiçoamento da manufatura; por exemplo a substituição de um cabo de martelo por outro mais ergonômico. A tendência determina também a cadeia lógica sucessiva entre as varias necessidades básicas entre os artefatos preexistentes estabelecendo os desdobramentos inevitáveis das descobertas de uma necessidade dada a outra diversa. Nesse caso, é como se da descoberta da roda invariavelmente se depreendesse a descoberta do eixo, ou se da descoberta da eletricidade decorresse a invenção da lâmpada.

É então o conceito de *tendência* que evidencia essa universalidade intuitiva e extensível a todos os grupos humanos que preside a invenção ou melhoria de determinados artefatos segundo uma igual necessidade que é humana. A idéia dessa universalidade de soluções ou, de uma certa imanência da necessidade humana, é que preside ou determina o aparecimento de soluções semelhantes para problemas idênticos em regiões opostas do globo terrestre. É essa mesma perspectiva humana de necessidades que determina as semelhanças transcontinentais entre os vários artefatos encontrados.

Por outro lado, essas necessidades básicas e universais, pois que se apresentam idênticas a todos os homens, quando transpostas ao domínio da técnica, encontram respostas diferenciadas tanto nos materiais utilizados para a confecção do utensílio, como no modo de usar ou ainda em sua forma final. Assim, apesar de serem objetos manufaturados para atividades idênticas esses instrumentos rudimentares diferenciam-se e adaptam-se regionalmente, apresentam características próprias de acordo com as regiões onde foram manufaturados.

É nessa perspectiva de adaptações que o mesmo autor suscita o conceito de *fato* de modo a explicar as particularidades dessas tecnologias. Conforme ainda LEROI-GOURHAN (1971) eis o conceito de *fato*:

“Ao contrário da tendência, o fato é imprevisível e particular. Tanto é o encontro da tendência com as mil coincidências do meio - isto é, a invenção - como é a adoção pura e simples de um outro povo. É único, inextensível, é um compromisso instável que se estabelece entre as tendências e o meio. A forja, por exemplo, é um compromisso essencialmente plástico entre virtualidades inutilizáveis na prática: fogo, metal, combustão, fusão, comércio, moda, religião, e assim sucessivamente até o infinito. A permanência da actividade metalúrgica é assegurada pela realidade, independente do tempo e do espaço de todos estes factores imateriais. A evolução é o tempo que põe à prova o equilíbrio do compromisso expresso pelo fato ‘forja’. ... Não há tendência ‘forja’, mas sim um fato que surge como universal, na medida em que um mínimo de tendências simples se reúnem para produzir uma indústria metalúrgica. Entre os extremos do tempo e do espaço, entre a forja dos egípcios e a dos malaios, existem relações na medida em que as tendências se reúnem de modo idêntico, e encontra-se uma diversidade que aumenta na medida em que os traços secundários se acrescentam: diversidade que desemboca primeiro na forja sudanesa ou tonguse e depois, definitivamente, na forja determinado artesão em determinada aldeia.”⁵¹

Ambos os conceitos perfazem um fio que conduz da *tendência*, como um certo universalismo da necessidade que preside a lógica de aprimoramento de um dado artefato ou cadeias lógicas de invenções, ao *fato*, no sentido das circunstâncias favoráveis mas não determinantes de certos avanços ou descobertas. Como percebe-se o *fato* está inscrito numa conjunção de fatores circunstanciais que possibilitam o aparecimento de determinado artefato. Além do mais o *fato* é o próprio utensílio depositário das tensões que emergem da utilização desse ou daquele material. Ambos conceitos perfazem um todo articulado e co-determinado do qual resultam os utensílios e as técnicas.⁵²

O *fato*, contrariamente ao conceito de *tendência* que é abstrato, permanece na ordem material das coisas e revela por isso as profundas relações entre uma necessidade e o meio ambiente. O *fato* são os próprios utensílios, as próprias coisas geradas no domínio da cultura. O *fato*, na perspectiva do utensílio, revela as

⁵¹ *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, op. cit., pg. 24.

⁵² Eis LEROI-GOURHAN (1971) complementando as relações entre os dois conceitos: “A *tendência* e o *fato* são as duas faces (uma abstrata e a outra concreta) do mesmo fenômeno de determinismo evolutivo, ... Uma vez que a evolução marca, no mesmo sentido, o homem físico e os produtos do seu cérebro e da sua mão, é normal que o resultado de conjunto se traduza pelo paralelismo entre a curva da evolução física e a curva técnica do progresso.” *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, op. cit., pg. 25.

determinações de ordem material que concorrem para a realização da *tendência* nos objetos tecnológicos. Assim uma mesma *tendência* encontra respostas diversas em razão da disponibilidade de materiais e, mais remotamente, da fauna, flora e minerais recorrentes em determinada região ocupada. Nessa perspectiva, o meio ambiente atua ao coibir determinadas soluções técnicas em favor de outras, através da disponibilidade ou não desses materiais.

Deste conjunto de possibilidades e da tensão entre *tendência* e *fato* nascem os utensílios próprios de culturas instaladas em regiões geograficamente definidas. Conforme ainda LEROI-GOURHAN (1971):

“O utensílio não é causa nem efeito e na cadeia força-utensílio-matéria, é apenas o testemunho da exteriorização de um gesto eficaz.”⁵³

É essa exteriorização do “*gesto eficaz*” que revela as singularidades das culturas e o que lhes é próprio na sedimentação da forma eficaz, da forma secularmente desenvolvida, na forma que sintetiza os trabalhos da cadeia “*força-utensílio-matéria*”. Essa síntese formal do utensílio apresenta, segundo esse ponto de vista, propriedade, na perspectiva da utilização dos materiais recorrentes do meio ambiente no qual se encontra, ou seja, ao utilizar matérias providas de sua fauna, flora e minerais, assim como na perspectiva da confecção dos utensílios segundo uma determinada tecnologia no âmbito estrito de uma cultura apresenta, enfim, **propriedade cultural**.

Exemplificando o termo *propriedade cultural*: um mesmo problema, o da locomoção em meio aquático, foi solucionado a partir de uma mesma idéia: a do barco, ou qualquer coisa que flutuasse. Entretanto as diferentes formas encontradas para solucionar a locomoção em meio líquido, ou *tendência*, decorrem da disponibilidade específica de certos materiais adequados à sua consecução como a disponibilidade de troncos, juncos, fibras, couros, madeiras para tábuas, cascas de árvores, resinas, betumes, etc.. A forma final do objeto decorre ainda da capacidade tecnológica de produção, ou *fato*, ou, mais especificamente, da existência de ferramentas adequadas para trabalhar-se os materiais disponíveis. Além do mais, a forma final é também o resultado do acervo de experimentações preexistentes, ou empíricas, do acervo de procedimentos corretamente encadeados de modo a concretizar o trabalho. Não bastassem as determinações materiais, que redundam no ferramental e nas tecnologias específicas, há ainda as considerações da situação geográfica dessa cultura que determinam, por exemplo, as distâncias a serem percorridas até a água carregando-se a embarcação e assim o seu maior ou menor peso, as condições de navegabilidade que afetam ou não a estabilidade embarcação e conseqüentemente a sua forma, etc.. Finalmente, a forma final do objeto de cultura é decorrente do seu sistema simbólico, que por sua vez determina a forma em seu sentido mais sutil, ou seja, na transposição de seu sistema simbólico aos códigos comunicativos da forma, ou, à expressão formal de sua embarcação.

Aqui o termo *propriedade cultural*, no sentido da qualidade do que é próprio da cultura, ganha relevância e evidencia as suas qualidades específicas. Essa *propriedade cultural* indica que determinados artefatos se inscrevem perfeitamente na perspectiva da cultura, ou seja, na disponibilidade de materiais, nas ferramentas e técnicas de execução, na sua situação geográfica e ao seu sistema simbólico. Nessa perspectiva, um objeto manufaturado possui *propriedade cultural*, é próprio à cultura. A **figura 06**⁵⁴ à

⁵³ *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, op. cit., pg. 232.

⁵⁴ A **figura 06** demonstra como os instrumentos de navegação ganham **propriedade cultural**, não somente a partir dos diferentes materiais disponíveis, mas também com relação ao grupo étnico e sua à cultura situados geograficamente. Legenda da figura : “1 - Jangada de toras amarradas umas às outras e cobertas de algas, Austrália, Queensland; 2 - Balsa de juncos amarrados do Lago Titicaca, América do Sul, Peru; 3 - Piroga (tronco de árvore escavada a fogo) utilizada na Bacia Amazônica, América do Sul, Colômbia; 4 - Piroga com flutuador das ilhas Carolina, Oceania. 5 - Piroga da Sibéria oriental, Orok. 6 - Canoa de casca retangular esticada por meio de arcos de madeira flexível da Austrália, costa oriental. 7 - Canoa canadense e indiana, na mesma concepção da canoa australiana. É um modelo mais aperfeiçoado já que pequenas tábuas são colocadas entre os arcos de madeira flexível, sendo ainda todo o conjunto reforçada por uma folha de casca costurada. Suas juntas são calafetadas com resina e estopa. 8 - O *caiaque* dos Esquimós com o caverna completamente revestido de couro costurado, Groenlândia. 9 - O *umiaque* esquimó composta de vários assentos e também revestido em couro costurado, Alasca. 10 - O *coracle* circular também revestido de couro costurado, Irlanda. 11 - Embarcação de tábuas cavilhadas, Japão. 12 - Embarcação de quilha de tronco escavado e laterais de tábuas que refundam o espaço interior, Índia e Ceilão. 13 - Botes de tábuas conformadas segundo dois planos unidos nos extremos e numa das bordas, encontrados na Finlândia, Lapônia, Groenlândia, Terra do Fogo e Alasca. 14 - Botes de tábuas conformadas segundo três planos, um para o fundo e os outros para as bordas, sendo as extremidades quase idênticas. Laos, China, Japão, Malásia. *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, op. cit., figura e textos: pgs. 111 a 115 e 244, respectivamente.

frente ilustra precisamente o termo *propriedade cultural*. São essas características particulares de cada barco que atestam as diferenças entre as várias culturas. Em cada uma das formas finais das embarcações estão inscritas uma enorme gama de determinações que lhes são próprias e para onde converge a própria essência do lugar em que ela se instalou.

Essas especificidades formais dos artefatos à luz de sua circunscrição geográfica ou da região, dão indícios, por outro lado, de uma outra relação, dessa vez colocada ao nível do indivíduo fixado numa dada cultura e diante de certa disponibilidade de materiais. O “*gesto eficaz*”, subjacente à cadeia “*força-utensílio-matéria*” da qual o objeto é o resultado final, pode ser interiorizado ao *ethos* como um aspecto da *praxis*, ou da ação humana, ao especificar ou diferenciar o sujeito empírico, nesse caso, o sujeito da ação de construir e utilizar o utensílio, em relação às características

próprias ou específicas daquele material utilizado naquela manufatura. Assim, a materialidade mesma do artefato, implica inexoravelmente numa disposição específica ao experimentar-se o mundo. A materialidade dispõe incisivamente sobre as características de um determinado povo.

Conforme já foi sugerido, o conceito de *praxis* é de capital importância pois que se situa no interior da articulação necessária entre o mundo físico, *physis*, e os hábitos e costumes, ou *ethos*. A demonstração de sua concepção torna-se tanto mais necessária diante do esquema da “*Circularidade Dialética do Ethos*”⁵⁵, na qual, conforme VAZ (1988):

“A *praxis*, por sua vez, é mediadora entre os momentos constitutivos do *ethos* como costume e hábito, num ir e vir que descreve exatamente como um círculo dialético: a universalidade abstrata do *ethos* como costume inscreve-se na particularidade da *praxis* como vontade subjetiva, e é universalidade concreta ou singularidade do sujeito ético no *ethos* como hábito ou virtude. A ação ética procede do *ethos* como do seu princípio objetivo e a ele retorna como a seu fim realizado na forma do existir virtuoso. Enquanto ação ética, a *praxis* humana é a atualização permanente ou (enérgeia) de um processo estruturado segundo uma circularidade causal de momentos, e essa constitui exatamente o *primum notum*, a evidência primeira e fundadora da reflexão. O *ethos* como costume, ou na sua realidade histórico-social, é princípio e norma dos atos que irão plasmar o *ethos* como hábito (*ethos-hexis*). Há, pois, uma circularidade entre os três momentos: costume (*ethos*), ação (*praxis*), hábito (*ethos-hexis*), na medida em que o costume é fonte das ações tidas como éticas e a repetição dessas ações acaba por plasmar os hábitos.”⁵⁶

É ainda VAZ (1988) quem propõe a visualização da “*Circularidade Dialética do Ethos*” conforme a **figura 07**⁵⁷ mais à frente.

Conforme se vê, a *praxis*, tomada como a ação humana voltada especificamente ao fazer técnico de algum objeto, se coloca centralmente nesse movimento como sucessivos **movimentos de suprassunção**, ou de atualização do próprio fazer. Consequentemente essa modificação de disposição ante ao fazer específico implicará em algumas transformações ou atualizações nos hábitos e costumes, os quais por sua vez, irão constituir o *ethos*.

⁵⁵ A “*Circularidade Dialética do Ethos*” é um esquema conceitual no qual a centralidade é ocupada pela *praxis*, ou a ação humana. Segundo esse esquema a *praxis* possui a capacidade de renovar as atitudes eticamente plausíveis num contexto de ruptura ética, ou de descontinuidade da vida vivida em sua imediatividade. Ela reinstaura as novas atitudes de acordo com a necessidade de inovação sem perder de vista a tradição ética de uma determinada comunidade histórica.

⁵⁶ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pgs. 15 e 16.

⁵⁷ Comentário da **figura 07**: “Eis como Hegel expõe a estrutura dialética do *ethos*: ‘Essa unidade da vontade racional com a vontade singular, que é o elemento imediato e próprio da atividade da primeira, constitui a realidade efetiva e simples da liberdade. Sendo que ela e o seu conteúdo pertencem ao pensar e são o universal em si, assim o conteúdo tem determinidade verdadeira somente na forma da universalidade. Posto para a consciência da inteligência com a determinação de ser poder válido, ele é a *lei* - o conteúdo livre da impureza e contingência que possui no sentimento prático e na inclinação e não mais na forma que lhe é própria, mas sim conformado, na sua universalidade, à vontade subjetiva como seu costume, modo de sentir e caráter, é como *ethos*.’” *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., nota N^o. 19, pg. 15.

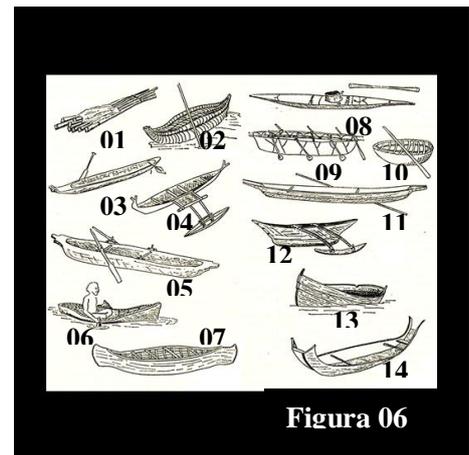


Figura 06

Antes de prosseguir com o raciocínio vale anotar e especificar o sentido exato do verbo *suprassumir*. Conforme AMARAL (1988), o verbo **suprassumir**,

“... *pode ser entendido como uma ação, ou pensar, no qual o reinstaurado se pauta pela negação do antigo e ao mesmo tempo pela adesão ao antigo. Não se trata deste modo de uma negação qualquer; é uma operação que é e não é ao mesmo tempo, por isso mesmo não será uma negação lógica.*”⁵⁸

Assim, mesmo que essas primeiras associações humanas não dispusessem de uma racionalidade articulada, elas certamente possuíam “*esquemas praxeológicos duráveis*”⁵⁹ conforme essas antigas tecnologias atestam. No contexto da aparição desse “*esquema praxeológico durável*”, a “*Circularidade Dialética do Ethos*” encontra o seu papel reinstaurador na figura central da *praxis* e na reconstrução do *ethos* segundo sucessivos movimentos de *suprassunção* ou de atualização dos conteúdos éticos. Essa articulação da *praxis* como mediadora entre o mundo físico, *physis*, e o *ethos*, apreendida aqui apenas na ordem das intuições, sugere uma outra digressão que se mostra útil no atual contexto da dissertação pois que evidencia a conformação do *ethos* segundo a dialética que se esboça unicamente entre o fazedor e a matéria.

Esse movimento dialético que se instala entre o sujeito empírico, ou o fazedor, e o material por ele utilizado, atua modificando a percepção do fazedor face às características do material por ele trabalhado. Esse movimento pode ser descrito, provisoriamente, como uma *dia-lógica material*. Como é sabido, um determinado material só pode ser trabalhado de acordo com seqüências técnicas específicas relativas às suas propriedades físico-químicas assim como em relação às finalidades do objeto a ser elaborado.

Exemplificando: sabe-se que determinados tipos de argila reagem diferentemente à cocção na razão direta das quantidades de água, areia ou material orgânico existentes em sua mistura. Além do mais diferentes resultados são obtidos na dependência direta do calor empregado na cocção. Se a necessidade final das operações é a construção de um vaso, é de se supor que o artesão não há de querer que o vaso se quebre durante a cocção, pois isso certamente significaria perda de material, energia e modernamente tempo. Assim a variação dos quatro elementos acima citados determina procedimentos específicos que invariavelmente devem ser seguidos à custa da perda do trabalho. São especificidades dessa ordem que determinam um tipo específico de apreensão do mundo que, além do mais, somadas a outras apreensões procedentes de outros fazeres constróem um todo operante e significativo no contexto dado que transborda incessantemente ao domínio da cultura.

Assim, essa constante articulação entre o fazedor e o material específico evidencia, aqui e ali, que certas regularidades percebidas no mundo material, se alteram de acordo com o próprio fazer. Assim, ela age modificando a percepção do sujeito fazedor, especificando-o diferentemente do momento anterior à sua ação. Nessa perspectiva, mesmo que ele não se reconheça racionalmente como sujeito de liberdade e ação, apenas na justa medida de sua percepção irracional, a sua ação, ou a *praxis*, age como experiência básica de relacionar-se com a natureza. Assim, o sujeito fazedor altera-se e modifica-se com o feito ou o realizado. Ou seja, o sujeito empírico, sob o ponto de vista estrito de uma *dia-lógica material*, especifica-se diferentemente em relação ao material utilizado.

⁵⁸ Notas de aula do curso: *Tópicos de Filosofia da Cultura - Ética e Cultura*, curso citado anteriormente.

⁵⁹ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 12. Mais à frente e, num contexto mais apropriado, esse “*esquema praxeológico durável*” será discutido. Contudo, o termo foi evocado no atual contexto da dissertação de modo a atestar a existência desse “*esquema*” no mesmo no contexto dessas primeiras associações humanas. A cadeia expositiva é simples: conforme se sabe a construção de qualquer objeto de cultura só é possível mediante o uso de um sistema produtivo consequentemente ordenado. É a tecnologia. Por mais rudimentar que se apresente ela é indicativa de uma certa regularidade de ações e consequentemente de condutas. Mesmo que situadas num horizonte estritamente técnico, essas ações indicam a existência de um padrão comportamental que se expande pelos hábitos e costumes mesmo que não explicáveis racionalmente por essas comunidades históricas. Ou seja, a existência de tecnologias, quaisquer que sejam, implicam na existência de um *ethos* e num padrão ordenativo que o conduz.

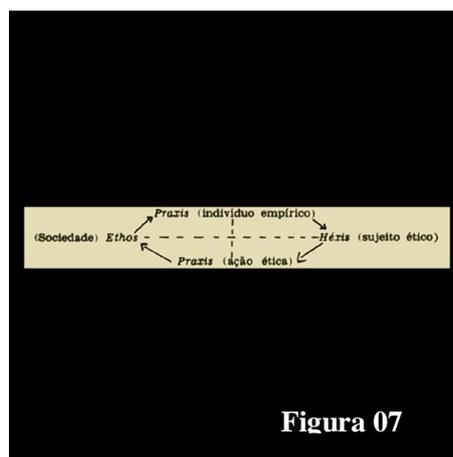


Figura 07

Na perspectiva da construção de um *ethos*, um todo relativamente homogêneo que expressa a forma de ser e estar de uma certa cultura, a admissão de indivíduos diferenciados pelo seu fazer técnico torna-se problemática, pois que a diferença romperia com a unidade primeira e necessária à concepção de *ethos*. Contudo VAZ (1988) admite as sutis diferenças existentes no interior desse conjunto maior que é o *ethos*:

*“Se admitirmos que a sociedade é um ‘conjunto de conjuntos’, como quer Fernando Braudel, devemos enunciar como condição necessária e suficiente para que os subconjuntos sociais pertençam ao conjunto maior ou à sociedade como um todo, a possibilidade de se definir essa pertença não apenas como um fato ou descritivamente, mas também como um valor ou axiologicamente, segundo a avaliação que a sociedade faz das práticas sociais que se exercem nos seus subconjuntos. Vale dizer que a pertença de uma determinada esfera de agentes e relações ao todo social se define primeiramente ao nível da sua legitimação ética, da sua participação ao ethos fundamental que constitui o primeiro dos bens simbólicos da sociedade.”*⁶⁰

Assim, o diferenciar-se a partir da *praxis* que visa especificamente o fazer técnico, que é co-determinado pela matéria e pelo indivíduo empírico, pode ser entendido como “*formas particulares de ethos*”.⁶¹ Trata-se no contexto do *ethos*, de um grupo de indivíduos que apresentam nuances específicas mas que permanecem articulados pelo mesmo *ethos*. Assim é conceituável que por seu fazer próprio sua percepção e forma de se relacionar com o *ethos* seja diferenciada sem contudo opor-se a ele. Não se trata desse modo de uma negação do *ethos* original, ou mesmo de uma diferenciação radical na forma de ser e estar no mundo, mas sim de uma variação, de uma nuance de ser e estar inscrita num conjunto maior.

Retornando a argumentação anterior, é nessa relação entre o sujeito ético e o seu fazer técnico que se encontram os laços dialéticos que unificam o sujeito da ação, a própria ação e o território, representado pela disponibilidade específica dos materiais. Além do mais, essa *dia-lógica material* reforça os conceitos de *tendência* e *fato*, desenvolvidos por André Leroi-Gourhan ao sugerir que determinados contextos regionais especificam diferentemente os grupos étnicos. Assim, uma das causas dessas diferenciações étnicas pode residir exatamente na disponibilidade ou inexistência determinados materiais em determinadas regiões.

A partir dessa *dia-lógica material* que se esboça entre o sujeito empírico e o material, pode-se apontar, também provisoriamente, o termo *dialética material* tomado na abrangência do grupo étnico.

Nesse ponto o materialismo histórico descrito por Marx e Engels, pode ser articulado ao conceito de *praxis* de modo a apontar para essa idéia de *dialética material*. Esse momento indica sempre uma estreita relação entre a disponibilidade de materiais que o meio ambiente proporciona, as tecnologias a partir das quais se produz e a finalidade do objeto final, ou o artefato. Resulta dessas componentes tomadas articuladamente, a determinação suficiente e necessária à auto-expressão de uma dada comunidade que, por sua vez, coincide com o que denominaram como “*modo de produção*” e o seu correlato “*modo de vida*”. Inicialmente, conforme MARX / ENGELS (1984):

*“Como exprimem a sua vida, assim os indivíduos são. Aquilo que eles são, coincide, portanto, com a sua produção, com o que produzem e também o como produzem. Aquilo que os indivíduos são, depende, portanto, das condições materiais da sua produção.”*⁶²

Na esteira desse argumento central segue-se que as relações sociais e políticas decorrem exclusivamente desse modo de vida.⁶³

⁶⁰ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pgs. 21 e 22.

⁶¹ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 22.

⁶² MARX, K. / ENGELS, F.: *A Ideologia Alemã*, São Paulo, Editora Moraes, 1984, pg. 15.

⁶³ Os autores prosseguem com a sua argumentação central. Conforme MARX / ENGELS (1984): “*A produção das idéias, representações da consciência, está a princípio diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens, linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens aparecem aqui ainda como efluxo direto do seu comportamento material. O mesmo se aplica à produção espiritual como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., de um povo.*” *A Ideologia Alemã*, op. cit., pg. 22. E mais à frente ao discutirem a autonomia da vida vivida sobre a esfera da ideologia MARX / ENGELS (1984) escrevem: “*Não têm história, não têm desenvolvimento, são os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem esta sua realidade, mudam também o seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a*

É certo que Marx e Engels, ao apresentarem o materialismo histórico como o epicentro da crítica à ideologia Alemã, mesmo reconhecendo as relações das esferas política com a esfera da produção material, hipertrofiaram ou sobrestimaram a predominância da esfera produtiva sobre as demais. Não caberia aqui uma discussão aprofundada sobre o argumento materialista na determinação inequívoca do representar-se como sujeito ou na perspectiva da organização social ou política. Entretanto, é evidente e relevante a disposição daqueles grupos étnicos em determinar-se de acordo com suas atividades mesmo que elas não se constituam como as determinantes de seus *ethos*.

Num outro campo de conhecimento, na etnologia, quando trata da evolução técnica de comunidades históricas, LEROI-GOURHAN (1971) assegura que os estreitos vínculos entre as tecnologias e seus produtores são capazes de especificar, ou diferenciar, os mais variados grupos etnológicos.⁶⁴

Assim, à despeito da ênfase e amplitude dadas ao materialismo por Marx e Engels e, restringindo-se sua amplitude materialista à imediaticidade da *praxis* no contexto do período Paleolítico, pode-se pressupor que essa ação produtiva estendida ao grupo na circunscrição de sua territorialidade, encerra em seu movimento, o diferenciar-se desse grupo segundo a disponibilidade de certos materiais, como por exemplo: barro, pedra, bronze, vidro, etc..

Por conseguinte, esse constante especificar-se em relação ao material dado, desdobra-se em hábitos e costumes inerentes àquela *praxis* específica o que, por seu turno, reverte-se em *ethos* na forma dos hábitos e costumes dada por sua interiorização no movimento de “*Circularidade Dialético do Ethos*”. Eis porque as habilidades de determinados grupos de produção são constituídos da forma como são: os oleiros, os pedreiros, os fundidores, os vidreiros, etc.. Conforme se viu anteriormente tratam-se de “*formas particulares de ethos*”.

Assim, as implicações dessa *dialética material* na perspectiva estrita da abundância de determinados materiais, reforçam a crença de que certas constâncias de ordem tecnológicas especificam seus sujeitos empíricos diferentemente a partir do seu fazer. Dito ainda de outro modo, todos os materiais, por suas características específicas, determinam certas rotinas do fazer face a finalidade do artefato. As várias determinações dessas rotinas especificam uma constância no fazer, as quais por sua vez, implicam numa regularidade da *praxis*. Sendo a *praxis* o momento constitutivo no interior da passagem do sujeito empírico à universalidade do sujeito ético, segue-se então que, a partir do seu fazer técnico, ou *téchne*,⁶⁵ essas regularidades encontram subsumidas numa ordem dos futuros *ethoi*.

Sinteticamente, a disponibilidade de certos materiais contribui para certas regularidades do fazer que mais tarde se desdobrarão em hábitos e costumes que, por sua vez, constituirão os elementos distintivos das diversas culturas mesmo que situadas numa mesma perspectiva de necessidades humanas. Ou ainda, sinteticamente: a região na qual a cultura se instala é subsumida na *dialética material* na forma diferenciada dos *ethoi*.

O argumento favorável à *dialética material* não é de todo inconcebível. Durante um certo momento, a *téchne* foi tomada como referência à formulação de uma ciência do *ethos*. Segundo VAZ (1988), quando discute o surgimento de uma ciência do *ethos*, ou a Ética, na Grécia socrática, indica que na passagem da opinião à razão, a *téchne* surge inicialmente como uma referência analógica ao desenvolvimento da Ética.

“*O problema que se colocará a partir de então será o da crítica do ethos fundado sobre a opinião e a justificação do ethos segundo a razão: e é no contexto desse problema que Sócrates pode ser*

consciência.” *A Ideologia Alemã*, op. cit., pg. 23. Assim são claras as profundas relações entre a vida vivida e a materialidade nela implicada. Ambas as faces constituem um todo articulado e indissociável.

⁶⁴ O autor assegura que somente a tecnologia é capaz de revelar objetivamente o que sabemos dos antepassados do homem moderno. Seu raciocínio é claro: “*A etnologia é constituída por várias disciplinas cuja complementaridade conduz, pelo menos em princípio, à compreensão dos laços que congregam os indivíduos em grupos étnicos particulares. ... A tecnologia constitui um ramo particularmente importante entre as disciplinas etnológicas, pois é a única que evidencia uma continuidade total no tempo, é a única que permite apreender os primeiros atos propriamente humanos e acompanhá-los de milênio em milênio até ao limiar dos tempos atuais. ... O testemunho das técnicas é portanto precioso, pois é nele que assenta a possibilidade de não confundir aquilo que supomos terem sido os primeiros passos da humanidade com aquilo que dela conhecemos objetivamente.*” *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, op. cit., pgs. 11 e 12.

⁶⁵ “*téchne: officio, habilidade, arte, ciência aplicada.*” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 224.

considerado, como quer Aristóteles, o verdadeiro iniciador da ciência do ethos. ... Com efeito, a introdução explícita do argumento teleológico na concepção socrática da virtude acaba favorecendo a analogia com a competência técnica (téchne) nas tentativas de formulação da racionalidade da conduta: a idéia da virtude como téchne constituirá o ponto de partida da reflexão ética de Platão.”⁶⁶

Nessa perspectiva, onde a lida constante de um determinado grupo de homens com tipos específicos de materiais disponíveis em regiões definidas, faz emergir uma mesma perspectiva tecnológica, ou um mesmo *medium* tecnológico. Por sua vez, será esse mesmo *medium* tecnológico que conformará, ou estabelecerá algumas reciprocidades, entre os hábitos e costumes tornando-os de certo modo específicos de determinadas culturas. A certa altura da vida grega, essas homologias são de tal ordem que a *téchne* é colocada centralmente na concepção inicial da ciência do *ethos* ou da Ética.

Assim, os dois raciocínios apresentados, o primeiro de acordo com os conceitos de *tendência* e *fato* e o segundo conforme o *materialismo histórico* de Marx e Engels, encontram-se atualizados na perspectiva da formação do *ethos* segundo a “*Fenomenologia do Ethos*”⁶⁷ descrita por Henrique C. de Lima Vaz.

Além do mais, depreende-se também desses dois raciocínios que as culturas, tomadas comparativamente e numa perspectiva estrita da necessidade ou função de seus artefatos, são iguais, pois esse artefatos referem-se sempre às idênticas necessidades do humano. Por outro lado, esses artefatos se diferenciam quanto à sua forma final na dependência direta da região de onde provêm. Assim, a formação do *ethos*, tomado sob o ponto de vista da sua materialidade, se coloca entre a universalidade do humano e a contingência do regional.

É então, essa constância tecnológica que evolui lenta e milenarmente, uma das indicações dos diferentes grupos etnológicos. São essas diferentes relações com o meio ambiente uma das forças que conformam o entendimento e que posteriormente irão representar-se nos espaços construídos. A sua abordagem se fez necessária no contexto dessa dissertação pois indica a possibilidade de utilizar elementos de ordem material como argumentos de futuros raciocínios nesse abstrato domínio que é o da Ética.

Eis como as diferenças culturais foram, de certo modo, determinadas pela situação geográfica das primitivas ocupações humanas. Claro é que não se deve atribuir o aparecimento das diferentes culturas apenas às questões de ordem tecnológica e geográfica. Esse é um argumentos por demais restritivo e certamente implicaria em erros de abordagem já que, muito provavelmente, outros elementos e determinações colaboraram para tais diferenciações. Entretanto, na perspectiva da Paleontologia e da Arqueologia, seriam necessárias que novas descobertas evidenciassem outros tipos de registros a partir dos quais outras leituras fossem possíveis sobre o período Paleolítico.

2.2. A Captura do Fogo: A Primeira Abstração Materializada.

O Domínio das Tecnologias do Fogo / Um Mundo Ampliado Pelo Fogo / O Fogo Celeste e a Esfera Terrena: A Alteração da Perspectiva Intuitiva.

Uma outra descoberta ou domínio não menos importante, contribuiu para que as relações com o meio ambiente natural fossem grandemente alteradas: o domínio das técnicas de controle do fogo, ou do *fogo celeste*.

O fogo, esse elemento familiar e dominado há séculos, talvez tivesse significados bem mais amplos do

⁶⁶ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pgs. 45 e 46.

⁶⁷ A “*Fenomenologia do Ethos*”, in: *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pgs. 11 a 36, será abordada com maior acuidade oportunamente.

que os explorados pelos autores consultados. Os comentários de DURANT (1966),⁶⁸ restringem-se apenas a situar historicamente a sua dominação, ELIADE (1993),⁶⁹ sequer o coloca entre as formas hierofânicas e LEROI-GOURHAN (1971), expõe que poucas aquisições humanas excitaram tanto a imaginação humana.⁷⁰ Contudo, esse autor não comenta nada que ultrapasse as descrição das diferentes tecnologias apropriadas para a sua obtenção, conservação ou o seu uso.⁷¹

A **figura 08**⁷², ao lado, mostra algumas dessas tecnologias recolhidas a partir de LEROI-GOURHAN (1971). Tratam-se de **tecnologias apropriadas**, pois que desenvolvidas de acordo com as possibilidades materiais e características específicas do meio ambiente natural e ainda de acordo com o que se denominou acima de *propriedades culturais*. São ainda formas de reificação do *fogo celeste*.

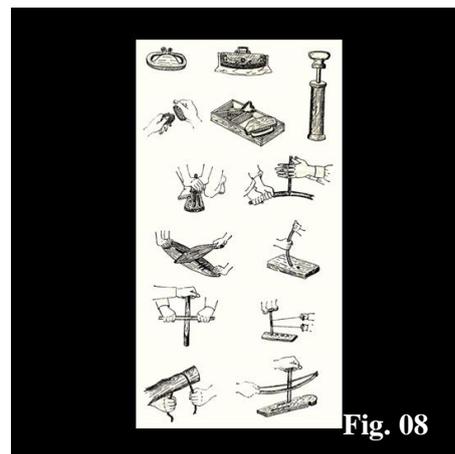


Fig. 08

Contudo sabe-se que o fogo participava de um sem-número de ritos religiosos, festividades, sacrifícios e tudo o mais que se possa imaginar em termos de religiosidade. Não se sabe se por prudência ou por ausência de provas concretas, a abordagem desse episódio da história da humanidade é sempre parcimoniosa, sempre objetiva e fixada nas benesses de ordem material ou do conforto imediato. Assim os argumentos aqui expressos não possuem sustentação satisfatória no que se refere às provas materiais, mesmo porque, aparentemente elas não existem e nem existirão. Por outro lado, nenhum argumento expressamente contrário à abordagem aqui experimentada foi encontrado. Fica então a advertência: essa abordagem conta apenas com a plausibilidade de seus argumentos.

Inicialmente, o uso do termo *fogo celeste* quer designar uma qualidade do fogo que se coloca para além de suas propriedades **positivas**,⁷³ ou propriedades que não referem-se diretamente às coisas que o seu domínio propiciou.

Com isso quer-se dizer que as benesses de ordem pragmática advindas do domínio do fogo por si só não explicitam outros elementos tão consideráveis quanto importantes. Tratam-se certamente de elementos de ordem mais abstrata, menos palpáveis. Nesse contexto, é somente a partir de sua utilização nas antigas práticas ritualísticas que seu significado pode ser ampliado e remetido a tempos mais distantes.

⁶⁸ A *História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, op. cit., pg. 67.

⁶⁹ ELIADE, M.: *Tratado de História das Religiões*, São Paulo, Martins Fontes, 1993, todo o livro.

⁷⁰ “Poucas aquisições humanas excitaram tanto a imaginação. A conquista do fogo surge como símbolo do combate espetacular que o homem das cavernas travou contra os elementos.” *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, op. cit., pg. 51.

⁷¹ *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, op. cit., pgs. 51 a 58.

⁷² Eis os comentários sintetizados da **figura 08** relacionados segundo três tipos de percussões diferentes: “**A) percussão oblíqua-arremessada:** 1 - Acendedor de ferro contra sílex, Rússia. 2 - Acendedor de ferro contra sílex e o modo como se batem as partes próximo à estopa. 3 - Acendedor de ferro com bolsa para a pedra e a estopa, Sibéria, Buriate. 4 - Caixa com três divisões para o acendedor de lâmina de ferro, a pedra e a estopa, Japão, séc. XIX. 5 - Acendedor de êmbolo: é um cilindro de madeira dentro do qual se movimentava um êmbolo que tem a estopa na extremidade. Aplicando uma pancada violenta no punho do instrumento, comprime-se o ar no cilindro e a elevação da temperatura é suficiente para levar a estopa à ignição. Bornéu, Daiaque. **B) Percussão oblíqua-apoiada (predominam na Oceania):** 6 - Fogo por percussão oblíqua-apoiada, Melanésia. 7 - fogo obtido raspando um escudo com um propulsor, Austrália. 8 - Jogo infantil, Ucrânia. 9 - Fogo de uso mágico obtido raspando uma acha, Noruega. **C) Percussão circular:** 10 - Vareta rolada com as palmas das mãos, África, Saara. 11 - Vara-berbequim, Argentina. 12 - Vareta com corda, Groenlândia ocidental. 13 - Vareta com arco, Sibéria.” *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, op. cit., pgs. 53 a 55 e 244, respectivamente.

⁷³ O termo **positivo** relaciona-se à tonalidade objetiva emprestada à ciência e os seus descobrimentos pela escola positivista de Auguste Comte. Isso o prova a sua acepção vulgar constante nos dicionários. “**Positivismo.** [Do fr. *positivisme.*] S.m. Filos. Conjunto de doutrinas de Auguste Comte, filósofo francês (1798-1857), caracterizado sobretudo pelo impulso que deu ao desenvolvimento de uma orientação cientificista ao pensamento filosófico, atribuindo à constituição e ao processo da ciência positiva importância capital para o progresso de qualquer província do conhecimento; comtismo.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 1120. Complementando: “**Positivismo.** No seu sentido mais restrito e de acordo com o seu significado histórico ‘positivismo’ designa a doutrina e a escola fundadas por Auguste Comte. ... Como teoria do saber, o positivismo nega-se a admitir outra realidade que não sejam os fatos e a investigar outra coisa que não sejam as relações entre os fatos. Pelo menos no que se refere à explicação, o positivismo sublinha decididamente o como e evita responder ao quê, ao porquê e ao para quê. Junta-se a isso, naturalmente, uma decidida aversão à metafísica e isso a um extremo tal que, por vezes, se considerou que esse traço caracteriza insuperavelmente a tendência positivista.” MORA, J. F.: *Dicionário de Filosofia*, Portugal, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1982, pgs. 387 e 388.

Exemplificando: o relâmpago que provoca incêndios, estará, num futuro ainda longínquo, associado a Zeus.⁷⁴

Antecedendo em milhares de anos ao Mito de Prometeu, questões sobre como conseguir o fogo, sua primeira ignição, como conservar sua chama e sua utilização, foram lentamente solucionadas. Essa descoberta propiciou a ampliação do espectro de gêneros comestíveis e conseqüentemente o aumento populacional. Mais do que isso o fogo significou a conquista da segurança em dois sentidos: como arma e a possibilidade de visão noturna. Esses são os elementos de ordem positiva.

Contudo, para além de propiciar esses avanços e conquistas positivas, como a ampliação do espectro de gêneros comestíveis pela cocção, a proteção contra o frio e os animais selvagens, enfim, aquisições que tornassem a vida menos árdua, a dominação do *fogo* chamado *celeste* provavelmente representou a primeira relação materializada com uma entidade abstrata, com a intuição do divino, dado que o seu domínio agora o colocava ao alcance das mãos.⁷⁵

Hoje se sabe ser o fogo uma reação química, seu brilho e calor advêm de certas propriedades de certos materiais e que tudo se passa numa escala de observação infinitamente pequena, molecular, inalcançável aos olhos e à percepção daqueles homens do período Paleolítico. Do amplo espectro de coisas existentes no mundo daquela época poucas coisas poderiam despertar maior interesse e medo simultaneamente. Se por um lado suas características físico-químicas eram absolutamente desconhecidas, por outro, sua proveniência também era assustadora. Ou o fogo se apresentava a partir das erupções vulcânicas, ou era visto a partir das descargas elétricas dos relâmpagos. É diante dessas duas possibilidades, sua emergência tectônica ou sua aparição celeste, que o fogo ganha conotações as mais variadas e sempre associadas a uma instância superior e insuperável: metafísica ou divina.

O fogo habita duas esferas diametralmente opostas, uma humana, onde se pisa, onde se vive, a terra, a esfera dos vulcões. Outra celeste, inalcançável, inatingível, impossível: os céus, a esfera celeste. Nessa perspectiva de procedências antagônicas e de sua própria imaterialidade, nada poderia ser mais distante da ordem normal das coisas. Assim, o fogo, muito antes de significar a posse de algum conforto, era incompreensível por sua própria natureza e, não espanta o fato de que em várias culturas posteriores ao seu domínio tê-lo considerado como uma reificação do divino, do distante e do abstrato transposto à esfera terrestre.

Inexplicável, inapreensível, intrigante, brilhante, quente, mágico, destrutivo, dúbio. Assim o domínio do fogo, apesar de não existirem comprovações cabais, abriu a perspectiva da experimentação do mundo, alterou as formas de ser e estar no mundo. O seu controle, na condição de elemento sagrado e reificado, pois, posto na ordem normal do mundo sob o domínio do humano e não mais do divino, se não significava o próprio controle do divino, indicava no mínimo, uma grande aproximação entre as duas esferas: a humana e a divina.

Pelo fogo o homem assenhora-se do divino, do que está para além da normalidade do mundo físico, do então metafísico, ali materializado e posto sob o seu domínio. Ali materializado e posto sob o domínio humano, estabelece-se definitivamente um arco entre duas esferas antes intangíveis. O domínio do fogo, ou o fazer de sua primeira ignição e sua posterior conservação, pode ter significado para aqueles homens um equiparar-se com uma ordem de coisas ao mesmo tempo imaterial e divina. Colocou o homem numa invejável posição de potência em relação ao mundo natural já que significa ao mesmo tempo as capacidades da vida e da destruição.

Nessa ordem, abrem-se novas e corajosas perspectivas de apreensão e intuição, o mundo jamais poderia ser igual aos olhos daqueles homens. O grau de importância é tal que milhares de anos depois o Mito de

⁷⁴ Conforme ELIADE (1993): "... Zeus conserva os valores onomásticos de 'brilho' e 'dia' e, etimologicamente, esse termo está tão relacionado com dios como o latim dies. Mas, evidentemente, não devemos limitar o seu domínio àquilo que se chamou abusivamente 'o céu sereno, luminoso, brilhante', considerando as suas funções meteorológicas como desenvolvimentos ulteriores ou influências estrangeiras. A arma de Zeus era o raio, e os lugares batidos pelos relâmpagos, Enelysia, eram-lhe consagrados." *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 72.

⁷⁵ Ver ANEXO 05 "A Antigüidade do Fogo" sobre as controvérsias das datações dessas tecnologias e o plausível cenário de irracionalidade no qual se deu o seu controle.

Prometeu é criado no interior do sistema cosmogônico Grego como atestado da potência humana frente aos deuses.

Séculos depois, já na **Grécia Helênica**, ou no período helênico grego, o fogo sagrado continua a ter seus significados nos cultos familiares. São os deuses lares simbolizados numa chama cuidadosamente sempre acesa. Segundo PUECH (1986):

“A lareira, (hestia) era motivo de um culto cuja origem remonta ao passado indo-europeu. A chama que lá ardia materializava a permanência da família, e assim como em Roma, era uma grave falta deixá-la extinguir-se. O cântico homérico a Afrodite elucida as principais prerrogativas da deusa Hestia narrando uma das raras lendas que circulavam a respeito. Segundo o poeta, Héstia haviam recusado as insinuações de Apolo e de Posídon para consagrar-se a uma eterna virgindade, o que significa que o fogo sagrado deve permanecer livre de toda mácula: Hesíodo recomenda abster-se de todo ato inconveniente ante a sua presença. Parece que quando falecia um membro da família deixava-se que o fogo se apagasse para que fosse reaceso ritualmente.”⁷⁶

O domínio dessas técnicas, ou a captura de algo absolutamente imaterial como é o fogo, posto se tratar de uma reação puramente química e assim ininteligível aos olhos daqueles homens, dotou-os de algo muito significativo posto para além da concreção do mundo circundante. Por seu significado inapreensível e por sua imersão num conjunto de significados que o colocava entre o celeste e o terreno, o seu domínio, pode ter representado a apropriação desse mesmo elo entre o divino e o terreno. Sua reificação nas técnicas de seu próprio controle pode ter significado um vertiginoso aproximar-se dessa esfera distante, dessa esfera ao mesmo tempo inatingível, incompreensível, e divina.

Assim, o apropriar-se do fogo pode ter significado o apropriar-se do divino, e mais do que isso, pode ter significado a potência de abertura de um certo **intuitivismo**⁷⁷ à abstração, de uma certa disposição ao **abstracionismo**⁷⁸.

Isso significa um passo definitivo para a abertura de um mundo sensorial para além da concreção do mundo. Significa a expansão de perspectivas antes jamais pressentidas e somente possíveis pela abertura no mundo do sentido da abstração. A utilização controlada do fogo pode ter implicado numa nova disposição mental frente à natureza, alterando a percepção daqueles homens de si mesmo e do mundo, implicando na dimensão da **intuição do abstrato**.

A mais contundente prova dessa potência à abstração humana aberta pelo domínio do fogo celeste encontra-se por um lado, na sua utilização permanente em suas fogueiras, e por outro na sua permanência secular no imaginário daqueles homens. Sua importância atravessou centenas de milênios de anos para reencontrar o seu destino na materialidade da escrita, no Mito de Prometeu, somente possível muito depois da estruturação da linguagem oral.

2.3. A Incipiente Construção dos Significados.

Da Coercitividade Instintiva às Hordas / A Necessidade do Sentido Teleológico / O Medium de Comunicabilidade das Pinturas Rupestres / A Aparição dos Símbolos / O Prenúncio da Escrita.

Como aquela coercitividade instintiva dos antigos hominídeos esses elementos relacionais, colocados ali, entre a materialidade das tecnologias e a abstração das apreensões do divino, vão construindo-se pouco a

⁷⁶ PUECH, H.-C.: *Historia de las Religiones - Volume 2 - Las Religiones Antiguas Vol. II*, Ciudad del México, Siglo Veintiuno Editores, 1986, pg. 272.

⁷⁷ “**Intuitivismo**. *Filos.* Doutrina segundo a qual os conhecimentos humanos se fundam em intuições.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 779.

⁷⁸ “**Abstracionismo**. 4. *Filos.* Tendência a considerar as abstrações, isto é, as representações puramente mentais, como equivalentes a realidades concretas. 5. *Filos.* Abuso de abstrações.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 13.

pouco e desdobrando-se ao bando. Eles são agora capazes de imprimir um senso comum, uma mesma direção e sentido à horda paleolítica. Esses ancestrais agem segundo aquela *coercitividade instintiva* dos antigos hominídeos que funda o núcleo familiar, sendo agora mais elaborada, ampliada na ainda distante perspectiva dos sujeitos e codificada na articulação da fala. Tornadas linguagem, as relações transbordam ao mundo, inundando-o de significados que se exprimem desde a arcaica verbalização ao conjunto de símbolos, das tecnologias e sua *dialética material* à construção do abrigo repleto de símbolos atravessados pela disposição abstrata do divino. Proporcionalmente ao silencioso aparecimento e cristalização dessas relações fundamentais o mundo vai sendo organizado segundo um sistema de códigos que antecipa em muito à construção da idéia de *ethos*.

Esses significados e elementos compartilhados, ainda que inicialmente subliminares, são suficientes e necessários à extensão da *coercitividade instintiva*. Originalmente restrita à cria, ela se expande ao grupo e, posteriormente ao bando. Indicam desde já a possibilidade de agrupamentos maiores e organizados segundo uma intenção expressa na linguagem, são elementos necessários e suficientes à coerção do grupo. Permitem as ações conjuntas com uma mesma finalidade, propiciam o aparecimento de uma vaga noção de agregação, de bando; criam, por assim dizer, as hordas.

Ao amplificarem o alcance do núcleo familiar transpondo ao grupo um sentido único, ainda que momentaneamente, esses *elementos subliminares compartilhados* imputam a esses grupos abandonados um vago, mas definitivo, senso comum; aquilo que de algum modo antecede a noção de comunidade numa distante perspectiva civilizatória. Nesse sentido, esses antigos bandos precedem os posteriores clãs, as pósteras aldeias de palafitas, as futuras comunidades e as prósperas cidadelas gregas. São as primeiras sociabilidades formadas a partir da fusão e coexistência de vários núcleos familiares.

No sentido da construção de uma Ética, esses elementos subliminares compartilhados prepararam aqueles homens para o que mais tarde se constituirá como o seu sentido de finalismo, ou **teleológico**,⁷⁹ sentido esse que somente terá sentido num cenário racional e comunicacional compartilhado por todos os homens de um mesmo *ethos*. Eles são necessários por constituírem uma mesma amálgama, por significarem uma possibilidade de comunicação de um mesmo padrão de comportamento e por direcionarem os esforços dos vários núcleos familiares num sentido comum.

Mais uma vez não há como comprovar-se o exposto no que tange às regularidades. Tudo não passam de suposições conforme o exposto por LEROI-GOURHAN (1971):

*“Não podemos, pois, equivocarmo-nos no que respeita ao valor absoluto dos conhecimentos históricos que possuímos sobre as técnicas humanas. O nosso capital é constituído por uma massa enorme de documentos muito variados, de que a maioria é muito recente, e que não representa senão a centésima parte daquilo que precisaríamos para reconstituir a nossa história destes cem últimos séculos. No respeitante à segunda metade do século XIX e ao século XX, ainda nos falta muito. Do século XV ao século XIX, as informações são escassas e extraídas de narrativas de viajantes não preparados para uma tarefa científica. Mais para trás, é a arqueologia, feita de versículos da Bíblia, excertos de autores gregos ou latinos, alusões chinesas, escavações que permitem geralmente descobrir um casebre sem mobiliário, um túmulo sem esqueleto, alguns tijolos, bronzes e artefatos de sílex. É com esses materiais ingratos que o etnólogo reconstitui a história.”*⁸⁰

Contudo, a plausibilidade dos argumentos expostos que articulam essas idéias improváveis não deve ser

⁷⁹ Inicialmente, o elemento *teleo* significa: “**tele(o)- elem. comp.**, do gr. *téleios* ‘perfeito, acabado’, que se documenta em alguns compostos introduzidos, a partir do século XIX, na linguagem científica internacional.” CUNHA, A. G. da: *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1982, pg. 761. Por outro lado: “**Teleologia**. [Do gr. *teleós*, ‘no fim’, ‘final (causa)’, + *-log(o)-* + *-ia*.] S.f. *Filos.* 1. Estudo da finalidade. 2. Doutrina que considera o mundo como um sistema de relações entre meios e fins. 3. Estudos dos fins humanos.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 1363. E finalmente, complementando a acepção; “O termo ‘teleologia’ foi empregado no século XVIII com o fim de exprimir o modo de explicação baseado em causas finais, diferentemente do modo de explicação em causas eficiente. Apelamos para a causa final ou teleológica quando, ante uma entidade ou processo, perguntamos: ‘Para quê?’ Apenas o nome é moderno: a própria idéia é antiga e o que é fundamental nela pode encontrar-se já em Platão e Aristóteles. É muito freqüente chamar *causalismo* ao modo de explicação por causas eficientes e *teleologismo* (ou *finalismo*) ao modo de explicação por causas finais.” *Dicionário de Filosofia*, op. cit., pgs. 387 e 388.

⁸⁰ *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, op. cit., pg. 23.

descartada uma vez que é grande a proximidade entre o exposto e os hábitos e costumes de tribos de caçadores e coletadores que atravessaram os séculos e chegaram aos séculos XIX e XX pesquisados por antropólogos.

Conforme será exposto mais à frente essas tribos poderiam estar situadas no tempo em perfeita sintonia com os grupos nômades do período Paleolítico se consideradas as tecnologias sob o seu domínio.

Nessa perspectiva de incipiente comunicabilidade do período Paleolítico, surgem outros indícios que apontam para a construção desses elementos subliminares compartilhados. Talvez os mais importantes para além das tecnologias, pois que

encerram a *praxis*, ou a ação humana, seja o advento das representações do mundo exterior através das pinturas rupestres. As **figuras 09**⁸¹, **10**⁸², **11**⁸³ e **12**⁸⁴, acima, respectivamente dos Cervos de Lascaux, da Rena de Lortet, as pinturas rupestres da Rodésia e do bisão de Altamira, revelam mais do que simples alegorias referidas ao mundo natural.

São variadas as abordagens sobre as artes rupestres e todas elas varrem um grande espectro de funções quer sejam de ordem simbólica ou práticas. É certo que poucos registros materiais existem de modo que se possa comprovar qualquer que seja. Contudo, um grande número de autores concordam sobre os seus significados sobrenaturais. Essa idéia mais recorrente desse significado é assim apresentada por M^c EVEDY (1979):

*“A arte figurativa talvez fosse, originariamente, estimulada pelas idéias da magia simpática; os artistas julgavam que obtinham o domínio sobre o objeto ou a situação figurada.”*⁸⁵

Por outro lado, se M^c EVEDY as reconhece com místicas,⁸⁶ BASIN apenas vê o seu realismo e DURANT

⁸¹ Legenda da **figura 09**: “Cervos desenhados sobre pedras. Caverna de Lascaux (Dordonha).” *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, op. cit., pg. 09.

⁸² Legenda da **figura 10**: “Rena gravada sobre chifre de rena, procedente da caverna de Lortet (Altos Pirineus).” *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, op. cit., pg. 13.

⁸³ Legenda da **figura 11**: “Pintura Rupestre da Rodésia.” *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, op. cit., pg. 15.

⁸⁴ Legenda da **figura 12**: “O bisão de Altamira.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 35.

⁸⁵ M^cEVEDY, C.: *Atlas da História Antiga*, São Paulo, Verbo/Edusp, 1979, pg. 22.

⁸⁶ Eis uma complementação do sentido místico das pinturas apresentado por M^c EVEDY: “A pintura policrômica do bisão, no teto da caverna de Altamira, no norte da Espanha, é uma das mais vívidas imagens criadas por artistas da última Idade do Gelo na Europa Ocidental. Muitas das pinturas em Altamira e em outros sítios da Idade do Gelo encontram-se em cavernas profundas de difícil acesso. As imagens eram pintadas sob a fraca luz das bruxuleantes lamparinas de óleo usadas pelos artistas das cavernas - desenhos misteriosos, representações em tamanho natural de espécies importantes, como o bisão, o cavalo, o mamute e a rena que percorriam a região há 20 mil anos. Embora reais, essas pinturas jamais formam cenas, mesmo quando agrupadas nas paredes das cavernas. Em muitos casos, quer pintadas, quer esculpidas, elas se sobrepõem umas às outras, sugerindo que a

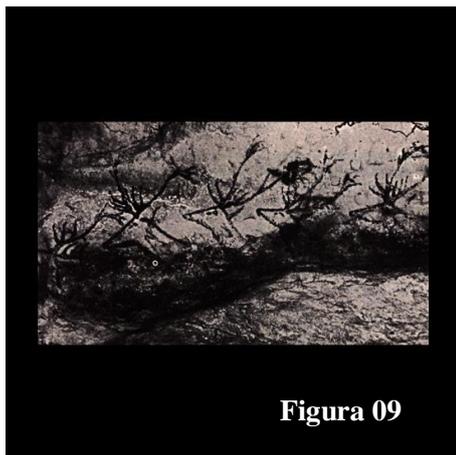


Figura 09

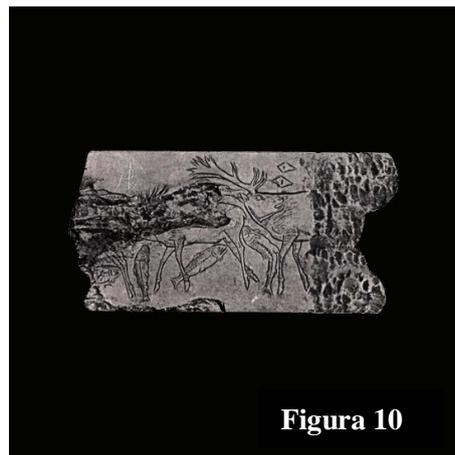


Figura 10

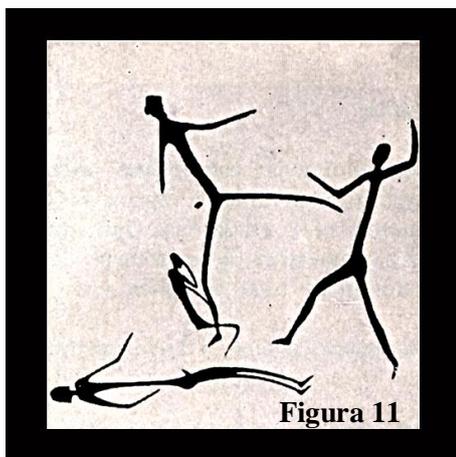


Figura 11

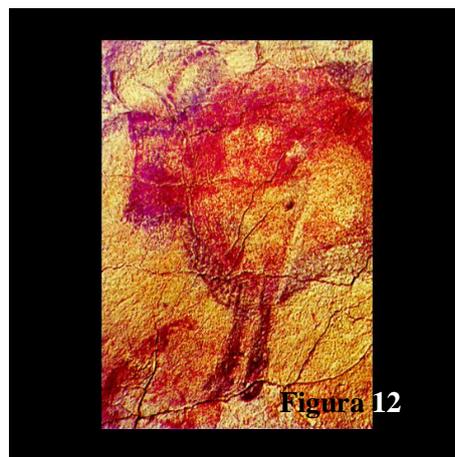


Figura 12

procura nelas algo de humano e antecipadamente civilizatório.⁸⁷ Contudo é o próprio DURANT (1966) quem apresenta a chave para o seu entendimento ao delinear uma hipótese de sucessões na cadeia evolutiva das artes a partir de sua sofisticação conceptiva e sintética:

“A pintura é uma arte requintada, que presume muitos séculos de desenvolvimento mental e técnico. Se aceitarmos a teoria corrente, a pintura provém da estatuária, pela passagem do alto-relevo e deste ao mero lineamento e ao adjunto da cor; a pintura é a mesma escultura em menor extensão.”⁸⁸

Assim, se existe um indicativo de anterioridade no sentido da conquista civilizatória esses registros são essas pinturas. Para além do significado místico que lhes é atribuído, o de colocar os animais representados sob o domínio de seus antigos caçadores, esses elementos gráficos evidentemente sinalizam os primeiros passos em direção à outra construção abstrata que se representa graficamente: a escrita.



Figura 13

Partindo da afirmação de VIEIRA (1981), de que a escrita é inicialmente figurativa entre os sumerianos,⁸⁹ e, somando-se a essa informação as figurações contidas na reprodução do Disco de Festo, mostrado acima, na **figura 13**⁹⁰, torna-se clara a hipótese de que a escrita procede dessas primeiras representações gráficas estilizadas desses homens, animais e objetos. Segue-se à figuração simples a sua estilização de modo que a forma figurativa, composta por um número maior de linhas e detalhes vai sendo vagarosamente substituída por traços mais simplificados. Esses traços menos complexos sob o ponto de vista formal evoluem para a sua representação mais simplificada ou mais esquemática.

Contudo, paralelamente à sua simplificação gráfica, ocorre a sua sofisticação sob o ponto de vista dos seus significados. Quanto mais os traços vão sendo simplificados e vão tomando as feições da futura escrita, mais eles acumulam significados variados.

Assim, esses traços simplificados tornam-se uma forma expressiva altamente sofisticada e de grande poder sintético. Eles indicam então a aparição dos **símbolos**,⁹¹ ou como quer KATZENSTEIN (1986),

própria ação de pintar, e não a imagem resultante, era importante para as comunidades da Idade do Gelo.” Atlas da História do Mundo, op. cit., pg. 35.

⁸⁷ Eis como DURANT as considera uma antecipação da civilização por sua sofisticação: *“À parte essa significação [mística], [as pinturas] eram pura arte, realizadas com a alegria da criação estética; para os simples efeitos de mágica, uma representação mais grosseira bastava; essas pinturas, entretanto, mostravam-se às vezes tão delicadas que nos entristecem - revelam que certas artes não se adiantaram muito no longo curso da história humana. Há nelas vida, ação, nobreza, e tudo realizado com grande economia de traços; uma simples linha acentua o caráter do animal - pode ser que somente essa linha subsistisse dentre as muitas outras que o artista traçasse.” A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental, op. cit., pg. 68.* Essa idéia de humanidade dessas pinturas é fundamental no contexto dessa dissertação. Mais adiante, já nos domínios da ilha de Creta, esse conteúdos humanizantes denotarão civilidade.

⁸⁸ A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental, op. cit., pg. 68.

⁸⁹ Eis como VIEIRA (1981) a origem da escrita entre os sumerianos: *“Na Ásia Menor, particularmente na Mesopotâmia, onde florescia outra grande civilização, berço de uma literatura muito rica (os sumerianos são apontados como os criadores da escrita cuneiforme, escrita originalmente figurativa que se transforma em escrita fonética), surge o livro assírio-babilônico, em lâminas de barro.” VIEIRA, R. A. A.: O Futuro da Comunicação - Da Galáxia de Gutemberg à Aldeia Global de McLuhan, Rio de Janeiro, Editora Achiamé, 1981, pg. 32.*

⁹⁰ **Figura 13** recolhida de: *I Palazzi di Creta*, op. cit., pg. 64. O Disco de Festo, foi descoberto em 1908 no palácio de Cnossos e foi datado no período que vai de 1.700 a 1.600 a.C.. Curiosamente ele não guarda nenhuma semelhança com os hieróglifos cretenses datados no período de 2.000 a 1.650. O conteúdo desse Disco ainda não foi decifrado e nem mesmo sua língua identificada com clareza. Contudo supõem-se tratar de um sistema de escrita de silabário aberto. Conforme M^c EVEDY: *“Os silabários abertos possuem apenas sinais para sílabas de consoantes e vogais, racionalização que reduz o número de sinais de centenas a cerca de oitenta. Os hititas, os eteo-cipriotas e os minóicos criaram os seus próprios silabários abertos.” Atlas da História Antiga, op. cit., pg. 40.* Especialistas atribuem a escrita do Disco de Festo ora aos cretenses ora aos hititas.

⁹¹ Eis a definição simples para o termo símbolo. Segundo KATZENSTEIN (1986): *“Basicamente, os símbolos são fórmulas sucintas, compactas, representando, significando e garantindo a presença de um contexto mais amplo. Transformam uma idéia abstrata em algo gráfico e material; esta é a função da escrita e conseqüentemente dos livros. ... Os objetos simbólicos - pinturas, sinais, palavras, gestos - são codificações que representam conceitos mentais complexos. Estes símbolos se complementam mutuamente; um só é compreensível associado a outro.” KATZENSTEIN, U. E.: A Origem do Livro - Da Idade*

“*conceitos mentais complexos*”, que se articulam segundo um todo significativo e amplo.

Os símbolos são uma das primeiras formas do homem relacionar-se com a natureza. Segundo JAFFÉ (s/d), os símbolos se colocam como uma mediação entre o mundo exterior e o homem e representam uma necessidade inconsciente de identificar-se com o que é externo:

*“A explicação psicológica subjacente é uma forte identificação entre o ser vivo e sua imagem, que é considerada a alma daquele ser.”*⁹²

Essa identificação permite outros níveis de relação com o meio ambiente. JUNG (s/d) quando trata da “*perda da alma*” entre os povos primitivos escreve:

*“Entre esses povos, para quem a consciência tem um nível de desenvolvimento diverso do nosso, a ‘alma’ (ou psique) não é compreendida como uma unidade. Muitos deles supõem que o homem tenha uma ‘alma do mato’ (bush soul) além da sua própria, alma que se encarna num animal selvagem ou numa árvore com os quais o indivíduo possui alguma identidade psíquica. ... Esta identidade entre a gente primitiva toma várias formas. Se a alma do mato é a de um animal, o animal passa a ser considerado uma espécie de irmão do homem. Supõe-se, por exemplo, que um homem que tenha como irmão um crocodilo, possa nadar a salvo num rio infestado por esses animais. Se a alma do mato for uma árvore, presume-se que a árvore tenha um espécie de autoridade paterna sobre aquele determinado indivíduo.”*⁹³

Contudo, essa forma de relacionar-se com o que lhes é externo não se restringe apenas ao seu caráter pragmático que é o da sua proteção. Essa relação desdobra-se em outras formas de interpretação e no relacionar-se com o mundo natural. Conforme ainda JAFFÉ (s/d), emergem simultaneamente à essa necessidade de identificação com o que lhe é externo, duas outras formas de representação. A primeira diz respeito às representações de ordem mítica e a segunda diz respeito às artes visuais. Assim constata-se que desde os tempos mais remotos essas duas esferas de representação encontram-se indissociavelmente interligadas de modo que ao referir-se a uma das esferas necessariamente a outra se encontra nela implicada.

É em relação a esse todo articulado e sintetizado nas representações pictóricas que JAFFÉ (s/d) se posiciona da seguinte forma:

*“Com sua propensão para criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhes assim enorme importância psicológica) e lhes dá expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais. A interligada história da religião e da arte, que remonta aos tempos pré-históricos, é o registro deixado por nossos antepassados dos símbolos que tiveram especial significação para eles e que, de alguma forma, os emocionaram. Mesmo hoje em dia, como mostra a pintura e a escultura moderna, continua a existir viva integração entre religião e arte.”*⁹⁴

Assim, a aparição desses rudimentares e inconscientes elementos abstratos transcritos numa ordem gráfica que é a pintura, busca a representação do que é externo à esfera humana, revelam o desenvolvimento de uma capacidade mental até então inexistente ou não verificada entre os hominídeos precedentes.

Essa capacidade mental, que surge agora no período Paleolítico, de identificar-se com o que é externo e que se expressa pela linguagem do mito representada pelas pinturas rupestres, além de prenunciar o registro das formas míticas primitivas, vão se desdobrar primeiramente nas **cosmogonias**⁹⁵ e posteriormente nas religiões, constituindo-se em parte fundamental das primitivas **hierofanias**.⁹⁶

da Pedra ao Advento da Impressão Tipográfica no Ocidente, São Paulo, Editora Hucitec, 1986, pg. 10.

⁹² JUNG, C. G. (vários autores): *O Homem e Seus Símbolos*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 3ª edição, cap. 4, s/d. pg. 235.

⁹³ *O Homem e Seus Símbolos*, op. cit., pg. 24.

⁹⁴ *O Homem e Seus Símbolos*, op. cit., pg. 232.

⁹⁵ “**Cosmogonia**. [Do gr. *kosmogonia*]. S. f. Astr. Ciência afim da astronomia, e que trata da origem e evolução do Universo.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 393.

⁹⁶ **Hierofania**: “Qualquer coisa que torna manifesto tudo o que é sagrado.” Conceito extraído de: *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 02.

Muitos séculos mais tarde a mitologia grega estará repleta de símbolos divinos atribuídos cada qual à representação de uma divindade de seu panteão.⁹⁷ São esculturas, pinturas, jóias, vasilhames sagrados, altos-relevos e até mesmo a forma acabada dos templos gregos. Esses símbolos encontram-se na mesma linha evolutiva que se esboça das esculturas às pinturas e que vão sendo incessantemente trabalhados por gerações inteiras de homens a cada século. É, no fundo, a mesma forma de relacionar-se com o mundo exterior que vai se adensando, que vai sendo crivada de novos significados cada vez mais complexos e interligados.

Essas representações encerram também um mesmo *medium* de comunicabilidade semelhante às tecnologias e, de certo modo, são os primeiros registros do comunicar-se e prenunciam os primeiros esforços do que mais tarde irá constituir-se como as linguagens escritas. Eis, segundo KATZENSTEIN (1986), como a noção de *medium* de comunicabilidade se expressa através da adoção de signos na virada do período Paleolítico ao período Mesolítico:

“Muito antes de o homem ser capaz de falar e escrever, ele comunicava suas experiências interiores, pensamentos e sentimentos por meio de um grande número de elementos não-verbais, de um complexo de gestos - movimentos de todo o corpo ou suas partes - ,por meio do olhar, do silêncio. Ainda hoje usa essa forma para se comunicar; quase tudo que faz, consciente ou inconscientemente, expressa pensamentos e sentimentos; podemos chamá-la de ‘linguagem’ e substitui e comunica tão bem ou até melhor do que as palavras. Nela se inclui a linguagem articulada pelo próprio homem e compreendida por todos os seus sentidos, desde tempos imemoriais, e que é a linguagem simbólica. Cada membro de um grupo entendia o significado dos gestos, palavras, ruídos e odores de sacrifícios, o perfume do incenso que acompanhava seus rituais. Os símbolos foram os meios através dos quais o homem conseguiu sair do estado animal de inconsciência, para a primeira fase de consciência.”⁹⁸

É somente a partir da evolução desses primeiros gestos, desses tímidos rituais ou da identificação própria no mundo exterior e na perspectiva dos *elementos subliminares compartilhados*, que se poderá dizer de uma associação humana eficiente ou dotada de um sentido teleológico. Contudo, o cenário de dispersão e de impossibilidade de fixação numa mesma região geográfica contribui para que essas hordas de caçadores e coletadores encontrem formas mais sofisticadas de ser e estar.

Mas se a história do homem e as suas formas associativas ainda têm muito a percorrer, os primeiros passos encontram-se devidamente fundados: as pinturas rupestres. Elas cumprem inequivocamente o seu papel de primeiros e rudimentares elementos gráficos de comunicação que, mais tarde, simplificados, sintetizados e preenchidos de significados extensíveis a uma dada população, originará a escrita.

Esses elementos gráficos encontram-se perfeitamente sintonizados no interior da disposição mental que conforma uma mesma atitude grupal. Situam-se na mesma perspectiva da necessidade associativa desses humanos. Essas representações do mundo exterior compõem o mesmo cenário dos elementos subliminares compartilhados e indicam uma extraordinária amplificação dos sentidos e significados que, posteriormente desembocarão na cultura e na civilização.

2.4. O Cenário dos Povos Caçadores e Coletadores.

A Instabilidade Territorial dos Povos Caçadores / Uma Nova Visão do Comportamento do Povos Coletadores / A Impossibilidade da Aparição das Constâncias do Ser e do Estar / A Impossibilidade de um Ethos / A Estabilidade Climática: Uma Nova Perspectiva Humana.

⁹⁷ Exemplificando a partir de JAFFÉ (s/d): “Na mitologia grega encontramos inúmeros símbolos animais. Zeus, o pai dos deuses, muitas vezes se aproxima das jovens a quem ama sob a forma de um cisne, um touro ou águia.” *O Homem e Seus Símbolos*, op. cit., pg. 238.

⁹⁸ *A Origem do Livro - Da Idade da Pedra ao Advento da Impressão Tipográfica no Ocidente*, op. cit., pg. 09.

Conforme o exposto, no lento caminho da evolução humana os Australopithecíneos inicialmente convivem com outras formas humanas e posteriormente são por elas substituídos. Assim a Europa assiste à sua ocupação pelo homem de **Neanderthal**, e posteriormente, pelo **Cro-Magnon**.⁹⁹

Esse período é tido por excelência como o período dos povos caçadores e coletadores. O cenário onde se descrevem suas relações ainda é o mundo natural. São grupos mais adaptados em relação aos Australopithecídeos e se organizam em maior número sendo comum a convivência de vários grupos familiares. Suas migrações circunscritas a uma mesma territorialidade são prescritas pelo deslocamento da caça. Assim, ao que tudo indica, esses homens ocupavam oportunamente as cavernas por períodos não muito prolongados. Também há indícios de que essas cavernas eram visitadas com alguma frequência, provavelmente quando as condições de caça assim o propiciasse ou quando a inclemência do clima assim os forçasse. O significado da permanência nessas cavernas, ainda que temporária, é muitas vezes atribuída ao conforto e ao descanso por pensadores mais retos. Mais uma vez a escassez de registros parece desautorizar quaisquer abordagens mais elaboradas. Normalmente suas relações com o meio ambiente são descritas segundo um constante e violento embate com a natureza hostil. Contudo, estudos realizados no início desse século indicam condições diferentes dessa violenta forma de relacionarem-se com o mundo.

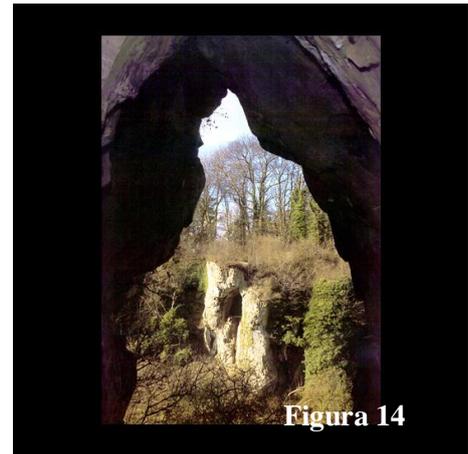


Figura 14

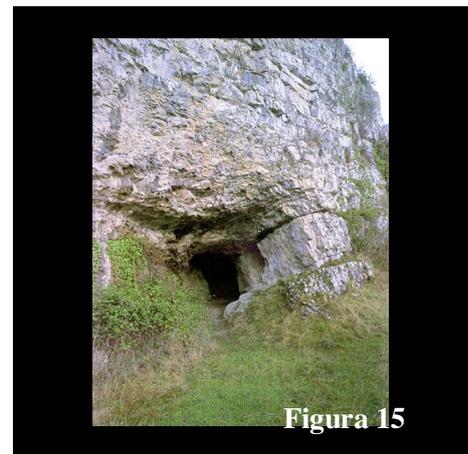


Figura 15

As **figuras 14**¹⁰⁰ e **15**¹⁰¹ mostram duas cavernas inglesas onde essas cenas paleolíticas aconteciam nos finais da última glaciação. Os cenários são desoladores. Nada há ali que indique quaisquer registros de uma vida que ainda não fosse animal. Essas são as primeiras formas de habitabilidade de caráter permanente encontradas pelo gênero *Homo*.

Entretanto, mesmo permanecendo ou revisitando certos locais de caça e coleta abundantes, esses homens não puderam estabelecer vínculos constantes em seus territórios. Apesar de seu nomadismo estar sempre circunscrito a áreas geograficamente determinadas seria necessário mais tempo nessas regiões de modo que as sensações de permanência e estabilidade pudessem ser experimentadas e posteriormente organizadas ou coordenadas, o que possivelmente desembocaria numa esfera de ser e estar no mundo de acordo com algum estilo de vida.

Contudo mesmo que isso fosse possível, os poucos registros encontrados não indicam nenhuma forma articulada de relacionar-se com o meio ambiente que não as pinturas rupestres. Assim, estes homens, o Neanderthal e seu sucessor o Cro-Magnon, contemporâneos por volta de 20.000 a.C., não apresentavam condições de relações mais estáveis e regulares em seus territórios. A busca constante por alimentos, peles, materiais e mais o que fosse, não propiciava a propagação de uma rotina.

O sentido de permanência é algo impossível, inefável, incompreensível, obscuro. Não há o repetir-se dos mesmos atos que desemboca em alguma constância dos hábitos e costumes. Há somente a impossibilidade uma conduta regular, um padrão, mesmo que irracional, a ser seguido. Impera a

⁹⁹ Ver **ANEXO 06** “O Neanderthal e Cro-Magnon, a Precedência dos Costumes, o Estilo de Vida dos Coletadores e a Variação do Clima do Globo” para complementar a visualização do homem de Neanderthal e do Cro-Magnon inscritos em seu meio e temporalidade.

¹⁰⁰ Exemplificando a partir de JAFFÉ (s/d): “Na mitologia grega encontramos inúmeros símbolos animais. Zeus, o pai dos deuses, muitas vezes se aproxima das jovens a quem ama sob a forma de um cisne, um touro ou águia.” *O Homem e Seus Símbolos*, op. cit., pg. 238.

¹⁰¹ Exemplificando a partir de JAFFÉ (s/d): “Na mitologia grega encontramos inúmeros símbolos animais. Zeus, o pai dos deuses, muitas vezes se aproxima das jovens a quem ama sob a forma de um cisne, um touro ou águia.” *O Homem e Seus Símbolos*, op. cit., pg. 238.

necessidade de sobrevivência face ao mundo intuído e percebido como algo incessantemente estranho pois ele está lá, fora do corpo, mas ao mesmo tempo próximo pois que indistinto do estatuto humano e é nele que se vive.

A diferença por uma alimentação mais abundante residia na diferença entre o arpão liso e o arpão denteado, reside em pequenas aquisições e evoluções técnicas que tornem a sua sobrevivência um pouco mais confortável e que talvez lhes prolongue um pouco a vida com provisões mais generosas. É notável a persistência desses grupos de caçadores e o tema da extinção de determinados animais pela caça predatória é mais antigo do que se pensa.¹⁰²

Entretanto, à revelia da destreza da caça e das tecnologias desenvolvidas para tal, a vida transcorre segundo um contínuo temporal indistinto; a vida é vivida em sua completa imediaticidade. Somente as necessidades mais básicas são as grandes propulsoras de todo e qualquer ato. Nessa perspectiva, não há como referirmo-nos a uma constância, quer ao nível do território, quer ao nível dos hábitos e costumes. Essa inconstância instalada no âmago daqueles seres e em suas ações somente será superada, ou atualizada, a partir da fixação desses grupos nômades em territórios definidos com o surgimento da agricultura.

É inegável que caso houvesse certa intuição de comunicabilidade, expressa nas pinturas rupestres, e também que existisse um nebuloso senso de espírito associativo, evidenciado pelo exercício da caça em grupo. Contudo esse senso associativo era apenas suficiente para que aquelas pequenas aquisições tecnológicas pudessem ser disseminadas no interior do grupo ou mesmo transmitidas a outros grupos. A noção de ordenação da vida ainda se encontrava absolutamente distante no tempo.

Para que esses grupos de caçadores nômades ascendam à ordenação de seu grupo, alguns passos ainda deverão ser seguidos. Numa ordem de simultaneidade, esses seres deverão ainda ser capazes de intuir as primeiras técnicas de domesticação de animais e outras técnicas de plantio, ou, os rudimentos da pecuária e da agricultura além de fixarem-se numa região geograficamente definida. Será somente a partir da conquista de uma territorialidade mais definida e também, em detrimento do abandono gradativo das práticas de caça, e das possibilidades de aquisição de alimentos pela criação de animais e posteriormente do plantio de vegetais, que esses grupos poderão se articular em torno de condutas ordenadas. Essas parecem ser as prerrogativas necessárias à lenta construção dos costumes e dos seus significados.

Assim, não há como mencionar um *ethos*, não há como revelar normas ou interditos, regras ou leis. A vida é vivida em sua imediaticidade, verifica-se um contínuo de ralações que não estabelece vínculos causais entre a natureza, o agir e o conhecimento. Talvez essa seja mais uma razão para que esse espécime antropóide sequer seja reconhecido como nosso ancestral.

Existem ainda outras razões, decorrentes de uma única alteração em seu *habitat*, para que ocorra uma transformação fundamental na forma desses seres experimentarem o mundo exterior: a lenta e gradual transformação climática de todo o globo terrestre. Essa parece ter sido a grande razão que impulsionou não só profundas transformações desses homínídeos nos seres humanos e sua forma de relacionarem-se com o meio ambiente, como também alterou radicalmente todas as outras formas de vida na terra.

Ali no final do Paleolítico e no limiar do Mesolítico o globo passa por essa grande transformação climática ¹⁰³ provocada pelo aumento de 10 a 12 graus centígrados nas médias de temperatura, o

¹⁰² Segundo o *Atlas da História do Mundo*, “Caçadores paleolíticos, usando lanças e setas com pontas de sílex de precisão letal, já haviam começado a exterminar as outrora numerosas espécies animais. Em 15.000 a.C., o mamute estava em extinção na Eurásia setentrional e tronou-se presa dos caçadores da América do Norte. Cerca de 11.000 mil anos atrás, as pastagens do oeste e sudoeste americano tinham vida animal abundante: o bisão gigante com chifre de quase 2 m, animais altos da família dos castores (*casteróides*), camelos, bichos preguiça de chão, alces, duas espécies de bois almiscarados, variedades de felinos, mastodontes e três tipos de mamutes - peludo, columbiano e imperial. A população humana cresceu; mas, em mil anos, a maioria desses animais desaparecera, incluindo todos os cavalos, reintroduzidos pelos europeus depois de Colombo.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 36 e 37.

¹⁰³ Claro é que essa transformação não se dá de modo abrupto. Os milênios do período Paleolítico estão aí também contabilizados. Segundo M^c EVEDY (1979): “O período do Paleolítico superior termina durante o nono milênio a.C., quando se dá um rápido, posto que largamente transitório, movimento do clima e uma modificação mais permanente da flora e da fauna da Europa.” *Atlas da História Antiga*, op. cit., pg. 22.

suficiente para provocar o degelo das calotas polares e elevar o nível dos oceanos em 140 metros. Desde então as temperaturas médias do globo encontram-se relativamente estáveis e iguais às que se conhece atualmente.

Essa modificação climática modifica substancialmente as condições de vida sobre a terra. Além do aumento confortável das temperaturas médias a partir do gradual degelo, regiões que antes eram ocupadas pelas geleiras expõem o seu solo às espécies vegetais que ali se fixam e estabilizam suas características básicas. Segue-se à expansão da flora a expansão da fauna que diante da abundância de suprimentos vegetais ampliam os seus territórios e retomam o crescimento populacional. Segundo essa cadeia alimentar básica os predadores humanos também crescem numericamente e ampliam a sua dispersão pelo globo em busca de caça e ocupando as áreas anteriormente geladas.

Assim o clima promoveu o que a evolução biológica, tecnológica ou intuitiva ainda não havia propiciado: a estabilidade do meio natural e a sua amplificação territorial. A partir de então, os saltos qualitativos e quantitativos passam a ser gigantescos se consideradas as eras mais remotas. Nessa perspectiva não causa espanto que o primeiro paradigma de estabilidade e ordem de alguns povos e culturas repousasse na morna e generosidade regularidade do mundo natural, o que entre os gregos se denominará imanência da *physis*.

CAPÍTULO 3.

O Período Mesolítico: A Ordem do Mundo nas Representações do Sagrado.

3.1. O Cenário Mesolítico. *A Transição do Mesolítico / A Proliferação das Tecnologias / Os Primeiros Fazendeiros / A Centralidade e a Circularidade / A Centralidade do Sagrado / As Hierofanias Como as Primeiras Ordenações do Mundo / O Sagrado e o Profano Nas Construções Mesolíticas.*

3.2. As Hierofanias Como as Primeiras Organizações de Entendimento do Mundo. *A Domesticação do Próprio Homem / A Grande-Mãe / A Dialética das Hierofanias / O Lugar Sagrado: o Topos / A Esfera Celeste Sagrada: O Ouranos / A Ausência das Hierofanias Animais: o Zôon / As Hierofanias das Árvores ou Phytón / As Hierofanias Aquáticas e o Inapreensível Posídon / O Período Mesolítico Como um Momento de Atualização da Esfera Mítica.*

3.3. As Cratofanias no Futuro Contexto Neolítico dos Gregos. *As Cratofanias: o Sentido de Permanência das Pedras / Omphalós: o Umbigo do Mundo Grego / O Sentido Sagrado das Colunas Palacianas / A Dimensão Humanizada das Pedras: Os Templos Perípteros / Os Palácios Micênicos.*

3.1. O Cenário Mesolítico.¹⁰⁴

A Transição do Mesolítico / A Proliferação das Tecnologias / Os Primeiros Fazendeiros / A Centralidade e a Circularidade / A Centralidade do Sagrado / As Hierofanias Como as Primeiras Ordenações do Mundo / O Sagrado e o Profano Nas Construções Mesolíticas.

Seria impreciso senão enganoso supor que na passagem do período da pedra lascada à agricultura nada de relevante tivesse ocorrido. Como seria de esperar, houve nesse período dos quais poucos registros foram encontrados, uma fase transitória denominada período **Mesolítico**.¹⁰⁵

O período Mesolítico, se estende entre 10.000 a.C. e 8.000 a.C. e é considerado como um período intermediário entre o Paleolítico (período da pedra lascada - situado aproximadamente entre 500.000 a.C. a 10.000 a.C.) e o Neolítico (período da pedra polida - que se estende dos 8.000 a.C. aos 5.000 a.C., quando então se inicia a Idade do Bronze entre os povos europeus e do Oriente Próximo).

Nesse período transitório o homem aperfeiçoa e amplia as tecnologias do período Paleolítico; pratica uma agricultura rudimentar, fixa-se em aldeias, domestica animais, funda as vilas e vilarejos, as quais, num futuro próximo, se distenderão sobre áreas maiores conformando as cidades desdobrando-se nos posteriores impérios. Apesar de não ser considerado como tal, o período Mesolítico apresenta-se como os primeiros ensaios no sentido da construção da civilidade.

Conforme as descrições de DURANT (1966),¹⁰⁶ nessa passagem do Paleolítico ao Neolítico ocorre apenas

¹⁰⁴ O leitor dessa dissertação certamente encontrará dificuldades em situar-se frente à duração de cada período apresentado. O que de fato acontece é que as várias fontes consultadas apresentam sempre algumas variações em torno das datações de cada período. Procurou-se então fazer convergir as informações colhidas de cada período de acordo com a periodização do *Atlas da História do Mundo*, que por ser a fonte de publicação mais recente, talvez seja a mais atualizada e mais sintética.

¹⁰⁵ “**Período mesolítico.** Período pré-histórico intermediário, com características culturais próprias do paleolítico e neolítico, ocorrido no final do plistoceno após as últimas glaciações.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 1070.

¹⁰⁶ Durant descreve esse período de modo impreciso e pouco detido. Suas informações referentes ao Mesolítico, não raras vezes

segundo um lento processo cumulativo de experimentações. Mas essa idéia deve ser superada em razão de outra mais afeta à construção da ordenação do mundo.

Conforme o já exposto, durante os quase 500.000 anos de duração do período Paleolítico, a Terra havia sido habitada pelo gênero *Homo*, cuja existência legou às gerações posteriores muito mais do que os ancestrais hominídeos foram capazes de deixar. Seus registros mais generosos são as idéias absolutamente rudimentares contidas de seu vasto legado tecnológico, as quais habitam até hoje as cozinhas, os fundos de quintal e depósitos das casas contemporâneas.

Posteriormente e, à semelhança dessa tecnologia paleolítica, o homem de Neanderthal e o Cro-Magnon, inovaram deixando às gerações futuras a sua delicada e sofisticada arte de pintar sobre as rochas das cavernas. Essa idéia é, de certo modo, a mesma idéia expressa nos quadros colocados sobre as paredes contemporâneas. Além do mais esses homens dominaram o fogo e iniciaram a indicação dos caminhos da abstração e da escrita. Contudo esses seres ainda não conheciam o sentido de fixação ou permanência em um determinado território e nem mesmo das grandes associações humanas. Sua sociabilidade não ultrapassava a extensão dos bandos ou hordas nômades que eventualmente procuravam abrigo nas cavernas.

As contribuições do homem mesolítico, apesar de pouco visíveis, não devem ser desprezadas. Nesses 2.000 anos que separam o Paleolítico do Neolítico o homem desenvolveu o vestuário e todos os instrumentos necessários à confecção de roupas, a cerâmica, as construções e estranhos arranjos de pedra dos quais tudo se supõe e nada se sabe. Além do mais, esse período intermediário, que vai dos 10.000 a.C. até 8.000 a.C., retira os homens das cavernas e os coloca em algo que se assemelha a fazendas comunitárias. Inaugura assim uma sociabilidade transposta ao espaço construído, prenuncia as futuras organizações citadinas ainda que num nível de complexidade infinitamente menor.¹⁰⁷

A **figura 16**¹⁰⁸, acima lado, mostra um pote descoberto em escavações na Inglaterra. O exame desses registros quase perdidos no tempo de fato não haveriam de encorajar nenhuma consideração mais pormenorizada e talvez seja essa a razão pela qual o historiador Will Durant atribui pouco valor ao período Mesolítico na sua “*A História da Civilização.*”

Conforme foi exposto no capítulo anterior, a mudança e estabilização do clima à saída do último período glacial, alteraram radicalmente as condições de ser e estar no mundo. É nesse cenário mais ameno, mais regular e abundante em alimentos surgem as primeiras formas associativas a partir da fixação daquelas hordas de caçadores do período Paleolítico.

São essas as primeiras formas associativas humanas que se fixam territorialmente a partir da domesticação dos primeiros animais. São os primeiros fazendeiros e o seu legado mais evidente constitui-se de restos amontoados que podem ser encontrados em diversas partes do mundo. A **figura 17**¹⁰⁹ acima ilustra os domínios de uma aldeola, ou o que dela restou.

encontram-se numa situação cronológica imprecisa e dispersas por outros períodos. Ver *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, op. cit., pgs. 64 a 75.

¹⁰⁷ Ver ANEXO 07 “O Período Mesolítico” com algumas informações complementares.

¹⁰⁸ Legenda da **figura 16**: “Esse pote redondo e mal-acabado é de uma gruta de *Staines* em *Middlesex*. Notar a ausência de decoração, a borda simples, e as incrustações de minerais. (Diâmetro do pote: 23 cm.)” *Atlas of Prehistoric Britain*, op. cit., pg. 53.

¹⁰⁹ Legenda da **figura 17**: “*Grimspound, Devon, England*. Essa aldeia, numa colina de *Dartmoor*, possui muro perimétrico de pedras empilhadas que provavelmente tinham dois metros de altura. Cada casa continha uma lareira e várias possuíam áreas suspensas que provavelmente eram bancos de dormir.” *Atlas of Prehistoric Britain*, op. cit., pg. 104.

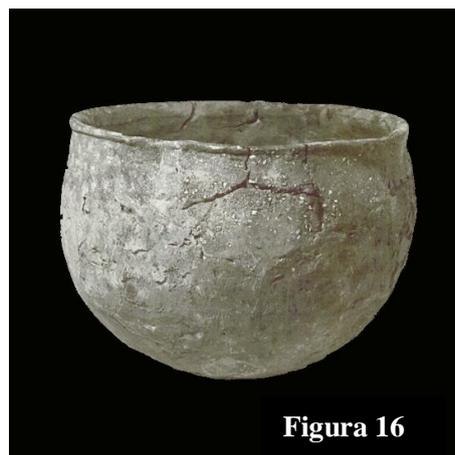


Figura 16

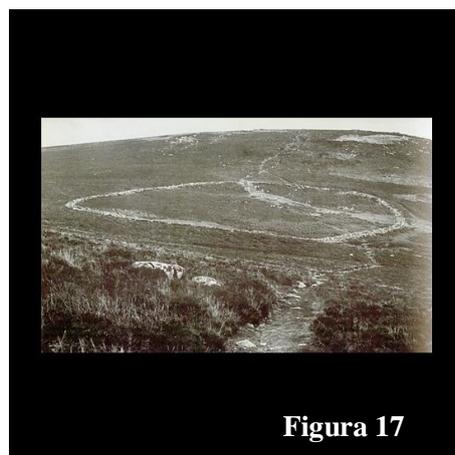


Figura 17

Conforme ainda o historiador DURANT (1966), outros tipos de construções podem ser encontrados em todos os continentes habitados. São aparentemente acúmulos ou depósitos de restos aos quais não se sabe ao certo o que atribuir.¹¹⁰ Contudo eles puderam ser encontrados nas mais diversas regiões do globo e entre as mais diversas culturas mesolíticas. A **figura 18**¹¹¹ mostra um desses depósitos denominado sambaquis.

Aparentemente, na esteira da idéia desses depósitos originais, surgiram outras construções, maiores e mais imponentes. Já a **figura 19**¹¹² mostra um exemplar desse outro tipo de construção mesolítica. Nesse caso não se trata de um mero acúmulo de restos, mas sim de uma construção destinada ao depósito de ossos humanos, provavelmente de descendentes de uma mesma tribo.

MUNFORD (1982) desenvolve uma inquietante e desconcertante tese aos olhos do homem moderno sobre o que poderia ter gerado ou causado as primeiras formas associativas humanas: as Necrópolis.

“No desenvolvimento dos aglomerados humanos permanentes, encontramos a expressão de necessidades animais semelhantes às que se verificam em outras espécies sociais; contudo, até os indícios urbanos mais primitivos revelam mais do que isso. Pouco depois de ter descoberto a trilha do homem no mais antigo dos acampamentos ou dos instrumentos de pedra lascada, encontra-se a prova de interesse e inquietações que não têm correspondente animal; em particular, uma cerimoniosa preocupação pelos mortos, manifestada em seu sepultamento deliberado - com evidências cada vez maiores de piedosa apreensão e temor. ... O respeito daquele homem antigo pelos mortos, em si mesmo uma poderosa expressão de fascínio pelas suas poderosas imagens de fantasias em vigília e sonho noturno, teve talvez um papel ainda maior que as necessidades de ordem mais prática, ao fazer com que procurasse um local fixo de encontro a afinal um ponto contínuo de fixação. Em meio às mudanças inquietas do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras um túmulo coletivo. Constituíam marcos aos quais provavelmente retornavam os vivos, a intervalos, a fim de comungar com os espíritos ancestrais ou de aplacá-los. Embora o ajuntamento de alimentos e a caça não encorajem a ocupação permanente de um sítio único, pelo menos os mortos reclamam esse privilégio. ... A cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos. Num sentido, aliás, a cidade dos mortos é a precursora, quase o núcleo, de todas as cidades vivas. A vida urbana cobre o espaço histórico entre o mais remoto campo sepulcral da aurora do homem e o cemitério final, a Necrópolis em que uma época após outra civilização tem encontrado o seu fim.”¹¹³

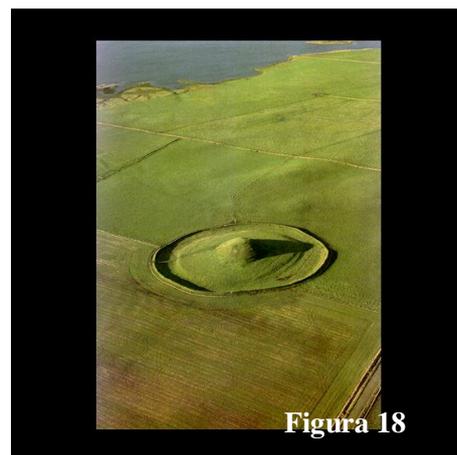


Figura 18

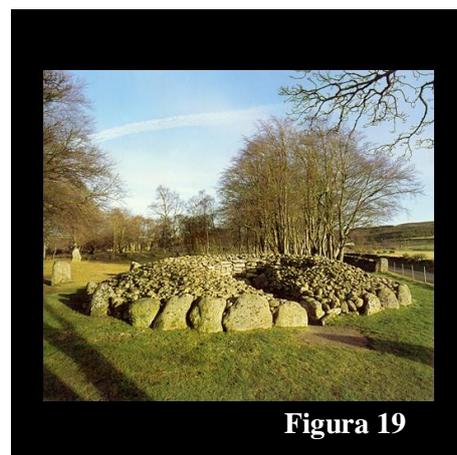


Figura 19

¹¹⁰ Eis uma rápida alusão aos sambaquis proposta por DURANT: “Por várias vezes, no último século, grandes amontoados de lixo pré-histórico foram encontrados na França, na Espanha, na Sardenha, em Portugal, no Brasil, no Japão, na Manchúria, mas acima de tudo na Dinamarca, onde receberam o estranho nome de Kjøkken-møddinger, ou sambaquis. Esses montes de resíduos são compostos de conchas de mariscos, em especial ostras, de ossos de vários animais terrestres e marinhos, instrumentos e armas de chifres, osso e pedra; e também restos minerais, como carvão, cinzas e cacos de panelas. Tais humildes relíquias são aparentemente sinais de uma cultura formada no oitavo milênio a.C., no fim do paleolítico e começo do neolítico, porque ainda não denunciam o uso da pedra polida. Esses sambaquis representam um período de transição entre a idade paleolítica e a neolítica; são pois do ‘mesolítico’.” *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, op. cit., pg. 69.

¹¹¹ Legenda da **figura 18**: “Maes Howe, Orkney, Scotland. O túmulo mortuário foi construído especialmente num terreno nivelado e circundado por um canal que, por sua vez, proveu materiais para o monte. Um banco de pedras foi construído no exterior do canal definindo o perímetro sagrado dessa extraordinária tumba.” *Atlas of Prehistoric Britain*, op. cit., texto: pg. 74; figura: pg. 75.

¹¹² Legenda da **figura 19**: “Clava, Highlands, Scotland. Uma impressionante necrópole de três grandes dólmenes [acúmulos circulares de pedras]; um desses é circundado por uma vigorosa guarnição de pedras. Dois possuem passagens conduzindo à câmara central, as quais, embora estejam atualmente descobertas, possuíam coberturas. O monumento central não apresenta passagem.” *Atlas of Prehistoric Britain*, op. cit., pg. 74.

¹¹³ MUMFRD, L.: *A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas*, São Paulo, Martins Fontes Editora, 1982,

Apesar de sua desconcertante radicalidade o argumento expõe certa lógica: a de que na aurora da cultura, onde os elementos da esfera do sagrado encontram-se em estreita relação com elementos da esfera do profano, tudo passou a convergir para a construção e ordenação da esfera do humano. Insinua-se timidamente nesse período a *centralidade do humano*.

De um modo geral, a morfologia da delimitação territorial dessas aldeias é absolutamente simples: algo como que uma ovóide, algo que sequer é circular. Eis a mais simples das formas e que levou algo em torno de 500.000 anos para ser elaborada e finalmente construída. Entretanto a simplicidade dessa geometria defensiva, que subentende apenas a equidistância em relação aos possíveis ataques ou saques, notabiliza-se por atestar a noção de centralidade. Os muros circulares são os primeiros registros da noção de centralidade transposta ao espaço construído, significam as primeiras adaptações da ancestral intuição de oposição entre interior e exterior.

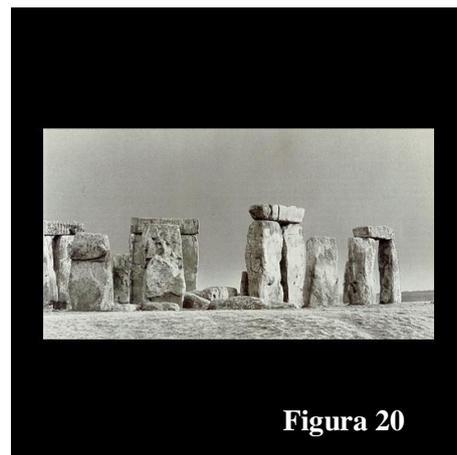


Figura 20

Contundentemente, prova ainda que aquela antiga coercitividade instintiva dos homínídeos ultrapassou o período Paleolítico e que, ao estender-se ao grupo, descreve um círculo abrigando as aldeias e a tudo encampando. Prova ainda, que aquelas intuições do abstrato podem se desdobrar nas estranhas construções que são os *Cromlech* dispostos segundo a mesma intenção de centralidade.

A **figura 20**¹¹⁴, ao lado, mostra um aspecto do tão celebrado *Stonehenge* um dos *cromlech* existentes na Inglaterra. São construções circulares compostas por **trilitos**¹¹⁵ dos quais muito se conjectura acerca de seu significado e sentido para aqueles homens. Contudo é certo que o argumento da centralidade e que distinção entre de espaços interiores e exteriores estão presentes.

Parece mesmo correto supor que o historiador Will Durant não tivesse conhecido as pesquisas e descobrimentos posteriores à publicação dos seus livros. A utilização do termo “*humildes relíquias*” encobre o que de mais precioso esse período tem a oferecer: as hierofanias. Essas representações do sagrado, para além da potenciação das tecnologias do período precedente, indicam um novo contexto de cultura mais rico, mais complexo e, sobretudo, mais inclinado às primeiras incursões daqueles homens no território do sagrado, nos incipientes mitos, cosmogonias, enfim, no território das hierofanias. Elas são os vínculos entre as hordas nômades paleolíticas e as futuras cidadelas agrárias do ainda distante período Neolítico.

Além de constituírem-se como as primeiras representações do sagrado, as hierofanias são também os primeiros elementos formativos dos futuros *ethoi* dos futuros hábitos e costumes apreendidos na forma dos rituais. Para elas convergem os primeiros elementos ordenadores da vida. São as primeiras leis, normas, interditos subsumidos na esfera dos rituais e de tudo aquilo que precede as futuras religiões.

Assim naquelas construções o interior corresponde ao sagrado e à região pacificada e que por sua vez abriga a vida. Contrariamente, o exterior corresponde ao mundo que é externo, agressivo e violento.

Contudo, mais uma vez os autores divergem quanto à procedência da necessidade dessas construções. Alguns advogam a premência da necessidade de defesa pura e simples. Outros já admitem a predominância das questões de ordem hierofônicas. Mas se a questão das precedências não pode ser equacionada a contento, não há porque não admiti-las em estreito grau de importância na fundação dessas representações construídas que são esses primeiros vilarejos.

pgs. 12 e 13.

¹¹⁴ Legenda da **figura 20**: “*Stonehenge, Wiltshire, England*. Blocos calcáreos foram arrastados de *Marlborough Downs* e dispostos como trilitos (um lintel horizontal sobre dois montantes verticais). Os lintéis foram levantados no local e entalhadas com respiga, uma técnica emprestada dos trabalhos de carpintaria.” *Atlas of Prehistoric Britain*, op. cit., pg. 109.

¹¹⁵ Os **trilitos** são pórticos compostos por três grandes lajes de pedra; duas postas verticalmente apoiadas no solo firme, sendo a terceira apoiada horizontalmente sobre as outras duas.

Contra a argumentação do cerco de determinadas parcelas territoriais terem sido motivadas somente por razões de segurança alinha-se MUNFORD (1986):

*“Tão logo a guerra se tornou uma instituição estabelecida, não há dúvida que a fortaleza, cada vez mais, prestou essa modalidade de serviços [a modalidade à qual o autor se refere é a defesa]. Entretanto, o fato de serem as cidadelas rodeadas por muralhas, mesmo quando não o são as cidades, não dá o primado no tempo às suas funções militares, pois a primeira utilização da muralha pode ter sido de natureza religiosa: defender os sagrados limites dos **têmenos** [espaço sagrado¹¹⁶] e manter à distância antes os maus espíritos do que os inimigos humanos.”¹¹⁷*

É assim que a manifestação dessas circularidades coincide com o seu significado divino. São círculos construídos dentro de círculos construídos. São círculos que descrevem a si próprios e aos outros, círculos que evidenciam o sentido prático da vida, mas que assinalam ao mesmo tempo a lenta construção da esfera do divino.

Eis aí o legado de maior importância do período Mesolítico: a lenta sedimentação das hierofanias e sua transcrição ao espaço construído. Essas idéias que antecedem as religiões espalham-se por todas as esferas, imiscuem-se por todos os significados, entranham-se em todos os afazeres, enfim, organizam, ainda que irracionalmente, a vida vivida em sua imediatez. Essas manifestações divinas vão consolidando não só o significado da centralidade como também de tudo o que as rodeia.

Essa mesma idéia central de delimitação entre o interior e o exterior, o sagrado e o profano, o espaço da vida e o espaço que a agride, são também reproduzidos numa escala mais modesta, mais íntima, ou do que se poderiam denominar lares mesolíticos. As **figuras 21**¹¹⁸ e **22**¹¹⁹ mostram respectivamente um aspecto externo das casas de *Knap of Howar*, também em território inglês, e um aspecto interno dessa mesma casa.

Numa mesma perspectiva conceptiva, as casas do interior das aldeias se organizam segundo a mesma circularidade, segundo essa mesma força coercitiva que se coloca ao mesmo tempo como a representação do sagrado ou da sua proteção. Assim, não bastassem os muros construídos do fechamento das aldeias e a própria organização das casas, também o seu interior procede segundo a mesma lógica. Sua organização interna evidencia essa mesma noção de centralidade só que agora em relação ao conforto: o centro é ocupado pela lareira, ou pelo fogo, as camas distribuem-se ao seu redor. Apesar de milênios distantes do mundo moderno

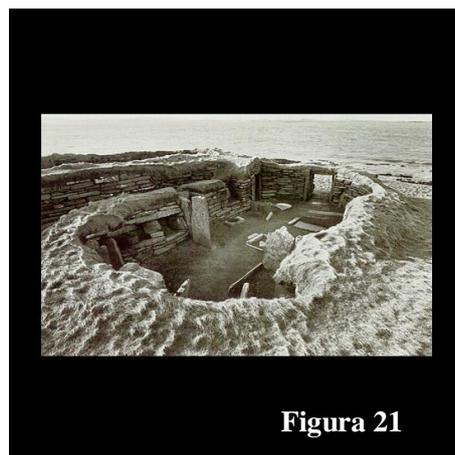


Figura 21

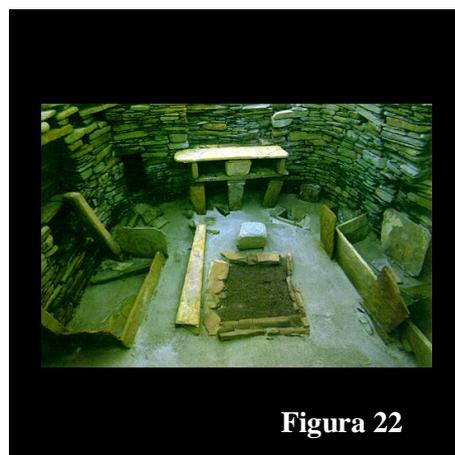


Figura 22

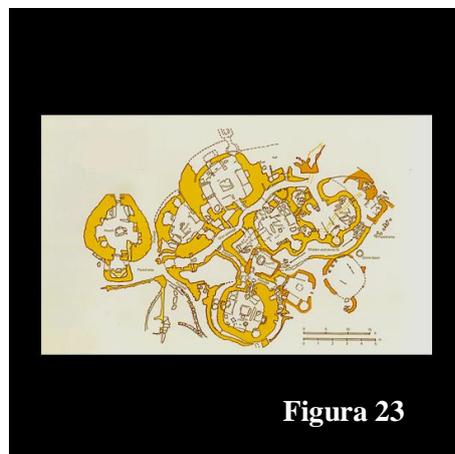


Figura 23

¹¹⁶ “**Temeno**. Peça reservada de um solo, especialmente um precinto sagrado.” Fonte: *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 463.

¹¹⁷ *A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas*, op. cit., pg. 44.

¹¹⁸ **Figura 21**: “*Knap of Howar, Papa Westray, Orkney, Scotland*. Essa pequena fazenda estava em operação até 4.000 a.C.. Duas pequenas construções adjacentes destinadas a oficina e celeiro. Foi preparado com prateleiras para armazenar os equipamentos da fazenda e a produção. A cobertura foi provavelmente feita com hastes de madeira entrecruzadas e coberta com folhas.” *Atlas of Prehistoric Britain*, op. cit., pg. 48.

¹¹⁹ **Figura 22**: “Vista interna de uma das casas, ao centro a lareira retangular e ao fundo as prateleiras de pedra. Em cada lado da lareira há contenções de pedras para as camas, enquanto prateleiras embutidas são visíveis nas paredes.” *Atlas of Prehistoric Britain*, op. cit., pg. 42.

já há algo extremamente familiar em suas antigas instalações e construções. A **figura 23**¹²⁰ na página anterior mostra a planta baixa de *Skara Brae*, ou um antigo povoado mesolítico na Inglaterra.

Assim, a imaginação parece abrir-se ao sagrado, ao permanente, à educação dos sentidos de acordo com o que é hierofânico e que dá sentido às suas vidas.

Nesse novo olhar para o mundo, nessa nova perspectiva de sentidos emprestados à vida, tudo parece convergir para esse argumento, que se dispersa por todos os ambientes construídos e habitáveis num contínuo de significados simbólicos encadeados não mais em relação apenas à presença do natural. Dele são retirados os elementos estruturantes, mas, ao mesmo tempo, distinguindo-se dele, do natural, pelos novos significados a ele conferidos e representados por sua conformação humana.

Essa idéia de centralidade, ainda séculos distante dos gregos, mas do mesmo modo uma centralidade pétreia e sacra, prenuncia a centralidade da *acrópolis*¹²¹ composta igualmente por prédios que encerram trilitos mais trabalhados. Sem dúvida se trata da mesma noção ou idéia construída séculos depois segundo princípios diferentes, que serão os templos gregos. Será essa mesma idéia tensionada segundo outro sistema simbólico que possibilitará a aparição dessa arquitetura que invadirá posteriormente todo o imaginário ocidental.

Nesses primórdios do período Mesolítico a concentricidade, para além do mundo vivido e imediato que necessita ser defensivo, parece submeter tudo à constante oposição entre o sagrado e o profano. Os limites espaciais são claros, os muros circulares de pedra,¹²² as concavidades das cavernas e grutas sagradas, as bordas das aldeias: são marcos construídos ou imaginados entre essas duas esferas de ser e estar no mundo.

Os gregos, ainda num futuro muito distante, assim como vários outros povos, percorreram o mesmo caminho elegendo inicialmente o interior das cavernas e grutas como localidades sagradas e continuaram mantendo as suas características simbólicas até a atualidade. PUECH (1986) ao referir-se às primeiras cavernas ritualísticas gregas diz que:

“As cavernas, após terem servido de morada, converteram-se em sepulcros por volta do Minóico Antigo [finais do terceiro milênio a.C.]. Muitas também foram dedicadas a deuses e assim permaneceram por toda a antiguidade. Elas forneceram abundante material: depósitos de sacrifícios, vasos, lâmpadas, ex-votos, ídolos. É fácil entender-se porque a religião havia adotado estes lugares: sua obscuridade criava uma impressão de mistério e de horror sagrado; em algumas grutas encontravam-se formações calcárias de forma estranhas (um estalagmite de Amniso evoca uma mulher deitada); por outro lado, seu antigo uso funerário as predispunha a acolher as divindades infernais. ... As cavernas da Grécia Clássica têm por hóspedes divindades menores da natureza como Hermes, Pan ou as ninfas. As de Creta minóica parecem reservadas às confrarias e outros ritos secretos. Dispõem-se de informações precisas com relação à gruta de Amniso, próxima a Cnossos. Segundo o testemunho de Homero, confirmadas pelas tabuletas de Cnossos [referência às tabuletas do Linear B, decifradas em 1953 por M. Ventris e J. Chadwick], estava consagrada a Eilithya, divindade pré-helênica dos iluminação, parente próxima de

¹²⁰ Legenda da planta baixa da **figura 23**: “Em *Skara Brae*, seis casas construídas em pedras similares foram agrupadas numa aldeia, cujas passagens cobertas atravessam todo o complexo. Uma das casas foi separada do complexo e seu acesso se faz diretamente de seus ângulos retos à via principal. As casas individuais eram quadradas com cantos arredondados. O mobiliário em pedras sobre viveu deixando-nos a vívida impressão de uma vida doméstica ocorrida há milhares de anos atrás. No centro de cada casa havia uma lareira de pedras; na parede oposta à entrada um armário de pedras, e ainda, camas em nichos de pedras nas duas paredes laterais. Reservatórios de pedras e prateleiras completavam o design do interior. As coberturas poderiam ter sido feitas com pedras, ou mais provavelmente de turfa ou folhas colocadas sobre vigas de osso de baleia.” *Atlas of Prehistoric Britain*, op. cit., texto: pg. 48, figura: pg. 50.

¹²¹ Primeiramente: “**Acrópole**. Cidadela na parte mais elevada nas cidades gregas, e, por extensão, tornou-se sinônimo de todo pequeno morro. A Acrópole de Atenas foi a mais célebre; nela se encontravam os templos em dórico e jônico dedicados aos deuses máximos do povo grego.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 22.

¹²² Séculos mais tarde os gregos denominarão de ciclópicas esses muros de pedras gigantes. As suas construções se devem à criaturas sobrenaturais: “Os gregos davam o nome de ciclópicas a todas as estruturas que eram em sua mística imaginação só poderia ter sido levantadas por gigantes, como os Titãs de um olho só, denominados Cíclopes - Olhos Redondos - os quais trabalhavam nas forjas de Hefesto, nos vulcões do Mediterrâneo. Arquitetonicamente o termo significa enormes pedras sem argamassa, em bruto ou rudemente talhadas e cujos interstícios eram preenchidos com seixos e barro. A tradição acrescenta que Proeto importara da Lícia pedreiros famosos chamados Cíclopes.” DURANT, W.: *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, Rio de Janeiro, Record, 1966, pg. 23.

Árthemis, também chamada de Comadrona (Lochia). Dizia-se que nesta gruta estava enterrado o cordão umbilical de Zeus e as mulheres grávidas ali acorriam em peregrinação para dar a luz. No monte Dicté, outra caverna haveria abrigado a infância de Zeus: o jovem deus haveria crescido ali sob a proteção da Terra e dos Curetes, dançarinos que abafavam seus gemidos com o entrecocar de seus escudos. Sem dúvida alguma durante a época minóica esta gruta serviu de morada da Mãe-Terra criadora e a um jovem deus aos quais serviam um colégio de dançarinos armados. O recinto de Ida teria os mesmos moradores; mas dos Dactyles, magos metalúrgicos, sucedâneos dos Curetes.”¹²³

Assim, as hierofanias abrem o espaço da vida e de sua proteção. Abre-se outro espaço no mundo pelas hierofanias. Outro sentido de mundo vai sendo construído. Eis então a sacralidade e a mundaneidade constituídas diferentemente, eis a transcrição do sagrado à esfera do mundo e, ao mesmo tempo a esfera do mundo apreendida no sagrado. Nessa perspectiva mesolítica esses parecem ser os primeiros passos da organização da vida. A contribuição desse período para a formação das culturas não é tão discreta como querem alguns autores. Sua expressão mais alta, a forma circular que modela e regra as primeiras aldeolas e os interiores daqueles casebres do mundo levaram ainda alguns milênios até que fossem radicalmente transformadas.

É a partir dessas simples condições de habitabilidade que surgem as primeiras relações homólogas entre o mundo físico, os sistemas de representação e os costumes ou os *ethoi*; costumes ainda não supraclassificados numa ordem racional. São as hierofanias.

3.2. As Hierofanias Como as Primeiras Organizações de Entendimento do Mundo.

A Domesticação do Próprio Homem / A Grande-Mãe / A Dialética das Hierofanias / O Lugar Sagrado: o Topos / A Esfera Celeste Sagrada: O Ouranos / A Ausência das Hierofanias Animais: o Zôon / As Hierofanias das Árvores ou Phytón / As Hierofanias Aquáticas e o Inapreensível Posídon / O Período Mesolítico Como um Momento de Atualização da Esfera Mítica.

Nessa perspectiva da construção do significado e ordenação do mundo a partir dessa esfera metafísica, as hierofanias, apesar de não constituírem-se segundo registros materiais seguros, operam como que a ponte entre o período antecedente, o Paleolítico, e o período posterior, o Neolítico. Sem o preenchimento dessa lacuna como poderia ter ocorrido a transição de um período nômade por excelência a outro onde as primeiras fazendas se organizam? De outro modo: como aqueles homens subitamente ascendem de uma forma de associação dispersa a outra mais complexa e mais ordenada?

Eis a perspectiva aberta pelas antigas hierofanias do período Mesolítico. Se o homem mesolítico possuía todos os elementos necessários à sua permanência nas cidades, lá, vindouras ainda pelo Neolítico, faltava-lhes ainda as condições organizacionais suficientes e necessárias presentes somente na expressão das incipientes formas de organização míticas, ou as hierofanias. MUNFORD (1986), ao referir-se ao mesmo período indica que paralelamente à domesticação dos animais ocorreu a “domesticação do próprio homem”.¹²⁴

¹²³ *Historia de las Religiones - Volume 2 - Las Religiones Antiguas Vol. II*, op. cit., pgs. 213 e 214.

¹²⁴ “Esse processo de colonização, domesticação, regularidade alimentar, veio introduzir uma segunda fase, possivelmente há dez ou doze mil anos. Com ele, iniciou-se a reunião sistemática e o plantio de sementes de certas gramíneas, a domesticação de outras plantas dotadas de sementes, como as abóboras e os feijões, e a utilização de animais em rebanhos, o boi, o carneiro, e, afinal, o jumento e o cavalo. Graças a uma ou outra dessas criaturas, os alimentos, a capacidade de tração e a mobilidade coletiva foram aumentados. Com toda probabilidade, nenhuma fase dessa revolução agrícola poderia ter ocorrido entre nômades crônicos: ela exigia algo como a ocupação permanente de uma área, prolongada por um período suficiente para se seguir todo o ciclo de desenvolvimento, induzindo os povos primitivos a ter a primeira visão dos processos naturais e a reproduzi-los mais sistematicamente, em todos esses acontecimentos, o mais importante talvez tenha sido a domesticação do próprio homem, que constitui em si mesma uma prova de crescente interesse pela sexualidade e reprodução.” *A Cidade na História - Suas Origens*,

O interesse pela “*domesticação do próprio homem*” propiciado pela permanência numa certa região encontra-se em perfeita sintonia com outros achados arqueológicos: as estatuetas que representam a Grande-Mãe. Ali naquela temporalidade essas estatuetas significam um nível de representação que denunciam a existência de ritos, ou *praxis* metodicamente elaboradas que se não autorizam a dizer de uma religião ordenada, conforme se entende na atualidade, ao menos indicam algum nível de relação com o mundo que já não é somente o natural, mas que se encontra permeado por relações às quais se deve proceder de modo a obter objetivamente algo: uma boa colheita por exemplo. Significa ainda que determinados preceitos deveriam ser seguidos o que implica necessariamente numa conduta a ser apreendida e exercida em conformidade com aqueles rituais encerrando assim um aprendizado ou uma educação. Assim como se pode supor, a primeira educação daqueles homens esteve sob a tutela ou ordenação dessas divindades originais e dos seus rituais.

Na temporalidade fronteira entre o Mesolítico e o Neolítico, é então possível passar de um estatuto de prova material a outro tipo: da materialidade circular do espaço construído emerge a materialidade dos ídolos manufaturados. São as inúmeras estatuetas de pedra, **terracota**¹²⁵ ou **faiança**,¹²⁶ encontradas principalmente nas tumbas, denominadas Grandes-Mães, Deusa-Mãe, Terra-Mãe, ou simplesmente Mães, representantes das divindades telúricas. Essas divindades significam a reificação de crenças e rituais que organizam a fecundidade e a fertilidade de então, são símbolos dos quais se depreendem certas ordens específicas, certos ritos definidos. Como forma primeira de relacionarem-se com o mundo esses símbolos evidenciam os primórdios dos futuros hábitos e costumes, ou das regularidades do mundo dos homens.

As **figuras 24**¹²⁷, **25**¹²⁸, **26**¹²⁹ e **27**¹³⁰ na próxima página, mostram quatro versões dessas estatuetas que representam esses mitos femininos. As duas primeiras são provenientes de Çatal Hüyük e as outras duas provenientes do período Neolítico da ilha de Creta e representam a Deusa da Serpente cretense, ou uma evolução ctônica da Deusa-Mãe ou Grande Mãe.

Conforme ELIADE (1993), e de uma maneira geral, todas essas Mães possuem uma origem comum nas cosmogonias que é a Terra. Ao referir-se especificamente às hierofanias gregas o autor expõe que:

*“O par divino Céu-Terra, que Hesíodo tinha evocado, é um dos motivos de fundo da mitologia universal. Em muitas mitologias em que o Céu desempenhou o papel de divindade suprema, a Terra é representada como a sua companheira e, como já vimos, na vida religiosa primitiva encontra-se o Céu por toda a parte.”*¹³¹

Posteriormente e, em quase todas as culturas, esse casamento original é desfeito pelos filhos, que conspiram contra o pai e usurpam o seu poder. Nesse enredo, o casal cósmico encontrará destinos distintos entre as hierofanias. A Terra, por sua capacidade de ser geradora e de frutificar, compreenderá o princípio

Transformações e Perspectivas, op. cit., pgs. 17 e 18.

¹²⁵ “**Terracota**. Argila manufaturada e cozida ao forno mas em revestimento vítreo.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 482.

¹²⁶ “**Faiança**. Antiga e preciosa maiólica italiana originária da cidade de Faenza. Posteriormente assim foram chamados todos os produtos de pasta porosa e corada, recobertos com esmalte opaco, estanífero, sobre o qual, ainda cru, é feita uma decoração.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 231.

¹²⁷ Legenda da **figura 24**: “Pequenas estatuetas femininas de terracota, com ênfase nas características sexuais, são produtos típicos dos primitivos vilarejos agrícolas. Esta pequena estatueta de culto, com 16,5 cm de altura, foi achada em Çatal Hüyük, Turquia.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 40.

¹²⁸ A **figura 25** mostra uma estatueta de argila cozida encontrada em Çatal Hüyük e datada na primeira metade do sexto milênio a.C.. Trata-se de uma deusa sentada à semelhança das hierofanias da Grande Mãe. Fonte da figura e informações: Museu das Civilizações Anatólias de Istambul, Turquia, cartão postal.

¹²⁹ Legenda da **figura 26**: “A arte minóica não conhece a escultura monumental, mas excelência como nessa estatueta em cerâmica esmaltada. A deusa da Serpente, do Museu de Iraklion, altura 29,5 cm, é uma hipóstase da Deusa-Mãe, protetora da fecundidade e da maternidade. O felídeo posicionada sobre sua cabeça indica que essa é a senhora das feras; as serpentes revelam que o seu poder se estende ao mundo subterrâneo.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., pg. 51.

¹³⁰ Legenda da **figura 27**: “Os ídolos cretenses, que surgem durante o Neolítico, são de um tipo particular. Portam uma veste em forma de cônica que deixa os seios descobertos; os braços ao invés de estarem cruzados sob os seios, estão levantados em gesto de adoração. Sem dúvida se tratam de ex-votos representando os adoradores; contudo, contrariamente ao que se observa no restante do Egeu, aparecem mais freqüentemente nos santuários do que nos cemitérios.” Figura retirada de *El Toro de Minos*, op. cit., lâmina 20. Texto retirado de: *Historia de las Religiones - Las Religiones Antiguas Vol. II*, op. cit., pg. 208.

¹³¹ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 18.

feminino.¹³² Já o princípio masculino do pai é sempre mais abstrato. No cenário grego a figura central paterna e masculina é a de Zeus.¹³³

É por essas delicadas considerações ou sutis acepções acerca dos homens e das coisas que as hierofanias vão-se construindo e, ao serem organizadas, estendem-se virtualmente sobre as relações com o mundo e sobre o seu entendimento. O mundo passa então a ser coberto de sentidos os mais diversos assim como, simultaneamente, preenchido de sentidos cada vez mais contextualizados.

Nessa mesma perspectiva valorativa dos seres surgem suas relações imiscuídas no diáfano véu divino. São as primeiras cadeias ordenadoras do mundo, as primeiras normatividades.

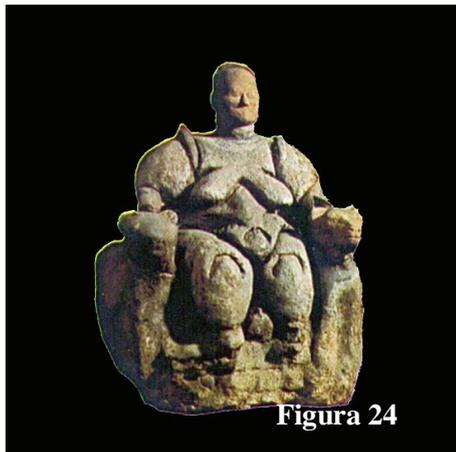


Figura 24

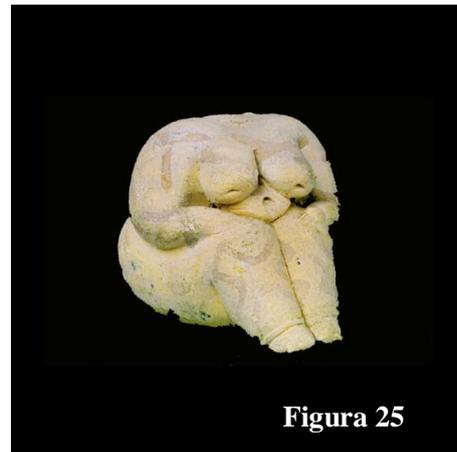


Figura 25

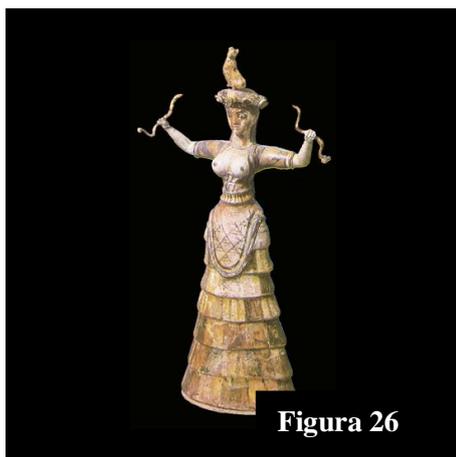


Figura 26

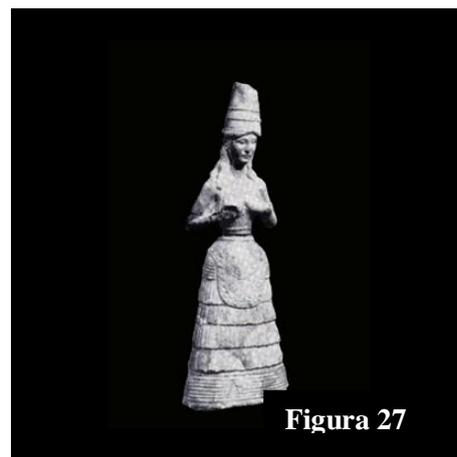


Figura 27

Posteriormente, e nessa mesma perspectiva das hierofanias, as cosmogonias vão construindo suas histórias e elegendo os seus deuses, seus mitos e suas ações exemplares, desdobrando-se em significados cada vez mais complexos, tecendo a teia dos rituais entrecortados por normas, interditos, prescrições, sanções, enfim, por todos os padrões comportamentais regulados e preestabelecidos.

É uma primeira forma articulada de estruturação não só do comportamento individual como também do entendimento de si próprio. No caso especificamente grego, a mitologia, comporta por sua estruturação endógena, um *logos*, uma fração de racionalidade que a tudo penetra e que se estende desde a poesia épica, a tragédia e a comédia. Penetram igualmente na música, arquitetura e outras formas de arte. Desdobra-se desde os antigos deuses-lares à agricultura, ultrapassa os limites da aldeia na direção da construção da idéia das cidades-estados, enfim, encanta-se em qualquer espectro da organização social grega. Além de prescreverem as ações, atitudes, rituais, celebrações, organizam tudo aquilo que é inexplicável, dando-lhe forma e conteúdo. Assim constrói-se um sistema explicativo para tudo o que se coloca no âmbito da esfera humana assim como tudo aquilo que lhe é alheio.

¹³² Conforme ELIADE: “Uma das primeiras teofanias da Terra, enquanto tal, enquanto sobretudo camada telúrica e profundidade ctônica, foi a ‘maternidade’, a sua inesgotável capacidade de dar frutos. Antes de ser considerada Deusa-Mãe, divindade da fertilidade, a Terra impôs-se diretamente como Mãe, Tellus Mater. A evolução posterior dos cultos agrícolas, esclarecendo com precisão cada vez mais acentuada a figura de uma Grande Deusa da vegetação e da colheita, acabou por apagar os traços da Terra-Mãe. Na Grécia, Démeter substituiu Gê. No entanto, restos do culto antiquíssimo da Terra-Mãe transparecem nos documentos arcaicos e etnográficos.” *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 199.

¹³³ Eis como ELIADE (1993) situa a figura paterna ou masculina: “O pai não é o pai dos seus filhos senão no sentido biológico do termo. Os homens não estão ligados entre si senão pelas mães, e mesmo assim essa ligação é precária. Mas os homens estão ligados ao meio cósmico envolvente de maneira infinitamente mais estreita do que o possa supor uma mentalidade moderna, profana. Eles são, no sentido concreto e não no sentido alegórico da palavra, ‘gente da terra’.” *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 197.

Conforme o exposto anteriormente, as hierofanias são manifestações do sagrado. Contudo elas ocorrem segundo uma relação dialética¹³⁴ a partir da qual o objeto hierofânico é especificado em oposição aos objetos mundanos. Essa relação dialética que perpassa todas as hierofanias é de fundamental importância, pois elas estruturarão os espaços construídos desse período segundo pares de opostos co-ordenadores do todo construído.

Assim é que o antigo sentido de mundo, diferentemente daqueles Australopithecíneos e dos homens de Neanderthal e do Cro-Magnon, vai sendo lentamente estruturado, possibilitando os desdobramentos da antiga coercitividade instintiva. Esse movimento deve-se, conforme o já exposto, pela lenta hipertrofia do cérebro, pela intuição das regularidades cada vez mais aguçada e, sobretudo, pela possibilidade de permanência relativamente morna e confortável aberta pela elevação climática do globo.

Por mais estranho que possa parecer ao homem moderno, tudo, absolutamente tudo, já esteve em conformidade com alguma hierofania, tudo já esteve regrado originalmente pelo espectro do divino, do que transcende, do que se coloca para além do mundo imediato. ELIADE (1993), afirma que:

*“... é certo que tudo quanto o homem manejou, sentiu, encontrou ou amou pode tornar-se uma hierofania. Sabemos, por exemplo, que no seu conjunto os gestos, as danças, as brincadeiras de criança, os brinquedos têm uma origem religiosa: foram no tempo, gestos ou objetos culturais. Sabemos, do mesmo modo, que os instrumentos de música, a arquitetura, os meios de transporte (animais, [135] carros, barcos, etc.) começaram por ser objetos ou atividades sagradas, podemos pensar que não existe nenhuma animal ou planta importante que não tenha participado da sacralidade no decurso da história. Sabemos da mesma maneira que todos os ofícios, artes, indústrias, técnicas têm origem sagrada ou se revestiram, no curso dos tempos, de valores culturais. Esta lista poderia continuar com os gestos cotidianos (o levantar-se depois da noite dormida, o caminhar, o correr), pelos diferentes trabalhos (caça, pesca, agricultura), por todos os atos fisiológicos (alimentação, vida sexual), provavelmente também pelas palavras essenciais da língua, e assim por diante.”*¹³⁶

O historiador Will Durant vai mais longe e estende as primeiras hierofanias às ciências e as artes.

*“Na opinião de Herbert Spencer, ... a ciência, como as letras, teve início com os sacerdotes; organizou-se como observação astronômica, como economia dos festivais religiosos, e foi preservada nos templos e transmitida através das gerações como parte da herança sacerdotal. Não podemos afirmar que fosse assim; podemos apenas supor. Talvez a ciência, do mesmo modo que a civilização em geral, começasse com a agricultura; a geometria, como o nome está indicando, era a medição do solo; e o cálculo das colheitas e estações impunha a observação das estrelas e a organização de um calendário - o que pode ter gerado a astronomia. A navegação fez progredir a astronomia, o tráfico desenvolveu a matemática e as artes industriais lançaram os alicerces da física e da química.”*¹³⁷

Assim é que essa fundamental estabilidade climática propiciou a permanência em um mesmo lugar, sob o mesmo céu, **ouranos**, pela criação dos mesmos animais, **zôon**, pelo cultivo das mesmas plantas, **phytôn**, pela navegação nos mesmos oceanos, **okeanós**. O sentido de permanência ganha relevância já que a estadia prolongada numa mesma região possibilita diferentes níveis de experiência num espaço de tempo contínuo

¹³⁴ Eis como ELIADE (1993) situa a dialética hierofânica: “A dialética da hierofania pressupõe uma escolha mais ou menos manifesta, em que incorpora (isto é, revela) algo para além de si mesmo. Por ora não interessa muito que este ‘algo para além’ se deva muito simplesmente à sua forma singular, à sua eficiência ou à sua ‘força’ - ou que se deduza a partir da ‘participação’ do objeto em qualquer simbolismo, que seja atribuído por um rito de consagração ou adquirido pela inserção, voluntária ou involuntária, do objeto numa região saturada de sacralidade (uma zona sagrada, um tempo sagrado, um ‘acidente’ qualquer - a queda de um raio, um crime, um sacrilégio, etc.). O que acabamos de pôr em evidência é que uma hierofania pressupõe uma escolha, uma nítida separação do objeto hierofânico relativamente ao mundo restante que o rodeia. Este mundo restante existe sempre, até por exemplo, o Céu, ou o conjunto do ‘ambiente’ familiar, ou assume a ‘pátria’. Em qualquer caso, a separação do objeto hierofânico faz-se pelo menos perante ele mesmo, pois só se torna uma hierofania no momento em que deixou de ser um simples objeto profano, em que adquiriu uma nova dimensão: a da sacralidade.” *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pgs. 19 e 20.

¹³⁵ Apenas a título de curiosidade: “O cão, que, como o homem, deve ter-se ressentido com o desaparecimento das suas presas, é o primeiro animal doméstico do Mesolítico.” *Atlas da História Antiga*, op. cit., nota nº 03, pg. 22.

¹³⁶ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 18.

¹³⁷ *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, op. cit., pg. 54.

ou ininterrupto. Essa permanência no tempo é necessária para que cada elemento colhido seja comparado a outro, seja equiparado ou diferenciado de outros. Essa mesma permanência numa região geograficamente definida propicia o acúmulo e a aquisição de conhecimentos **empíricos**,¹³⁸ de observações colhidas ou apreendidas sobre o lugar, seus seres e suas inter-relações.

Não se trata aqui da construção do **empirismo**¹³⁹ no sentido moderno do termo, mas sim da abertura do mundo à ordenação pelo mito. Funda-se a partir da permanência numa mesma região um novo olhar sobre o mundo que é transposto à esfera do das hierofanias. O mundo se abre à perspectiva mítica, o mundo se ordena pelo que é transcendental.

O mundo transfigura-se por esse novo olhar. O *topos*, o lugar passa a ter significações como jamais havia sido possível. Como quer ELIADE (1993):

*“Toda cratofania e toda a hierofania, sem distinção alguma, transfigura o lugar que lhes serviu de teatro: de espaço profano que era até então, tal lugar ascende à categoria de espaço sagrado. Assim, para os canaques da Nova Caledônia, ‘no mato, grandes quantidades de rochedos, de pedras furadas têm um sentido particular: tal concavidade é propícia à chuva, outra é **habitat** [¹⁴⁰] de um totem; certo lugar é freqüentado pelo espírito de um homem assassinado. Toda a paisagem está, desse modo, animada, os seus mais pequenos detalhes têm uma significação, a natureza está carregada de história humana’. Dir-se-ia mais exatamente que, devido às cratofanias e às hierofanias, a natureza sofre uma transfiguração de que sai carregada de mito.”¹⁴¹*

O autor prossegue argumentando para a eleição desse lugar sagrado ocorrem as justaposições de heróis mitológicos, plantas, animais, pedras, etc. Assim, aos lugares sagrados sempre se associam seres e significados os mais variados. Nesses lugares habitam esses seres imaginários, povoando a imaginação e os sentidos mais profundos da vida de modo que, equívale à periodicidade das visitas a transformação dos ritos, ou a sua atualização suprasumida, o que implica numa igual transformação do conhecimento da própria alma.

Eis a função dos rituais: transformar e transformar-se de modo a obter algo, apreender algo, explicar algo, dirimir uma angústia. Os lugares sagrados são eleitos e concebidos de modo que a sua eficácia seja mantida e preservada por determinados procedimentos ritualísticos. Conforme mais uma vez ELIADE (1993), a feição desses lugares sagrados é concebida de modo a distinguir a localidade imantada por seu próprio caráter sacro assegurando que as experiências originais sejam ali repetidas.

“De fato, a noção de espaço sagrado implica a idéia da repetição da hierofania primordial que consagrou este espaço transfigurando-o, singularizando-o, em resumo, isolando-o do espaço profano à sua volta.”¹⁴²

Mais do que isso, os muros externos que circundavam os lugares sagrados denunciavam o perigo que tais rituais encerram. Conforme ELIADE (1993):

“O muro ou o círculo de pedras que encerram o espaço sagrado contam-se entre as mais antigas estruturas arquitetônicas conhecidas no domínio dos santuários. Aparecem já nas civilizações proto-

¹³⁸ **Empírico**. ‘baseado apenas na experiência e não no estudo’. Do gr. *empeirikós*.” Do termo original grego, funda-se uma escola, que no campo da Teoria do Conhecimento é conhecida como Empirismo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*, op. cit., pg. 293. Complementando: **Empírico**. [Do gr. *empeirikós*.] 2. Baseado apenas na experiência e, pois, sem caráter científico. 3. Diz-se de conhecimento que provém, sob perspectivas diversas, da experiência.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 514. Ver na próxima nota uma definição de empirismo.

¹³⁹ **Empirismo**. *Hist. Filos.* Doutrina ou atitude que admita, quanto à origem do conhecimento, que este provenha unicamente da experiência, seja negando a existência de princípios puramente racionais, seja negando que tais princípios, existentes embora, possam, independentemente da experiência, levar ao conhecimento da verdade.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 514.

¹⁴⁰ **Habitat**. *Eco*. 1. Lugar de vida de um organismo. 2. Total de características ecológicas do lugar específico habitado por um organismo ou população.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 717.

¹⁴¹ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 295.

¹⁴² *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 296.

indianas e egéias. O muro de vedação não implica e não significa apenas a presença contínua de uma cratofania ou de uma hierofania no interior do recinto; ele tem, além disso, por objetivo preservar o profano do perigo a que se exporia se ali penetrasse sem os devidos cuidados. O sagrado é sempre perigoso para quem entra em contato com ele sem estar preparado, sem ter passado pelos 'movimentos de aproximação' que qualquer ato de religião requer."¹⁴³

Talvez o muro construído seja a mais contundente afirmação da permanência dos rituais. Mas se o olhar sobre o telúrico se altera, altera-se igualmente o olhar sobre os céus. Antes de ser preenchida por deuses a sua própria significação é alterada:

"Antes de revermos algumas figuras divinas de estrutura uraniana, procuremos compreender a significação religiosa do Céu em si mesmo. Sem precisarmos sequer atentar na efabulação mítica, o Céu revela diretamente a sua transcendência, a sua força e a sua sacralidade. A simples contemplação da abóbada celeste provoca na consciência primitiva uma experiência religiosa. ... O Céu revela-se tal como é na realidade: infinito, transcendente. A abóbada celeste é, por excelência, 'uma coisa muito diferente' do pouco que representa o homem e o seu espaço vital. Diríamos que o simbolismo da sua transcendência se deduz da simples tomada de consciência da sua altura infinita. O ser 'altíssimo' é algo que se torna necessariamente um atributo da divindade. As regiões superiores, inacessíveis ao homem, as zonas siderais, adquirem os prestígios divinos do transcendente, da realidade absoluta, da perenidade. Tais regiões são a morada dos deuses; é aí que chegam alguns privilegiados pelos ritos de ascensão celeste; até aí se elevam, segundo as concepções de certas religiões, as almas dos mortos."¹⁴⁴

Contudo, essa operação de conhecimento original não é lógica ou racional conforme o entendimento moderno. Essa nova experiência coloca-se de modo integral ou "orgânica" como quer ELIADE (1993):

"Tudo isto é deduzido da simples contemplação do Céu; mas seria erro grave considerar essa dedução como uma operação lógica, racional. A categoria transcendental da 'altura', do supraterrrestre, do infinito, revela-se ao homem integral, tanto à sua inteligência como à sua alma. O simbolismo é um dado imediato da consciência total, ou seja, do homem que se descobre como tal, do homem que toma consciência da sua posição no universo; estas descobertas primordiais estão ligadas de maneira tão orgânica ao seu drama que o mesmo simbolismo determina tanto a atividade do seu subconsciente como as mais nobres expressões da sua vida espiritual."¹⁴⁵

Conforme ainda ELIADE (1993), nada foi muito diferente entre os gregos. Do mesmo modo que vários outros povos, os gregos, olhavam os céus com a mesma inquietante tensão em busca de respostas a essas questões de ordem transcendentais ou "orgânicas":

"Na Grécia, Uranos conservou mais nitidamente os seus caracteres naturistas; ele é o Céu. Hesíodo apresenta-no-lo aproximando-se e expandindo-se em todos os sentidos, quando, 'completamente ávido de amor' e trazendo consigo a noite, vem envolver a Terra. Esta hierogamia [¹⁴⁶] cósmica revela a vocação celeste."¹⁴⁷

Essa organicidade dialética segundo a qual o sentido das hierofanias é articulado, ou desrazão, evocada por ELIADE (1993), pode ainda ser verificada através da aparente gratuidade com que Uranos é destituído de sentido e lugar tempos depois:

"Mas, além do mito, nada mais restou de Uranos, nem sequer a sua imagem. O seu culto eventual foi usurpado por outros deuses, em primeiro lugar por Zeus. Com Uranos confirma-se também esse destino das divindades celestes supremas, que é o de serem gradualmente repelidas para fora da atualidade religiosa, de suportarem inúmeras usurpações, substituições e fusões, e de acabarem por ser esquecidas.

¹⁴³ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 298.

¹⁴⁴ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pgs. 39 e 40.

¹⁴⁵ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 40.

¹⁴⁶ **Hierogamia**: União e descendência divina, ou como indica Junito: "casamento sagrado". *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 195.

¹⁴⁷ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 70.

Uranos, completamente esquecido na religião, sobrevive no mito transmitido por Hesíodo, mito que, quaisquer que sejam os rituais nele implicados, corresponde no entanto ao desejo de conhecer a origem das coisas.”¹⁴⁸

Como se percebe o desejo de conhecer as coisas instala-se no seio da cultura grega como que prescrevendo a aparição posterior do Mito de Prometeu, período no qual a soberania de Uranos já fora superada e no qual prevalece a supremacia de Zeus, aquele que toma o seu lugar e ao qual se atribui uma ordenação dos *kosmos*.

Contudo, naqueles princípios das hierofanias, a idéia que estrutura a figura de Uranos pode ser, por sua fecundidade incontida, associado ao touro sagrado, que muito mais tarde será reverenciado pelo rei-sacerdote Minos na figura do touro na ilha de Creta. Assim, como quer ELIADE (1993):

“Por isso os deuses celestes das religiões indomediterrâneas se identificam, desta ou daquela maneira, com o touro.”¹⁴⁹

Vale ainda outra pequena digressão de caráter premonitório que se situa no interior dessa hierogamia e que se apresenta nas relações entre o casal original Urano e Gaia, a Terra.

Além de sua incessante potência reprodutora e criadora, Uranos tem outros predicados curiosos e devastadores. Seus descendentes são monstruosos, impetuosos e devastadores. Converte para esse deus original uma potência destrutiva incomparável e obviamente sem precedentes. Não bastasse isso Urano odiava seus filhos, e os devolvia impiamente ao ventre da mãe original. Conforme indica ELIADE (1993):

“Mas, ao contrário dos outros deuses celestes, a fecundidade de Uranos é perigosa. As criaturas por ele engendradas não se assemelham às formas que hoje povoam a terra, pois são monstros (de cem braços, de cinquenta olhos, de imensa estatura, etc.). Como Uranos os ‘odiava desde o primeiro dia’ (Hesíodo), escondia-os no corpo da Terra (Gaia), que sofria e gemia.”¹⁵⁰

Uranos não só escondia-os como os devolvia ao ventre de Gaia. Uranos odiava seus filhos. Sua descendência era composta por tudo o que é abjeto; são os Ciclopes, os Gigantes, os Hecatonquiros e os Titãs. Nas palavras BRANDÃO (1989) são seres

“que simbolizam, segundo Paul Diel, ‘as forças brutas da terra e, por conseguinte, os desejos terrestres em atitude de revolta contra o espírito’, isto é, contra Zeus.”¹⁵¹

Essas forças tectônicas além de representarem a revolta contra a espiritualização harmonizante, ou Zeus, significam também a latência do mal instalado no centro da Terra, no ventre de Gaia. Assim os gregos anteviram que o mal é inexpugnável, é indistinto da Terra, pois havia sido instalado em seu centro por Uranos. O posterior esforço grego por uma Ética parece ir de encontro a essas forças do mal inexpugnavelmente instaladas no centro da Terra de modo a bani-las e pacificar o mundo tornando-o habitável. Mito e concretude se encontram na terra de onde os homens emergem. Cientes da existência desse malefício centralmente instalado, os gregos se empenham por uma Ética, por uma normatividade civilizatória, por uma ordem nas cidades gregas, pela estabilidade de uma vida cidadã. É assim que os mitos antecipam o que a razão vem tentar sanar.

No que concerne à sacralidade dos animais, o fato mais sugestivo provém de uma negação. ELIADE (1993) aborda várias categorias de hierofanias, entretanto, exclui os animais. Apesar de não existirem claras alusões à sua exclusão como categoria hierofânica em seus textos, deve-se lembrar que os animais, por serem seres vivos, são relativamente comparáveis aos homens no que se refere a sua própria constituição, e conseqüentemente mortais. Eram, no mais das vezes, utilizados nos sacrifícios. Não apresentavam, de um modo geral, nenhuma característica transcendental. Com raras exceções os animais eram celebrados como divindades ou como a encarnação de algum bem transcendente. Suas vidas eram apenas oferecidas aos

¹⁴⁸ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 70.

¹⁴⁹ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 71.

¹⁵⁰ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 70.

¹⁵¹ *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 196.

deuses como um atestado de devoção humana, como rituais de adivinhação nos quais o futuro estaria prescrito em suas entranhas, etc..

Curiosamente, os sangrentos rituais destinados aos animais em geral não aconteciam com os touros. A eles era reservado um lugar especial, diferenciado. Seu estatuto de sacralidade sobrepujava todos os demais animais de modo que ao touro era oferecida uma posição hierárquica superior. Ao referir-se aos ritos e aos cultos cretenses BRANDÃO (1989) indica que:

*“Os sacrifícios sangrentos de bois, cabras, ovelhas e porcos se faziam ao ar livre. O touro possuía uma peculiaridade: normalmente era sacrificado apenas em efígie, mercê da sua alta sacralidade.”*¹⁵²

Não se sabe com certeza por que razão os cretenses não sacrificavam os touros. Entretanto aquele povo apreciava sobremaneira o desenvolvimento de perigosos exercícios físicos sobre o dorso dessas feras durante os seus rituais ou em dias de grande festividade. Eram as chamadas *taurokathapsiai*.¹⁵³

As próximas figuras referem-se às hierofanias relacionadas ao touro na ilha de Creta. A **figura 28**¹⁵⁴ mostra um afresco realizado numa das salas do apartamento real no palácio de Cnossos onde se vê a representação das *taurokathapsiai*. Trata-se de movimentos perigosos aparentemente realizados com o touro em movimento. Deles participavam também as mulheres cretenses, provavelmente as destemidas sacerdotisas que sempre estiveram presentes nos rituais daquele povo.

A **figura 29**¹⁵⁵, por sua vez, revela uma hipótese da evolução desses exercícios. Conforme se vê não poderiam ser exercícios simples e é provável que uma preparação rigorosa e adequada fosse necessária para a sua perfeita consecução. Já a **figura 30**¹⁵⁶ na próxima página, mostra uma impressionante estilização dos

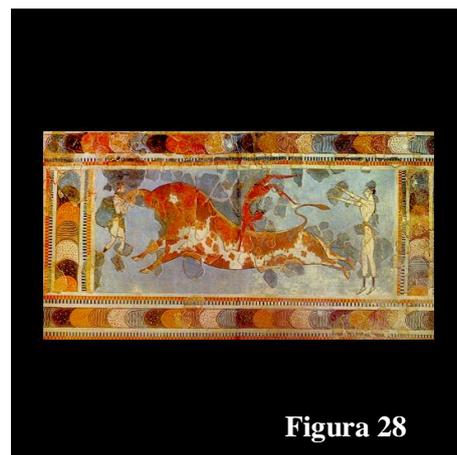


Figura 28

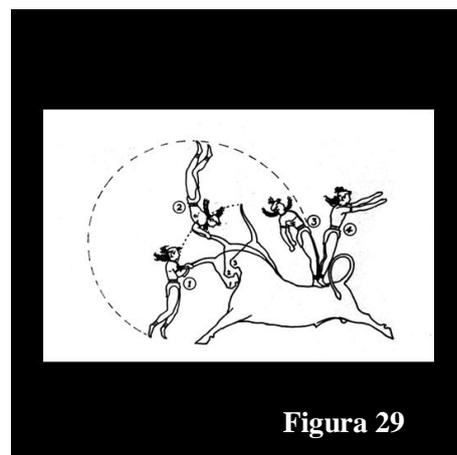


Figura 29

¹⁵² *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 56.

¹⁵³ O touro, posteriormente entre os cretenses do período Minóico, obteve algum significado sacro provavelmente oriundo dos egípcios. Esse animal era festejado, conforme PUECH (1986), nos rituais da *taurokathapsiai*: “O touro, associado com frequência à bípene [machado de dois gumes], coloca um problema análogo. Nilsson sustenta que não era mais do que um animal sacrificial. Mas parece seguro que o caráter sagrado das corridas cretenses face o paralelismo com as *taurokathapsiai* egéias e as ‘corridas do Boi Apis’ egípcias. As corridas tinham lugar, segundo J. W. Graham, no pátio interno dos palácios. Não incluíam a morte dos touros; os homens, e seguramente as jovens, realizavam perigosas piruetas encima das bestas lançando-se de uma plataforma elevada (ainda visível pelo ângulo noroeste do pátio de Festo). Procediam à captura do animal por meio de uma rede, como se vê representado na taça de Vafio; domando-o como Hércules domara o Touro de Creta. Estas festas celebradas no interior do palácio formavam provavelmente parte dos rituais de iniciações reais similares aos egípcios. ... O touro deveria ser uma personificação do princípio masculino, tal como aparece na lenda de Europa. Este valor, que se apresenta entre os deuses do touro no Oriente Próximo, explica a popularidade do símbolo bovino em Creta. Os cornos de consagração, freqüentes nos santuários palacianos, parecem não serem mais do que uma estilização: como acreditava Evans, serviam sem dúvida para sacralizar o objeto, rama ou a bípene, colocado em seu interior.” *Historia de las Religiones - Volume 2 - Las Religiones Antiguas Vol. II*, op. cit., pgs. 221 e 222.

¹⁵⁴ Legenda da **figura 28**: “A famosa pintura da *Taurocathapsia*, bastante restaurada, ornava uma sala dos aposentos reais. O afresco em relevo foi realizado por volta de 1405 - 1440 [a.C.]. A *taurocathapsia* consistia de alguns exercícios que culminavam no salto duplo dos acróbatas, que na pintura são um homem e uma mulher, representados respectivamente pela cor avermelhada e pelo branco da pele. Relevante é a leveza do desenho e a simetria da composição que antecipam os rígidos cânones da escultura grega.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., pgs. 48 e 49.

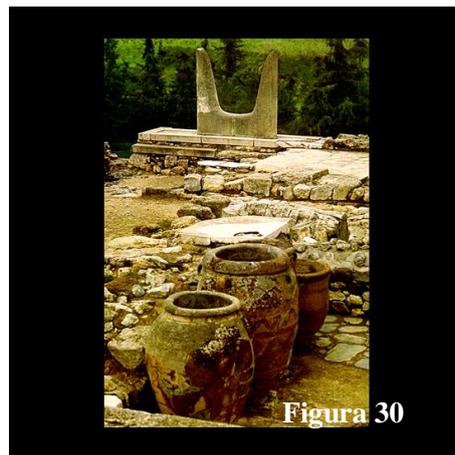
¹⁵⁵ Legenda da **figura 29**: “Como se realizavam as façanhas dos acróbatas.” *El Toro de Minos*, op. cit., lâmina 25.

¹⁵⁶ Legenda da **figura 30**: “Junto aos propileus meridionais encontra-se esse grande corno de consagração em pedra, com um furo no meio que estava obturado com a do haste de uma bípene [machado de dois gumes]. Juntamente com o machado de dois gumes, os cornos do touro eram o símbolo sacro para os minóicos que o colocavam como proteção dos edifícios. No palácio do rei-sacerdote Minos, o representante do Minotauro, eles eram de proporções enormes em harmonia com a grandiosidade arquitetônica, e eram colocados sobre os altares, aos pés das árvores, das colunas, dos pilares e também sobre suas casas.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., figura: pg. 30; texto: pg. 31.

cornos de touro encontrada num dos pátios externos do palácio de Cnossos na ilha de Creta. Pouco se sabe sobre a sua utilização nos rituais daquele povo.

Conforme o exposto, também as plantas foram objeto de cultos nas várias culturas do globo. Com relação à sacralidade das árvores ELIADE (1993) diz:

*“... podemos desde já chamar a atenção para o fato de que a árvore representa - quer de maneira ritual e concreta, quer de modo mítico e cosmológico, ou ainda puramente simbólico - o cosmos vivo, regenerando-se incessantemente. Sendo a vida inesgotável um equivalente da imortalidade, a árvore-cosmos pode, por isso, tornar-se, em outro nível, a árvore da ‘vida-sem-morte’.”*¹⁵⁷



Ao ressaltar a manifestação divina nas árvores, *phytón*, já transposta ao nível da **teofania**,¹⁵⁸ ELIADE (1993), suscita a constante aproximação entre deuses gregos e as árvores:

*“Evidentemente, entre a teofania, que ressalta desses exemplos, e o motivo da ‘Árvore da Vida’ houve contaminação, e o processo é fácil de compreender: a divindade que se revela no cosmos sob a forma de árvore é ao mesmo tempo fonte de regeneração e de ‘vida sem morte’, uma fonte para a qual o homem se volta porque ela justifica, a seus olhos, as esperanças que ele alimenta a respeito da sua própria imortalidade. Entre as articulações de conjunto árvore-cosmos-divindade há simetria, associação, fusão. Os deuses designados como deuses da vegetação são freqüentemente representados em forma de árvore: Átis e o pinheiro, Osíris e o cedro, etc. Entre os gregos, Ártemis está, por vezes, presente numa árvore: em Boiai, na Lacônia, adorava-se um mirto com o nome de Ártemis Soteira, e junto a Orcomenos, na Arcádia, havia num cedro um xoanon de Ártemis Kedreâtis. Às vezes, as imagens de Ártemis eram enfeitadas com ramos. É conhecida a epifania vegetal de Dionísio, chamado por vezes de Dionísio dendrites. Lembremos igualmente o carvalho oracular sagrado de Zeus em Dodone, o loureiro de Apolo em Delfos, a oliveira selvagem de Hércules em Olímpia, etc. No entanto, no que diz respeito à Grécia, não há provas que atestem a existência de um culto da árvore, a não ser em dois lugares: a árvore de Citeron, onde se pensava que Penteu teria subido para observar as Mênades e que o oráculo ordenara que se venerasse como um deus, e o plátano de Helena em Esparta.”*¹⁵⁹

Apesar de não ter sido encontrada nenhuma referência do caráter hierofânico e sagrado associado às primeiras colunas gregas construídas em madeira e as árvores, conforme reza a tradição construtiva daquele povo, essa hipótese não deve ser descartada a princípio. É muito provável que os gregos tivessem emprestado algum sentido hierofânico ou teofânico aos seus protótipos de madeira dada a sua enorme capacidade em encontrar essas correspondências em tudo o que estivesse em seus territórios ocupados.

Finalmente pode-se ainda evocar as hierofanias relacionadas ao oceano, ou os *okeanós*, afinal de contas os gregos estiveram desde sempre em contato direto com suas águas. Uma referência de âmbito mais geral à sacralidade dos mares e oceanos segundo ainda ELIADE (1993):

“Numa fórmula sumária, poder-se-ia dizer que as águas simbolizam a totalidade das virtualidades; elas são fons et origo, a matriz de todas as possibilidades de existência. ... Princípio do indiferenciado e do virtual, fundamento de toda a manifestação cósmica, receptáculo de todos os germes, as águas simbolizam a substância primordial de que nascem todas as formas e para a qual voltam, por regressão ou por cataclismo. Elas foram no princípio, elas existirão sempre - se bem que nunca sós, porque as águas são sempre germinativas, guardando na sua unidade não fragmentada as virtualidades de todas as

¹⁵⁷ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 215.

¹⁵⁸ **Teofania**. [Do gr. *theophanía*]. “Manifestação de Deus em algum lugar, acontecimento ou pessoa.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit. pg. 1366.

¹⁵⁹ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pgs. 226 e 227.

formas.”¹⁶⁰

ELIADE (1993) prossegue especificando o caso grego:

*“O culto das águas - dos rios, das fontes, dos lagos - existiu na Grécia antes das invasões indo-europeias e antes de qualquer valorização mitológica da experiência religiosa. Vestígios deste culto arcaico conservam-se até o declínio do helenismo. ... É inútil citar toda a mitologia aquática dos gregos. Ela é vasta e de contornos imprecisos. Em perpétuo escoamento, inúmeras figuras míticas aparecem, repetindo o mesmo motivo fundamental: as divindades das águas nascem das águas.”*¹⁶¹

Segundo ELIADE (1993), a fecundidade e dispersão das hierofanias aquáticas é enorme. As ninfas, por exemplo, pululam em qualquer curso d’água grego, que não são poucos.

*“Quem entre os gregos, podia gabar-se de conhecer o nome de todas as ninfas? Elas eram as divindades de todas as águas correntes, de todas as fontes, de todas as nascentes. Não foi a imaginação helênica que as produziu: elas estavam lá, nas águas, desde o começo do mundo: os gregos deram-lhes, talvez, a forma humana e o nome. Elas foram criadas pelo curso vivo da água, pela magia, pela força que dela emana, pelo seu murmúrio. Quando muito, os gregos as terão destacado do elemento com o qual elas se confundiam. Uma vez desligadas, personificadas, investidas de todos os prestígios aquáticos, elas adquiriram uma lenda, intervieram na epopéia, foram atraídas pela taumaturgia. ... São divindades do nascimento (água = fertilidade) e **kourotrophoi**, educam crianças, ensinam-lhes a tornarem-se heróis. Quase todos os heróis gregos foram educados quer por ninfas, quer por centauros, isto é, por seres sobre-humanos que participam das forças da natureza e as controlam. Uma iniciação heróica nunca é ‘familiar’; em geral, nem mesmo é ‘cívica’, não se faz na cidade, mas na floresta, no mato.”*¹⁶²

Desse todo orgânico de pura existência anterior a qualquer interpretação humana é que as ninfas emergem. Sua relação com os humanos é espantosamente ativa. Elas não se limitam às suas existências mas desdobram-se na educação do homem grego, fecundam os homens na sua exemplaridade, comparecem como agentes formativos do próprio processo civilizatório grego. Assim elas tornam-se a normatividade, tornam-se a medida da educação na civilidade, na correção da ordem civil. Elas formam os hábitos e costumes. As hierofanias contêm os primeiros elementos normativos e éticos.

Entre as hierofanias das águas há ainda Posídon, o deus dos mares. Posídon se apresenta como um poderoso vórtice de geração e corrupção situado apenas em sua própria e única perspectiva. Conforme ELIADE (1993) ele é alheio à ordem dos homens pois tem a sua própria ordem situada numa espécie de profundidade inconsciente, inacessível a qualquer outra forma de organização racional:

*“O mar, quando se enfurece, perde as suas características femininas de tentação ondulante e de beatitude sonolenta - e a sua personificação mítica adquire um perfil masculino acentuado. ... Tal como a natureza oceânica, Posídon é selvagem, desagradável, pérfido. O seu perfil mítico não alcança um caráter moral. Está demasiado perto da matriz netuniana para conhecer outra lei que não seja a da sua própria modalidade. Posídon revela uma certa condição cósmica: as águas precedem a criação e, ritmicamente, reabsorvem-na; a autonomia perfeita do elemento netuniano, indiferente para com os deuses, os homens e a história, embala-se na sua própria fluidez, inconsciente tanto dos germes que traz consigo como das ‘formas’ que possui virtualmente e que, de fato, ele dissolve periodicamente.”*¹⁶³

É desnecessário e ineficiente prosseguir aqui as discussões sobre as hierofanias. Suas formas e implicações são por demais extensas e complexas. Além do mais, no atual contexto da dissertação basta que se lhes apresente a importância e função no contexto do homem do período Mesolítico.

Sua importância é clara: são as primeiras representações que buscam ordenar as relações com o meio ambiente segundo algumas formas de apreensão que são metafísicas, ou para além do mundo físico. Mesmo

¹⁶⁰ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 153.

¹⁶¹ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pgs. 164 e 165.

¹⁶² *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 166.

¹⁶³ Segundo ELIADE: *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pgs. 167 e 168.

que ainda não organizadas segundo princípios fixos e estáveis, como ocorrerá mais tarde entre os gregos, elas representam esse primeiro esforço de interpretação do mundo, esse primeiro esforço explicativo do que se situa para além da compreensão. Nessa perspectiva, elas são como que a primeira forma normativa de relação com o mundo natural e é possível que tenham prescrito e conformado grande parte dos hábitos e costumes daqueles povos. Elas antecedem o que séculos mais tarde tomará a forma dos *ethoi*, ou a sua forma suprasumida no *ethos*.

Eis então o que o período Mesolítico traz de novidade contrariando a desinformação de Durant: esse período é o responsável pela transmissão e transformação do modo de relacionar-se com o mundo, conforme as hordas de caçadores paleolíticas, ao novo modo de fixação dos povos agricultores do próximo período que é o Neolítico. Conforme será visto mais à frente, a forma religiosa ou do divino terá mais tarde a mesma função: a de suprasumir uma antiga normatividade de hábitos e costumes numa outra normatividade atualizada. Trata-se da Idade dos Heróis gregos, outro obscuro período da história Ocidental.

Sinteticamente, é aquela estabilidade climática, perpassada pelo advento das hierofanias num cenário mais humano e pacificado, que permite ao homem mesolítico construir os primeiros sentidos para suas formas de apropriação do mundo exterior e, concomitantemente, fixar-se, ainda que de modo impreciso, segundo as primeiras aglomerações expressadas na forma das promissoras fazendas.

Assim, o homem do período Mesolítico avança em muito em relação aos seus ancestrais do Paleolítico. É ele quem funda e fixa as primeiras associações estáveis e as representa contundentemente no espaço construído. Sua descrição mais generosa é a de um fazendeiro que se fixa com grupos familiares em toscos abrigos, no caso dos países mais frios.¹⁶⁴

As próximas formas de associações humanas são as dos agricultores do período Neolítico. Não se sabe ao certo se são mais ou menos evoluídas que os seus predecessores do Mesolítico. Contudo os poucos registros encontrados conferem a eles um caráter de maior permanência de suas formas organizacionais.

3.3. As Cratofanias no Futuro Contexto Neolítico dos Gregos.

As Cratofanias: o Sentido de Permanência das Pedras / Omphalós: o Umbigo do Mundo Grego / O Sentido Sagrado das Colunas Palacianas / A Dimensão Humanizada das Pedras: Os Templos Perípteros / Os Palácios Micênicos.

Conforme ELIADE (1993), por **cratofania** entende-se o conjunto de hierofanias que se representam através das pedras.¹⁶⁵ É também segundo ELIADE (1993) que a idéia de centralidade está expressa em outra idéia, a

¹⁶⁴ Ver o ANEXO 08 “As Primeiras Formas de Fixação dos Homens” onde se encontram informações sucintas sobre essas primeiras formas de fixação desses homens sobre o globo.

¹⁶⁵ Eis uma referência ao significado simbólico da sacralidade das pedras ou de cratofania proposto por ELIADE: “A dureza, a rudeza, a permanência representam para a consciência religiosa do primitivo uma hierofania. Nada de mais imediato e mais autônomo na plenitude da sua força, nada de mais nobre e de mais terrível que o majestoso rochedo, o bloco de granito audaciosamente ereto. Antes de mais nada a pedra é. Ela permanece sempre igual a si própria e subsiste. E, o que é mais importante, ela serve para bater. Antes mesmo de pegar nela para bater, o homem vai de encontro a ela. Não necessariamente com o corpo, mas pelo menos com a vista. Ele verifica assim sua dureza, sua rudeza, seu poder. O rochedo revela-lhe qualquer coisa que transcende a precariedade da sua condição humana: um modo de ser absoluto. A sua resistência, a sua inércia, as suas proporções, tal como os seus contornos estranhos, não são humanos: eles atestam uma presença que fascina, aterroriza, trai e ameaça. Na sua grandeza e na sua dureza, na sua forma ou na sua cor, o homem encontra uma realidade e uma força que pertencem a um mundo diferente do mundo profano de que ele faz parte.” *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 175. O autor prossegue agregando à idéia de *omphalós* outros sentido como “centro da Terra” ou como a “pedra funerária de um túmulo”. Mais uma vez o sentido de centralidade permanece inalterado só que agora em relação ao mundo: “Ao sobrepor-se ao antigo culto ctônico de Delfos, Apolo agregou a si o *omphalós*, e os seus privilégios. Perseguido pelas Erínias, Orestes é purificado por Apolo junto ao *omphalós*, lugar sagrado por excelência, ‘centro’ onde as três zonas cósmicas [o mundo, o céu e o inferno] se comunicam, ‘umbigo’, que, pelo seu simbolismo, garante um novo nascimento e uma consciência reintegrada.” *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 189.

de *omphalós*, umbigo, que entre os futuros gregos esteve desde tempos imemoriais relacionados a uma pedra. De acordo ainda com o autor:

*“Contentemo-nos, de momento, em lembrar algumas crenças que dizem respeito ao omphalós (umbigo) de que Pausânidas escreve: ‘O que os habitantes de Delfos chamam omphalós é feito de pedra branca e acha-se, segundo pensam, no centro da Terra, opinião confirmada por Píndaro numa de suas odes.’ ”*¹⁶⁶

A persistência do sentido místico das pedras atravessa os séculos formadores da civilização grega, fixa-se na tradição oral daquele povo até alcançar, em tempos homéricos, quando então o tema é fixado na tradição escrita.

Posteriormente, a sacralidade das pedras é transportada ao interior das construções na forma de pilares. Esse poderoso símbolo pétreo, anteriormente instalado cuidadosamente em áreas externas ou no interior de cavernas, é internalizado nas construções, inicialmente conferindo a sacralidade aos *mégarons*,¹⁶⁷ posteriormente à casa do rei, e depois ao palácio real, como acontece no palácio do rei Minos em Creta.

Segundo ainda BROGGI/LOMBARDINI (1981):

*“O culto da pedra sagrada, concebida como manifestação do deus, se encontra entre os mais antigos [cultos] e está documentado em Festo, onde uma massa de ferro magnético foi encontrada junto a um ídolo neolítico e, ainda, na gruta sagrada de Psycró, onde, numa cavidade entre as estalagmites, surgiam acomodados os ex-votos, assim como na gruta de Dikte. No linguagem metafórica do mito, que narra como Zeus criança fora devorado por Kronos sob forma de pedra envolta em faixas, pode-se distinguir aquele princípio de fusão e de contaminação entre as formas de religião não icônicas e icônicas que permanecerão caracteristicamente do mundo minóico. Aos cultos da pedra sagrada e da árvore pode ser associado o culto ao pilar, amplamente documentado em Creta; a sua sacralidade não é todavia ‘intrínseca’, isolada, mas ‘mediada’. O pilar como elemento portante da arquitetura sagrada e civil é símbolo de potência e o seu entorno ‘carrega-se’ do mágico poder do céu que é preposto a sustentar ou a acolher: a imagem sagrada do deus, a inscrição e, igualmente, o templo. E ainda, a sua sacralidade é exposta nos ritos de construção associados aos pontos nodais do edifício: além dos pilares, as portas e os umbrais, e naturalmente, os alicerces.”*¹⁶⁸

Seria inútil tentar argumentar que a eleição das pedras como o material construtivo mais utilizado na arquitetura templária grega deve-se somente à sua resistência ao desgaste do tempo, esse poderoso construtor e destruidor. Associado à sua dureza, e talvez, mesmo por essa razão, o seu significado encontra-se intimamente relacionado a uma instância sagrada. A pedra por sua dureza e conseqüente resistência ao desgaste por abrasão emite a sensação de perenidade, de superação do tempo, de permanência indefinida; algo quase eterno.

Conforme se vê, para a pedra convergem uma série de predicados além de sentidos de ordem sobrenatural. Além do mais, os conteúdos mitológicos conferem a esse material algumas qualidades metafóricas que explicitam a sua importância. Numa determinada passagem mítica o próprio Zeus tem a sua vida salva graças à Geia que o substitui por uma pedra envolta em panos e a oferece a Cronos. Ao que tudo indica o todo-poderoso Zeus só poderia ser substituído por uma pedra e não por outro material conhecido.

A **figura 31**¹⁶⁹ ao lado, mostra um par de colunas do palácio de Cnossos. Conforme se vê, o espaçamento entre ambas é quase injustificável sob o ponto de vista da estabilidade da construção. Deve-se lembrar que

¹⁶⁶ *Tratado de História das Religiões*, op. cit., pg. 188.

¹⁶⁷ **“Mégarom**. Em Homero, provavelmente mégaron significa ‘grande sala’, mas tem diversos outros significados no idioma grego posterior, inclusive ‘templo’, ‘santuário interno’ e ‘caverna subterrânea’.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 458. O termo *mégarom* designa um tipo de construção grega utilizada somente por homens e tanto a sua utilização como o seu significado não parecem precisos. Entretanto ele parece anteceder a idéia de sacralidade do templo no que se refere às práticas religiosas ali desenvolvidas. Além do mais, tudo indica que mais tarde os *mégarons* constituíram-se na parte central dos templos.

¹⁶⁸ BROGGI, S./LOMBARDINI, E.: *Coleção Documenti di Arti, I Palazzi di Creta*, Itália, Novara, Istituto Geografico De Agostini SpA, 1981, pgs. 14 e 15.

¹⁶⁹ Legenda da **figura 31**: “Da varanda da guarda, o rei tinha acesso aos seus aposentos privados, os elegantes motivos dos afrescos, reconstituídos, os escudos bilobados, do tipo usado pelos heróis homéricos.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., pg. 39.

lajes de pedra muito maiores já haviam sido utilizadas por outros povos para vencer vãos muito maiores em vários ambientes construídos anteriores aos cretenses. Esse era o caso de várias construções egípcias. É certo também que os cretenses conheciam essas construções, já que suas relações comerciais com o Egito eram intensas.

Desse modo, alegar o desconhecimento dessa possibilidade estrutural pelo povo de Creta não é uma hipótese plausível. Ou seja, os cretenses poderiam ter-se utilizado de vãos maiores a exemplo das construções há muito conhecidas e o fato de não terem procedido dessa forma indica que, deliberadamente, optaram por outra razão para se representarem nos ambientes construídos.

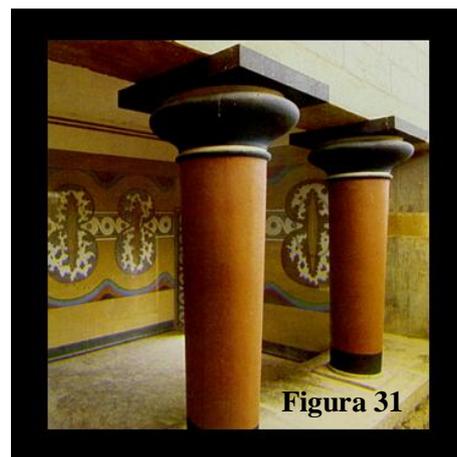
Mais acertado seria supor que os cretenses optaram por vãos menores de modo que um maior número de pilares fosse necessário para estruturar os seus ambientes construídos. Nessa perspectiva a existência de um número excessivo de colunas somente poderia ser justificada na perspectiva da sacralidade dos pilares de pedra.¹⁷⁰

É claro que essa estratégia, a da adoção da redundância estrutural com a repetição desnecessária dos pilares de pedra estruturais, somente poderia favorecer a expressão do sistema simbólico daquele povo. Esses pilares de pedra, originalmente realizados em madeira e instalados no interior dos antigos *mégarons*, estiveram por muito séculos, apenas destinados a suportar as cargas devidas à sustentação dos sistemas de coberturas.

Contudo, a posterior mentalidade grega do período Helenístico fez com que esses pilares interiorizados nos antigos *mégarons* e palácios ocupassem, gradativamente as posições perimétricas e externas de seus templos. Essa idéia parece formalizar o que se designou posteriormente como os templos *perípteros*.¹⁷¹

Numa perspectiva mais abrangente e generosa, pode-se afirmar, a partir das antigas construções mesolíticas onde as pedras compareciam como fechamento externo e delimitação do espaço sagrado da aldeola, que as antigas cratofanias passam a ser atualizadas na evocação pétreo dos pilares internos durante o período Neolítico para depois, no período Helenístico, serem colocados externamente como uma delimitação quase ideal de um perímetro imaginário, porque não cerrado, entre o sagrado e o profano. Permanece-se assim num mesmo contexto conceitual que admite grandes transformações quanto à forma de organização dos ambientes construídos, mas que não perde de vista os seus conteúdos simbólicos e míticos: a permanência do caráter sagrado das pedras.

A essa altura da história grega, situada ali no Helenismo, os pilares exibem toda a carga simbólica dos tempos anteriores. A sofisticação segundo a qual esses elementos construtivos são concebidos e realizados é visível. Assim, o percurso da cratofania indica, no caso grego, que à medida que o espaço humano vai-se abrindo por sobre a natureza de modo a criar uma natureza de segunda ordem, o caráter pétreo e indevassável



¹⁷⁰ Outras interpretações existem com relação ao usos de pilares de pedra e o seu caráter hierofânico. PUECH (1986), por exemplo, contesta o seu caráter hierofânico: “*Evans considerou o pilar como uma representação não icônica da divindade. Sob esse ponto de vista, sua teoria está errada: provou-se, refutando-o, que os pilares que desempenhavam uma função arquitetônica não possuíam nenhum valor religiosos. Outra coisa é o pilar ou a coluna separada, e ainda assim é difícil a determinação de seu sentido. A coluna ladeada por dois animais, segundo alguns autores é um símbolo da Potnia thêrôn, enquanto Nilsson a considera somente como uma representação abreviada do palácio colocado sob a proteção das feras. Ante à carência de textos, não se pode precisar a função seguramente religiosa dos obeliscos erigidos à frente dos santuários da árvore. Seja como for, a Grécia venerou o betylo, pedra ou coluna: Dionísio Cadmeo tinha o aspecto de uma viga recoberta de pedra; Hermes e Apolo Agyieus (protetor dos caminhos) estavam representados por um pilar; Eros de Téspias, por uma pedra tosca. Tudo parece indicar que esses arcaísmos procedem da época minóica.*” *Historia de las Religiones - Volume 2 - Las Religiones Antiguas Vol. II*, op. cit., pg. 222. Conforme se vê, o autor distingue diferentes categorias de pilares e de seus significados. Contudo nada há de contundente que inviabilize uma interpretação que exponha o sentido sacro dos pilares gregos. Assim, se o seu caráter de sacralidade pode ser inicialmente contestado como quer PUECH (1986), não há dúvidas de que em outras circunstâncias as colunas de pedra desempenharam o papel hierofânico.

¹⁷¹ Primeiramente: “**Perípteros**. Edifício cercado externamente por todos os lados de uma ordem de colunas isoladas, formando galeria coberta.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 392. Complementando: “**Perípteros**: Termo ocasionalmente empregado por autores antigos para designar um ‘peristylon’ interior.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 460. Ver definição de peristilo mais à frente.

vai-se diluindo e tornando-se vazado, alcançável, penetrável, preenchido de uma humanidade que as próprias pedras não possuem mas que o delimitam, ali, na exata medida de uma tradição conceitual.

Assim os gregos opõem ao caráter pétreo original um outro sentido mais humano, que se constrói pela expressão do sagrado, que permanece pétreo, mas que o transforma segundo a dimensão humana, devassando-o, infiltrando-o.

Os templos construídos no período Helênico apresentam uma forma reificada, dessacralizada e humana, mas que, contudo, admitem ainda a permanência do seu sentido tradicional. Trata-se de uma operação de suprassunção tomada em seu sentido construtivo mesmo. A amplitude da liberdade grega, expressa na cidadania, constrói em torno das pedras outro sentido que modifica os atributos primeiros de pedra - “a dureza, a rudeza e a permanência” - em proveito da nova centralidade que é humana, mas que, apesar de expressar-se através da utilização do mesmo material, situa-se num novo horizonte: o da civilidade da *polis* grega.

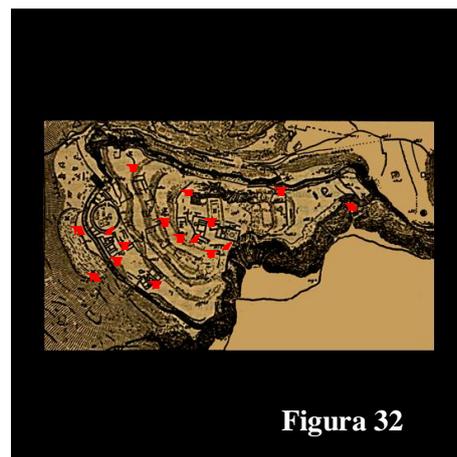


Figura 32

O maior atestado dessa passagem foi expresso no esmero com que cada coluna era construída. A passagem dos pilares toscos e mal-acabados dos tempos anteriores às célebres colunas dos templos gregos não pode ser desconsiderado. Tudo ali é esmero escultórico, tudo ali é atenção no fazer, *praxis*, tudo ali é precisão de execução construtiva.

Ora, mais uma vez admitindo-se a centralidade da *praxis* na construção do homem ético, fica claro que por suas novas capacidades técnicas não se trata mais do homem neolítico, mas sim do homem que se esforça por se autodenominar civilizado. Assim, todos os procedimentos técnicos adotados na construção dessas novas colunas foram certamente objeto de cuidadosos estudos de modo que a sua compleição final pudesse ser um atestado dessa nova civilidade.¹⁷²

Como seria o esperado, mesmo num momento anterior à Grécia Clássica, a centralidade permaneceria como o traço fundamental e conceitual de organização dos espaços. A **figura 32**¹⁷³ acima, mostra o mesmo argumento da centralidade na cidade de Micenas, um momento anterior à construção da idéia das cidades gregas.¹⁷⁴ Sua forma indica os estreitos vínculos existentes entre os antigos cemitérios paleolíticos atualizados na forma das futuras comunidades do período Neolítico. A **figura 33**¹⁷⁵ ao lado, mostra um

¹⁷² Alguns exemplos desses procedimentos construtivos podem ser encontrados no Capítulo 8 dessa Dissertação.

¹⁷³ Legenda da **figura 32**: “A Cidadela de Micenas: A. Portal dos Leões; B. Porta posterior; C. Cemitério circular; D. Ponto em que se desenterrou o tesouro; E. Restos de habitações escavadas; F. Escadarias do palácio; G. Palácio; H. Antigo templo dórico; I. Entrada da passagem que conduz ao aqueduto; K. Cisternas; L. Torres na murada circular [indicação não encontrada na ilustração original]; M. Acúmulos originais das escavações de Schliemann; N. Galerias que atravessam a muralha.” *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 29. Retornando ao texto de MARTIENSSEN: “O plano que reproduzimos no texto nos mostra o esquema geral seguido para utilizar a área coberta da acrópolis.. imediatamente depois do limite exterior, assinalado pelas portas (A na planta), e no início da escarpa, existe um círculo de sepulcros (C) e mais além do mesmo, mais ou menos no mesmo nível, parece ter existido um grupo contínuo de casas (E). muito acima dessas casas se encontrava o palácio, cuja disposição megarônica se vê em (G). Nesse antigo exemplo de ordenação zonal (que já obedecia fundamentalmente aos ditames da necessidade prática ou aos dos rituais) encontramos certos indícios de um sistema, de um interesse por uma planificação deliberada, que só floresceu cabalmente nas disposições equilibradas e arquitetônicas dos séculos que se seguiram.” *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pgs. 29 e 30.

¹⁷⁴ MARTIENSSEN (1958) assim apresenta a cidadela de Micenas: “O plano que reproduzimos no texto nos mostra o esquema geral seguido para utilizar a área coberta pela acrópolis. Imediatamente depois do limite exterior, assinalado pelas portas (A na planta), e no começo da escarpa, há um círculo de sepulcros (C) e mais além do mesmo, mais ou menos no mesmo nível, parece ter existido um grupo contínuo de habitações (E). muito acima dessas habitações se encontrava o palácio, cuja disposição megarônica se vê em (G). Nesse antigo exemplo de zoneamento (que já obedecia fundamentalmente aos ditames da necessidade prática ou aos de ritual) encontramos certos indícios de um sistema, de um interesse de planejamento deliberado, que só floresceu integralmente nas disposições equilibradas e arquitetônicas dos séculos que se seguiram.” MARTIENSSEN, R. D: *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, Argentina, Buenos Aires, Editorial Nueva Visión, 1958, pgs. 29 e 30. Ver ainda o **ANEXO 09** “A Centralidade, o Caráter Pétreo, a Concentricidade e o Sentido Místico da Cidadela de Micenas” contendo mais informações sobre a cidadela de Micenas.

¹⁷⁵ Legenda da **figura 33**: “O cemitério circular de Micenas. (reconstituído por De Jong).” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 26.

aspecto do cemitério circular de Micenas. Para esse cemitério convergem todos os elementos: a circularidade, a concentricidade, o caráter pétreo da construção e o seu sentido místico ou transcendente. Ali em Micenas também se encontrava o Tesouro de Atreu, descoberto posteriormente. Era uma câmara mortuária para

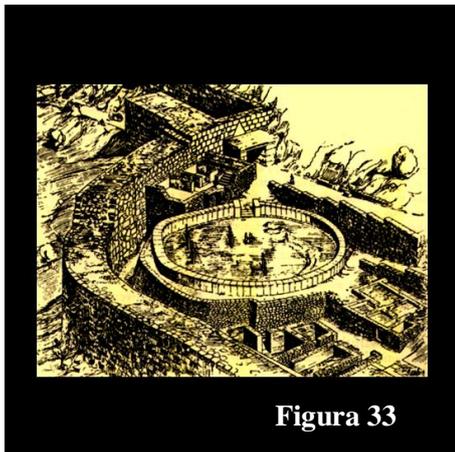


Figura 33

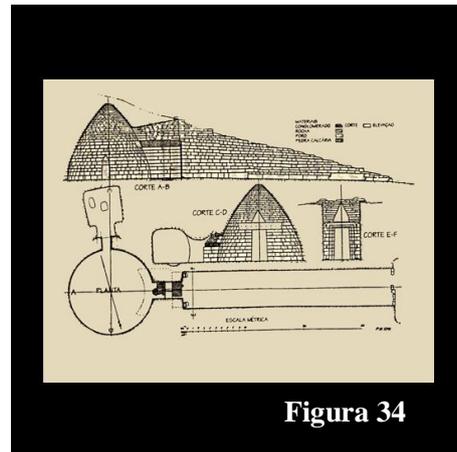


Figura 34

onde convergem, mais uma vez, as idéias da cratofania e o argumento da centralidade. A **figura 34**¹⁷⁶, também ao lado, ilustra essa idéia.

Séculos mais tarde, já na Grécia Clássica, o coroamento da esfera simbólica dessa coercitividade será suprassumida na perspectiva da esfera da política que encerra a própria *praxis* cidadina, para onde convergem do mesmo modo a noção de centralidade e do divino ou a idéia de unidade. Tão potente é a descoberta da centralidade do Mesolítico que esse modelo se estendeu pelos séculos indefinidamente até a modernidade.

Entretanto, para a construção desse sentido de permanência e estabilidade, o homem deverá fixar-se no mundo através da agricultura, o que ocorrerá no período Neolítico. Somente nessa perspectiva os hábitos e costumes se fixarão definitivamente segundo uma possessão estável.

¹⁷⁶ Legenda da **figura 34**: “ ‘Tesouro de Atreu’, Micenas.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 41.

CAPÍTULO 4.

O Período Neolítico: A Fixação das Primeiras Comunidades Humanas.

4.1. O Período Neolítico. *A Estabilidade Climática e a Co-Periodicidade / Das Fazendas às Cidades: o Salto Para a Cultura / O Desenvolvimento da Agricultura / As Hierofanias e a Fixidez do Olhar Empírico / O Desenvolvimento da Agricultura / A Centralidade Privilegiada do Mar Mediterrâneo - A Polarização do Mar Egeu / A Invenção da Unidade Construtiva: o Tijolo de Barro / Os Primeiros Centros Agrícolas - As Primeiras Habitações / A Cerâmica Cozida / A Metalurgia / A Navegação / A Escrita / Uma Unidade Conceptiva: dos Tijolos de Barro à Escrita no Barro.*

4.1. O Período Neolítico.

4.1. *A Estabilidade Climática e a Co-Periodicidade / Das Fazendas às Cidades: o Salto Para a Cultura / O Desenvolvimento da Agricultura / As Hierofanias e a Fixidez do Olhar Empírico / O Desenvolvimento da Agricultura / A Centralidade Privilegiada do Mar Mediterrâneo - A Polarização do Mar Egeu / A Invenção da Unidade Construtiva: o Tijolo de Barro / Os Primeiros Centros Agrícolas - As Primeiras Habitações / A Cerâmica Cozida / A Metalurgia / A Navegação / A Escrita / Uma Unidade Conceptiva: dos Tijolos de Barro à Escrita no Barro.*

Conforme o exposto, a estabilidade climática observada no período Mesolítico abre à empresa humana as primeiras perspectivas de permanência numa mesma região e com ela as primeiras oportunidades de coexistência dos homens com uma mesma topografia, com os mesmos seres vivos, com o mesmo céu e com as mesmas águas. Essa coexistência possibilita a observação mais pormenorizada dos vários elementos que constituem o mundo natural pela ampliação do tempo de permanência num determinado sítio. Instala assim certa **co-periodicidade**¹⁷⁷ entre os homens e o seu mundo. Nessa perspectiva as hierofanias se inscrevem como as primeiras ordenações das primeiras *intuições de regularidades* atualizadas nesse novo mundo preenchendo de significados tudo aquilo que é alheio ao fato humano e, a partir de um lugar distante de suas próprias limitações, principia por ordenar as ações do grupo segundo uma *dia-lógica* que apreende as esferas do sagrado e do profano e da qual se desprende um novo humano, um humano no qual se iniciam as novas ordenações.

Se o período Mesolítico significou a conquista de um amplo espectro tecnológico e a aparição das primeiras hierofanias, o período **Neolítico** significará a potenciação dessas conquistas e a sua expansão no sentido da construção de um lugar de permanência que são as primeiras cidadelas agrícolas.

O período Neolítico, que vai dos 7.000 a 4.500 a.C., é a segunda subdivisão do período Holoceno que vai de 8.000 a.C. aos dias de hoje, contabilizando mais ou menos 10.000 anos, sendo antecedido apenas pelo

¹⁷⁷ A utilização do termo co-periódico consiste num empréstimo da matemática mas se adequa bem ao contexto. “**Co-periódico.** *Mat.* Que tem os mesmos períodos que outro: O seno e o cosseno são funções co-periódicas.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 381. A propriedade do emprego do termo co-periódico reside na idéia intrínseca a ele de sincronia, de correlação, ou ainda de co-determinação entre as esferas mítica, representadas pelas hierofanias, e a esfera do profano, representada pelos fatos humanos. À revelia de seu sentido matemático e racionalizante, o termo ainda explícita uma ordenação dos eventos no tempo, num tempo que não se limita pela urgência da caça, como havia sido o Paleolítico, mas agora num tempo de fixação das fazendas como foi o Mesolítico.

Mesolítico (datado dos anos 9.000 a 7.000 a.C.). Os períodos posteriores ao Neolítico são a Idade do Bronze que se estende dos 4.500 a 2.500 a.C., e a Idade do Ferro, que vai dos 2.500 até o nascimento de Cristo. Segundo M^oVEDY (1979), o período Neolítico é geralmente adotado como limite já que algumas transformações cruciais acontecem como:

“... cultura do trigo e da cevada, domesticação da cabra, carneiro, porco e gado vacum, emprego do fogo na preparação da cerâmica, utilização de instrumentos de pedra polida (por oposição à pedra lascada).”¹⁷⁸

Esses são os elementos e fatores necessários à fixação dos primeiros grupos familiares ou clãs em porções de terra definíveis. Assim, esse período significa uma oposição ao nomadismo do período anterior, ou o Paleolítico. O período Neolítico é também conhecido como período da Pedra Polida pela abundância de artefatos que se utilizam dessa tecnologia encontrados nos sítios arqueológicos. Essa tecnologia indica uma maneira de ser e estar no mundo somente possível pela fixação dos antigos nômades, agora transformados em pastores e agricultores.¹⁷⁹

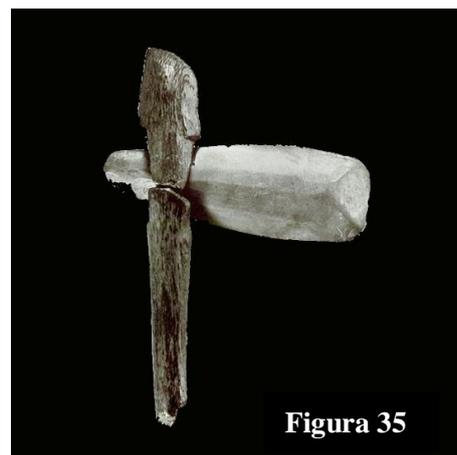


Figura 35

Apesar dos primeiros assentamentos evidenciarem uma organização territorial e hierofânica bastantes diferenciadas dos períodos anteriores, não há ainda como comprovar-se a existência conceitual de uma ordem racional formalmente organizada que se sobreponha ao mundo físico. A **figura 35**¹⁸⁰ acima, por exemplo, traz uma foto de um antigo machado de pedra polida. Como se vê, trata-se ainda de uma ferramenta irregular, toscamente elaborada, destituída de ordenação formal e assim destituída de uma intencionalidade estética que denuncie o predicado racional.

Com base na agricultura incipiente e na domesticação de algumas espécies animais e vegetais, das quais proviam um maior número de gêneros alimentícios e o conseqüente aumento populacional, a empresa humana experimenta uma verdadeira revolução comparável somente às revoluções que antecedem a modernidade.¹⁸¹

¹⁷⁸ Atlas da História Antiga, op. cit., pg. 24.

¹⁷⁹ Conforme DURANT (1966): “... No meio dessas ruínas encontram-se instrumentos de osso e pedra polida, a qual se tornou para os arqueólogos a marca distintiva da Idade da Pedra Polida, florescente há uns 10.000 anos a.C. na Ásia e 5.000 anos a.C. na Europa. Iguais achados foram feitos na França, na Itália, na Escócia, na Rússia, na América do Norte, na Índia e outros pontos.” A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental, op. cit., pg. 69.

¹⁸⁰ Legenda da **figura 35**: “O machado do fazendeiro. Encontrado em Ehen-side Tarn na Cumbria, esse machado de pedra foi feito com pedras obtidas em Lake District em Great Langdale. (o comprimento da cabeça do machado é de 22 cm).” Atlas of Prehistoric Britain, op. cit., pg. 53.

¹⁸¹ Conforme M^oVEDY (1979): “A transição do modo de vida do Mesolítico para o Neolítico é um momento de viragem, no desenvolvimento social e econômico do homem, comparável, em importância, às revoluções industriais e científica dos séculos XIX e XX. O contraste entre um acampamento mesolítico e uma aldeia de camponeses do Neolítico é tão frisante que justifica perfeitamente o termo ‘revolução neolítica’; mas assim como o aparecimento da tecnologia moderna se mostra tanto mais surpreendente quanto mais atrasado é um país, assim também o Neolítico foi mais ‘revolucionário’ quando, já plenamente desenvolvido, se espalhou para além do Próximo Oriente, de onde evoluiu para a Europa, a África e a Ásia mesolítica.” Atlas da História Antiga, op. cit., pg. 24. Eis ainda uma descrição sucinta da passagem do período Paleolítico ao Neolítico, conforme o Atlas da História do Mundo: “As primeiras experiências com o cultivo de cereais e a domesticação de animais começaram no Oriente Próximo há 10 mil anos. O estilo de vida agrícola já estava consolidado quando vilarejos agrícolas surgiram nas áreas adjacentes do Sudoeste da Europa, 2 mil anos mais tarde. Dali, a agricultura estendeu-se pelas regiões férteis da Europa Central, alcançando os Países Baixos em 5.000 a.C.. Pouco depois, se difundiu para norte e oeste da Europa, incluindo Dinamarca e Ilhas Britânicas, sendo adotada pelas comunidades que praticavam caça e coleta em 4.000 a.C.. ... Os primeiros povoados ‘tell’ de tijolos de barro, pouco antes de 6.000 a.C., situavam-se a oeste do Mar Egeu, em Creta (Cnossos) e na planície da Tessália (Argissa). A agricultura se estendeu para lá a partir da Anatólia. As rotas pelo Egeu eram conhecidas graças aos barcos pesqueiros e o transporte de obsidiana para o continente vindo da ilha de Melos (no Egeu). A cultura dos primeiros agricultores europeus era similar à de seus contemporâneos do outro lado do Egeu, que ainda não usavam a cerâmica. Técnicas anatólias logo se expandiram: recipientes pintados eram usados na Grécia e Bulgária em 5.500 a.C.. O povoamento agrícola havia se estendido pelo vale do Vardar até o norte dos Balcãs e região inferior do Danúbio. Os vilarejos eram agrupamentos de casas quadradas de tijolos, todas com idêntica disposição de lareiras e áreas de cozinhar e dormir. Em geral, havia uma casa comunitária maior ou santuário. A economia baseava-se na criação de carneiros, cultivo do trigo e leguminosas.” Atlas da História do Mundo, op. cit., pg. 42.

Nessa perspectiva, as arcaicas fazendas mesolíticas vão sendo lentamente substituídas por aglomerações ainda maiores, mais populosas, que com o passar do tempo vão se ampliando para constituírem as cidades. Como no período anterior, o caráter sacro das cidades permanece inalterado. Segundo MUNFORD (1982):

*“Em dado ponto, o santuário deve ter-se deslocado para dentro da cidade ou, antes, os sagrados limites do santuário devem ter sido lançados ao redor da fortaleza, tornando-a igualmente um recinto sagrado e inviolável. ... Certamente, quando a pá do arqueólogo desenterra uma cidade, encontra ele um recinto murado, uma cidadela, feita de materiais duráveis, ainda que o resto da cidade não tenha muralha nem estruturas permanentes. Isto é verdade desde Uruk até Harapa. Dentro daquele recinto, geralmente encontra ele três grandes edificações de pedra ou de tijolos cozidos, edificações cuja própria magnitude as coloca apartadas das demais estruturas da cidade: o palácio, o celeiro e o templo. A própria cidadela apresenta muitos traços de um recinto sagrado: a altura e espessura exagerada dessas muralhas, nas cidades mais antigas, que chegam a rivalizar com a Khorsabad do século XVIII, mostra-se significativamente fora de toda proporção aos meios militares que então existiam para assaltá-las. É apenas a bem de seus deuses que os homens se entregam tão extravagantemente a tais esforços. Todavia, o que a princípio se destinava a assegurar o favor do deus, mais tarde pode ter trazido recompensa, na prática, como uma proteção militar mais eficiente. O propósito simbólico provavelmente antecipou a função militar. Nesta questão estou de acordo com Mircea Eliade.”*¹⁸²

Se por um lado, as hierofanias ordenam inicialmente a compreensão das esferas do sagrado e do profano numa perspectiva absolutamente intuitiva, a co-periodicidade dos eventos e das coisas, compreendida como um grande arco temporal que apreende em sua esfera a existência do humano e tudo o que a envolve, possibilitará a apreensão mais constante entre as regularidades do mundo. São os princípios do que mais tarde convencionou-se denominar empiria. É claro que o seu estatuto de experiência, sequer poderia se aproximar do que se entende por experimentalismo moderno. Mas as suas bases estavam apenas sendo lançadas, ainda que intuitivamente. Assim, se as hierofanias são os primeiros indícios de uma ordenação possível, a co-periodicidade entre os eventos possibilitará a intuição do que modernamente se denomina empiria.

Essa empiria, ou o conhecimento a partir da experiência, ainda não encontrou a sua forma conceptual oposta, o **racionalismo**,¹⁸³ ou ainda, de um tipo de conhecimento do mundo que se dá essencialmente através da razão. Permanece antes na perspectiva de um conhecimento que se faz a partir da observação da existência de certas regularidades em eventos semelhantes e, antecede àquilo, que entre os gregos, posteriormente se denominará *doxa*,¹⁸⁴ ou opinião, que compõe um dos aspectos do conhecimento das coisas.

É nesse cenário que antecede à razão que as primeiras formas ordenadas do viver indicam a aparição de estilos de vida, de repetições comportamentais fixadas pela prática num mesmo local, pela prática cotidiana do plantio e dos cuidados com os animais. É desses rigores do trato dos animais e dos vegetais que a vida efetivamente se organiza num cotidiano, na repetição dos mesmos atos sistematicamente ordenados segundo a finalidade última da subsistência. Caso contrário a vida não seria agrária.

Emergem daí os primeiros hábitos e costumes, as primeiras formas que antecedem a uma Ética, as primeiras formas de ser e estar no mundo segundo uma regularidade necessária e que constitui-se conforme os trabalhos nos campos. Seus ambientes construídos assim o atestam.

Desse estilo de vida pouco se sabe dado que os registros são escassos e que a escrita ainda não havia sido organizada. Esses antigos povoados, longinquamente situados na passagem do período Paleolítico ao Neolítico, foram construídos em tijolos de barro secos ao sol, e foram denominados povoados *tell*. Eles são os primeiros testemunhos da fixação humana em verdadeiras aglomerações, ainda que modestas. Entre eles

¹⁸² *A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas*, op. cit., pg. 46.

¹⁸³ “**Racionalismo**. 3. *Filos.* Doutrina segundo a qual nada existe que não tenha uma razão de ser, de tal modo que, de direito, nada existe que não seja inteligível. 4. *Filos.* Doutrina segundo a qual todo conhecimento verdadeiro é consequência necessária de princípios irrecusáveis *a priori* e evidentes. 5. *Filos.* Segundo Kant, doutrina que afirma que a experiência só é possível para um espírito que disponha de um sistema de princípios universais e necessários que organizam os dados empíricos. 6. *Filos.* Crença na razão e na evidência das demonstrações.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., 1180.

¹⁸⁴ “**Doxa**: opinião, juízo.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 56.

encontra-se Çatal Hüyük, na antiga região da Anatólia, atual Turquia. Eis uma rápida descrição, conforme LLOYD/MÜLLER (1980), do que lá foi escavado:

*“Para observar mais uma elaboração precoce das idéias arquitetônicas desta fase neolítica do desenvolvimento humano (ainda no sétimo milênio), mais uma referência ao sítio de Çatal Hüyük, perto de Konya no sul da Anatólia. Aqui não estamos diante de uma cidade mas sim de uma municipalidade que cobre cinquenta acres [aproximadamente 13 hectares] ou mais. As casas, construídas em tijolos de barro secos ao sol, estão dispostas contiguamente quase como células de uma colmeia, mas cada qual possui vários cômodos retangulares igualmente concebidos, e cada uma é acessível somente por uma escada de madeira a partir de seu terraço. Os terraços são, é claro, intercomunicados e provêm espaço para a vida em comum de seus habitantes. Existem várias características estranhas nessas construções. Algumas aparentam ser um santuário e são ornamentadas com cabeças ou chifres de animais, às vezes reais, às vezes reproduzidas em emboço. As paredes são decoradas com murais coloridos, repetidamente repintados após novos emboços; os desenhos se aproximam muito das pinturas das cavernas do último período cultural [Período Paleolítico]. Como nas demais habitações, a sala principal tem uma plataforma elevada onde se dorme, e a lareira é usualmente colocada debaixo da escada de entrada, assim a fumaça pode escapar pela abertura do alçapão de entrada. ... Um novo elemento surge nesses assentamentos de Çatal Hüyük, especificamente a necessidade de defesa periférica, inicialmente contra animais mas também provavelmente contra a rivalidade de outras comunidades. O acesso aos terraços a partir do exterior é feito novamente por escadas removíveis, e os muros externos das casas não possuem portas ou janelas.”*¹⁸⁵

As **figuras 36**¹⁸⁶, **37**¹⁸⁷ e **38**¹⁸⁸, mostram respectivamente uma fração do plano da cidadela, uma perspectiva da reconstituição do plano da cidade e uma reconstrução idealizada do interior de uma das casas desse mesmo vilarejo de Çatal Hüyük.

A essa altura da história essas aldeolas mantinham-se graças à sua concepção geral. As habitações, concebidas como um maciço, mas articuladas entre si através do pátio interno comum a todas elas, não possuíam acessos ao nível do solo para o exterior, de modo que seus habitantes deveriam antes subir nas coberturas das casas para depois descerem ao interior da aldeola. Seus terraços poderiam ser usados através de um sistema de escadas ao ar livre conformando um segundo piso disposto à vigília permanente e assim defensivo. É datado desse mesmo período um outro dispositivo defensivo introduzido em Jericó, trata-se da torre circular.¹⁸⁹

¹⁸⁵ LLOYD, S./MÜLLER, H. W.: *Ancient Architecture*, Itália, Milão, Electa Editrice, 1980, pg. 09.

¹⁸⁶ Legenda da **figura 36**: “Çatal Hüyük, parte do plano da cidade, nível VI B (Mellaart, 1967).” *Ancient Architecture*, op. cit., pg. 10.

¹⁸⁷ Legenda da **figura 37**: “Çatal Hüyük, perspectiva reconstruída de parte do plano da cidade, nível VI B (Mellaart, 1967).” *Ancient Architecture*, op. cit., pg. 10.

¹⁸⁸ Legenda da **figura 38**: “Çatal Hüyük, reconstrução do interior de uma casa típica (Mellaart, 1967).” *Ancient Architecture*, op. cit., pg. 10.

¹⁸⁹ Conforme ainda LLOYD/MÜLLER (1980), em “Retornando por um momento a Jericó, pode-se ver a mais familiar e provavelmente a mais efetiva precaução para a defesa. Os escavadores expuseram as ruínas de uma enorme torre circular construída em pedras, com vinte e seis pés de diâmetro [aproximadamente 8,5 metros], e eventuais partes do muro defensivo.”

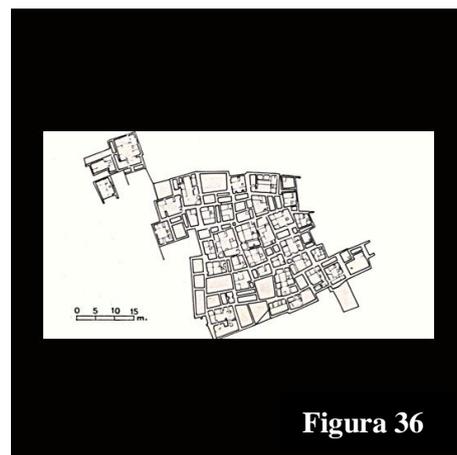


Figura 36

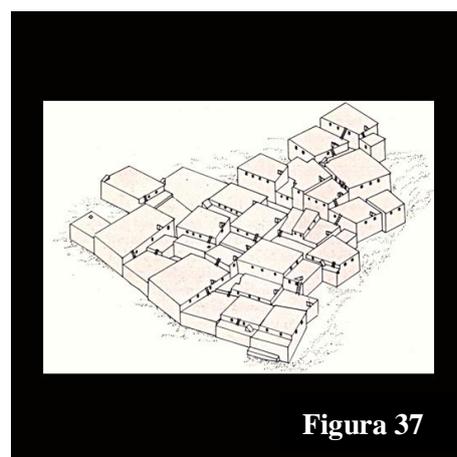


Figura 37

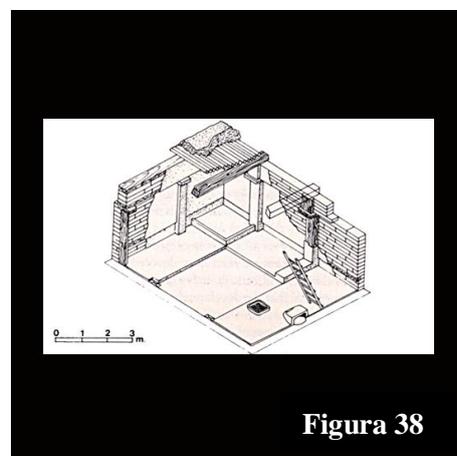


Figura 38

A **figura 39**¹⁹⁰ na página anterior, mostra o que restou dessa torre da cidadela de Jericó. Trata-se de uma construção destinada à presença constante de vigias que olhavam incessantemente para o horizonte com a finalidade de reconhecer qualquer um que se aproximasse excessivamente do aglomerado. O sentido defensivo dessas cidadelas parece ter sido crucial. É ainda próximo à Çatal Hüyük, na cidadela de Hacilar, ainda na antiga Anatólia, que a estabilidade climática promovida pelo globo é transcrita numa nova cidadela onde mais uma vez o tema da defesa é evocado por LLOYD/MÜLLER (1980):

*“Em outros lugares do sul da Anatólia, em Hacilar perto de Burdur, novamente pode-se ver exemplos desses antigos acontecimentos: a planificação dos edifícios segundo uma intenção defensiva. O assentamento datado dos finais do período Neolítico mostra abrigos com uma mesma planta baixa, nos quais os proeminentes volumes das lareiras domésticas foram diametralmente colocadas em relação à porta de entrada.”*¹⁹¹

As **figuras 40**¹⁹² e **41**¹⁹³ referem-se ao antigo povoado de Hacilar. Conforme pode-se ver, a estrutura da cidadela indica a mesma preocupação defensiva, segundo a qual as habitações não se abrem diretamente para o exterior da aldeia. Entretanto, se em Çatal Hüyük e em Hacilar os assentamentos são dispostos segundo intenções semelhantes, em Khirokitia isso transcorre diferentemente. A **figura 42**¹⁹⁴ na próxima página, apresenta uma distinta tipologia de residências que conformam uma outra morfologia urbana. Ela existiu na ilha de Chipre, no Mar Mediterrâneo. Segundo ainda LLOYD/MÜLLER (1980):

*“Comparativamente, é interessante notar que um assentamento contemporâneo ou um pouco mais recente em Khirokitia na ilha de Chipre, aparentemente não requeria defesas periféricas. Aqui as casas retiveram a forma circular arcaica e eram cobertas com domus de tijolos de barro sobre uma estrutura de pedras. Há dentro um piso superior apoiado em pilares de madeira a acessível por uma escada de madeira.”*¹⁹⁵

Nesse caso as habitações não são concebidas como nos outros dois povoados. O sentido de proteção íntima, ou pelo menos de menor vulnerabilidade, é assegurado pela condição insular e gera habitações que não se articulam segundo uma fortificação, ou seja, que não se fecham para o exterior.

Contudo, mesmo nesse caso isolado na história das comunidades humanas, pode-se observar a existência de um muro periférico ao redor de parte da cidadela de Khirokitia, que se não engloba toda a cidadela, ao menos determina com precisão algum tipo de domínio ou distinção entre o sagrado e o profano, entre o interior e o exterior, entre a vida do interior da aldeia sob a proteção divina e a vida exterior, desprotegida e entregue às

Ancient Architecture, op. cit., pg. 09.

¹⁹⁰ Legenda da **figura 39**: “Jericó, restos de uma torre neolítica.” *Ancient Architecture*, op. cit., pg. 10.

¹⁹¹ *Ancient Architecture*, op. cit., pg. 11.

¹⁹² Legenda da **figura 40**: “Hacilar, diagrama isométrico da Fortificação II (Mellaart, 1965).” *Ancient Architecture*, op. cit., pg. 11.

¹⁹³ Legenda da **figura 41**: “Hacilar, diagrama isométrico de uma casa neolítica (Mellaart, 1965).” *Ancient Architecture*, op. cit., pg. 11.

¹⁹⁴ Legenda da **figura 42**: “Khirokitia (Cyprus), reconstrução de uma vila neolítica.” *Ancient Architecture*, op. cit., pg. 11.

¹⁹⁵ *Ancient Architecture*, op. cit., pgs. 09 e 11.

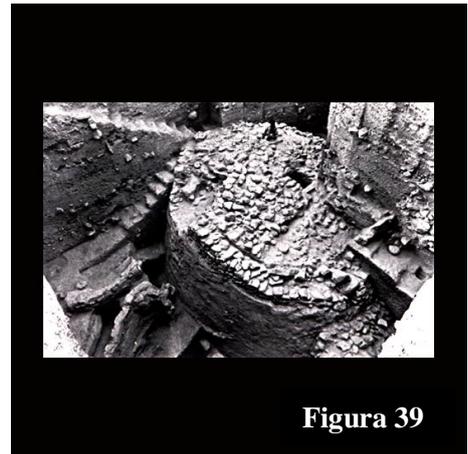


Figura 39

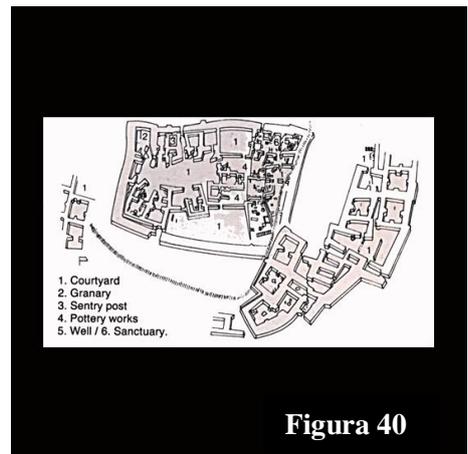


Figura 40

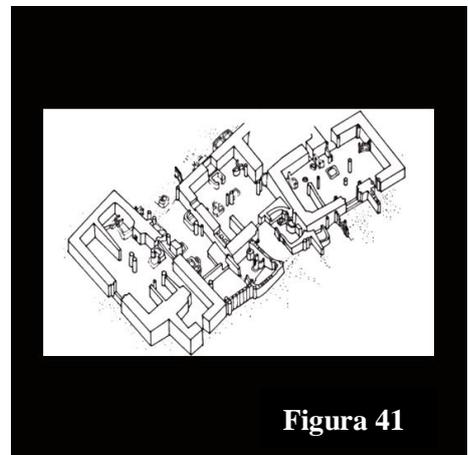


Figura 41

hostilidades naturais. As esferas estavam definidas, o mundo já havia sido dividido em duas amplitudes diferentes, em dois domínios distintos. Assim, ao que tudo indica as teses de Munford e Eliade podem ser facilmente admitidas.

Retornando à descrição desse período, os poucos registros dessa temporalidade são mais duradouros que aqueles dos períodos anteriores. Conforme o exposto, passa-se da tecnologia pedra lascada à tecnologia da pedra polida. A obsidiana, por seus finos grãos e características de dureza, foram largamente empregadas na produção de vários artefatos, entre as quais, os exemplos mais notáveis são os antigos espelhos polidos, ilustrados pela **figura 43**¹⁹⁶. O seu comércio foi intenso e ao que tudo indica havia uma rota comercial especializada nessas rochas.¹⁹⁷

Conforme já exposto anteriormente, datam também desses inícios do período Neolítico as primeiras figuras humanas femininas conhecidas posteriormente como Mães. A **figura 44**¹⁹⁸ ilustra uma das versões que o tema adquiriu. Tratam-se de estatuetas de barro cozido que representam as primeiras hierofanias das divindades femininas, sua fertilidade e fecundidade. Mães de todas as mães, essas estatuetas encerravam o significado primeiro da criação. A aparição dessas estatuetas está intimamente relacionada com a fixação dessas primeiras comunidades humanas em torno da agricultura e da pecuária. O sucesso dessas atividades, conforme se sabe, depende fundamentalmente das possibilidades de criação e reprodução de seus espécimes. Assim, nada seria mais plausível do que a criação de símbolos que representassem ou evocassem o seu sucesso.

Não se sabe precisar a origem da agricultura ou da pecuária, mas sabe-se que após a morna estabilização climática do globo, a agricultura começou a ser desenvolvida quase simultaneamente em todos os continentes, à exceção da Antártida, e sem que ainda houvesse grandes intercâmbios entre os povos dos diversos continentes habitados.¹⁹⁹

Esse dado vem reforçar o conceito de *tendência* anteriormente exposto. Segundo Leroi-Gourhan a existência de uma necessidade básica humana desencadeia um processo segundo uma certa lógica na qual o artefato ou a técnica desenvolvem-se igualmente em várias regiões do globo mesmo que em condições diferentes.

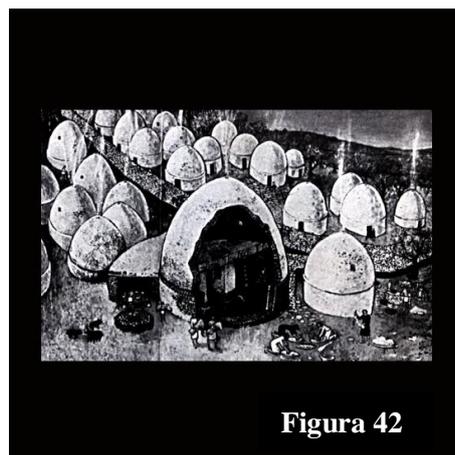


Figura 42

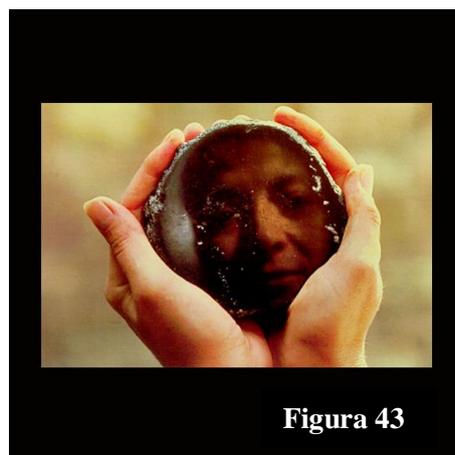


Figura 43

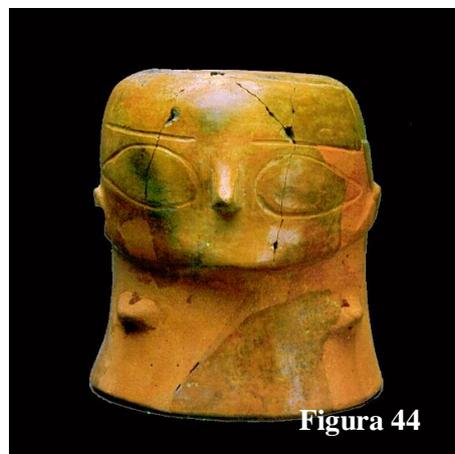


Figura 44

¹⁹⁶ A **figura 43** mostra um espelho da primeira metade do sexto milênio a.C. e recolhido em Çatal Hüyük. Fonte da figura e informações: Museu das Civilizações Anatólias de Istambul, Turquia, cartão postal.

¹⁹⁷ Conforme o *Atlas da História do Mundo*, várias evidências foram levantadas indicando a existência desse comércio: “Existiam ali inúmeras evidências de comércio de longa distância de materiais muito procurados: a obsidiana [vidro vulcânico vindo da Turquia] para ferramentas e armas, ou apatita azul-clara para ornamentos.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 40.

¹⁹⁸ A **figura 44** mostra um exemplo de cerâmica produzida em Hacilar por volta de 5.500 a.C.: um copo em forma de cabeça feminina. Fonte da figura e informações: Museu das Civilizações Anatólias de Istambul, Turquia, cartão postal.

¹⁹⁹ Conforme o *Atlas da História do Mundo*: “Muitas partes do globo, especialmente aquelas entre as latitudes 10° S e 50° N, contribuíram, em diferentes épocas, para o fornecimento de plantas e animais domesticados. Entre os primeiros e mais importantes centros de domesticação, encontram-se o Oriente Próximo, China e sudeste da Ásia, no Velho Mundo; América Central e Peru, no Novo Mundo. Existem paralelos notáveis entre muitas espécies cultivadas em áreas diferentes. No entanto, é claro que a domesticação constitui um processo independente em cada uma dessas regiões primitivas. É quase como se as comunidades de seres humanos, após a Idade do Gelo, tivessem tido, de alguma forma, pré-programadas para desenvolver a agricultura onde as condições o permitissem.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 39.

Assim é que dada a necessidade humana de alimentação, circunstancialmente colocada pela possibilidade de permanência numa mesma região, a agricultura, ou a seleção de espécimes vegetais domesticáveis inicia-se. A **figura 45**²⁰⁰ reforça mais uma vez as teses de Leroi-Gourhan. Trata-se de uma antiga ferramenta de beneficiamento de grãos encontrada em todas as partes do mundo onde a agricultura se desenvolveu.

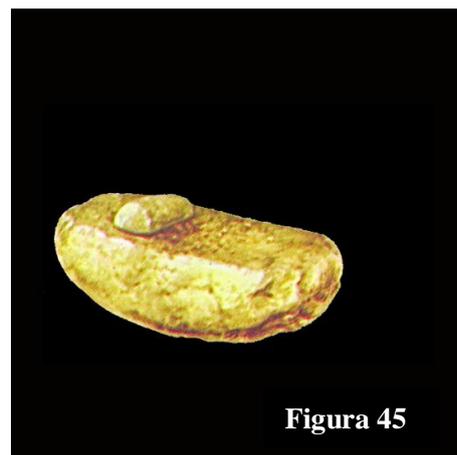


Figura 45

As primeiras aproximações das comunidades humanas às espécies vegetais, consiste simplesmente na fixação de colônias humanas onde essas espécies comestíveis existiam. Posteriormente, a partir das espécies selvagens de cereais encontradas geralmente nas encostas das montanhas, o seu plantio foi-se sofisticando de modo que certas propriedades daqueles vegetais foram estimuladas pela escolha seletiva de suas sementes ou mudas.²⁰¹ Se num primeiro momento a estratégia de vida baseava-se no simples extrativismo, num segundo momento passa-se a dominar essas espécies selecionando-se os melhores grãos e plantando-os. Posteriormente, segue-se a seleção de espécimes mais adequados ao tipo de solo, clima e outros condicionantes como as pragas, etc..

Ora, é claro que para que essas rudimentares técnicas agrícolas fossem desenvolvidas, o tempo de permanência deveria ser maior, dado que seria impossível perceber se essa ou aquela planta forneceria sementes ou mudas de melhor qualidade ou com as melhores características. Contudo, sem a possibilidade de permanência seria impossível perceber quais as qualidades a serem estimuladas, assim como quais outras a serem eliminadas. Também seria impossível determinar que características genotípicas apresentadas pelos vegetais poderiam significar as qualidades das próximas mudas ou sementes.

Eis também o papel do que se designou anteriormente de co-periodicidade, ou a possibilidade de estabelecer alguns vínculos causais entre os vários eventos ou entre as variadas coisas do mundo. Nessa perspectiva é certo que o aquecimento do globo influenciou decididamente de modo que aqueles homens pudessem fixar-se em alguma região livrando-se das constantes andanças para acompanhar a sua caça. Sem essa profunda e determinante alteração climática talvez nenhuma vila agrícola tivesse sido construída.

Ali por volta do 9º milênio a.C.. algumas vilas já existiam na região da Anatólia e da Mesopotâmia. Entretanto nada do que consistisse numa *praxis* agrícola era visível. Mas conforme M^o EVEDY (1979), essa descoberta não tardaria a ser sistematizada:

*“No nono milênio, o Iraque do vale do Alto Tigre, e, no oitavo, os palestinos da cultura Natufense juntam, ao seu magro alimento, o trigo bravo, como prova o encontro de foices de pedra, almofarizes e pilões nesta região. A frase ‘agricultura incipiente’, aplicada a essas culturas, é muito precipitada, mas a realização das sementeiras - progresso que viria finalmente a fazer o homem sair do Mesolítico e do estágio de coletor para entrar na agricultura do Neolítico - estava realmente próximo.”*²⁰²

Somente muito mais tarde é que as sofisticadas técnicas de irrigação²⁰³ foram desenvolvidas entre os vales dos rios Tigre e Eufrates na Mesopotâmia, o que provoca um substancial aumento na produção, o conseqüente aumento populacional e a prosperidade daqueles povos.

²⁰⁰ Legenda da **figura 45**: “Encontrado em lugares onde os grãos eram cultivados, o moinho de mão em forma de sela ou pedra achatada de moer era peça básica do primitivo equipamento agrícola. Era necessário transformar as sementes duras em papa ou farinha. O equipamento aparece em áreas primitivas, tanto no Velho Mundo como nas Américas.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 38.

²⁰¹ Assim, segundo o *Atlas da História do Mundo*, “a seleção inconsciente de certas variedades que podiam ser cultivadas em terras mais baixas e tinham potencial de colheitas.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 38.

²⁰² *Atlas da História Antiga*, op. cit., pg. 22.

²⁰³ Segundo ainda o *Atlas da História do Mundo*: “Em 4.000 a.C., os fundamentos da civilização mesopotâmica haviam sido estabelecidos. Extensos canais de irrigação mantinham comunidades agrícolas prósperas, permitindo que o comércio e o artesanato florescessem. Em meados do 4º milênio a.C., as primeiras cidades históricas da Suméria surgiram a partir destas comunidades dinâmicas e bem-sucedidas.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 40.

Conforme o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995), os mesmos procedimentos seletivos com relação às sementes ou mudas foram adotados com relação aos animais domesticáveis. Assim, procedeu-se primeiro, “*pelo isolamento em relação à população selvagem de origem*”²⁰⁴ e, mais tarde, através da escolha de características de maior interesse como a maior produtividade de leite, docilidade do manejo da reses, abundância de lã, etc.

A posição dos povos gregos situados em volta do Mar Mediterrâneo sempre esteve privilegiada. Por sua posição geográfica, o Mar Mediterrâneo, no qual se situa o Mar Egeu, sempre esteve centralmente colocado em relação ao florescimento das técnicas agrícolas e pecuárias. Para ele convergiam a partir do sul europeu a domesticação do gado e de suínos, que ocorrera por volta dos 7.500 a.C., e as técnicas agrícolas da aveia e do centeio por volta do 7º milênio a.C., o cultivo das videiras e da oliveira por volta do 3º milênio a.C.. A partir das estepes euro-asiáticas comparecia o manejo dos eqüestres desde os 3.500 a.C. e, do Oriente Próximo, compareceram as criações do carneiro, da cabra e do ganso por volta do 7º milênio a.C., do burro desde o 3º milênio a.C.. Também de lá vieram as culturas da cevada, aveia, lentilha, e a ervilha, todas por volta dos 7.500 a.C..

Essa convergência de variadas formas de culturas agrícolas e animais domesticados para o consumo ou para o trabalho talvez não pudessem ser encontrados em nenhuma outra região do mundo. Se não são claras as determinações de ordem material que possibilitaram o florescimento da cultura Egéia a partir dessa variedade de gêneros e culturas isso, sem dúvida, não deve ser subestimado. Parece claro que dentre todos esses gêneros vegetais e espécies animais domesticadas haveria alguma que se adaptaria bem às peculiaridades de cada ilha, às peculiaridades de cada território. Assim esses povoamentos agrícolas, iniciados nas ilhas gregas por volta dos 7.000 a 6.000 a.C., crescem e mantêm-se relativamente estabilizados até que ocorre uma mudança de fluxos, causada provavelmente pela exaustão dos solos das terras continentais.

Esse novo período mostra-se tanto mais movimentado com violento. Os vários grupos anteriormente instalados em suas terras passam a vagar em busca de novas possibilidades de fixação em outros territórios. Disputas de terras e saques constantes passam a ser freqüentes já que as novas posições territoriais significam mais ou menos provisões. O cenário que se esboça é muito diferente daquelas imagens evocadas por André Leroi-Gourhan para ilustrar a marcha dos homens no Período Paleolítico: “*um efeito de luz sobre uma fina camada de petróleo à superfície da água*”. A antiga fixação dos homínídeos, regida apenas pela disponibilidade de gêneros comestíveis que seriam colhidos, cede lugar às disputas pelas trilhas da caça, no período Paleolítico, para, agora no Neolítico, ser substituída pela ocupação dos melhores terrenos próximos a mananciais. Além do mais, a abundância e a estocagem de gêneros, pressupunha sempre a cautelosa guarda dessas provisões contra os saques.

Contudo, é nesse novo, violento e assustador cenário do Oriente Próximo, que pode ser estendido ao norte da África e ao Egito, assim como ao Peloponeso e à Anatólia, circundando totalmente todo o Mediterrâneo e dele fazendo um mar de culturas,²⁰⁵ que nascerá a Creta Minoica alguns séculos mais tarde.

Data também do período Neolítico a genial invenção dos tijolos de barro. A genialidade da descoberta, ou invenção, não reside na idéia do empilhamento, que há muito já era conhecida como atestam os muros de pedras-de-mão irregulares existentes, mas sim na idéia da unidade que se repete indefinidamente segundo um padrão ortogonalmente concebido de modo a solucionar definitivamente o problema da estabilidade das

²⁰⁴ Atlas da História do Mundo, op. cit., pg. 42.

²⁰⁵ Eis como DURANT (1966) expõe o cenário das agitadas trocas culturais naquelas regiões circunvizinhas ao Mar Mediterrâneo: “*Para quem de longe via o Oriente Próximo no tempo de Nabucodonosor, essa região, devia parecer um oceano em que formigueiros de criaturas se agitavam em tumulto, escravizando e sendo escravizadas, formando e desfazendo grupos, comendo e sendo comidas, matando e sendo mortas, uma corrente ininterrupta. Atrás e ao redor dos grandes impérios - Egito, Babilônia, Assíria e Pérsia - enxameavam inúmeras tribos seminômades - cimérios, cilicianos, capadócijs, bitinianos, ashkanianos, misianos, meonianos, carianos, licianos, panfilianos, psidianos, licanianos, filisteus, amoritas, canaanitas, amonitas, edomitas, moabitas, e uma centena de outros povos, cada qual se julgando o centro do universo. Através da história do Oriente Próximo esses nômades se revelaram um perigo para os reinos estáveis por eles circundados; periodicamente as secas os arrojavam sobre as regiões mais prósperas, obrigando-as a uma incessante vigilância guerreira. Geralmente a tribo nômade sobrevivia ao reino estabelecido e no fim acabava por destruí-lo. O mundo está pontilhado de áreas em que já floresceram civilizações e onde hoje nômades acampam.*” A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental, op. cit., pg. 193.

construções.

Além do mais, a invenção dos tijolos de barro pré-fabricados expõe outras implicações de maior importância para as discussões de uma futura Ética. Sua invenção e utilização indicam, possivelmente, um cenário de cultura no qual as concepções do eu e do outro já estivessem bem fundadas e articuladas num mesmo *medium cultural*. O que aqui se esboça como hipótese, é a possibilidade da existência de uma homologia entre a idéia da unidade do eu e sua transposição ao elemento unitário construtivo que é o tijolo. Assim corresponde à idéia do eu concebido como unidade, a idéia de unidade do tijolo.

Por outro lado, ampliando-se esse círculo de homologias, a idéia do outro, concebido como o ser igual que se articula com o conjunto dos plurais segundo o evento da cultura, coloca-se igualmente a lógica construtiva. Nessa mesma perspectiva os tijolos se articulam conforme a transposição dessa mesma idéia de cultura aos ambientes construídos a partir dessas unidades construtivas articuláveis ou encaixáveis. Descreve-se assim um arco conceutivo que se estende do eu ao outro e sua conseqüente transposição aos ambientes construídos. Segue-se desse modo a passagem do fenômeno do auto-reconhecimento ao fenômeno da existência do outro não segundo a diferença, mas segundo a complementaridade constitutiva que é própria da cultura.

É claro que dificilmente seria possível comprovar-se esse ponto de vista.

Contudo ele parece apresentar certa lógica na medida em que revela certa proporcionalidade entre a idéia da unidade que se repete de modo regular e ordenado constituindo um todo articulado que são os muros, por exemplo, e a possibilidade de permanência estável no mundo, não segundo as disputas por alimentos, mas segundo a colaboração de cada qual nas tarefas produtivas, o que de certo modo sugere igualmente um todo articulado. Assim a mesma concepção de um todo articulado se encontra não só na organização social, mas distende-se na forma expressiva que é a técnica construtiva dos tijolos ortogonais, os quais, por sua vez, se complementam de acordo com medidas regularmente dispostas.

Não sendo um argumento plausível, porque então os tijolos regulares e seu decorrente sistema construtivo ordenado não foram concebidos nos períodos anteriores? Muito certamente porque a experiência de organização social não havia sido experimentada na forma estável como agora se apresenta nessas aldeolas neolíticas.

Eis então a simetria que se esboça entre o desenvolvimento tecnológico e a própria concepção do evento da organização social: reciprocamente à experimentação dessa unidade conceitual de organização social, para a qual concorrem simultaneamente a idéia unitária do eu e seu desdobramento na reciprocidade do outro, surge no horizonte da cultura a formulação desse novo sistema construtivo, o qual redundava, somente a partir dessa experiência original de organização social, na idéia da unidade construtiva que se articula com as outras segundo a regularidade geométrica da unidade, o tijolo, numa lógica de empilhamento ou justaposição. É desse todo orgânico articulado, desse todo homologamente concebido, que emerge a solução tecnológica que é esse novo sistema construtivo. Assim é que esse novo sistema construtivo não poderia ter sido inventado em sua forma regular por outras culturas ou outras formas de ser e estar no mundo que não fossem estáveis ou regulares.

Por outro lado, se a invenção dos tijolos indica essa forma análoga à organização das cidadelas, por outro, a sua invenção antecipa as idéias de unidade e proporção, ambas caras à construção da idéia de *ethos* entre os gregos conforme se verá mais à frente.

Essa invenção genial, os tijolos regulares e ortogonais, que chega à modernidade sem nenhuma reformulação drástica em seu estatuto, se deve aos antigos povos agricultores que fundaram seus assentamentos na antiga Anatólia e na Fenícia, atual Oriente Próximo.

Ali se encontram as ruínas de antigos povoados como os já citados Çatal Hüyük e Hacilar ou ainda Canhasan e Çayönü na Anatólia, e Jericó, Beidha, Munhata, Ras Shamra e Tell Ramad na Fenícia. Entre todas essas, a aldeola de Jericó tem a datação mais antiga, algo em torno dos 8.000 a.C.. Essa aldeola já apresentava edifícios públicos e santuários. Todas as casas desse centro agrícola eram equipadas com fornos de argila para a cocção de alimentos. Eis uma rápida descrição dessas habitações de Jericó segundo

LLOYD/MÜLLER (1980):

“Antes de mais nada, é necessário dizer que as formas adotadas pelos primitivos abrigos foram ditadas puramente por considerações práticas. Algumas das conhecidas e primitivas casas em Jericó na Jordânia, que datam do oitavo milênio a.C., eram circulares em planta, com fundações em pedras e talvez com alguma estrutura superior de argila. Sustenta-se que isso talvez fosse uma imitação das antigas formas de tendas ou outros abrigos temporários usados nos períodos nômades intermediários entre as cavernas e as vilas agora transpostas à materiais mais duráveis. Os materiais primeiramente utilizados para os abrigos permanentes eram por si só interessantes. Muros de pedras sem revestimento, talvez o mais óbvio e antigo engenho, são encontrados unicamente nas regiões onde as pedras são encontradas. Nos outros locais, os tijolos secos de barro foram rápida e universalmente adotados como o material construtivo padrão do Oriente Próximo. Temperados com palha, propiciou-se a construção em lajes da maneira sugerida atualmente pelos termos pisé ou adobe. Mas em Jericó e em outros lugares, esse método grosseiro rapidamente cedeu lugar ao uso dos tijolos pré-fabricados, colocados em caixas retangulares de madeira e posteriormente secos ao sol. Com esse material as casas puderam ser construídas em simples cômodos retangulares e cobertos com vigamentos de madeira.”²⁰⁶

Foi ainda em Jericó que outras modificações construtivas tiveram o seu lugar assegurado. Mais uma vez de acordo com LLOYD/MÜLLER (1980):

*“Durante o período do sétimo milênio conhecido na arqueologia como Neolítico B, notáveis avanços surgiram para serem adotados nas construções de tijolos. Uma inovação é novamente vista em Jericó. As faces das paredes e pisos internos estão agradavelmente emboçados em gesso, que poderiam estar manchados de vermelho e polidos com uma pedra macia. As ombreiras das portas estão cuidadosamente arredondadas para evitar estragos nas quinas. Tão importante quanto isso é a planificação de um dos prédios do qual os escavadores supõem ter sido um sacrário, aqui pela primeira vez se vê que o desenho havia sido considerado em relação ao propósito ritual do prédio. A entrada se faz por um **pórtico**, [²⁰⁷] parcialmente sustentado por pilares de madeira; dois, verticalmente colocados na porta de entrada direcionando para um santuário interno.”²⁰⁸*

É também nesse período que a antiga cerâmica paleolítica, moldada à mão e até então, apenas seca ao sol, passa a ser queimada, provavelmente nos fornos caseiros. Essa nova técnica surge na transição dos assentamentos agrícolas já estabelecidos na Idade do Bronze, algo em torno dos 4.000 a.C.. Até então, grande parte dos utensílios domésticos eram confeccionados em couro, madeira ou pedra.

O aparecimento da técnica das cerâmicas cozidas provavelmente foi possível pela utilização dos fornos de barro no interior das casas. Por sua proximidade e utilização regular, esses fornos inicialmente utilizados para a cocção de alimentos, técnica essa já dominada amplamente naqueles povoados, posteriormente passaram a ser utilizados mais intensivamente para a cocção de peças cerâmicas. Segundo M'ÉVEDY (1979):

*“A cerâmica **calcolítica** [²⁰⁹] é caracteristicamente pintada; esta técnica parece ter surgido na Anatólia durante o período neolítico e ter-se espalhado com um ligeiro avanço em relação à tecnologia calcolítica.”²¹⁰*

Conforme ainda o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995), essas pinturas aplicadas às cerâmicas foram realizadas utilizando-se uma gama restrita de pigmentos terrosos ²¹¹ e padrões geométricos

²⁰⁶ *Ancient Architecture*, op. cit., pg. 09.

²⁰⁷ Primeiramente: “**Pórtico**. Entrada de edifício nobre ou templo; átrio amplo, com teto sustentado por colunas e arcadas. É a parte que nos templos antigos recebia a designação de *pronaos*.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 408. Complementando: “**Pórtico**. Colunata. Em templos; *pronaos*. Em residências; *fauce* e *prótiro*.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 461.

²⁰⁸ *Ancient Architecture*, op. cit., pg. 09.

²⁰⁹ “**Calcolítico**. Período de transição entre o Neolítico e a Idade do Bronze.” *Dicionário Aurélio Eletrônico*, Versão 2.0, Editora Nova Fronteira, 1996, baseado no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque De Holanda Ferreira.

²¹⁰ *Atlas da História Antiga*, op. cit., pg. 24.

²¹¹ “A cerâmica começou a ser decorada com pinturas multicoloridas, usando ocre, grafite e manganês.” *Atlas da História do*

relativamente constantes no tempo, razão pela qual ela foi facilmente reconhecível pelos pesquisadores. Contudo o processo tecnológico da manufatura das cerâmicas não estaria completo até a invenção da roda do oleiro por volta dos 3.500 a.C..²¹² Será somente a partir dessa descoberta que as formas perfeitamente redondas das cerâmicas poderão ser obtidas.

Data também desse período a invenção da mais importante tecnologia que se coloca na esteira da cerâmica, ou a da fundição de metais. Essa nova tecnologia, além de proporcionar o conforto pela confecção dos pequenos e variados utensílios domésticos, equipou várias guerras.²¹³

Mais uma vez cabe notar a pertinência dos conceitos de *tendência* e *fato* apresentados por André Leroi-Gourhan. Segundo aqueles conceitos as *tendências* são determinações universais face a alguma necessidade humana. A reunião de várias *tendências* provoca o *fato* que é contingente. É nessa perspectiva que se inscreve a aparição da metalurgia.

Aqueles aldeões encontravam-se, por um lado, diante das pedras ornamentais, em sua maioria compostas de óxidos de algum metal colorido como é o caso do óxido de cobre, que é verde, ou da malaquita, e por outro, diante do cotidiano forno de assar pães. É provável que a metalurgia tenha surgido a partir de pequenos acidentes domésticos, como a mistura involuntária de certos óxidos metálicos postos acidentalmente muito perto do fogo do forno. Outra hipótese igualmente plausível é que os próprios fornos fossem construídos com essas pedras ornamentais e que a partir do seu uso intensivo esses óxidos se fundissem pela ação do calor intenso resultando disso as primeiras misturas metálicas artificiais.

Ora, é claro que a alteração da resistência desses materiais seria prontamente percebida, e que, tão logo o fenômeno da fusão ocorresse, aqueles homens perceberiam as potencialidades e possibilidades abertas pela justaposição de duas vocações: a concentração de uma estranha substância nas pedras de malaquita e o resultado da ação do intenso calor do forno sobre essa mesma substância transformada em outra matéria muito mais resistente. Eis que surge a incipiente metalurgia do bronze: como a fusão calórica das pedras ornamentais no interior do cotidiano forno de assar pães.

Talvez nada disso tenha acontecido nessa ordem. Talvez a idéia da fusão mineral tivesse sido percebida a partir da observação das lavas de algum vulcão ainda incandescentes, onde se viam rochas de coloração e consistência similares às rochas disponíveis ao lado do fogão. Ou talvez tudo tenha ocorrido conforme as duas hipóteses. Entretanto, a despeito da procedência exata da idéia de fundir metais, ou fundir rochas, como seria o caso, o que importa é a convergência de possibilidades possibilitadas pela justaposição de meios e matérias para que ocorresse o fenômeno do *fato*: a metalurgia. Nessa perspectiva alinham-se os fogões e as rochas ornamentais, duas potências disponibilizadas naquela comunidade histórica e que sofrem pela ação humana uma transformação radical que resulta num ganho apreciável pela cultura.

Mas a prosperidade conquistada a partir da estabilização dos vilarejos neolíticos acabaria afetando o perfil do mundo. Conforme o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995) a fixação dos homens em parcelas determinadas e em condições de vida bem menos precárias do que seus antecessores proporcionou um modo de ser e estar no mundo até então impossíveis. Esse foi o ponto de partida para o início de outras empresas e para a dispersão dessa cultura por outras regiões do globo.

Mundo, op. cit., pg. 42.

²¹² Segundo KATZENSTEIN: “As rodas eram usadas para cerâmica (roda de oleiro) e para veículos, na Suméria, já no ano 3.500 a.C.; na Mesopotâmia em 3.000 a.C.; na Índia, aproximadamente 2.500 a.C.; na civilização minoana, em Creta, logo depois de 2.000 a.C.; e na Babilônia desde o anos de 1.800 a.C.” *A Origem do Livro - Da Idade da Pedra ao Advento da Impressão Tipográfica no Ocidente*, op. cit., pg. 70.

²¹³ Conforme o *Atlas da História do Mundo*: “Nesse período formativo surgiu a metalurgia do cobre. Embora o princípio o metal tivesse significado prático limitado, passou a desempenhar papel cada vez mais importante; e a experiência de trabalhar o cobre levou ao conhecimento das propriedades de outros materiais. Já no 8o milênio, entre as pedras comercializadas como ornamento nas aldeias neolíticas do Oriente Próximo, destacavam-se belas pedras verdes, encontradas só nas regiões altas. Uma era a malaquita, com alto conteúdo de cobre puro. Como a tecnologia das primeiras aldeias já envolvia o uso controlado de calor, para queimar cerâmica e assar pão em fornos de tijolos, a combinação matéria-prima e habilidade prática propiciou ao homem meio adequado para as primeiras experiências em metalurgia. Mas só no 5o milênio desenvolveram-se técnicas eficazes de fusão e foi possível fabricar pontas de lança fundida, machados e similares. Armas, símbolos hierárquicos e objetos de culto foram os primeiros produtos da nova tecnologia seguidos mais tarde por artefatos de uso prático.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 40.

*“Por volta de 4.000 a 2.500 a.C., fatos marcantes mudaram o padrão de vida consagrado. Novas áreas tornaram-se proeminentes e inovações afetaram as regiões mais antigas. As áreas em desenvolvimento incluíam a planície do norte da Europa, as estepes do sul da Rússia e o Egeu. Neste mar, a pesca e o comércio marítimo desviaram a atenção das planícies do interior da Grécia para as costas das ilhas, onde a primeira civilização europeia viria a se desenvolver.”*²¹⁴

Conforme M^cEVEDY (1979), a navegação²¹⁵ desde muito vinha se desenvolvendo e o Mar Egeu, ali encastelado ao norte no Mediterrâneo, acenava com várias características interessantes. Além de apresentar excelentes condições de navegabilidade, que então consistia num meio de transporte mais rápido do que o transporte terrestre realizado por animais de carga,²¹⁶ esse mar era constituído por uma miríade de ilhas e ilhotas, as Cíclades, que eventualmente serviriam de porto em caso de acidente ou de uma súbita abordagem de saqueadores. Além do mais algumas dessas ilhas apresentavam boas condições de habitabilidade. Possuíam cursos d’água, alguma terra arável e madeira suficiente para a construção dos primeiros povoados. Mais do que isso ofereciam portos naturalmente protegidos por baías generosamente desenhadas pela própria formação geológica do Egeu.

A essa altura, as águas do Egeu, sempre generosas em peixes e frutos do mar, representavam uma alternativa à sobrevivência da cultura interiorana, sempre ligada à agricultura e à pecuária, já que começava-se a perceber a esterilidade das terras do sudeste europeu utilizadas intensivamente por séculos seguidos de agricultura²¹⁷. Assim, entre a exaustão dos solos e a perspectiva da pesca e das trocas ou intercâmbios de gêneros, nasce um novo estilo de vida, mais aventureiro e mais lucrativo do que aquele conhecido pelos trabalhos nos campos. Trata-se da navegação²¹⁸ e o rápido comércio que dela floresce.

São esses os principais motivos que possibilitam as primeiras fixações desses povos no Mar Egeu. Além do mais, o Egeu é um centro instalado numa centralidade, um calmo Mar dentro de outro: o Mediterrâneo. Por sua posição relativa, é um Mar equidistante em relação aos vários pólos produtores de gêneros e manufaturas. Trata-se claramente de uma nova possibilidade de comércio vivo e lucrativo. Trata-se da própria possibilidade de ganhos e expansão; isto é, desde que as embarcações resistam à constante prática da pirataria tão ativa como o comércio.

É nesse cenário posterior à aparição das primeiras vilas agrícolas, algo em torno dos 4.000 anos atrás, e das novas aglomerações em torno da orla e das ilhas, que se torna necessário a criação de um artifício capaz de registrar os objetos das trocas e os seus números, datas, pessoas, valores, enfim, tudo o que pudesse significar um registro seguro contra os constantes furtos e contra o esquecimento com relação às trocas comerciais. Essa invenção que já vinha construindo os seus meios expressivos desde as antigas pinturas rupestres e que agora se tornava necessária e urgente, era a escrita.

Conforme o exposto, seus antecedentes gráficos são as longínquas pinturas rupestres do período Paleolítico, quando se supõem já existir alguma forma rudimentar de linguagem oral relativamente articulada. Conforme KATZENSTEIN (1986), a expressão oral foi por muito tempo a única forma de transmissão dos hábitos e costumes daqueles povos constituídos por relatos de grandes feitos, seus mitos e lendas enfim, de todo o legado daqueles culturas nascentes.²¹⁹ A linguagem oral foi por milênios a depositária dos temas destinados à

²¹⁴ *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pgs. 42 e 43.

²¹⁵ “O barco foi provavelmente inventado nesse período [período Mesolítico].” *Atlas da História Antiga*, op. cit., nota nº 03, pg. 22.

²¹⁶ “Veículos com rodas surgiram em 3.500 a.C.. Animais de tração passaram a ser usados para carroças e arados.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 43.

²¹⁷ Por outro lado, paralelamente ao enfraquecimento daquelas terras cultiváveis ocorrem algumas invasões o que pode ter gerado o deslocamento de alguns povos já estabelecidos. Segundo o *Atlas da História do Mundo*: “A sudeste da Europa, muitos povoados ‘tell’ desapareceram, e na bacia dos Cárpatos surgiram túmulos pré-históricos típicos das estepes, sugerindo a chegada dos nômades entre os povos agrícolas estabelecidos. Prova desta ligação com o leste é dada pela metalurgia, com o surgimento de desenhos e técnicas caucasianas.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 43.

²¹⁸ Eis como a exaustão dos solos promove a migração de alguns povos e como, séculos mais tarde, os gregos iniciam o que presentemente se designa como uma “civilização marítima”. Conforme o *Atlas da História do Mundo*: “A importância do eixo Reno/Danúbio declinou: com a colonização dos solos arenosos no norte da Europa após 2.500 a.C., os Bálcãs passaram a refletir um atraso entre a economia em desenvolvimento do centro-norte europeu e a nascente civilização marítima do mar Egeu.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 43.

²¹⁹ “Antes do advento da escrita, a transmissão oral era o único meio de preservar a memória coletiva. Ela capacitava o homem a transmitir os mitos sobre a criação do Universo ou sobre as catástrofes cíclicas e ainda informações e fatos sobre a própria história,

educação e ordenação dos elementos dos grupos humanos e encontrava na forma da religião sua forma mais acabada e ordenada.²²⁰

Assim é que, mais uma vez, o sentido místico comparece para a construção de uma nova idéia. A escrita, inicialmente, longe de responder unicamente aos imperativos práticos de registro das trocas comerciais, constrói igualmente uma nova forma de expressar os conteúdos religiosos,²²¹ constrói um novo método de cristalizar os ensinamentos ancestrais e tradicionais daquelas comunidades históricas e, conseqüentemente, comparece decisivamente na formação dos homens e da sociedade.

Assim, passados aqueles primeiros milênios de comunicação oral para a qual não existem registros materiais, a escrita passa a ser a prova contundente da existência daquele *medium cultural* agora transposto a um outro *medium* de comunicabilidade que se registra em algum substrato material. Eis como a noção de *medium* de comunicabilidade se expressa através da escolha de significantes expressos graficamente na virada do período Mesolítico ao período Neolítico segundo a versão de KATZENSTEIN (1986):

“Em todas essas civilizações, a escrita mais antiga consistia em imagens: de jarros, de touros e outros elementos, compreendidas imediatamente por qualquer um que as olhasse. Como era do interesse comum que para todos uma imagem representasse todos os jarros, touros, etc., os sacerdotes escolheram uma das várias imagens para servir de símbolo definitivo para cada uma delas. Essa seleção de um sinal criou uma convenção, cuja observância pressupunha a capacidade de abstração tanto dos que escreviam como dos que liam. Estes signos foram os elementos que compuseram o primeiro sistema escrito baseado em convenções: a escrita pictográfica.”²²²

São então esses sinais convencionados que estabelecem pela primeira vez a relação entre os significantes e seus significados. Esse novo *medium* comunicacional que se abre ao humano na forma da escrita no interior das primeiras aldeias agrícolas, fixa e registra todo o conjunto de preceitos simbólicos apreendidos a partir das primeiras hierofanias. Do mesmo modo, a partir da fixação de um estilo de vida e a conseqüente ampliação das aldeias e do comércio torna-se imperativo a contabilização das trocas comerciais e seus resultados. Essas necessidades básicas instilaram à organização desse outro sistema de comunicação que não estivesse exposto aos caprichos da memória e assim materialmente registrado e disponível.

É nessas circunstâncias que surge a escrita: entre a necessidade dos registros de ordem prática e a necessidade de fixação dos hábitos e costumes transpostos à ordenação educadora dos preceitos religiosos. A dispersão de suas aplicações foi lenta, contudo, tão logo ela se fixa, a sua utilização passa a ser explorada num sem-número de registros. Eles vão desde a simples contabilidade das trocas comerciais, passando por receituários de fórmulas mágicas, a fixação de códigos legais, registro de tratados até as inscrições nos prédios públicos.

tais como nomes e realizações de potentados, senhores de guerra, heróis e fundadores de religiões. A transmissão dos mitos e lendas satisfazia o desejo inato do homem de investigar o próprio passado, tornando-o acessível às gerações futuras.” A Origem do Livro - Da Idade da Pedra ao Advento da Impressão Tipográfica no Ocidente, op. cit., pg. 16.

²²⁰ Segundo ainda KATZENSTEIN (1986), essa *“A linguagem oral surgiu como uma necessidade religiosa e social. Praticamente em todas as religiões, sejam elas pagãs ou monoteístas; na China, Índia, Egito, Babilônia, Pérsia, América do Sul, Central e Europa, os cantos sagrados eram criações de mágicos, videntes e profetas, recitados por sacerdotes que deviam transmiti-los, palavra por palavra, e faziam-no às vezes com precisão exemplar. Eles guardavam ciosamente o conhecimento de canto e dos ritos sagrados como um segredo, usufruindo grande poder desse monopólio.” A Origem do Livro - Da Idade da Pedra ao Advento da Impressão Tipográfica no Ocidente, op. cit., pg. 15.*

²²¹ Como quer KATZENSTEIN (1986): *“A origem da arte da comunicação por meio de uma escrita que podia ser lida por outros remonta aos sumérios, na Mesopotâmia, há cerca de 3.500 a.C., época em que, na Europa, as únicas comunicações escritas consistiam em gravações da arte rupestre. ... Os primeiros textos sumérios preservados consistiam de listas de gado e outros inventários das amplas propriedades dos templos, as quais acreditavam pertencerem aos deuses e deverem ser administradas pelos sacerdotes, seus representantes, e portanto responsáveis pela conservação, melhoramento e pela receita dos bens de seus senhores. A eles deviam prestar contas de sua intendência e, quando os dispositivos mnemotécnicos se tornaram inadequados, fizeram-no inscrevendo sinais em tabuletas de barro. O conteúdo destes documentos sacerdotais tem sido interpretado como de caráter unicamente ‘prático e econômico’, o que sem dúvida o eram para aqueles que o escreviam, mas sua essência era ‘religiosa’, uma vez que os textos eram escritos por profissionais representantes dos poderes sobrenaturais que dominavam a vida dos homens na Antigüidade e a eles dirigidos no cumprimento de uma obrigação sagrada.” A Origem do Livro - Da Idade da Pedra ao Advento da Impressão Tipográfica no Ocidente, op. cit., pgs. 22 e 23.*

²²² *A Origem do Livro - Da Idade da Pedra ao Advento da Impressão Tipográfica no Ocidente, op. cit., pg. 24.*

Seus primeiros suportes materiais, no que tange diretamente à tradição ocidental, foram tabuletas de argila mesopotâmicas.²²³ As **figuras 46**²²⁴ e **47**²²⁵ mostram respectivamente uma tabuleta de barro contendo uma escrita assíria, e um curioso cilindro inscrito, também de barro, que atesta uma curiosa prática mesopotâmica para prestigiar seus edifícios importantes.²²⁶

A origem dessas línguas indo-europeias²²⁷ não pode ser precisada, entretanto supõem-se que sua aparição se deu inicialmente na região da Anatólia. Posteriormente, sua dispersão foi relativamente moldada por condições geográficas e pelos vários estilos de vida de alguns povos.²²⁸ É dessa primeira dispersão lingüística que surgem as primeiras formas escritas da civilização ocidental diretamente relacionadas com o povo grego.²²⁹ Essas primeiras formas de escrita são assim apresentadas por BRANDÃO (1989):

*“Chama-se **Linear B** a escrita silábica creto-micênica, derivada certamente do **Linear A** e elaborada pelos Aqueus entre 1450 - 1400, como veículo de comunicação entre os gregos Aqueus e os cretenses de Cnossos, uma vez que, em relação a Creta, somente na Cidade de Minos se usava esse tipo de escrita. O importante é que a língua das tabuinhas de argila endurecidas pelos incêndios, que devoravam os grandes palácios aqueus no continente e Cnossos, é um dialeto aqueu arcaico, muito semelhante ao dialeto homérico da Ilíada e da Odisséia. Lamentavelmente as tabuinhas de argila da Linear B encontradas em Cnossos, Micenas e, de modo particular, em Pilos, traduzem numa linguagem fria tão-somente documentos administrativos, comerciais, inventários, listas de funcionários, de sacerdotes e alguns nomes de deuses. Nenhum texto literário, histórico, religioso ou jurídico figura na Linear B.”*²³⁰

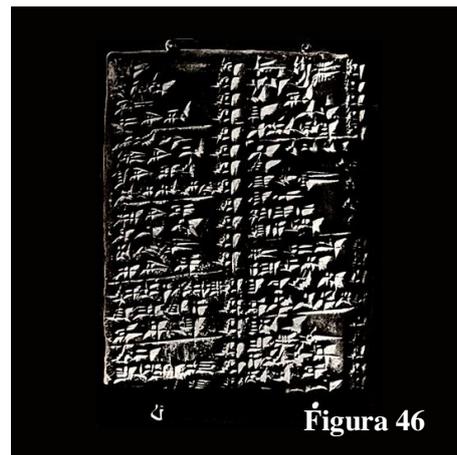


Figura 46

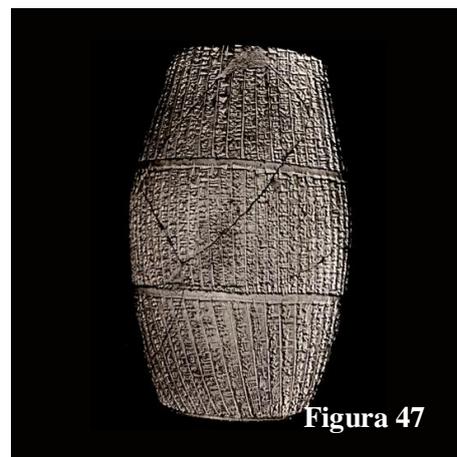


Figura 47

²²³ Como quer KATZENSTEIN (1986): “Os primeiros livros da Mesopotâmia consistiam em várias tábuas de barro individuais gravadas com texto, numeradas e com título, que constituíam as páginas. Eram registradas, catalogadas e marcadas com referências cruzadas. Sendo tão bem organizadas, como as atuais bibliotecas, é de se supor que um longo desenvolvimento anterior tenha levado a esta organização, que não pode ter surgido de repente.” *A Origem do Livro - Da Idade da Pedra ao Advento da Impressão Tipográfica no Ocidente*, op. cit., pg. 114.

²²⁴ Legenda da **figura 46**: “Tábua de barro com escrita cuneiforme assíria.” *A Origem do Livro - Da Idade da Pedra ao Advento da Impressão Tipográfica no Ocidente*, op. cit., pg. 116.

²²⁵ Legenda da **figura 47**: “Cilindro de barro com escrita cuneiforme assíria, escavado na Mesopotâmia.” *A Origem do Livro - Da Idade da Pedra ao Advento da Impressão Tipográfica no Ocidente*, op. cit., pg. 113.

²²⁶ Segundo ainda KATZENSTEIN (1986): “... pedras fundamentais, na forma de cilindros de barro eram enterradas em edifícios importantes na Mesopotâmia.” *A Origem do Livro - Da Idade da Pedra ao Advento da Impressão Tipográfica no Ocidente*, op. cit., pg. 108.

²²⁷ A formação da escrita entre os povos indo-europeus parece ter ocorrido do mesmo modo ou seja, partindo das bases existentes da linguagem oral e das antigas pinturas e desenhos paleolíticos. Contudo admite-se uma separação básica entre as várias famílias lingüísticas do mundo entre as quais se situa a dos povos indo-europeus que exibe uma enorme amplitude geográfica e diferentes registros. Conforme o *Atlas da História do Mundo*: “As línguas do mundo moderno estão divididas em várias famílias, incluindo as indo-europeias, que vão do sânscrito e persa, em um extremo, ao grego, latim francês, alemão e inglês, no outro.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 60.

²²⁸ Mais uma vez conforme o *Atlas da História do Mundo*: “As paisagens abertas de zonas áridas foram as terras onde se originaram os povos nômades que espalharam suas línguas por onde passaram. Ao norte do Mar Negro, povos do grupo indo-europeu domesticaram o cavalo e colonizaram as excelentes pastagens das estepes, enquanto os povos semitas se espalharam pelo Oriente Próximo como nômades, agricultores ou habitantes urbanos.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., nota nº 01, pg. 61.

²²⁹ Como querem os autores do *Atlas da História do Mundo*, “As mais antigas formas de escrita do indo-europeu são textos do 2º milênio, da Grécia em micênico Linear B, e da Turquia asiática (Anatólia), escritos por povos como os hititas e luvtas.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 60.

²³⁰ *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., nota nº 39, pg. 53. Esses dois tipos de escrita encontram-se, hipoteticamente, relacionadas segundo uma ordem de procedência e uma posterior modificação com vistas às acomodações culturais. As relações entre a escrita Linear A e a Linear B são expostas por M^o EVEDY (1979): “O eteo-cipriota é pouco conhecido, mas parece ser anterior ao minóico, que passa de uma fase primitiva ao Linear A, de escrita mais rápida. Quando os Aqueus conquistaram a área egéia modificaram o Linear A, a fim de o poderem empregar na escrita do grego, daí resultando o Linear B, recentemente decifrado.”

As **figuras 48**²³¹ e **49**²³² ao lado, mostram respectivamente as tábuas do Linear A e do Linear B encontradas na Ilha de Creta.

Assim é que a escrita, saída dos gestos, da oralidade, dos objetos e dos antigos elementos subliminares compartilhados, emerge como termo e medida da compreensão do mundo, traduzindo no monumental esforço conceutivo dos antigos sacerdotes e homens da administração, a apreensão da totalidade do mundo. Primeiramente, à semelhança daqueles desenhos rupestres paleolíticos, a arte da escrita é concebida como desenhos. À medida que as necessidades vão se tornando emergentes aqueles os símbolos vão sendo substituídos por elementos gráficos sintéticos e, mais adiante abstratos.

Nessa perspectiva da abstração, uma analogia pode ser traçada na perspectiva do contexto Neolítico: o mesmo arco conceutivo que envolve a aparição dos singelos tijolos abarca também a evolução da primórdios da escrita. Ambas as organizações tendem a proceder segundo unidades conceptivas: no caso da materialidade das construções, os tijolos, no caso da abstração da escrita, ou as unidades pictográficas significantes. Em ambos os casos, as articulações desses elementos unitários compõem a diversidade de um determinado sistema no mundo. Exemplificando: a partir das unidades que são os tijolos constroem-se as habitações e aldeias e a partir das unidades pictográficas de significantes constroem-se a linguagem. As partes são concebidas como que antecedendo o todo e, simetricamente, o todo é concebido a partir da disponibilidade e ideação das partes. Esse todo articulado em homologias e reciprocidades talvez seja o legado mais relevante e palpável do período Neolítico no sentido da construção de uma futura Ética entre os gregos.

Essa é a idéia central do termo *cominuição da realidade*,²³³ ou da concepção da realidade segundo sistemas relativamente autônomos que se conformam pela idéia de suas unidades, ou ainda, desse sutil fracionamento da realidade, para que então ela se recomponha segundo as determinações de uma cultura. Essa idéia de *cominuição da realidade*, além de indicar a fração, a unidade, indica a intuição de que o todo pode ser decomposto em partes funcionais operacionalmente articuladas e, finalmente, indica a aparição de um alto grau de coercitividade na diferença, na diversidade. Essa mesma idéia da fragmentação do mundo encontrada nos tijolos e na fração fonética, além de explicitar um novo estilo de vida encontrado nessas comunidades agrícolas, parece desdobrar-se desmesuradamente por outros materiais, técnicas e tecnologias, consistindo talvez, numa das possíveis formas explicativas para as inumeráveis conquistas daqueles homens neolíticos.

É assim que a partir daquela primeira noção de co-periodicidade, ou da intuição das regularidades do mundo possibilitadas pela fixação dos homens em grupos estreitamente vinculados às suas aldeolas, que surge essa

Atlas da História Antiga, op. cit., pg. 40.

²³¹ Legenda da **figura 48**: “A tabuleta de argila com inscrições em linear A, a mais antiga escritura cretense, proveniente de Hágia Triade e é datada entre 1770 e 1450 a.C.. O linear A é uma escritura silábica fragmentada como um ideograma, usada para documentos de caráter administrativo, mas registra também objetos de culto. As hipóteses de sua proveniência são várias: língua grega, greco-hitita, língua indo-européia, dos lúvios ou a língua semítica, mas não tem-se encontrado confirmação.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., figura e texto: pg. 66.

²³² Legenda da **figura 49**: “A outra tabuleta, proveniente de Cnossos é datada entre 1405 e 1400 a.C., é escrita em linear B, escritura - documentada também em numerosos centros da Grécia continental - que representa uma simplificação do linear A e que foi decifrada em 1952 - 1953 por Michael Ventris [arquiteto inglês] com a ajuda de John Chadwick [filólogo]. A língua do linear B pôde ser definida como um grego arcaico.” *I Palazzi di Creta*, Itália, op. cit., figura e texto: pg. 66.

²³³ “**Cominuir**. Partir em pedaços, fragmentar, esmigalhar.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 351. Optou-se pelo verbo cominuir de modo que se evitasse a utilização do verbo fragmentar, por demais contemporâneo e invadido pela idéia moderna de uma ciência fragmentada e hipotética. Para uma correta concepção da perspectiva neolítica de entendimento talvez seja mais correto o vislumbre de um todo conceptivo homologamente articulado, orgânico.

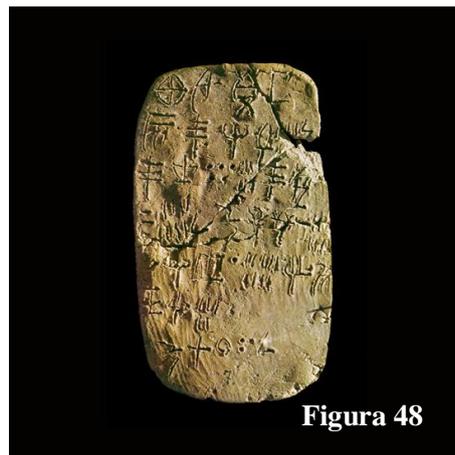


Figura 48

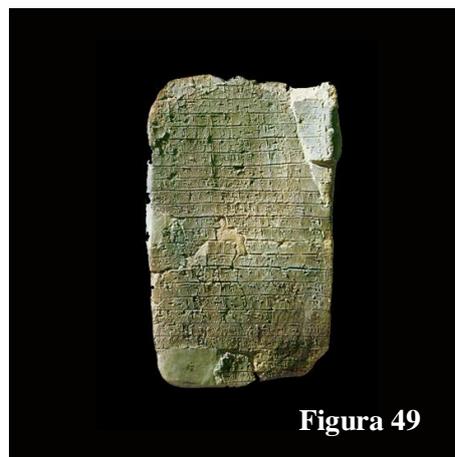


Figura 49

outra idéia de *cominuição da realidade*. Contudo, esse fracionamento parece dispor-se não segundo a totalidade do mundo, mas segundo a própria forma organizacional das aldeolas, ou ainda, da reciprocidade ou simetria entre a aparição da idéia do indivíduo, que agora se articula aos outros indivíduos segundo um sentido teleológico da permanência do humano, e que encontra a sua transposição na ordem tecnológica das construções de tijolos de barro e na aparição da escrita. Eis então uma das contribuições deixadas pelo período Neolítico sob o ponto de vista da organização humana.

Seria inútil descrever pormenorizadamente o período Neolítico, tamanha a sua importância e formas culturais apropriadas dispersas principalmente pela Anatólia e Fenícia, pela Mesopotâmia e a Pérsia. É certo ainda que a vastidão dos povos asiáticos tem sido completamente negligenciada nessa dissertação, assim como os povos do norte europeu e o Egito. Entretanto os motivos são relativamente claros, dado que, à exceção de alguns produtos provenientes dessas regiões que chegaram à Grécia ou alguma influência quanto à organização geral das coisas, muito pouco foi mantido em sua forma original - os gregos por suas próprias características, ativos e inquietos que eram, modificaram incessantemente as suas aquisições ou influências. Permanece deles o grande legado repassado aos posteriores romanos.

Apesar de situarem-se num gigantesco turbilhão de informações, produtos e diferentes expressões culturais, os gregos puderam diferenciar-se de todos os outros povos, negando aqui e ali suas influências diretas, ou então, simplesmente tomando, modificando e apropriando-se deliberadamente certas técnicas, práticas, hábitos, costumes e rituais, e ainda, atribuindo deslavadamente a si próprios os louros das invenções nos mais diversos campos de conhecimento, não sendo outra a razão, senão o profundo orgulho de suas próprias instituições e melhoramentos.

É desse quadro, saindo dos primórdios do período Neolítico e entrando na Idade do Bronze, que surge quase inexplicavelmente na ilha de Creta, na sua porção centro-oriental, ali próximo à Anatólia, Oriente Próximo, Egito e o Peloponeso, uma civilização que por suas características prenunciam a ordenação grega dos períodos posteriores. Essa será a civilização Minóica.

CAPÍTULO 5.

A Grécia Minóica: O Sentido de Permanência na Dimensão do Humano.

5.1. A Grécia Minóica. *A Grécia Minóica / A Creta Imemorial de Homero / O Problema da Precedência das Culturas / O Bom Senso de Durant: Uma Mesma Perspectiva Civilizatória / “O Primeiro Elo da Cadeia Européia” / Os Sinais Cretenses do Bem Fazer Pelo Bem Comum / As Artes Minóicas: Um Novo Estilo de Vida / Uma Ilha Urbana da Idade do Bronze / A Estética e o Conforto: A Centralidade do Humano / Phrónesis: A Centralidade da Estética do Humano no Bem Fazer Comum.*

5.2. “O Primeiro Elo da Cadeia Européia”. *Uma Nova Perspectiva de Ser e Estar no Mundo / O Sujeito Auto-Evidente: Os Tijolos e os Pictogramas / A Co-Evidência do Outro: A Diferença na Igualdade da Aldeia / O Todo Mítico: A Persistência do Perímetro Sagrado / As Três Dimensões do Humano e as Três Dimensões do Espaço Construído / A Aparição de um Novo Medium Cultural : A Intencionalidade do Humano.*

5.1. A Grécia Minóica.

5.1. *A Grécia Minóica / A Creta Imemorial de Homero / O Problema da Precedência das Culturas / O Bom Senso de Durant: Uma Mesma Perspectiva Civilizatória / “O Primeiro Elo da Cadeia Européia” / Os Sinais Cretenses do Bem Fazer Pelo Bem Comum / As Artes Minóicas: Um Novo Estilo de Vida / Uma Ilha Urbana da Idade do Bronze / A Estética e o Conforto: A Centralidade do Humano / Phrónesis: A Centralidade da Estética do Humano no Bem Fazer Comum.*

Por Grécia Minóica entende-se a temporalidade na qual floresce essa sofisticada civilização que existiu na ilha de Creta. Essa ilha, que começa a ser colonizada durante o período Neolítico, por volta de 9.000 a.C., e que passa à Idade do Bronze por volta dos 3.400 a.C., tem seu apogeu por volta dos 1.500 a.C.. Contudo, essa civilização desaparece subitamente poucos séculos mais tarde. O termo minóico deriva do nome do poderoso rei Minos, e suas possessões indicam uma ampla influência sobre as demais cidades situadas tanto nas ilhas gregas como no continente. Nessa perspectiva, e aqui os registros são confiáveis, a civilização Minóica antecede e fomenta a civilização Micênica, ou a posterior civilização grega continental.

PUECH (1986), ao introduzir as questões sobre a religiosidade de Creta e seu período Minóico, apresenta a seguinte periodização dessa passagem do período Neolítico à sua entrada na Idade do Bronze:

“Antes de expor as grandes linhas da religião minóica e aquéia, é necessário dar algumas referências cronológicas:

I. *Período Neolítico: Do quinto milênio até a primeira metade do terceiro milênio.*

II. *Minóico Antigo ou primeira idade de bronze: finais do terceiro milênio.*

III. *Minóico Médio: desde a fundação dos palácios correspondentes a Cnossos e Mália (por volta do ano 2.000) até 1.580 a.C., os cretenses utilizavam a escritura hieroglífica. Até 1.900 a.C., um novo povo se estabeleceu na Grécia Continental: segundo a opinião geral são os primeiros gregos indo-europeus, ainda que o inglês Palmer creia que se tratassem de Luvitas provenientes da Ásia Menor.*

IV. *Minóico Recente: de 1.580 a 1.150 a.C.. Se subdivide em:*

- **M. R. I.** *(1.580 - 1.450 a.C.) Apogeu da civilização minóica; Creta utilizava a escritura Linear A (ainda não decifrada). Se estabelece em Micenas um feudalismo guerreiro que mantém numerosas relações com Creta.*

- **M. R. II.** (1.450 - 1.400 a.C.) *Os aqueus se apoderam de Cnossos, introduzindo o Linear B.*
- **M. R. III.**, *ou período chamado micênico (1.400 - 1.150 a.C.). Depois da destruição do palácio de Cnossos (1.400 aproximadamente), Micenas toma o relevo de Creta até as invasões dóricas (por volta de 1.150).”*²³⁴

Conforme ainda o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995)²³⁵ é recorrente a distinção contemporaneamente adotada entre duas antigas civilizações gregas ou, no contexto dessa dissertação, as duas sub-raças.

A primeira e mais antiga floresceu por volta de 2.000 a.C. na ilha de Creta e é conhecida como Minóica, já que tomou o seu nome do lendário Rei Minos. A partir dos levantamentos no sítio arqueológico constatou-se que as cidadelas de Cnossos, Mallia, Festo e Zakro, foram reconstruídos várias vezes provavelmente devido aos sucessivos terremotos que atingiram a ilha. Essa é a fase insular dessa cultura mediterrânea.

A segunda civilização amplia sua magnitude por volta de 1.600 a.C. e é conhecida como Micênica pois toma o seu nome da cidadela de Micenas. Seus territórios situavam-se na península do Peloponeso onde floresceram suas principais cidadelas: Micenas, Tirinto, Argos, Dendra e Korakou. Todas essas cidadelas eram fortificadas, pois foram sociedades voltadas para a guerra. Trata-se da fase continental dessa mesma civilização.

Ao que tudo indica as primeiras ocupações da ilha de Creta ocorreram durante o período Neolítico. Conforme DURANT (1966):

*“Evans calculou que a Idade Neolítica em Creta tenha durado pelo menos 4.500 anos antes de começar a era dos metais - aproximadamente de 8.000 até 3.400.”*²³⁶

Arthur Evans, o legendário descobridor do também legendário palácio de Cnossos, verificou a existência de vários estratos arqueológicos distribuídos ao longo de 15 m. de profundidade. Curiosamente, nada do que foi encontrado se referia ao período Paleolítico, contudo muito do que havia sido descoberto pertencia já ao período Neolítico. Aparentemente até hoje persiste um hiato de registros arqueológicos que corresponde exatamente ao período Mesolítico naquela ilha.

A técnica utilizada por seu descobridor para proceder às datações constituía-se de um método heterodoxo e foi largamente criticado na época. Consistia em comparar os restos neolíticos lá encontrados - cerâmica feita à mão com desenhos bastante simplificados, rocas de fiar, ídolos de argila e instrumentos e armas de pedra polida - com outros achados das culturas circunvizinhas. Além dessa estratégia, diante de um grande número de peças encontradas e que eram provenientes do Egito, civilização com a qual Creta mantinha estreitos laços comerciais, muitas datações foram possíveis já que existiam registros precisos sobre as produções artesanais das antigas dinastias egípcias. Surpreendentemente, foi a partir desse método que Evans pode também comprovar que a civilização minóica havia influenciado grandemente toda a porção continental grega. COTTRELL (1992) sugere do mesmo modo a influente expansão dessa cultura:

*“Porque à medida que avançavam os trabalhos de investigação, os arqueólogos comprovaram que esta civilização, que segundo Evans teria tido a sua origem em Creta, havia se estendido a outras ilhas do Egeu e inclusive mais longe, para as costas da ilha de Chipre e da Ásia Menor, e em direção norte até o continente da Grécia. Em todas essas regiões as cerâmicas encontradas eram similares, ainda que não idênticas às achadas em Creta.”*²³⁷

Assim, a real influência dessa civilização parece ter sido maior do que os restos neolíticos são capazes de demonstrar. A mais contundente prova de sua importância e potência naquele cenário mediterrâneo encontra-se expressa nas palavras de DURANT (1966), que resvalam no caráter mítico atribuído àqueles tempos:

²³⁴ *Historia de las Religiones - Las Religiones Antiguas. II - Volume 2, op. cit., pg. 206.*

²³⁵ Fonte das informações: *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 66.

²³⁶ *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pg. 6.

²³⁷ COTTRELL, L.: *El Toro de Minos*, Ciudad del México, Fondo de Cultura Económica, 1992, pg. 188.

“ *‘Há uma terra de nome Creta, no meio do mar sombrio - terra formosa, rica e rodeada de águas, com inúmeras gentes e noventa cidades.’ Quando Homero cantou estas linhas, talvez no século IX a.C., a Grécia já havia esquecido que a ilha, cujas riquezas ainda impressionavam o poeta, tinham sido muito mais opulenta tempos atrás; que ela havia dominado o Egeu com uma poderosa esquadra e também parte do continente; e que lá se havia desenvolvido, mil anos antes do cerco de Tróia, uma das mais artísticas civilizações do mundo. Provavelmente é essa cultura egéia - tão antiga para ele como o é para nós - que Homero relembra quando fala da Idade do Ouro, na qual os homens haviam sido mais civilizados e a vida mais requintada do que nos tempos de desordem em que ele vivia.* ”²³⁸

Com esse texto situado entre a realidade e a lenda, Will Durant inicia a sua apresentação da Ilha de Creta, seu rei Minos e o que ele identifica como a primeira organização do evento civilizatório europeu, e assim, ocidental. Ali, quando se inicia a Idade do Bronze, calorosas discussões no meio arqueológico se debruçam sobre a ordem de precedência das civilizações que envolviam o Mar Mediterrâneo.

Esse problema central é colocado em Creta por duas razões. Primeiramente porque Creta constitui-se como que o ponto focal do nascimento da civilização ocidental no âmbito da história antiga. Em segundo lugar porque causa espanto a ausência de restos paleolíticos e mesolíticos na ilha, o que torna quase impossível a tarefa de explicar a procedência daquela avançada civilização. É por essas duas razões que os debates se estendem nessa esfera do conhecimento na tentativa de demonstrar que tal civilização precedeu aquela em determinado invento, a qual, por sua vez, emprestou determinado conteúdo àquela outra, e assim, indefinidamente.

Contudo essas discussões se mostram tão infrutíferas quanto inócuas dado o quadro dispersivo das aldeias mesolíticas e da grande mobilidade dos grupos nômades que então circulavam por todas as regiões do Mediterrâneo, motivados, na maioria das vezes, pelas fáceis aquisições provenientes dos constantes saques e roubos. Outra abordagem não muito digna desses constantes movimentos é descrita por PESCHANSKI (1993), que cita Tucídides quando esse lembra dos antigos hábitos que aproximavam a índole grega dos povos ditos bárbaros: a pirataria:

“ *‘Os gregos de outrora (to palai) assim como os bárbaros instalados na orla do continente ou nas ilhas ... dedicavam-se à pirataria ... Exerciam a rapina e tiravam daí o principal de sua subsistência.’ A pirataria é acompanhada do hábito de portar armas constantemente e nisso também os gregos não diferenciavam dos bárbaros. Dois traços que, assim como sugere Tucídides, remetem a uma semelhança de costumes bem mais vasta.* ’ ”²³⁹

Outra perspectiva, mais generosa e equilibrada e que parece ser perseguida pela grande maioria dos pesquisadores, advoga a troca dessa visão menos inflamada e parcial por outra mais ampla, segundo a qual todos os elementos existentes contribuíram em graus diferentes para as expressões culturais e civilizatórias. Nessa perspectiva é possível estabelecer com maior clareza a perspectiva segunda a qual se dá a gênese da matriz civilizatória ocidental como um todo e sem que se atribua valores excessivos a determinados povos. É DURANT (1966) quem continua a apresentação dessa importante civilização demonstrando muito mais sensatez e clareza do que os especialistas de então:

“*Não o seguiremos [Durant refere-se às argumentações da precedência dos elementos e matrizes civilizatórias de Creta que tanto poderiam ter como berço a Ásia ou o Egito] , pois não nos levaria, em nossa busca da continuidade da civilização, a encontrar a individualidade dos pares. A superioridade cretense é indiscutível; nenhum outro povo da antiguidade a ele rivalizou-se no sabor do minucioso requinte, nessa concentrada elegância de vida e de arte. Acreditamos antes que, em suas origens raciais, a cultura cretense foi asiática, e foram egípcias muitas de suas artes; na essência e conjunto ela permanece única. Talvez pertencesse a um complexo de civilização comum a todo o Mediterrâneo Oriental. Neste caso cada nação herdava, duma mesma cultura neolítica inicial, artes, crenças e costumes afins. Em sua mocidade Creta foi encaminhada por essa civilização comum; na maturidade para ela muito contribuiu. Seu governo impôs ordem às ilhas e seus mercados tinham entrada em todos*

²³⁸ A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 4.

²³⁹ PESCHANSKI, C.: Gregos, Bárbaros, Estrangeiros - A Cidade e Seus Outros, Rio de Janeiro, Editora 34, 1993, pg. 58.

os portos. Foi então que sua cerâmica e suas artes ultrapassaram as Cíclades, transpuseram o Chipre, chegaram à Cária e à Palestina, rumaram ao norte, através da Ásia Menor e suas ilhas, até Tróia, ao oeste, e alcançaram a Espanha através da Itália e da Sicília, penetraram no continente grego, até mesmo na Tessália, e transformaram-se, por intermédio de Micenas e Tirinto, na herança da Grécia. Na história da civilização, Creta foi o primeiro elo da cadeia européia.”²⁴⁰

Conforme se lê, tão logo a civilização cretense floresce e coloca ordem às ilhas, as suas manufaturas sofisticam-se inigualavelmente e passam a ser apreciados por outros povos. A comprovação cabal desse fato recai nos levantamentos arqueológicos realizados por Evans durante o seu esforço de datação dessa cultura, que os encontram dispersos por quase todo o Mediterrâneo atestando a sua grande significação e apreço entre os povos circunvizinhos. DURANT (1966) descreve assim essa cerâmica:

“Na cerâmica os cretenses experimentara muitas formas e destacaram-se em quase todas. Fabricavam vasos, pratos, taças, cálices, lâmpadas, jarras, animais e deuses. A princípio, no Primeiro Período Minoano, contentam-se em dar forma aos vasos com as mãos, de acordo com a tradição herdada da Era Neolítica, em pintá-los com esmalte marrom ou preto e em deixar que o fogo dê às tintas uma matriz causal. Mas no Período Minoano Médio aprendem a servir-se do torno e alcançam o apogeu da técnica. Fabricam um esmalte semelhante na consistência e na delicadeza à porcelana; empregam o preto e o marrom, o branco e o vermelho, o alaranjado e o amarelo, o escarlate e o vermelhão, e sabem misturá-los de modo feliz, obtendo novas tonalidades; manejam o barro com tão confiante habilidade que em seu mais perfeito produto - a graciosa louça ‘casca de ovo’, vivamente colorida, encontrada na caverna de Kamares, nas encostas do Monte Ida - ousam afinar-lhes as paredes até a insignificante espessura de um milímetro, ornando-as com grande riqueza de imaginação. O apogeu do oleiro cretense durou de 2.100 a 1.950; seus produtos são assinados e procurados por todo o Mediterrâneo. No Último Período Minoano desenvolveu-se inteiramente a técnica da faiança, e surgem placas decorativas, vasos de azul-turquesa, deusas policromas e relevos marinhos tão realísticos que Evans chegou a tomar um caranguejo de esmalte por um fóssil.”²⁴¹

As **figuras 50**²⁴² e **51**²⁴³ acima, e **figura 52**²⁴⁴, à frente, mostram respectivamente as qualidades artesanais

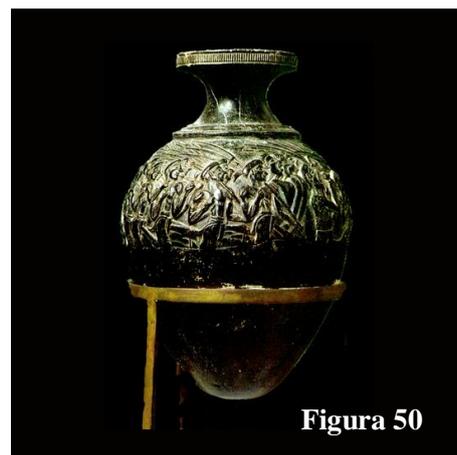


Figura 50

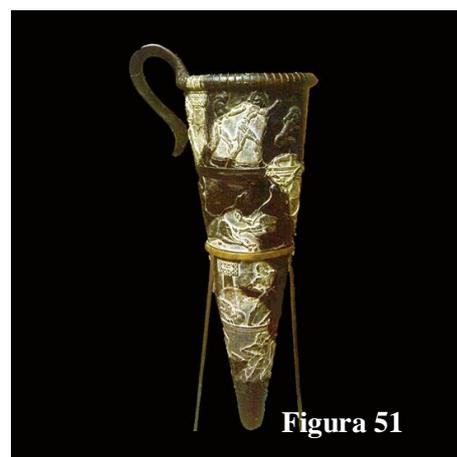


Figura 51

²⁴⁰ *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pgs. 16 e 17.

²⁴¹ *História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pg. 13. Talvez Durant não soubesse que Evans era bastante míope e assim talvez tivesse contido o seu entusiasmo para com o destemido arqueólogo. “É certo que era baixo de estatura e míope e que, em Harrow nunca se interessou por jogos, ...” *El Toro de Minos*, op. cit., pg. 123.

²⁴² Legenda da **figura 50**: “De Hágia Tríade vieram três vasos em esteatita negra, decorados em relevo, que se colocam entre as melhores realizações da arte minóica; são datados entre 1.700 e 1.450 a.C., estão agora no Museu Arqueológico de Iráklion. O denominado ‘Vaso dos Ceifeiros’, ... representa provavelmente uma rústica procissão em ocasião da semana outonal: os camponeses, que caminham levando sobre os ombros seus instrumentos do seu precioso trabalho, são conduzidos por um sacerdote e por um grupo de cantores cuja melodia è ritmada por um instrumento análogo ao sistro egípcio [instrumento de percussão]. Dessa multidão compacta e ordenada, levantam-se duas pessoas: o sacerdote, mais alto que os outros e com os chapéus longos, que, sabedores da própria importância, sorriem, e o chefe do coro, que marca o tempo e canta com voz em *spiccato*. A parte inferior do vaso, que tem a altura de 13 cm., foi perdida, pelo que resulta a aparência do corte na altura das pernas.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., figura: pg. 70; texto: pg. 71.

²⁴³ Legenda da **figura 51**: O maior dos vasos é o *rhytón* [vaso sacrificial], com a altura de 47 cm., historiado com cenas de pugilismo e da *taurocathapsia* distribuídas sobre as quatro faixas superpostas.” Fonte da texto: *I Palazzi di Creta*, op. cit., pg. 71.

²⁴⁴ Legenda da **figura 52**: “*Rhytón*, em esteatita negra, em forma de cabeça de touro, encontrado no Pequeno Palácio de Cnossos e conservado no Museu Arqueológico e Iráklion. O *rhytón*, recipiente usado nas libações sacras durante as cerimônias religiosas em louvor aos deuses, possui uma fissura da qual saem o líquido sacrificial, geralmente óleo ou vinho. Os dois grandes cornos que coroam a imponente cabeça foram reconstituídos: provavelmente eram de madeira pintada e funcionavam como asas. Dos olhos

daquele povo. A primeira trata-se de um vaso de esteatita negra e ilustra provavelmente uma procissão. A segunda trata-se de um *rhytón*, ou vaso sacrificial, esculpido no mesmo material. Suas qualidades artísticas assim como o perfeito acabamento técnico são indiscutíveis. Tamanho talento não poderia florescer em quaisquer condições.

É exatamente pela qualidade expressa desses e outros achados que essa civilização ganha o status do “primeiro elo da cadeia europeia”. Diferentemente de outras culturas, os achados cretenses revelam uma superioridade ainda não encontrada entre outros povos ocidentais. Se entre os outros povos as hierofanias se expressavam cruamente e sem requinte, o mesmo não ocorre em Creta. Para além de seu sentido sagrado as hierofanias ganham um tratamento diferenciado e sofisticado. Os seus símbolos são representados segundo uma outra ordem de necessidades que não se atêm apenas à sua significação mítica ou religiosa. Ultrapassam em muito a mera reprodução de uma idéia e encontram outra significação que vai de encontro à beleza.

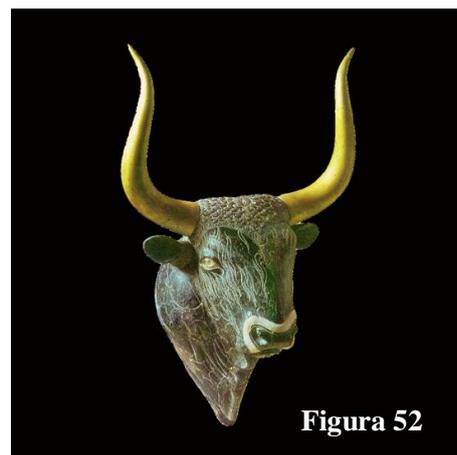


Figura 52

Tudo leva a crer que, por sua condição insular, Creta esteve naturalmente protegida contra os constantes ataques que ocorriam nas porções continentais gregas. Decorrente dessa condição havia mais tempo disponível para a confecção daqueles objetos, já que as competências técnicas podiam cuidar exclusivamente dos artefatos que não fossem destinados à guerra. Nesse caso tudo podia ser devidamente proporcionado e bem-acabado. Assim, a finalidade última dos objetos cretenses parece ser outra diferente daquelas culturas originárias; subentende-se neles algo de contemplativo ou outro prazer que ainda não havia encontrado o seu lugar na história ocidental.

É nessa perspectiva que sua abordagem ganha significação no contexto dessa dissertação. Pode-se perceber claramente pelas descrições daqueles restos arqueológicos, uma discreta, leve e vivaz sofisticação, expressa não só em seus palácios, mas também em seus produtos manufaturados. Paira no ar uma sofisticação inexistente ou jamais encontrada em qualquer outra cultura circunvizinha. Para além dos atributos funcionais dos objetos ou construções, para além de seu valor simbólico, a concepção cretense da vida ultrapassa em muito a mera sobrevivência de outros povos contemporâneos. A partir de sua produção manufatureira vê-se claramente outra dimensão da vida, muito mais afeita às benesses e à sofisticação do que qualquer outra cultura de então. Sequer a grandiloqüência e a imobilidade egípcias alcançaram tamanha precisão e requinte em suas artes ou manufaturas ou se as alcançaram o resultado era restrito apenas à uma casta sacerdotal. É certo que o desenvolvimento das artes cretenses, foi, inúmeras vezes, influenciada pelos egípcios já que, conforme atesta o ATLAS DA HISTORIA DO MUNDO (1995), as trocas entre Creta e o Egito eram intensas:

“Esse foi um período de comércio próspero [o texto refere-se ao período palaciano, algo que se estende dos 2.000 a.C. a 1.500 a.C.]. Vasos de pedra egípcios, sinetes em forma de escaravelho e peças de marfim lavrado chegaram à Creta e lá foram imitados. Peças de cerâmica de Creta finamente decoradas foram levadas ao Egito. Algumas foram recuperadas da cidade de Kahum, erguida para abrigar operários empenhados na construção de uma pirâmide para o faraó Senwoset II (c. 1.906 - 1.888 a.C.), da 12ª Dinastia. Creta pode ter importado linho egípcio, trocando-o por madeira e tecidos de lã de desenhos coloridos, como retratado em representações das roupas usadas pelos cretenses. Já a pintura dos tetos de túmulos egípcios da 12ª Dinastia em diante reflete a influência dos tecidos importados por Creta.”²⁴⁵

Nesse cenário de constantes trocas, seria esperado que as influências artísticas se misturassem indistintamente e, como resultado, todas as manufaturas encontrariam um certo equilíbrio estético comum. Contudo o sentido autóctone da ilha parece ter prevalecido. Assim, à revelia dessas intensas e constantes

suspeita-se, em cristal de rocha ou madreperla, expressam um sentido de potência e grandiosidade. O touro, animal sacro relacionado com o mito do Minotauro e símbolo do princípio fecundante, aparece freqüentemente na arte cretense.” *I Palazzi di Creta*, op. cit.; figura: pg. 54; texto: pg. 55.

²⁴⁵ *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 66.

trocas comerciais, as artes cretenses puderam manter-se voltadas às suas próprias determinações. COTTRELL (1992) referindo-se aos afrescos cretenses revela:

*“Os minóicos devem ter copiado esta técnica decorativa dos egípcios, mas entre a arte severa e altamente convencional da maior parte dos murais egípcios e o refinado e minucioso naturalismo dos afrescos minóicos não há a menor semelhança.”*²⁴⁶

Assim os cretenses procedem segundo suas próprias vocações menos comprometidas com os cânones egípcios e mais atentos às suas próprias necessidades. À revelia de seus mentores as artes cretenses, com algumas exceções, rapidamente alcançam uma inigualável qualidade de acabamento e liberdade expressiva, somente reencontrada nos templos gregos da Grécia continental séculos depois. Essa vocação cretense que parece indicar certa autonomia em relação aos egípcios, denuncia um outro estatuto de suas artes. Essa liberdade cretense parece reconduzir o interesse de uma determinada arte para si mesma de modo a criar uma espécie de autonomia situada no próprio fazer. A perspectiva de autonomia criativa parece ainda sugerir a existência de um sentimento de auto-superação que provavelmente poderia ter impulsionado a qualidade de seus artefatos.

A título de comparações, as **figuras 53**²⁴⁷ e **54**²⁴⁸ ao lado mostram respectivamente dois afrescos de datações equivalentes. O primeiro é proveniente do palácio de Cnossos, na ilha de Creta. O segundo é egípcio, datado da XVIII dinastia no reinado de Tutancamon. Observando-se esses dois exemplares fica patente a rigidez canônica às quais os artistas egípcios se submetiam e a franca liberdade conquistada pelos cretenses a partir da própria arte egípcia. BASIN (1972) ressalta alguns aspectos da arte egípcia:

*“... na representação humana o rosto impessoal, não participa nunca da ação; os gestos se submetem sempre a uma cadência rítmica que lhes confere uma solenidade sacerdotal. Na representação de animais, o artista, não estando constrangido por servidões teológicas, pode dar livre curso a seu gênio de observação. Coisa curiosa: as figuras femininas são mais flexíveis, mais vivas que os homens. Somente a Grécia e o Egito, entre os povos da antiguidade, souberam expressar a graça voluptuosa do corpo feminino.”*²⁴⁹

Diferentemente dos egípcios, os cretenses evidenciam a sua liberdade criativa na própria elegância da figura, do seu porte, assim como em sua expressão ativa e firme. A figura do príncipe não parece se submeter a nada além de sua própria vontade, ele não se encontra subjugado por outra ordem que não a própria, encontra-se distante dos cânones egípcios que nada mais são do que a transcrição na ordem da arte de seus preceitos religiosos. É essa expressão libertária encontrada nos afrescos cretenses que proporciona, séculos depois, a criação de seus modelos autóctones, seu grande legado às artes da futura civilização ocidental.

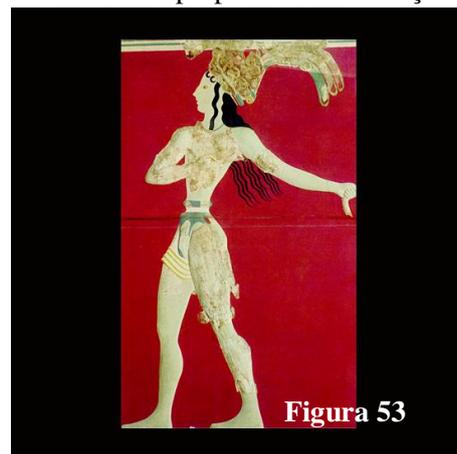


Figura 53

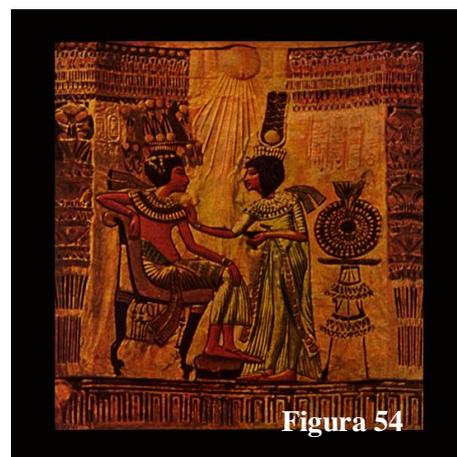


Figura 54

²⁴⁶ *El Toro de Minos*, op. cit., pg. 174.

²⁴⁷ Legenda da **figura 53**: “De excepcional beleza é ‘O Príncipe dos Lírios’, grande afresco em relevo datado por volta de 1.550 a 1.450 a.C., que foi encontrado na extremidade norte do ‘Corredor da Procissão’ e agora, restaurado, está exposto no Museu de Iráklion. O príncipe-sacerdote caminha com um passo elástico, um chapéu com penachos adornado por uma coroa de lírios, flor sacra e real; o braço esquerdo, voltado para trás, parece conduzir um animal. As convenções figurativas são ainda aquelas egípcias: cabeça de perfil, ombros em posição frontal, mas a exaltação da cabeça viril do jovem corpo está no espírito do Tardo Minóico, que antecede ao culto da beleza esportiva.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., figura: pg. 50; texto: pg. 51.

²⁴⁸ Legenda da **figura 54**: “Encosto do trono de Tutancamon, XVIII dinastia.” Fonte da figura e texto respectivamente: *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, op. cit., Lâmina III.

²⁴⁹ BASIN, G.: *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, Espanha, Barcelona, Ediciones Omega, 1972, pgs. 32 e 33.

BASIN (1972)²⁵⁰ acorda que a posterior arte escultórica grega evolui a partir dos modelos da arte egípcia. Entretanto distingue claramente os dois estatutos. Se na arte escultórica egípcia subsiste apenas uma transposição dos cânones religiosos à sua expressão esculpida sem que nada se interponha como mediação, a arte grega procede de outro modo. Para a concepção da arte escultórica grega, como também em todas as demais artes, concorrem os elementos racionais como que mediando todo o fazer estético. As idéias de proporção e equilíbrio, postas no vértice dessa racionalidade, invadem e regram as criações gregas, conformando-as não só de acordo com seus preceitos religiosos, como também a curvando segundo essa intenção que lhe é exterior: a regra compositiva. Eis a grande diferença.

As **figuras 55**²⁵¹, **56**²⁵², **57**²⁵³, **58**²⁵⁴, **59**²⁵⁵, **60**²⁵⁶, **61**²⁵⁷ e **62**²⁵⁸ ao lado, mostram claramente essa lenta evolução que parte inicialmente dos modelos egípcios e caminha livremente para a sua tradução autóctone. Nesse caso as imagens dizem mais do que qualquer texto.

Assim as artes minóicas expressam não apenas o valor intrínseco de cada um de seus objetos, mas através deles percebe-se um estilo de vida, outro modo de ser e estar no mundo, diverso daqueles existentes no Oriente Próximo, Anatólia, Peloponeso ou Egito. A expressão artística do povo cretense indica um grau de liberdade compositivo que o retira da rigidez dogmática dos egípcios e os implica numa liberdade que antecipa a posterior racionalidade grega, até então não encontrada entre seus pares. Rapidamente os cretenses se desvencilham do convencionalismo sacerdotal expresso nos afrescos das terras dos faraós e desenvolvem seus temas num cenário de invejável liberdade, talvez somente possível numa ilha sobriamente guardada por uma poderosa esquadra marítima. Essa liberdade compositiva do período minóico expressa um modo absolutamente distinto de relacionarem-se com a esfera do sagrado. Diferentemente dos egípcios, que se pautam por uma imóvel e excessiva formalidade ritual que cumula de cânones inexpugnáveis a sua arte, os



Figura 55



Figura 56

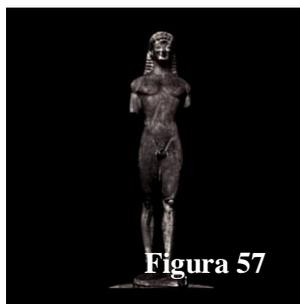


Figura 57



Figura 58



Figura 59

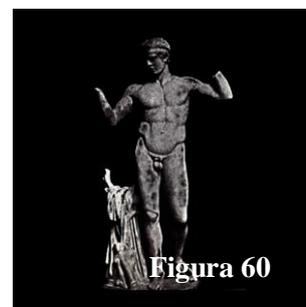


Figura 60



Figura 61



Figura 62

²⁵⁰ O desenvolvimento do texto de Basin encontra-se in: *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, op. cit., pgs. 65 a 71.

²⁵¹ Legenda da **figura 55**: “Arte Egípcia. Estátua de Mikerinos (IV dinastia)” *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, op. cit. pg. 68.

²⁵² Legenda da **figura 56**: “Atleta. Estátua assinada [Poli]Medes, Argos. Primeira metade do século VI a.C.” *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, op. cit. pg. 68.

²⁵³ Legenda da **figura 57**: “Apolo de Tenea. Primeira metade do século VI a.C.” *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, op. cit. pg. 68.

²⁵⁴ Legenda da **figura 58**: “Apolo. Final do século VI a.C.” *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, op. cit. pg. 68.

²⁵⁵ Legenda da **figura 59**: “Apolo de Cassel, segundo um protótipo de Fídias.” *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, op. cit. pg. 69.

²⁵⁶ Legenda da **figura 60**: “Cópia do Diadúmeno de Policleto, século V a.C.” *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, op. cit. pg. 69.

²⁵⁷ Legenda da **figura 61**: “Arte de Lisipo. Ágias. Século IV a.C.” *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, op. cit. pg. 69.

²⁵⁸ Legenda da **figura 62**: “Agásias de Éfeso. ‘O Gladiador Borghese’. Princípios do século I a.C.” *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, op. cit. pg. 69.

cretenses prosseguem por outras vias.

Seus afrescos inspiram a existência de uma íntima liberdade de vida, uma grande vivacidade de cores efusivamente dispersa sobre os afrescos e de formas diretamente colhidas na natureza. Demonstram ainda uma grande liberdade de ir e vir num cenário de cultura relativamente estável. Talvez esse seja o significado da expressão “*o primeiro elo da cadeia europeia*” que Durant insiste em firmar. Esse ponto de vista é ainda reforçado pela intensiva ocupação territorial da ilha por pequenos vilarejos, alguns, como Gúrnica, dedicados quase que exclusivamente à sua produção artesanal.

DURANT (1966) descreve sucintamente algumas características desses assentamentos humanos naquela ilha. Os cuidados na concepção e execução desses vilarejos são excepcionais:

*“A zênite dessa civilização revela-se surpreendentemente urbanista. A Ilíada refere-se às ‘noventa cidades’ de Creta, e os gregos que as conquistaram mostram-se assombrados ante o fervilhar de suas populações; ainda hoje os estudiosos boquiabrem-se diante das ruínas, das ruas calçadas, sarjetadas, entrecortadas de alamedas, das incontáveis casas de negócio ou particulares que se aglomeravam em redor de algum centro comercial ou administrativo. Além de Cnossos, que deve ter sido a principal fonte e a primeira beneficiária da riqueza de Creta, tão grandiosa em seus palácios vastos que talvez a imaginação exagere a cidade que foi, levantava-se defronte da ilha, na costa sul, a cidade de Festo, de cujo porto, no dizer de Homero, ‘partiam para o Egito as naus de negras proas, impelidas pelo vento e pelas ondas’. O comércio de Creta minoana para lá transbordava seu excesso de artigos, que os mercadores do norte, para evitar uma longa volta por mares perigosos, embarcavam por terra. Festo tornou-se o Pireu cretense, mais apaixonado pelo comércio do que pela arte. Mas apesar disso o palácio do rei é um majestoso edifício, a cuja entrada se ergue uma escadaria de 15 m. de largura; suas salas podem comparar-se às de Cnossos; seu pátio central é um quadrângulo pavimentado de 3.300 metros quadrados; seu mégaron, ou sala de recepções, mede mil metros quadrados, sendo maior do que a Grande Sala dos Dois Machados, em Cnossos.”*²⁵⁹

No palácio de Festo, apesar de bem menor do que o palácio de Cnossos, mostra uma mesma complexidade conceitual e de atividades específicas dispostas segundo uma funcionalidade quase moderna. Eis, conforme BROGGI/LOMBARDINI (1981), outra descrição do palácio de Festo:

*“O Palácio de Festo surgia sobre uma colina um pouco distante do Monte Ida numa posição dominando a verdejante planície de Messara à esquerda do rio Hieropótamos. Um pouco menor que o Palácio de Cnossos, do qual repete a sua impostação arquitetônica, é mais harmonioso e coerente em sua planimetria. As escavações arqueológicas levaram Halbherr e Pernier a distinguir vários estratos superpostos: uma colônia neolítica, o primeiro palácio, destruído entre 1.700 e 1.650 a.C. aproximadamente, o segundo palácio, quase inteiramente edificado sobre as ruínas do primeiro destruído por volta de 1.400 a.C., e uma colônia helenística. Do último Palácio de Festo, construído sobre terraços em diversos níveis unidos pelas escadarias e articulados em torno do imponente pátio central, estando a parte ocidental edificada sobre as grandes lojas do palácio precedente, dispõe-se de um racional complexo de vestíbulos e de salas de representação; o setor sul-oriental está totalmente destruído; a ala setentrional é ocupada por apartamentos agradabilíssimos. Entrando na zona noroeste do palácio se encontra o teatro, datado entre 2.000 e 1.500 a.C., diante do qual se estende o pátio ocidental e à esquerda se abrem os grandes **propileus**; [²⁶⁰] de onde uma imponente escadaria descoberta, com os seus pisos inclinados para deixar escorrer a água das chuvas, que nos levam ao primeiro nível. Ao sul dos propileus se estendem as lojas; a parte sul da ala ocidental era ocupada por habitações de serviço ou por um apartamento para os hóspedes.”*²⁶¹

Esses desenvolvimentos complexos da vida insular, os palácios cretenses, denunciam a existência de uma vívida tendência ao desfrute da vida explicitamente postos nos ambientes construídos. Assim o atestam as instalações hidráulicas apropriadas ao recolhimento das águas de chuva, os compartimentos internos

²⁵⁹ A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pgs. 09 e 10.

²⁶⁰ “**Propileu**. Entrada vasta e monumental dos antigos edifícios, aberta e circundada de colunas; porta monumental da Acrópole de Atenas.” Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins, op. cit., pg. 414.

²⁶¹ I Palazzi di Creta, op. cit., 58.

adequadamente dispostos de modo funcional e prático, os tratamentos encontrados nos encaminhamentos externos, a disposição cuidadosa das lojas, das habitações de serviço, ambientes construídos estrategicamente ordenados ou ainda as instalações destinadas ao conforto dos hóspedes, e claro, dos anfitriões, etc.. Tudo ali foi pensado para uma vida melhor dos homens e o seu conforto, tudo ali recendia a uma antecipada humanidade.

Ainda na esteira da apresentação de BROGGI/LOMBARDINI (1981) do palácio de Festo, vê-se que:

“Da corte central, com pórticos que se alternam entre pilares e pilastras, chega-se à Sala das Colunas e em seguida a um salão de representação, que a ocidente abria-se sobre um vestíbulo coligado por uma monumental escadaria. Passa-se então a um peristilo ^[262] e em seguida aos vastos apartamentos privados do rei e aos aposentos da rainha, centrados sobre uma sala tripartida por colunas, contendo um poço de luz. A ala setentrional, ocupada pelos apartamentos do rei e da rainha e dotados de diversos pátios, foi edificada segundo dois diferentes níveis: o aposento com o leito da rainha, em anexo à bacia lustral e ao seu gabinete particular, que estava situado no primeiro nível. A parte norte da ala oriental era ocupada pelos quartos privados, provavelmente usados no inverno.”²⁶³

A título de ilustração, de onde se pode perceber a sofisticação desses ambientes construídos em Creta, as **figuras 63** ²⁶⁴, **64** ²⁶⁵ ao lado, e **65** ²⁶⁶ na próxima página, mostram respectivamente a planta baixa conforme os levantamentos das missões arqueológicas de Creta, um aspecto da entrada de sua ala ocidental e as escadarias de seu teatro. As **figuras 66 e 67** ²⁶⁷, também na próxima página, mostram dois aspectos do seu antigo setor comercial.

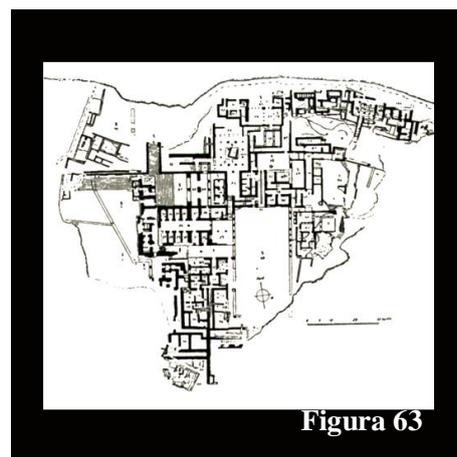


Figura 63

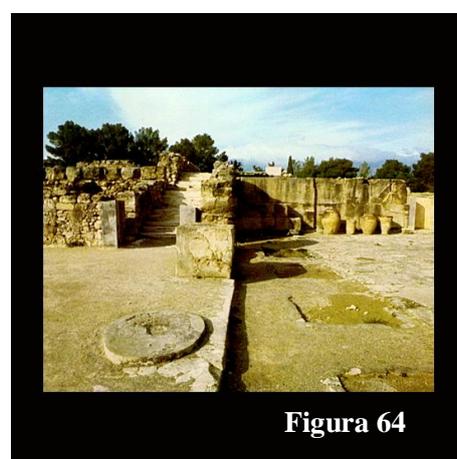


Figura 64

Contudo, esses ares civilizados não se restringem apenas aos domínios dos palácios. Todo o território cretense transpirava paz e sossego, motivado provavelmente por sua condição insular. Todo o território era proporcionalmente ocupado por cidadelas, por aldeias, por vilarejos. Toda a ilha era constituída segundo uma trama de caminhos que invariavelmente interligavam esses vilarejos e que sempre estavam devidamente

²⁶² Primeiramente: “**Peristilo**. Galeria de colunas isoladas ou em torno de um pátio ou de um edifício.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 392. Complementando: “**Peristylon**: Tanto nos autores antigos como modernos, termo usualmente restrito a uma colonata que contorna a parte *interna* de um pátio ou cômodo, ou a um pátio ou cômodo adornados dessa forma, mas empregado ocasionalmente para designar uma colonata ‘*periptera*’ externa.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 460.

²⁶³ *I Palazzi di Creta*, op. cit., 58.

²⁶⁴ Legenda da **figura 63**: “Planta do Palácio de Festo.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 21.

²⁶⁵ Legenda da **figura 64**: “Nesta ilustração da entrada da ala ocidental do segundo palácio são reveladas as características da arquitetura de Festo, mais refinada do que a de Cnossos: uma sábia articulação da estrutura edificada sobre vários níveis, interligando as escadarias e escadas que movimentam levemente a clássica solidez do edifício, e um extensivo e inteligente emprego das colunas, cujas bases reportam àquelas do primeiro nível. Diferentemente de Cnossos, em Festo não foi feita nenhuma intervenção no sentido de sua reconstituição.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., pg. 61.

²⁶⁶ Legenda da **figura 65**: “O teatro do Palácio de Festo (do qual se vê uma parte da imponente escadaria), anterior àquele de Cnossos, remonta a 1900 - 1700 a.C. e foi constituído por uma única e ampla escadaria, à qual se soma outra larga escada adjacente. A área teatral é atravessada diagonalmente por um passeio provavelmente destinado às procissões. O rei podia alcançar o teatro diretamente do seu próprio quarto, construído no nível superior, descendo uma escada privada que o levava aos pés da escadaria de honra.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., pg. 63.

²⁶⁷ Legenda das **figuras 66 e 67**: “O sulco longo e o corredor das lojas (nas figuras ao lado) mostra a pavimentação do palácio precedente. Antes de iniciar-se a construção do segundo palácio, as ruínas precedentes foram aplainadas e calafetadas com uma camada de argamassa que serviram de fundação para o segundo, o qual copiou em parte a velha planimetria; por isso a única diferença entre os achados do primeiro palácio e aqueles do segundo estão freqüentemente constituídos pelos diversos níveis. Os restos do primeiro palácio foram trazidos à luz durante as escavações da Missão Arqueológica Italiana.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., figuras: pg. 62; texto: pg. 63.

preparados para receber seus visitantes. Ali tudo parecia corretamente cuidado, suas ruas eram pavimentadas, zelavam pelo conforto de seus habitantes, as águas pluviais eram recolhidas, e dependendo de sua qualidade, armazenadas ou direcionadas a um fim determinado. Toda Creta recendia a uma humanidade jamais vista no Mediterrâneo. É mais uma vez DURANT (1966) quem discorre sobre a ocupação da ilha com maior propriedade:

*“Duas milhas a noroeste [do palácio de Festo] ficava Hágia Triada, em cuja ‘vila real’ (como a denomina a imaginação dos arqueólogos) o príncipe de Festo veraneava. O extremo leste da ilha, nos tempos minoanos, estava repleto de pequenas cidades: portos como Zacro ou Mochlos, aldeias como Preso ou Psira, bairros residenciais como Palaicastro, centros manufatureiros como Gúrnia. A rua principal de Palaicastro é bem calçada, bem drenada e ladeada por espaçosas habitações; uma delas conta vinte e três salas no andar remanescente. Gúrnia ostenta avenidas calçadas, prédios construídos de pedra sem argamassa, uma oficina de ferreiro cuja forja ainda existe, uma carpintaria com várias ferramentas, pequenas fábricas onde se trabalhava em metal, sapatos, cerâmica, refinação de óleo ou artes têxteis. Os modernos trabalhadores que a desenterraram descobriam tripés, jarros, vasos, fornos, lâmpadas, facas, almofarizes, limas, ganchos, alfinetes, adagas e espadas, e maravilharam-se ante a variedade de produtos e equipamentos, batizando-a de he mechanike polis - ‘a cidade mecânica’. Do ponto de vista moderno as ruas menos importantes são estreitas, simples passagens no estilo de um Oriente semitropical, com medo do sol; e as casas retangulares, de madeira, tijolo ou pedra, são na maioria de um único pavimento. Todavia, algumas placas do Período Minoano Intermediário, desenterradas em Cnossos, mostram-nos casas de dois, três e até cinco andares, com sótãos ou torreões; nos andares superiores vemos janelas com vidraças vermelhas, de material desconhecido. Portas duplas, de batentes de cipreste, abrem-se no andar térreo, onde os cretenses dormem nas noites muito quentes. Se passam a noite em casa, iluminam o quarto com lâmpadas de azeite, as quais, segundo as posses, variam entre o barro, a esteatita, o gesso, o mármore e o bronze.”*²⁶⁸

As descrições de Durant não poderiam ser mais preciosas. Os ares são citadinos, todos os sinais apontam para uma forma de ser e estar no mundo que de algum modo antecipa o espírito de cidadania posteriormente reconstruído nas cidades gregas. Ao que parece aquelas antigas centralidades celebradas pelas primeiras hierofanias, lá do período Mesolítico, centralidades que evidenciavam a delimitação entre o território sagrado e a dispersão profana, ganham um novo sentido na ilha de Creta.

A tranquilidade da vida na ilha em tempos de paz parece ter despertado nos cretenses uma generosidade íntima e ao mesmo tempo comum, um gosto pelo belo natural que somente os espíritos mais desarmados poderiam apreciar. Mesmo imersos em rituais os cretenses antevêm, ainda que nebulosamente, uma nova centralidade: a humana. Conforme ainda MUNFORD (1982) as características insulares de Creta propiciavam condições necessárias para o florescimento de uma cultura menos agressiva como aquela que se desenvolverá posteriormente na Grécia continental:

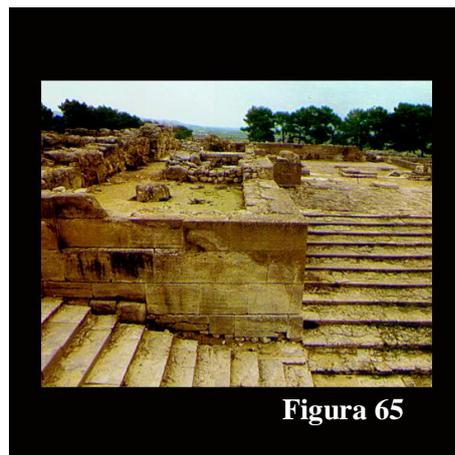


Figura 65

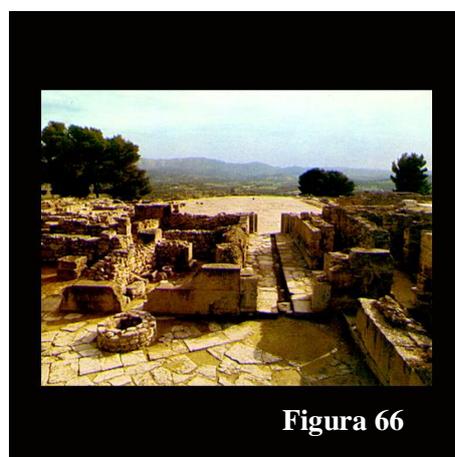


Figura 66

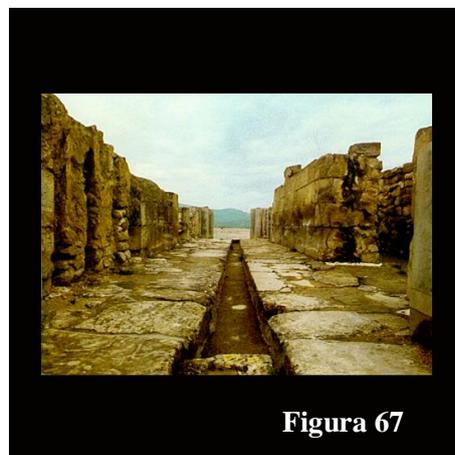


Figura 67

²⁶⁸ A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 10.

“... mais uma vez, em Cnossos, podemos identificar o núcleo da cidade antiga, a cidadela, como o próprio templo aparentemente incorporado no palácio. Que era, na verdade, essa ilha montanhosa, tendo o mar como fosso, senão uma vasta cidadela? A imunidade de Creta à invasão sob condições primitivas dava-lhe a mesma espécie de pacífico isolamento que o Egito tivera outrora e que a Islândia e Inglaterra iriam ter mais tarde. Assim, Creta gozava de certa liberdade em relação ao medo, certa ausência de tensões perturbadoras, que permitiam que a vida florescesse durante as fases anteriores da cultura minóica. A ilha de Creta, inteira, agora entregue aos pastores e camponeses, era outrora pontilhada de aldeias, cidades, celeiros e cemitérios monumentais. Com base apenas neste fato, poder-se-ia dizer, sem maiores provas, que os senhores da cidadela, os Reis do Mar, na Idade Média Minóica, comandavam grandes frotas, tanto armadas quanto mercantes, capazes de manter à distância os piratas e de levar alimentos e matérias-primas, bem como produtos acabados, àquelas pequenas e bem protegidas cidades: fortalezas dentro de uma fortaleza. As muralhas de pedra e os condutos cobertos de telha de Cnossos falam-nos de uma concentração de mão-de-obra e perícia de engenharia comparável àquela que construiu a Suméria; e os ambientes interiores do palácio corroboram essa narração.”²⁶⁹

Tudo é planejado de acordo com uma nova mentalidade de modo que a ilha como um todo se abra a seus habitantes - inclusive às mulheres. Eis como DURANT (1966) descreve a posição das mulheres na sociedade cretense:

“O uso da palavra homem para indicar tanto o homem como a mulher revela o preconceito de uma idade patriarcal que dificilmente se adapta à existência quase matriarcal da antiga Creta, pois a mulher minoana não evoca nenhuma reclusão oriental, nenhum purdah ou harém; nada nos leva a crer que ela só tivesse permissão de freqüentar certas partes da casa ou não pudesse andar na rua. Sem dúvida a casa é seu lugar de trabalho, como ainda acontece até hoje com algumas mulheres; tece panos e cestos, mói trigo e fabrica o pão. Mas também trabalha ao lado dos homens no campo e na cerâmica, mistura-se com eles livremente nas ruas, ocupa o lugar da frente nos teatros e jogos, e passeia na sociedade cretense com o ar enfadado da grande dama cansada de receber homenagens; e quando os deuses de sua pátria foram criados, vieram muito mais sob a forma feminina do que masculina.”²⁷⁰

Ao evocar a igualdade de posição da mulher cretense Durant não o faz apenas por se tratar de uma mera curiosidade histórica, mas sim no sentido de evidenciar uma nova fase civilizatória que se abre a partir da ilha de Creta. Tudo lá parece pacificado, ordenado, concebido por e para essa nova centralidade que se desprende gradativamente dos mitos e das religiões. O sentido de civilização torna-se um fim humano, toma uma dimensão jamais pretendida por outros povos. Nesse mesmo sentido deve ser entendido o esforço daquele povo em pavimentar todas as ruas. Seus cuidadosos calçamentos e meios-fios denunciam outro modo de relacionar-se com o meio ambiente: eles são a aparência da cidadania sem que o termo ainda tivesse sido cunhado. Essa humanidade também se expressa nas cuidadosas e já comentadas instalações de captação e reservatórios de águas pluviais encontradas nos palácios. Eis como DURANT (1966) os apresenta:

“Como que para agradar ao espírito moderno, mais interessado em canalizações do que em poesia, os construtores de Cnossos instalaram no palácio um sistema de drenagem superior a qualquer outro da antiguidade. Coletavam em ductos de pedra a água dos morros e também das chuvas, distribuindo-as por meio de manilhas de barro - cada qual medindo seis polegadas de diâmetro e 30 de comprimento, embutidas uma na outra e cimentadas; é possível que também houvesse dispositivo destinado a fornecer água quente ao palácio. As opiniões não mais concordam em que as depressões quadradas encontradas no pavimento de alguns compartimentos fossem banheiros: não têm escapamento para as águas e são recobertas de gesso, o qual se dissolveria gradualmente sob a ação da água. ... Mosso encontrou canos de esgoto idêntico na ‘vila real’ de Hágia Triáde. ‘Um dia, depois de forte pancada de chuva, muito me interessou verificar que todos os encanamentos funcionavam perfeitamente, e vi a água jorrar de canos através dos quais um homem poderia caminhar em posição natural. Duvido que exista outro exemplo de sistema de esgoto capaz de funcionar depois de quatro mil anos.’²⁷¹

Conforme o texto, lá naquela ilha tudo denunciava uma nova abordagem do mundo sob a perspectiva de uma

²⁶⁹ A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas, op. cit., pgs. 136 e 137.

²⁷⁰ A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 08.

²⁷¹ A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 15.

noção que também estaria por ser inventada: a noção de conforto - a mais decisiva forma de expressão do que é humano. Do mesmo modo, a extensiva ocupação da ilha, decisivamente modificada para o povo que ali residia, que reflete esse espírito, essa mesma disponibilidade para a vida, essa mesma audácia de viver livremente num constante estado de liberdade, mesmo que vigiada contra ataques externos. É o conforto levado ao território ou a promessa de viver em paz numa ilha.

Retornando à arte, somente num tal cenário pré-urbano porque ainda não regrado, é que poderia emergir tamanho compromisso para com a forma bem acabada tendo a si mesma como finalidade. Somente um horizonte conceutivo como aquele, completamente voltado para o humano, é que poderia justificar a extremada delicadeza de seus artefatos. Na ilha de Creta tudo transpira uma íntima liberdade que se prolongada do andar desimpedido do cretense sobre o seu próprio território aos seus artefatos cuidadosamente realizados. Um relato de COTTRELL (1992) sobre os artefatos encontrados nas casas de Gúrnica revelam um cotidiano que em muito pouco se distancia das tarefas diárias do início do século XX:

“Em uma casa bem construída, no alto do monte, oculto numa abertura estreita havia um jogo de ferramentas de carpintaria, haveria o proprietário escondido deliberadamente sob o solo do corredor quando apareceram os barcos dos conquistadores? Num quarto próximo um risco negro horizontal na terra mostrava onde havia estado uma tábua de madeira, queimada ou destruída pelo apodrecimento há muito tempo, e nessa prateleira da mulher da casa estavam colocadas em fila quatorze pesos de argila e pedra para tear. Em outras casas havia tinas para limpar o azeite, colocadas sobre bancos de pedra, com as ânforas e as stamni diante delas para recolher o líquido, exatamente como estiveram há 3.500 anos ...”²⁷²

São esses pequenos artefatos, perfeitamente dispostos, ordenados sobre as prateleiras e, prontos para a sua utilização, que indicam a invenção desse novo mundo civilizado. Essa é a perspectiva capaz de promover o nascimento de uma civilização fundamentalmente estética, comprometida com a idéia das primeiras proporções, com a idéia das primeiras relações de equilíbrio e que são transpostas à sua cultura conforme uma íntima propriedade.

É então a partir de seu sentido hierofânico original que as artes cretenses sublevam-se e reinventam-se, ainda que num cenário de liberdade zelada. Desse contexto emerge uma nova estética, uma estética apreciada e cobiçada para além do perímetro da ilha, pois que uma estética da qual emana um estranho sentido de uma liberdade criativa ordenadamente proporcionada. Nesse contexto, a idéia da forma pura minóica opõe-se à expressão do dogma religioso egípcio.

Seria natural que esse mesmo espírito se estendesse aos afrescos, se desdobrasse nas cerâmicas e se dirigisse em direção ao continente. Ali estão sendo revelados os primeiros traços de idéias que já estavam atravessando o Mediterrâneo no sentido do Peloponeso, o próximo centro civilizatório grego séculos mais tarde. Contudo o lento movimento de aculturação dos povos circunvizinhos já estava em andamento. A decifração das tabuletas do Linear B comprova a hipótese da existência desse processo de aculturação. Conforme o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995):

“A escrita, inovação importante de Creta, foi adotada pelos micênicos. Foram encontradas placas de argila em escrita Linear B em vários palácios micênicos na Grécia continental, incluindo Pilos, Tirinto e a própria Micenas [todos situados no Peloponeso]. A escrita Linear B era uma forma primitiva de grego que, após decifrada, provou serem os micênicos os ancestrais diretos dos gregos do período clássico.”²⁷³

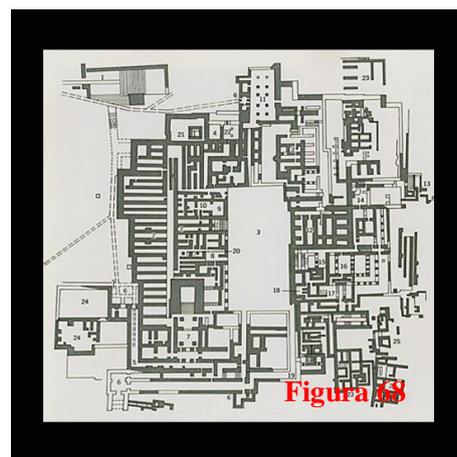
Conforme o exposto, a escrita do Linear A parece ter sido desenvolvida no período minóico. Posteriormente essa escrita foi modificada pelos aqueus, tomando as feições do Linear B. Ora, o fato dessa forma primitiva de grego ter sido adotada pelos povos posteriores do período micênico indica claramente a importância e a ascendência que a cultura dos povos minóicos exerceu sobre os seus vizinhos imediatos. Não bastasse isso, essa mesma escrita foi transformada no grego arcaico alguns séculos mais tarde. É evidente assim, que a cultura minóica conduziu, ao menos parcialmente, o processo de expansão dos elementos culturais e

²⁷² *El Toro de Minos*, op. cit., pg. 183.

²⁷³ *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 66.

civilizatórios do que se convencionou chamar “o primeiro elo da cadeia européia”.

No palácio de Cnossos, à revelia de suas dimensões e grau de importância no contexto insular, nada há que deponha contra essas considerações. A **figura 68**²⁷⁴ mostra a planta baixa do palácio de Cnossos desenhada a partir das escavações de Arthur Evans. Trata-se de uma enorme construção composta por vários edifícios que se articulam internamente através de um amplo pátio central. Essas complexas construções abrigavam um sem-número de funções como depósitos sacros, altares, salas da corte palaciana, salas de representação diplomática, instalações comerciais, oficinas, residência privada da família real, instalações de serviço, instalações para a guarda real, torres da guarda, acomodações para as representações diplomáticas, etc..



Sua complexa estruturação e os seu sistema de acesso indicam tratar-se de uma fortificação. Contudo uma fortificação diferente daquelas encontradas nas aldeias do início do período Neolítico que simplesmente se fechava através de muros de pedras para o exterior. Trata-se de uma forma defensiva, é claro. Mas mais do que isso, sugere uma forma defensiva pouco sofisticada que opta apenas pelo fechamento radical. Já em Cnossos, talvez por sua condição insular, os acessos ao exterior estão franqueados. Além de sua implantação num terreno alto, e assim de fácil proteção, a perícia de seus construtores fez de sua complexidade organizacional o ponto chave de sua segurança. Sua organização interna é absolutamente inapreensível num só olhar. Trata-se de uma engenhosa estratégia defensiva segundo a qual a organização e seqüência dos ambientes impedem a sua compreensão interna. Isso só poderia ser intencional. Se Cnossos foi inexpugnável por alguns séculos isso também se deve, indubitavelmente, à sua compleição absolutamente indecifrável aos invasores que dispõem de pouquíssimo tempo para assaltá-lo e conquistá-lo. Não é sem razão que sua imagem permaneceu na memória do povo grego como a do próprio Labirinto. Eis como DURANT (1966) descreve o palácio de Cnossos:

*“Os construtores do palácio de Cnossos sofrem tanto da falta de material como da falta de homens. Creta é pobre em metal e completamente desprovida de mármore; por esse motivo empregam o calcário e o gesso, servindo-se da madeira para os entablamentos, tetos e todas as colunas do pavimento térreo. Cortam com tal justeza os blocos de pedra que podem uni-los sem cimento. Em torno a um pátio central de seis mil metros quadrados, erguem três ou quatro andares, com vastas escadarias de pedra, um verdadeiro labirinto de aposentos - corpo da guarda, oficiais, prensa para a uva, depósitos, salas de administração, dependências para os serviços, ante-salas e salas de recepção, dormitórios, banheiros, capelas, masmorras, sala do trono e a ‘Grande Sala do Machado Duplo’; acrescentando nas proximidades o conforto de um teatro, uma vila real e um cemitério. ... No andar inferior levantam maciças pilastras de pedra retangulares; nos andares superiores usam colunas circulares de cipreste, estranhamente mais finas na base, para sustentação do teto e formação dos pórticos laterais. No interior colocam, junto a uma parede graciosamente decorada, um banco de pedras, simples, mas habilmente entalhado, ao qual a impaciência dos escavadores classificará de trono de Minos, e no qual os turistas gostam de sentar-se modestamente, para se sentirem reis por um instante. Esse vasto palácio, segundo tudo indica, é o famoso Labirinto, ou o santuário do Machado Duplo (labrys) atribuído pelos antigos a Dédalo, e posteriormente destinada a dar nome de labirinto a aposentos complicados, a palavrório confuso a ao sistema ósseo do órgão auditivo.”*²⁷⁵

Para essa fabulosa construção concorre igualmente o seu caráter simbólico e místico. Rezam as lendas que lá

²⁷⁴ O Palácio do Rei Minos, ou o Labirinto. Legenda da **figura 68**: “1. Escadaria e área do teatro; 2. Lojas e armazéns; 3. Pátio; 4. Vestíbulo; 5. Circulação com o afresco da procissão; 6. Entrada e átrio; 7. Propileus meridionais; 8. Santuário tripartido; 9. Vestíbulo; 10. Sala do trono; 11. Sala setentrional dos pilares; 12. Sala setentrional dos altos *píthoi*; 13. Bastião; 14. Pátio do canal de pedras; 15. Sala da colunata; 16. Salão dos machados duplos; 17. Mégaron da rainha; 18. Banho da rainha; 19. Rampa da escadaria; 20. Cripta das colunas; 21. Sala do polimento; 22. Pórtico; 23. Casas do período palaciano; 24. Áreas do palácio com casas de períodos posteriores; 25. Edifícios anteriores ao palácio.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., pg. 23.

²⁷⁵ *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pg. 15.

existiu um poderoso e lendário rei, Minos, que em tempos imemoriais dispunha de uma formidável esquadra marinha e que por isso controlava habilmente todo o comércio naquela porção mediterrânea. Nada se comprova sobre sua existência a não ser pelas lendas. Contudo, tão poderoso foi esse rei que ele funda um mito, indissociável do palácio de Cnossos. Conforme BRANDÃO (1989):

*“O grande mitologema cretense do rei Minos está indissoluvelmente ligado ao palácio de Cnossos e a seu labirinto, bem como ao seu arquiteto Dédalo, ao Minotauro e ao mito de Teseu e Ariadne.”*²⁷⁶

Eis um pouco do mito em economia de dissertação:²⁷⁷ Minos é filho de Zeus e Europa (Zeus raptara sob a forma de um Touro). Minos disputa o poder sobre a ilha de Creta com dois outros irmãos (que dirigiam respectivamente as cidadelas de Festo e Mália - além de Cnossos, dois importantes centros políticos e econômicos). Minos alega que Creta lhe pertence por vontade dos deuses, e que como prova, estes o atenderia em qualquer um de seus desejos. É então que, em cerimônia a Posídon, ele solicita que emerja do mar a mais bela rês jamais vista que em seguida seria sacrificada ao mesmo deus.

Contudo Minos não a sacrifica a rês e a adiciona ao seu rebanho. Tempos mais tarde, o deus irritado enfurece de tal modo o animal que ele tem que ser sacrificado. Porém, antes disso, o rei desposa Pasífae que, na esteira da ira do Deus, é levada a apaixonar-se pelo touro - mais um castigo determinado por Posídon. Pasífae, apaixonada pelo touro e fora de si, encomenda a Dédalo (originariamente ateniense, Dédalo havia se refugiado em Creta após assassinar seu sobrinho, Talos, por invejar-lhe o precoce talento ao inventar a serra) uma novilha de bronze com a qual ela se vestisse de modo que pudesse se entregar em amores ao touro enganando-o. Dédalo sensibilizado por tamanha paixão a atende e o plano é levado a cabo. Dessa união nasce um ser monstruoso, metade homem, metade touro: o Minotauro. Minos, envergonhado diante de tal desonra ordena que o Minotauro seja encerrado no Labirinto (ou no palácio de Cnossos, igualmente construído por Dédalo), e que a ele seja oferecido de sete em sete anos, nove rapazes e nove moças atenienses que seriam devorados pelo Minotauro.

O mito prossegue e desdobra-se por outros tantos, mas por questões práticas a exposição termina aqui no palácio de Cnossos. Contudo, parece relativamente óbvio que as necessidades míticas não seriam suficientes para determinarem a construção de um palácio nas proporções das de Cnossos e na forma como ele se apresenta, absolutamente incompreensível ao visitante ou saqueador. Talvez ele fosse o próprio Labirinto.

Expondo uma outra breve versão do mito segundo BRANDÃO (1989), que consegue ser ao mesmo tempo sintética e historicamente situada, pode-se depreender outros elementos históricos que apresentam razões mais práticas e que certamente colaboraram para a sua conformação final:

*“Minos é ‘um rei sacerdote’, para usar da expressão de Arthur Evans, ou seja, é a personificação do deus masculino da fecundidade. Identifica-se ainda com o senhor do raio e da chuva, associando-se à Deusa Mãe, que personifica a Terra. A influência egípcia parece clara: encarnação do Touro, Minos lembra o Touro de Ápis, de Mênfis; sua união com Pasífae e o nascimento do Minotauro evocam as tríadas egípcias. ... Minos não é o representante de divindade na terra, mas seu filho. Filho piedoso e submisso: de nove em nove anos, o rei se recolhia no mais temível e intrincado dos labirintos [esse labirinto construído por Dédalo] , no monte Iucta, para uma ‘entrevista secreta’ com seu pai Zeus, a quem prestava contas de ‘suas atitudes’ e de seu governo. Se descontente com o rei, este permaneceria no labirinto; se satisfeito, Zeus o reinvestia no poder para mais um período de nove anos. Historicamente, o tributo novênio cobrado a Atenas parece refletir, desde o Minóico Médio, ~ 2.100 - 1.580, a penetração e o domínio cretense na costa oriental do Peloponeso e na Arcádia, onde se instala a dinastia de Dânao; na Lacônia, dominada pela de Lélex; na Beócia, conquistada por Cadmo, e na Ática, onde os agentes de Minos cobravam um tributo, em espécie ou em homens.”*²⁷⁸

Internamente ao perímetro da ilha, a figura do rei-sacerdote assegurava o seu poderio tanto pelos rituais religiosos como por sua inquestionável descendência divina, à semelhança dos reis-sacerdotes egípcios (eis então a razão para a existência das numerosas salas de celebração em seu interior). Além-mar, a sua

²⁷⁶ *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 61.

²⁷⁷ Essa versão sintetizada foi extraída de: *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pgs. 61 e 62.

²⁷⁸ *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pgs. 63 e 64.

soberania estava assegurada por sua numerosa, agressiva e arrogante frota naval sempre disposta ao ataque e à dominação caso os tributos devidos não fossem pagos. Sua esquadra era de fato uma alfavanga flutuante.

Por outro lado, a expansão de seu poderio a localidades situadas na porção continental do Mediterrâneo certamente gerava movimentos de sublevação contrários à cobrança das taxas de quem ousasse atravessar seus mares. Essas taxas eram cobradas, conforme o exposto, em moeda viva ou em homens, e certamente motivaram os construtores do palácio de Cnossos a proceder segundo alguma prudência. Assim, talvez tenham optado por concebê-lo de forma intrincada de modo que o próprio palácio apresentasse grandes dificuldades à sua penetração e posterior dominação. Talvez fosse dessa justaposição de propósitos, onde se encontram de modo indissociável as questões de ordem interna e as questões de dominação externa, que nascesse a concepção original daquele palácio na forma como ele se apresenta: como o Labirinto. É assim, dessa reciprocidade colocada entre a necessidade do mito e a realidade tributária ultramarina que surge a forma e organização do palácio de Cnossos.

Esse palácio apresenta ainda significativas diferenças com relação aos egípcios. Em Cnossos não se vê a monumentalidade das construções egípcias e nem mesmo o seu brutal sentido de permanência e imobilidade. Nada há ali que se assemelhe à monumentalidade das pirâmides ou dos templos egípcios. As proporções do palácio de Cnossos em nada lembram as proporções egípcias. Em Creta tudo parece proporcionado pela dimensão humana, pela estatura humana e não segundo a eternidade transcendente dos reis-faraós egípcios. Nada que pudesse ser expresso pelo artifício de grandes dimensões nos ambientes construídos foi utilizado.

Assim, nos palácios cretenses a dimensão humana torna-se central quer por suas próprias dimensões e proporções, quer por seus objetos ergonômicos ou por sua cuidadosa decoração. Ali não há exageros, os deuses não são maiores que os homens, a verticalidade é assim postergada a outros povos e a horizontalidade de seus ambientes construídos parece advir de uma liberdade recolhida da geografia daquela ilha e que sobre ela se amplia indefinidamente. As escadarias cuidadosamente construídas e proporcionadas não ultrapassam a necessidade do desnível, mas se acomodam às necessidades da idéia de conforto do percurso. Jamais foram concebidas apenas para ressaltar a importância dos palácios e, assim, não forçam um percurso maior do que o necessário. Impera em Creta a dimensão do humano, um novo núcleo conceptual que será posteriormente retomado pelos povos gregos. As **figuras 69**²⁷⁹, **70**²⁸⁰, **71**²⁸¹, **72**²⁸² e **73**²⁸³ na próxima página, mostram

²⁷⁹ Legenda da **figura 69**: “Na ala norte ocidental do palácio, próximo à *Dogana* e não distante do complexo da Sala do Trono, esta situado o pequeno teatro que, depois daquele do Palácio de Festo, é o mais antigo que se conhece. A escadaria, perfeitamente conservada, é dividida em duas alas que se encontram no ângulo reto no ponto reservado ao palco real, e termina numa esplanada pavimentada onde, nos dias de festa, provavelmente havia lugar danças sacras e a *taurokathapsiai* os quais aqui estão transmitidos nos afrescos e nas pinturas dos vasos.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., pg. 25.

²⁸⁰ Legenda da **figura 70**: “Na ala ocidental do palácio, entre todos os outros salões de representação, se abre a Sala do Trono, usada para os rituais. A sala está situada no primeiro nível de edifício em três níveis (nessa foto), em parte reconstruído, e é precedida por um vestíbulo com bancos nos muros, uma bacia lustral em pedra, e um vão de acesso. Também o primeiro piso era destinado à representação. No segundo nível se encontra a sala com a cópia das pinturas que decoravam as paredes do palácio, e que agora são conservadas no Museu Arqueológico de Iráklion.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., pg. 31. Ao observar essa figura, o leitor desavisado e incauto poderá imaginar que os cretenses já conheciam a técnica do concreto armado - o que não é verdade. Esse foi o arranjo artificioso de Evans para conseguir continuara as escavações. À medida que as escavações iam avançando o palácio tendia a desabar e assim comprometendo irremediavelmente o achado. Segundo Cottrell, Evans tentou alternativas estruturais antes de render-se ao concreto armado: “Primeiro, Evans experimentou vigas e pontaletes de madeira, mas eles apodreciam rapidamente [o clima de Creta não ajuda]. Logo tentou alvenaria de pedras, fustes e capitéis laboriosamente lavrados em pedra, que receberiam os pisos superiores com arcos de tijolos e vigas, mas o resultado não era satisfatório e era caro, inclusive para Evans [que era bastante rico]. Finalmente decidiu utilizar o concreto armado, que é bem meais resistente, tem boa aparência e de rápida execução.” *El Toro de Minos*, op. cit., pg. 204. Mesmo após todo esse esforço o coro dos descontentes ainda bradava pela cabeça de Evans.

²⁸¹ Legenda da **figura 71**: “O palácio de Cnossos não era somente a residência da classe principesca e a base da vida administrativa e religiosa, mas também um atívisimo centro econômico e comercial. Por esse motivo muitos ambientes sombrios, como os vários situados abaixo do nível da estrada, e que se repartiam de um longo corredor da ala ocidental do palácio, eram equipadas para servirem às lojas os gêneros consignados como tributos dos súditos ou produtos do campo de propriedade direta do rei. Abundantes provisões de víveres, em sua maioria grãos, cevada, legumes secos, olivas, vinho, óleo (muito usado para a iluminação), destinados aos numerosos habitantes do palácio, eram depositados em jarras (*píthoi*), perfeitamente alinhadas ao longo das paredes, enquanto nos nichos quadrados sob o piso e fechados por pesadas placas de pedra talvez se conservassem produtos não comestíveis. Os enormes *píthoi*, decorados com motivos em relevo que imitam corda, estiveram perfeitamente lacrados para preservar a integridade das mercadorias contidas contra a deterioração e também do contrabando.” *I Palazzi di Creta*, op. cit.; figura: pg. 34; texto: pg. e 35.

²⁸² Legenda da **figura 72**: “A clarabóia conduz ar e luz ao *mégaron* da rainha, que compreende a outra Sala da colunata o aposento privado da soberana. A clarabóia constituiu-se um dos elementos mais originais da arquitetura cretense: estando exposto às intempéries, foram utilizados muros em calcário compacto e a camada de cimento que forma o pavimento estando ligeiramente

alguns aspectos do palácio de Cnossos.

Em Creta se encontra então o núcleo conceutivo que se expande por todo o Ocidente: um certo grau de liberdade de uma sociedade que reinventa a si própria numa perspectiva do conforto ou do bem comum.

É igualmente certo que os cretenses não inventaram sozinhos esse sentido humano, pois desde sempre estiveram em contato com outros povos e, é claro, que tantos outros elementos de várias outras culturas os influenciaram. Contudo, é claro que foram eles que selecionaram, entre todas as influências recebidas, aqueles elementos culturais que lhes pareciam os mais apropriados, sofisticando-os naquela ilha distantes das ameaças externas.

É associada a essa idéia de *centralidade do humano* que se justapõem, por outro lado, a precisão e o esmero segundo os quais os objetos e construções são realizados. Nesse sentido, todos os objetos elaborados ou ambientes construídos foram, por séculos, depositários de uma estética que representa o futuro núcleo conceptual da *phrónesis*,²⁸⁴ ou “*sabedoria prática*”, para o qual concorrem não somente o bem-fazer do objeto, mas acima de tudo do fazer pelo bem comum.

Por mais ingênuo que isso possa parecer aos olhos contemporâneos, a tônica do bem comum é o fator distintivo em relação aos outros povos. É bem certo que outras culturas também assim o fizessem. Entretanto, somente os gregos o tematizaram segundo uma racionalidade abstrata ou, uma racionalidade que

inclinado para facilitar o escoamento das águas. A intensidade da luz mediterrânea, que penetra ainda através das colunas cria um belíssimo efeito.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., pgs. 43.

²⁸³ Legenda da **figura 73**: “Ao norte e a oeste do palácio se abria a entrada principal, presidida por uma Torre do corpo de guarda (aqui em baixo) em forma de pátio. A torre norte, na qual foram encontrados afrescos, está situada na zona da *Dogana*. A jovem dama, denominada ‘*A Parisiense*’ por sua beleza enamorada, fazia parte de um afresco miniatura datado por volta dos 1.500 a.C.” *I Palazzi di Creta*, op. cit., pgs. 46.

²⁸⁴ Conforme Peters: “**phrónesis**: sabedoria, sabedoria prática, prudência.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 188. Bastam por ora essas acepções.

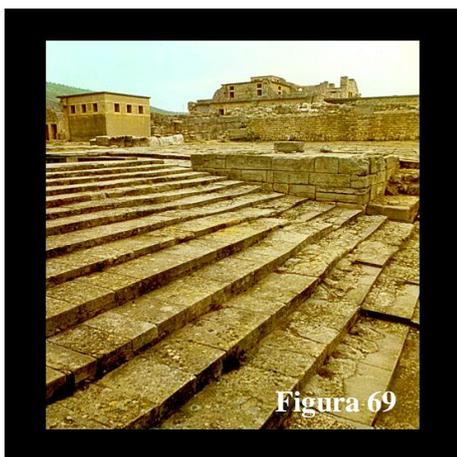


Figura 69

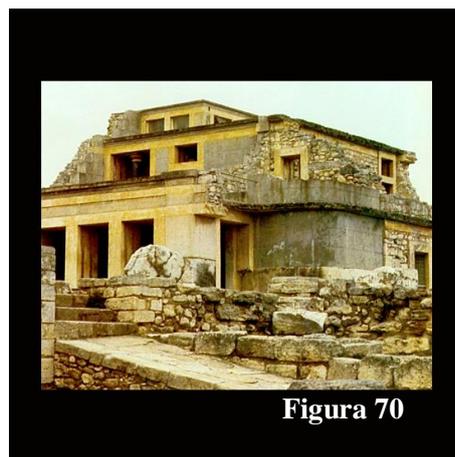


Figura 70

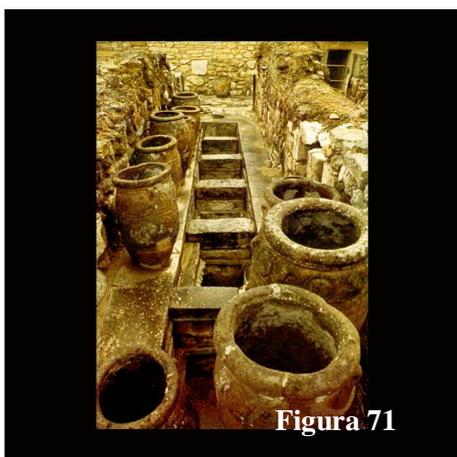


Figura 71

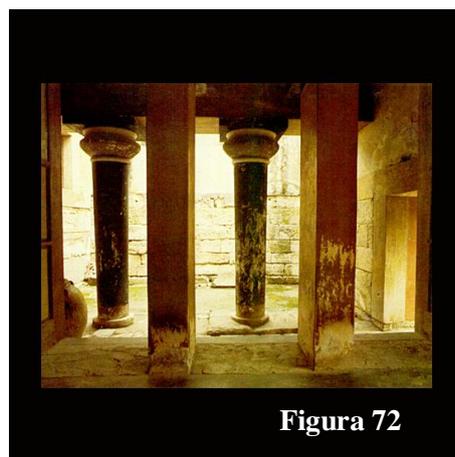


Figura 72

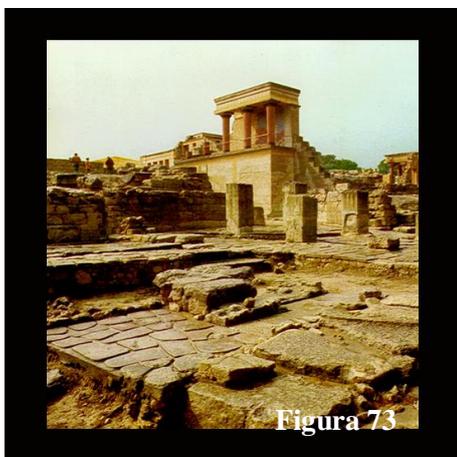


Figura 73

encontra as suas regras em si mesma. Essa categoria do bem comum e a sua realização na arquitetura, tão cara aos futuros povos gregos, promoverá a distinção radical na fundação de um cenário civilizatório segundo o qual o bem comum transposto às instituições distingue o bárbaro do civilizado, o culto do inculto, o homem político do apolítico. Eis aí os fundamentos da arquitetura ocidental.

5.2. “O Primeiro Elo da Cadeia Européia”.

5.2. Uma Nova Perspectiva de Ser e Estar no Mundo / O Sujeito Auto-Evidente: Os Tijolos e os Pictogramas / A Co-Evidência do Outro: A Diferença na Igualdade da Aldeia / O Todo Mítico: A Persistência do Perímetro Sagrado / As Três Dimensões do Humano e as Três Dimensões do Espaço Construído / A Aparição de um Novo Medium Cultural: A Intencionalidade do Humano.

A convergência conceitual que emerge na passagem do período Mesolítico ao período Neolítico e, posteriormente à Idade do Bronze, expressa em vários registros a aparição de uma mesma atitude frente ao mundo que é comum a todos os homens de um determinado subgrupo étnico, mais precisamente aquele povo da ilha de Creta. Essa nova atitude consiste na teleologia do humano, concebida como a centralidade para a qual a cultura se volta e a ela se dedica e nela se concretiza.

Sua aparição que percorre os milênios a partir dos tempos imemoriais vem sendo aqui remontada segundo uma cadeia sucessiva de intuições, invenções e descobertas linearmente organizadas. Contudo, cabe a essa altura frisar que essa disposição linear de fatos e eventos numa ordem sucessória, cumulativa e, sobretudo progressiva, deve-se apenas ao seu encadeamento conforme a necessária lógica expositiva. Somente nessa perspectiva de uma lógica expositiva esse encadeamento linear de fatos seria concebível. Visto por qualquer outro ângulo, esse encadeamento pode ser facilmente contestável.

Assim a visão ora apresentada que se estende desde as primeiras intuições daqueles longínquos hominídeos até essa nova centralidade humana verificável na ilha de Creta muito provavelmente não ocorreu nessa ordem e nem mesmo conforme os nexos apresentados. O mais plausível é que essas intuições, descobertas e aquisições tenham se realizado segundo um todo relativamente articulado, mas ao mesmo tempo indistinto, segundo uma ordem sucessiva que simultaneamente alternasse aquisições e perdas contrariando o que o senso comum entende por desenvolvimento. Entretanto, se por um lado é plausível que a seqüência expositiva pode ser contestada, parece ser inegável que esse movimento das várias culturas desembocou na *centralidade do humano* da ilha de Creta.

Assim, e à revelia da existência de uma racionalidade constituída, como revelará a intuição da unidade do *logos* em mais alguns séculos, essa nova atitude, muito mais visível na Idade do Bronze da ilha de Creta, apresenta-se como uma capacidade de distinguir-se do outro, ou como uma capacidade de atribuir com maior clareza estatutos diferentes a coisas e seres diferentes. Gradativamente, através dos séculos, emerge essa forma distintiva que se desdobra por tudo o que constitui o mundo e que a tudo conforma diferentemente daquela perspectiva mesolítica tão somente hierofânica.

Essa nova perspectiva cominutiva ampliada, pois que se desdobra sobre o mundo, que cifra a realidade numa outra dimensão, mais distante das primeiras hierofanias e mais próxima da concretude objetiva que é a vida vivida, expõe a aparição do sujeito que é capaz de referir-se a si mesmo, do sujeito que é capaz de expressar-se em sua auto-evidência, de dizer-se único. É atestando a sua unicidade a partir do seu auto-referir-se que esse sujeito concebe a unidade, idéia essa que ressoa no mundo na forma das unidades dos tijolos ou dos pictogramas. São peças, módulos, unidades, que articuladamente são as partes do todo e que, além do mais, moldam o todo segundo a determinação que é humana. Assim, para além de constituírem-se como unidades, elas não se encontram dissociadas ou isoladas, mas ao invés disso, comparecem para a construção de um todo que se articula por partes que são as unidades. Sob esse ponto de vista constituem ainda um mesmo *medium*. Assim, a concepção de si próprio abre no mundo a perspectiva a idéia de unidade, da unicidade.

Contudo, se essa operação de entendimento é possível na auto-evidência isso implica também na co-evidência ou na evidência do outro, não como algo diametralmente oposto, mas colocado na mesma perspectiva daquele que lhe é igual, porém, externo. Situados no mesmo *medium* o eu o e tu se expressam do mesmo modo, mas, apesar iguais, distinguem-se na diferença entre iguais. Assim, a distinção do eu implica na evidência do outro e ainda indica a existência de mesmo *medium* segundo o qual eles se articulam.

A concretização dessas idéias encontra-se expressa nas construções das primeiras habitações das aldeias neolíticas onde se vêem agrupamentos de habitações quase absolutamente iguais. Trata-se da expressão nos ambientes construídos daquele novo *medium cultural* que pode ser apreendido a partir de vários pontos de vista quer sejam: pelo mesmo sistema construtivo, pela proporcionalidade das áreas utilizadas para as habitações, pelos mesmos cômodos existentes e suas respectivas destinações, pelos mesmos fechamentos e acessos, pela mesma posição das lareiras e camas no interior das casas, enfim, tudo o que isoladamente define aquelas habitações como partes de um mesmo grupo ou como partes de um mesmo conjunto. Do mesmo modo as exceções podem ser verificadas no que diz respeito às acomodações das unidades ao conjunto e, eventualmente, à diferentes apropriações das reentrâncias das casas ou mesmo nas diferentes disposições das manifestações hierofânicas transpostas às imagens ou objetos.

Contudo a esfera do que é exterior ao eu o ao tu permanece como algo indefectivelmente imutável, posto lá, exterior a tudo. A esfera do sagrado, ou dos princípios primeiros evocados pelas hierofanias, pelos rituais, pela centralidade do que é sacro em oposição ao que é profano, permanece na sua fixidez mítica e serão ainda necessários séculos até que elas gradualmente sejam reificadas, séculos para que elas sejam desmitificadas.

Entretanto, até que esse movimento se complete, essa esfera permanecerá profundamente inscrita na singularidade do homem assim como em sua pluralidade descrevendo um extenso círculo de normas e interditos inabaláveis. Se a arquitetura é a extensão do estilo de vida ou a sua expressão, a permanência dos muros periféricos atesta a fixidez do todo mítico, atestam a permanência da esfera do sagrado transposta ao espaço construído. Constituem algo intransponível não só ao corpo como também à sensação e à mentalidade. Por séculos esse sentido permanece inalterado: há que se separar o sagrado, interno onde a vida se realiza e manifesta do profano, o externo que a agride, a invade e a saqueia. Para isso é necessário um limite, um elemento que denuncie a existência do todo mítico que congloba a cidadela: o muro construído é a resposta.

A esses três aspectos, o auto-evidenciar-se, o co-evidenciar, e a permanência do todo mítico, que constituem os três momentos da organização da vida aldeã, correspondem outros três momentos conceptivos dos ambientes construídos: a unidade dos tijolos, a diferença na unidade das casas da aldeia e a persistência dos muros defensivos. Tudo permanece num mesmo *medium* que estabelece os estreitos vínculos entre as três esferas e que se duplicam na forma exterior dos espaços construídos. As partes estão para o todo assim como o todo está para as frações. O humano rompe a esfera animalésca e institui a sua determinação que se descreve como um contínuo de co-determinações reciprocamente encadeadas. Tudo permanece numa só esfera, tudo permanece proporcionalmente concretizado no espaço construído.

Por outro lado, corresponde a esses seis aspectos co-ordenados desse primeiro momento civilizatório, quais sejam, o auto-evidência e a noção de unidade (expressa nos tijolos e nos fragmentos pictográficos), a co-evidência do outro e a diferença entre iguais (expressa nas mínimas diferenças de cada habitação) e, a fixidez do mundo mítico (expresso na permanência dos muros periféricos), um mesmo *medium* segundo o qual essas noções se encontram articuladas. Tomando-se esses seis aspectos co-ordenadamente, ou seja, procedendo à sua fusão por pares analógicos obtém-se três núcleos que articulam essa nova esfera do humano ao espaço construído e que conformarão e definirão esse período pré-urbano da Idade do Bronze da ilha de Creta, como uma **ordem organicista**²⁸⁵ à luz de uma futura Ética.

²⁸⁵ A idéia de utilizar a expressão **ordem organicista** foi a forma encontrada para descrever o horizonte da temporalidade específica da ilha de Creta onde se percebe o surgimento de um novo modo de estar no mundo segundo o qual a sua finalidade se dá pelo humano, definido no espaço construído e nos objetos manufaturados por sua utilização segundo os hábitos e costumes mas também, e fundamentalmente, pelas noções de conforto, ergonomia, comodidade e beleza, e que contém os elementos de uma racionalidade ainda que não expressa como ocorrerá séculos mais tarde.

MARTIENSSEN (1958), ao introduzir o tema das cidades minóicas expõe melhor o sentido do que vem a ser orgânico:

*“A cidade grega é a expressão exterior de uma vida coletiva rica em atividades criativas e sua arquitetura constitui uma expressão intemporal desse fundo que está em verdadeira consonância com o espírito que a conforma. A arquitetura egípcia estabeleceu as grandes leis fundamentais da construção; a grega fundou as características normativas da humanidade na trama urbana. Junto com os novos ideais (a própria gênese da cultura ocidental) apareceram as correspondentes dimensões na esfera da organização cívica. A idéia de cidade como um todo coletivo, como um mecanismo orgânico no qual as partes guardam entre si e com o esquema geral uma relação essencial, é característica da atitude grega. A palavra ‘orgânico’ se deve a Aristóteles e dá a idéia de algo harmonioso e integralmente conseqüente. Como símbolo, cumpre uma função vital ao dar sentido à arquitetura e ao planejamento urbano, e do mesmo modo também ao modelar as formas da arte pura.”*²⁸⁶

É a essa idéia de “algo harmonioso e integralmente conseqüente”, ou a idéia “...de cidade como um todo coletivo, como um mecanismo orgânico no qual as partes guardam entre si e com o esquema geral uma relação essencial...” que equívale à expressão ordem organicista. Em Creta, antecipando a todos os gregos posteriores, todos esses elementos, que se articulam em torno do humano, evidenciam um espaço de determinação e de intencionalidade que é eminentemente humano. Eis ali a idéia de unidade tão cara os gregos. Futuramente ela será expressa pela idéia de harmonia, ou a co-ordenação das partes segundo um sistema que as relaciona na perspectiva do todo. Trata-se da mesma idéia, do mesmo mote no interior da cultura minóica.

É também a partir dessa idéia, ou desse *medium* de coisas e eventos articulados segundo a determinação pelo humano, que se pode vislumbrar a acepção de **horizonte**,²⁸⁷ um espaço conceptual se abre como o espaço de intencionalidade num mundo e que é expresso por relações concatenadas, num espaço de civilização ordenadamente concebido, conseqüente.

Assim é que, na passagem desse cenário ao outro, dos primórdios do Neolítico à Idade do Bronze, essas três unidades conceptivas que tudo percorrem, parecem encontrar uma outra forma organizacional ou articulante de se expressar na ilha de Creta. Conforme o apresentado, naquela ilha as condições de liberdade vigiada propiciam o florescimento de uma sociedade que estende intensivamente por todo o território insular.

Os cretenses adquirem assim um grau de liberdade que é expresso nas artes, as quais se libertam dos dogmas originalmente egípcios e que, além disso, apresentam qualidades que não se encontram nas outras culturas circunvizinhas. Eles realizam nessa ilha os primeiros ensaios construtivos e técnicos do que mais tarde se constituirá como o núcleo conceptual da *phrónesis*, do bem fazer técnico intimamente articulado com o bem fazer para humano. Eis a aparição do sentido teleológico voltado ao que é por excelência humano. Por todas essas razões a civilização cretense constitui-se como um marco divisório e distintivo para o Ocidente ou ainda, como quer Durant, “o primeiro elo da cadeia europeia.”

Contudo, sob o ponto de vista estritamente formal, e no contexto dessa dissertação, a civilização cretense não pode se denominar Ética. Não que para ela não concorram as regras, normas e interditos. Todos esses elementos constitutivos da organização antropológica ou social encontram-se devidamente representados quer nos hábitos e costumes ou nos ambientes construídos. A diferença que se aponta reside na forma de representar-se, por isso não são éticos.

Exemplificando: pelo fato da razão não encontrar-se devidamente organizada segundo categorias articuladas, conforme se verá posteriormente entre outros gregos na forma do *logos apodeiktikós*²⁸⁸, ou do discurso

²⁸⁶ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pgs. 25 e 25.

²⁸⁷ O sentido de **horizonte** ultrapassa a amplitude costumeira aproximando-se de um sentido antropológico pouco comum. Sua acepção percorre a inserção do homem no mundo concebido como um todo articulado para o qual convergem todas as relações inscritas num todo de comunicabilidade que é humana.

²⁸⁸ “... discurso demonstrativo (*logos apodeiktikós*).” *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 62. A razão demonstrativa é aquela que procede por meio da demonstração. “Para Aristóteles, a demonstração equívale a mostrar que algo é necessário. Por esse motivo, a demonstração é o processo por meio do qual se manifestam os princípios das coisas e, como processo, é superior à simples definição. O instrumento mais apropriado da demonstração é o silogismo baseado no saber, cujas premissas são verdadeiras e, além

demonstrativo, o sujeito cretense é apenas auto-evidente, diz de si mesmo. Ele ainda não proclama a sua *autárkeia*,²⁸⁹ ou a sua auto-realização inscrita nas leis da cidade. Ou seja, ao referir-se a si próprio, ele não se remete a uma instância de ordenação de seus conteúdos simbólicos que é a razão, mas antes aos seus deuses e aos seus *mythos*.²⁹⁰

Serão necessários mais seis séculos até que a forma mitológica seja organizada segundo a racionalidade interna ao próprio *mythos* e que simultaneamente a idéia de *physis* seja percebida em sua capacidade de ordenação imanente e seja ainda apreendida pela razão, *logos*. Somente nesse novo horizonte a razão emergirá como um dos pólos ordenadores da vida nas cidades constituindo-se como a sua própria medida. Nesse momento passa-se dessa *ordem organicista* à *ordem das razões*.

Por *ordem das razões* entenda-se a transposição dos conteúdos ordenadores expressos pelos *mythos* à sua nova expressão que se dá pela centralidade do discurso demonstrativo ou do *logos apodeiktikós*. Sob o ponto de vista dos ambientes construídos, nesse segundo momento a sua racionalização é declarada e posta sob o domínio das idéias de proporção e harmonia, como ocorrerá com os templos gregos do período Helenístico.

Na ilha de Creta fecha-se então um primeiro momento da exposição. Esse primeiro percurso compreende desde as categorias instintivas dos hominídeos muito anteriores ao período Paleolítico até a aparição de um novo pólo de interesses em Creta que inaugura o momento da intencionalidade humana ou uma *ordem organicista*. Essa ordem infiltra-se por todos os aspectos da vida cretense, por todas as crenças e por todos os objetos e construções. Perfaz a primeira organização humana que mais tarde originará as cidades gregas. São os primeiros elementos constitutivos da civilização ocidental.

disso, imediatas. A teoria aristotélica da demonstração baseia-se, pois, numa busca das causas pelas quais uma coisa é o que é, e permite descobrir, além disso, que não é possível que a coisa seja diferente daquela que é.” *Dicionário de Filosofia*, op. cit., pg. 95.

²⁸⁹ “**Autárkeia**: *auto-suficiência*. A auto-suficiência é uma característica da felicidade (*eudaimonia*) como uma meta da vida humana, e portanto da vida contemplativa, que é o bem mais elevado para o homem. Depois disso a *autárkeia* como uma qualidade da virtude torna-se um lugar-comum tanto na *Estoia* como na tradição platônica posterior.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 43.

²⁹⁰ “**Mythos**: *mito*.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 146.

CAPÍTULO 6.

A Grécia Continental: A Persistência da *Centralidade do Humano*.

6.1. De Creta aos Miceneanos. *A Inexplicável Extinção de Creta / O Surgimento da Grécia Continental / As Cidades Fortificadas / A Influência de Creta / Uma Vida Irregular: Uma Vida Mais Rude / A Expansão Comercial da Grécia Continental / A Fundação de Novas Colônias / A Dispersão da Vida Continental / A Silenciosa Influência dos Cretenses / A Queda Micênica e o Desequilíbrio das Relações Mediterrâneas / O Fim dos Palácios.*

6.2. A Obscura Idade dos Heróis. *O Obscuro Período Histórico e a Verossimilhança dos Mythos / As Invasões Aquéias e a Total Fragmentação da Grécia / Os Novos Núcleos: os Génos / A Fragmentação da Esfera Sagrada nos Mythos / Das Thémistes à Díke / Dos Génos aos Phylaí: o Prenúncio da Pólis / Dos Deuses Zoomorfos aos Heróis Antropomorfos / A Exemplaridade dos Heróis / Os Mythos Como Modelo de Reunificação Ética.*

6.1. De Creta aos Miceneanos.

6.1. *A Inexplicável Extinção de Creta / O Surgimento da Grécia Continental / As Cidades Fortificadas / A Influência de Creta / Uma Vida Irregular: Uma Vida Mais Rude / A Expansão Comercial da Grécia Continental / A Fundação de Novas Colônias / A Dispersão da Vida Continental / A Silenciosa Influência dos Cretenses / A Queda Micênica e o Desequilíbrio das Relações Mediterrâneas / O Fim dos Palácios.*

Após o seu apogeu, Creta, seus palácios e sua nova perspectiva da *centralidade do humano* eclipsam-se. Os motivos não são claros assim como não são claras as razões das sucessivas destruições de seus palácios. Conforme DURANT (1966):

“Mais ou menos em 1450, o palácio de Festo tornou a ser destruído, o de Hágia Triada foi incendiado, as casas dos ricos burgueses de Tilisso desapareceram. Nos 50 anos seguintes, Cnossos parece ter atingido o apogeu da prosperidade e uma indiscutível supremacia em todo o Egeu. Depois, em 1400, o próprio palácio de Cnossos desapareceu, devorado pelas chamas. Por toda a parte nas ruínas encontrou Evans os vestígios de um incêndio incontrolável - vergas e colunas queimadas, paredes enegrecidas e tabelas de barro endurecidas pelo calor do fogo a ponto de resistirem aos dentes do tempo. Tão completa foi sua destruição, e tão absoluto o desaparecimento de todo o metal, até mesmo em dependências cobertas e protegidas por destroços, que muitos entendidos suspeitam mais de uma invasão e conquista do que de um terremoto. Se a cronologia arqueológica permitisse o diferimento dessa conflagração para as proximidades do ano 1250, seria o caso de interpretar a tragédia como um incidente na conquista aqueana do Egeu, preliminar ao cerco de Tróia. Em qualquer hipótese, a catástrofe foi repentina; nas oficinas dos artistas e artífices tudo indica que se achavam em plena faina no momento da catástrofe. Mais ou menos na mesma ocasião Gúrnia, Psira, Zacro e Palaicastro foram arrasadas.”²⁹¹

Contudo a ilha se reconstrói, não mais como nos tempos anteriores, mas modestamente. Ainda conforme DURANT (1966), após a sua ocupação pelos dóricos por volta do século XI a.C., a vida das classes dominantes na ilha viu-se reduzida do luxo à moderação:

²⁹¹ A *História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pg. 17.

“Em Creta, como em Esparta, depois que a ilha caiu sob o domínio dórico, a classe dirigente levava, pelo menos exteriormente, vida simples e moderada; os meninos eram educados no exército, e os homens adultos comiam em refeitórios públicos; o Estado era dirigido por um senado de velhos e administrado por 10 kosmoi ou ordenadores [atenção ao termo kosmoi: a noção de ordenação implicada no nome dos senadores indica, desde já, a idéia de kósmos,²⁹² ordenação cósmica, quando da passagem do mito à razão], correspondentes aos éforos de Esparta e aos arcontes de Atenas.”²⁹³

Contudo parece inegável a eficácia da influência da cultura cretense para além dos limites da ilha. Se por um lado seus produtos continuavam a ser requisitados e disputados nos mercados externos, tal qual ocorrera nos tempos de Minos, por outro, seus elementos simbólicos fixados pela tradição oral permanecerão como referências simbólicas e mitológicas nas posteriores hierofanias. Prova disso é que seus mitos e as lendas de Minos e Pasífae, Ícaro e Dédalo, Teseu e Ariadne, do Minotauro, datadas por volta de 1300 a.C., atravessam os tempos até serem definitivamente fixadas na forma escrita por volta do nascimento de Cristo.

Além do mais, quer pelo comércio, por suas leis, por trocas tecnológicas ou pela dispersão de seus hábitos e costumes, a influência daquela civilização continuou a alastrar-se pelo Egeu. Conforme DURANT (1966):

“É difícil dizer se foi Creta que ensinou Esparta, ou vice-versa; talvez ambos os Estados fossem conseqüências paralelas de condições similares - a vida incerta de uma aristocracia militar estrangeira, em meio a uma hostil população nativa de servos. O código relativamente esclarecido de Gortina, descoberto em 1884 de nossa era nos muros dessa cidade cretense, corresponde aparentemente ao remoto século V; em forma mais antiga talvez tenha influenciado os legisladores da Grécia. No século VI, Thaletas de Creta ensinou música coral em Esparta, e os escultores cretenses Dipoenus e Scyllis deram lições aos artistas de Argos e de Sícion. Por centenas de canais, a antiga civilização desaguava na nova.”²⁹⁴

A essa altura, por volta dos 1600 a.C., o Egeu já acolhia um sem-número de cidadelas e vilarejos, todos nascidos do período Neolítico prontos a ingressarem na Idade do Bronze. Elas se espalhavam pelo Peloponeso (regiões da Aquéia e Lacônia), pelas Cíclades (mais ou menos 220 ilhas dispersas pelo Egeu), nas costas da Ásia Menor (regiões da Frígia, Mísia, Lídia, Cária, Lícia e Panfília) e na Hélade (regiões da Tessália, Etólia, Fócia, Eubéia, Beócia e Ática).²⁹⁵

A vida nessas cidadelas e vilarejos estivera mais ou menos ajustada ao modo de vida cretense, talvez fosse um pouco mais rudes. As mais importantes cidadelas igualavam-se sob o ponto de vista político, econômico, social e religioso. Sua conformação básica era a de fortificações e colocavam-se sempre procurando manter uma distância prudente em relação à costa. Essa distância era necessária de modo que houvesse tempo para que se armassem, acolhessem os seus camponeses, e assim, se protegessem.

Esse é o caso de Micenas, Argos, Tirinto e Dendra no Peloponeso; Atenas na Beócia; Gla entre a Beócia e a Fócia e de Tróia na entrada de Bósforo, em sua porção Oriental.²⁹⁶

Ao que tudo indica a sobrevivência de várias dessas cidades, senão todas, dependia de sua capacidade de recolher extorsivas taxas alfandegárias sobre a circulação de produtos que atravessassem os seus domínios. Não bastassem os abusos tributários e as constantes guerras por melhores posições geográficas ou novas possessões comerciais, a pirataria e os saques eram práticas igualmente comuns. Conforme mais uma vez DURANT (1966), esse era o caso de Tróia:

“A cidade achava-se admiravelmente situada para impor o pagamento de tributos a todo navio que atravessasse o Helesponto, ao mesmo tempo em que ficava convenientemente afastada do mar para evitar ataques desse lado. Talvez fossem essas circunstâncias e não a beleza de Helena, que promovessem o ataque das mil naus contra Ilium [outro nome de Tróia]. Segundo a versão mais

²⁹² “Kósmos: ornamento, ordem, o universo visível, físico.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., 1983, pg. 132

²⁹³ *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pgs. 18 e 19.

²⁹⁴ *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pg. 19.

²⁹⁵ Fonte dos dados: *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 67.

²⁹⁶ Fonte dos dados: *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 67.

provável, a correnteza e o vento sul do estreito persuadiram mercadores a desembarcar seus carregamentos em Tróia e transportá-los por terra para o interior; das taxas impostas a esse trânsito Tróia extraía sua riqueza e poder.”²⁹⁷

Conforme se vê, uma estratégica posição geográfica era fundamental à sobrevivência dessas cidadelas continentais tanto no que se refere à sua capacidade de abarcar visualmente determinada região dominando-a, como também pela necessidade de defesa.

Contudo, e com o passar do tempo, essas cidadelas compreenderam que a prática da extorsão atraía mais problemas do que recolhia impostos alfandegários. Ainda segundo DURANT (1966), a cidadela de Micenas foi aparentemente a primeira que compreendeu a dimensão de perigo que habitava o interior dessas práticas extorsivas:

“Situadas entre o Golfo Argólio e o istmo de Corinto, Tirinto e Micenas tinham facilidade para extorquir aos mercadores tributos feudais, e para de quando em quando se porem ao largo, em excursões de pirataria. Vendo Creta a prosperar no comércio dentro das regras, Micenas compreendeu que a pirataria - do mesmo modo que seus civilizados rebentos de hoje, as tarifas alfandegárias - acarreta a morte do comércio e a internacionalização da pobreza; reformou-a, pois, transformando-a em comércio.”²⁹⁸

A questão da pirataria é atestada em vários textos e é bastante provável que a necessidade de ordem, justiça e verdade tenham, na adoção do comércio, uma clara intenção: tornar a vida possível evitando-se o constante derramamento de sangue. Além do mais, somente num cenário relativamente estável é que a produção de bens de consumo torna-se um fluxo constante e, conseqüentemente, o comércio transforma-se numa empresa mais lucrativa.

Mas mesmo com a implementação das práticas comerciais em substituição à pilhagem, essas novas práticas aparentemente não surtiram efeito sobre a configuração básica das cidadelas, permanecendo inalterado o seu caráter de fortificação. Talvez isso se devesse apenas ao caráter guerreiro e belicoso daqueles povos continentais. Nessa perspectiva a liberdade de Creta, ainda que uma liberdade vigiada perde-se irremediavelmente na história e com ela parte da *centralidade do humano*.

Conforme as escavações arqueológicas o indicam, não se tratam de cidadelas sofisticadas sob o ponto de vista da vida cotidiana como ocorrera em Creta. Como naquela ilha, essas cidadelas foram destruídas e reconstruídas várias vezes. No caso de Tróia são nove os estratos arqueológicos existentes. Sua organização espacial assemelha-se mais às cidadelas mesolíticas continentais do que aos palácios cretenses e seu aspecto exterior invariavelmente denunciam a preocupação defensiva.

As **figuras 74**²⁹⁹ e **75**³⁰⁰ acima, que complementam as informações das plantas baixas expostas no capítulo anterior, mostram respectivamente um esquema dos nove estratos arqueológicos encontrados por Schliemann na cidadela de Tróia e um aspecto dos muros ciclópicos que protegiam Tróia VI. O texto de DURANT (1966) que se segue, expõe rapidamente algumas características dessas nove cidadelas encontradas em Tróia:

“(1) Na camada inferior descobriram-se os restos de uma aldeia neolítica, atribuída ao século XXX a.C..

²⁹⁷ A *História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pg. 29.

²⁹⁸ A *História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pg. 25.

²⁹⁹ Legenda da **figura 74**: “‘Construção C’ na Sexta Cidade de Tróia (medidas em metros).” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 28.

³⁰⁰ Legenda da **figura 75**: “Tróia, muros remanescentes, Nível VI.” *Ancient Architecture*, op. cit., pg. 27.

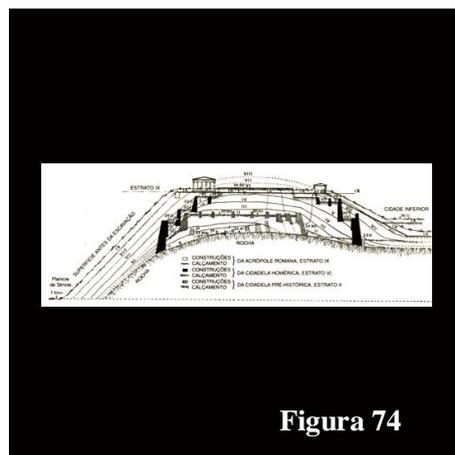


Figura 74

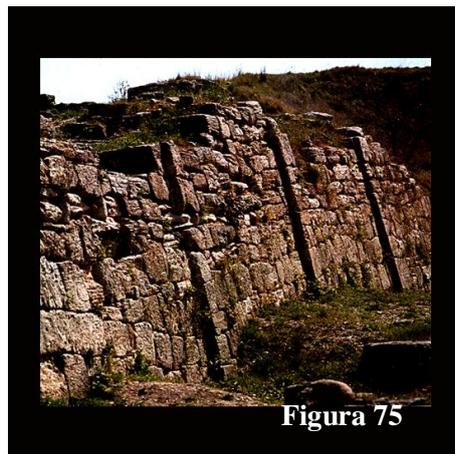


Figura 75

*Muros de pedras brutas, unidas com barro; bilros de argila, fragmentos de trabalhos em marfim, instrumentos de obsidiana e pedaços de cerâmica negra polida a mão. (2) Sobre essa camada apareceram as ruínas da Segunda Cidade, que Schliemann acreditou ser a Tróia de Homero. Seus muros protetores, como os de Tirinto e Micenas, eram feitos de pedras ciclópicas; a intervalos erguiam-se fortalezas e nos ângulos levantavam-se grandes portões duplos, os quais se encontravam em bom estado de conservação. Algumas casas lograram sobreviver até à altura de 1 metro e meio, com paredes de tijolos e madeira sobre alicerces de pedra. A cerâmica pintada de vermelho, torneada mas rude, indica para essa cidade um período de vida de 2400 a 1900 a.C.. O bronze substituía a pedra nos instrumentos e armas, e havia grande abundância de jóias; mas as estátuas revelam um despreocupado primitivismo. A Segunda Tróia foi aparentemente destruída pelo fogo; os vestígios de incêndio são numerosas, e persuadiram Schliemann de que fora obra dos gregos de Agamêmnon. ... (3 -5) Sobre a 'Cidade Queimada' encontraram-se relíquias de três sucessivas aldeias, pequenas, pobres e de pouco interesse arqueológico. (6) Mais ou menos em 1600 a histórica montanha viu surgir em suas encostas uma nova cidade. Em consequência do ardor e precipitação de seu trabalho, Schliemann misturou os objetos dessa camada com os da segunda, e identificou a Sexta Cidade como um 'povoado lídio sem valor'. Mas Dörpfeld, continuando nas escavações depois da morte de Schliemann e durante algum tempo com o dinheiro de Schliemann, descobriu uma cidade consideravelmente maior que a Segunda, ornamentada de substanciais construções de pedra revestida, e protegida por uma alta muralha da qual ainda existem quatro portas. Entre as ruínas encontraram-se vasos monocromos mais bem trabalhados que os anteriores, vasilhas iguais às louças 'miniana' de Orcômero e fragmentos de cerâmica tão idênticos aos encontrados em Micenas que Dörpfeld os considerou como importação dessa cidade e, portanto, contemporâneos da dinastia reinante de 1400 a 1200. Nesse e em outros terrenos escorregadios a opinião atual identifica a Sexta Cidade como sendo a Tróia de Homero, e atribui-lhe o 'Tesouro de Príamo', que Schliemann julgou ter encontrado na Sexta Cidade - seis braceletes, duas taças, dois diademas, uma banda para cabeça, 60 brincos e mais 8.700 peças, todas de ouro. A Sexta Cidade, segundo se afirma, também foi destruída pelo fogo, pouco depois do ano de 1200. Os historiadores gregos colocam tradicionalmente o cerco de Tróia no período que vai de 1194 a 1184 a.C.. O Dr. Carl Blegen, diretor de campo das escavações de Tróia feitas pela Universidade de Cincinnati, acredita terem essas escavações provado que a Sexta Tróia foi destruída mais ou menos em 1300, provavelmente por terremoto, e que sobre suas ruínas se ergueu a Sétima Cidade, ou a Tróia de Príamo, como esse cientista a denominou. Dörpfeld prefere chamar-lhe Tróia VIb. ... (7) A Tróia VII era uma pequena cidade aberta, que ocupou o local até (8) que Alexandre, o Grande, sobre ela construiu a Tróia VIII, em homenagem a Homero. (9) Por volta do início da era cristã os romanos construíram a Novum Ilium, ou Nova Tróia, a qual sobreviveu até o século V de nossa era."*³⁰¹

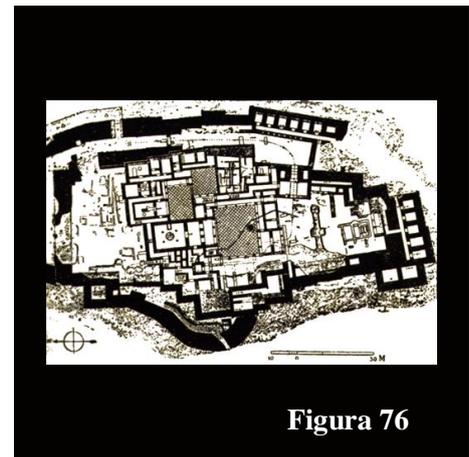


Figura 76

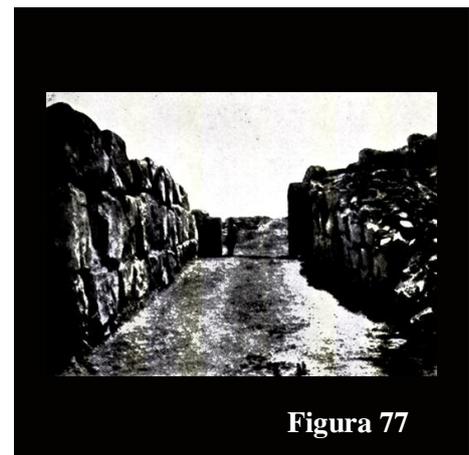


Figura 77

Como se percebe, as sucessivas camadas de Tróia revelam que, à medida que a cidade vai sendo reconstruída, suas instalações vão se sofisticando, ainda que não o fossem continuamente. Tirinto parece possuir características semelhantes. Nesse caso, o caráter de fortaleza é reforçado pela presença de gigantescos muros ciclópicos, talvez os maiores encontrados na Grécia continental.

As **figuras 76**³⁰² e **77**³⁰³ acima mostram respectivamente a planta baixa do Palácio de Tirinto, e a entrada

³⁰¹ A *História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pgs. 27 e 28.

³⁰² Legenda da **figura 76**: "Planta do Palácio de Tirinto." *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 19.

dessa antiga cidadela. A **figura 78**³⁰⁴ ao lado, mostra um detalhe de seus muros periféricos que encerravam verdadeiras galerias em seus interiores. Segue ainda uma rápida descrição dessa cidadela ainda de acordo com DURANT (1966):

*“As muralhas protetoras da cidadela elevam-se de oito a vinte metros de altura, e eram tão espessas que em vários pontos continham espaçosas galerias. Muitas das grandes lajes dessas galerias ainda se conservam no lugar e medem 2m de comprimento por 1m de largura e espessura; ... Dentro das muralhas, por trás de um propileu ou pórtico que criou o estilo para mais de uma acrópole, estendia-se um amplo pátio calçado, cercado de colunas; e em redor, como em Cnossos, uma miscelânea de cômodos reunidos em volta dum mégaron, ou sala nobre, medindo 430 metros quadrados, com pavimento de cimento pintado, e teto sustentado por quatro colunas, com lareira no centro. Ali, em contraste com a jovial Creta, vemos firmado um velho princípio da arquitetura grega - a separação dos aposentos femininos, ou gineceu, dos cômodos masculinos. O quarto do rei e o da rainha eram construídos lado a lado, mas, pelo que se deduz das ruínas, totalmente incomunicáveis. Schliemann encontrou apenas o pavimento térreo, as bases das colunas e partes das paredes desse palácio-castelo. Ao sopé do monte acumulavam-se restos de casas de pedra ou tijolo, pontes, fragmentos de cerâmica; levantava-se ali, nos tempos pré-históricos, a cidade de Tirinto, protegida pelas muralhas do palácio. Temos de conceber a vida da Grécia na Idade do Bronze a agitar-se incerta em redor e dentro de fortalezas feudais como essa.”*³⁰⁵

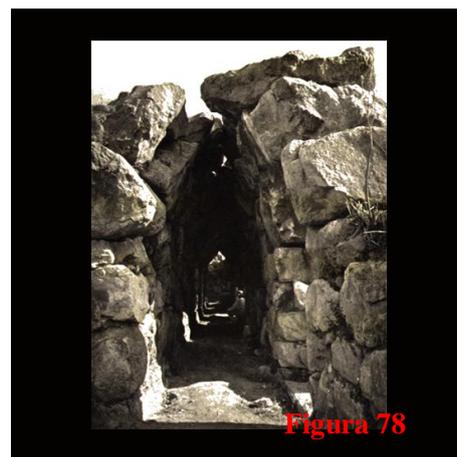


Figura 78

Nenhuma evidência da brutalidade, violência e truculência daqueles tempos poderia ser mais bem evidenciada e representada do que pelo sistema defensivo de Tirinto. Tomando-se outro exemplo, o breve relato de ROBERTSON (1997) sobre Gla, revela a exata dimensão do que poderia ter sido a vida numa dessas aldeolas distantes da possibilidade de uma vida regular e pacífica:

*“Dentre outros incontáveis sítios micênicos, um dos mais impressionantes é a fortaleza de Gla, na Beócia, que se ergue em um cume rochoso nas imediações da parte ocidental do lago Copais. Era normalmente uma ilha, mas parece seguro que, nos tempos micênicos, tal como hoje, o lago tenha sido drenado artificialmente. A fortaleza era mais uma cidade do que um palácio, delimitada por uma enorme muralha. As edificações internas amontoavam-se umas nas outras com vistas à resistência e defensibilidade, e não há nenhum mégaron normal. A cidade aparenta ter tido uma vida breve e um fim violento.”*³⁰⁶

Tomadas em seu conjunto todas essas cidadelas situavam-se no alto de algum monte ou sobre algum planalto, posição que procura privilegiar a perfeita visibilidade das circunvizinhanças de modo a facilitar o ataque, a defesa, ou ambos. Nos centros dessas cidadelas fortificadas se encontravam quase sempre os seus *mégarons*. Posteriormente, quando as cidadelas passaram a expressar o sistema centralizado de poder construindo os seus palácios, também eles situavam-se em posições centrais em relação aos muros defensivos. No caso de Tirinto os seus *mégarons* são menores que os de Creta, mas ainda assim bem ao seu estilo.

Os *mégarons*, como já foi exposto, foram concebidos como grandes salões e, conforme alguns relatos, utilizados apenas por homens. Enfatizando: foram usados exclusivamente por homens. A forma desses ambientes construídos, ao que tudo indica polifuncionais, pois que ao termo *mégaron* é atribuído a distintas funções, foi elaborada durante centenas de anos pelos povos gregos constituindo-se como uma espécie de

³⁰³ Legenda da **figura 77**: “Aproximação do portão interno, Tirinto.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 15.

³⁰⁴ Legenda da **figura 78**: “Galeria entre os muros em Tirinto.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., lâmina XIV.

³⁰⁵ *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pg. 23.

³⁰⁶ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 42.

padrão de ambiente construído muitas vezes repetidos em suas cidadelas.

Inicialmente esses ambientes construídos eram feitos de madeira, ostentavam uns poucos pilares internos e o seu tratamento exterior nem de perto se aproximava da sofisticação dos futuros templos gregos. Entretanto alguns elementos construtivos e expressivos parecem ter sido concebidos a partir dessas toscas e rudes construções. Conforme se verá mais à frente alguns autores atribuem a forma dos futuros templos gregos a esses protótipos. Por essa razão passa-se a uma apresentação mais detalhada desses antigos ambientes construídos.

Retomando mais uma vez a cidadela de Tróia e seus *mégarons*, eis uma sucinta descrição ROBERTSON (1997) dessas construções. O autor de refere-se especificamente à sua segunda camada arqueológica, onde se encontram três distintas construções conforme a **figura 79**³⁰⁷ à frente. Em seu texto o autor estabelece algumas relações de similaridade entre esses *mégarons* com outros ambientes construídos situados em outras cidadelas gregas.

*“A planta ... mostra as principais construções da segunda cidade, isoladas do resto. Os mégarons, especialmente o maior, IIA. De aproximadamente 10 m. de largura e talvez cerca de 20 m. de comprimento, se assemelha de perto àqueles dos palácios da Argólia: consistem em salões retangulares, com lareiras centrais, cujo acesso se dá por um pórtico aberto através de uma única porta, podendo existir também uma ante-sala, como em IIB. Os falsos pórticos de pouca profundidade na parte posterior desses mégarons troianos destinavam-se provavelmente a proteger a parede dos fundos e não parece ter relação alguma com o **opistódromo** [308] clássico. Na segunda cidade utilizavam-se duas colunas de madeira apoiadas em bases de pedra. As extremidades das paredes laterais dos pórticos eram revestidas de madeira, visando à proteção de suas partes superiores, que eram de tijolo seco ao sol. Esses protótipos de madeira das **antas** [309] clássicas tornam a aparecer em Tirinto e Micenas, bem como no primitivo templo dórico de Hera em Olímpia. Outra característica comum à segunda cidade de Tróia, Tirinto e a Grécia clássica é o tipo de portal defensivo ou propileu (IIC) nas paredes internas; os portões externos (FM, por exemplo) são semelhantes, mas abrigam uma câmara interna entre os pórticos.”*³¹⁰

Sobre a utilização dos *mégarons* e, conforme o exposto, eles foram utilizados somente por homens. A aceção apresentada por DINSMOOR (1950) é esclarecedora e complementa o sentido sagrado a eles associado quando de sua introdução na arquitetura templária grega séculos depois:

*“Mégarom: O principal, ou o hall masculino no interior dos palácios ou casas micênicos, utilizado algumas vezes nos templos (como o de Atena em Atenas, de Démeter em Elêusis e Mégara).”*³¹¹

As **figuras 80 e 81**³¹², na próxima página, mostram respectivamente o primeiro nível arqueológico de Tróia e novamente o segundo, onde se encontram os *mégarons* acima descritos. Notar mais uma vez que o argumento da centralidade herdada do período Paleolítico e expressa nos muros fortificados de Tróia na primeira cidadela encerram apenas os *mégarons*, que a partir dessa centralidade assumem o caráter sacro. Posteriormente, e dentro dos mesmos limites dos muros fortificados, surge a cidadela com suas habitações, como que tomando por empréstimo a proteção divina no estreito círculo daqueles muros. Algum tempo depois, com a ampliação da cidadela, o palácio surge numa outra posição e, conseqüentemente, os muros

³⁰⁷ Legenda da **figura 79**: “Parte da Segunda Cidade de Tróia (escala em metros no quadrado C-5: alturas em metros acima do nível do mar).” Recolhida de: *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 26.

³⁰⁸ Conforme Robertson o termo *opistódromo* pode se entendido como *áditio*. Primeiramente: “**Áditio**. Entrada; santuário sagrado dos templos onde somente os sacerdotes e as sacerdotisas podiam entrar.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 24. Complementando: “**Adytum**. Santuário recôndito, sacrário. O termo é aplicado pelos autores contemporâneos, geralmente em sua forma grega, sobretudo para se referirem a uma dependência interna com acesso a partir da cela de um templo.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 448.

³⁰⁹ Primeiramente: “**Anta**. Pilastras que reforçam a espessura de uma parede nos ângulos do edifício.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 49. Complementando: “**Anta**. [termo grego], que também significa ‘pilastra’ de modo geral, ou ‘jamba’.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 448.

³¹⁰ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 27.

³¹¹ DINSMOOR, W. B.: *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, London, Unwin Brothers LTD, 1950, pg. 392.

³¹² Legenda das **figuras 80 e 81**: “Tróia, plantas da cidade, Níveis I e II (a partir dos Estudos Anatólios, 1959).” *Ancient Architecture*, op. cit., pg. 31

fortificados ampliam o seu círculo. Entretanto a sua ampliação não implica na exclusão dos *mégarons*, mas contrariamente, apenas os envolvem num círculo maior de modo a abrigar também o palácio. Dessa forma os dois estatutos de ambientes construídos passam ordenar as cidadelas de modo a não se anularem, mas se complementando.

O *mégaron*, uma construção de nascimento indeterminado e utilizado com várias finalidades, apresenta algumas características distintivas no contexto civilizatório grego. A mais importante como não poderia deixar de ser, sua força expressiva do sagrado. Eis como LLOYD/MÜLLER (1980) descrevem os *mégarons* de Tróia:

“Essa estrutura de celeiro, com uma largura aproximada de 8,5 metros de parede a parede, desperta especial interesse, por representar um antigo exemplo de fusão entre átrio³¹³ e pórtico planificados, mais tarde conhecido entre os gregos como mégaron e que eventualmente reaparece como elemento central dos templos clássicos. A origem do mégaron foi esquecida na pré-história do oeste da Anatólia, onde ele aparece de tempos em tempos como o plano padrão das moradias da Idade do Bronze, até que ele seja transmitido para a Grécia pelos frígios. Suas características marcantes são sua enorme lareira circular, suas ‘plataformas de dormir’ dentro do pórtico e os ocasionais adornos em pedra ou madeira no final das protuberâncias externas das paredes. Uma variante, incorporada como elemento central nos mais elaborados edifícios planificados, é visto totalmente desenvolvido nos mégarons dos palácios de Micenas e Tirinto, entretanto seu correspondente já podia ser encontrado há centenas de anos atrás como num edifício da Primeira Idade do Bronze escavado em Kultepe (antiga Kanesh) na Capadócia.”³¹⁴

Ilustrando um pouco mais o sentido sacro e distintivo dos *mégarons*, MURRAY (1994), ao abordar os hábitos comensais entre os gregos diz que:

*“O costume de os convivas comerem reclinados é confirmado pela primeira vez pelo profeta Amos como comportamento dos habitantes de Samaria, no século VIII [a.C.]; trata-se de um costume que os Gregos foram buscar à cultura fenícia. O primeiro testemunho grego explícito desse costume remonta aos finais do século VII [a.C.], na arte coríntia e na poesia de Alcman, mas pode demonstrar-se que já existia desde o século anterior. Trata-se de uma mudança fundamental da comensalidade grega, porque condiciona a própria organização do grupo. De fato, os convivas reclinados, individualmente ou aos pares, em leitos dispostos ao longo das paredes da sala, obrigavam a uma organização do espaço do banquete que determinava as dimensões do grupo”.*³¹⁵

Ora, poucos comentários poderiam ser mais contundentes com relação às profundas injunções entre os hábitos e costumes e o estatuto dos ambientes construídos. Concorrem para a sua idéia, sua gênese e formulação concreta, elementos, ora de ordem religiosa, ora de ordem profana, de modo que a partir desses

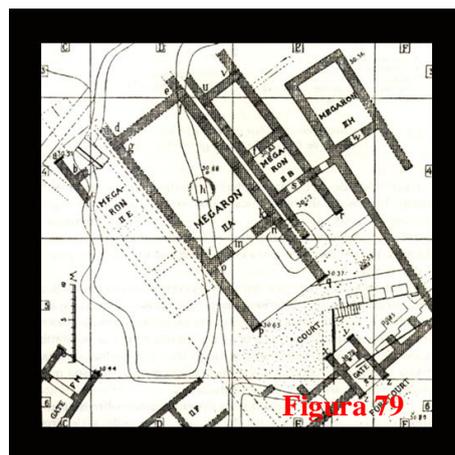


Figura 79

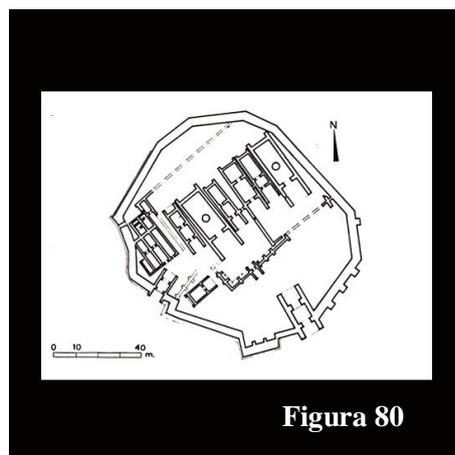


Figura 80

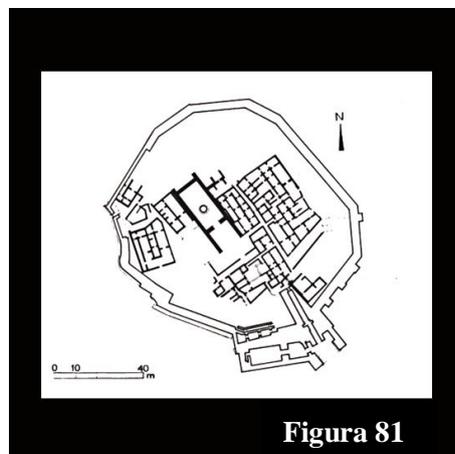


Figura 81

³¹³ Primeiramente: “Átrio. Vestíbulo; adro; pátio de acesso ao interior de um edifício. O *atrium* romano era um pátio central, com colunas, para o qual davam todas as habitações. A cada ordem clássica corresponde um átrio próprio.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 24.

³¹⁴ *Ancient Architecture*, op. cit., pg. 29.

³¹⁵ VERNANT, J.-P. (vários autores): *O Homem Grego*, Lisboa, Editorial Presença, 1994, pgs. 206 e 207.

planos conceptivos eles se apresentam sinteticamente, abrigando atividades específicas que se inserem na ordenação da vida em comum de uma determinada comunidade histórica.

Continuando na esteira de MURRAY (1994), o autor complementa a idéia de transformação dos *mégarons* em *andróns*:

“O mégaron transformou-se no andrón,^[316] uma sala propositadamente desenhada para conter um número fixo de leitos. Além disso, as dimensões do grupo eram limitadas também pela possibilidade de comunicar de um lado para o outro da sala: a medida tipo albergava 7, 11 ou 15 leitos, pelo que o número dos convivas oscilava normalmente entre 14 e 30 homens. ... Este tipo de organização do espaço insere-se claramente na evolução da arquitetura civil e religiosa da época clássica e na das necrópoles etruscas, que são um dos melhores indicadores arqueológicos da influência grega sobre as formas de comensalidade de outras culturas antigas. Mas a sua principal importância reside no fato de ter feito parte de uma evolução mais vasta que levaria à formação de pequenos grupos e à elaboração de rituais especializados.”³¹⁷

São esses hábitos e costumes, que estruturam e presidem as idéias dos espaços que compõem a arquitetura grega. A evolução do sentido de *mégaron*, desde as antigas casas da Anatólia aos templos do período Clássico se faz mediante uma constante substituição dos seus usos, sempre atentos aos hábitos e costumes anteriores. É provável que esses ambientes construídos fossem inicialmente utilizados por guerreiros, sendo, posteriormente, substituídos pelos futuros chefes dos clãs e, mais à frente, pelos homens de estado representantes das oligarquias. Ainda mais à frente, com a organização das cidades segundo a Política, esses ambientes foram destituídos de seus usos anteriores e, transformadas as práticas ali ocorridas se passaram a ser destinados aos templos. É claro que não se pode afirmar se sua evolução se deu conforme essa ordem, mas o mais provável é que tudo isso tenha ocorrido simultaneamente. Assim, apesar de seu sentido simbólico ser sensivelmente alterado pelas trocas de função ou, de atividades realizadas em seu interior, o seu sentido de um lugar, onde homens de certa importância se encontravam manteve-se inalterado. É esse sentido simbólico súpero que determina a sua importância e a sua adoção posterior como um ambiente construído distinguido e que deveria ser transmitido à posteridade perpetuando no sentido simbólico as práticas cotidianas.

Contudo, se os *mégarons* não podem ser considerados como os antecessores diretos dos templos gregos da Grécia Clássica como querem alguns, sem dúvida por seu caráter sacro ou político, a sua forma geral, volumetria e proporções, compõem como a expressão dessas duas faces simbólicas para a construção da idéia de templo. É desses ambientes construídos, os *mégarons*, pontos centrais das cidadelas para os quais convergiam os interesses de representação, poder e de comando que se organizavam as relações do território daqueles povos gregos. À volta de dessas cidadelas fortificadas, e nunca em distâncias demasiadamente grandes, espalhavam-se um grande número de vilarejos com seus casebres postos à sombra da proteção dos reis. Uma estrutura feudal mantinha as relações de proteção em troca de impostos, gêneros alimentícios e, eventualmente, vidas. Partes desses produtos eram estocados nos palácios, a exemplo do que ocorria nos palácios insulares, de modo que a qualquer sinal de invasão ou saque os aldeões para lá se dirigiam em busca de proteção e sustento até que a situação se normalizasse.

DURANT (1966), ao apresentar uma breve descrição da cidadela de Micenas, a maior capital da Grécia da Idade do Bronze, indica, através dos ricos e sofisticados achados de Schliemann, uma pequena parte do que essa organização feudal foi capaz de produzir sob a proteção da cidadela fortificada:

“Também aqui, em redor de inacessível cidadela, aglomeravam-se várias aldeias, habitadas por uma ativa população de lavradores, mercadores, artífices e escravos, que tiveram a felicidade de escapar à história. Seiscentos anos mais tarde Homero descreveu Micenas como ‘cidade muito bem construída, de

³¹⁶ Primeiramente, termos de mesma derivação relativa a certos ambientes nos templos: “**Andronite** ou **Andronítide**. Parte do templo grego reservada aos homens; corredor ou galeria entre dois pátios.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 24. Complementando: “**Andron**. Dependência de uma casa reservada aos homens, em especial uma sala de refeições.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 448. E mais: “**Androceu**. Em sentido mais amplo, ‘dependências masculinas’.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 448.

³¹⁷ VERNANT, J.-P. (vários autores): *O Homem Grego*, Lisboa, Editorial Presença, 1994, pgs. 206 e 207.

largas ruas e rica em ouro'. A um canto da muralha encontra-se a célebre Porta dos Leões, onde, esculpidas sobre um triângulo de pedra sobre maciço lintel, duas feras, hoje sem cabeça e gastas pelo tempo, montam silenciosa guarda a uma grandiosidade desaparecida. Na acrópole mais além encontram-se as ruínas

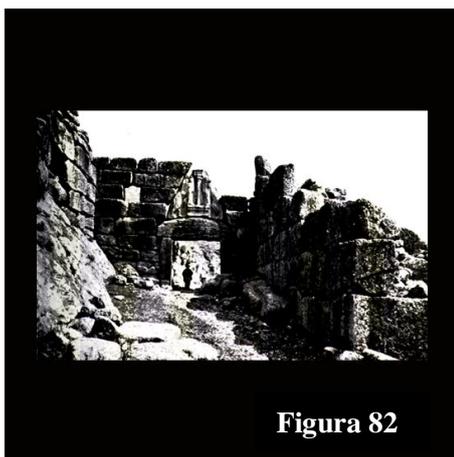


Figura 82

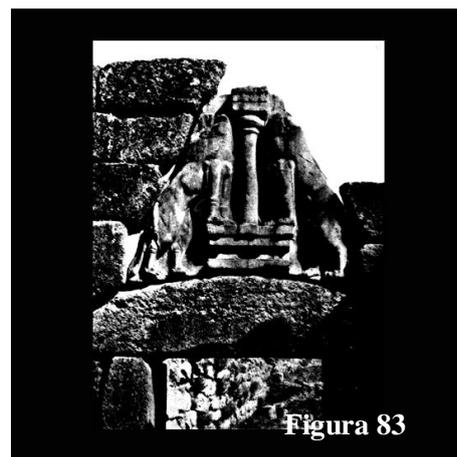


Figura 83

do palácio. De novo, como em Tirinto e Cnossos, podemos traçar as divisões das salas do trono, do altar, dos depósitos, do banheiro e dos salões de recepção. Outrora, ali se ergueram tetos pintados, pórticos colunados, paredes revestidas de afrescos e majestosas escadarias. ... Junto à Porta dos Leões, numa estreita área cercada por círculos de erectas lajes de pedra, os operários de Schliemann desenterraram 19 esqueletos e relíquias tão preciosas que nos levam a perder o grande amante da arqueologia ao ter tomado aquilo como as câmaras mortuárias dos filhos de Atreu. E não tinha Pausânias afirmado que os túmulos reais se 'encontravam nas ruínas de Micenas'? Ali estavam esqueletos masculinos, com coroas e máscaras de ouro sobre os ossos do rosto; ali estavam ossadas femininas coroadas com áureos diademas; ali estavam vasos pintados, caldeirões de bronze, uma guampa de prata, contas de âmbar e ametista, objetos de alabastro, marfim ou faiança, adagas e espadas abundantemente ornamentadas, um tabuleiro de jogo semelhante ao de Cnossos, e quase tudo em ouro - sinetes e anéis, alfinetes e botões, taças e contas, braceletes e peitorais, vasos de toalete, até roupas bordadas com paletas de ouro. Tais ossos e jóias não podiam deixar de ser reais." ³¹⁸

Nos capítulos anteriores foram apresentadas uma reconstituição de parte da cidadela de Micenas e o Tesouro de Atreu. Complementando essas informações, as **figuras 82** ³¹⁹ e **83** ³²⁰ acima mostram respectivamente a antiga entrada da cidadela de Micenas pelo Portão dos Leões e um detalhe de uma dessas esculturas.

Os palácios continentais, à moda cretense, consistem em construções de padrão ortogonal e em pedras, organizadas segundo a mesma disposição em torno de um pátio central. Contudo as suas proporções são bem menores. Historiadores insistem em levantar a hipótese de que os artífices responsáveis por suas construções eram importados de Creta tamanha a similaridade entre a estrutura arquitetônica e a decoração dos palácios cretenses. DINSMOOR (1950) aborda essa questão do seguinte modo:

"Em todos os trabalhos de Micenas [o autor reporta-se às construções dos palácios] pode-se observar uma grande proximidade ao estilo cretense, os quais ainda contêm os mesmos elementos que são característicos do continente, especialmente o acanhado mégaron com suas lareiras fixas e centrais; pode-se supor que os Aqueus importavam artistas e desenhistas de Creta, atentos, todavia, aos resultados que ajustavam-se ao clima mais severo do norte e aos seus costumes ancestrais." ³²¹

As descrições que Homero faz dos palácios a partir de suas poesias, principalmente de Tróia e Micenas, os tornaria verdadeiros centros de sofisticação, exibindo grandes afrescos efusivamente decorados e bastante detalhados. Seus padrões cromáticos seguiam de perto aqueles adotados anteriormente em Creta. Esses afrescos, apesar de serem aparentemente em menor número, foram ao que tudo indica executados por artistas cretenses após o declínio de Creta. Não se trata de uma hipótese descartável já que os interesses comerciais

³¹⁸ *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pgs. 23 e 24.

³¹⁹ **Figura 82**: O portal dos Leões em Micenas. Figura recolhida de: *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., lâmina XI.

³²⁰ Legenda da **figura 83**: "Detalhe do Portal dos Leões em Micenas." recolhida de: *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 16.

³²¹ *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 18.

entre a ilha e o continente eram relativamente claros, indicando assim, um constante traslado quer fosse de gêneros quer fosse de mão de obra especializada. Além do mais, o tratamento formal, compositivo desses afrescos aproximava-se muito dos padrões cretenses. A temática palaciana é ali vivamente retratada e nesse caso as mulheres ocupam uma posição de destaque e sofisticação como ocorrera em Creta. Tudo isso parece evidenciar a importação dos artífices cretenses. As descrições da arte micênica, conforme a apresenta DURANT (1966), também evidencia uma grande influência exercida pelos artífices cretenses na porção continental da Grécia. Conforme o autor:

*“Na arte os miceneanos seguiam os moldes cretenses, e com tal fidelidade que os arqueólogos desconfiam serem de importação cretense os seus maiores artistas. Depois, entretanto, que a arte de Creta entrou em declínio, a pintura floresceu vigorosa no continente. Os desenhos decorativos de barras e cornijas [322] são de primeira ordem, e persistem na Grécia clássica, enquanto os afrescos sobreviventes indicam um profundo senso de vida e movimento. As ‘Damas do Camarote’ são matronas esplêndidas, dignas de compor os corredores de qualquer teatro moderno sem que seus trajes e penteados pareçam antiquados; mostram-se mais vivas que as emproadas ‘Damas do Carro’, saídas a passeio em algum parque à tardinha. Melhor ainda é A Caça ao Javali, um afresco de Tirinto: o javali e as flores são de um convencionalismo nada convincente; os mastins, de um rosado incrível, aparecem desfigurados pelas estilizadas manchas escarlates, negras ou azuis, e os quartos traseiros do javali, adelgaçam-se de modo a lembrar uma donzela de saltos a cair do balcão de seu palácio; todavia, a caçada é real, o javali está desesperado, os cães parecem voar em sua corrida, e o homem, o mais sentimental e terrível de todos os animais caçadores, aguarda o momento de desferir a flecha assassina. Podemos avaliar por essas amostras a atividade da vida física dos miceneanos, a altiva beleza de suas mulheres, a vívida decoração de seus palácios.”*³²³

Contudo, apesar da entusiasmada descrição do autor, sabe-se que esses restos artísticos que escaparam da lima do tempo e da ação destrutiva dos saqueadores ativos por séculos, não são suficientes para conferir tal leveza e graça à vida continental. Contrariamente, os achados iniciais indicam uma vida bem mais rude e demonstram uma semelhança maior com a cultura dos inícios do período Neolítico.³²⁴

Do mesmo modo que na arte do afresco a produção artesanal encontrada apresenta alguns objetos que, não todos, estiveram por muito tempo sob a influência direta das artes cretenses. Aos vasos toscamente moldados no continente opõem-se outros provavelmente importados de Creta. Presume-se, igualmente, que as cidadelas continentais importassem com frequência os artífices para todas as outras artes, pintores desenhistas, oleiros, carpinteiros, pedreiros, etc., à exceção dos artesãos envolvidos com a metalurgia mais pesada e dos artífices encarregados da execução dos objetos de adorno. Segundo DURANT (1966), a arte que mais se aproximou em esmero e perfeição de Creta foi a da metalurgia fina, ou algo que se situa entre a metalurgia e a ourivesaria.³²⁵

³²² Primeiramente: “**Cornija**. Série de molduras salientes que coroam uma superfície, como as de pedestal, balaustrada, fachada, porta, janela, etc.. Na parte superior dos edifícios têm, por finalidade, conduzir águas pluviais que descem dos telhados.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 161. Complementando: “As **cornijas** ‘inclinadas’ ou oblíquas acima dos frontões, ou os blocos que as compõem, são chamadas nas inscrições [termo grego]. Na inscrição referente ao pórtico dórico de Filo em Elêusis os blocos das cornijas horizontal e inclinada são distinguidos como [termo grego], presumivelmente porque a cornija inclinada é desprovida de títulos.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 453.

³²³ *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pgs. 25 e 26.

³²⁴ Quando descreve a cidadela de Micenas DURANT (1966) diz que: “A vida no continente achava-se mais próxima do estádio da caça do que em Creta. Os ossos de veados, javalis, cabritos, carneiros, lebres, bois e porcos encontrados entre os restos miceneanos - sem falar nas espinhas de peixe e nas cascas de mariscos - indicam um apetite já homérico, e pouco explicativo da esbeltez dos miceneanos. Aqui e ali as relíquias revelam estranha contemporaneidade de modos ‘antigos’ e ‘modernos’ - pontas de flechas de obsidiana encontradas ao lado de puas de bronze, aparentemente usadas para perfurar pedras.” *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pg. 25.

³²⁵ Eis como Durant descreve algumas peças encontradas em Micenas: “A arte por excelência em Micenas era a do metal. Nesse ponto o continente igualou Creta e ousou apresentar formas e decorações próprias. Se Schliemann não logrou descobrir os ossos de Agamêmnon, encontrou pelo menos o seu peso em prata e ouro: jóias de vários tipos em abundantes quantidades, botões dignos de qualquer rei; entalhes de vivíssimas cenas de caça, guerra ou pirataria; e uma cabeça bovina de prata, com chifres e roseta frontal de ouro, a todo instante nos dá a impressão de que vai soltar um queixoso mugido, ao qual Schliemann, com a facilidade que tinha para explicações, atribuiu o nome de Micenas (Mikenai). As mais belas dessas relíquias de metais são duas adagas de bronze com incrustações de âmbar e ouro polido e com cenas graciosamente gravadas representando gatos selvagens em caça de patos, e leões perseguindo leopardos, ou lutando contra homens. As mais características são as máscaras douradas, aparentemente moldadas direto sobre o rosto de mortos reais. Uma delas assemelha-se claramente à cara de uma gata; entretanto, o galante Schliemann não

Entretanto, a despeito da sofisticação de algumas das artes continentais, tudo ali indica uma vida irregular entre saques constantes e impostos extorsivos. A vida de passava entre a pirataria e a sistemática exploração alfandegária. A leitura de DURANT (1966) indica que esse aspecto da vida violenta e furtiva poderia ser a justificativa do atraso manufatureiro de Micenas.³²⁶ Assim, a violência da vida era a regra: as disputas internas, guerras contra os estrangeiros, saques das aldeias e invasões sistemáticas; eram esses os elementos cotidianos do povo continental. Conforme seria esperado, medidas defensivas sempre foram necessárias de modo que o acesso às cidadelas é sempre dificultado e se faz por portões ou passagens fortemente guarnecidas de muros de pedras.

No caso de Tirinto o acesso é feito através de dois portões sucessivos além de um terceiro na entrada do palácio. Nessa perspectiva de irregularidades o sentido de permanência, que só é possível num contexto de pacificação, não era visível. A concentração e o sossego, necessários para organizar o espírito para a produção do que é bom, ou pela *centralidade do humano*, não seriam possíveis. O sentido de paz como possessão estável era inexistente. Nada propiciava a produção esmerada e cuidadosa, expressão de um espírito livre e pacificado, nada levava à concentração de esforços e espíritos para o apuro da produção. Nesse cenário desolador e agressivo, entre palácios fortificados e a instabilidade dos hábitos e costumes, como teria ocorrido a dispersão da idéia da *centralidade do humano* conquistado pela civilização cretense a despeito da importação de seus artífices?

Anteriormente à queda de Creta, Micenas já havia ampliado o seu poderio. Conforme DURANT (1966):

*“No século XII os colonos miceneanos fundaram as colônias que se transformariam nas cidades gregas de Pafos, consagrada a Afrodite, de Citium, berço de Zenão, o Estóico, e Salamina cipriota, onde Sólon fez estágio em suas peregrinações, a fim de substituir o caos pela lei.”*³²⁷

Como seria de esperar, a fixação dessas modestas colônias, além de ampliar o poderio micênico, torna a cidadela mais rica, o que por sua vez, fortifica a sua frota mercante e guerreira. Trata-se de um círculo vicioso implicado em suas próprias determinações. Além do mais, e conforme o já exposto, Micenas, que já havia pacificado razoavelmente a sua prática de pirataria em prol do um comércio civilizado, emerge poderosamente no cenário Egeu. Seus interesses comerciais ampliavam-se progressivamente e o poderio de Minos provavelmente se chocaria com as pretensões da Grécia continental.

Por volta do século XIV a.C., as maiores cidadelas do Peloponeso já se encontravam em condições navais suficientemente organizadas para ampliarem seus domínios. Contudo o problema persiste: Creta interpõe-se aos interesses continentais.³²⁸ O seu fim está próximo. Assim, o primeiro passo para a dispersão da cultura cretense consistiu, paradoxalmente, no seu próprio aniquilamento. O continente se insurge contra a ilha e essa é uma das hipóteses para a sua última e completa destruição. Muito pouco ou quase nada restou de sua invasão, caso seja essa a verdadeira história. O certo é que Creta jamais se recuperou de tal desastre e assim o Egeu encontrava-se à disposição de seus novos dominadores.

Sem Creta como intermediária de suas relações comerciais, ou simplesmente, como a ávida cobradora de tributos que fora, as cidades continentais se vêem livres e tornam-se mais ricas, pois pagam menos tributos.

a atribui a Clitemnestra e sim a Agamêmnon.” A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 26.

³²⁶ Conforme Durant: *“A indústria em Micenas era menos desenvolvida que em Creta; não aparecem no continente indícios de centros industriais como o de Gúrnica. O comércio desenvolvia-se com lentidão, pois os piratas, inclusive os miceneanos, infestavam os mares; os reis de Micenas e Tirinto faziam os artistas cretenses gravar em seus vasos e anéis o orgulhoso registro de suas façanhas de pirataria. A fim de se protegerem contra outros piratas, construíram as cidades no interior, bem distantes do mar, numa distância adequada para evitar ataques imprevistos, mas ao mesmo tempo bastante próximas do litoral de modo a facilitar o embarque, se necessário.” A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 25. Conforme ainda DURANT (1966), a própria tradição grega informa, sob o ponto de vista do mito, o assustador cenário corruptor instalado no Mar Egeu: *“No século XV a.C., narra a tradição grega, a iniquidade da raça humana provocou a ira de Zeus, o qual deliberou destruí-la com um dilúvio; dessa catástrofe apenas um homem, Deucalião, e sua mulher, Pirra, conseguiram salvar-se refugiando-se numa arca que veio a encalhar no cume do Monte Parnaso.” A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 33.**

³²⁷ *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 27.*

³²⁸ Assim, conforme DURANT (1966): *“Por volta do ano de 1400 sua frota mercante [de Micenas] era bastante forte para desafiar o poder marítimo de Creta; Tirinto e Micenas recusaram-se a transportar via Creta os produtos destinados à África, e passaram a remetê-los diretamente ao Egito; é possível que tenha sido a causa, ou o resultado, de uma guerra que terminou com a destruição das cidades de Creta.” A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 25.*

Diante dessa liberdade e de posse desse excedente monetário passam a reinvestir nas frotas mercantes que já haviam derrotado a poderosa esquadra de Mínos. O resultado não poderia ser outro: a riqueza e a conseqüente ampliação de seu raio de influências expande-se por toda a Grécia continental. É diante dessa expansão comercial, impulsionada pela guerra que a cultura cretense tem a sua dispersão assegurada.

O império miceneano, desde muito impregnado pela arte cretense, amplia-se por vastas extensões continentais levando consigo os seus elementos culturais e certamente algumas idéias colhidas de seus sobreviventes. Nessa perspectiva, seria igualmente aceitável que alguns hábitos e costumes absorvidos de Creta fossem também exportados. A dispersão dessa cultura toma as costas do Mar Mediterrâneo retornando ao Egito e chega igualmente às costas do Oriente Médio. É DURANT (1966) quem assegura a veracidade dessa hipótese:

*“A crescente riqueza da dinastia reinante levantou grandes palácios sobre os montes de Micenas e Tirinto. A arte miceneana adquiriu caráter próprio e conquistou os mercados do Egeu. O comércio do continente em sua expansão para o leste atingiu a ilha de Chipre e a Síria; ao sul, através das Cíclades, chegou ao Egito; a oeste, através da Itália, alcançou a Espanha; ao norte, através da Beócia e da Tessália, introduziu-se no Danúbio; e só se viu barrado em Tróia. Do mesmo modo que Roma absorveu e disseminou a civilização da Hélade, também Micenas, cativa da cultura da agonizante Creta, espalhou a fase miceneana dessa cultura de um extremo ao outro do mundo mediterrâneo.”*³²⁹

Assim a dispersão da cultura cretense e a incipiente *centralidade do humano* pelo Mar Egeu estavam sendo asseguradas pela expansão comercial das cidadelas continentais e por suas colônias. É claro que tudo isso não da forma mais sofisticada ou civilizada já que em meio a tamanha instabilidade. Contudo, as peças artesanais e os espaços palacianos jamais seriam esquecidos e o seu poder persuasivo encontrava-se profundamente arraigado na memória e nos modos de vida do povo grego. Além do mais, há a língua e a escrita, talvez os mais poderosos portadores do modo cretense de ver o mundo que a cada onda de miscigenação eram incorporadas e readaptadas às novas condições e aos novos matizes étnicos.

O caso da formação de Tróia ilustra bem o grau de miscigenação ao qual todos aqueles povos estiveram submetidos. Conforme DURANT (1966):

*“Quem eram os troianos? Um papiro egípcio menciona certos Dardenui entre os aliados Hititas na batalha de Kadesh (1287); é provável que fossem esses os ancestrais dos Dardenoí, que na terminologia homérica significa troianos. Provavelmente esses dardânios eram de origem balcânica; atravessaram o Helesponto no século XVI com seus parentes, os frígios, e estabeleceram-se no vale mais baixo do Escamandro. Heródoto, entretanto, relaciona os troianos com os teucrianos, e os teucrianos, segundo Estrabão, eram cretenses estabelecidos na Tróade, talvez depois da queda de Cnossos. O nome de Tróia era atribuído pela tradição grega ao herói epônimo Tros, pai de Ilo, pai de Laomedonte, pai de Príamo. Daí as variantes do nome da cidade - Troas, Ílios, Ílion, Ílium. Herói epônimo é o personagem, em geral lendário, ao qual um grupo social ou político atribui sua origem e nome. Os dardânios, por exemplo acreditavam, ou fingiam acreditar, que descendiam de Dárdano, filho de Zeus; do mesmo modo os dórios diziam-se descendentes de Doro, os jônios de Íon, etc.. tanto Creta como a Tróade possuíam um Monte Ida, sagrado, o ‘Ida das muitas fontes’ de Homero e Tennyson. Presumivelmente a região se viu sujeita em várias ocasiões às influências étnica e política do hinterland hitita. Em resumo, as escavações indicaram uma civilização em parte minoana, em parte miceneana, em parte asiática e em parte danubiana. Homero atribui aos troianos a mesma língua e os mesmos deuses dos gregos; mais tarde, porém, a imaginação helênica preferiu considerar Tróia cidade asiática, e o famoso cerco como o primeiro episódio conhecido na interminável disputa entre semitas e arianos, Oriente e Ocidente.”*³³⁰

Conforme se vê a formação do povo troiano é indeterminável. Assim, mesmo que fosse possível perguntar diretamente a um troiano a sua procedência é muito provável que ele não soubesse responder com a certeza esperada. O Mediterrâneo sempre se apresentou segundo a inquietude de seus povos, suas infundáveis andanças, ora provocadas pelas constantes guerras, ora provocadas pelas relações comerciais, ora pela

³²⁹ A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pgs. 26 e 27.

³³⁰ A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 29.

necessidade de expansão territorial. Assim, sob esse prisma, as constantes trocas repassavam discretamente o legado cretense, quer pelos objetos produzidos em Creta e sua estética estranhamente bela, quer pela contratação direta de seus artistas, quer pela palavra escrita ou falada, quer pelo padrão ordenativo de suas leis, aparentemente adaptadas pelos povos continentais.

O próprio comércio pode ter significado a dispersão de algumas formas organizacionais da civilização cretense. Se Micenas deixou a pirataria adotando o comércio, é provável que o tenha feito segundo as práticas cretenses. Assim a organização das contas e da administração, a distribuição de cargos adequados a pessoas adequadas, enfim, uma miríade de disposições práticas deveria ser suficientemente articulada de modo a organizar a vida daquelas comunidades históricas. Claro é que essa mesma estrutura de ordem econômica havia se espalhado pelas colônias e portos com os quais a Grécia continental mantinha vínculos comerciais. Assim, mesmo que precariamente, o comércio micênico organizava o Mediterrâneo, conferia-lha certa regularidade e ordenação, percebidos somente após o declínio dos palácios micênicos. Nesse momento a Grécia entra num obscuro período histórico que durou cerca quatrocentos anos e denominada de Idade dos Heróis.³³¹

As causas da queda dos palácios micênicos são imprecisas.³³² Sob o ponto de vista estritamente arquitetônico e arqueológico é impossível determinar-se quando os palácios continentais desaparecem como quer ROBERTSON (1997):

*“É impossível determinar até quando qualquer palácio minóico ou micênico subsistiu. Muitos sem dúvida desapareceram antes do ano 1.000 a.C. e poucos, se é que algum, podiam ser visíveis no tempo em que os mais antigos templos gregos remanescentes foram construídos, talvez, sobre as ruínas e ao nível do grande mégaron de Tirinto, utilizando-se de algumas de suas paredes e bases de colunas. Algumas das fachadas tumulares talvez tenham subsistido, em todo caso, para influenciar os arquitetos do período arcaico.”*³³³

O certo é que a partir de sua queda abre-se um enorme espaço ao vandalismo. Nessas circunstâncias surgem os “*povos do mar*”. É provável que esses “*povos do mar*” fossem hordas de piratas desterrados que, a partir da queda das cidadelas micênicas e na perspectiva da desordem e da impossibilidade de fixação, praticavam a pirataria e pilhagem de modo a satisfazerem suas necessidades mais básicas. Sua procedência não pode ser determinada a partir dos relatos históricos.³³⁴ Contudo as hipóteses são variadas: poderiam ser gregos aqueus (procedentes da ilha de Chipre e costa da Ásia Menor banhada pelo Mediterrâneo), gregos dórios (vindos do Peloponeso, da Tessália e de imediações da Macedônia), gregos frígios e lúvios (saídos das costas ocidentais da Ásia Menor).³³⁵ A queda do poderio micênico, assim como o poderio de Creta, parecia inevitável. Contudo, durante a sua hegemonia continental, os princípios da cultura grega estiveram sendo fixados e disseminados pelo Egeu. Ainda assim, serão necessários pelo menos mais 400 anos para que a Grécia experimente uma nova onda de colonização expandindo-se por grande parte do Mar Mediterrâneo. É a partir de então que se inicia o período Helenístico da Grécia.

³³¹ Tanto o é verdadeiro que o *Atlas da História do Mundo* assim coloca a crise gerada no Mediterrâneo quando da queda dos reinos micênicos: “... quando os reinos micênicos caíram, os poderosos vizinhos da Anatólia, Egito e o restante do Mediterrâneo oriental enfrentaram dificuldades devido à desordem econômica e às depredações de bandos errantes conhecidos como povos do mar. O Império Hitita chegou ao fim por volta de 1200 a.C. e o Egito sobreviveu sob pena de perder suas possessões asiáticas. Com a queda dos palácios micênicos a Grécia ingressou na Idade Obscura que durou 400 anos e da qual saiu apenas no século 8 a.C.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 67.

³³² Como querem os autores do *Atlas da História do Mundo*, as hipóteses existentes para a queda do poderio micênico são duas: “O século 13 começou com os palácios micênicos no auge do poder e prestígio. Havia novas construções em todos os lugares, mas até o fim do século a maioria havia sido destruída pelas chamas. A causa pode ter sido a crescente hostilidade entre os Estados vizinhos. Ou talvez a população tenha se revoltado contra os guerreiros aristocratas de Micenas e suas residências suntuosas.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 67.

³³³ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 44.

³³⁴ Segundo DURANT (1966): “Um documento egípcio do ano de 1221 a.C., ao que se calcula, menciona os akaiwasha como vindos como outros ‘Povos do Mar’ que tomaram parte numa invasão líbia do Egito, e os descreve como bandos de piratas que ‘guerreavam para encher a barriga’.” *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pg. 31.

³³⁵ Fonte das informações: *Atlas da História Antiga*, op. cit., pg. 42.

6.2. A Obscura Idade dos Heróis.

6.2. O Obscuro Período Histórico e a Verossimilhança dos Mythos / As Invasões Aquéias e a Total Fragmentação da Grécia / Os Novos Núcleos: os Génos / A Fragmentação da Esfera Sagrada nos Mythos / Das Thémistes à Díke / Dos Génos aos Phylai: o Prenúncio da Pólis / Dos Deuses Zoomorfos aos Heróis Antropomorfos / A Exemplaridade dos Heróis / Os Mythos Como Modelo de Reunificação Ética.

A Idade dos Heróis, esse período da história grega compreendida entre 1.200 e 800 a.C., é vista como um período obscuro pois, que do que se sabe, pouco se pode comprovar. As escavações arqueológicas em quase nada têm contribuído para o seu esclarecimento e na ausência de registros escritos datados, como é o caso das escritas lineares, têm-se recorrido à tradição grega, da qual os melhores relatos são de Homero e Hesíodo. Contudo os relatos **mitopoéticos**³³⁶ foram, por muito tempo, considerados improváveis, dado o seu eminente caráter mítico.

A ciência somente se dobrou à possibilidade de verossimilhança desses mitos após o descobrimento dos palácios cretenses e micênicos já no início do século XX. Isso não ocorreu sem alguma relutância e com grandes restrições. Os achados iniciais de Schliemann, que começou a desenterrar os restos de Tróia em 1872, foram vistos com uma grande incredulidade pela comunidade científica da época.³³⁷

Arthur Evans já teve maior sorte. Seus descobrimentos em Creta, iniciados em 1900, foram comemorados sem resistência por parte da comunidade científica de então. Ela já não era tão ciumenta e via com mais naturalidade uma possível dessacralização de seus ídolos. Mas isso não ocorreu de forma radical e a comunidade científica pode novamente respirar aliviada.

Assim, somente a partir das descobertas de Schliemann e Evans é que se passou a creditar maior verossimilhança aos conteúdos míticos. A partir de então, os elementos históricos contidos na tradição grega como, lugares, personagens, os reinados, sua organização política, social e bélica, o comércio, as celebrações, a cadeia lógica dos eventos históricos, os hábitos e costumes, enfim, todos os elementos que poderiam se constituir como histórias inverossímeis passaram a ser vistos como possibilidades reais e não apenas fantasias poéticas postas no seio da ciência.

As provas materiais lentamente eram retiradas dos escombros arqueológicos em parte recompondo e comprovando as lendas, como é o caso do lendário e labiríntico palácio do Rei Minos, e por outro lado desautorizando a credulidade de outros elementos, como é o caso da própria existência desse rei. Entretanto, ainda no âmbito da tradição escrita grega, a dificuldade não residia apenas no que poderia ou não ser comprovado, mas sim de onde provinham os dados históricos e como eles se articulam no conjunto dos mitos. Os próprios textos homéricos, por exemplo, provavelmente escritos séculos depois dos eventos citados, apresentam dificuldades, pois contêm várias informações imprecisas, dispersas e amalgamadas indistintamente por seguidas gerações de tradição oral.³³⁸ De qualquer modo, e apesar das descobertas

³³⁶ **Mitopoéico.** 1. Relativo ou pertencente à mitopoese; mitopoético." Na esteira da definição do termo: "**Mitopoese.** [Do gr. *mythopóiesis*]. 1. A criação de um mito. 2. Procedência ou origem dos mitos." *Dicionário Aurélio Eletrônico*, arquivo citado anteriormente.

³³⁷ Conforme COTTRELL (1992): "*Muitos dos investigadores profissionais, especialmente os alemães, se opuseram às escavações de Schliemann. Durante mais de um século, eles e seus predecessores haviam teorizado, recostados nas suas cômodas poltronas de seus estúdios, sobre a provável localização de Tróia; mas a nenhum ocorreu a idéia de ir até lá e escavar. E, sem mais nem menos aparecia esse audaz comerciante, sem preparação acadêmica, um qualquer, ansioso por publicidade (coisa que os sábios preferiam odiar) que sem método e precipitadamente derrubava sem piedade restos de edifícios clássicos em uma busca enlouquecida que, provavelmente, só havia existido na imaginação de um poeta.*" *El Toro de Minos*, op. cit., pg. 60.

³³⁸ Segundo BRANDÃO (1989): "*A dificuldade maior no estudo da epopéia homérica está em isolar o que realmente é micênico do que pertence a épocas posteriores, como à Idade do Ferro, à Idade Média Grega a ao ambiente histórico em que viveu o próprio poeta. Sem dúvida, também sob o ângulo político, social e religioso, os poemas homéricos são uma colcha de retalhos com rótulos de civilizações diferentes no tempo e no espaço. Não obstante todas essas dificuldades, alguns elementos micênicos podem, com boa margem de segurança, ser detectados nos dois grandes poemas.*" *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 116. Mais uma vez, o melhor e mais sensato desfecho para os limites de credulidade constantes nos mitos é apresentada por DURANT(1966): "*As lendas da Idade Heróica sugerem tanto a origem como os destino dos aqueus. Não devemos, pois, ignorar essas lendas porque, embora se caracterizem por uma fantasia sanguinária talvez contenham mais história do que supomos. Além do mais, essas antigas lendas acham-se de tal forma impregnadas de poesia, da tragédia e da arte gregas, que não poderíamos compreender estas por aquelas. 'Perseu ...Héracles ...Minos, Teseu, Jasão ...é comum nos tempos modernos considerarem-se estes e outros heróis dessa idade*

arqueológicas, a comunidade científica ainda espera por evidências mais concretas para crer na ocorrência de vários eventos históricos. Continuando na esteira do mito e de alguns achados arqueológicos que comprovam o mito cada vez mais claramente, sabe-se através de Homero que, anteriormente à queda das monarquias e seus palácios, a Grécia vinha sendo lentamente ocupada pelos Jônios. Inicia-se com esse povo a longa construção dos palácios continentais instalados nos cumes montanhosos e de uma série de pequenas modificações na forma organizacional da vida nas cidadelas.³³⁹

São eles que levam para a Grécia continental uma nova forma de organização política: respondem a um mesmo chefe, contudo, vivem em grupos familiares relativamente independentes. Assim, se comparados aos cretenses, os Jônios apresentam um maior grau de liberdade, pois se trata de uma organização menos centralizadora. São os donos das próprias terras e gozam de certos direitos restritos unicamente ao círculo imediato das famílias. Eles, de certo modo, antecipam o surgimento dos futuros *gênos*, definitivamente implantados pelos próximos invasores que são os Aqueus.

O povo Jônio em muito pouco contribui para o desenvolvimento da agricultura ou da metalurgia, que continua a trilhar a tecnologia do bronze. Sua maior contribuição nos termos práticos da vida campesina foi a introdução da criação e domesticação de cavalos o que proporcionou algumas importantes conquistas e expansões territoriais para o período. Deve-se também a esse povo a cerâmica conhecida como *mínia*, uma cerâmica estilizada de coloração ora acinzentada ora amarelada, encontrada no Peloponeso e na Beócia. Por outro lado, sob o ponto de vista das cidades eles introduzem um importante hábito: deslocam os sepultamentos de seus mortos do exterior para o interior das cidadelas. Conforme BRANDÃO (1989):

*“Em matéria de religião, o primeiro ponto a ser observado é o deslocamento do processo de inumação, das necrópolis exteriores para dentro dos núcleos urbanos, mas as escassas oferendas encontradas nos túmulos mostram um enfraquecimento na crença em relação à imortalidade da alma ou ao menos no que se refere ao intercâmbio entre vivos e mortos. Santuários construídos em acrópole, como o de Egina, evidenciam a implantação da religião patriarcal indo-européia na Grécia, o que explica o desaparecimento quase total das estatuetas e do culto da Grande mãe nessa época, pelo menos nos núcleos ‘urbanos’.”*³⁴⁰

Além da proximidade admitida aos mortos, e diferentemente dos cretenses, inicia-se com o povo Jônio, o estilo de vida baseado na linhagem patriarcal na Grécia continental. Passados mais alguns séculos os Jônios sucumbem à própria barbárie e a Grécia continental será invadida pelos Aqueus. DURANT (1966), indica que essas novas ocupações ocorreram durante os séculos XVI e XIII a.C. e que essas tribos provavelmente chegaram aos territórios gregos a partir da Tessália:

*“Em Homero os aqueus são especificamente um povo do sul da Tessália, cujo idioma era o grego; como, entretanto, eles se transformassem numa das mais poderosas tribos da Grécia, Homero serve-se freqüentemente de seu nome para denominar todos os gregos de Tróia. Os poetas e historiadores gregos da idade clássica consideravam os aqueus, e também os pelasgos, como autochthonoi - naturais da grécia de origem remotíssimas - presumindo sem hesitação que a cultura aqueia descrita em Homero seja a mesma que aqui classificamos de miceneana.”*³⁴¹

...como figuras puramente mitológicas. Os gregos mais modernos, criticando seus antigos historiadores, não põem dúvida em afirmar que eles foram personagens históricos que governaram em Argos e outros reinados; e depois de um período de ceticismo, muitos críticos modernos começaram a adotar esse ponto de vista grego como sendo o mais satisfatório ... Os heróis das lendas, bem como o cenário geográfico em que se situam, são reais. Tudo leva a crer que as lendas principais são verdadeiras na essência e imaginativa nos detalhes.” A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 32.

³³⁹ A ocupação continental assim se deu conforme BRANDÃO (1989): *“Ao apagar das luzes do Bronze Antigo ou Heládico Antigo, por volta de ~ 2600-1950, os primeiros gregos, os Jônios, atingiram a Hélade, através dos Bálcãs, e ocuparam violentamente a Grécia inteira, levando de vencida os Anatólios, que foram, ao que tudo indica, escravizados. Guerreiros com sólida organização social do tipo militar, obedeciam em tudo a seus chefes. Instalavam-se em palácios em acrópole, fortificados com grandes muralhas, portas de entrada estreita, reforçada com torres, como se pôde observar nas escavações efetuadas em Egina, Tirinto e Micenas pré-aqueias. ... Mercê da forte organização social desses primeiros gregos, o povo, ao que parece, ‘tinha uma vida igualitária’, com a terra dividida em glebas iguais entre os vários chefes das famílias de que se compunha cada uma das quatro tribos em que já se dividiam os Jônios.”* Mitologia Grega - Volume I, op. cit., pg. 49.

³⁴⁰ Mitologia Grega - Volume I, op. cit., pg. 50.

³⁴¹ A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 31.

Esses novos gregos, pouco numerosos mas muito combativos, rapidamente expulsaram os Jônios para a costa asiática.³⁴² Com eles novos hábitos e costumes foram introduzidos os quais vão se refletir profundamente na religião. Segundo BRANDÃO (1989), ocorre a essa altura da história grega o sincretismo entre a forma matriarcal, de origem cretense, e a forma patriarcal, proveniente desse povo aqueu:

*“De seu mundo indo-europeu os Gregos trouxeram para a Hélade um tipo de religião essencialmente celeste, urânica, olímpica, com nítido predomínio do masculino, que irá encontrar com as divindades Anatólias de Creta, de caráter ctônico e agrícola, e portanto de feição tipicamente feminina. Temos pois, de um lado, um panteão masculino (patriarcado), de outro, um panteão, onde as deusas superam de longe (matriarcado) aos deuses e em que uma divindade matronal, a Terra-Mãe, a Grande Mãe ocupa o primeiríssimo posto, dispensando a vida em todas as suas modalidades: fertilidade, fecundidade, eternidade. Desses dois tipos de religiosidade, desse sincretismo, nasceu a religião micênica. Diga-se, de passagem, que esse encontro do masculino helênico com o feminino minóico há de fazer da religião posterior grega um equilíbrio, um meio-termo, muito a gosto da ‘paidéia’ grega posterior, entre o patriarcado e o matriarcado.”*³⁴³

Além do sincretismo religioso, a tradicional forma de organização política dos Aqueus diferia das formas anteriormente expostas. Conforme GLOTZ (1980) essa nova forma se articulava em torno dos vários *génos*, ou unidades familiares de cunho patriarcal, as quais se organizavam em grupos maiores, ou as *phratríai*.³⁴⁴ Ocorre que a partir desse novo cenário mais uma vez dispersivo, segue-se a formação de numerosos e diminutos grupos patriarcais chamados clãs, originariamente procedentes das antigas tradições indo-européias, que isoladamente fundam seus próprios rituais, os quais necessitam, à semelhança dos antigos palácios, da instância divina central que é o deus *Patrôos*. PUECH (1986) apresenta esse deus e essa nova forma religiosa como uma espécie de deus-síntese dos *génos*, ou Zeus Patrôos:

*“Desde os tempos indo-europeus, Zeus foi o protetor da família patriarcal. Os gregos conservavam seu título de ‘pai dos deuses e dos homens’; mas quando pensam em suas atribuições domésticas, preferem chamar-lhe Patrôos, ‘ancestral’. ... Zeus Patrôos possuía múltiplas funções especializadas.”*³⁴⁵

Esse deus-síntese adquire as mais ricas formas e desdobra-se sob outras denominações protegendo as mais

³⁴² DURANT (1966) prossegue mais à frente: *“Os aqueus (isto é, os gregos da Idade Heróica) surgem-nos como um povo menos civilizado que os precedentes miceneanos e mais que os dóricos que lhes seguiram. Neles predominava o físico - os homens altos e atléticos e as mulheres de excepcional formosura. Como iriam fazer os romanos mil anos mais tarde, os aqueus encaravam a cultura literária como uma espécie de degeneração efeminada. Eram contrafeitos que se serviam de escrita, e sua única literatura consistia nos cânticos marciais e nas canções não escritas de seus trovadores. ... Como viviam esse homens e essas mulheres? Homero não-los descreve a lavar o solo e a aspirar delicias do cheiro da terra revolvida de fresco, a correr olhares orgulhosos pelos sulcos do arado, a joeirar o trigo, a irrigar os campos e construir barreiras às margens dos rios para impedir as enchentes de inverno; faz-nos sentir o desespero dos campônios cujas lavouras, representando meses de trabalho, eram varridas pela fúria das torrentes, que, em avalanche não respeitava diques, barreiras e valados, e que nem os muros dos pomares conseguiam deter.”* A terra era difícil de cultivar, pois o terreno compunha-se na maior parte de montes e pântanos, ou de colinas recobertas de espessas matas; as aldeias eram constantemente atacadas pelas feras, e a caça, antes de torna-se um esporte, foi uma necessidade. A classe rica se compunha de grandes criadores de gado, carneiros, porcos, cabras e cavalos. Um deles, Erectônio, possuía três mil éguas de raça com cria. Os pobres nutriam-se de peixe, trigo e às vezes legumes; os guerreiros e os ricos comiam muita carne assada - a primeira refeição, pela manhã, consistia em carne e vinho. ... A terra era propriedade das famílias ou clãs e não de indivíduos; ao pai ou chefe da família cabia o dever de administrá-las, mas nunca sem o direito de vendê-las. Na *Ilíada* extensos territórios são denominados Comunidades do Rei ou Senhorias (têmenos); essas regiões pertenciam à comunidade, podendo qualquer cidadão usá-las para uso de seus rebanhos.” *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pgs. 37 e 38.

³⁴³ *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 70.

³⁴⁴ Eis como Glotz situa esses povos que chegaram à Grécia e como se organizavam politicamente revestidos e investidos de nova representação divina: *“Os primeiros gregos chegados à Grécia, aqueles que se conhecem como aqueus e uma parte dos quais recebeu mais tarde os nomes de jônios e de eólios, eram pastores seminômades da península Balcânica. Acostumados a vagar com seus rebanhos pelos prados das planícies e pelas florestas das montanhas, jamais chegaram a constituir um Estado. Tinham por pátria o clã patriarcal a que precisamente chamavam patriá ou, mais amiúde, génos, onde todos os membros descendiam do mesmo antepassado e adoravam o mesmo deus. Esses clãs, reunidos em número mais ou menos grande, formavam associações mais extensas, confrarias no sentido mais amplo ou phratríai (fratrias), corporações de guerra cujos componentes eram conhecidos pelos nomes de phrátōres ou phrátēres, étai ou hetaíroi. ... Quando o génos se tronou sedentário no solo grego, continuaram a reunir-se em torno do lar comum todos os que perpetuavam o sangue do antepassado. Debaixo do mesmo teto, mamaram o mesmo leite (homogálaktes), respiraram a mesma fumaça (homókapnoi), comerem o pão da mesma ucha (homosípuoi). Não há necessidade de precisar os vínculos de parentesco: todos os gennétai são irmãos (kasígnētoi).”* GLOTZ, G.: *A Cidade Grega*, Rio de Janeiro, Difel, 1980, pgs. 4 e 5.

³⁴⁵ *Historia de las Religiones - Las Religiones Antiguas. II - Volume 2*, op. cit., pgs. 271 e 272.

diferentes atividades e coisas. Contudo, a idéia de um único deus para cada lar ou clã esteve grandemente difundida entre os gregos de então. É então evidente que essa nova forma organizacional difere da centralização política e religiosa anteriormente verificada nos palácios continentais. Sucede à antiga forma centralizadora outra mais dispersiva e ao mesmo tempo descentralizada. É assim, diante dessa nova perspectiva organizacional, que se apoia nas unidades independentes e articuladas que são os *gênos* e as *phratríai*, que os deuses multiplicam-se se tornando incontroláveis e conduzindo os mitos, as fábulas e os feitos a uma grande desorganização. Conforme VEGETTI (1994), por se tratarem de apenas de relatos que vão se combinando cada vez mais com o decorrer do tempo, a sua confusão amplifica-se:

*“Anônimos, difusos, repetidos e aprendidos de geração em geração, esses relatos - uma espécie de vasto catálogo do imaginário religioso - constituem todo o saber social acerca dos deuses, imediatamente credível e persuasor, não questionável, precisamente devido ao seu anonimato, à sua difusão no tempo e no espaço, à antigüidade imemorável de suas origens.”*³⁴⁶

Deuses, heróis e grandes feitos humanos multiplicam-se e imiscuem-se desordenadamente na forma mítica. Esses confusos relatos surgem como que uma necessidade provocada pelas dispersivas unidades religiosas autônomas. Segue-se à fragmentação da centralidade do poder palaciano a dispersão territorial dos *gênos* e a conseqüente multiplicação e mistura incessante do conteúdos míticos.

Nessa perspectiva, os heróis caseiros parecem ser a atualização do divino face às novas necessidades associativas de uma Grécia que se apresenta fragmentária em todas as suas esferas. Se antes a unicidade divina era representada espacialmente pela centralidade da fortificação, onde residia o deus personificado na figura do monarca, agora, a partir da dispersão territorial os pequenos núcleos familiares chamam para si a divindade na figura do patriarca que representa uma ascendência direta de algum deus ou herói. DINSMOOR (1950) apresenta outra versão que complementa essa idéia da fragmentação da religião grega sob outro ponto de vista:

*“Antes de considerar o desenvolvimento da arquitetura religiosa grega, pode-se apontar que a religião era uma combinação da adoração personificada dos fenômenos naturais de modo que deificava os heróis ou a devoção de seus ancestrais. As tribos egéias, especialmente os cretenses, pareciam ter adorado um deus supremo (Réia); e quando saíram para a Jônia na Ásia Menor estabeleceram o mesmo lá. Igualmente, a religião frígia apresentava uma grande deusa, Cibele, a mãe dos deuses, a protetora de toda a fertilidade. Mas os primeiros registros da religião primitiva salientam a adoração por Zeus, o deus supremo. Essas dois modos de adoração parecem ter-se misturado, e o número de deuses gregos rapidamente multiplicaram-se; eles se casaram e geraram uma descendência inumerável, e em diferentes localidades o talento dos sacerdotes rapidamente determinou a adoração especial de certo deus ou deuses sem observar que a mesma adoração do deus ou deuses era praticadas em todos os lugares do mundo grego.”*³⁴⁷

Essa idéia da dispersão de deuses pela grécia pode ser apreendida pelo significado de “*mundo grego*” ou à forma como os gregos o apreendiam. Ao abordar essa questão e, referindo-se às características religiosas gregas, VERNANT (1993) indica que a construção do sentido de “*mundo*” para os gregos passava necessariamente por seu politeísmo e pela forma como as divindades se relacionam com o mundo. Nessa perspectiva, as divindades

*“... não são eternas, perfeitas, oniscientes, ou onipotentes; não criaram o mundo, nasceram nele e dele, vindo à luz do dia por gerações sucessivas, à medida que o universo, a partir dos poderes primordiais, como Caos, o Vazio, e Geia, a Terra, se iam diferenciando e organizando. E o universo era a sua morada. Por conseguinte, a sua transcendência é absolutamente relativa, válida apenas em relação à esfera humana. Tal como os homens, mas acima deles, os deuses fazem parte integrante do cosmos. ... O que significa que entre o humano e o divino não existe a fratura radical que, para nós separa a ordem da natureza do sobrenatural.”*³⁴⁸

³⁴⁶ *O Homem Grego*, op. cit., pg. 237.

³⁴⁷ *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 38.

³⁴⁸ *O Homem Grego*, op. cit., pg., 10.

Na perspectiva do “*mundo grego*” as divindades manifestam-se em todos os seres e coisas. Distintamente articuladas segundo características específicas, e todas dotadas de paixões humanas, as divindades ocupam lagos, fontes, cachoeiras, grutas, pedras, plantas, animais, enfim tudo o que existe de fixo no mundo. Conforme ainda VERNANT (1993):

*“Um mundo, portanto, onde o divino está implícito em cada uma de suas partes, tal como na unidade e no seu ordenamento global. Todavia, não por o criador estar envolvido naquilo que fez jorrar do nada e que, à margem e longe dele, tem a sua marca, mas segundo o conceito muito mais direto e íntimo de uma presença divina espalhada por todo o lado onde surja uma das suas manifestações.”*³⁴⁹

Nessa perspectiva mítica, cada ser ou coisa demonstra, por sua própria existência, ser parte do divino. É a partir dessa idéia indistinta entre o sagrado e o profano, entre o divino e o natural, ou melhor, de uma idéia que atravessa e une indissociavelmente os dois estatutos de ser e estar no mundo, que os gregos concebem a *physis*, um mundo físico repleto de deidades manifestas numa ordenação ao mesmo tempo superior e imortal, mas que se faz presente em tudo o que é visível.

Assim, ao antigo deus único e centralizador personificado na figura do rei-sacerdote, segue-se a proliferação numérica dos deuses ou heróis dispersados por cada um dos clãs, preenchendo aqui e ali as novas necessidades organizacionais da esfera religiosa. Concentra-se na figura do pai e em sua tradição, composta por toda a linhagem de seus antecessores, o seu caráter divino, sintetizado na figura mítica do herói. Para ele concorre toda a normatividade do trabalho, toda as regras compensatórias por perdas, toda a exemplaridade das ações eticamente aceitáveis, todas as normas e os interditos segundo os quais a vida deve ser vivida em conformidade com os ritos e preceitos religiosos. Para a figura do pai e para o que dele emana, converge a nova ordenação do mundo imediato, a nova *thémistes*, ou o código que sintetiza, por um lado, os mistérios da esfera do sagrado e, por outro, os cânones da justiça familiar. Essa é a nova perspectiva religiosa que se apresenta na dispersa perspectiva dessa obscura Grécia da Idade dos Heróis. Eis a definição de GLOTZ (1980) para as *thémistes* e sua versão para a organização familiar dos *génos*:

*“O chefe do génos obedece a uma designação precisa: é o descendente, por via masculina, mais direto do antepassado divino e, dessa maneira, traz nas veias o sangue mais puro. É o sacerdote do deus que, pessoalmente, ele encarna, preside todas as cerimônias que reúnem os gennêtai em torno do lar, oferece os sacrifícios e as libações que lhes asseguram a prosperidade. Não só dispõe de poder absoluto sobre a sua mulher, a quem pode repudiar, vender ou matar, sem ter de justificar-se; dispõe ainda de ilimitada autoridade sobre todos os membros do grupo. Para que a paz reine dentro das fronteiras do génos, ele proclama, interpreta e faz cumprir a vontade divina. Ao receber o cetro, o chefe do génos recebeu também o conhecimento das thémistes, sentenças infalíveis que uma soberania mais que humana lhe revela por meio de sonhos ou oráculos ou lhe sugere o fundo da sua consciência. Transmitidas de pai para filho desde a origem dos tempos, enriquecendo-se com novas contribuições de geração a geração, as thémistes constituem o código misterioso e sagrado da justiça familiar, a thémis. Aquele que soberanamente tem o poder de aplicá-la julga a seu talante quem quer que se tenha exposto à vingança divina em decorrência de um atentado cometido contra o grupo.”*³⁵⁰

Assim, se o chefe do clã não tivesse por ascendência direta um deus provavelmente a teria na figura de algum herói. Esses heróis são, na genealogia grega, semideuses, filhos gerados a partir dos casamentos entre deuses e mortais. Contudo, a maioria dos heróis tem por pai Zeus. Segundo as genealogias de Homero e Hesíodo apresentada por BRANDÃO (1989),³⁵¹ os filhos gerados a partir de casamentos divinos e, eventualmente das partenogêneses, totalizam um número de 56 heróis. Isso num total de uniões férteis que é de 27.

Contudo sabe-se que o número de deuses, heróis e divindades é infinitamente maior, pois cada pedaço de terra grega possuía uma divindade específica ou um herói. Conforme VEGETTI (1987), isso se deve ao caráter de proximidade entre o mítico e a vida vivida já que,

³⁴⁹ *O Homem Grego*, op. cit., pg. 14.

³⁵⁰ *A Cidade Grega*, op. cit., pg. 06.

³⁵¹ Fonte dos dados: *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pgs. 158 a 160.

*“a divindade não está longe nem é inacessível, pode-se dizer que o convívio com ela caracteriza todos os momentos significativos da existência privada e social.”*³⁵²

Por outro lado, ainda segundo VEGETTI (1987), o grande número de deuses, heróis e divindades entre os gregos deve-se também ao próprio caráter do que pode ser sagrado entre os gregos, o que no fundo distende-se sobre quase tudo:

*“Hieròs, ‘sagrado’, é uma palavra grega provavelmente ligada a uma raiz indo-européia que tem o significado de ‘forte’. A experiência grega do sagrado em geral (não diferente, neste caso, de muitas outras culturas) talvez tenha nascido da sensação da presença de poderes sobrenaturais em locais secretos (florestas, nascentes, grutas, montanhas), em diferentes fenômenos misteriosos e temíveis (o raio, a tempestade), em momentos cruciais da existência (o nascimento, a morte). Essa experiência primária foi depois divergindo em duas direções, embora não opostas. Por um lado, o ‘sagrado’ adquiriu uma dimensão territorial, ligando-se a locais ‘fortes’, caracterizados por limites precisos, da manifestação do sobrenatural: esses locais, que passam a ser consagrados a um culto dos poderes que aí residem, vão-se transformando progressivamente em santuários (témenoi), que podem albergar templos dedicados às divindades propriamente ditas, ou delimitar outros espaços de devoção. ... Por outro lado, para os Gregos, ‘sagrado’ é tudo o que provém dos poderes sobrenaturais e, especificamente, dos desejos divinos. Por isso, sagrado é também a ordem da natureza, a alternância das estações, das colheitas, do dia e da noite; e também o é a ordem imutável da vida social, a sucessão regular das gerações assegurada pelos casamentos, pelos nascimentos, pelos ritos de sepultura e de veneração dos mortos, a permanência das comunidades políticas e dos sistemas de poder.”*³⁵³

Contudo não se deve depreender que desse cenário religioso fragmentário a absoluta autonomia dos clãs fosse total e nem mesmo que esses grupos maiores, as *phratríai*, convivessem harmoniosamente nos territórios continentais. Contrariamente, as violências e truculências cometidas na Grécia de então eram quase insuportáveis. A própria centralidade e poder dos chefes dos clãs os levavam a exigir reparações as mais diversas para atos idênticos contra eles cometidos. Além do mais vários abusos eram frequentemente praticados desenhando uma situação social absolutamente parcial, variável de acordo com o humor do chefe e insustentável. Assim, a necessidade de criação de uma medida justa e igual para todos era urgente de modo que alguma pacificação pudesse ser alcançada e a vida não sofresse com as constantes assimetrias no uso do juízo. Ora essa unificação em busca de algum equilíbrio regional só poderia ser conseguida a partir das *thémistes*. Eis a versão de GLOTZ (1980) para tal esforço pacificador:

*“Durante muito tempo as famílias vizinhas mantiveram-se num estado de guerra quase permanente, em que eram comuns as incursões predatórias em território inimigo. Para um chefe era motivo de glória o roubo de muito gado e mulheres. O sangue corria e clamava por sangue. Não havia termo para o encadeamento das represálias. Mesmo quando se reuniam em fratrias e em tribos, os gênê não renunciaram à vendeta; viram-se apenas a submetê-la à regras comuns que passaram a constituir então um direito mais amplo do que a thêmis, a dîkê. Todos os membros do gênos ofendido a qualquer tempo podiam vingar-se contra os membros do gênos ofensor. ... Encontrou-se um meio de estender a membros de clãs diferentes ou até hostis sentimentos e obrigações que até então só existiam entre membros do mesmo clã. A reconciliação podia ser obtida pela aplicação da aidôs aos adversários, por aïdesis (piedade, compaixão). Por meio de uma adoção ou de um casamento, o próprio assassino ocupava às vezes o lugar do morto no grupo que fora por ele diminuído. Na maioria das vezes, o culpado resgatava-se pagando o preço do sangue, a poinê. Seguia-se um tratado de ‘amizade’, uma philótês: em cerimônias solenes, as famílias, na véspera ainda inimigas, ofereciam um sacrifício aos seus deuses associados, sentavam-se à mesma mesa e misturavam o sangue dos seus integrantes na taça da aliança. Dessa maneira, por sobre o direito familiar, o costume foi pouco a pouco criando o direito interfamiliar, de onde, também aos poucos, deveria sair o direito público [nas futuras cidades gregas].”*³⁵⁴

Forçados a coexistirem num mesmo território as constantes disputas deveriam ceder a outra ordem que a todos envolvesse pacificando-os. É a partir dessa necessidade de coexistência, de certo modo imposta pelo

³⁵² *O Homem Grego*, op. cit., pg. 231.

³⁵³ *O Homem Grego*, op. cit., pgs. 234 e 235.

³⁵⁴ *A Cidade Grega*, op. cit., pgs. 6 e 7.

mesmo território que as *thémistes* evoluem de sua singularidade restrita a cada clã específico para uma forma mais abrangente segundo a qual todos os clãs estivessem comprometidos. A criação dessa instância superior à deliberação do clã foi chamada de *díke*,³⁵⁵ justiça, uma forma de direito mais amplo a partir da qual as eventuais perdas poderiam ser ressarcidas ou punidas de acordo com preceitos específicos. Assim, inicialmente a *díke* emerge das *thémistes* como uma necessidade prática e não como uma forma ideal conforme se verá em mais tarde.

Alguns séculos mais tarde, quando a Grécia fará a sua síntese civilizatória sintetizada no modelo das cidades, esses aspectos religiosos somados à aparição da *díke* estarão na base desse novo modelo organizacional. BRANDÃO (1989) apresenta uma visão sintetizada dessa próxima passagem:

“A transição da monarquia para a aristocracia, e mais precisamente para a oligarquia, teve também como ponto de apoio a religião. A explicação não é difícil. Cada clã, cada géno, cada família era um pequeno mundo com sua religião, seu patrimônio, seu chefe e mais ainda com sua árvore genealógica, pois que o géno remontava, em última análise, a um herói ou a um deus. A soma dos géno, dos clãs, vai gerar a phratría, a ‘irmandade’, e da junção das fratrias nascerá a phylé, isto é a tribo. Tais associações não feriam a soberania de cada uma delas separadamente. A reunião dos géno, phratrái e phylaí (clãs, fratrias e tribos) resultaria na criação da pólis, [³⁵⁶] que na expressão de Glotz, se pode definir como um ‘agrupamento político, econômico e militar que tem por centro um altar’. Desse modo, os gregos evoluíam de um regime patriarcal para um forte regime oligárquico, sintetizado na pólis aristocrática, que passa a ter também o seu herói, o herói epônimo, isto é, o que dá nome à Cidade e a protege, em consequência.”³⁵⁷

Genericamente, *pólis* significa a cidade grega. Entretanto as suas características de cidade-estado somente emergem no cenário grego por volta do século VIII a.C., ou seja, alguns séculos após a Idade dos Heróis. É quando, conforme BRANDÃO (1989):

“... havia surgido um sem-número de unidades políticas independentes, fechadas em si mesmas, sem vassalagem e sem dever fidelidade a ninguém: na realidade, uma cidade-Estado, a pólis, unidade política típica da Grécia clássica.”³⁵⁸

Será então a partir dessa perspectiva religiosamente fragmentária na qual se inserem os heróis, que momentaneamente organizam todas as formas de ser e estar no mundo, desse *medium* de cultura segundo o qual as unidades produtivas se organizam política e religiosamente de acordo com os *géno*, que emergirá, séculos mais tarde, a Grécia constituída como um estado fragmentário unido apenas pela língua comum e no qual despontam as várias *pólis*. Para ela concorrerá a normatividade suprassumida das *thémistes* na *díke* a partir da gradativa extensão dos *géno* aos *phylaí*.

Eis uma rápida descrição dessas emergentes *pólis* segundo MUNFORD (1982):

“Abordamos a cidade grega vendo-a de fora; isto porque foi nos arrabaldes da cidade que as novas instituições que a edificaram a partir de tipos antigos encontraram morada. Mas, no centro da cidade

³⁵⁵ “*Diké*: compensação, processos legais, justiça.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 38.

³⁵⁶ A criação da *pólis* grega já era motivo de posições as mais variadas quanto às suas dimensões físicas. Conforme se percebe hoje, uma cidade é tanto mais problemática quanto maior ela for. Eis como o problema dimensional é levantado por Aristóteles na versão de Munford: “Aristóteles apresenta muitas razões, práticas e metafísicas para limitar o tamanho das cidades, mas o limite final é aquele tomado da experiência política. ‘Tanto os governadores como os governados - observa ele - têm deveres a cumprir; as funções especiais de um governador são comandar e julgar. Se, porém, os cidadãos de um Estado devem julgar e distribuir funções segundo o mérito, devem conhecer os caracteres uns dos outros; quando não possuem esse conhecimento, tanto a eleição de funções quanto a decisão de processos legais andarão errada. Quando a população é muito grande, são manifestamente distribuídas ao acaso, o que claramente não deveria ocorrer. (...) O melhor limite da população da cidade, pois, é o maior número suficiente para as finalidades da vida e que pode ser abrangido de um único olhar.’ ... *De um único olhar*: eis aí uma concepção ao mesmo tempo estética e política da unidade urbana. Essa visão sinóptica ou geral, que permitia ao cidadão, do alto da acrópole, contemplar toda a sua cidade tão prontamente quanto podia abranger a forma e o caráter de uma única pessoa, era a nota grega essencial. Isso diferenciava a cidade helênica, por mais amontoada que fosse, da propagação sem limites da megalópole supercrescida, que a precedera na Mesopotâmia e a seguiu na Itália, na África e na Ásia Menor.” *A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas*, op. cit., pg. 206.

³⁵⁷ *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 148.

³⁵⁸ *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 148.

grega, quando finalmente tomou forma no século V, encontravam-se as instituições características da antiga cidadela, quase inalteradas. Ali estava o templo, mantido vivo pelo antigo culto, com seus bairros próximos destinados a sacerdotes e sacerdotisas. Também ali se encontravam o velho palácio, que foi transformado num Paço Municipal, quando o poder real foi dividido entre magistrados eletivos, com um senhor da guerra, um senhor da lei e um senhor do santuário - embora, lembra-nos Robert J. Bonner, o chefe religioso do Estado fosse ainda conhecido como archon basileus, ou rei principal. Quanto ao ponto de encontro da aldeia, o ágora ou mercado, era muitas vezes situado na base da cidadela; mas o crescimento da função do mercado, quando uma cidade era ampliada ou reconstruída depois da destruição na guerra, muitas vezes provocava a sua remoção para a beira d'água, para facilidade do transbordo, da troca e da armazenagem. ... As atividades cotidianas de uma cidade grega eram desempenhadas ao ar livre, muitas vezes sob um sol radiante, algumas vezes sob as condições soturnas de um outono chuvoso ou de um inverno enevascado. Esse amor entranhado à vida ao ar livre compensava algumas das constrictões dos aposentos domésticos de moradia, especialmente para os membros masculinos da comunidade. O fechamento parcial como um dos novos luxos do período helenístico: quando os cidadãos perderam sua liberdade, consolaram-se com os contornos físicos, assim como os povos de nossa sociedade totalitária de novo fazem hoje em dia. Contudo, a acrópole permaneceu sendo o centro espiritual da pólis; e após o século VII, sua estrutura dominante não era mais o castelo, mas o templo. ... Como morada do deus da cidade, o templo tomou a forma da tradicional mansão palaciana, um grande salão com um ante-sala e um pórtico frontal; uma estrutura semelhante a um celeiro, com um teto de cumeeira cujos esteios de madeira seriam traduzidos, afinal, em rijas colunas dóricas ou jônicas de mármore. Aquela edificação geralmente abrigava as imagens esculpidas do deus ou deusa, cobertas de ouro, talvez com a cabeça de marfim e os olhos de pedras preciosas, como na famosa estátua de Atena feita por Fídias; ao passo que as estruturas exteriores e a decoração geométrica seriam pintadas em fortes tonalidades brilhantes, todas conduzindo uma pesada sobrecarga de significado simbólico. O grande templo seria apenas um de muitos templos e santuários menores, dispostos por toda a cidade, em sítios escolhidos não tanto pela sua importância estética, quanto pelos acontecimentos ou associações sagradas que davam ao local uma santidade especial. Tanto a progressão lógica quanto a ordem estética eram secundárias em relação aos sentimentos religiosos que o tempo tornara fixados.”³⁵⁹

Retornando aos heróis, seria reducionismo apreender a sua aparição apenas na perspectiva de uma necessidade numérica provavelmente motivada pela fragmentação da centralidade dos palácios. Se por um lado essa hipótese pode ser levantada por suas características meramente funcionais ou quantitativas, outros aspectos que também concorreram para a sua aparição certamente importam mais.

O primeiro refere-se à forma mesma desses heróis. Se anteriormente as antigas hierofanias se ocupavam em representar a idéia do divino através de objetos, plantas e animais sagrados, agora, e ainda, na esteira da *centralidade do humano* inaugurada em Creta, o herói passa a ser representado pela própria figura humana.

Essa mesma expressão antropomórfica distende-se pelos deuses e as várias divindades do panteão grego. Mesmo quando se trata de um herói, ou do semideus que é segundo a sua filiação, metade homem e metade deus, sua imagem é realizada formalmente segundo as características fisionômicas humanas. Nessa perspectiva, mais uma vez os *mythos* se apresentam como uma atualização de antigos valores.³⁶⁰

Como seria o esperado, segundo MARTIENSSSEN (1958), as transformações verificadas nessa passagem do fetichismo ao politeísmo repercutem também na organização dos ambientes construídos destinados aos cultos:

“O exame dos problemas extremamente complexos derivados de toda a estrutura dos rituais e da fé grega, excede em muito os limites de nosso estudo mas, não obstante, podemos supor em termos gerais que a concepção antropomórfica dos deuses constituiu um processo evolutivo que envolveu a transição

³⁵⁹ *A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas*, op. cit., pgs. 162 e 163.

³⁶⁰ Apesar da presença da *centralidade do humano* já ser visível na ilha de Creta, o *Minotauro* ainda era descrito e representado como sendo metade homem e metade touro. Trata-se, nesse caso, de apenas frisar que a existência dessa *centralidade* deve ser colocada numa perspectiva correta, ou seja, a da adoção de novas representações com o passar dos tempos e eventos. Assim, é somente na perspectiva da idade dos Heróis é que o antropomorfismo é levado a termo pelos vários *génos*.

do reconhecimento das forças misteriosas e implacáveis da natureza e a crença em certos deuses 'definidos e pessoais'. Em outras palavras, houve uma passagem do fetichismo ao politeísmo, o qual refletiu-se cabalmente na deliberada organização dos lugares sagrados de culto."³⁶¹

Decorre desse estreitamento formal entre homens e deuses outro estreitamento ideal, segundo o qual homens e deuses passam a ocupar um mesmo nível expressivo apesar de não possuírem as mesmas prerrogativas.

Ora, não significaria esse movimento uma tentativa dos homens em apropriar-se da *moira*,³⁶² ou o destino, atributo exclusivo dos deuses desde os primeiros tempos? Ou então, à semelhança do Mito de Prometeu não estariam os homens tomando gradativamente para si o seu próprio destino ao igualarem a forma divina à humana?

A própria concepção da figura do herói, um semideus de descendência humana e divina que se coloca num plano intermediário entre o profano e o sagrado parece denunciar essa aproximação. Os homens, de algum modo, igualam-se aos deuses, passam a possuir atributos similares ou parecidos. Assim, a representação da figura do herói segundo a estampa humana pode ter representado também a apreensão da antiga ambição humana em ter em suas mãos o seu próprio destino, e nesse caso, nada poderia aproximar mais os universos divino e profano do que retratar-se como um meio-deus, ou um semideus, meio homem e meio deus. Conforme se verá mais à frente essa proximidade desde já prenuncia a aproximação entre o divino e o humano na construção da concepção de *kósmos* para a construção da justiça na *pólis*.

O segundo e mais importante ponto diz respeito à capacidade sintética dos *mythos* e sua inscrição no esforço de atualização dos antigos elementos da cultura grega face às novas necessidades de organização de seu tecido ético. Segundo a sua tradição, o povo grego havia atravessado um largo período temporal expresso pelas Cinco Idades quais sejam: Idade de Ouro, Idade de Prata, Idade de Bronze, Idade dos Heróis e a Idade do Ferro. Essas idades apresentadas por Hesíodo, no século VIII a.C., conformam um plano histórico segundo o qual os homens, anteriormente próximos aos deuses, embrenharam-se num contínuo movimento decadência e afastamento em relação ao divino.

Eis a versão de BRANDÃO (1989) que por sua vez se apoia nos escritos de Hesíodo:

"Resumindo, pode-se dizer que Hesíodo apresentou o mitologema da Cinco Idades dentro de um esquema trifuncional:

- no primeiro plano (ouro e prata) há nítido predomínio da Díke (justiça);

- no segundo (bronze e heróis) reina a Hýbris (a Violência);

*- o terceiro (ferro) está vinculado a um mundo ambíguo, definido pela coexistência dos contrários: o bem se contrapõe ao mal; o homem opõe-se à mulher; o nascimento à morte; a abundância à penúria; a felicidade à desgraça. Díke e Hýbris, Justiça e Violência, uma ao lado da outra, oferecem ao homem duas opções igualmente possíveis entre as quais compete a ele escolher. A esse mundo tão contrário o poeta acena com a perspectiva aterradora de uma vida humana em que triunfará a Hýbris, restando ao homem tão-somente a anarquia, a desordem e a infelicidade. Da idade do ouro, em que reinou a Díke, chegou-se, com degeneração da humanidade, à idade do ferro em que triunfou por fim a Hýbris."*³⁶³

³⁶¹ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 71.

³⁶² Eis o sentido de *moira*, segundo Junito de Souza Brandão, quando aborda a questão do destino, "De início, vamos nos defrontar com *moira* ou *aísa*, a grande condicionadora da vida. A palavra grega *moira* provém do verbo *meiresthai*, obter ou ter em partilha, obter por sorte, repartir, donde *Moira é parte, lote, quinhão*, aquilo a que cada um coube por sorte, o *destino*. Associada a *Moira* tem-se, como seu sinônimo, nos poemas homéricos, a voz árcada-cipriota, um dos dialetos usados pelo poeta, *Aísa*. Note-se logo o gênero feminino de ambos os termos, o que remete à idéia de fiar, ocupação própria da mulher: o destino simbolicamente é 'fiado' para cada um. ... O destino jamais foi personificado e, em conseqüência, *Moira* e *Aísa* não foram antropomorfizadas: pairam soberanas acima dos deuses e dos homens, sem terem sido elevadas à categoria de divindades distintas. A *Moira*, o destino, em tese, é fixo, imutável, não podendo ser alterado nem pelos próprios deuses. Há, no entanto, os que fazem sérias restrições a esta afirmação e caem no extremo oposto: 'Aos olhos de Homero, *Moira* confunde-se com a vontade dos deuses, sobretudo Zeus.' ..." *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pgs., 140 e 141. Se a prerrogativa de Junito é correta e, *moira*, ou o destino, concebido como "fixo e imutável" entre aqueles gregos, isso indica que mais uma vez os homens se igualavam aos deuses por estarem cientes de que o destino não se faz nem mesmo por esses. Mais uma vez se nota uma profunda simetria conceptiva entre os mortais e os deuses o que pode ser um forte argumento para que os deuses sejam representados como os próprios homens.

³⁶³ *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 172.

Conforme se vê a sucessão temporal contida no mito das Cinco Idades descreve a perda de proximidade dos homens com relação aos deuses, ou de uma vida divina, a qual, gradativamente, é transformada numa vida nefasta regida pela desordem e injustiça. É nesse contexto colocado entre o caos, a violência e a injustiça, que emerge a figura do herói, como que indicando a possibilidade de temperança e do retorno a uma vida pacificada.

Segundo BRANDÃO (1989):

*“A quarta idade é a Idade dos Heróis, criados por Zeus, uma ‘raça mais justa e mais brava, raça divina dos heróis, que se denominam semideuses’.”*³⁶⁴

Assim a figura do herói, além de sua semelhança à figura humana, acumula em si uma a possibilidade redentora, pacificadora e, além do mais, exemplar. Esses heróis, ou semideuses, dividem-se em dois grupos antitéticos os quais expõem mais uma vez a violência e o destempero da fase monárquica grega. O primeiro grupo é constituído por heróis da Idade do Bronze, violentos, injustos e cultores do desprezo pelos deuses. São heróis embriagados ou dominados pela *hybris* (violência) e que aos deuses dirigem impropérios insultando-os destemidamente. Ao morrerem são lançados no *Hades* onde se tornam *nónymoi* (mortos anônimos) caindo no esquecimento. Entretanto, conforme ainda BRANDÃO (1989), o segundo grupo de heróis age de modo

*“que, como guerreiros justos, reconhecendo seus limites, aceitaram submeter-se à ordem superior da Díke [justiça].”*³⁶⁵

Essa segunda classe de heróis, mais bravos e mais justos, temperam-se pela *sophrosýne* (prudência) e respeitam todos os valores sagrados. A esses heróis, respeitadores e corretos em suas ações, será destinada após a sua morte, a Ilha dos Bem-Aventurados, onde viverão por toda a eternidade como deuses. Nessa perspectiva pode-se somar a perspicácia de Homero em justapor à forma humana uma outra valoração diferenciada entre o bom herói e o mau herói. Subentendida à diferenciação entre o bom e o mau herói reside a revalorização do espírito palaciano que se expressara por hábitos e costumes refinados e equilibrados, cavalheirescos e gentis, por uma ordem ética compassiva e sempre regida pelo bem e pela justiça. Assim os heróis deveriam ser exemplares aos olhos dos demais homens, deveriam ensinar-lhes como ser eticamente. Sua conduta é irrepreensível, encarna o que há de melhor entre os humanos na cultura grega. JAEGER (1995) ao comentar o herói homérico sublinha que:

*“A mais alta medida de todo o valor da personalidade humana é ainda, na Odisséia, o ideal herdado da destreza guerreira; mas a ele se junta a elevada estima das virtudes espirituais e sociais destacadas com predileção naquele poema. O seu herói é o homem a quem nunca falta o conselho inteligente e que para cada ocasião acha a palavra adequada. A sua honra é a sua destreza e o engenho da sua inteligência que, na luta pela vida e na volta ao lar, sai sempre triunfante em face dos inimigos mais poderosos e dos perigos que o espreitam.”*³⁶⁶

Fica claro assim que Homero busca sanar através da exemplar figura do herói as constantes e sangrentas disputas que corroem toda a Grécia sem que se chegue jamais a algum termo, sem que se cessem as lutas. Esse cenário predatório e inconstante impedia o livre transcurso da vida lançando a Grécia e suas formas organizacionais no mais profundo e insustentável *cháos*.³⁶⁷ Assim, o ideal da aristocracia palaciana transposta à figura cavalheiresca do herói ressurgue como uma alternativa instrutiva, como uma forma de *paidéia*³⁶⁸, como uma alternativa de ser e estar no mundo que se pretende pacificadora.

³⁶⁴ *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 176.

³⁶⁵ *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 176.

³⁶⁶ JAEGER, W.: *Paidéia - A Formação do Homem Grego*, São Paulo, Martins Fontes, 1995, pg. 45.

³⁶⁷ “**Caos**. [Do gr. *cháos*]. 1. *Hist. Filos.* Nas mitologias e cosmogonias pré-filosóficas, vazio obscuro e ilimitado que precede e propicia a geração do mundo; abismo. 2. Grande confusão ou desordem.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 272.

³⁶⁸ *Paidéia* é o termo empregado por Werner Jaegger para designar o que ele denomina “a formação do homem grego.” *Paidéia - A Formação do Homem Grego*, op. cit., pg. 07. Conquanto o autor se furte à sua precisa definição por razões óbvias, o termo estende-se por todas as formas de conhecimento e expressão daquele povo. Não seria exagero e sequer inverossímil apreender por esse termo nada mais nada menos que o contexto total da cultura grega que se infiltra pela formação do corpo, da mente e do espírito em todas as suas possíveis manifestações.

Essa perspectiva redentora da atualização dos *mythos* se torna tanto mais interessante quando apresentada numa perspectiva mais ampla. Parece consensual entre os vários autores que os poemas atribuídos a Homero não são de fato uma construção poética de apenas um homem, mas sim da justaposição de vários cânticos heróicos, sagas e poemas acumulados por gerações na forma da tradição oral. Nesse sentido os poemas homéricos ganham uma nova conotação mais vívida segundo a qual os poemas reúnem-se sob a perspectiva de uma exemplaridade ética de uma comunidade e não apenas da vontade de um só homem. Como quer JAEGER (1995):

*“Esse caráter, [o caráter do herói guerreiro descrito na Odisséia], não isento de objeções entre os Gregos e sobretudo entre as tribos da Grécia peninsular, não é criação individual de um poeta [Homero]. Séculos inteiros cooperaram na sua formação, o que explica as suas freqüentes contradições.”*³⁶⁹

Assim, caberia aos homens espelharem-se na nobre figura dos heróis, assenhorem-se daqueles ideais, seguirem o seu valor mais precioso sintetizado na sua *areté*.³⁷⁰ Para a figura do herói, convergem todos os esforços conceptivos que realizem nessa figura imaginária os ideais das ações justas, ponderada e corretas. Esse semideus exemplar colocado centralmente na poética e atravessando os *mythos*, encarna a possibilidade equilibrada de ser e estar no mundo povoado de justiça, um ser ponderado e forte, quase inextinguível; exemplo de um poder supra-humano que se realiza no mundo pautado pela conduta equilibrada posta entre os deuses e os homens.

Assim daquele cenário de injustiça e destempero que se apresenta entre as anteriores monarquias ou entre os vários *génos* aqueus, a figura do herói encarna as noções do bem na justa dimensão do humano, encarna a possibilidade de reunificação de um tecido ético segundo uma intencionalidade que é pacificadora e assim, civilizatória. Segue à decomposição do ideal aristocrático e cavalheiresco a sua atualização e a sua superação na paradigmática figura do herói.

Por outro lado, esses poetas, ao disporem a cosmogonia e a teofania segundo uma ordem atualizada, reorganizam-nas no tempo, imprimem a essas duas formas míticas a ordenação dos eventos sucessivos no tempo. Ora, quer por sua exemplaridade, quer por seu poder sintético, essa nova reorganização temporal dos *mythos* pode ter alterado incisivamente o que se denomina de “*esquema cronomorfo*”³⁷¹ daqueles gregos. Como uma forma acabada e disposta no sentido da reunificação apaziguante da cultura grega, a figura do herói, insere-se entre o passado e o futuro organizando-os, e assim, abrindo ao grego comum a possibilidade de situar-se num mundo diverso do anterior ainda que se apresente como uma versão atualizada num novo mundo de cultura. Eis mais uma vez a importância da figura central do herói disposto entre o passado e o presente e que por sua exemplaridade atua no presente imediato conferindo consequência às novas ações atualizadas.

Segundo VAZ (1992), o “*esquema cronomorfo*” representa a forma do sujeito situar-se no tempo, sendo por isso uma importante categoria de construção do *ethos*:

“... é o esquema cronomorfo, ao qual corresponde, na linguagem comum, a categoria de acontecimento. Segundo esse esquema, o mundo recebe, na relação de objetividade, a forma de curso ou sucessão de acontecimentos, segundo a ordem não-reversível do antes e do depois. A sucessão dos acontecimentos atravessa assim o mundo com a flecha do tempo, e permite ao homem estar presente ao fluir das coisas, dando-lhe o sentido invariável do que ‘aconteceu’, do que ‘acontece’ e do que ‘deverá ou poderá

³⁶⁹ *Paidéia - A Formação do Homem Grego*, pg. 45.

³⁷⁰ “*Areté: excelência e virtude.*” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 38. Contudo o seu significado é mais amplo. “O tema essencial na história da formação grega é antes o conceito de *arete*, que remonta os tempos mais antigos. Não temos na língua portuguesa um equivalente exato para este termo; mas a palavra ‘virtude’, na sua acepção não atenuada pelo uso puramente moral, e como expressão do mais alto ideal cavalheiresco unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro, talvez pudesse exprimir o sentido da palavra grega. Basta isto para concluirmos onde devemos procurar a origem dela. É às concepções fundamentais da nobreza cavalheiresca que remonta a sua raiz. Na sua forma mais pura, é no conceito de arete que se concentra o ideal de educação dessa época.” *Paidéia - A Formação do Homem Grego*, op. cit., pg. 25.

³⁷¹ **Cronomorfo**: “De *Chrónos* = tempo e *morphé* = forma.” *Antropologia Filosófica II*, São Paulo, Edições Loyola, 1992, nota nº 85, pg. 43. Na esteira da definição da relação de Objetividade, quando essa se define pela expressão do mundo no pólo Forma, seguem-se dois esquemas fundamentais segundo os quais a linguagem comum se articula. São eles os esquemas cronomorfo e o esquema topomorfo.

acontecer'. Do mesmo modo como nas coisas podemos distinguir entre o próximo e o distante, assim podemos distinguir no tempo os eventos repetíveis, que são cíclicos ou previsíveis e permitem ao homem fixar pontos de referência na sucessão dos acontecimentos e mesmo, familiarizando-se com o tempo, construir nele a sua morada (o tempo da vida), e os eventos insólitos, enigmáticos ou inesperados, com os quais o homem nunca se familiariza totalmente, como o nascimento e a morte, que rompem o fluxo habitual do tempo, assim como as coisas-enigma rompem a continuidade familiar do espaço.”³⁷²

Assim segundo esse ponto de vista, o encadeamento dos eventos míticos no tempo, segundo uma disposição conseqüente, pode ter alterado sensivelmente o situar-se no tempo dos sujeitos gregos. Conforme a exemplaridade dos novos *mythos*, a antiga cadeia temporal é agora atualizada ordenadamente, talvez já indicando a razão conseqüente da posterior idéia de *logos*.

Há ainda um outro pano de fundo necessário à compreensão do surgimento dos heróis. Dos esforços da aristocracia grega em colonizar a Ásia Menor, decorre a necessidade da criação de uma figura que fosse ao mesmo tempo paradigmática e exemplar. Sem essa brava e exemplar figura é provável que o empenho dos colonizadores se esvanecesse. O herói grego em muito se assemelha ao que séculos mais tarde será a imagem do destemido e justo cavaleiro que degola os mouros em nome de um deus durante as Cruzadas no período Medieval. Conforme VEGETTI (1994), a figura do herói encerra um ideal de homem, um loa constantemente cantado que evoca um ideal, uma imagem sacrossanta alentadora e encorajadora que se coloca entre a meta expansionista e a própria realização de seus atos:

“O gesto fundador da poesia épica, o seu olhar configurador do universo da divindade como narração antropomórfica, está associada à cultura da aristocracia grega empenhada na colonização da Ásia Menor. Na poesia épica, essa aristocracia exalta-se a si mesma, as suas origens e os seus heróis, e ao mesmo tempo dá forma, projetivamente, às suas divindades: os seus deuses não derivam propriamente, como escreve Snell, do culto ou dos ensinamentos dos sacerdotes; ‘são criados pelo canto, juntamente com os heróis’.”³⁷³

Contudo o empenho pela exemplaridade desses semideuses reclama pelo reconhecimento, reclama por uma justa celebração de suas virtudes. Assim, a mitologia sabiamente inventa a figura dos *Hecatonquiros*, e o seu mitologema. Eles são seres sobrenaturais retirados do Tártaro por Zeus e que o auxiliam na batalha final contra os Titãs. Uma vez vencida a batalha, os Hecatonquiros, gigantes de cem braços e cinqüenta cabeças, recebem de Zeus não só a Ilha dos Bem-Aventurados como também o néctar e a ambrosia, o alimento dos deuses, tornando-se imortais. Conforme ainda BRANDÃO (1989), essa nova forma mítica associa definitivamente a função do guerreiro com a promessa da Ilha dos Bem-Aventurados, ou seja, torna o combate uma função divina que se não for devidamente recompensada em vida o será após a morte:

“Claro que o gesto de Zeus para com os Hecatonquiros não deixa de ter uma intenção política, mas, a partir daí, recorrendo aos guerreiros, aos militares, o deus da Díke associa para sempre a função guerreira à soberania. A partir daí, o cetro terá que apoiar-se na lança.”³⁷⁴

Estabelece-se assim, uma convenção que atravessa a necessidade expansionista da aristocracia grega e que desemboca na exaltação compensatória do caráter de seus maiores agentes, os heróis. Estabelece-se assim um círculo entre a criação de um quadro de combatentes constituídos segundo a forja dos mais elevados ideais cavaleirescos e a sua compensação que, caso não estivesse assegurada em vida por recompensas materiais após as conquistas ou trabalhos, ao menos lhes fossem assegurados espiritualmente com a promessa da Ilha dos Bem-Aventurados após as suas mortes. Conforme se vê, não foram poucas as vezes em que a poética esteve fundamentalmente comprometida com os desígnios de um povo.

Sinteticamente, concorrem para as figura dos heróis, essa nova forma mítica, a atualização das antigas hierofanias agora transcritas num círculo que apreende em si o zoomorfismo transposto ao antropomorfismo, a nostalgia e a necessidade de atualização da antiga e compassiva ordem palaciana no novo contexto dispersivo e truculento dos *génos* e, sobretudo, a possibilidade de pacificação dos clãs pela exemplaridade do

³⁷² *Antropologia Filosófica II*, op. cit., pg. 23.

³⁷³ *O Homem Grego*, op. cit., pg. 237.

³⁷⁴ *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 176.

herói como um modelo de *paidéia*.

Assim é que, mais uma vez e a exemplo do que ocorreu no período Mesolítico, onde o intervalo dos séculos não deixa registros, emerge das profundezas do poder de adaptação do homem as antigas hierofanias, colocadas agora no horizonte da centralidade humana que as transformam em *mythos*. Esses *mythos*, que encerram as vicissitudes e a exemplaridade ímpares dos heróis, muito mais do que representarem uma perspectiva mais descentralizada da antiga sacralidade monárquica justaposta à nova forma associativa imputada pelas invasões jônicas significa, sobretudo um alento à unificação ética que vai sendo montada entre a necessidade de pacificação e a diversidade dos *gênos* através da nova idéia da *dike*. São pois uma síntese. Segundo VEGETTI (1994):

*“Todavia, e devido a essas mesmas características, o politeísmo que emerge da massa emaranhada dos relatos míticos é caótico, confuso, desprovido de uma forma imediatamente compreensível e controlável. A intervenção da poesia épica - principalmente, a Ilíada, embora não faltem provavelmente antecedentes micênicos - é acima de tudo uma operação de seleção e de ordenamento, imprimindo uma forma orgânica e visível à esfera do divino, que passa a ficar indelevelmente marcada. Portanto, o politeísmo, antropomórfico e ordenado segundo relações funcionais e de poder muito precisas, da Ilíada é o sinal de uma extraordinária revolução intelectual, que dá à religião grega a sua forma histórica.”*³⁷⁵

Assim, os novos *mythos* sintetizam e atualizam as antigas tradições da mesma forma como as apresenta sob os novos signos dos novos tempos. É assim, uma atualização das antigas hierofanias, das quais retira seus elementos mais tradicionais e profundamente arraigados para transportá-los a uma nova ordem segundo as novas realidades impostas pela ruína do período palaciano. Nessa perspectiva o esforço de recomposição desses *mythos* num todo articulado e orgânico de modo a torná-los inteligíveis e significativos trata-se indubitavelmente de um esforço de reunificação ética. Abrem-se assim, como os depositários de uma tradição perdida e como o prenúncio de uma nova possibilidade de ordenação das comunidades gregas. Numa perspectiva mais ampla, segue à antiga *centralidade do humano* da ilha de Creta essa nova forma que abre ao Ocidente as portas da civilização.

Esse movimento de atualização e reunificação ética apresenta ainda uma outra característica. Trata-se da forma de expressão desses novos *mythos* que é a poesia, uma forma eminente artística. JAEGGER (1995) ressalta o valor educativo dos poemas por se tratarem de expressão artística:

*“Por outro lado, os valores mais elevados ganham, em geral, por meio da expressão artística, significado permanente e força emocional capaz de mover os homens. A arte tem um poder ilimitado de conversão espiritual. É o que os Gregos chamaram psicagogia. Só ela possui ao mesmo tempo a validade universal e a plenitude imediata e viva, que são as condições mais importantes da ação educativa. Pela união destas duas modalidades de ação espiritual, ela supera ao mesmo tempo a vida real e a reflexão filosófica. A vida possui a plenitude de sentido, mas as suas experiências carecem de valor universal. Sofrem demais a interferência dos sucessos acidentais para que a sua impressão possa alcançar sempre o grau máximo de profundidade. A filosofia e a reflexão atingem a universalidade e penetram na essência das coisas. Mas atuam somente naqueles cujos pensamentos chegam a adquirir a intensidade de uma vivência pessoal. Daqui resulta que a poesia tem vantagem sobre qualquer ensino intelectual e verdade racional, assim como sobre as meras experiências acidentais da vida do indivíduo. É mais filosófica que a vida real (se nos é lícito ampliar o sentido de uma conhecida frase de Aristóteles), mas é, ao mesmo tempo, pela concentração de sua realidade espiritual, mais vital que o conhecimento filosófico.”*³⁷⁶

Nessa perspectiva reside mais uma vez a argúcia e a engenhosidade gregas ao atualizarem as suas tradições. A forma poética, amplamente difundida e valorizada entre aqueles povos, não poderia ser mais adequada à veiculação dos novos valores éticos.

À saída da Idade dos Heróis, a Grécia sofre mais uma onda de invasões. Dessa vez são os Dórios. Mais uma vez alteram-se os hábitos e costumes. Se esses já haviam sido modificados à saída do período palaciano,

³⁷⁵ *O Homem Grego*, op. cit., pg. 237.

³⁷⁶ *Paidéia - A Formação do Homem Grego*, op. cit., pg. 63.

novamente encontrarão novas formas de relacionarem-se uns com os outros e com a natureza. Nesse mesmo sentido dispersivo e fragmentário colocam-se as invasões Dórias. A violência segundo a qual os Dórios conquistam a Grécia continental parece não ter conhecido precedentes. Conforme DURANT (1966):

“Por volta do ano 1104 a.C., alastra-se pela Grécia uma nova onda de imigração ou invasão, vinda do inquieto e expansionista norte. Através da Ilíria e da Tessália, pelo golfo de Corinto em Naupacto e por sobre o istmo de Corinto, um povo belicoso, de estatura elevada, de cabeça redonda e iletrado, marchou ou inundou o Peloponeso, dominando-o e destruindo, quase por completo, a civilização miceneana. Temos dúvida quanto à sua origem e procedência, mas conhecemos bem ao certo o caráter e influência desse povo. Achava-se ainda no estágio da caça e do pastoreio; raramente lembrava-se de cultivar a terra, e seu principal apoio era o gado, cuja necessidade constante de novos pastos punha as tribos sempre em marcha. Uma coisa possuíam em quantidade jamais vista - ferro. Eram emissários da cultura de Hallstatt na Grécia (Hallstatt foi a cidade da Áustria cujas minas deram o nome ao primeiro período do ferro na Europa) e o resistente metal de suas espadas e almas deu-lhes impiedosa supremacia sobre os aqueus e cretenses, que para matar ainda se serviam do bronze. Provavelmente invadiram os pequenos reinos isolados do Peloponeso, vindos de ambos os lados, de oeste para leste, de Elis e de Mégara, vencendo pelas armas as classes dominantes e transformando os remanescentes miceneanos em hilotas. Micenas e Tirinto foram destruídas pelas chamas, e durante alguns séculos Argos tornou-se a capital da ilha de Pélops. No istmo os invasores apossaram-se dum pico - o Acrocorinto - e a sua volta construíram a cidade dórica de Corinto. Os aqueus sobreviventes fugiram; alguns refugiaram-se nas montanhas ao norte do Peloponeso, outros na África, outros atravessaram o mar rumo às ilhas e costas da África. Os conquistadores perseguiram-nos, chegando até a Ática, mas foram rechaçados, seguiram-nos até Creta e completaram a destruição de Cnossos; capturaram e colonizaram Melos, Tera, Cós, Cnido e Rodes. Em toda a extensão do Peloponeso e de Creta, onde a cultura miceneana florescera com maior força, mais completa foi a devastação.”³⁷⁷

Tamanha impiedade desses novos invasores Dórios somente poderia desembocar na total fragmentação das formas de organização econômica, social, religiosa e cultural baseada no modelo político do feudalismo, onde a figura do rei ou o monarca, a exemplo dos egípcios, centralizava não só o poder como também a instância divina, rompe-se, simultaneamente, a centralidade do palácio como pólo a partir do qual a vida se organizava, assim como as centralidades territoriais e a da instância divina.

Há, contudo, outro ponto de vista que, de acordo BRANDÃO (1989), alteraria radicalmente a forma de ser e estar dos gregos de então: a revolução do matriarcado cretense ao “*patriarcado feroz*” desse novo povo invasor:

“As grandes ‘novidades’ dóricas foram no plano social e religioso. Fortemente organizados em torno de seus chefes militares, os invasores estavam ainda muito presos e ligados à primitiva e belicosa sociedade indo-européia. Reinava entre eles um patriarcado feroz, dada a superioridade do homem como guerreiro. Houve, nesse sentido, um retrocesso muito sério em relação aos reinos aqueus, onde a mulher, mercê de sua influência matriarcal cretense, gozava de uma liberdade, de uma estima e de um respeito, que nunca mais ela terá, ao menos na Grécia continental. Vivendo em comunidades, indissoluvelmente ligados pela camaradagem bélica, os homens prolongavam na vida diária essa convivência íntima, própria da guerra em que estavam empenhados. Desse modus vivendi originaram-se, certamente, dois hábitos, que se não de perpetuar no helenismo: a nudez do atleta e a pederastia.”³⁷⁸

Ora, é certo que, a despeito da ironia do autor, as conseqüências da modificação do matriarcado ao patriarcado não poderiam ser avaliadas apenas pela “*nudez do atleta e a pederastia*”. É claro que esse assunto não poderia ser devidamente explorado aqui, mas presume-se que essa nova modificação implicaria numa profunda alteração no modo conceutivo grego. Onde fluía a leveza das vestes e gestos femininos, agora imperaria o peso masculino das espadas de ferro. Assim sepultou-se definitivamente o anterior sincretismo religioso habilmente construído pelos Aqueus. Onde imperava o equilíbrio creto-micênico, posto ali entre o matriarcado cretense e o patriarcado aqueu, agora encontrava-se o mais grosseiro patriarcado

³⁷⁷ A *História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pgs. 50 e 51.

³⁷⁸ *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 103.

segundo o qual as mulheres deveriam transformar-se em atletas, seres rudemente preparados segundo um rigor quase militar. A graça feminina dos palácios minóicos, dos hábitos da corte, das vestes translúcidas, dos corpos insinuantes, do requinte das jóias, tudo isso desaparece. Em seu lugar emerge uma outra concepção de vida utilitarista e crua. A mulher perde definitivamente sua liberdade e igualdade nas cidades, no território da ilha.

Se entre elas existia habitualmente a desenvoltura dos percursos que se iniciava nos palácios e que alcançava as cidadelas desdobrando-se todo o território da ilha de Creta num ir e vir constante, agora, com o advento do poderio militar, tudo se transforma. Se anteriormente, muito pouco ou quase nada lhes era interdito, nesse novo momento os rigores da nova ordem lhes impõem severos interditos. Sua antiga posição na corte, que lhes propiciava um envolvimento nos negócios dos palácios sempre intenso, lhes garantia a participação nas atividades religiosas e até mesmo nos perigosos e audaciosos exercícios da *Taurocathapsía*. Tudo agora as transformava rudemente em outra forma de ser sob os auspícios de uma ordenação guerreira.

Com relação ao panteão divino, o novo patriarcado militar destitui lentamente as divindades femininas e em seu lugar é colocada definitivamente a figura de Zeus e toda uma linhagem de deuses masculinos: tradução inequívoca da nova ordem guerreira. Consequentemente, segue-se no campo das expressividades que a antiga delicadeza perceptível na liberdade compositiva dos afrescos será atualizada, não segundo aquele voluntarismo criativo, mas conforme a razão ortogonal, a razão reta, *orthòs logos*, evidentemente presente nas ordens gregas.

A partir dessa última onda de invasões a Grécia emerge definitivamente da Idade dos Heróis para ingressar no período **Helênico**.³⁷⁹

³⁷⁹ Will Durant situa o período Helênico ou a Idade de Ouro da Grécia entre o nascimento de Péricles (494 a.C.) e o julgamento, a condenação e morte de Sócrates (399 a.C.). É nesse período, posterior ao fim da Guerra Grego-Persa, guerra essa movida por um lado pela disputa e manutenção de rotas comerciais marítimas e terrestres, e por outro pela ameaçadora superexpansão do Império Persa promovida sobretudo por Dario, que Atenas retoma seu equilíbrio gozando de imenso prestígio perante as demais cidades-estado gregas e, é claro, cobra pelos serviços prestados em guerra. “Atenas dominou esse período porque conquistara a confiança - e as contribuições - da maioria das cidades do Egeu, graças ao papel de líder que desempenhou na salvação da Grécia; e porque, quando terminou a guerra, a Jônia estava empobrecida e Esparta desorganizada pela desmobilização, o terremoto e o amotinamento, enquanto a frota criada por Temístocles assegurava a Atenas conquistas comerciais equivalentes às vitórias de Artemísio e de Salamina.” *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pg. 193. Além do mais, o fim dessa guerra acena com a liberdade e assim para a forma hoje conhecida da cultura Ocidental. “A Guerra Greco-Persa foi o mais importante conflito da história ocidental, pois graças a ela a Europa tornou-se viável. Essa luta conquistou para a nossa civilização a oportunidade de desenvolver sua vida econômica liberta do peso dos tributos estrangeiros, e com suas instituições livres da pressão dos reis orientais. Abriu à Grécia larga senda para a primeira grande experiência da liberdade; preservou durante três séculos o espírito grego contra o enervante misticismo do Oriente e assegurou para os empreendimentos gregos a absoluta liberdade marítima. A esquadra ateniense de Salamina abriu todos os portos do Mediterrâneo ao comércio grego, e a expansão comercial decorrente desse fato foi a base da riqueza que financiou o bem-estar e a cultura da Atenas de Péricles. A vitória da pequena Hélade contra inimigos tão bem superiores em número estimulou o orgulho e levantou o espírito do povo, levando-o a realizar coisas sem precedentes. Depois de séculos de preparação e sacrifício, a Grécia entrava em sua Idade de Ouro.” *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pg. 190.

CAPÍTULO 7.

O Território Grego e Suas Implicações nos Hábitos e Costumes.

7.1. O Mar-Território Grego: as Características Geomorfológicas e a Homogeneidade da Cultura Grega. *As Formas Nucleadas das Thémistes / A Geomorfologia do Território Grego / A “Topografia Formidavelmente Áspera” / O Isolamento das Tribos / A Crespidão das Ilhas / Os “Gregos Anfíbios” / O Mar-Território Como a Ecosfera Grega / A Vocação Rácica e o Ethos / A “Redundância da Linha Costeira” e a Formação de um Mesmo Ethos / O Mediterrâneo e a Dispersão da Cultura Grega / Os Tradicionalidade dos Hábitos e Costumes e a Manutenção da Cultura Grega.*

7.1. O Mar-Território Grego: as Características Geomorfológicas e a Homogeneidade da Cultura Grega.

As Formas Nucleadas das Thémistes / A Geomorfologia do Território Grego / A “Topografia Formidavelmente Áspera” / O Isolamento das Tribos / A Crespidão das Ilhas / Os “Gregos Anfíbios” / O Mar-Território Como a Ecosfera Grega / A Vocação Rácica e o Ethos / A “Redundância da Linha Costeira” e a Formação de um Mesmo Ethos / O Mediterrâneo e a Dispersão da Cultura Grega / Os Tradicionalidade dos Hábitos e Costumes e a Manutenção da Cultura Grega.

Conforme o exposto anteriormente a conformação da *pólis* grega se deve diretamente à antiga idéia de centralidade dos palácios dos períodos minóico e cretense que passam por substanciais transformações. Entre elas encontra-se o seu estatuto político construído pela noção de *díke*, ou justiça, que emerge, das antigas *thémistes*, da justiça dos núcleos patriarcais, ou os clãs. Tratam-se pois, de cidades-estados onde seria possível perceber a ordenação da vida civil pela *díke* e de seu território claramente delineado. Mas que outros fatores poderiam ter reforçado o surgimento dessas formas nucleadas patriarcais assim que as tribos nômades se fixam no território grego?

Uma das hipóteses recai sobre o próprio território grego e sua formação geomorfológica que determina a intensa irregularidade tanto do território continental, representado pela península Balcânica e o Peloponeso, e ainda as suas ilhas, as Cíclades e Creta. Sua característica principal são os constantes recortes, tanto no litoral como em seu interior.

Conforme a **figura 84**³⁸⁰, à frente, mostra a porção continental do território grego é basicamente constituído pelo sistema montanhoso dos Balcãs que, partindo do sudeste europeu, orienta-se mais ao sul conformando a península Balcânica. Essa grande formação geológica ocupa quase toda a Macedônia e Epiro e, em seguida e mais ao sul, conforma toda a extensão de terras da Tessália, Etólia, Fócia, Beócia e Ática, sendo interrompido pelos golfos de Corinto e da Eubéia para novamente construir a topografia da ilha Eubéia e do Peloponeso. Nessas cadeias montanhosas as altitudes médias se encontram entre os 1000 e 2500 metros

³⁸⁰ Legenda da **figura 84**: “A topografia montanhosa da Grécia, com planícies férteis e bacias separadas por planaltos acidentados, possibilitou o desenvolvimento de Estados independentes no período micênico. Cada um desses reinos era centrado em um palácio ou cidadela acompanhado de um cemitério de tumbas em ‘tholos’ (em forma de colmeia arredondada) para o sepultamento da elite governante.” *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 67.

acima do nível do mar e são geralmente ladeadas por planícies sedimentares, cultiváveis e aráveis, situadas por volta dos 200 metros acima do Mediterrâneo.

À exceção desses vales aluviais menos acidentados, proporcionalmente reduzidos com relação às partes mais altas, o restante do território grego é conformado por altas massas de calcário escarpadas às quais se sucedem vales e depressões profundas, secularmente escavadas pelas águas pluviais. Assim, o território grego ou é constituído como uma sucessão de pináculos íngremes, os quais, aqui e ali apresentam cumes planos, ou como um sistema de gargantas e desfiladeiros estreitos e profundos. Não é sem razão que MUNFORD (1982) os descreve segundo uma

*“topografia formidavelmente áspera.”*³⁸¹



É essa topografia extremamente recortada que certamente facilitou ou potencializou a fragmentação de sua ocupação sob a forma de unidades política independentes. Segundo GLOTZ (1980):

*“Na verdade, as condições geográficas da Grécia contribuíram fortemente para dar-lhe a sua feição histórica. Recortada pelo contínuo embate entre o mar e a montanha, a Grécia apresenta em cada palmo do seu território estreitas depressões cercadas de montanhas cujo acesso só é possível pelo litoral. Formam-se assim inúmeros cantões, cada um dos quais é o receptáculo natural de uma pequena sociedade. A fragmentação física determina, ou pelo menos facilita, a fragmentação política. Para cada compartimento existe uma nacionalidade distinta. Imaginem-se, num vale fechado, pastagens banhadas por riachos, bosques sobre as colinas, pradarias, vinhedos e olivais que dêem para alimentar algumas dezenas de milhares de habitantes, raramente mais de cem mil, e, mais adiante, um outeiro que pode servir de refúgio em caso de ataque e um porto para contato com o exterior, e ter-se-á uma idéia do que é para um grego um Estado autônomo e soberano.”*³⁸²

São esses “cantões”, providencialmente protegidos por um único acesso e generosos o suficiente para abrigar um número satisfatório de pessoas, o primeiro argumento em favor da fragmentação política. Em sua consciência, nenhum grego reuniria argumentos suficientes para abandonar tais paraísos. Contudo, outros fatores favoreceram a organização política fragmentária grega. São fatores ainda associados às questões geomorfológicas que reforçam a tese de Glotz. As temperaturas. Se o território grego mostra-se intransponível dado o seu perfil escarpado é durante o inverno que esses percursos se tornam mais árduos. Conforme o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995):

*“A chave da história grega é a ‘pólis’, ou cidade-estado, comunidade limitada independente e autônoma, que exigia dos membros lealdade total. Surgiu graças à geografia da Grécia, território montanhoso com a costa salpicada de pequenas planícies, separadas por montanhas cuja travessia é difícil em qualquer época do ano e praticamente impossível no inverno. Tais planícies favoreceram a formação de unidades políticas naturais, em geral bem pequenas: poucas precisavam de cinco dígitos para indicar o número de habitantes. Aristóteles dizia que uma ‘pólis’ de 100 mil cidadãos - ou seja, 100 mil homens adultos e livres - deixaria de ser uma ‘pólis’.”*³⁸³

Como se vê, se o relevo propicia, num primeiro momento, a organização territorial fragmentária, as temperaturas dos invernos assim o determinam. As agradáveis e amenas médias dos verões gregos são substituídas por um clima muito menos favorável nos invernos. A Grécia, por situar-se acima do trópico de Câncer, apresenta temperaturas de inverno que vão dos sete graus negativos nas regiões mais altas, aos dez graus positivos nas faixas litorâneas. Desse modo se o clima de inverno se mostra ameno nas faixas litorâneas o mesmo não acontece nas montanhas onde a neve é uma ocorrência real impedindo o trânsito

³⁸¹ A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas, op. cit., pg. 136.

³⁸² A Cidade Grega, op. cit., pg. 1.

³⁸³ Atlas da História do Mundo, op. cit., pg. 74.

dessas tribos.³⁸⁴ Eis mais uma razão para o isolamento dos *génos*.

Outro ponto de vista esclarecedor para a fragmentação das cidades-estados continua ainda na esteira das temperaturas. Conforme o exposto acima, as médias de inverno das faixas litorâneas possibilitavam o transcurso normal da vida, o que favorece sobremaneira o rústico cultivo agrícola por todo o ano. Some-se a essas temperaturas os índices pluviométricos que oscilam entre quinhentos e oitocentos milímetros anuais, o que sem dúvida não pode ser descrito como um regime pluviométrico generoso. Entretanto, há a compensação das incessantes brisas mediterrâneas e a evaporação constante do mar, suficientes à manutenção dos cultivos mais rústicos. Assim as culturas de subsistência das primeiras ocupações jamais estiveram comprometidas pelas variações climáticas o que assegura que os gregos jamais estiveram submetidos à necessidade de deslocarem-se em busca de alimentos.

Assim, as condições climáticas e os regimes pluviométricos, desde sempre facilitaram a permanência prolongada numa mesma região sem que houvesse necessidade de deslocamentos constantes o que certamente colabora para a formação do sentimento de autonomia, de autogoverno. Nessa perspectiva essa é mais uma razão para que os *génos* se constituíssem como unidades isoladas e autossuficientes, ensimesmadas, e não como uma só força política permanentemente articulada.³⁸⁵ Cada um dos *génos* bastava-se a si mesmo.

Associando-se o argumento das médias de temperatura às condições de cultivo do solo, que, conforme foi dito, além de serem poucos só alimentam o cultivo de espécimes vegetais mais rústicas, decorre ainda outra característica do povo grego: a disponibilidade de tempo para outros afazeres que não os cuidados com a terra. Como quer MUNFORD (1982):

*“Dentro de um estreito espaço de talvez trinta quilômetros, desde o mar até o alto da montanha, a natureza proporcionava uma ampla variedade de climas e tipos de vegetação. Se eram abundantes as colheitas de cereais nos solos férteis dos vales inferiores [Mesopotâmia e Egito], as árvores frutíferas e produtoras de bagas, especialmente a oliveira e o castanheiro, parcialmente libertavam os atarefados ocupantes da escravidão do solo improdutivo. Até mesmo os camponeses do Egeu podiam conhecer o lazer e gozar seus frutos.”*³⁸⁶

Nessa perspectiva, a própria terra, por sua constituição geomorfológica peculiar, liberta o homem grego de seus afazeres mais rigorosos abrindo outras perspectivas que não estivessem apenas comprometidas com a sua subsistência. Assim, se existe alguma relação entre a disponibilidade de tempo e o trabalho mais detido e cuidadoso, ela parece ter nascido também entre os gregos continentais. Como sugere o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995):

*“Os cretenses do período palaciano eram ótimos artesãos, tendo decorado os palácios com afrescos de cores intensas e naturalistas. Também se sobressaíram na manufatura de cerâmica (produzindo vasos, finos como cascas de ovos), trabalhos em metal, entalhe de gemas e produção de tigelas esculpidas em variados materiais.”*³⁸⁷

Talvez seja essa a explicação para a inegável habilidade manufatureira grega que mais tarde terá sua expressão evidenciada nos trabalhos de escultura em mármore e nos adornos da arquitetura templária.

Assim é que o sistema montanhoso que conforma as terras gregas, em momento algum despertou a necessidade de intercâmbio ou de colaboração entre as várias tribos. Além do mais, nenhum fenômeno natural destrutivo manifestava-se regularmente a ponto de constituir-se como uma força coercitiva externa aos grupos e que lhes impingisse a necessidade de colaboração entre as primeiras aglomerações gregas. Quando trata da “*Emergência da Pólis*”, MUNFORD (1982) menciona as diferenças entre os gregos e os povos da antiga Mesopotâmia e o Egito.

³⁸⁴ Dados sobre as temperaturas colhidas a partir de: *Atlas Geográfico Mundial*, São Paulo, Empresa Folha da Manhã; 1994, pg. 25.

³⁸⁵ Dados sobre os índices pluviométricos colhidos a partir de: *Atlas Geográfico Mundial*, op. cit., pgs. 25 e 26.

³⁸⁶ *A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas*, op. cit., pg. 135.

³⁸⁷ *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 66.

Diferentemente das culturas das planícies constituídas pelos vales sedimentares do Tigre e do Eufrates na Mesopotâmia, ou mesmo o vale do Nilo no Egito, a situação grega sempre se dirigiu por relações distintas com o meio ambiente, as quais apontam para o sentido de autonomia em detrimento de um colaboracionismo necessário. O historiador das cidades, MUNFORD (1982) refere-se, sobretudo às diferenças encontradas entre essas duas culturas eminentemente agrícolas que desenvolvem-se ao longo dessas terras férteis alimentadas pelos detritos dos rios:

*“Se as antigas cidades da Mesopotâmia eram centros mobilizadores para o controle do rio e para enfrentar os danos causados por tempestades, nada havia nas cidades egéias a promover aquela espécie de cooperação e unificação em larga escala: o próprio terreno não admitia muita remodelação humana. Até onde uma pedreira poderia deixar uma impressão na ilha de Faros, quando a montanha inteira era uma massa de mármore? Se, porém, afora as diferenças entre norte e sul, prevaleciam condições razoavelmente uniformes entre as Cidades da Planície, justamente o contrário acontecia naquelas comunidades egéias.”*³⁸⁸

O autor prossegue argumentando que as cidades egéias sempre estiveram confortavelmente instaladas em seus “cantões” razoavelmente abastecidos de água potável, à distância de grandes de transtornos naturais, providos de várias possibilidades de cultivos, e ainda, devidamente protegidos contra ataques furtivos. Assim, ao que tudo indica, esses aspectos geomorfológicos irão reforçar com o passar do tempo os sentimentos de autonomia e soberania das futuras cidades-estados.

Sua porção marítima segue a mesma lógica do sistema montanhoso dos Balcãs, só que desta vez seus pináculos são afloramentos espargidos sob a forma de uma miríade de ilhotas calcárias no interior do Mar Egeu e que em seu conjunto constituem as Cíclades. A ilha de Creta, porção maior e distinta desse conjunto, segue uma lógica idêntica. Entretanto, nesse caso marítimo, a adjetivação áspero potencializa-se, e ganha a conotação de crespo, encapelado. Partindo-se de uma praia ou pedaço de rocha qualquer situado na orla e, andando-se alguns poucos passos no sentido do interior da ilha, será o suficiente para que se perca a vista o horizonte ou qualquer coisa circundante. Tudo são rochas íngremes e escarpadas, tudo é engolido ou prudentemente protegido pelas rochas calcárias; nada pode ser visto pelos inimigos colocados à distância. Assim, o olhar atento dos gregos precede os saques e possíveis invasões. A morfologia do território grego garante a proteção necessária à vida regular na imensidão do mar.

Mas se por um lado, o território grego apresentou grandes vantagens com suas proteções naturais de seu relevo, por outro, certamente tratavam-se de terrenos de difícil trabalhabilidade não só sob o ponto de vista da do cultivo dos solos, como também sob o ponto de vista da construção de suas habitações e templos. Como é sabido, os terrenos mais íngremes e pedregosos, implicam num número muito maior de operações preparatórias ao plantio se consideradas as tecnologias de cultivo daqueles tempos. No que se refere às construções, as dificuldades se acumulam consideradas as condições de transporte dos materiais pesados até os cumes dos montes onde se encontravam as cidades-estado. Resta então a questão: porque os gregos escolheram uma tal paisagem para nela se fixar?

DURANT (1966) ao introduzir o tema “Creta”, pergunta-se sobre as razões pelas quais os antecessores dos povos gregos escolheram se fixaram justamente no Mediterrâneo ao invés de procurarem terras planas, mais férteis e generosas assim como o fizeram os egípcios, os mesopotâmicos, os indianos ou aqueles que se fixaram nas costas do pacífico. Sua resposta para essa escolha grega sem dúvida não poderia ser mais desconcertante. Contudo ela pode revelar uma preciosa característica do povo grego. Eis a resposta do historiador:

“O que povoou o Mar Egeu foram as ilhas. Belas ilhas. Os próprios marinheiros cansados deviam impressionar-se com o furta-cor daqueles montes erguidos como templos junto ao espelho das águas. Ainda hoje poucos lugares há mais lindos no mundo; navegando pelo Mar Egeu é que compreendemos por que os povoadores daquelas costas as amavam mais que a vida e, como Sócrates, consideravam o exílio pior que a morte. Avançando um pouco mais, o marinheiro ficava contente de ver que aquelas ilhas-jóias enxameavam em todas as direções, e tão próximas umas das outras que em qualquer direção

³⁸⁸ A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas, op. cit., pg. 135.

que navegasse nunca estaria a mais de 10 léguas da terra. E desde que as ilhas, bem como as montanhas do Continente, tinham sido topos dum território contínuo, gradualmente tragado pelo mar, cada pico que avistava era sempre bem-vindo e servia de ponto de referência - coisa ótima numa época que desconhecia a bússola. E ainda o movimento das brisas e das águas conspirava para levar o navegante a seu destino. Uma forte corrente central fluía do Mar Negro para o Mar Egeu, ao mesmo tempo que contracorrentes corriam para o norte e ao longo das costas; simultaneamente brisas do nordeste sopravam com regularidade durante o verão e ajudavam o retorno para o sul dos navios que iam buscar cereais, peixe e peles no Mar Euxino. Os gregos chamavam o Mediterrâneo de Ho Pontos, a Passagem ou o Caminho, e eufemisticamente denominavam o Mar Negro de Ho Pontos Euxeinos - o Mar Suave para os Convidados - talvez porque sua maneira de dar as boas-vindas aos navios do sul fosse com correntes e ventos adversos. Os amplos rios que alimentavam e as brumas freqüentes que diminuía sua taxa de evaporação levaram o Mar Negro a um nível mais alto do que o Mediterrâneo, provocando assim uma poderosa corrente que se arremessava através do estreito de Bósforo (Bosporus) e o Helesponto, Mar Egeu adentro. O Mar de Mármara era Propontis, Antes do Mar.”³⁸⁹

Sua delicada resposta, para além de revelar o conforto de navegar-se em mares tão bem sinalizados pelas ilhas, indica a inclinação grega para o cultivo do belo desde tempos remotos. Apesar de ser impossível a comprovação de tal argumento - a escolha de um lugar para fixar-se porque ele é belo - ele não deve ser menosprezado. A inata inclinação grega para o belo, característica evidenciada em suas manufaturas, suas pinturas, sua filosofia, sua boa forma corporal e sua arquitetura, talvez seja o melhor indicativo para a escolha das ilhas. Fica assim lançada a questão.

Além do mais, o Mediterrâneo não era venerado pelos gregos somente porque era belo. Segundo o mesmo DURANT (1966), esse mar, além de bem sinalizado pelas ilhas apresenta um excepcional regime de ventoso que facilitaria muito os vários percursos marítimos:

“Nevoeiros são raros no Mediterrâneo, e a constante insolação rege de tal modo os ventos costeiros, que em cada porto, da primavera ao outono, um veleiro pode sair levado pelos ventos da manhã e retornar trazido pelos da tarde.”³⁹⁰

É essa proximidade absoluta com as águas do Mediterrâneo e do Egeu associado à facilidade de navegação nesses mares que fez com que os gregos fossem um dos primeiros povos navegadores. O mar e a navegação estiveram desde os tempos imemoriais profundamente arraigadas no espírito do povo grego assim como na alma dos fenícios. Para avaliar a importância simbólica do mar quando os gregos empreendem suas primeiras navegações, BRANDÃO (1989) ensina que:

“Pontos, da raiz pent, ação de caminhar, o sânscrito tem pánthah, caminho, e o latim pons, ponte, passarela. Pontos, é pois, a marcha, o caminho, ‘os caminhos do mar’... O mar simboliza a dinâmica da vida. Tudo sai do mar e a ele retorna, tornando-se o mesmo lugar de nascimentos, transformações e renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possíveis realidades ainda informais e as realidades formais, uma situação de ambivalência, que é a da incerteza, da dúvida e da indecisão, que se pode concluir bem ou mal. Daí ser o mar simultaneamente a imagem da vida e da morte. Cretenses, Gregos e Romanos sacrificavam ao mar cavalos e touros, ambos símbolos de fecundidade.”³⁹¹

É mais uma vez DURANT (1966), quem revela a acepção de um grego, Platão, ao referir-se ao seu próprio povo como rãs:

“Como rãs à beira da lagoa, nós nos localizamos nas costas deste mar.”³⁹²

Nesse contexto entre as rochas e o mar, entre as primeiras necessidades de alimentação que forçavam as entradas no mar em busca de peixes, os gregos evoluem vagarosamente suas técnicas náuticas. Alguns

³⁸⁹ A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pgs. 03 e 04.

³⁹⁰ A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 04.

³⁹¹ Mitologia Grega - Volume I, op. cit., pg. 193.

³⁹² A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 03.

séculos mais tarde, a necessidade de outros produtos e a autoconfiança garantida pelas incipientes cidadelas, seria plausível, ou mesmo esperado, que os gregos se lançassem avidamente ao mar. São os “gregos anfíbios”. Assim, após a sua fixação na ilha de Creta, já num cenário de equilíbrio civilizatório, os gregos estabelecem rotas comerciais permanentes. Conforme o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995):

*“Esse foi um período de comércio próspero. Vasos de pedra egípcios, sinetes em forma de escaravelho e peças de marfim lavrado chegaram à Creta e lá foram imitados. Peças de cerâmica de Creta finamente decoradas foram levadas ao Egito. Algumas foram recuperadas da cidade de Kahum, erguida para obrigar operários empenhados na construção de uma pirâmide para o faraó Senwosret II (c. 1906 - 1888 a.C.), da 12ª Dinastia. Creta pode ter importado linho egípcio, trocando-o por madeira e tecidos de lã de desenhos coloridos, como retratado em representações das roupas usadas pelos cretenses. Já a pintura dos tetos dos túmulos egípcios da 12ª dinastia em diante reflete a influência dos tecidos importados de Creta.”*³⁹³

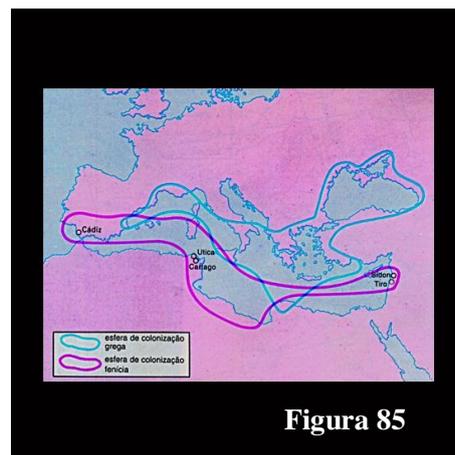


Figura 85

Passados mais alguns séculos, o adormecido espírito expansionista não se contentaria mais com as rotas terrestres. Assim, por volta do primeiro milênio a.C. e recuperando-se dos séculos de obscurantismo do período pós-micênico, os gregos voltam-se para o mar e disputam a navegabilidade do mediterrâneo com os fenícios. E é em parte o que explica a posterior dispersão da cultura grega pelo Mediterrâneo. Conforme DURANT (1966):

*“Nessas águas tão propícias, os ávido fenícios e os gregos anfíbios desenvolveram a arte e a ciência da navegação. Ali construíram navios maiores e mais rápidos, e mais facilmente manobráveis, que todos aqueles que antes tinham sulcado o Mediterrâneo. Lentamente, a despeito dos piratas e das incertezas do perigo, as rotas marítimas entre Europa, África e Ásia - quer através do Chipre, Sídon e Tiro, quer através do Mar Egeu e do Mar Negro - tornaram-se mais compensadoras que as longas estradas por terra, sempre cheias de perigos, por onde começou o tráfico entre o Oriente e o Egito. O comércio tomou novos caminhos, criou novas aglomerações humanas e novas riquezas.”*³⁹⁴

Essas duas culturas civilizatórias, a grega e a fenícia, estenderam seus domínios através do Mediterrâneo conforme a **figura 85**³⁹⁵ acima. A esfera de colonização fenícia toma a porção meridional do Mediterrâneo e a partir de Tiro e Sídon fundam as colônias de Utica e Catargo no norte da África e, posteriormente, Cádiz no sul da Espanha. Os gregos, por sua vez, ocupam-se de estender seus domínios pela porção setentrional mediterrânea. Procedem a partir do Egeu para o nordeste em direção ao Mar Negro, através do estreito de Bósforo, e pelo Mediterrâneo, dominam os mares, Jônico e Adriático chegando finalmente ao Tirreno.³⁹⁶

Pode-se agora determinar com maior precisão as características do homem grego e suas relações com o seu território. Assim, a partir dessas características geomorfológicas como, o território claramente dividido pelas cadeias montanhosas, a constituição calcária das terras altas, a constituição predominantemente sedimentar das terras mais baixas, as claras definições das estações do ano construídas segundo as sucessões constantes das temperaturas, os índices e regimes pluviométricos, a morfologia acentuadamente recortada da costa, a tranqüila navegabilidade dos mares Egeu e Mediterrâneo favorecida pelas direções dos ventos predominantes e, tudo isso, situa o homem grego num quadro físico permanente de alternâncias segundo o qual desenvolve-se um conjunto de regularidades da vida, as quais, por sua vez, conformam os primeiros hábitos e costumes como uma possessão estável, como um *ethos*.

³⁹³ Atlas da História do Mundo, op. cit., pg. 66.

³⁹⁴ A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 04.

³⁹⁵ Legenda da **figura 85**: “Hegemonias comerciais: O primeiro milênio a.C. assistiu a uma grande expansão da atividade marítima e a fundação de colônias ultramarinas no Mediterrâneo. Ultrapassando as principais áreas de influência grega, os fenícios levaram a língua e a cultura semítica ao extremo do mundo mediterrâneo, chegando a navegar e explorar as costas atlânticas.” Atlas da História do Mundo, op. cit., pg. 60.

³⁹⁶ Fonte da informações: Atlas da História Antiga, op. cit., pg. 60.

Essas considerações são de capital importância, pois indicam a existência de condições específicas das relações de subsistência entre as várias tribos gregas e seus respectivos territórios. Além do mais, o termo **mar-território** não designa apenas uma contingência territorial no caso grego ou de qualquer outro povo, mas também indica relações únicas com o meio físico que, por sua vez, possibilitam a especificação desses povos diferentemente de outros povos. Redimensionando as definições de Colin M^c Evedy à esfera mais restrita do mar Egeu, ele passa a ser a **ecosfera**³⁹⁷ grega, ou seja, determina a área geográfica em que a **raça**³⁹⁸ evolui e desdobra-se em **sub-raças**³⁹⁹, possibilitando um conjunto de elementos e fatores interativos aos quais a raça se submete e faz submeter aos seus desígnios.

O verbo “possibilitar” foi aqui usado intencionalmente. Há que se ressaltar que essas condições geomorfológicas são apenas constitutivas e não determinantes. Não há como submeter a vocação rática de um povo unicamente às condições de sua ecosfera, pois que seria subestimar a incontrolável capacidade transformadora humana. Nesse horizonte, as características geomorfológicas passam a ser constitutivas e não inexoravelmente determinantes. Assim deve prevalecer a visão de um todo dialeticamente articulado onde aparecem por um lado as características da ecosfera grega e, por outro, a própria determinação dos sentidos civilizatórios longamente conformados nessa esfera abstrata dos hábitos e costumes ainda que sempre referidos, é claro, àquela única ecosfera. Conforme os já expostos anteriormente, para a conformação do ethos concorrem um sem-número de elementos constitutivos que se desdobram e gravitam por esferas nem sempre apreensíveis ou abordáveis pela palavra escrita.

Essa unidade primeira entre sentido rático no contexto específico de um meio ambiente perfaz um todo articulado e significativo que desemboca na especificidade do conceito de *ethos* grego, que por sua vez, coincide exatamente com as impressões regionais impregnadas nos homens do Egeu descritas evidenciadas por MUNFORD (1982):

*“Quando passamos dos vales dos rios, onde as cidades inicialmente se multiplicam [Munford se refere às cidades mesopotâmicas], para as ilhas rochosas do mar Egeu e para as massas montanhosas e largas planícies da península balcânica, a princípio achamos a mudança do meio mais notável que qualquer mudança das instituições urbanas essenciais. Contudo, tanto as condições geográficas quanto as finalidades humanas acarretaram numerosas modificações na forma exterior da cidade. Aqui, como em toda parte, o solo, o clima, a formação geológica, a vegetação, a matriz regional total deixaram suas marcas até mesmo na saúde dos habitantes, bem como nas suas atividades econômicas e na sua visão geral da vida.”*⁴⁰⁰

É dessa síntese entre a vocação rática grega e as características específicas de sua ecosfera, ou *physis*, que surge a sua unidade cultural, o seu *ethos*. Esses são alguns elementos a partir dos quais o povo grego diferencia-se dos povos vizinhos. Fundam seus hábitos e costumes a partir das longínquas hierofanias semelhantes a outros povos, mas modificam-nas na perspectiva de sua singularidade que é ao mesmo tempo territorial e rática.

Fica, entretanto uma questão: se os clãs estiveram inicialmente isolados entre si, o que sugere o fechamento dos hábitos e costumes sobre si mesmos, como afirmar a existência de um povo assemelhado entre si? Seria

³⁹⁷ **Ecosfera**: “A área em que a raça evolui é a sua ecosfera. As fronteiras da ecosfera são, quer barreiras de natureza física, tais como mares e montanhas, quer determinadas zonas em que se verifica uma modificação do ambiente, como a transição de uma terra arável para uma zona desértica. ... A área da Europa-Próximo Oriente tal como aqui a definimos é a ecosfera da raça branca, como a África é a ecosfera da raça negra, a China a da raça amarela e a Índia a da raça dravídica. Todas estas raças principais e respectivas ecosferas podem ser divididas em sub-raças, com as correspondentes ecosferas, de menor extensão.” *Atlas da História Antiga*, op. cit., pg. 09.

³⁹⁸ **Raça**: “Uma raça é uma população que, suficientemente isolada durante longo tempo, desenvolveu características que distinguem os seus membros dos da mesma espécie, mas de proveniência diferente.” *Atlas da História Antiga*, op. cit., pg. 09.

³⁹⁹ **Sub-raça**: “Há certas características físicas basilares que distinguem as sub-raças, mas a sobreposição é demasiado forte para podermos destrinchar claramente a individualidade de cada uma. ... As características das sub-raças são, conseqüentemente, características da comunidade, não do indivíduo. Se nos lembrarmos que estamos tratando das classificação das comunidades humanas, não haverá razão para nos limitarmos apenas às características físicas; devemos também atender ao comportamento social, e, apesar de carecermos de um sistema adequado de notação da maior parte desses aspectos, no referente às línguas dispomos não só desse sistema como também de uma imensa soma de informações analisáveis. O estudo das línguas permite-nos traçar uma árvore genética das nossas comunidades sub-raçiais.” *Atlas da História Antiga*, op. cit., pgs. 09 e 10.

⁴⁰⁰ *A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas*, op. cit., pg. 135.

necessário então demonstrar que o isolamento não fora total e que esses clãs estiveram em contato permanente de modo que os hábitos e costumes encontrassem certa similaridade. A resposta encontra-se, por mais paradoxal que seja, exatamente nessa mesma geomorfologia recortada, a qual, anteriormente, havia permitido a aparição dos núcleos patriarcais autônomos e isolados. Será ela mesma a responsável pela equiparação dos hábitos e costumes e a sua posterior dispersão dessa cultura específica por toda a Grécia. Assim, se num primeiro momento corresponde à fragmentação territorial a fragmentação política, num outro esse mesmo relevo recortado das costas marítimas propicia a fixação e posteriormente o alastramento desses hábitos e costumes.

Esse argumento é apresentado por M^cEVEDY (1979) e reforça a idéia de que a mesma “*topografia formidavelmente áspera*” do território, das ilhas e costas gregas favoreceram a dispersão dessa cultura a partir das relações de proximidade. Conforme o mesmo autor a **figura 86**⁴⁰¹ ao lado mostra que,

“... numa reduzida faixa costeira, como a da parte superior do diagrama, as relações entre as comunidades da costa são mais fracas do que as suas relações com as comunidades do interior na relação de 3 para 2, ao passo que, na metade inferior, onde a linha costeira é recortada, não só aumenta grandemente o número das comunidades como as relações entre elas excedem freqüentemente as suas outras relações, sendo por vezes exclusivas. Esta análise teórica parece mostrar que é a redundância da linha costeira que gera a coesão necessária à transformação de uma série de comunidades litorâneas numa *ecosfera*.”⁴⁰²

O argumento é claro: a partir dos pequenos recortes costeiros, baías e enseadas existentes nas Cíclades, península balcânica e do Peloponeso as possibilidades de trocas entre as tribos ali instaladas a partir do período Neolítico, quando então os pequenos grupos patriarcais se fixam, são extremamente potencializadas de modo a fazer prevalecer determinados comportamentos que com o passar do tempo vão se constituir em hábitos e costumes, senão iguais, semelhantes.

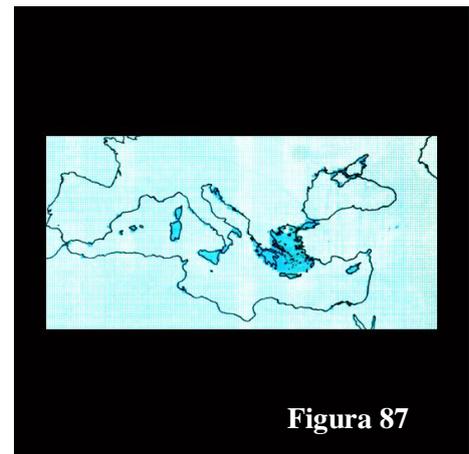
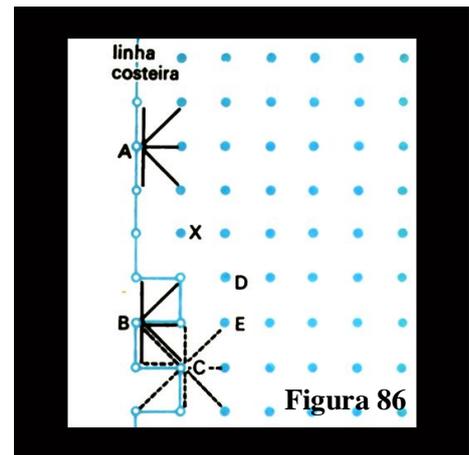
M^cEVEDY (1979) apresenta ainda um desdobramento de sua teoria da “*redundância da linha costeira*”, agora amplificada ao domínio do mar Mediterrâneo. Seus argumentos são expostos quando os gregos empreendem o seu comércio através da navegação, ocorrido ali por volta do primeiro milênio a.C., e são de interesse pois mais uma vez é possível o estreitamento entre as características geomorfológicas e a dispersão da cultura grega pelo Mediterrâneo. A **figura 87**⁴⁰³ acima apresenta um mapa a partir do qual esse historiador

“... procura provar esta hipótese [a da redundância da linha costeira gerando a coesão necessária à transformação de comunidades litorâneas numa só matriz civilizatória] pela análise da irregularidade da costa do Mediterrâneo. Foi composta colocando uma rede quadriculada sobre toda a zona, colorindo-se de vermelho todos os quadrados que contivessem um segmento da linha costeira. Sobre esta rede colocou-se um novo traçado reticulado, cobrindo-se agora a azul todos os quadrados que somassem uma

⁴⁰¹ Legenda da **figura 86**: “Relação teórica entre as comunidades do litoral e as do interior, ambas igualmente distribuídas. Na faixa retilínea da costa, A relaciona-se com 3 comunidades do interior e 2 comunidades litorâneas; na faixa recortada, as ligações de B são exclusivamente litorâneas, enquanto as relações de C com as comunidades do litoral, excedem em número (5 para 3), as suas conexões com o interior. B e C situam-se numa *ecosfera* litorânea, mas não A. Se o recorte dentado superior se estendesse para o interior mais uma unidade, para D-E, a comunidade interior X seria incorporada na zona litorânea, apesar de afastada do mar.” *Atlas da História Antiga*, op. cit., pg. 14.

⁴⁰² *Atlas da História Antiga*, op. cit., pg. 13.

⁴⁰³ legenda da **figura 87**: “Zonas litorâneas do Mediterrâneo.” Fonte da figura: *Atlas da História Antiga*, op. cit., pg. 15.



maioria de manchas vermelhas entre oito quadrados mais próximos. Retirando-se a primeira rede, obteve-se a figura 87. Desse processo puramente geográfico resultou a definição de certas áreas, as mais vastas das quais incluem a península grega, bem como as ilhas do mar Egeu e mar Jônio, áreas que se estendem para nordeste, até Bósforo. As áreas do mesmo tipo mais próximas da zona já apontada são a costa meridional da Rússia, Chipre, o calcanhar da Itália, a Sicília e a Dalmácia. Os gregos começaram por ocupar a península Helênica, as ilhas do mar Egeu e depois, Chipre; no começo do último milênio a.C., ocuparam a Jônia e, a partir do século VIII, colonizaram a região do Bósforo, a foz dos grandes rios russos, a Criméia do sul e o Bósforo cimério, o calcanhar e a ponta da bota da Itália, a Campânia e a Sicília. Duas das áreas apontadas pela análise teórica - a Dalmácia e a Criméia do Norte - nunca foram ocupadas pelos gregos. A adaptação foi surpreendentemente perfeita.”⁴⁰⁴

O modelo proposto se ajusta perfeitamente. Além do mais, Lewis Munford ao discutir o surgimento da *pólis*, apresenta novos elementos que reforçam o argumento de McEvedy. Segundo o autor, mesmo após a invenção da *pólis* e seu novo estatuto político, dois movimentos dos povos gregos eram visíveis: um no sentido *pólis*-aldeia e outro no sentido *pólis*-colônias. Conforme MUNFORD (1982):

“No seu período formativo, as cidades gregas jamais perderam suas ligações com seus campos ou suas aldeias: havia sempre um poderoso fluir para dentro e para fora da cidade, segundo as estações. Ainda em 400 a.C. segundo Elizabeth Visser, três quartos dos burgueses atenienses possuíam alguma terra na África. Em muitos lugares o arcaico componente da aldeia parece muito mais forte que o da cidadela.”⁴⁰⁵

Atualizando o discurso do historiador, os gregos mantinham-se fiéis ao antigo e constante ir-e-vir entre o centro, a *pólis*, e a periferia, o campo. É a força da tradição dos hábitos e costumes que comprova a existência do constante deslocar-se entre o interior e a costa. Nenhuma outra evidência que justificasse esses deslocamentos poderia ser mais eficaz. Nessa mesma passagem, MUNFORD (1982) estabelece um paralelo entre a invenção da *pólis*, com seus novos hábitos, leis e costumes e a consistente tradição rural do povo grego:

“A dimensão de aldeia predominou no desenvolvimento das cidades gregas, até o século IV; as modestas dimensões da estela e da lápide, as inscrições delicadamente entalhadas, os toques de humor - tudo isso distante do grandioso, do monumental, do portentoso. Naquelas comunidades, a pobreza não era um embaraço: quando muito, os ricos eram alvo de suspeitas. Tampouco, era a pequenez um sinal de inferioridade. As práticas democráticas da aldeia, sem fortes clivagens de classe ou vocação, incentivavam o hábito de se aconselhar em conjunto. A maior desculpa para a cidade, como uma aldeia maior, era a de que alargava o círculo dos possíveis oradores. Se os espartanos constituíam uma exceção, seus lacônicos hábitos de linguagem talvez tenham nascido da necessidade de conservar em segredo as suas intenções, perante o povo que tão brutalmente mantinham no cativeiro: por isso, não tinham como usar a cidade.”⁴⁰⁶

Assim é essa tradição aldeã, que se prolonga nas cidades por vários séculos após a sua invenção. Essa tradição é que permanece inalterada e que permite a dispersão da cultura grega. São aquelas sensações de conforto e domínio somente proporcionadas pelos antigos hábitos e costumes das pequenas vilas que levam os gregos a refutarem a grandiloquência das *pólis* e a buscarem suas raízes, mesmo ali vivendo. Nada poderia ser mais natural, nada poderia ser mais sensato.

Finalizando e sintetizando: os recortes na costa grega somados às características e ambientais foram capazes, num primeiro momento, de fomentar ou apontar para certa possibilidade de isolamento das tribos gregas. Esse momento anterior ao período Neolítico, quando a navegação não se fazia necessária, somente será superado quando as tribos nômades conseguirem se fixar em alguma parcela territorial, através do domínio ou uso da agricultura. Todavia, tão logo as tribos se fixam e as populações crescem numericamente ressurge a necessidade de locomoção, de modo a promover as trocas da produção do excedente agrícola. Inicialmente as trocas são feitas por terra. Será a partir desse segundo momento que os recortes da costa grega passam a

⁴⁰⁴ Atlas da História Antiga, op. cit., pgs. 13 e 14.

⁴⁰⁵ A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas, op. cit., pg. 144.

⁴⁰⁶ A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas, op. cit., pg. 144.

conformar efetivamente uma possibilidade de unificação rática. Segue à idéia da unificação rática a idéia de sua expressão no espaço construído: a arquitetura templária.

CAPÍTULO 8.

A Construção da Idéia de Templo e a Construção dos Primeiros Templos.

8.1. Os Primeiros Templos da Idade dos Heróis. *A Escassez de Registros Arqueológicos / A Necessidade Ética da Criação do Templo / Seria o Templo um Modelo de Reunificação Ética? / O Templo Como Modelo Colonial / O Templo Sem Função: a Função Simbólica / A Centralidade e a Síntese do Templo / O Paralelismo da Unificação dos Templos e dos Mythos / Os Espaços Construídos que Antecedem à Idéia do Templo / Os Espaços Sagrados ao Ar Livre e os Primeiros Sacrários / Os Mégarons Como Antecessores dos Templos / Os Templos e as Habitações: a Casa dos Deuses / O Todo Articulado do Sistema Dórico.*

8.2. Algumas Técnicas Construtivas dos Antigos Templos da Idade dos Heróis. *A Síntese Arquitetônica Grega e o Conceito de Phrónesis / A Passagem da Madeira à Pedra / As Dificuldades de Manipulação do Novo Material Construtivo / As Primeiras Soluções Técnicas / A Construção das Colunas / Algumas Técnicas de Içamento e Consolidação dos Blocos de Pedra / A Sofisticação das Correções Ópticas e o Ajuste das Partes / O Templo Como um Todo a Ser Contemplado / Da Técnica à Ética.*

8.3 A Phrónesis e a Arquitetura Templária Grega. *O Núcleo Conceptual da Phrónesis / Do Bem Fazer Técnico ao Bem Fazer Ético / Do Bem Fazer Ético ao Bem Fazer das Cidades.*

8.4. A Expressão do Logos na Arquitetura Templária Grega. *O Kósmos: a Harmonia e a Unidade do Logos / O Logos e Sua Proporcionalidade Com o Nómos / Kánon e Métron: as Medidas no Interior do Logos / A Razão da Razão: A Lógica ou o Método de Pensar / O Logos Apodeiktikós e o Silogismo Lógico: Uma Gramática Para Uma Lógica / A Arquitetura Grega Como Gramática / A Proporcionalidade do Ethos Grego e os Ambientes Construídos.*

8.1. Os Primeiros Templos da Idade dos Heróis.

A Escassez de Registros Arqueológicos / A Necessidade Ética da Criação do Templo / Seria o Templo um Modelo de Reunificação Ética? / O Templo Como Modelo Colonial / O Templo Sem Função: a Função Simbólica / A Centralidade e a Síntese do Templo / O Paralelismo da Unificação dos Templos e dos Mythos / Os Espaços Construídos que Antecedem à Idéia do Templo / Os Espaços Sagrados ao Ar Livre e os Primeiros Sacrários / Os Mégarons Como Antecessores dos Templos / Os Templos e as Habitações: a Casa dos Deuses.

Antes de prosseguir o desenvolvimento do tema cabe aqui uma observação: doravante, tanto o povo grego como a sua arquitetura serão abordados genericamente. Conforme se sabe, a formação do povo grego deveu-se à constante miscigenação de vários grupos étnicos, os quais mantiveram, aqui e ali, suas peculiaridades de hábitos e costumes constituindo-se nos vários *ethoi* ou diferentes estilos éticos. Evidentemente, o conjunto dos elementos simbólicos de cada um desses vários *ethoi*, mesmo situados num mesmo horizonte de comunicabilidade grego, apresentava algumas diferenças entre si de modo que sua expressão nos vários campos de comunicabilidade guardaram certas especificidades. Isso, em parte, explica a existência das três ordens gregas de arquitetura, a saber, Dórica, Jônica e Coríntia; expressão desses diferentes estilos éticos. Apesar de serem merecedores de estudos específicos, esse trabalho pretende apenas mostrar como se formou a idéia de regularidade entre as comunidades humanas e como essas regularidades foram genericamente transpostas aos ambientes espaços. Prescinde-se assim das especificidades expressivas desses grupos assim como dos elementos simbólicos preferenciais de cada estilo ético em questão.

Cabe ainda outra delimitação referente ao objeto do presente trabalho que é a arquitetura templária grega e, mais especificamente a Dórica. Sua escolha deve-se ao fato de que ela representa um momento sintético do *ethos* grego. Para ela convergem todos os elementos simbólicos e todo o esforço das administrações das cidades-estados assim como o primoroso trabalho dos mais reconhecidos mestres-de-obras e arquitetos da Grécia. Sua importância no contexto grego pode também ser vislumbrada pela implantação dos templos: nas partes mais altas das cidades, as *acrópolis*, coroando o esforço civilizatório grego.

Nesse contexto as referências anteriores aos espaços construídos destinados às habitações foram suscitadas apenas com o intuito de demonstrar como se deram as transposições simbólicas a partir da vida vivida aos espaços sagrados. A exposição dessa íntima e imemorial conexão entre o sagrado e o profano vem demonstrar que a arquitetura, tomada em seu sentido mais amplo e primordial, jamais esteve concebida segundo uma esfera autônoma e distante do par co-determinado *sagrado-profano*, mas antes, sempre se viu imiscuída desses conteúdos. Assim seria insensato procurar por ordens simbólicas autônomas que regessem a construção de uma casa ou de um templo já que essas se encontravam constantemente relacionadas e comprometidas com uma visão de mundo mais ampla e que contempla o par *sagrado-profano*. Por se tratar precisamente da expressão de uma civilização, mais precisamente dos princípios da Civilização Ocidental, e, por sua centralidade primordial que é o humano, essa expressão sempre se colocou para além das contingências abrindo-se às exigências de uma ordem superior e universal que é a Ética.

Postas as ressalvas de ordem metodológica, nesse novo período obscuro da história grega, que vai dos 1200 a 800 a.C., denominada de “Idade dos Heróis”, a arquitetura prossegue no seu curso no sentido de sua humanização. Contudo e, mais uma vez, a história do desenvolvimento da arquitetura templária não pode ser recomposta com a precisão desejável. Os textos e fragmentos descobertos pelas várias expedições arqueológicas remontam no máximo às imediações do século 8 a.C., quando a arquitetura templária já se encontrava organizada segundo as suas ordens e sua métrica. Assim, o pouco que se sabe sobre o seu desenvolvimento e seus aspectos construtivos deve-se, em parte, aos clássicos relatores da tradição grega e, sobretudo, aos incansáveis trabalhos de arqueólogos que a partir de minúsculos fragmentos e montes de pó e restos retorcidos e carcomidos de metais, põem-se a reconstituir minuciosamente não só aquelas construções como parte da história desses templos arcaicos. Mais uma vez, historiadores e arqueólogos da atualidade fazem da tradição escrita a sua melhor aliada.

Conforme se sabe, a religião grega sempre esteve intimamente relacionada às demais esferas da vida quer seja por sua estreita relação com o mundo físico, quer na expressão política, quer nas normas e interditos segundo os quais o homem grego se submetia. Segundo VEGETTI (1994):

*“Para os gregos, a experiência religiosa situou-se sempre em dois planos diferentes, mas estreitamente ligados. Por um lado, a ritualidade quotidiana; por outro, como seu nível de sentido e de inteligibilidade, o conjunto dos relatos míticos, mais ou menos diretamente ligados a necessidades profundas de garantia da ordem do mundo, de sentido e valor da experiência social e individual. Portanto a observância do ritual exige em certa medida a crença no universo do mito; e essa crença acaba por ser possível - num panorama intelectual que se vai tornando cada vez mais complexo, mais cheio de problemas, de instrumentos e de desafios - só através de uma transferência para um espaço e um tempo diferentes do espaço e do tempo históricos e sociais.”*⁴⁰⁷

Não estaria a criação dos futuros templos gregos submetidos exatamente à essa necessidade da criação desse tempo outro, distante da vida vivida e submetida a uma outra dimensão simbólica e espacial através das quais o homem grego poderia se recompor e que somente o templo poderia acomodar e expressar? Ou de outro modo, nesse fragmentário horizonte de cultura grego, não poderia a arquitetura templária colocar-se no mesmo horizonte de esforços empreendidos por seus poetas na tentativa de reordenar e recompor os conteúdos simbólicos de seus *mythos* e *cosmogonias*? Admitindo ainda outra variação da mesma indagação: não seria a arquitetura templária também uma forma de reunificação ética? Não seriam as ordens gregas a expressão máxima de seu modelo ordenativo do *kósmos* transposto na idéia da justa proporção do *métron*⁴⁰⁸ e realizado segundo a máxima competência técnica disponível?

⁴⁰⁷ *O Homem Grego*, op. cit., pg. 249.

⁴⁰⁸ “-**metr(o)-** *elem. comp.*, do gr. *métron* ‘medida, regra, norma, lei, que se documenta em numerosíssimos vocábulos. eruditos e de larga difusão na linguagem científica internacional, ...” *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*, op. cit., 1982, pg. 518.

Mais uma vez não há como comprovar textualmente essas hipóteses. Contudo elas se encontram de tal modo ajustadas aos fatos e forças do processo civilizatório grego que dificilmente poderiam ser contestadas sem algum esforço intelectual.

Coincide com esse período, a Idade dos Heróis e o surgimento dos primeiros templos na Grécia, os primeiros movimentos expansionistas após o período palaciano. Esse movimento encabeçado pela aristocracia pretende a colonização gradativa da Ásia Menor, e nesse caso seria necessário que a religião, por sua centralidade organizadora, fosse representada por algum símbolo modelado capaz de coroar e representar essa esfera da vida grega. Esses símbolos são, entre outros elementos, os templos gregos. Conforme MARTIENSSEN (1958), esse movimento chamava-se *Synoikismos* e ele tinha por intenção unificar e consolidar toda a Ática:

“Nos tempos históricos parecem terem sido três os fatores que deram forma ao organismo da cidade. Segundo Hirschfeld são: a) o fator militar, b) o econômico, c) o estético. Dito de outro modo, ao estabelecer uma cidade se escolhia a localidade mais fácil de defender e que oferecesse, também, as melhores perspectivas remunerativas e de beleza por suas características topográficas. Este fundo simultaneamente prático e filosófico envolve toda a concepção de ‘pólis’ grega, e a consolidação do Synoikismos (ou colonização e unificação de toda a Ática) nos últimos tempos do século VIII a.C. devem ter-se refletido, se não imediatamente, ao menos com crescente clareza na arquitetura e planificação urbana da Grécia.”⁴⁰⁹

Mais à frente o mesmo arquiteto diz:

“Pode-se afirmar com fundamento que o Synoikismos político da Ática antiga, que reuniu os recursos existentes e modelou um novo organismo cívico, foi o gerador distante dessa nova e triunfante síntese estética.”⁴¹⁰

Nessa perspectiva, a ideação dos templos justifica-se como um produto acabado e modelar da nova síntese da cultura grega destinado à sua reprodução nas novas colônias instituídas por volta dos séculos VIII e VII a.C.. Contudo sabe-se que no século VIII o templo já se encontrava desenvolvido. Conforme o já exposto houve um movimento expansionista anterior promovido pela aristocracia grega que desejava a colonização de toda a Ásia Menor. Esse movimento aristocrático pode ter engendrado a construção da idéia do templo antecedendo o *Synoikismos*.

A própria persistência do desenvolvimento gradativo do templo dórico, empreendida sistematicamente por quatro séculos consecutivos após a sua primeira aparição, atesta a necessidade de levar-se a cabo a sua perfeita ideação, o que só poderia ter ocorrido sob uma permanente tensão e intenção claramente expansionistas. Como quer MARTIENSSEN (1958):

“Como exemplo individual do processo de seleção e consolidação dos elementos da arquitetura urbana, consideremos rapidamente o progresso do sistema [por sistema o autor deixa transparecer uma estratégia especificamente dórica de planificação das cidades assim como os seus elementos arquitetônicos] dórico de colunas que representa, em si mesmo, um constante tema subjacente em todas as atividades arquitetônicas dos gregos. O sistema dórico [⁴¹¹] foi empregado já no século VII a.C. no templo de Hera, em Olímpia, e sofreu modificações tão graduais, tanto qualitativas quanto quantitativas, que devemos considerar sua evolução até os seus aspectos definitivos como uma demonstração do típico método grego de trabalhar progressivamente sobre um ideal determinado. A aceitação básica de um sistema arquitetônico-estrutural e a preocupação pelas pequenas modificações durante um período de quatrocentos anos é, talvez, um caso único na história da arquitetura. O sistema dórico, tal como foi utilizado no templo, esteve sujeito a uma vasta distribuição geográfica.”⁴¹²

⁴⁰⁹ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 31.

⁴¹⁰ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 39.

⁴¹¹ Martienssen refere-se ao “sistema dórico” inicialmente relacionado à ordem expressa nas colunas. Posteriormente, com o desenvolvimento de seu texto percebe-se que esse termo pode perfeitamente ser estendido a um sistema de implementação das próprias colônias, e assim, com vistas ao expansionismo do ideário grego pelo Mediterrâneo. Esse sistema começou a ser utilizado por volta do século VII a.C.. O termo será oportunamente abordado.

⁴¹² *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 39.

Além do mais o templo jamais esteve comprometido funcionalmente com qualquer outra atividade que não a de abrigar os cultos. Não era projetado para abrigar qualquer função que necessitasse uma prolongada permanência em seu interior, o que, sem dúvida, possibilitava uma construção mais lenta e mais atenta à execução perfeita de seus detalhes. É o que atesta MARTIENSSEN (1958). Segundo ainda o autor, o templo jamais abrigou outra função além daquela prescrita pelo culto religioso:

*“Recordemos também que o templo nunca foi, em nenhum momento de seu desenvolvimento, um lugar de reunião. Somente ofereceu as comodidades necessárias aos efeitos do ritual, e quaisquer que fossem as modificações operadas em relação às suas dimensões (e em alguns casos chegaram a ter grandes dimensões) nunca deixou de imperar essa atitude nem de prevalecer a significação externa.”*⁴¹³

Assim, seu significado funcional específico existe, mas eles sempre foram ocupados por breves intervalos de tempo necessários apenas à realização dos cultos. Prevalece desse modo a sua significação simbólica sobre a funcional o que sem dúvida confere a esses ambientes construídos uma enorme flexibilidade quanto à sua forma já que os imperativos funcionais diminuem consideravelmente. É por sua concepção específica que os templos estiveram sempre na vanguarda dos experimentos construtivos gregos.

O templo, como se sabe, constitui-se de um amplo peristilo que envolve uma única **célula**⁴¹⁴ e aberta apenas por uma porta, não existem janelas, não existem outros objetos e espaços senão aqueles necessários à proteção da imagem do deus epônimo. Era sobretudo um objeto arquitetônico exemplar e sintético, que de certo modo negava o seu interior e suas funções restritas, voltando-se eloqüentemente para fora, para o espaço público, para a cidade que o circunda. O templo é o centro da cidade grega e do “*mundo grego*”, um modelo arquitetônico cuja única função preponderante é a simbólica e não a ritual.

As melhores sínteses estão ali expressas: a ordem, o justo, a proporção; a própria dimensão do “*mundo grego*”. Sempre colocado junto à **ágora**,⁴¹⁵ os templos tornava-se com facilidade a mais importante referência visual da cidade grega.

Entretanto seria um erro considerar-se que os templos fossem completamente autônomos e desarticulados das intenções simbólicas das cidades gregas. Ao referir-se ao planejamento urbano dórico como um *sistema* segundo o qual tanto a implantação das cidades, sua planimetria e seus prédios e espaços constitutivos encontravam-se intimamente relacionados segundo uma intenção de unidade, MARTIENSSEN (1958) evidencia a importância do templo nesse contexto:

*“Essa personificação da cidade de que falamos acima, essa atribuição de uma ‘alma’ coletiva que fazia da cidade algo mais que um mero grupo de edifícios, revestiu os templos de uma importância capital. No plano, os templos dominavam a cidade; vistos a partir de grandes distâncias, elevavam-se por cima das edificações com imponente majestade. Aos nossos olhos, sugerem a idéia de uma deidade benévola e protetora, em torno da qual se agrupa um conjunto de habitantes privilegiados, espiritualmente seguros sob a sombra das grandes mansões dos deuses.”*⁴¹⁶

Sua centralidade e o absoluto domínio no cenário citadino mais uma vez atestam a sua importância, o seu caráter de exemplaridade sintética de uma tradição religiosa, política e cívica. No templo trabalhavam os melhores construtores e escultores, os melhores artífices e artesãos. O templo é a atualização pétreo do

⁴¹³ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pgs. 71 e 72.

⁴¹⁴ O termo “**célula**”, quando referente à arquitetura, é muitas vezes utilizado com sinônimo de *cômodo* entre os tratadistas mais antigos. Geralmente esse cômodo é fechado suportando uma única abertura de acesso ao seu interior.

⁴¹⁵ Primeiramente: “**Ágora**. Espaço aberto em uma cidade grega ou romana que funciona como praça do mercado e local de encontro; a ágora ou fórum era normalmente circundada, ou parcialmente circundada, por pórticos, sobretudo nos períodos helenístico e romano. Existem diferenças entre os tipos grego e romano e o mais prudente é não intercambiar as designações.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 448. Complementando: “**Ágora**. Praça pública onde os gregos realizavam as suas assembleias e onde se administrava a justiça. A ágora formava um recinto decorado com pórticos, altares, estátuas, etc.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., 1962, pg. 29. Glotz ainda enriquece o termo indicando que o seu nome deriva das reuniões destinadas aos atos legislativos das cidades-estados: “segundo o regime constitucional das cidades, o conjunto do povo não exerce qualquer direito político, ou, pelo contrário, dispõe de todos eles; entretanto o direito de reunir-se é sempre indispensável. Para essa reunião, chamada *agorá*, impõe-se a existência de uma praça pública, que tem o mesmo nome.” *A Cidade Grega*, op. cit., pg. 17.

⁴¹⁶ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 36.

umbigo do mundo, a antiga idéia do *omphalós* reconstruída segundo o advento da civilização. Sua importância, atestada por sua centralidade e síntese simbólica corroboram a tese de que os templos foram modelos de reunificação ética, assim como o foram os poemas de Hesíodo e Homero em tempos remotos. Não se trata aqui de afirmar a paridade de estatutos entre a poesia e a arquitetura entre os gregos, mas sim de indicar a existência de um mesmo esforço sintético que se expressa de distintos modos.

Além do mais e nos termos de MARTIENSSSEN (1958), os templos são um “*standard*”⁴¹⁷ da arquitetura grega destinados também à reprodução e implantação sistemáticas do simbolismo grego em suas novas colônias. Reforçando a argumentação desse arquiteto vem DURANT (1966) taxativamente afirmar que os gregos fundavam suas colônias e que para elas levavam seus hábitos e costumes, inclusive a religião:

*“No curso de seu desenvolvimento, os irreprimíveis helenos alastraram-se por quase todas as ilhas do Mar Egeu - Creta, Rodes e Chipre - pelo Egito, pela Palestina, Síria, Mesopotâmia e Ásia Menor; pelo Mar de Mármara e o Mar Negro; pelas penínsulas ao norte do Egeu, Itália, Gália, Espanha, Sicília e África do Norte. Em todas essas regiões os gregos construíram cidades-estados, independentes e diversificadas, mas não obstante gregas; seus habitantes falavam o idioma grego, adoravam os deuses gregos, liam e escreviam a literatura grega, contribuía para a ciência e para a filosofia gregas e praticavam a democracia segundo a aristocrática forma grega. Seus fundadores, ao abandonar a mãe-pátria, não deixavam para trás a Grécia - levavam-na consigo, inclusive seu próprio solo, para onde quer que fossem. No decorrer de quase mil anos transformaram o Mediterrâneo num lago grego e no centro do mundo.”*⁴¹⁸

Ou seja, os templos desempenhavam a função central de propagadores da civilização grega. Sua aparição como tema ou idéia centralizadora a ser construída desenvolve-se lentamente e é simultânea à aparição dos vários *mitologema* do período da Idade dos Heróis. Sua síntese novamente se encontra perfeitamente ajustada à unificação dos vários *mitologema* na forma acabada e poética dos *mythos*. Ambos os processos desenvolvem-se segundo movimentos paralelos e sincrônicos. À dispersão dos *gênos* e das formas míticas desenvolvem-se as primeiras experiências construtivas destinadas à casa dos deuses. Posteriormente, por volta do século VII a.C., quando se faz necessário a unificação e ordenação dos *mitologema*, o templo surge na sua forma acabada, na sua forma proporcionada de acordo com o novo horizonte expansionista grego. Mais uma vez e, ao que tudo indica ambos os movimentos colocam-se num mesmo horizonte de necessidades ética da unificação, da ordenação e da síntese. Apesar de não existirem comprovações textuais, seria difícil provar-se o contrário. O templo grego é um modelo de unificação ética.

Contudo, se a argumentação acima não se mostra suficiente, uma breve abordagem dos espaços construídos que antecedem a sua idéia serão suficientes para demonstrar como o templo se coloca no vórtice da síntese desses ambientes construídos gregos.

Àquela altura da história, ainda que o tema do templo dedicado ao deus não tivesse encontrado a sua clara transposição no espaço construído alguns elementos necessários à sua aparição já estavam dispostos numa ordem tal que sua construção provavelmente não tardaria. Sabe-se que num horizonte Ético nada surge ao acaso e então a aparição da idéia de templo, na sua forma acabada como se apresenta no século VIII, deve-se sem dúvida a um lento e laborioso desenvolvimento a partir das mais variadas condições e necessidades. Nesse contexto todas as descobertas, atualizações das antigas tradições, e mesmo novas invenções encontram-se intimamente relacionadas à tradição do povo e essas pequenas e sincrônicas alterações se fazem à medida que os elementos simbólicos da cultura modificam-se.

A arquitetura templária grega emerge primeira e obviamente a partir da existência da esfera dos hábitos e costumes, ou seja, dos cultos palacianos cretenses para os quais são construídas as salas tripartidas e dos cultos domésticos representados pela figura central de *Zeus Patrôos*. Em segundo lugar a idéia de templo associa-se à existência das localidades sagradas conformadas somente por demarcações nos pisos às quais posteriormente se somaram os primeiros sacrários de origem exótica, provavelmente introduzidos na Grécia a partir das invasões dos cimérios. Em terceiro lugar encontram-se as evidências da proximidade da idéia de

⁴¹⁷ “**Standard**. [Ingl.] 1. Modelo, padrão.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 1327. Trata-se de um anglicismo que designa qualquer coisa padronizada e submetida a regras estritamente definidas.

⁴¹⁸ *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, op. cit., pgs. 57 e 58.

templo e dos antigos *mégarons*. Em quarto lugar, a idéia de templo pode ter-se desenvolvido a partir das próprias habitações primitivas do povo grego. A solução mais sensata da procedência e emergência da idéia e das formas dos templos entre os gregos sem dúvida deve considerar pelo menos essas quatro hipóteses. Contudo a sua associação às antigas habitações gregas parece ser a hipótese mais provável e comprovável.

Primeiramente e conforme DINSMOOR (1950):

*“A religião primitiva grega requeria, inicialmente, somente altares em áreas abertas, como aquelas de Zeus e Hera em Olímpia, de Ártemis Órtia em Esparta e de Aphaea em Egina.”*⁴¹⁹

Esses santuários consistiam de pequenas porções territoriais delimitadas pela construção de pátios e preparadas apenas para a colocação de estatuetas dos deuses, ex-votos, oferendas e eventualmente sacrifícios ao deus daquela localidade. Desse modo permanece ainda nesses ambientes construídos a antiga noção de espaço sacro aberto, de uma tênue delimitação entre o profano e o sagrado. Nesse caso esses ambientes gregos em nada diferem de outros de outras culturas. Eis uma descrição dessas localidades pouco trabalhadas conforme DINSMOOR (1950):

*“Uma excelente ilustração para esse estágio existe em Karphi em Creta, uma pomposa cidade de refúgio para a qual os minóicos e os aqueus remanescentes iam nos tempos das invasões dóricas. Num recinto datado entre 1000 e 900 a.C., com uma entrada na parede leste, há um pátio no qual se encontra um altar no lado norte e uma extensa prateleira ao sul para estatuetas de culto e oferendas votivas. Um lance de escadas dá acesso, através de um portal no lado oeste, a um grupo de cômodos secundários. No santuário de Hera em Samos existem uma série de altares estratificados, sete deles pertencentes ao período primitivo ao qual nos referimos. O mais antigo, por volta de 950 a.C., consistia de não mais do que um baixo recinto de pedras chatas formando um retângulo de 1,5 por 2,5 m para conter as cinzas, sendo construído sobre um terraço revestido e curvado próximo ao lado sudeste, não estando portanto relacionado com a direção leste dos templos posteriores. Outras formas desse altar, datadas por volta de 850, 775, 725, 675 e 625 a.C., conservavam a mesma orientação e consistiam de alargamentos concêntricos melhor definidos formalmente mantendo durante todo o tempo as mesmas dimensões máximas de 6 por 13 m do sexto altar (675 a.C.). O sétimo foi construído diretamente acima destes mantendo ainda as mesmas dimensões anteriores e próximo a um degrau ou plataforma adicionada no lado noroeste. Em Éfeso, onde nossa evidência literária, distante na névoa do tempo, conduz à fundação do santuário de Ártemis atribuído à Idade das Amazonas, a destruição do primeiro santuário foi precisada por Eusébio como anterior a 1146 a.C.. Contrariamente, o material das ruínas sugere uma origem mais recente que a de Samos, datada através das oferendas votivas por volta dos 700 a.C.. Esse santuário novamente comparece apenas como um altar (‘A’) num recinto aberto, com uma escadaria a leste.”*⁴²⁰

Nessa época, conforme ainda DINSMOOR (1950),

*“Os deuses ainda não haviam sido personificados ou tomado a forma humana em estatuetas de dimensões consideráveis por isso não requeriam a construção de coberturas especiais.”*⁴²¹

Um argumento até certo ponto ingênuo, mas que deve ser considerado pois que indica desde já a futura extensão da idéia de abrigo ao emergente deus antropomorfo. MARTIENSSEN (1958) acrescenta à necessidade de proteção da divindade antropomorfa a questão da premência de uma expressão diferenciada destinada a esses locais de culto evidenciando essa passagem hierofânica:

*“Cabe supor inicialmente que o ponto de partida da construção de um refúgio ou ‘casa’ para o símbolo da deidade deve ter sido a troca de um objeto puramente natural ou não figurativo por um símbolo antropomórfico. Essa troca da religião ctônica à olímpica guarda assim uma estreita relação com a criação deliberada de um marco arquitetônico formal para todo o processo da cerimônia religiosa.”*⁴²²

⁴¹⁹ *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 39.

⁴²⁰ *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pgs. 39 e 40.

⁴²¹ *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 40.

⁴²² *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 72.

Outra hipótese igualmente plausível e apresentada por DINSMOOR (1950) para o surgimento da idéia dos templos parece ser a súbita introdução de novos hábitos e costumes levados para a Grécia pelos cimérios. Entre esse povo a idéia de templo, concebido como um ambiente construído específico já havia sido concebido há mais tempo. Nesse ponto nada há que impeça uma séria consideração a essa hipótese: a da importação de um modelo de outra cultura. Basta que se lembre de que o Mar Mediterrâneo e seu entorno continental sempre foi o palco de incessantes trocas culturais. Assim essa hipótese se torna tanto mais plausível como comprovável. Retornando a DINSMOOR (1950):

“Talvez o conceito de espaços fechados e cobertos, conformando os atuais templos ou casas dos deuses, tivessem se originado na região mais organizada do oeste. Nestes termos em Samos, na mesma data do segundo altar, logo após 800 a.C., o principal caminho para oeste pôde apenas ser explorado como uma conexão entre o altar e uma modesta capela dos quais nenhum testemunho sobreviveu, a menos que pudéssemos supor que o pedestal circular de pedras de mármore, de 60 cm de altura e 95 cm de diâmetro e com um apoio retangular, sustentava uma rústica imagem de madeira do deus. Em Olímpia parece não ter existido nenhum templo até 700 a.C., naqueles tempos a idéia ainda estava em evolução. Em Éfeso não há qualquer traço de nada mais do que um simples altar até depois das invasões cimérias em 625 a.C., a partir das quais um primitivo altar parece ter sido adornado com alguma espécie de nicho ou sacrário, colocado num pódio especial ou embasamento e próximo à escadaria para o altar, explicando a não usual orientação para o oeste que mais tarde sempre poderia ser vista em Éfeso e que foi reproduzida em vários outros templos na Ásia Menor (Neandria, Larisa, Magnésia). Não muitos anos depois, talvez por volta de 650 a.C., todo o complexo estrutural de Éfeso estaria disposto segundo uma plataforma retangular (‘B’) envolvida por paredes.”⁴²³

São esses pequenos altares, encontrados após as invasões dos **cimérios** ⁴²⁴ que iniciam a sua investida do interior do continente para as faixas litorâneas da Ásia Menor por volta de 850 a.C., que levam à Grécia a idéia de templos fechados. Inicialmente concebidos como sacrários com a sua abertura voltada para o oeste. Desse modo aos antigos pátios sagrados e abertos agrega-se algo novo: o sacrário, ou o local específico à colocação e proteção do deus ou deusa reverenciado.

Por outro lado, a idéia do templo fechado parece se relacionar com os antigos *mégarons*, construções onde os chefes de clãs se encontravam para tratar dos assuntos das *phratríai*. A utilização desses ambientes construídos segundo essa função específica, a da reunião dos vários *basileús*-chefes, parece não ser consensual dado que os templos posteriores não foram construídos para abrigar pessoas mas somente para sustentar o andamento dos cultos religiosos e eventualmente para guardar os tesouros das cidades-estado. Além do mais, o sentido utilitário do *mégaron* algumas vezes coincide com o sentido de habitação de um desses chefes patriarcais, razão pela qual essa hipótese vem sendo descartada. Contudo, o tema continua sendo objeto de diferentes abordagens.

DINSMOOR (1950), quando se refere ao *mégaron* do palácio de Tirinto, o apresenta segundo um sentido que parece ser mais preciso e, apesar de não constituir-se como uma construção separada das demais, como serão os futuros templos, a hipótese de sua precedência em relação aos templos torna-se mais plausível.

Já MARTIENSSEN (1958) é mais determinado. O seu pressuposto geral de organicidade, ou homologias entre as várias construções que antecedem a idéia de templo relaciona quase indistintamente grande parte das expressões construtivas dos vários ambientes construídos gregos. Assim o autor elege os elementos construtivos do interior do *mégaron* do palácio de Tirinto como a primeira construção que relaciona a morada construída para os homens à outra construção moldada para o abrigo dos deuses:

“Encontramos aqui o modelo do templo-tipo, e ainda que o complexo doméstico de Tirinto se encontre rodeado de outros elementos que só permitem um tratamento frontal interior de importância (o que reforça a nossa afirmação da generalização interna dessa arquitetura), o espaço exclusivo e diferenciado

⁴²³ *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 40.

⁴²⁴ Os **cimérios** provenientes do leste do Mar Negro constituíam-se em hordas de migrantes que enfrentaram primeiramente os assírios e posteriormente os frígios. Suas forças somente se dissiparam ao chegarem nas imediações da costa oeste da Ásia Menor, na Lídia. Fonte das informações: *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 56.

do pórtico e do vestibulo é um antecedente digno de destacar-se na evolução que conduzirá posteriormente à criação de um marco especialmente ornamentado para cobrir o símbolo da deidade.”
425

Ainda que apenas referindo-se aos espaços interiores e o seu tratamento diferenciado que desde já prenunciava o frontão, o autor admite a criação deliberada de um tipo de ambiente construído para um sentido diferente da habitação para os homens. MARTIENSSEN (1958) prossegue com sua descrição:

*“O mégaron de Tirinto tinha um ante-sala entre o pórtico e a habitação principal e ainda que esse elemento não se reflita no templo até o advento do peristilo, quando os **pronaos** [426] assumiram o caráter de um vestibulo ou ante-sala, a série geral dos elementos mostra a existência de um forte vínculo entre o mégaron e o templo. Ao considerar-se o tratamento arquitetônico do mégaron cabe advertir que as paredes foram feitas de tijolos secos ao sol e que sua superfície interna estava revestida com estuque e afrescos; os pisos eram de concreto, e as colunas do pórtico de entrada de madeira. Não se estabeleceu com certeza o tipo de teto utilizado. Mures considera provável o emprego de um teto tipo cavalete, com arremate triangular; Perrot e Chipiez utilizam um teto plano em sua reconstrução. Em todo o caso, a construção ‘inorgânica’ dos lados e da parte posterior do mégaron não anuncia a forma limpa e tridimensional do templo como estrutura isolada. O templo como tal foi uma criação independente e somente deveu a gênese de sua planta aos distantes protótipos dos tempos homéricos.”* 427

Assim parece incontestável a tese de que os *mégarons* influenciaram pelo menos a construção da idéia do espaço interior dos futuros templos.

DURANT (1966), que não era arquiteto, e, talvez por essa razão sua opinião não devesse ser considerada (contudo era filósofo, e talvez assim o devesse), afirma que os *mégarons* originaram os templos tanto entre os dóricos como entre os jônicos. Para o autor, o ponto de partida para a retomada das tradições construtivas coincide exatamente com o fim das invasões dóricas. Conforme o autor, a tradição construtiva dos elementos ornamentais dos futuros templos já se encontrava fixadas antes dos dóricos. Sua hipótese da existência anterior desses elementos ornamentais, ou os elementos simbólicos dos templos, recai nos *mégarons* miceneanos que posteriormente são levados a outras partes da Grécia. Conforme o autor:

*“A ciência das construções custou a se restabelecer dos efeitos da invasão dórica e redimiu o nome dórico além do merecido. Através da Idade Média grega, que foi de Agamêmnon a Terpandro, o mégaron miceneano transmitiu à Grécia as bases de sua estrutura; a forma retangular dos edifícios, o emprego de colunas internas e externas, o **fuste** [428] circular e a simplicidade do **capitel** [429] quadrado, os tríglifos e métopas das **arquitruaves** [430] foram todos preservados na maior conquista da arte grega; o estilo dórico. Mas enquanto a arquitetura miceneana era aparentemente secular, aplicando-se a palácios e casas particulares, a arquitetura grega clássica foi quase exclusivamente religiosa. O mégaron real foi transformado no templo cívico, à medida que a monarquia se apagava e a religião e a democracia*

⁴²⁵ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 72.

⁴²⁶ Primeiramente: “**Pronau**. Vestíbulo formado pela colunata da fachada dos templos gregos, e ao fundo pelo muro onde se abre a porta da cela ou *naos*.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 414. “**Pronaos**. Alguns termos vagos para designar ‘pórtico’, como *porticus*, são por vezes empregados no mesmo sentido. Afirma-se ocasionalmente que pronaos é usado apenas para designar pórticos prostilos, mas os testemunhos não o estabelecem em definitivo.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 461.

⁴²⁷ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 73.

⁴²⁸ “**Fuste**. Parte da coluna entre o capitel e a base. Pode ser liso ou com caneluras, espirais, folhagens, etc.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 249.

⁴²⁹ Primeiramente: “**Capitel**. Parte superior da coluna que assenta sobre o fuste; elemento largamente decorativo cuja composição caracteriza o estilo arquitetônico adotado no edifício. É dominante nas ordens ditas clássicas.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 121. Complementando: “O capitel dórico, conforme já vimos, é quase sempre entalhado em um único bloco, que inclui uma pequena porção da parte superior do fuste até os anéis do colarinho. O capitel propriamente dito consiste em uma moldura convexa saliente, o equino e um bloco quadrado de pequena altura, o ábaco.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs 51 e 52.

⁴³⁰ Inicialmente: “**Arquitruave**. A parte do entablamento que repousa imediatamente sobre os capitéis das colunas. É um dos principais elementos do entablamento, com variantes nas ordens clássicas. Em geral, oferece superfícies destinadas a valorizar a riqueza dos ornatos do friso e demonstrar que a finalidade dessa parte do entablamento é unir, horizontalmente, os suportes verticais.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., 69. Complementando: “**Arquitruave**. Vitruvius designa *trabes compactiles* as arquitruaves de madeira dos templos toscanos.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 449.

ligavam as afeições da Grécia ao culto da cidade personificada por seu deus.”⁴³¹

Mais à frente, DURANT (1966), reforça a sua tese filogenética da procedência dos templos compondo um quadro de influências:

“Enquanto os dórios desenvolviam esse estilo inspirado no mégaron, modificado provavelmente pela influencia das colunatas egípcias ‘protodóricas’ de Deir el-Baari e Beni-Hasan, os gregos jônicos alteravam a mesma forma fundamental [dos mégarons] sob a influência asiática.”⁴³²

O exemplo de ROBERTSON (1997), mais à frente será mais esclarecedor a esse respeito.

Contudo, os autores parecem concordar que as mais profundas relações da arquitetura templária estabelecem-se com as habitações ou a arquitetura doméstica. Sua filogenia atravessa os tempos partindo das imemoriais construções de planta circulares com coberturas curvas e provavelmente de fibras vegetais até a sua completa evolução na forma acabada dos pétreos templos helênicos. Essa perspectiva, aparentemente descabida, pois que relaciona ambientes construídos que apresentam formas absolutamente díspares, guarda em seu interior a idéia de proximidade entre a casa do homem comum e a casa do deus ou, numa outra perspectiva, a idéia de centralidade do humano entre os gregos. Nas palavras de DINSMOOR (1950):

*“Foi há muito tempo, contudo, antes de se tornar um complexo organismo como o templo períptero com todas as suas partes, e das colunas formalmente ordenadas, que os templos surgiram. Os primeiros templos dos deuses, em todas as partes do mundo grego, foram simplesmente casas dos homens, ampliadas e embelezadas. E então, por esse motivo, nós poderemos traçar os vários estágios correspondentes ao desenvolvimento das plantas baixas das casas retraçando o ciclo real do círculo ao retângulo o qual iniciou o seu curso no período aqueu. Para a cabana circular, por exemplo, corresponde o rústico templo circular de Gasi (seis quilômetros e meio de Candia) em Creta. O estágio das casas elípticas é representado na arquitetura doméstica pela fundação do período geométrico sepultado abaixo do mercado ateniense e na arquitetura do templo do modelo votivo em pedra de calcário da ilha de Samos, um templo-ferradura sobrevivente até tempos atrás em Gonnos na Tessália, dedicado a Atenas Polias, e reconstruído com duas colunas dóricas in-antis. Como a planta fora alongada, paredes periféricas foram introduzidas para marcar um pronaos e às vezes um cômodo interior ou **adytum**.^[433]”*⁴³⁴

Nessa outra versão, o templo grego, ou os ambientes construídos que o antecede, sugere que a partir da idéia da simples cabana circular, protótipo milenarmente aceito e construtivamente desenvolvido, sofre, pelo simples alongamento, a sua primeira transformação. Da idéia do ponto central a partir do qual se distende uma mesma dimensão nas infinitas direções, ou o círculo, facilmente marcado com qualquer instrumento longilíneo, o abrigo evolui inicialmente apenas por seu prolongamento, por sua distensão, provavelmente voltando a sua abertura para o leste. Retomando mais uma vez DINSMOOR (1950):

*“O desenvolvimento da frente ereta e o alongamento da cumeeira da cobertura ocorridos ao mesmo tempo cuidaram de formar a empena na fachada, a fachada com o frontão. A planta do tipo ‘**grampo de cabelo**’ [podem ser vistas nas ilustrações de Robertson à frente] aparece nas fundações absidais de um templo com 7,5 m de comprimento dedicado a Hera Acraea em Perachora (na península oposta a Corinto), e outras subordinando os templos de Aphaea em Egina e de Apolo Daphnephorus na Eretria.”*⁴³⁵

Ao que tudo indica, à medida que os deuses vão-se humanizando e tomando as feições da nova antropomorfia, a estrutura espacial da arquitetura doméstica e todos os seus elementos constitutivos distendem-se gradativamente pelas coberturas protegendo a imagem do deus antropomorfo.

⁴³¹ A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 175.

⁴³² A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica, op. cit., pg. 176.

⁴³³ Ver a definição de *opistódromo* acima.

⁴³⁴ The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development, op. cit., pg. 41.

⁴³⁵ The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development, op. cit., pg. 41.

Nesse horizonte de lentas transformações, a transferência de seus elementos construtivos, depositários da síntese secular de vários elementos de ordem simbólica e técnica, vão gradativamente migrando da arquitetura doméstica para serem adotados na arquitetura templária. Trata-se, aparentemente, do mesmo movimento conceptivo que tornava mais próximas as esferas humana e divina. Reside nesses dois movimentos, o da construção da idéia dos templos e o antropomorfismo dos deuses, uma profunda simetria conceptiva que mais uma vez aproxima homens e deuses. Contudo, esse movimento conceptivo que estende aos deuses a mesma cobertura dos homens não significa a indistinção de ambos os estatutos espaciais, entre o sagrado que é o mundo divino e o profano que é o mundo humano. VEGETTI (1980) indica claramente algumas diferenças entre deuses e homens:

“Por outro lado, é certo que o que separa os deuses dos homens é acima de tudo a sua força: eles são ‘os mais fortes’. Isso deriva quer da experiência primária quer da existência de poderes sobrenaturais que agem sobre o mundo, quer do ato poético de representação da divindade através de uma projeção das qualidades heróicas. Os deuses são diferentes devido à especificidade do domínio em que exercem o seu poder, embora, não se tratando de abstrações conceptuais, mas de personagens concretas, sejam por norma figuras plurifuncionais, cujos poderes se exercem muitas vezes numa multiplicidade de setores, cruzando-se e sobrepondo-se. No conjunto, neste imaginário religioso, como descreveu Dumézil, ‘conceitos, imagens e ações articulam-se e formam com os seus nexos uma espécie de rede onde, em princípio, toda a matéria da experiência humana deve estar contida e repartida.’ ”⁴³⁶

Assim, por mais que essa aproximação conceptiva seja visível nos ambientes construídos, permanecem claras e distintas as possibilidades entre o gesto humano e o gesto divino. Nada há que remova as prerrogativas dos deuses, assim como nada há que supra os homens de sua mortalidade. Assim as formas expressivas se relacionam segundo certa simetria mas numa dimensão que seus estatutos originais e distintos não sejam esquecidos.

ROBERTSON (1997) ao demonstrar a proximidade entre a arquitetura doméstica e a templária parte de vários templos superpostos descobertos em Termos e dedicados a Apolo. A partir do exame mais detido de sua exposição pode-se evidenciar pelo menos um elemento construtivo que inicialmente emerge do vocabulário simbólico e estrutural das residências ou *mégarons* para os primeiros templos: as colunas de pedras ou madeira. Robertson não aborda diretamente essa questão a da adoção das colunas residenciais nos templos. Entretanto a partir de sua exposição e das figuras apresentadas pode-se supor outros níveis de abordagem do mesmo tema. Eis a exposição do autor:

“Em seguida vem um grupo de construções do H.M. [Heládico Médio, ~ 2000 a.C.] ou H.R. [Heládico Recente, ~ 1600 a 1400 a.C.], parcialmente retilíneas e parcialmente do tipo ‘grampos de cabelo’, ... Todas foram construídas de pequenas pedras em suas partes inferiores, que sustentam paredes de madeira e barro, e cobertas com colmos; as paredes principais apresentavam uma inclinação para dentro e os telhados provavelmente eram curvos como abóbadas cilíndricas. A principal construção do tipo ‘grampo de cabelo’ recebeu a denominação ‘Mégaron A’. Seu eixo principal se estende aproximadamente na direção norte-sul e seu comprimento estava compreendido entre 21 m e 24,5 m. As paredes laterais correm retilinearmente por um terço de sua extensão e então se curvam muito ligeiramente, até se encontrarem na pronunciada curvatura ao norte. O interior era cortado por paredes transversais que formavam um pórtico e duas câmaras internas; o pórtico em si era parcialmente vedado por uma parede que deixa uma abertura num dos cantos. Certamente o ‘Mégaron A’ era uma residência ou um palácio.”⁴³⁷

Através dessa exposição e do *Mégaron A* apresentada na **figura 88**⁴³⁸ à frente, pode-se ver o que se convencionou chamar as plantas em forma de “*grampo de cabelo*” atribuídas sempre às antigas habitações gregas. O próximo passo das descrições de ROBERTSON (1997) diz respeito ao *Mégaron B*, que representa o exemplar construído que mais se aproxima da geometria ortogonal dos futuros templos.

⁴³⁶ *O Homem Grego*, op. cit., pg. 239.

⁴³⁷ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 62.

⁴³⁸ Legenda da **figura 88**: “Mégarons ‘A’ e ‘B’ em Termos.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 42.

“O ‘Mégaron B’, de aproximadamente 21 m de comprimento, é posterior ao do grupo do ‘Mégaron A’, e é possível provar que tenha tido vida longa. Seu mais recente escavador, Rhomaios, acredita que o arquiteto que o projetou tenha visto o ‘Mégaron A’ em pé e que os arquitetos dos templos arcaicos tenham visto o ‘Mégaron B’. É certo, em todo caso, que o ‘Mégaron B’ revela fortes afinidades técnicas tanto com seus predecessores quanto com seus sucessores. Sua data de origem é, talvez, o século X a.C.. À primeira vista, poderia passar por um templo arcaico; contemplado superficialmente, parece retilíneo e regular, e é dividido por paredes transversais em três câmaras. Um exame mais criterioso, porém, revelou uma curva bastante acentuada na parede menor norte (sua orientação é semelhante à do ‘Mégaron A’), e uma curvatura mais sutil na parede leste; a parede oeste está destruída em sua maior parte. O pórtico assemelhava-se ao do ‘Mégaron A’. ... O ‘Mégaron B’ pode ter sido tanto uma residência como um templo, e não é impossível que tenha sido construído para ser a primeira e, com o passar do tempo, transformado no segundo. Sobre as ruínas, com uma orientação ligeiramente diferente, foi erguido o mais importante dos templos arcaicos, aquele consagrado a Apolo.”⁴³⁹

Na figura 88, esse templo dedicado a Apolo está representado pelo retângulo mais claro em cujo centro está disposta uma fileira de pilares internos. Conforme o já exposto anteriormente, algumas colunas internas sempre estiveram associadas não só à idéia de fertilidade como também à idéia de centralidade do mundo simbolizada pelo *omphalós* nas antigas cratofanias gregas. O *omphalós*, ou o umbigo do mundo, expressa ainda a possibilidade do renascimento e da reintegração da consciência. Assim, a existência desses pilares internos no *Mégaron B* pode ter significado, a potenciação do espaço sagrado pela justaposição desses conteúdos simbólicos sintetizados na nova idéia de templo.

Outra versão para o surgimento dessas colunas internas é sustentada por DINSMOOR (1950). A **figura 89**⁴⁴⁰ ao lado, representa a planta de outro *mégaron*, desta vez situada na acrópolis de Selinute, onde se vê claramente dois pilares internos. Dinsmoor ao comentar esse caso específico, sustenta de modo mais pragmáticas que a aparição das colunas internas e centrais fizeram-se necessárias à medida que os templos foram sendo alargados e que as coberturas se tornaram mais pesadas. Trata-se de uma hipótese meramente técnica, bastante plausível para aqueles que buscam provas concretas, mas muito limitada quando se buscam valores mais simbólicos.

Recorrendo-se a outra figura mais detalhada do mesmo *Mégaron B*, **figura 90**⁴⁴¹ acima, vê-se também a existência de pilares externos. Não seriam esses pilares externos a potenciação da idéia de sagrado revelada no exterior desses primeiros templos? Colocando a mesma questão e partindo de outro princípio: que evidências seriam necessárias para que os arqueólogos provem o sentido de sacralidade desses pilares externos?

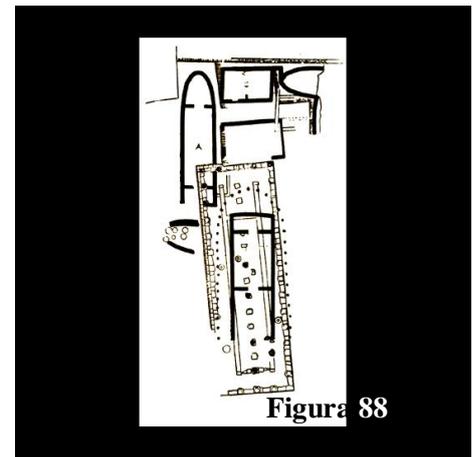


Figura 88

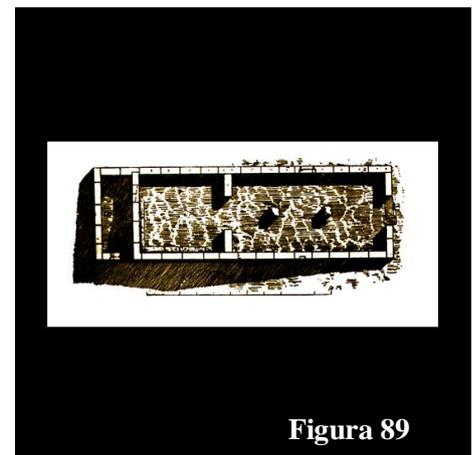


Figura 89

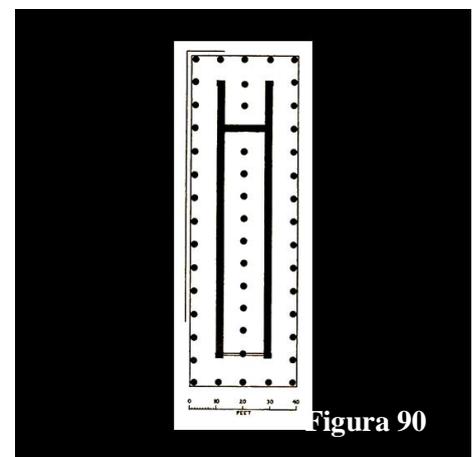


Figura 90

⁴³⁹ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 62 e 64.

⁴⁴⁰ Legenda da **figura 89**: “Mégaron na acrópolis de Selinute.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 45.

⁴⁴¹ Legenda da **figura 90**: “O templo de Apolo em Termo.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 52.

Normalmente, esse sentido de sacralidade é atestado quando os arqueólogos encontram à volta dos pilares internos objetos utilizados durante as cerimônias religiosas como: ex-votos, ídolos, lâmpadas e vasos, devidamente protegidos de vandalismos justamente por se encontrarem em ambientes internos. Já no caso dos pilares externos não haveria como proteger esses objetos e assim eles não poderiam ser encontrados. Além do mais, seria um contrassenso esperar que aqueles gregos celebrassem seus rituais no peristilo dos primeiros templos. Isso seria uma negação do próprio sentido de interioridade dos templos. Desse modo o sentido de sacralidade dos pilares externos é evidentemente simbólico. Trata-se de uma extensão da idéia de sacralidade interior exposta exteriormente, como que coroando a intencionalidade da construção desses novos ambientes construídos.

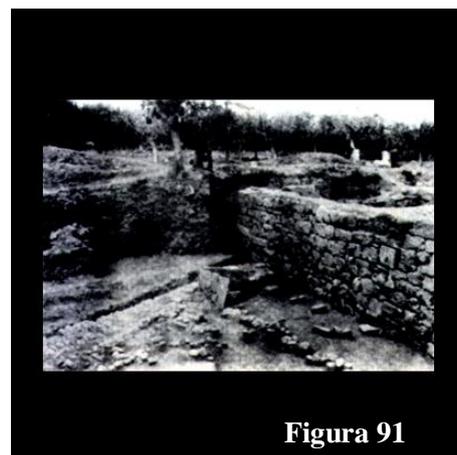


Figura 91

Outro importante elemento distintivo entre os futuros templos gregos e os templos de outras culturas contemporâneas ao povo do Egeu é a sua concepção ortogonal. Essa passagem mais uma vez não pode ser descrita minuciosamente. Contudo alguns indícios podem ser colhidos a partir de vestígios encontrados no Mégaron B. Sua geometria ligeiramente recurvada parece colocar-se exatamente como uma transição entre o motivo curvilíneo das primeiras construções e a geometria retilínea dos templos posteriores. Os indícios que realmente denunciam essa passagem é a existência de traços de encaixes de pilares de madeira externos organizados em forma de elipse. Mais uma vez conforme ROBERTSON (1997):

“Outra característica de grande interesse é a presença de 18 chapas delgadas de pedra dispostas em redor do ‘Mégaron B’ e obviamente relacionadas a este. Certamente elas serviam de base para postes de madeira e formam o mais antigo exemplar grego de um períptero, desenho característico da arquitetura clássica. Dão a impressão de constituírem um acréscimo ulterior e estão dispostas de forma incomum, pois não são paralelas às paredes da construção, mas estão dispostas segundo uma curva elíptica que lembra a forma da extremidade norte do ‘Mégaron A’. Na extremidade sul, todavia, a linha do edifício provavelmente era acompanhada, com a fileira de postes correndo retilinearmente de leste a oeste. Alguns dos postes, ao menos, dão a impressão de terem sido retangulares e de estarem acomodados em aberturas formadas por pequenas pedras.”⁴⁴²

Na figura 88 anteriormente apresentada esses vestígios de postes ou colunas estão representados pelos pequenos pontos negros dispostos em forma de elipse em torno do *Mégaron B*. Dinsmoor sugere que a partir desses postes formava-se uma cobertura curva sobre o *Mégaron B*, a exemplo das coberturas do *Mégaron A*. essa cobertura era simplesmente conformada por hastes de madeira recurvadas de modo que suas pontas pudessem ser amarradas no alto. A partir dessa conformação era posta a cobertura de fibras vegetais. Nada poderia ser mais simples e tradicional. Contudo não existem provas materiais suficientes para comprová-lo; os materiais utilizados para a sua construção simplesmente desapareceram pela ação do tempo.

A primeira aparição de templo segundo ROBERTSON (1997) é apresentada na **figura 91**⁴⁴³ acima, consiste do templo primitivo de Ártemis em Esparta. Segundo a figura apresentada, muito pouco ou quase nada dos exemplos anteriores pode ser percebido. Entretanto, ele é descrito segundo uma geometria francamente ortogonal o que indica um outro momento conceutivo que se instala a partir das antigas experiências construtivas e expressivas. Esse novo templo passa a situar a Arquitetura Templária num novo horizonte que se abre pela ordenação da vida e das cidades gregas. Nesse sentido, trata-se de suprasumir os antigos ambientes construídos de acordo com uma nova expressividade, uma nova ordenação, uma nova visão do mundo que prenuncia a aparição dos futuros templos. Eis a descrição desse templo primitivo em Esparta conforme ROBERTSON (1997):

“Menos impressionantes, mas não de menor importância, são as ruínas do mais antigo templo consagrado à deusa Órtia (posteriormente identificada com Ártemis) em Esparta; aqui, pela primeira

⁴⁴² *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 64.

⁴⁴³ Legenda da **figura 91**: “Templo primitivo de (Ártemis) Órtia, em Esparta.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., lâmina II-A.

vez, lidamos indiscutivelmente com um templo. Com base nos testemunhos de suas estratificações, as ruínas foram datadas por Dawkins, seu escavador, como pertencentes ao final do século IX a.C., e dificilmente são posteriores ao VIII. No século VII a.C. esse antigo templo foi dotado de telhas de escoamento, telhas de junção e **antefixas** ^[444] semicirculares, e substituído por outra construção no século VI. Felizmente a orientação foi ligeiramente alterada e partes das antigas paredes oeste e sul sobreviveram, juntamente com uma fileira interior de pedras horizontais chatas, paralelas à parede sul. As partes inferiores das paredes eram de placas delgadas assentadas pelas extremidades sobre um alicerce de pedras brutas, enquanto as partes superiores eram de tijolos secos ao sol, que se decompuseram em terra vermelha. Na parte sul, a intervalos em correspondência às pedras chatas da parte interna, vigas verticais de madeira foram instaladas em simples encaixes de pedras. Não há dúvidas de que os postes simples ou colunas corriam ao longo da parte interna do templo e que as travessas do telhado apoiavam-se parcialmente nelas e parcialmente no madeirame das paredes laterais. A largura do templo é incerta, mas provavelmente haveria uma única fileira de colunas internas, caso em que a largura seria de aproximadamente 4,5 m. Uma plataforma de terra de aproximadamente 90 cm de largura, revestida com placas de pedra, ocupava a extremidade oeste. A forma original do telhado é desconhecida. A fileira central única sugerida para este templo corresponde a um desenho conhecido na Idade do Bronze, na Tessália e em Tróia e Tirinto, e não é incomum em obras arcaicas, tanto dóricas como jônicas. O paralelo mais próximo que se pode estabelecer com segurança na arquitetura minóica é com o pórtico de uma única coluna. Poucos exemplos na Grécia podem alinhar-se com esse templo, ou 'Mégaron B', muito embora um obscuro grupo de templos primitivos no precinto de Apolo Coríntio em Corona, próximo a Longá, na Messênia, talvez inclua algumas estruturas do século VIII." ⁴⁴⁵

Conforme as descrições apresentadas as idéias centrais que definiriam o templo grego já estavam fixadas. À exceção da forma do telhado desconhecida, outros elementos formais do templo já aparecem. Sua cobertura não poderia ser curva como provavelmente era a do *Mégaron B* já que telhas de barro foram encontradas e que essas se sustentavam por meio de vigamentos de madeira. Sua geometria em planta baixa é essencialmente ortogonal e já não cede ao apelo ou necessidade das plantas baixas recurvadas conforme os exemplos anteriores.

Mais à frente, por volta dos séculos VII ou VI a.C., surgem os primeiros templos encontrados nas regiões dos Dóricos. Como eles não apresentam elementos caracteristicamente dóricos eles foram denominados como templos *pré-dóricos*. Seguindo ainda ROBERTSON (1997):

“Um desse exemplares pertence aparentemente ao final do século VII, ao passo que alguns são do VI ou posteriores. Em seu aspecto externo, todos são retângulos simples cujo acesso se dá por uma única porta em um dos lados menores, e não ostentam colunas ou frisos ^[446]. Os mais antigos são dois templos de Démeter sobrepostos em Gagera, próximo a Selinute, na Sicília. O primeiro talvez tenha sido erguido pouco tempo depois da fundação de Selinute, em 682 a.C.; seu sucessor, datado do início do século VI e que reproduziu suas linhas principais, de início era dividido internamente em três ambientes, cada qual tendo por acesso uma porta central, disposição esta posteriormente modificada. O edifício contava com um telhado de duas águas e frontões ^[447] mas os perfis das cornijas horizontal e inclinada são singulares e a junção destas nos vértices é tosca a ponto de sugerir que os construtores estavam habituados às

⁴⁴⁴ Primeiramente: “**Antefixo**. Ornato (grifos, folhagens, etc.) que se colocava verticalmente à frente das abas laterais dos telhados, ou nas extremidades do frontão.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 49. Complementando:

“**Antefixas**: As telhas de junção que terminam em antefixas parecem ser descritas em inscrições atenienses como ‘telhas de junção ornadas com motivos florais’. Plínio, afirma que Butaque de Sición ‘foi o primeiro a colocar máscaras nas extremidades das telhas de junção’ - numa clara referência às antefixas.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 448 e 449.

⁴⁴⁵ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 64 e 65.

⁴⁴⁶ Primeiramente: “**Friso**. Parte plana do entablamento, entre a cornija e a arquitrave; ...” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 245. Complementando: “**Friso**. (a) Dórico. (Nenhum termo latino específico; o grego [termo grego] significa um tríglifo, um friso dórico de tríglifos e métopas). (b) Jônico e Coríntio. (As inscrições do Erecteu não contêm nenhuma palavra específica para designar ‘friso’, mas a expressão [termo grego] ‘o calcário (preto) de Elêusis que serve de fundo para as figuras’), está relacionada a ele ...”. *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 456.

⁴⁴⁷ Primeiramente: “**Frontão**. Conjunto arquitetônico que adorna a parte superior de portas e janelas ou que coroa a entrada principal de um edifício. O frontão clássico é triangular. A parte lisa compreendida entre as linhas do frontão, chama-se tímpano e, em geral, é ornada de esculturas.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pgs. 246 e 247. Complementando: “**Frontão**. Os termos antigos podem significar, genericamente, ‘telhado de duas águas’; *fastígio* também pode ter significado de ‘acrotério’, enquanto ... pode significar *tímpano*, ...”. *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 456.

coberturas planas.”⁴⁴⁸

A adoção das coberturas planas pelos gregos, ainda que não tenham sido inventadas por eles ⁴⁴⁹, representa sem dúvida uma evolução. As coberturas planas, se adotadas em duas águas, solucionam várias situações técnicas simultaneamente. Primeiramente a adoção das telhas; ao invés das pesadas lajes de pedra, menores e mais leves propiciam a diminuição das cargas sobre as estruturas de sustentação da cobertura tornando as peças de apoio mais delgadas. Consequentemente, torna-se mais fácil a estabilização da construção.

Por outro lado, esse novo sistema facilita imensamente as operações construtivas que agora se dá por partes que se encaixam: o peso de cada telha de barro ⁴⁵⁰ é incomparavelmente menor do que o peso de uma laje de pedra. Além do mais, a energia física empregada no trabalho como o material adotado, o barro, é incomparavelmente menor do que o esforço empregado nos trabalhos de esculpir os encaixes das lajes de pedra. Assim, as telhas de barro são mais fáceis de preparar, mais fáceis de serem transportadas até o canteiro de obras e mais facilmente instaladas nas posições adequadas. Além do mais a recomposição de algum elemento danificado seria muito mais fácil.

O sistema de coberturas com telhas de barro apresenta ainda outra vantagem: o seu sistema de apoio em tesouras de madeira, o que significa um gigantesco passo conceptivo já que pode-se associar a estabilidade da forma geométrica dos triângulos, indeformáveis que são, às duas inclinações desejáveis ao escoamento das águas. Essa solução de coberturas, conhecida como “cobertura de duas águas”, foi, sem dúvida, um achado genial.

Na nessa mesma perspectiva, as tesouras de madeira, além de serem igualmente compostas de peças facilmente transportáveis, como de resto todas as outras peças que compõem o engradamento, estabelecem um paradigma construtivo absolutamente rígido sob o ponto de vista da estabilidade das construções. Assim as coberturas planas, para além de sugerirem a existência dos frontões, encerram uma engenhosa forma conceptiva conquistada através dos séculos e que tem a sua síntese nas coberturas de duas águas.

Segundo esse ponto de vista estritamente técnico, pode-se supor que os gregos jamais perseguiram apenas a forma triangular dos frontões como síntese formal ou mesmo como símbolo de sua cultura. Mais ajuizado seria supor que os famosos frontões gregos foram apenas um subproduto da adoção das geniais coberturas de duas águas. Aquele espaço vazio e triangular, determinado abaixo pela linha horizontal e acima por duas outras linhas inclinadas das coberturas planas de duas águas, o **túmpano**, poderia ser utilizado com alguma intenção, como por exemplo, determinar a finalidade da construção, o registro do nome da divindade reverenciada e protetora, fragmentos mitopoéticos, etc.. Eis mais uma vez a capacidade sintética do povo grego: unindo a necessidade técnica das coberturas de duas águas e a possibilidade simbólica de expressão nos tímpanos vê-se a criação dos frontões templários que a posterior tradição construtiva ocidental tornou clássico em seus edifícios públicos.

Retomando à aparição dos templos é mais uma vez ROBERTSON (1997) quem descreve outras construções semelhantes o que evidencia que a idéia de um modelo de templo estava lentamente sendo cultivada e construída:

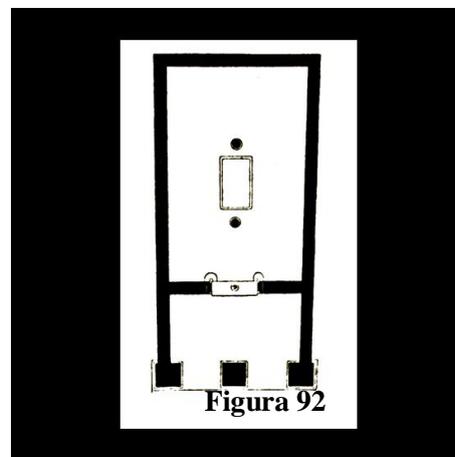
“Há uma construção semelhante na acrópole de Selinute e outra em Agrigento (a Ácragas grega), e a forma original do Tesouro da cidade siciliana de Gela, em Olímpia, que data do início do século VI, era ainda mais simples, consistindo apenas em uma sala retangular, com telhado de duas águas e frontões, cujo acesso talvez se desse por um dos lados menores. Nesse estágio, o Tesouro era ornado com um

⁴⁴⁸ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 66 e 67.

⁴⁴⁹ Conforme as informações obtidas, não existem evidências concretas de que os gregos houvessem inventado os telhados planos. A hipótese mais aceita entre os especialistas sugere que os gregos tenham simplesmente adotado essa solução de coberturas assim como a tecnologia necessária para a sua construção. Aparentemente essas coberturas chegaram à Grécia através dos povos do Oriente Próximo.

⁴⁵⁰ Caso as coberturas fossem feitas de lajes de pedra tudo seria diferente sob o ponto de vista técnico e operacional. O própria dureza do material, a pedra, imporia mais tempo e mais esforço humano no seu tratamento. Desde a sua extração das pedreiras, transporte até o local de preparo, os delicados trabalhos de entalhe que envolvem grandes perdas de material, o seu transporte ao canteiro de obras e a sua instalação nas posições adequadas, tudo isso implica em trabalhos árduos e numa maior disposição dos mestres-de-obra. Com a adoção do barro como matéria-prima, muito esforço construtivo foi evitado.

arranjo singularmente elaborado de cornijas moldadas, *sima* ^[451] e *antefixas* em terracota pintada, incluindo o elemento bastante raro de um *sima* na cornija horizontal acima do frontão. Um pórtico dórico de cobertura plana, com seis colunas e duas *meias colunas* ^[452] embutidas, foi acrescido a um dos lados maiores um século depois. Dois templos pequenos no monte Cotílio, próximo a Basse, na Arcádia, talvez pertencentes ao século VI a.C., se assemelham àqueles de Gagera. Cabe acrescentar que as celas de alguns dos principais templos perípteros primitivos da Sicília pertencem a esse tipos 'pré-dórico', muito embora circundados pelo aparato dórico completo de colunas, friso e cornija." ⁴⁵³



Parece inequívoco que uma idéia de templo se encontrava fixamente difundido entre os gregos mesmo que essa idéia aceitasse pequenas variações, quer dimensional, quer na disposição dos cômodos, quer de ornamentos.

Deixando o continente e retornando mais uma vez à ilha de Creta onde se encontram dois outros templos retangulares nas proximidades de Prínia, um vilarejo próximo à estrada que dava acesso ao palácio de Festo. O mais importante mostrado na **figura 92** ⁴⁵⁴ acima, é assim apresentado por ROBERTSON (1997):

“Ambos os templos podem ser datados do século VII a.C.. O mais importante foi denominado ‘Templo A’. Seu acesso se dava pelo leste, através de um pronaos provavelmente aberto e dotado de um único pilar central quadrado; o conjunto da construção media externamente algo em torno de 7,5 m por 15 m. entre o pórtico e a cela havia uma única porta, ladeada na parte interna por discos semicirculares que serviriam de apoio para meias colunas ou *batentes* ^[455] de madeira. No centro da cela encontrou-se um poço sacrificial bem construído e que continha ossos queimados, além de duas bases de madeira, uma anterior e outra posterior ao poço. Mais interessante que tudo, encontraram-se entre as ruínas numerosos fragmentos de esculturas arquitetônicas em pedra calcária. Algumas destas vieram de um friso com aproximadamente 90 cm de altura e ostentavam cavaleiros entalhados em relevo e vestígios de pintura. Outras pertenciam a duas ‘deusas’ sentadas quase idênticas, cada qual repousando em uma espécie de arquitrave, e um dos lados de cada qual ostentava, entalhada, uma procissão de animais (num dos casos veados e, no outro, panteras); a superfície inferior de cada uma das arquitraves era ornada com uma deusa de pé em baixo-relevo. As figuras necessariamente sentadas ocupavam, portanto, uma posição elevada - Pernier localizou-as na parte superior da porta principal, uma defronte à outra, e apoiadas na parte inferior por uma simples coluna de madeira. O friso, a seu ver, estaria localizado na posição externa usual, por sobre uma arquitrave de madeira. Há vestígios de *volutas*, ^[456] provavelmente *acróterios* ^[457] dos cantos dos telhados. Não foram encontradas telhas e Pernier presume que a

⁴⁵¹ Primeiramente: “**Epistílio**. Arquitrave ou viga horizontal colocada sobre os capitéis das colunas de modo a uni-los uns aos outros para servir de suporte à construção que coroa o edifício. Quando a arquitrave era de madeira, dizia-se *trave*; quando era de pedra *epistílio*, ainda que o termo possa geralmente aplicar-se às duas espécies de arquitrave.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 204. Complementando: “**Sima**. Os nomes legitimados por inscrições são [termo grego], para as partes da sima localizadas acima da cornija horizontal, e [termo grego] para os blocos angulares inferiores da sima localizada por sobre a cornija inclinada. Presumivelmente, [termo grego] seria a descrição das partes restantes sem orifícios da sima localizada por sobre a cornija inclinada. Vitruvius dá *epitidas* como a denominação grega, sem dúvida uma corruptela de [termo grego].” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 462.

⁴⁵² Primeiramente: “**Meia-coluna**. Metade de uma coluna aparente porque a outra metade está engastada na parede.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 337. “**Meia-coluna**. Pilastra ou pilar embutido em uma parede, que sustenta uma das extremidades de uma arquitrave ou arco, sendo a outra sustentada por um suporte, via de regra livre, que não faz parte da mesma parede.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 458.

⁴⁵³ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 66 e 67.

⁴⁵⁴ Legenda da **figura 92**: “‘Templo A’, Prínia (reconstituição).” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 68.

⁴⁵⁵ “**Batente**. Ombreira onde bate a porta quando se fecha. Usa-se também denominar de batente a meia-porta em que bate a outra meia-porta.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 90.

⁴⁵⁶ Primeiramente: “**Voluta**. É o enrolamento em linha espiral que forma o principal ornamento dos capitéis jônico, coríntio e compósito. As volutas servem também de ornamento aos modilhões e às mísulas.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 516. Complementando: “**Voluta**. É possível que [termo grego] fosse empregado para designar a voluta, mas os testemunhos parecem insuficientes.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 465.

⁴⁵⁷ Primeiramente: “**Acrotério**. Pequeno pedestal colocado nas extremidades e no vértice dos frontões e destinados a estátuas, troféus

cobertura fosse plana. O 'Templo B' é semelhante, porém planejado deforma menos regular e menos preservado. O acesso ao pórtico dava-se por uma porta central e havia um ambiente interno nos fundos. Existia um poço sacrificial como em 'A', mas uma única pedra cônica atrás deste, que aparentemente não se trata de uma base de coluna. Para Pernier, não é muito certo que 'B' fosse um templo."⁴⁵⁸

Conforme se depreende do texto acima, os ornamentos empregados no interior dos templos tornam-se mais abundantes à medida que o tempo passa. A idéia de templo e a sua construção vão sendo intensamente trabalhados e o maior indicativo da intensidade desse ofício são as pequenas modificações estruturais, as pequenas variações na disposição dos cômodos e os elementos decorativos e informativos utilizados abundantemente em seu interior. Cada elemento existente experimenta uma nova versão formal e cada informação ritual torna-se cada vez mais específica e sofisticada. Assim, numa perspectiva sucessória, as primeiras localidades abertas circundadas por paredes e com pisos pavimentados consideradas sagradas, situadas por volta de 1.000 a.C., os templos experimentam uma impressionante evolução por volta dos 700 a.C.. Contudo, essa evolução somente será levada à cabo 400 anos depois.

Como pode-se acompanhar pelas notas de rodapé, a multiplicidade de denominações técnicas emprestadas aos vários elementos construtivos dos templos, como frontões, simas, cornijas, frisos, antefixas, meias-colunas, volutas, acrotérios e diversos outros, expressam os detalhes, as partes segundo as quais a idéia de templo constitui-se num único ambiente construído. Conforme também se percebe, os termos não chegam a ser precisos. São tomados em diferentes acepções, descrevendo às vezes, porções construídas distintas. Variam de região para região ou, de estilo ético para estilo ético.

Contudo, para além das variações admitidas por cada termo, uma apurada idéia de função identificada com cada uma das partes do prédio vai proliferando por todos os aspectos desses ambientes construídos. Cada uma dessas partes passa a ser problematizada segundo a sua especificidade funcional e simbólica, segundo a sua necessidade e performance únicas. Nesse sentido, cada parte da construção recebe o seu tratamento específico de acordo com materiais e técnicas determinadas. Simultaneamente, cada porção construtiva é minuciosamente submetida a uma ordenação mais geral da qual decorre o aspecto final do prédio. O que explica essa atitude grega com relação aos espaços construídos é a homologia entre eles, os espaços, e a idéia da unidade contida no conceito de *logos*.

Conforme o já exposto, no interior da idéia de *logos* encontra-se a sua faculdade de dispor-se das coisas segundo a certa proporção. Ora a proporção só se evidencia se as partes tomadas em suas particularidades e separadamente puderem ser subsumidas numa outra unidade coordenadora. Assim à medida que a razão vai sendo estruturada e que dela emerge a idéia de *logos*, que a tudo proporciona e regula, os templos vão sendo concebidos e realizados nesse mesmo horizonte, segundo essa mesma simetria em relação à razão, ou o *logos*, e que será evidenciada nas construções templárias.

Entretanto, além de subsumidos nessa ordenação mais geral, a construção dos templos sempre se apresentava segundo um esmero incomum quer nos cuidados construtivos, quer na sofisticação dos acabamentos. ROBERTSON (1997), ao descrever outro templo situado na ilha de Creta, o templo de Apolo Pítio em Gortino, evidencia o gosto pelo bom acabamento geral desses ambientes construídos:

*"O material empregado era a pedra calcária local. As paredes eram construídas de maneira sólida e cuidadosa; sua face externa estava coberta com inscrições arcaicas, algumas das quais podem remontar ao século VII a.C.. A face interna possivelmente era revestida com placas de bronze ..."*⁴⁵⁹

Nesse caso específico, o templo fora construído numa plataforma de pedras que o retirava do chão. Essa estratégia construtiva certamente destinava-se a proteger a construção como um todo de vários agentes agressivos entre os quais se encontra a água. Agindo dessa forma o prédio estaria mais distante do solo e

e outros enfeites; a mesma designação é dada a estes motivos decorativos; soco entre balaustradas que coroam edifícios servindo para dissimular os condutores d'água." *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 23. "Acrotério. Os blocos do pedestal onde se apoiavam são chamados [termo grego]. O termo fastígio é por vezes é sinônimo de acrotério"... *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 448.

⁴⁵⁸ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 68 e 69.

⁴⁵⁹ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 69.

mais isolado da água e, certamente, teria a sua durabilidade assegurada. Não bastasse esse cuidado preliminar, o interior do prédio encontrava-se revestido com placas de bronze: um metal, mais resistente à abrasão do que as pedras ou tijolos. O autor ainda revela, surpreendentemente, que os revestimentos das paredes internas com placas de bronze eram comuns:

*“Tal prática era bastante comum: o melhor exemplo conhecido é o templo de Atena Calquióica em Esparta.”*⁴⁶⁰

Não se sabe a que se deve esse extraordinário cuidado, contudo ele revela o sentido de permanência, o sentido da durabilidade indissociável do material, bronze, utilizado. Mais ou menos nesse mesmo período, por volta do século VII a.C., as colunas deixam de ser de madeira e passam a ser construídas em pedra. As telhas são encontradas mais facilmente assim como frisos, e simas. Os templos passam a ser elevados em relação ao solo e a cobertura de duas águas são mais freqüentes. Os motivos decorativos e simbólicos passam da madeira à pedra e surgem assim os primeiros capitéis minuciosamente esculpidos. A **figura 93**⁴⁶¹ acima exhibe uma reconstrução de um desses capitéis de pedra encontrado no templo de Neandria. Conforme ROBERTSON (1997):

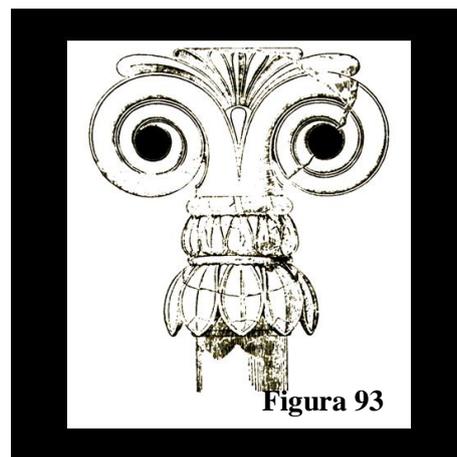


Figura 93

*“A parte inferior compunha-se de um anel de folhas, em alguns casos firmemente talhadas por baixo, seguindo-se uma moldura convexa, também ornada com folhas, e, por fim, o elemento mais notável, uma voluta dupla, projetada, tal como o capitel jônico, a ser vista principalmente de frente ou de trás - neste caso, aliás, apenas de frente, o lado da porta, pois as partes posteriores são executadas de forma descuidada. O elemento da voluta consiste em duas grandes espirais que se desenvolvem em sentido ascendente e que se distanciam do fuste, como se um bastão flexível se fendesse na extremidade e cada metade descrevesse uma curva para fora, formando uma espiral. O espaço entre as espirais é sólido e está decorado com um motivo semelhante a um leque; essa parte se eleva acima das espirais, formando uma superfície de apoio comparativamente pequena para a trave que vem acima. Capitéis muito semelhantes foram descobertos na vizinha ilha de Lesbos, especialmente nas ruínas de uma igreja em Columdado - o local onde ficava o templo do qual estes foram removidos, talvez o de Apolo Napaio, foi ultimamente identificado na antiga Nape.”*⁴⁶²

Ao que tudo indica aquele antigo sentido da *centralidade do humano* da ilha de Creta em seu período minóico não fora esquecido. Desde há muito ela havia sido exportada para a Grécia continental sob várias formas já mencionadas anteriormente. Já havia se transformado segundo novos hábitos e costumes dos povos invasores indo-europeus e sofrido constantes atualizações, quer fossem sob o ponto de vista religioso, quer fossem segundo a organização fragmentária dos *génos*. Também já havia subsistido à obscura Idade dos Heróis assumindo as formas dos *mythos* exemplarmente cantada na voz de seus poetas, para agora, ressurgir na forma expressiva desses novos ambientes construídos que são os templos gregos.

Vários outros exemplos de templos poderiam ser aqui apresentados, contudo todos eles apenas reforçariam o argumento central de que a arquitetura templária grega teve como origem uma matriz Ética em constante formação e atualização. Contudo a que se deveria o seu ressurgimento na forma tão meticulosamente estudada como serão os templos dóricos? Que razões teriam levado os Dóricos a fixar tão rapidamente a idéia de templo e desenvolvê-lo de modo absolutamente preciso a ponto do mundo ocidental jamais esquecê-los?

Nesse período o cenário do mundo Grego havia se modificado. A Grécia experimentava uma explosão econômica e tecnológica, seguidas prontamente por sua expressão artística e cultural. Iniciou-se a cunhagem de moedas, a agricultura estabilizou-se, a ciência deu os seus primeiros passos e a filosofia floresceu. As populações aumentaram e a necessidade expansionista mostrou-se em todos os seus matizes.

⁴⁶⁰ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., nota nº 65, pg. 472.

⁴⁶¹ Legenda da **figura 93**: “Capitel do templo de Neandria (reconstrução).” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 71.

⁴⁶² *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 71 e 72.

Politicamente, sucederam-se várias formas de poder nas cidades: a antiga forma centralizada de poder palaciano, representada pelos reis-sacerdotes continuou, momentaneamente, dirigindo as cidades. Contudo, a sua indisposição para com os antigos clãs organizados em *gênos* agrava-se. Por sua tradição, quer política quer religiosa, os basileús-chefes não tardaram em sobrepujar o poderio real instituindo a forma oligárquica que se organizava segundo as assembleias e o conselho. O movimento que se viu é o mesmo que se vê: as oligarquias enriqueciam-se, concentrando cada vez mais as formas produtivas e o poderio comercial.

A espoliação dos produtores rurais, um contingente considerável de camponeses, tornara-se insuportável. Sempre submetidos a interesses unicamente produtivos ou fiscais e ainda sob o julgo de injustiças aviltantes, essa massa de trabalhadores procuraram representar-se pela nova burguesia cidadina. Mais uma vez ocorreu o que sempre ocorre: uma nova elite em busca de influência que se alia aos menos favorecidos em busca da sua representação. A forma política que se sucede é a democracia, uma forma um pouco mais extensa de representação dos cidadãos.

Entretanto, se as tensões internas às cidades-estados estavam relativamente equilibradas as relações entre as cidades-estados permaneciam sem solução. Conforme o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO:

“Na história grega, persistiu a tensão entre o ideal do pan-helenismo, representado em Delfos e Olímpia, e a tendência individualista da ‘polis’.”

Na esteira do individualismo da *pólis*, surgem as grandes ligas de índole eminentemente expansionistas e imperialistas. Contrariamente a essa ameaça e no sentido do pan-helenismo, surgem as federações e confederações. Segundo GLOTZ (1980):

*“Como maneira de reagir à ameaçadora ambição das ligas com escopo imperialista, em todas as partes da Grécia, muitas cidades vizinhas e aparentadas procuravam garantir-se mutuamente e, para tanto, juntaram-se em comunidades mais amplas. De uma igual necessidade nasceram confederações muito diversas. Com duas palavras são elas geralmente designadas: sumpoliteia e sunoikismós (sinecismo). Por muito tempo, valeram como sinônimos, e é por esse motivo que a união da Ática em torno da sua capital conservou, através da história, o nome de sinecismo.”*⁴⁶³

Contudo, esse movimento apresentado anteriormente pelo termo *synoikismos* ou o movimento de “colonização e unificação de toda a Ática”, não é evidentemente claro e sintético. Para ele concorrem várias faces e intenções. Ainda segundo GLOTZ (1980):

“Mas as sumpoliteiai que conhecemos apresentam tantas formas, tantas gradações, que é muitas vezes dificultoso defini-las: não apenas há casos em que se justifica hesitar quanto à classificação que convém, mas não se pode sempre distinguir o momento exato, o exato ponto em que uma aliança, uma summakhía, substitui à soberania das cidades contratantes, uma soberania superior ou, ao contrário, em que ponto ou momento exato, a liga começa a constituir, conservando sempre o mesmo nome, uma verdadeira confederação. Teoricamente, a sumpoliteia cria um Estado que reúne muitos grupos, privando-os de parte da sua autonomia. As condições necessárias para que se configure a sumpoliteia são as seguintes: o direito à cidadania que, além disso, era alguma coisa mais do que uma formalidade e pertencia, implicitamente, a todos os cidadãos das unidades individuais; uma constituição, que poderia ser apenas a reunião de cláusulas pelas quais as cidades se relacionavam umas com as outras; um governo armado de um Conselho e, em geral, de uma Assembleia; uma jurisdição responsável pela aplicação das leis relativas ao bem-estar geral; uma administração que comporta apenas poucas magistraturas. Pressupõe, além disso, o sinecismo, união local, supressão de fronteiras entre um número de distritos, concentração dos habitantes numa capital que, algumas vezes, se funda para esse fim.”

Não caberia nesse contexto remontar e explanar sobre os aspectos políticos ou sociais que levaram os gregos a esse movimento e nem mesmo detalhar as intrincadas intenções subjacentes a cada federação ou confederação grega. Contudo o *synoikismos*, para além de indicar a constante tensão grega colocada desde sempre entre a universalidade do pan-helenismo e as contingências do individualismo da *pólis*, evidencia a

⁴⁶³ A Cidade Grega, op. cit., pg. 234.

necessidade da criação de um modelo espacial pronto a ser utilizado nas novas colônias.

Essa nova forma de organização política, que evidentemente se desdobra pelas esferas religiosa e social, se distende não só a necessidade de organização dos vários prédios públicos segundo uma lógica compositiva, como também a própria organização dos vários prédios públicos no tecido urbano. MARTIENSSEN (1958) apresenta algumas sugestões determinadas por Aristóteles para a escolha das localidades adequadas para a instalação de novas cidades:

“... ‘o sítio deve ser conveniente, de igual modo, tanto para a administração política como para a guerra. Devem abundar as fontes, e - em caso de sua falta - devem construir-se depósitos ... A disposição das casas privadas serão mais agradáveis e convenientes se as ruas responderem a um traçado regular, segundo o estilo moderno introduzido por Hipodamo ... deve-se estabelecer uma ágora, tal como a que os tessálios chamavam ‘a ágora dos homens livres’; nesse lugar deve-se excluir todo o comércio e não se deve permitir a entrada de artesãos, camponeses e demais pessoas dessa natureza, a menos que sejam citadas pelos magistrados ... Também deverá haver uma ágora para os comerciantes, distinta e separada da anterior, em situação tal que fique conveniente a recepção de mercadorias tanto por mar como por terra ... Os magistrados que se ocupam de contratos, denúncias, citações e afins, assim como aqueles que têm a seu cargo o cuidado da ágora e da cidade, respectivamente, devem se estabelecer próximo à ágora ou de algum lugar público de reunião; as vizinhanças da ágora mercantil seriam sob esse aspecto um ponto adequado; a ágora superior deve estar dedicada à vida do ócio, já que a outra tem por objeto satisfazer as necessidades do comércio’ .”⁴⁶⁴

MARTIENSSEN (1958) prossegue evidenciando a preocupação grega em fixar regras ou leis segundo as quais a cidade deve ser construída, mantida, e administrada:

“A primeira metade do século VI viu provavelmente uma ampla consolidação do controle e direção da planificação urbana. Nas inscrições dessa época encontram-se referências a decretos relativos à ordem geral das ruas e mercados assim como a designação de funcionários para a sua vigilância. A existência de leis que regulamentavam a construção de casas, proibiam a construção de balcões sobre a ruas, etc., nos indicam que por essa época a cidade já existia como instituição estabelecida.”⁴⁶⁵

Como se vê as cidades assim como os seus prédios havia se tornado objeto de regulação, de normalização. Não estariam essas medidas e determinações perfeitamente alinhadas com o movimento do *synoikismos*? Além do mais, para além do conforto decorrente dessa nova concepção ordenativa não seriam esses preceitos uma síntese civilizatória que tinha por pano de fundo as necessidades de expansões comerciais e territoriais dos gregos?

Curiosamente esses novos dispositivos encontram-se situados por volta do século VII a.C. e coincidem com o movimento do *synoikismos*. Assim, não fosse pelas necessidades imediatas de expansão comercial, política ou religiosa, a normalização das cidades-estado bem como dos templos deveu-se, em parte, à necessidade de construção de uma nova ordem de modo a submeter a nova aliança a uma conformação espacial que significasse esse esforço coercitivo e unificador representado pelo movimento denominado *synoikismos*. Eis sinteticamente uma das razões pelas quais os dóricos se debruçaram por séculos na construção do modelo exemplar dos templos. É claro que os dóricos não previram o surgimento do *synoikismos* quatro séculos antes e por isso trataram de consolidar o teor simbólico dos templos. Mas é igualmente claro que eles se debruçaram sobre as formas expressivas de seus padrões ordenativos com o mesmo empenho que se dedicavam à idéia de harmonia.

Há ainda outra razão para que a construção da idéia de templo fosse meticulosamente regrada, modelada, ordenada pelos dórios: a perfeita fixação de suas proporções segundo regras adaptáveis aos diferentes contextos culturais gregos, ou aos diferentes estilos éticos facilitaria imensamente a sua construção em localidades remotas ou nas novas colônias. Tratava-se de uma estratégia de difusão de sua cultura.

⁴⁶⁴ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 38.

⁴⁶⁵ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pgs. 37 e 38.

Deve-se adiantar que nenhum dos autores consultados coloca a construção da idéia de templo na forma como ela é apresentada presentemente, e assim, não há como comprová-la. Contudo, MARTIENSSEN (1958) indica que o templo, concebido como um dos elementos arquitetônicos da cidade faz parte do que ele denomina de *sistema dórico*, idéia essa que novamente coloca-se simetricamente à idéia do *synoikismos*, quer seja pela necessidade de expansão colonial, quer seja pela necessidade de unificação dos vários estilos éticos gregos, quer seja ainda pela necessidade grega de instauração de um horizonte civilizatório ou da *centralidade do humano*.

Ao que tudo indica, o *sistema dórico* e o movimento do *synoikismos* são versões de uma intenção idêntica que é a unificação da Grécia. O *synoikismos* relaciona-se com o campo político e religioso, e o *sistema dórico* atem-se às estratégias de conformação dos ambientes construídos. São, pois faces de uma mesma moeda articulam-se segundo a mesma intencionalidade da *centralidade do humano* já visível entre os antigos cretenses.

Conforme ainda MARTIENSSEN (1958), a título de ilustração e exposição do *sistema dórico* de implementação de colônias, segue uma descrição sumária dos oito “*elementos da cidade*”:

a *estoa*, (ver **figura 94**⁴⁶⁶ ao lado):

“É uma extensão lógica da idéia de um lugar aberto de reunião capaz, ao mesmo tempo, de oferecer sombra e proteção às pessoas reunidas. A estoa era, em essência, um pórtico estendido, cuja parede posterior se encontrava aberta, algumas vezes, para dar acesso a uma fileira de pontos comerciais. Nos locais onde a acomodação exigia uma disposição mais complexa (por exemplo, em Asos, Ásia Menor), a estoa foi construída com vários pisos; ‘a própria colonata estava frente à ágora e, abaixo dela, um ou dois pisos eram utilizados provavelmente como mercado’.”;⁴⁶⁷

a *rua com colonatas*:

“Ainda que o uso da rua com colonatas fosse difundida recentemente nos tempos romanos, não será errôneo mencioná-las aqui. Na era helenística parece ter sido empregada nas cidades coloniais onde as condições climáticas exigiam maior proteção que a que era capaz de oferecer a estoa. Segundo Bosanquet este tipo de rua teve sua origem em Antióquia e em Alexandria. Em Éfeso, a rua com colonata contribuía para dar um aspecto monumental à cidade mas, como disse Bosanquet, ‘o valor real dessas ruas residia na proteção do sol de verão e das chuvas de inverno, que oferecia ao público... (porque) as roupas cada vez mais suntuosas e delicadas do oriente helenístico e romano não se adaptavam às inclemências do tempo.’”;⁴⁶⁸

a *ágora*, (ver **figura 95**⁴⁶⁹, acima e ao lado):

“Nos tempos helenísticos existiam dois tipos principais de ágora: 1º) lugares em que o povo se reunia para presenciar as proclamações dos governantes, funcionários, etc., e 2º) lugares de reunião para levar a cabo os negócios públicos e privados. Em ambos os casos, a ágora consistia, em sua forma mais madura, de uma ampla superfície aberta, de forma retangular ou trapezoidal, rodeada de estoas. O tipo

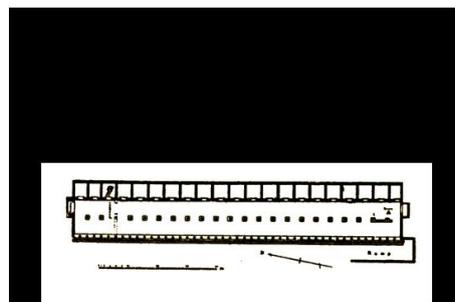


Figura 94

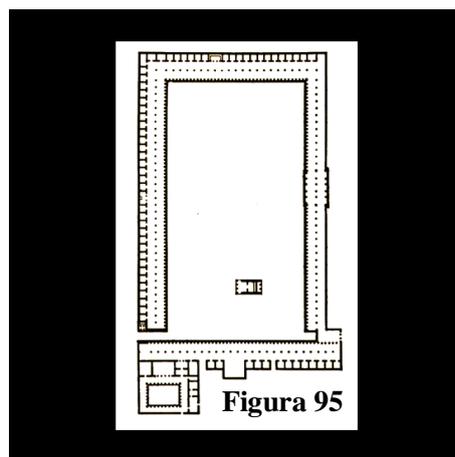


Figura 95

⁴⁶⁶ Legenda da **figura 94**: “A estoa de Átalo em Atenas.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 293.

⁴⁶⁷ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 40.

⁴⁶⁸ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 41.

⁴⁶⁹ Legenda da **figura 95**: “A Ágora de Magnésia.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 334.

*cívico da ágora incluía templos dentro de seus limites, assim como fontes públicas e estátuas; o bouleutério, o pritaneu e outros importantes edifícios se agrupavam nas imediações. A ágora comercial geralmente se encontrava rodeada de pontos comerciais, e é provável que no espaço aberto se levantassem abrigos provisórios de múltiplos tipos.”;*⁴⁷⁰

o **bouleutério** ou casa do conselho, (ver **figura 96**⁴⁷¹, ao lado):

*“A similaridade deste tipo primitivo de câmara do conselho com a simples estoa é evidente; sua evolução a partir do que poderia ser chamado de pequeno teatro coberto data provavelmente da época helenística, e em Mileto encontramos uma expressão arquitetônica madura e significativa das funções do Conselho, no qual descansavam as responsabilidades da cidade. O bouleutério de Mileto foi construído por volta do ano de 175 a.C. e se achava implantado no final de um amplo pátio com peristilo, que era alcançado por um propileu central. O edifício mesmo alojava umas mil e quinhentas pessoas no antigo sistema teatral que, por sua vez, se encontrava contido num espaço fechado de forma retangular. O tratamento arquitetônico geral é dórico, mas com uma forte influência jônica.”;*⁴⁷²

o **eclesiastério**, (ver **figura 97**⁴⁷³, ao lado):

*“O eclesiastério de Priene, menor e mais simples, era destinado às assembleias do povo e tinha capacidade para umas setecentas pessoas. Sua implantação contra o pritaneu sugere a existência de um estreito vínculo prático no funcionamento desses dois edifícios públicos. O eclesiastério era uma estrutura coberta que media uns vinte metros de lado. O que resta dos muros indica que o edifício tinha certo caráter monumental apenas em seu tratamento interior, porque o exterior se encontrava executado com simples alvenaria. Esta limitação constitui um interessante indício da discriminação alcançada nos finais do século III. Cabe observar, mesmo assim, que o sistema de assentos de pedra em pendente se adapta à inclinação principal do lugar, de modo que a porta da parte posterior se encontrava em nível com a rua de cima. A entrada principal se encontrava voltada para o sul.”;*⁴⁷⁴

o **ginásio**:

*“O ginásio constituiu um importante elemento em todas as cidades gregas e, na realidade, as cidades maiores tinham mais de um. A Atenas de Péricles tinha três ginásios e nas épocas posteriores se edificaram, ao que parece, mais um. ... Em Priene havia dois ginásios; o da parte alta, menor, era de planta simples e de fácil acesso para os moradores da zona norte; e o outro, o da parte baixa, estava anexado ao estádio. Ambos contêm os elementos citados e dão testemunho da permanente importância dada pelos gregos à saúde corporal.”;*⁴⁷⁵

o **teatro**, (ver **figura 98**⁴⁷⁶, próxima página):

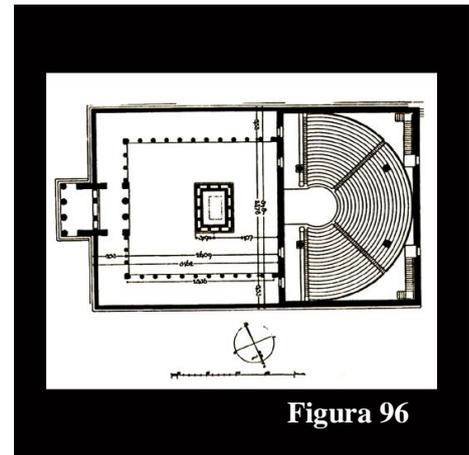


Figura 96

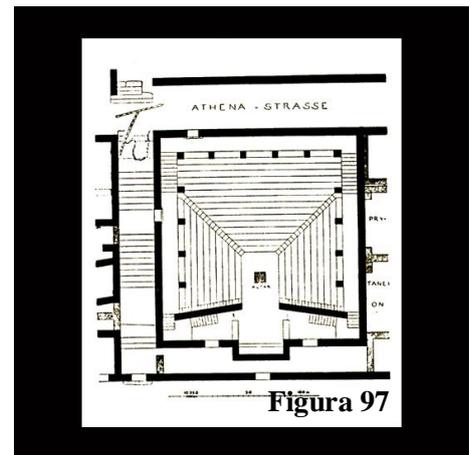


Figura 97

⁴⁷⁰ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 41.

⁴⁷¹ Legenda da **figura 96**: “Bouleutério, Mileto; configuração original (reconstituição).” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 207.

⁴⁷² *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 43 e 44.

⁴⁷³ Legenda da **figura 97**: “Eclesiastério, Priene; planta original (reconstituição).” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 205.

⁴⁷⁴ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pgs. 43.

⁴⁷⁵ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pgs. 44 e 45.

⁴⁷⁶ Legenda da **figura 98**: “A palestra de Epidauro.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 321.

“Pode-se dizer que a idéia de teatro na Grécia se originou com as danças corais dedicadas a Dionísio, celebradas nos recintos sagrados ou perto deles. O cenário foi resultado, provavelmente, da necessidade de prover os atores de um certo tipo de plataforma elevada para o coro, de modo que estivessem visíveis aos espectadores. ‘Os espectadores se agrupavam em frente ao lugar reservado à dança (orquestra) que, se situava aos pés de uma colina, de tal modo que a multidão pudesse instalar-se em suas encostas para ver e ouvir o espetáculo.’ ... Essa adaptação direta aos lugares já existentes às necessidades de um auditório, é o fundamento do teatro grego plenamente desenvolvido com sua orquestra pavimentada, sua arquitetônica cena e sua vasta construção de escadarias de pedra. Da disposição que prevalece ao século V a.C. não se encontram muitos dados, entretanto, contrariamente, correspondente ao século IV são encontrados exemplos em todas as cidades importantes da Hélade.”⁴⁷⁷

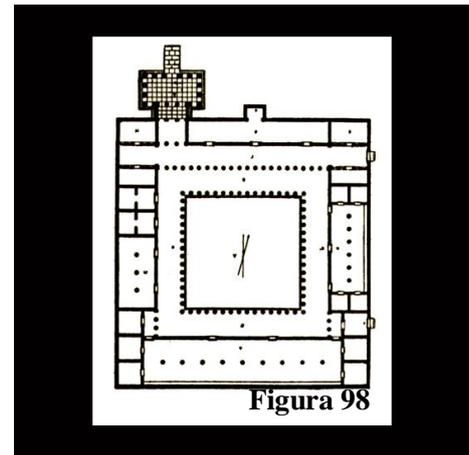


Figura 98

a *palestra*, (ver **figura 99**⁴⁷⁸, ao lado):

“A *palestra* ou escola de lutas às vezes se encontrava combinada com o ginásio, consistindo este último, em sua versão mais simples, de um pátio aberto rodeado por uma colunata. Os diversos exercícios tinham lugar, nos casos mais aperfeiçoados, em vestíbulos e cômodos diferentes. A incorporação gradual de certos elementos da população que não tinham interesse próprio ou específico pelos exercícios, acabou por alargar as acomodações da simples estrutura original.”⁴⁷⁹

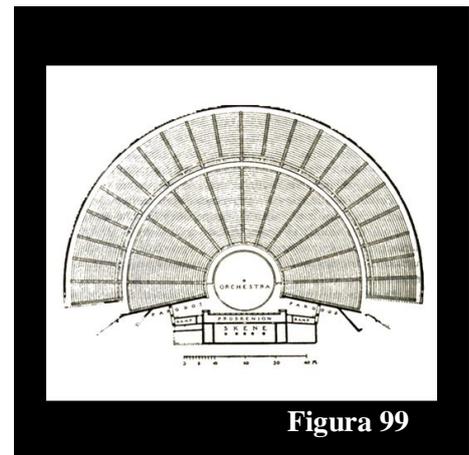


Figura 99

Assim, nesse novo horizonte conceutivo grego todos esses *elementos da cidade* articulam-se segundo a intenção unificadora que é o *sistema dórico* ou, o sistema segundo o qual as cidades-estados são ideadas. Trata-se indubitavelmente de uma estratégia espacial que pretende não só a unificação do modo grego de representar-se no mundo como também sugere a dispersão pelas colônias do modo grego de ser e estar no mundo.

Um mesmo arco conceutivo coroado pela *centralidade do humano* pode então ser apreendida a partir do *sistema dórico*: a mesma unidade que preside à construção dos detalhes dos templos encontra-se expressa na forma mais geral das cidades-estados a partir da ordenação de seus prédios de acordo com suas posições relativas no interior do espaço das cidades-estados. Tudo está subsumido nesse sistema sintético, nesse modo de ver o mundo e situar-se nele. Trata-se de um todo que se articula organicamente.

Esse círculo de co-determinações poderia estender-se indefinidamente caso as considerações se desdobrassem a outros campos aparentemente distantes da atual discussão como: a necessidade de unificação política na dimensão da pacificação das cidades-estados, a síntese dos mitos e cosmogonias como unificação religiosa, o nascimento da filosofia e das ciências e a superação dos *mythos*, a construção do sentido de justiça, o sentido de autonomia dos clãs impresso pelas características do território grego, a tradição de habilidade construtiva grega iniciada com o conforto relativo dos cretenses, etc., etc.. É somente nessa perspectiva unificadora, totalizante e sintética que o sentido do *sistema dórico* deve ser apreendido.

Nele a vida é totalmente apreensível. Tudo se encontra subsumido, enredado, cooptado, por essa concepção totalizante, por esse sistema que se dispõe sobre os objetos de expressão da cultura a partir das formas de concepção e práticas cotidianas, vale dizer, esse *ethos* grego específico.

⁴⁷⁷ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pgs. 45 e 46.

⁴⁷⁸ Legenda da **figura 99**: “A palestra de Epidauro.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 321.

⁴⁷⁹ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pg. 44.

A exemplo do que ocorrera com os *mythos*, supprassumidos na forma sintética da poética grega do século VIII e que representaram uma modificação no que se convencionou denominar “*esquema cronomorfo*”, ou da disposição temporal dos eventos do mundo, a forma sintética da nova organização espacial dispôs de modo similar sobre o que se denomina “*esquema topomorfo*”,⁴⁸⁰ ou sobre as próprias referências do situar-se no mundo construído. Conforme VAZ (1992) o esquema topomorfo pode ser assim apreendido:

“... o esquema topomorfo, ao qual corresponde a categoria de coisa (prãgma) atestada na linguagem comum. Segundo esse esquema, o mundo recebe, na relação de objetividade, a expressão da paisagem, ou seja, da abertura primeira do sujeito à consciência e permanência do que está aí como ‘aberto’ (Welt). A paisagem é habitada pelas coisas que assinalam os pontos estáveis de referência na sua construção topomorfa. Elevando-se sobre o esquema topomorfo e sobre a presença das coisas, o mundo se constrói como habitação ou domicílio, lugar da presença humana (oikos, oikuméne, domus) e da sua permanência (manere, mansio, maison, mansão) na vastidão do espaço. É desde a perspectiva da habitação que o espaço se apresenta como ‘mundo aberto’ (Welt), e nele se faz presente a distinção do próximo e do distante bem como a oposição do conhecido e do ignoto. Nesse espaço as coisas se dividem entre as coisas-utensílios ou, propriamente prãgmata, o que pode ser manipulado, estando ao alcance da mão para o uso e não tendo, portanto, segredo para o homem; e as coisas-enigma que nele provocam admiração (thauma) ou espanto (thámbois).”⁴⁸¹

Assim, de acordo com esse ponto de vista, o encadeamento conseqüente dos espaços das cidades-estados segundo uma intencionalidade organizacional que pervaga todos os seus elementos desde a sua concepção mais geral até as diminutas partes construídas dos templos, pode ter alterado sensivelmente o situar-se no espaço dos sujeitos gregos. É na perspectiva da exemplaridade desses novos templos e todos os outros prédios cívicos, que o cidadão situa-se no mundo, coloca-se entre as ruas das cidades, vislumbra as suas perspectivas intencionalmente moldadas segundo razões que se desdobram da necessidade funcional à pura fruição do sentido de ordem ou civilidade. Assim, das antigas e rudes localidades sacras a céu aberto emerge vagarosamente a forma acabada dos templos que instalam definitivamente a dimensão de civilidade do homem grego.

É então desses movimentos sintéticos que alteram profundamente os estatutos dos *mythos* e das cidades-estados que sobressai a arquitetura templária grega. Para ela convergem simultaneamente e simetricamente as modificações dos modos de ser e estar no mundo proporcionado pelas meticolosas alterações dos esquemas cronomorfo e topomorfo. Tudo se encontra agora situado segundo essa idéia sintética de organicidade que circunscreve todas as instâncias da vida grega segundo um todo homologamente articulado. O mundo torna-se imantado por essa força que se expressa nos templos e que funda vigorosamente o sentido civilizatório grego.

Eis então como emerge a idéia de templo grego situada num horizonte de homologias que se descreve segundo um mesmo arco conceptivo. Eis também o sentido eminentemente Ético da arquitetura grega: para ela converge esse todo de homologias concebido a partir dos hábitos e costumes daquele povo e sintetizado segundo a concepção de *centralidade do humano*. Sob esse ponto de vista a arquitetura templária coloca-se como a síntese Ética daquele povo.

8.2. Algumas Técnicas Construtivas dos Antigos Templos da Idade dos Heróis.

8.2. A Síntese Arquitetônica Grega e o Conceito de Phrónesis / A Passagem da Madeira à Pedra / As Dificuldades de Manipulação do Novo Material Construtivo / As Primeiras Soluções Técnicas / A

⁴⁸⁰ **Topomorfo:** “De *tópos* = lugar e *morphé* = forma.” *Antropologia Filosófica II*, op. cit., nota nº 78, pg. 43.

⁴⁸¹ *Antropologia Filosófica II*, op. cit., pgs. 22 e 23.

Construção das Colunas / Algumas Técnicas de Içamento e Consolidação dos Blocos de Pedra / A Sofisticação das Correções Ópticas e o Ajuste das Partes / O Templo Como um Todo a Ser Contemplado / Da Técnica à Ética.

Conforme já exposto anteriormente a evolução dos templos dóricos é lenta e grandes esforços têm sido realizados no sentido de esclarecê-la. Contudo, os critérios de avaliação e sistematização de seus sucessivos avanços técnicos ou formais que, quase invariavelmente recaem ou na impossibilidade de datações precisas daquelas ruínas ou na eventualidade da reunião de alguns comentários retirados de textos antigos, parecem não ser suficientes de modo que se estabeleça uma visão linear de sua evolução.

Para além de indicar o inexpugnável sentido de auto-superação grego, a abordagem da evolução técnica dos templos dóricos ⁴⁸² é de fundamental importância no contexto da dissertação já que o próprio movimento evolutivo de suas técnicas construtivas assim como a sua sofisticação formal, denunciam e comprova o sentido sintético do *ethos* grego transposto materialmente aos ambientes construídos. Além do mais, essa síntese materializada ilustra e atesta a existência do núcleo conceptual apreendido pelo termo *phrónesis* para o qual concorre a sabedoria prática coroada pela *centralidade do humano* e permeada pela idéia do bem. Assim, convergem para a exemplaridade sintética da arquitetura templária grega não só elementos de ordem racionais e empíricos apreendidos nas próprias tecnologias construtivas como também a *centralidade do humano* representada pelo bem fazer ético, ou como o resultado sintético e secular do *ethos* grego.

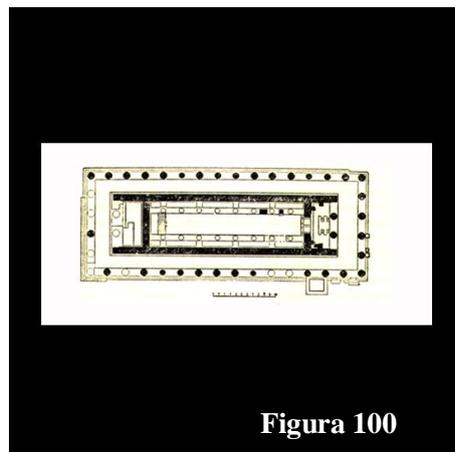


Figura 100

Eis então a razão para o longo percurso anteriormente apresentado pela dissertação que se inicia nos primórdios com a aparição e evolução dos primeiros homínídeos e a partir dos quais as noções de permanência, regularidade e ordenação do mundo passam a ser remontadas de modo a atingir-se a síntese grega que é coroada pela *centralidade do humano*. Assim, todas as categorias anteriormente apresentadas ou abordadas visavam unicamente à construção dessa unidade grega da qual decorrem os seus templos. É através desse esforço que se procurou montar uma versão, ainda que insuficientemente completa, para o surgimento e entendimento da primeira grande matriz arquitetônica ocidental.

Tão logo a idéia de templo se enraíza e encontra o seu estatuto formal relativamente definido entre os gregos as soluções técnicas para a sua construção passam a se superpor e a superar-se sendo sistematicamente aprimoradas. Os materiais menos duráveis, na medida do possível, vão sendo substituídos por outros mais resistentes. O mesmo ocorre com relação aos procedimentos técnicos que acompanham a trabalhabilidade de cada material substituído. Assim, paralelamente à troca dos materiais e o conseqüente esmero requerido na confecção das partes construtivas, as técnicas de montagem, expedientes de encaixes e fixação, artifícios de transporte das partes ao canteiro de obras, vão sendo aprimorados e melhor estudados de modo a se conseguir o aprimoramento geral das obras.

Nessa linha de raciocínio ou de sucessões tecnológicas, às primeiras colunas de madeira com as quais os templos são construídos seguem-se as colunas de mármore. Ao descrever uma das primeiras construções dóricas, o templo de Hera em Olímpia conforme a **figura 100** ⁴⁸³, apresentada na página anterior, ROBERTSON (1997), afirma que embora as suas características arquitetônicas sejam admiravelmente avançadas,

“...os materiais e métodos construtivos são os da era precedente [a Idade dos Heróis]. Até uma altura de 90 cm, as paredes são de primorosa alvenaria de pedra; acima desse nível eram de tijolo secos ao sol e,

⁴⁸² Conforme o interesse da dissertação, a abordagem construtiva dos templos em momento algum se prenderá às abordagens das ordens gregas no que concerne às suas proporções e métrica, assunto já largamente abordado em vários trabalhos. O interesse dessa seção recai unicamente na descrição tecnológica desses templos, materiais empregados, soluções técnicas, etc.. Assim, aqueles elementos arquitetônicos descritos através dos termos técnicos específicos dessa arquitetura templária somente serão descritos na exata medida de sua aparição das notas ou citações.

⁴⁸³ Legenda da **figura 100**: “Templo de Hera em Olímpia.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 76.

consequentemente, as antas, como em Tróia e Tirinto, eram revestidas em madeira.”⁴⁸⁴

Nada poderia ser mais natural. É perfeitamente concebível que os avanços tecnológicos e mesmo a habilidade construtiva empregada na construção dos templos não acontecesse aos saltos, abruptamente, mas como de costume, lentamente e através de pequenos avanços e retrocessos. Àquela altura da história, quando a natureza ainda não estava modelada pelo cientificismo matematizado, os avanços tecnológicos estavam estreitamente relacionados ao estatuto empírico desse conhecimento, dependia efetivamente de ensaios, acertos e erros, o que demanda necessariamente tempo para o seu desenvolvimento.

Mais à frente o mesmo autor prossegue evidenciando a utilização de madeira tanto nos pilares como em alguns detalhes construtivos:

“Além disso, originalmente as colunas eram de madeira. Isto nos é assegurado por dois dados: em primeiro lugar, Pausânias, no século II d.C., descobriu que uma das colunas do opistódomo era de carvalho; em segundo as colunas remanescentes são de uma extraordinária mistura que envolve desde o estilo e a técnica do século VII ou o início do século VI a.C. às formas helenísticas ou romanas. É óbvio que foram erigidas gradativamente ao longo dos vários séculos. Desde o início, todavia, devem ter existido colunas de alguma espécie e a única conclusão possível é que estas eram de madeira. ... Nada sabemos acerca da arquivada, friso ou cornija, que sem dúvida eram em madeira...”⁴⁸⁵

ROBERTSON (1997) ainda retoma o templo de Apolo Termeu construído sobre o *Mégaron B*, anteriormente citado e apresentado conforme as figuras 88 e 90 revela que em sua construção a madeira fora largamente utilizada:

*“Era excepcionalmente estreito, mesmo para um templo arcaico, apresentava uma fileira central de colunas internas e media, no **estilóbato** [⁴⁸⁶], aproximadamente 12 m. por 38 m.. O acesso ao interior não se dava por um pórtico nem tampouco por uma porta aberta em uma parede sólida; em vez disso, a primeira da fileira interna de colunas erguia-se in antis, na abertura entre as paredes laterais da **cela**, [⁴⁸⁷] com os vãos em cada um de seus lados vedados por portas de madeira. O santuário foi saqueado duas vezes no final do século III a.C. e as ruínas revelam indícios de uma restauração precipitada; é provável, porém, que as colunas fossem originariamente de madeira, gradativamente substituída, a exemplo de Olímpia, pela pedra. O material da parte superior das paredes é incerto: provavelmente não era de pedras, mas possivelmente madeira. Provavelmente o entablamento era de madeira até o final e havia métopas de terracota que evidentemente se encaixavam em tríglifos de madeira; ...”⁴⁸⁸*

Como se sabe, as madeiras de antigamente não poderiam ser muito diferentes das madeiras conhecidas de hoje e assim os problemas de sua manutenção deveriam ser os mesmos. Conforme o autor o material que as sucedeu foi a pedra; material muito mais estável, quase indiferente às variações de umidade e temperatura do ar, indestrutível por fungos ou insetos. Entretanto sabe-se que o mesmo tratamento técnico não poderia ser dispensado a materiais de constituições tão diferentes.

A madeira por constituir-se de fibras orgânicas dispostas longitudinalmente no maior sentido do tronco é um material macio e leve se comparado à densidade e dureza das pedras. Mais objetivamente, seria muito mais difícil para os construtores e arquitetos gregos a extração de uma peça de pedra nas proporções e dimensões

⁴⁸⁴ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 76.

⁴⁸⁵ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 76 e 77.

⁴⁸⁶ Primeiramente: “**Estilóbato**. Espécie de envasamento com base e cornija, formando um pedestal contínuo, que sustenta muitas colunas.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 224. Complementando: “**Estereóbata**. Vitruvius define *stereobatae* como as paredes situadas abaixo das colunas acima do nível do solo; aparentemente ele trata estilóbato [termo grego], o nível do piso sobre o qual assentam efetivamente as colunas, como um elemento separado, acima da estereóbata. Possivelmente estivesse pensando no pódio dos templos romanos. Os autores modernos empregam o termo com acepções variadas, e o mais prudente é evitá-lo.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 455.

⁴⁸⁷ Primeiramente: “**Cela**. Na antiguidade: local onde se colocava a estátua do deus, ficando separada por grade. Havia tantas celas quantas divindades.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 132. Complementando: “(cela; [termo grego] corresponde aos vocábulos áticos [termos gregos]; os termos gregos via de regra não se restringem à aceção mais limitada de ‘cela’, embora o termo ‘naos’ seja, com freqüência, utilizado nesse sentido pelos autores contemporâneos).” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 451.

⁴⁸⁸ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 67 e 68.

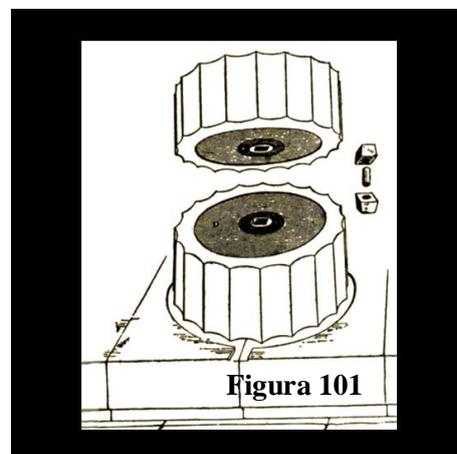
de um tronco de madeira. Além do mais, o seu transporte estaria grandemente dificultado por seu peso e pela inflexibilidade do próprio material e a eventualidade de rompimentos. Some-se ainda a esses empecilhos iniciais as dificuldades de manipulação no canteiro de obras de 40 ou 50 blocos de pedra medindo cada um de 8 a 10 metros de comprimento. Tratava-se indubitavelmente de desenvolver novas formas tecnológicas de modo a contornar as limitações desse novo material extensivamente empregado nas construções: a pedra. Essas novas estratégias de trabalho certamente não se limitariam aos procedimentos usuais de trabalho mas teriam que se amplificar na invenção e construção de novas ferramentas mais fortes e duráveis, no profundo conhecimento do material e suas propriedades, em novos métodos de trabalho, em novas formas de corte e transporte dos blocos de pedra, em novos modos de organização do canteiro e, enfim, numa nova sensibilidade dos construtores; sem dúvida a tarefa mais árdua.

Como se sabe hoje, a inventividade grega foi capaz de solucionar essas questões de vários modos. Primeiramente decompondo as colunas em segmentos cilíndricos de pedra, ou os **tambores**.⁴⁸⁹ Desse modo todas as questões anteriores estariam relativamente facilitadas e solucionadas. A próxima questão a ser equacionada seria o sistema de fixação e consolidação desses blocos o que se fez engenhosamente de algumas formas que serão descritas a seguir. Segundo mais uma vez ROBERTSON (1997) eis a organização mais geral dos trabalhos gregos para a construção das colunas:

*“A coluna dórica origina-se diretamente do estilóbato, a parte externa do corpo do **crepidoma** [490], desprovida de base. Seu fuste contém 20 **caneluras** [491], que normalmente se interceptavam em extremidades bem pronunciadas ou cantos vivos, ao passo que na ordem jônica o número habitual é de 24 e as concavidades quase invariavelmente são separadas por listras estreitas de superfície sem caneluras. Normalmente, como no caso presente, o fuste é composto por tambores separados por listras aos quais eram aplicadas as caneluras depois de erguidas as colunas; as juntas aqui foram totalmente encobertas pelo estuque de mármore.”⁴⁹²*

Ora a decomposição das colunas em tambores, implica numa série de procedimentos técnicos específicos para a sua montagem, entre eles o desenho de gabaritos das caneluras sobre os toscos blocos de mármore que chegavam das pedreiras. Eis uma descrição de DINSMOOR (1950) para a construção dessas colunas da qual se depreende o grau de dificuldade dessas operações e alguma sofisticação tecnológica grega:

“Os tambores das colunas vinham da pedreira em forma de discos irregulares, grosseiramente trabalhados com o picão e a marreta, não apenas no exterior cilíndrico, mas também no topo e na base. A partir de quatro pontos da circunferência saíam largas saliências, de 20 a 25 cm de largura e 15 a 20 cm de projeção, sugerindo que foram cortadas dos cantos de um bloco quadrado a partir do qual o tambor estivera inscrito. Retirados das pedreiras do Pentélico, o transporte deve ter sido feito por carrinhos, puxados por 30 ou 40 juntas de bois, mencionados nas inscrições de Elêusis e responsáveis pelas marcas encontradas nas pedreiras e estradas. Apenas os tambores excepcionalmente grandes, como aqueles de Selinus, eram transportados pelo método descrito por Vitruvius: rolando pelo chão. Os tambores eram dispostos no chão e preparados inicialmente conforme um gabarito perfeitamente circular de aproximadamente 4 cm maior do que o diâmetro final. A borda desse círculo determinava a posição da talha da pedra que era realizada com outros 4 cm de altura; o resto da circunferência do tambor era então preparada de acordo com a



⁴⁸⁹ **Tambor**. Fiadas de pedras redondas, mais largas ou grossas que altas, que forma o fuste ou tronco das colunas;...” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 475.

⁴⁹⁰ **Crepidoma**. Em grego esses termos normalmente se restringiam ao bordo externo, em degraus, da plataforma de um templo, cujo restante era denominado [termo grego] em Atenas e [termo grego] no Peloponeso.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 453.

⁴⁹¹ Primeiramente: **Canelura** ou **Acaneladura**. Sulcos em meia-cana ao longo do fuste das colunas.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 115. Complementando: **Canelura**. O canelamento horizontal do toro da base jônica, designado pelos mesmos termos gregos nas inscrições, recebe por vezes o nome de ‘junco’.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 451.

⁴⁹² *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 50.

*superfície indicada pela margem talhada, primeiramente cortando-se canais verticais no meio da distância entre as saliências, depois por canais suplementares emoldurando as saliências e, finalmente, moldando as 12 áreas intermediárias com uma superfície finamente granida. Somente as quatro protuberâncias permaneciam intocadas. No tambor mais baixo de uma coluna dórica as caneluras eram deixadas com 5 a 7,5 cm de altura, sendo o resto do tambor deixado na sua cobertura rugosa e cilíndrica. Então, conforme os preparativos descritos acima, o tambor estava pronto para ser para ser içado e encaixado; o gabarito superior correspondente não era executado até que o próximo tambor estivesse pronto para ser assentado. Onde o estilóbato recebia o primeiro tambor da coluna a superfície era escavada [ver **figura 101** ⁴⁹³ página anterior] e aí eram traçados os diâmetros referentes aos eixos da coluna e em muitos casos também a sua circunferência; a área no interior da superfície do último tambor era levemente trabalhada para conferir alguma aderência à superfície inferior do próximo. A superfície inferior do primeiro tambor das colunas de mármore dóricas da era de Péricles não estavam firmemente atadas ao estilóbato; mas nos encaixes superiores os arranjos eram diferentes. Um quadrado era escavado no centro das superfícies de contato dos tambores, algo em torno de 10 a 15 cm quadrados e 7,5 ou 10 cm de profundidade, onde peças de madeira (**empolia** [⁴⁹⁴]) de ciprestes eram fixados; no centro exato do tambor, um outro furo de 5 cm de diâmetro era feito nessas peças nos quais um segundo pino circular de madeira era introduzido, formando um método simples de ajuste e empilhamento dos tambores.” ⁴⁹⁵*

ROBERTSON (1997) indica ainda outro método de fixação dos tambores denominado **anatirose**. Esse segundo método foi utilizado várias vezes associado ao método das *empolias*, e seu emprego encontra-se mais difundido na execução das alvenarias de pedras aparelhadas ou cantarias:

*“As juntas entre tambor e tambor eram, de ordinário, firmemente engastadas por obra unicamente de um anel que contornava as bordas. A parte interna desse anel compreende uma superfície áspera, seguindo-se uma ligeira reentrância circular, com uma abertura profunda no centro para acomodar blocos de madeira [o mesmo sistema descrito acima], ou empólios, que continham as cavilhas de madeira, ou **poloi**, que interligavam os tambores. Tal sistema de engaste rígido unicamente nas bordas, chamado anatirose, era de uso corrente também nas juntas verticais e horizontais dos blocos retangulares que formavam as paredes. Os blocos de uma mesma fiada eram interligados por grampos metálicos e aqueles situados em fiadas diferentes por cavilhas metálicas, ambos normalmente de ferro batido, com a utilização também de chumbo derretido para firmar tanto grampos como cavilhas no lugar. Um fino revestimento de argamassa de cal era por vezes acrescido a fim de garantir a compactação da junta.” ⁴⁹⁶*

O emprego das *empolias* para a fixação dos vários tambores constitutivos dos pilares associadas ao método da anatirose era um método perfeito. As *empolias* garantiam que os vários tambores estivessem perfeitamente assentados segundo o alinhamento de seus eixos verticais e que não rodassem sobre os próprios eixos. O método da anatirose assegurava que as cargas do peso próprio e das coberturas se concentrassem apenas nas áreas determinadas pelos anéis escavados o que, associado ao alto coeficiente de atrito do material mármore, tornava perfeita a consolidação e aderência de bloco para bloco. Desse modo todos os esforços horizontais que porventura pudessem deslocar os blocos estariam contidos e os acabamentos das colunas poderiam ser realizados sem desperdício de energia ou trabalho.

Contudo os problemas relacionados às construções de pedra não se limitavam ao empilhamento, ajuste, fixação e acabamento de cada peça, mas também se relacionava ao seu transporte. A **figura 102** ⁴⁹⁷ ilustra alguns procedimentos e métodos utilizados pelos gregos para transportar os blocos semi-acabados à sua posição específica. Tratam-se de expedientes de içamento dos mesmos. Para isso os blocos recebiam pequenas incisões através das quais eles poderiam ser presos por meio de cordas, ganchos ou cunhas, elevando-os seguramente às posições preestabelecidas. ⁴⁹⁸ DINSMOOR (1950) descreve alguns desses

⁴⁹³ Legenda da **figura 101**: “Construção da coluna, mostrando o pino central.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 172.

⁴⁹⁴ Ver o sentido do termo *empolia* na próxima descrição recolhida de Robertson.

⁴⁹⁵ *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pgs. 171 e 172.

⁴⁹⁶ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 76 e 77.

⁴⁹⁷ Legenda da **figura 102**: “Formas de sistemas de içamento. (a, b) laços com corda; (c, d) tenazes; (e) cunha de ferro.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 174.

⁴⁹⁸ Essas pequenas incisões certamente danificavam os blocos e comprometiam a aparência final da obra, razão pela qual os gregos

procedimentos:

“Para içar e locar, tenazes suspensas trabalhavam com roldanas e usualmente guias prendiam as protuberâncias deixadas nas faces expostas dos blocos, os quais podiam ser colocados diretamente no seu local específico e quase na sua exata posição, não sendo necessário de ser escorado ou outro ajuste através de um deslocamento lateral de alguns centímetros por meio de alavancas. Para algum trabalho especial, as tenazes suspensas agarravam as superfícies dos blocos por meio de encaixes especiais; o último bloco a ser instalado na fileira, o bloco do meio, tinha seus encaixes no topo, de modo que pudesse ser colocado exatamente na posição entre as superfícies verticais dos seus blocos vizinhos e ao mesmo tempo deixar as tenazes suspensas livres para serem retiradas. Essa preocupação com a remoção do aparato de elevação dos blocos demonstra todas as variadas invenções empregadas no início e no fim das operações: cabos passavam através de túneis nos topos dos blocos (como no templo de Hera em Olímpia) ou através de sulcos na forma de ‘U’ (como no templo de Zeus Olimpus em Ácragas), ou instrumentos de ferro encaixados perfeitamente nos sulcos nos topos dos blocos (presos somente pelo meio nos melhores períodos gregos e por dois lados no período helenístico tardio e no romano).”⁴⁹⁹

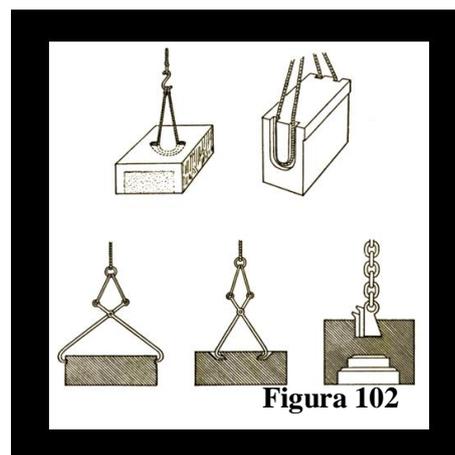


Figura 102

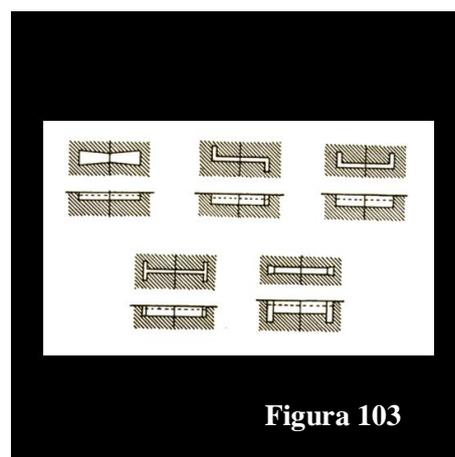


Figura 103

Conforme se vê, as tecnologias dos trabalhos em pedras, destinadas à substituição das construções em madeira, são sofisticadas e laboriosas.⁵⁰⁰ Além dos cuidados requeridos na escolha dos melhores blocos, marcação dos gabaritos, corte das pedras e sistemas adequados ao transporte das partes às posições corretas, outras providências deveriam ser tomadas com respeito à sua perfeita fixação. Esse procedimento tecnológico, similar às empolias, consistia em incrustarem-se **grampos**⁵⁰¹ de metal forjado em pequenas escavações nos blocos unindo-os de modo que não se movimentassem segundo as alterações de temperatura ou pequenos movimentos da base talvez causados por tremores de terra.

A **figura 103**⁵⁰² mostra alguns desses grampos normalmente feitos em ferro forjado. Os procedimentos construtivos consistiam na abertura de pequenas fendas no bloco, no seu assentamento nas posições corretas, na colocação dos grampos nos orifícios corretos e, posteriormente, no preenchimento dos espaços vazios entre os dois materiais eram com chumbo derretido. Desse modo assegurava-se o perfeito ajuste entre as partes eliminando-se qualquer possibilidade de folga entre os dois materiais. Essa técnica respondia a pelo menos dois requisitos simultaneamente: o perfeito ajuste dimensional entre as partes e a proteção do ferro fundido contra a oxidação, já que o chumbo o protegeria os grampos contra a ação da umidade. Conforme DINSMOOR (1950), ao referir-se às construções das cantarias ou alvenarias de pedras e a utilização dos grampos de ferro:

construtores as preenchiam posteriormente com um fina argamassa de pó de mármore eliminando qualquer vestígio dos procedimentos construtivos.

⁴⁹⁹ *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pgs. 171 e 172.

⁵⁰⁰ Não se pretende afirmar que as tecnologias de construção de pedras fossem mais sofisticadas do que as tecnologias que se utilizam da madeira como material estrutural. Deve-se lembrar que cada material possui características distintas sendo, por isso mesmo, diversas as tecnologias. Além do mais, deve-se lembrar que a diversidade de madeiras talvez seja comparável à diversidade de pedras existentes o que torna os artifícios tecnológicos complexos num ou noutro caso.

⁵⁰¹ Primeiramente: “**Grampos**. Peça de metal que segura e liga duas pedras numa construção; ...” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 264. Complementando: “**Grampo**. Ambas as palavras sugerem o tipo ‘cauda de andorinha’; entre os termos de acepção mais geral estão [termo grego].” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 456.

⁵⁰² Legenda da **figura 103**: “Formas de grampos. (a) dupla cauda; (b, c) duplo ‘r’; (d) duplo ‘t’; (e) gancho.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 175.

“Todos os blocos eram posicionados a seco, sem argamassa, como material de fixação foi utilizado o ferro, tarugos para apertar os blocos superiores e inferiores e grampos em forma de duplo ‘T’ para conectar os blocos da mesma fileira, todos selados com chumbo derretido. Formas especiais de tarugos e grampos foram empregados em posições incomuns, até mesmo nos trabalhos singulares como é o caso do Parthenon. Nas construções anteriores e posteriores novamente encontram-se variadas formas de tarugos e grampos que são característicos de diferentes períodos e localidades. Até o arcaico grampo de encaixe macho-fêmea, que no Egito era de madeira, podia ser também de chumbo puro (moldado diretamente na cavidade) ou de chumbo reforçado com uma barra de ferro com as extremidades curvadas para baixo; o grampo duplo ‘T’ foi precedido pelo duplo ‘R’ e algumas vezes acompanhado por ele, usualmente com as extremidades da barra voltadas para direções opostas, direita e esquerda, raramente para a mesma direção; e finalmente surgiu a barra simples com as extremidades voltadas para baixo, formando o gancho helenístico e romano.”⁵⁰³

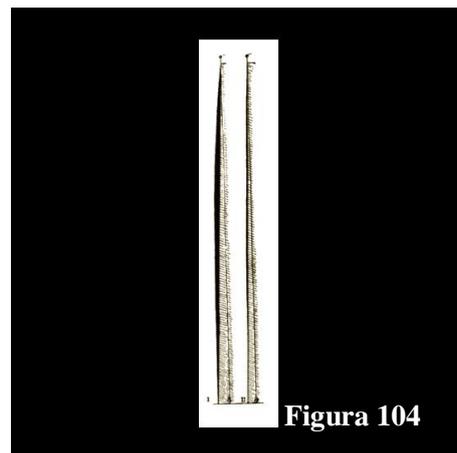


Figura 104

Entretanto, à medida que as dificuldades tecnológicas iniciais eram vencidas, os construtores e arquitetos gregos gradativamente elaboravam mais e mais os templos. Tratavam então de corrigir os pequenos desvios ópticos causados pelas dimensões dos templos, adequando-os à escala de percepção humana. Não se trata aqui das esculturas realizadas exemplarmente nos frontões dos templos que tinham como tema passagens míticas ou mesmo as suas perfeitas inscrições em grego, mas sim dos sistemas de correção ótica, que no caso das colunas denomina-se **êntase**.⁵⁰⁴ Esse artifício consistia em fazer variar os diâmetros dos tambores tornando-os mais grossos na porção central das colunas evitando-se assim a sensação de adelgaçamento provocado por sua grande altura. O esquema apresentado na **figura 104**⁵⁰⁵ elucida sobre essa a variação intencional do diâmetro dos tambores.

Outro artifício utilizado consistia em promover um pequeno desvio no eixo das colunas retirando-as de sua perfeita ortogonalidade em relação ao piso, voltando-as levemente para o interior dos templos. Mais do que isso, esses pequenos desvios, consistiam numa eficiente estratégia de tornar mais estáveis os templos. Aos olhos modernos, as leves inclinações dos pilares em direção ao centro dos templos implicam necessariamente no deslocamento dos centros de gravidade das peças, a partir do que surgem leves cargas horizontais, que por estarem voltadas para o centro da construção, anulam-se aos pares. Também é certo que tanto esse desvio intencional do eixo das colunas, como também o expediente da êntase, implicou em mais esmero e sofisticação construtiva por parte de seus artífices. Os discretos ângulos requeridos para a construção dessa estratégia estática indubitavelmente implicam em marcações de gabaritos exatos nos blocos, em cortes precisos, em medições milimétricas. Um sem número de gabaritos de corte e de marcações deve ter sido gerado assim como vários instrumentos adequados à nova tecnologia.

Além do mais, a própria concepção de templo, construídos pelos povos gregos como a representação de uma totalidade *ideal*, determinava que cada uma das partes construtivas estivesse sempre referida ao todo. Assim o comprometimento de perfeição de corte, ajuste e acabamento de cada componente para com os outros era imenso. Nesse sentido, qualquer desvio nas operações construtivas de cada componente poderia comprometer facilmente o resultado final ou as idéias centrais de perfeição e totalidade que presidiam a construção de seus templos. Razão pela qual do trabalho exigia cada vez mais esmero e precisão. Eis as descrições de DINSMOOR (1950) das conseqüências da adoção êntase e o rigor geométrico daí derivado que necessariamente se estendiam às outras partes dos templos:

⁵⁰³ *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pgs. 174 e 175.

⁵⁰⁴ Primeiramente: “**Êntase** ou **Engrossamento**. Aumento do diâmetro da coluna na parte mediana para corrigir efeito de óptica (uma coluna perfeitamente cilíndrica parece estrangular-se no centro).” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 200. Complementando: “**Êntase**. As palavras de Vitruvius sugerem o tipo romano em ‘forma de charuto’, mas quando se trata de descrevê-la, ele remete o leitor a um diagrama, hoje perdido.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 455.

⁵⁰⁵ Legenda da **figura 104**: “Êntase das colunas dóricas.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 169.

“Há 10 ou 12 desses tambores em cada coluna do Parthenon. Nenhuma das junções dos tambores era verdadeiramente horizontal, já que todas eram perpendiculares ao eixo inclinado das colunas. Mas no tambor inferior, como conseqüência da curvatura do estilóbato, com a face voltada para a quina do edifício tinha que ser um pouco mais prolongada do que a face voltada para o eixo central do edifício e, ambos por causa da curvatura e da inclinação do eixo da coluna, determinavam que a face externa tinha que ser prolongada consideravelmente em relação à interna (voltada à parede da cela)”⁵⁰⁶.

Ora, é claro que a adoção de tais estratégias projetuais exigiam uma perfeita concepção geométrica dos gabaritos de corte, precisão dimensional e execução exemplar. Conforme se percebe, com o passar dos tempos a construção desses templos realmente implicava em operações construtivas bem mais complexas e precisas. Claro é também que esse enredo totalizante estendia-se quase indefinidamente por todas as outras partes dos templos. Retornando mais uma vez às descrições de DINSMOOR (1950):

*“Dificuldades similares ocorreram com os tambores superiores, por causa da necessidade de apresentar um berço ajustado para receber o **intradorso** [⁵⁰⁷] da arquitrave. O pescoço do capitel era também estriado para se ajustar ao final do fuste, o **equino** [⁵⁰⁸] era perfeitamente acabado; mas o **ábaco** [⁵⁰⁹] algumas vezes foi deixado sem acabamento nas quinas (como em Segesta) poupando-os de eventuais danos provenientes de seu acabamento. Esses processos, meticulosamente cuidados na ereção das colunas eram complicados pelas curvaturas ascendentes da base da coluna e entablamento e pelas inclinações em direção ao interior do eixo da coluna, tudo feito com uma precisão matemática quase inacreditável.”⁵¹⁰*

Com relação ainda aos artifícios de correção ótica ROBERTSON (1997) diz que:

“Alguns templos também exibem curvas em planta, usualmente convexas, mas ocasionalmente côncavas. É provável, todavia, que estas se devam à negligência na execução. ... A explicação desses refinamentos nada tem de trivial. Os mestres de Vitruvius, provavelmente arquitetos jônicos dos séculos IV e III a.C., acreditavam que sua finalidade fosse a correção das ilusões de óptica; sem essas correções o estilóbato daria a impressão de estar afundando, o entablamento pareceria ceder e as colunas angulares [as quatro posicionadas nos cantos dos templos] pareceriam delgadas quando observadas contra o céu. Ictino escreveu um livro sobre o Parthenon e a teoria óptica pode ter surgido já no século V; isto não quer dizer, contudo, que a teoria seja verdadeira e as autoridades modernas têm contestado os fatos científicos. É provável que os diferentes refinamentos tenham origens básicas diversas: a curvatura do estilóbato talvez visasse à drenagem, a inclinação de paredes e colunas e o alargamento das colunas angulares talvez visasse à resistência, e a êntase à beleza.”⁵¹¹

À despeito da anuência da ciência moderna ou das razões de ordem prática que os levaram a isso, os povos gregos percebiam certos desvios de percepção que deformavam a imagem final dos templos se observados à distância. Assim procuraram corrigir ou evitar tais desvios de acordo com uma série de cuidados construtivos e conceptivos. Entre eles encontra-se as leves curvaturas impostas aos estilóbatos. DINSMOOR (1950) apresenta uma descrição dessa nova concepção geométrica:

“O terceiro grupo de refinamentos e o mais interessante de todos, inclui os desvios aparentes das linhas retas, formando curvas, das quais consideraremos inicialmente as curvas situadas no plano horizontal. A

⁵⁰⁶ *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pgs. 172 e 173.

⁵⁰⁷ **Intradorso**. Superfície côncava inferior de um arco ou de uma abóbada.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 285.

⁵⁰⁸ Primeiramente: **Equino**. Parte inferior dos capitéis, intermediária entre o ábaco e o fuso da coluna. Usado largamente como corpo decorativo pelas ordens clássicas antigas.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 205.

Complementando: **Equino**. O termo *echinus* não é aplicado por Vitruvius à gola do capitel jônico, como é o caso no presente livro. Em grego, é encontrada somente nos lexicógrafos e de maneira ambígua. A faixa plana com aberturas entalhadas na parte inferior do equino dórico é chamada *annuli* (‘anéis’) por Vitruvius.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 455.

⁵⁰⁹ Primeiramente: **Ábaco**. Parte superior do capitel da coluna em que se assenta a arquitrave, aparecendo bem caracterizado nas ordens ditas clássicas; elemento retilíneo.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 13. Complementando: **Ábaco**. Vitruvius, a única fonte autorizada afora os glossógrafos, restringe o termo ábaco aos capitéis jônicos e coríntios, e designa plinto o ‘ábaco’ dórico.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 447.

⁵¹⁰ *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pgs. 172 e 173.

⁵¹¹ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 166.

leve convexidade do estilóbato tinha a intenção de emprestar a sensação de vida a todo o conjunto assim como de impedir que qualquer efeito de deformação visual que pudesse resultar do apoio da longa fileira de colunas verticais sobre a linha horizontal da plataforma, como mencionado por Vitruvius; contudo sua origem utilitária poderia ser atribuída à função de escoamento das águas das chuvas. Como um refinamento isso já havia aparecido em Corinto, no templo de Atena e no primeiro Parthenon, mas isso parece ter sido omitido em Basse, assim como em alguns dos pequenos templos da época de Péricles e também na plataforma do Propileu onde a interrupção do estilóbato pela estrada de acesso central poderia ter neutralizado esse efeito. A curvatura da convexidade do estilóbato [figura 105⁵¹² ao lado] do Parthenon equivale a 6 cm nas fachadas frontal e posterior e 11 cm nas laterais; o raio da segunda curvatura, um arco de um enorme círculo, encontra-se por volta de 5.330 metros. No templo de Hefesto a elevação equivale a 2 cm nas fachadas frontal e posterior e 3 cm nas laterais. Ainda mais delicadas foram as elevações planejadas nas fachadas laterais do antigo Parthenon, uma elevação de 6 cm e um raio por volta 12.000 metros. Mas não se deve supor que o arquiteto sempre preocupado em calcular o raio ou estabelecendo a forma de um arco segundo um círculo abstrato. Seu sistema consistia preferentemente em decidir primeiramente qual deveria ser a curvatura máxima desejada, e depois algum número convenientemente arbitrário de intervalos iguais entre um canto do edifício e o seu meio (o início e o ápice da curva proposta); a altura relativa à curvatura máxima era depois dividida pelo quadrado do número acima mencionado de intervalos, desse modo determinando a dimensão fracionária das partes da altura total, assim a curva poderia ser determinada na forma de diagrama como uma parábola com espaços igualmente ordenados e descendentes de cada lado do ápice como sucessivos números de partes fracionárias, ou nos templos reais como um colossal arco reconduzindo as ordenações segundo os correspondentes blocos nivelados (o scamilli ímpares de Vitruvius). Nessa escala gigantesca a construção parabólica resultante poderia ser indistinguível de um verdadeiro arco circular. O efeito geral das elevações curvas sobre a plataforma como um todo poderia ser comparado ao resultado obtido pelo corte de um retângulo extraído da face de uma melancia. Era necessário começar a curvatura ao nível das fundações já que os degraus da plataforma do templo eram iguais do começo ao fim.”⁵¹³

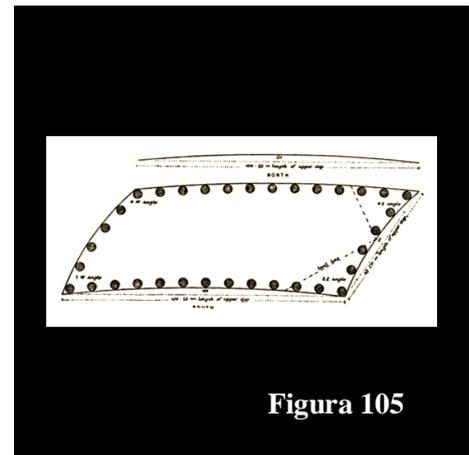


Figura 105

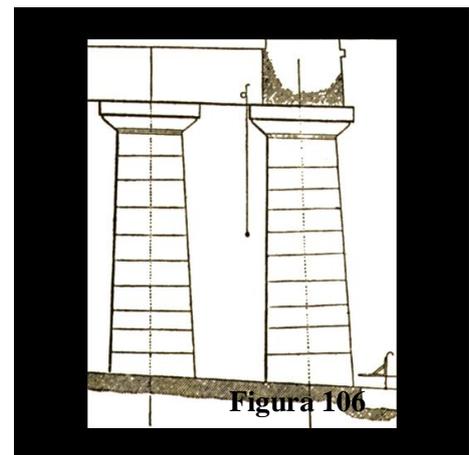


Figura 106

Finalmente, a figura 106⁵¹⁴ acima, mostra um esquema exagerado das leves inclinações do estilóbato e do eixo das colunas. Entretanto, e mais uma vez segundo ROBERTSON (1997), não era apenas o estilóbato que seria intencionalmente deformado de modo a corrigir os desvios ópticos. Como seria esperado os seus desdobramentos fizeram-se sentir em todas as outras partes construtivas dos templos:

“Quando o estilóbato é recurvo, a prática usual, e talvez universal, é repetir a curva (como também recomenda Vitruvius), na arquitrave, friso e cornija.”⁵¹⁵

Conforme se percebe, os vários autores consultados concordam no fato de que as construções gregas, notadamente as templárias, constituem-se de acordo com o horizonte conceptivo que considera o todo acabado dos templos segundo uma intencionalidade única. Além do mais, percebe-se igualmente que, à

⁵¹² Legenda da figura 105: “Curvatura ascendente do estilóbato (Hefesto), exagerado.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 167.

⁵¹³ *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pgs. 166 e 167.

⁵¹⁴ Legenda da figura 106: “Inclinações das colunas dóricas, exageradas.” *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, op. cit., pg. 173.

⁵¹⁵ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 166.

medida que o tempo passa e que a nova tecnologia da construção com pedras vai sendo dominada, cada elemento construtivo curva-se à idéia do todo e acomoda-se organicamente no conjunto de partes que é o templo. Mais adiante a sofisticação conceitual grega intui que a fruição do todo que é o templo encontra-se seriamente comprometida o que os leva aos artifícios das correções óticas.

A evidência desses artifícios indubitavelmente reconduzem as discussões de ordem técnica ao campo da ética na exata medida que revelam definitivamente a *centralidade do humano* na dimensão de sua fruição estética. Mais uma vez é claro que esse ponto de vista pode ser contestado já que implicações de ordem prática ou funcional concorreram igualmente para a ideação desses artifícios formais. Mas se por um lado a convexidade do estilóbato deveu-se em parte à necessidade de drenagem das águas pluviais também é verdade que a sua forma final deveu-se à necessidade grega de fruir a harmonia, ou por sua profunda intuição de concepção do todo segundo uma intencionalidade humana proporcionalmente ordenada.

Eis então a argúcia grega: sintetizar as necessidades de ordem técnica ou funcionais e ao mesmo tempo eleger a *centralidade do humano*, transposta aos ambientes construídos pela harmonia, pelo conforto visual e por sua peculiar noção de belo e, principalmente, pela idéia de civilidade definitivamente fixada nas cidades-estado. Tudo ali esteve concebido segundo esse todo homólogo de intencionalidades que coroavam e expressavam a centralidade do humano.

Vários outros exemplos poderiam ser suscitados no sentido de reforçar esse argumento, como a sofisticada construção dos telhados com suas inúmeras peças, componentes, partes e tipos de telhas, a sofisticada técnica de pintura exterior dos templos denominada **encáustica**,⁵¹⁶ os supracitados revestimentos internos dos templos com placas de bronze, etc., etc..

Entretanto, apesar de serem objetos de interesse próximo à dissertação, esses outros elementos podem ser perfeitamente postergados já que o argumento central encontra-se devidamente fundamentado: o argumento de que as tecnologias construtivas gregas evoluem drasticamente com a aparição de sua arquitetura templária e de que essas tecnologias encontram-se estreitamente vinculadas à idéia de mundo que eles possuíam.

8.3. A *Phrónesis* e a Arquitetura Templária Grega.

8.3. O Núcleo Conceptual da *Phrónesis* / Do Bem Fazer Técnico ao Bem Fazer Ético / Do Bem Fazer Ético ao Bem Fazer das Cidades.

Tão logo a razão alcança o seu estatuto regulador do “*mundo grego*” ela se desdobra como a razão da razão, ou a lógica. Nesse sentido, a razão passa a ser como que o termo e a medida de si mesma e os conhecimentos de ordem empírica, notadamente aqueles que dizem respeito à ordem e à vida nas cidades passam a ser reorientados pelo *logos apodeiktikós*, ou o discurso demonstrativo. Eis então um dos paralelismos que pode se traçar entre o surgimento da razão, a ordenação das cidades-estado gregas e sua arquitetura templária. Contudo a exemplaridade construtiva dessa arquitetura dificilmente seria explicada apenas segundo a aparição e organização desse *logos apodeiktikós*.

Entre os núcleos conceptuais presentes entre os gregos a *phrónesis*, ou a “*sabedoria prática*”, talvez seja aquele que melhor defina a *centralidade do humano* que a Grécia insistiu em cultivar. Do mesmo modo, esse mesmo núcleo conceptual talvez seja o que melhor explique o interesse grego pelo esmero e perfeição da construção de sua arquitetura templária.

⁵¹⁶ “**Encáustica**. Processo de pintura, de origem grega, muito usado pelos antigos e que consiste em dissolver as cores em cera líquida mantida quente durante a execução do trabalho. Ainda hoje é usado na pintura de murais, superando, às vezes, ao afresco pela duração e solidez.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 197.

Conforme o exposto anteriormente, o conceito de *phrónesis* havia sido explorado segundo apenas a sua acepção do bem-fazer técnico. Entretanto, apesar de seu primeiro sentido residir nas ações do bem-fazer técnico e conseqüentemente no bem-fazer do próprio objeto, enfim, na construção do bom objeto como tal, o seu sentido distende-se para além da ação de fazer o objeto, *poiein*,⁵¹⁷ para aportar no bem-fazer Ético. Como quer VAZ (1988):

*“Através dessa analogia [analogia entre praxis e téchne na qual Sócrates se inspira para refletir sobre a areté] com a téchne, a theoria guardou um enraizamento antropológico e social que lhe permitiu transpor para o pensamento da praxis a perspectiva teleológica que rege, na téchne, o processo de fabricação do objeto. Mas enquanto o finalismo da téchne é orientado para a perfeição do objeto fabricado, o finalismo da praxis, regido pela theoria, é orientado para a perfeição do próprio agir, para a sua areté. A verdade da theoria flui da necessidade inteligível do Bem. A luz dessa verdade ilumina para a praxis seu horizonte último que não pode ser senão o próprio Bem absoluto.”*⁵¹⁸

Assim o sentido da *phrónesis* distende-se para muito além do que é a boa realização do objeto, para encontrar, na centralidade constitutiva da *praxis* Ética, a sua forma conceptiva e original como a “teoria da praxis”. Remontando rapidamente o desenvolvimento do conceito de modo a apreender com mais precisão os seus conteúdos semânticos, inicialmente, e conforme PETERS (1983), o conceito de *phrónesis*, como tantos outros termos gregos, experimentou diversas acepções ao longo de sua história:

*“1. Acreditou-se sempre que havia uma certa espécie de domínio intelectual na virtude, testemunha-o o comentário do cínico Antístenes e de Platão onde provavelmente se referem os cínicos identificando o bem com a phronesis. Para Sócrates esta intuição intelectual dos valores éticos transcendentais torna-se sinônimo da virtude (arete), ... 2. Com as preocupações mais metafísicas de Platão a phronesis começa a perder o seu colorido prático e ético até significar a contemplação intelectual dos eide, e no Filebo é vulgarmente usada como sinônimo de nous como o tipo mais elevado de conhecimento, uso bastante comum entre os pré-socráticos nas suas discussões das semelhanças e diferenças entre o conhecimento sensível e o pensamento. Inicialmente no Protrepticus Aristóteles ainda sustenta a posição platônica, mas na Ética a Nicômaco a phronesis é mais uma vez restringida à esfera moral, enquanto a face da theoria da phronesis platônica é tratada como (teorética) sabedoria (sophia).”*⁵¹⁹

Segundo o autor supracitado, percebe-se que o sentido do termo *phrónesis* afasta-se, com o passar dos tempos, do bem-fazer técnico propriamente dito para alcançar as esferas mais abstratas e menos materializáveis como as esferas da “moral” e da “sabedoria”. Contudo, sua significação como a “teoria da praxis” ou do bem fazer Ético foi sempre reiterada no decorrer dos tempos. É segundo esse ponto de vista, uma abordagem bem mais abstrata a partir do conceito inicial, que VAZ (1988) adverte sobre as peculiaridades que envolvem os conteúdos semânticos do termo:

*“A reflexão ética no Ocidente inaugurou-se com um prodigioso esforço de pensamento - em Platão e Aristóteles - para captar conceptualmente esse núcleo original inteligível da praxis ou para construir, abrangendo toda a complexidade do seu objeto, uma lógica da praxis ou o que modernamente se denominou uma teoria da ação e que freqüentemente, sobretudo na sua versão analítica, não atinge a inteligibilidade mais profunda da própria ação. Tanto a concepção platônica quanto a aristotélica pressupõem as peculiaridades semânticas do termo praxis, cuja significação primordial diz respeito de um lado ao ato do sujeito, ao seu realizar-se na ação e pela ação e, de outro, à perfeição ou excelência que o ato tem em si mesmo. No caso da praxis, com efeito, a perfeição (perfectum, o que é realizado) refere-se primeiramente ao ato e não a um produto do ato como no caso do fazer (poiein): a manifestação do ato no efeito que dele resulta é como a efusão da sua satisfação de uma carência. É necessário ter presente esse substrato semântico para se compreender plenamente as concepções platônica e aristotélica da praxis.”*⁵²⁰

⁵¹⁷ “**Poiein**: atuar, ação.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 193.

⁵¹⁸ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 89.

⁵¹⁹ *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pgs. 188 e 189.

⁵²⁰ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pgs. 85 e 86.

Assim, a idéia de *phrónesis* emerge inicialmente da analogia entre *praxis* e *téchne* de modo que o bem-fazer do objeto e sua exemplaridade estendam-se sobre a *praxis* Ética conforme a mesma exemplaridade. Corroborando esse mesmo raciocínio e mais uma vez conforme ainda VAZ (1988), no contexto pré-socrático, e posteriormente em Aristóteles e Platão, o sentido de *phrónesis* encontra-se estreitamente relacionado com as virtudes, ou seja, um sentido abstrato e caro aos gregos:

*“A tradução latina clássica de ‘prudencia’, consagrada por Sto. Tomás e pelos moralistas medievais e vulgarizada nas línguas modernas não exprime, como observa R. A. Gauthier, os matizes próprios de phrónesis. A tradução mais aproximada é, pois, ‘sabedoria prática’ ou, simplesmente, ‘sabedoria’, desde que contradistinta de ‘sapiência’ (sabedoria teórica, em italiano, sagesza-sapienza, correspondendo a phrónesis-sophía). O melhor alvitre, opina Guthrie é reter o termo grego phrónesis, explicando-o devidamente. Em português pode-se usar sabedoria-sapiência.”*⁵²¹

Ora, pode-se supor que apesar das sucessivas modificações de seu sentido original, a *phrónesis*, posteriormente sintetizada como uma teoria da *praxis* não retira da ação construtiva propriamente dita o seu sentido de excelência original. Contrariamente a preenche de um novo sentido igualmente Ético.

O que de fato se verifica, examinando a arquitetura templária grega e a sua evolução, não só segundo a sua lógica conceitual como também técnica, é que houve um gigantesco salto qualitativo no que se refere especificamente à execução de seus templos. Há inegavelmente um salto conceitual e tecnológico, ambos qualitativos. Dos antigos templos em madeira, de certo modo mais fáceis de serem executados, os povos gregos, notadamente os dóricos, desenvolvem tecnologias de modo a transpor o seu sistema simbólico às pedras conforme o exposto anteriormente. Como se pode supor, trabalhar com a matéria-prima pedra demanda operações técnicas mais complicadas, e que, certamente, demandam não só a ideação de novos modos de operar como também de desenvolver-se um sem-número de ferramentas e técnicas para o trabalho com o novo material.

Conforme o exposto na seção anterior pode-se sintetizar a evolução dos templos do seguinte modo: originalmente os templos eram ambientes construídos pouco definidos. Eram ambientes descobertos onde prevalecia apenas a idéia de lugar apenas sugerido pelo simples tratamento dos pisos, e eventualmente a existência um altar onde provavelmente haveria uma pequena escultura retratando o deus. Conforme também foi visto, a sua evolução posterior assenta-se em duas formas tradicionais de ambiente construídos, quais sejam, os *mégarons* e as casas elípticas dos antigos povos gregos. A essa altura, quer seja pelas influências de outros povos quer seja por um movimento autóctone, os templos alongam-se e são cobertos: tratam-se dos templos em forma de “*grampo de cabelo*”. Cede à simples idéia de lugar outra que pressupõe o lugar construído, e assim, mais definido frente ao mundo natural. Posteriormente esses ambientes construídos sofisticam-se e principiam por apresentar elementos que os qualificam como templos “*pré-dóricos*”. Tempos mais tarde, já sob a égide expansionista grega e o movimento denominado *synoikismos*, os templos são submetidos a regras precisas de composição e são construídos segundo a idéia da existência de um todo articulado.

Ora, considerando-se a lenta construção da idéia de templo a partir dos ambientes construídos tradicionais por um lado, e por outro, observando-se o seu compassado desenvolvimento tecnológico, pode-se supor certa naturalidade evolutiva no desenvolvimento da arquitetura templária grega.

Contudo, esse olhar que considera a inexorabilidade evolutiva das coisas é sem dúvida ingênua. É inegável o constante esforço e determinação empreendidos por aquele povo na construção da forma acabada do templo dórico. E esse esforço somente pode ser apreendido na dimensão que lhe é peculiar: o bem-fazer técnico e Ético. Ambos, indissociavelmente concebidos, indicam mais uma inovação grega.

Se o fazer, *poiein*, encontra a sua perfeita ordenação na *téchne*, ou técnica, não se pode supor que esse termos tenham sido esvaziados de seu sentido Ético quando da sua transposição à construção da teoria da *praxis* quando da invenção e aparição do templo dórico. Pode-se supor que ambas as ações encontravam-se estreitamente relacionadas ainda que dispostas em perspectivas diferentes.

⁵²¹ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., nota N^o. 100, pg. 104.

O que se percebe é o surgimento, não inato, mas conquistado, de artifícios tecnológicos de modo que o novo simbolismo dessa nova ordenação da *polis* encontrasse a sua perfeita tradução nos ambientes construtivos. Tudo isso pode parecer por demais banais aos olhos contemporâneos, entretanto trata-se de uma conquista tão inestimável que gerações e gerações se dobraram ante à capacidade construtiva grega e à sua potência simbólica.

É assim que o sentido de *phrónesis* ou do bem-fazer Ético pode ser apreendido pela arquitetura templária grega: pela potenciação do bem-fazer, ou pela exponenciação do bem-construir. Nessa perspectiva, do bem-fazer do objeto, ou do constructo, coloca-se homologamente a construção da idéia do fazer Ético e de sua exemplaridade que pervaga todas as dimensões do ato, *poiein*. Ambas as formas do fazer são proporcionalmente concebidas e indistintamente realizadas à luz desse núcleo conceitual que é a *phrónesis*. Não há como separá-las, apartá-las, isolá-las, mas apenas especificá-las à luz de suas diferentes formas de expressão. Mais uma vez tudo se coloca segundo um todo indistinto ou, naquela instância nomotética.

Assim corresponde à *praxis* Ética, concebida como uma teoria da *praxis*, que especifica o sujeito empírico na forma da sua universalidade concreta, um outro momento, homólogo e proporcional que visa a sua própria expressão e liberdade nos ambientes construídos segundo a mesma idéia do bem-fazer que tem como núcleo conceptual a *phrónesis*.

Também conforme o exposto, os gregos encontravam-se diante da necessidade de ordenação das cidades-estados segundo a normatividade do *nómos*, que agora, face à teoria da *praxis* encontra o seu lugar assegurado pela ação ética virtuosa e o seu lugar de liberdade. Assim, a ação Ética, ou a *praxis*, estaria orientada pela normatividade e universalidade do novo *nómos*, ou lei, no horizonte da *polis*. Conforme ainda VAZ (1988):

*“A passagem do costume à lei [que] assinala justamente a emergência definitiva da forma de universalidade e, portanto, da necessidade imanente, que será a forma por excelência do ethos, capaz de abrigar a praxis humana como ação efetivamente livre. O ethos como lei é, verdadeiramente, a casa ou morada da liberdade. Essa experiência decisiva que está na origem da criação ocidental da sociedade política como espaço ético da soberania da lei.”*⁵²²

É assim na esteira desse núcleo conceptual da *phrónesis* como a “*praxis humana efetivamente livre*”, que essa aproximação entre a arquitetura templária grega e aquele *ethos* grego pode ser novamente traçado. Se anteriormente o sentido de *phrónesis* como o bem fazer encontra-se estreitamente relacionado com as virtudes da *téchne*, agora, num contexto da aparição da idéia de lei concebida na amplitude do *nómos*, é que o apuro técnico grego ganha realmente sentido.

As figuras 107⁵²³ e 108⁵²⁴ ao lado mostram respectivamente um detalhe do Parthenon e uma reconstituição de um capitel do templo de Vesta, em Tívoli. O preciosismo grego na execução dessas verdadeiras peças escultóricas jamais poderia ser compreendido sem que se mencionasse a idéia que subjaz ao termo *phrónesis*. Conforme se viu, a questão

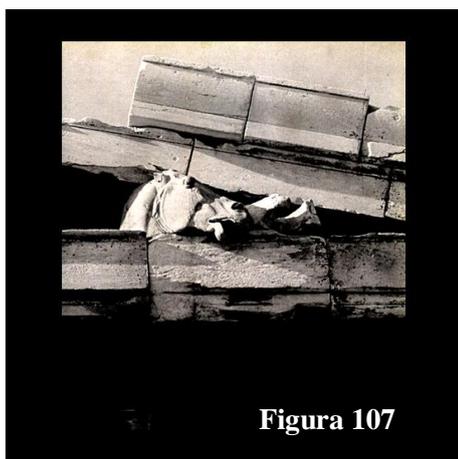


Figura 107



108

do bem fazer não se restringe ao objeto do fazer em questão, mas coloca-se segundo um todo articulado e orgânico segundo o qual a centralidade do bem comum é supracumido no fazer Ético e cujo resultado é a

⁵²² *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 16.

⁵²³ Legenda da figura 107: “O Parthenon, Atenas.” *Autobiografia Científica*, op. cit., pg., 65.

⁵²⁴ Legenda da figura 108: “Capitel do ‘Templo de Vesta’, Tívoli.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., Lâmina IX-(a).

própria exemplaridade dessa natureza de segunda ordem que é a *pólis*.

Não se trata então do apuro técnico como se concebe contemporaneamente, mas sim de um sentido visceral, profundamente arraigado nos hábitos e costumes transpostos na idéia de lei ou *nómos*. Eis então o mais profundo sentido de harmonia, que se distende pela vida comunitária e que impõe ao fazer técnico o mesmo apuro solicitado à razão: ordenar, não no vazio que consiste a ordem pela ordem, mas no sentido do bem comum, orgulho e glória de um povo que se define por e pela civilidade.

8.4. A Expressão do *Logos* na Arquitetura Templária Grega.

8.4. O Kósmos: a Harmonia e a Unidade do Logos / O Logos e Sua Proporcionalidade Com o Nómos / Kánon e Métron: as Medidas no Interior do Logos / A Razão da Razão: A Lógica ou o Método de Pensar / O Logos Apodeiktikós e o Silogismo Lógico: Uma Gramática Para Uma Lógica / A Arquitetura Grega Como Gramática / A Proporcionalidade do Ethos Grego e os Ambientes Construídos.

Conforme o exposto na seção anterior seguem-se às três acepções do termo *ethos* três formas correlatas segundo as quais as comunidades históricas expressam-se nos ambientes construídos. No caso grego, essas três formas parecem suceder-se no tempo na medida em que o *ethos* aproxima-se de sua vocação da *centralidade do humano* e que as regularidades da *physis* vão-se organizando não apenas segundo a “*necessidade transiente da physis*”, mas também, e principalmente, segundo o “*finalismo imanente do logos*”. É então de acordo com a terceira concepção de *ethos*, na sua forma *ethos-hexis*, que este abre no mundo o seu espaço ou o lugar da cultura. Se expressa desse modo como uma natureza de segunda ordem a partir da qual os ambientes construídos, homologamente concebidos, passam a ser denominados arquitetura. Essa arquitetura é assim depositária desses movimentos sucessivos em direção ao *ethos-hexis* e que vem a demonstrar, ou especificar, nos ambientes construídos, a sua “*personalidade ética*”. Essa é uma das aproximações possíveis entre a arquitetura templária grega e seu *ethos*.

Uma segunda aproximação entre a arquitetura templária grega e o seu *ethos* encontra-se na representação do *logos* nos ambientes construídos. Entretanto, essa passagem não se dá de modo contínuo e não sem algum esforço expositivo.

Para ilustrar essa nova passagem da Ética à arquitetura templária grega, pelo menos duas idéias podem ser suscitadas: a dimensão do equilíbrio e proporção, noções correlatas ao sentido de justiça nas cidades-estado. Essa forma de expressão advém de uma profunda intuição e crença na existência de um princípio ordenador e unificador ao qual se submeteria não só a ordem das cidades assim como os seus objetos ou os ambientes construídos tomados separadamente. Anteriormente a esse momento de síntese grega, ambas as dimensões residiam no interior da ordem mitológica num todo que se articulava segundo uma paridade ou analogias às experiências humanas. Assim, conforme WARTOFSKY (1987), as noções de equilíbrio e proporção já haviam sido antecipadas pela mitologia. É a partir dessa organização mítica que emerge a posterior ordenação do *logos*:

“A mitologia grega incluía uma explicação, relativamente sistematizada, acerca de como surgiu o kósmos [mundo, universo] e como ele foi ordenado, assim como um conjunto de prescrições e modelos para o comportamento humano. Como em todos os mitos cosmogônicos, [os gregos] concebiam a origem e o desenvolvimento do kósmos análogos à experiência humana, e as relações entre os deuses expressavam as relações, imaginativa e antropomorficamente concebidas, entre os elementos do mundo natural. De um cháos [caos] original, e das lutas pelo poder das primeiras gerações de deuses, surgiu uma ordem de coisas dispostas de acordo com uma lei que a tudo abarcava e cuja necessidade era imóvel. As leis dos homens e as características da ordem social se encontravam expressas na estrutura do mito: considerava-se que a divisão territorial, a hierarquia de poderes e o castigo das transgressões

se produziam de acordo com a lei, e a equidade das primeiras formas de justiça humana se manifestavam na forma de equilíbrio e proporção corretos, isto é, na harmonia que a lei faz surgir da luta e que se encontra em todos os relatos míticos. Se dispunha assim de um protótipo de explicação sistemática das razões das coisas: uma explicação teórica e pré-científica em função de entidades hipotéticas.”⁵²⁵

Por outro lado, a idéia de um princípio ordenador e unificador já existia na idéia de *kósmos*. Conforme ainda WARTOFSKY (1987):

“Os mitos acerca da origem do mundo refletiam esse profundo sentido de ‘ordenação correta’ [orthòs lógos⁵²⁶]: o kósmos surgiu do chãos original [vazio obscuro e ilimitado que precede e propicia a geração do mundo] mediante essa ordenação ou proporção correta. O racionalismo iniciado pelos gregos já se expressava na noção que uma uniformidade original, um confuso aglomerado de coisas desordenadas, poderia ser submetidas a um princípio de ordem unificadora.”⁵²⁷

Assim os princípios necessários à aparição do *logos* ordenado, a dimensão do equilíbrio e proporção correta da justiça e a intuição de ordem unificadora, encontravam-se desde muito difundidas entre os gregos, ambas no interior da idéia de *kósmos*. É então esse *logos* que preside a ordenação das leis, *nómos*, necessárias à ordenação política e social das cidades-estados.

Contudo, é a passagem do *logos* à ciência, ou à *episthème*, que contém mais explicitamente os elementos de interesse mais próximos à dissertação. Esses elementos iluminam a aproximação entre essa forma conceptiva ética e a sua passagem aos ambientes construídos. Trata-se da concepção da lógica. Essa passagem do *logos* à ciência, ou *episthème*, realizada pelo povo grego estabelece uma diferença radical, um grau de diferenciação entre sua forma civilizatória e as civilizações vizinhas ou contemporâneas: a supremacia de uma ordem científica subsumida à potência de uma nova forma Ética de ser e estar num mundo que é racional.

Conforme VAZ (1988),

“A passagem do saber à ciência assinala uma das mais profundas revoluções conhecidas pela história humana. Ela pode ser caracterizada como aquele momento em que a racionalidade latente e difusa no esforço milenar do homem, para submeter a natureza a seus fins de utilização, para buscar nela as matrizes simbólicas das suas representações e crenças e para organizar seu próprio mundo humano, eleva-se sobre os enigmas do mito e sobre a cinzenta monotonia das rotinas empíricas e aparece como um grande sol que ilumina e atrai poderosamente tudo o que se move no universo físico e intelectual.”

É a partir desse nascimento orientado pela necessidade da organização política das cidades-estado e pela necessidade de uma certa estabilidade dos hábitos e dos costumes ordenados segundo normas e interditos do agir e pensar Éticos, que a razão ordenadora desdobra os seus esforços sobre si mesma presidindo o nascimento da ciência.

Nessa perspectiva do justo e do harmonioso como uma unidade conceptiva, o advento da ciência não encontraria na *physis* os elementos necessários à sua perfeita construção pois que estaria circunscrita à sua “*necessidade transiente*”. É então segundo a *centralidade do humano* e de sua intencionalidade em realizar sobre o mundo uma natureza de segunda ordem que é a *pólis* que a razão encontra em seu interior a sua própria ordenação que é segundo o “*finalismo imanente da razão*”. Resta então, à própria razão, o esforço de se orientar segundo a sua própria imanência. Como quer VAZ (1988):

⁵²⁵ *Introducción a la Filosofía de la Ciencia*, op. cit., pg. 97.

⁵²⁶ Conforme Henrique C. de Lima Vaz, esse *orthòs lógos*, indica inequivocamente uma relação de homologia entre a justiça e direito na *pólis* e a reta conduta individual. “A razão imanente ao livre consenso e que se explicita em leis, regras, prescrições e sentenças é o que se denomina propriamente Direito e que está para a comunidade como a razão reta (*orthòs lógos*) está para o indivíduo.” *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 136. Assim é que os gregos ao agirem no sentido da pacificação da selvageria da aristocracia guerreira, proclamam a legitimação consensual do poder como que medida e lógica do ser civilizado.

Homologamente, os templos gregos se inscrevem nessa perspectiva da conquista da civilização, razão pela qual seu paradigma jamais foi esquecido pelas civilizações posteriores. Suas ordes expressam exatamente essa conquista ou esforço.

⁵²⁷ *Introducción a la Filosofía de la Ciencia*, op. cit., pg. 98.

“Desta sorte, é no próprio processo da gênese da Ciência que surge e se impõe a idéia de medida ou regra (*kánon* [⁵²⁸] ou *métron* [⁵²⁹]). A medida se manifesta em primeiro lugar como imanente à própria razão, ao definir-se esta como um sistema de regras, como uma medida de si mesma ou, segundo a reduplicação característica do termo que originariamente a designou, como uma lógica, ou seja, uma razão da razão.”⁵³⁰

Assim, inicialmente subsumida à “*necessidade transiente da physis*”, mas construída segundo o “*finalismo imanente do logos*”, a razão se concebe como medida de si mesma, dobra-se sobre si mesma na medida do justo e harmonioso, prescreve-se inscrita na ordem da necessidade e do universal, estabelece critérios para a sua validade e suas regras de procedimento regrado-se a si mesma.

Esse movimento, que parece repetir o mesmo movimento de instauração de uma natureza de segunda ordem, determina o marco divisório entre *doxa* e *episthème*, ou entre opinião e ciência. A razão, ao dobrar-se sobre si mesma como lógica, não mais em homologia ao mundo físico mas como que acima de sua “*necessidade transiente*”, e ainda, acima de seu horizonte empírico, distingue as assertivas entre as não formalizadas segundo a lógica, que são *doxa* ou apenas opinião, daquelas subsumidas a esse procedimento do pensar que é a lógica, doravante admitidas como *episthème* ou ciência.

Como método do pensar, os procedimentos formais do pensar verdadeiro e correto instalam-se no interior da razão na forma do **silogismo lógico**,⁵³¹ regra e medida de sua justeza e proporcionalidade. Assim concebido esse desdobramento formal do *logos*, anteriormente imerso nas contingências, ele procura ascender à necessidade e universalidade na forma desse *logos apodeiktikós* ou, a razão demonstrativa. Nesse horizonte de racionalidade, distinguem-se as assertivas informais das formais, ou *doxa*, opinião, e *episthème*, ciência.

E é a partir da ordenação do próprio silogismo lógico que emerge a aproximação possível entre os ambientes construídos e essa forma grega de ser e estar no mundo. Conforme PETERS (1983), o silogismo pode ser assim definido:

“Aristóteles definiu assim o silogismo: ‘Um silogismo é um argumento no qual, estabelecidas certas coisas, resulta necessariamente delas, por serem o que são, outra coisa diferente das anteriormente estabelecidas.’ Tem-se observado com frequência que esta definição é tão geral que se pode aplicar não apenas à inferência silogística, como também a muitos outros tipos de inferência - se não à inferência dedutiva em geral. Aristóteles, no entanto, procedeu à exemplificação desta definição mediante inferências de um tipo especial: aquelas nas quais se estabelece um processo de dedução que conduz a estabelecer uma relação do tipo sujeito-predicado partindo de enunciados [sempre verdadeiros] que manifestam também a relação sujeito-predicado. Nesse processo dedutivo, além disso, supõem-se que a conclusão - que tem dois termos - é inferida de duas premissas, cada uma das quais tem também dois termos, um dos quais não aparece na conclusão. O silogismo aparece como uma lei lógica ou como uma série de leis lógicas, uma para cada um dos modos válidos. Estas leis lógicas estabelecem relações entre termos universais. ...A correspondente forma silogística usada por Aristóteles é:

Se ‘A’ é predicado (é verdadeiro) de todo o ‘B’, [premissa maior],
e ‘B’ é predicado (é verdadeiro) de todo o ‘C’, [premissa menor],
então ‘A’ é predicado (é verdadeiro) de todo o ‘C’. [conclusão].”⁵³²

⁵²⁸ A palavra *kánon* é uma transliteração do grego que significa regra. “**Cânon**. 1. Regra geral de onde se inferem regras especiais. 3. Padrão, modelo, norma, regra. 4. *Arquit.* Qualquer uma das regras da composição (como a simetria, p. ex.), ou dos modelos plásticos que os acadêmicos queriam impor como fontes exclusivas, suficientes e definitivas, de beleza arquitetônica e valor artística.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 270. É importante que se ressalte a aplicação do termo ao campo da arquitetura. Se o *logos apodeiktikós*, ou razão demonstrativa, manifesta o seu alcance dando as razões das coisas serem como são, ordenando-as e subsumidas na razão da razão que é a lógica, não seria estranho o seu desdobramento

⁵²⁹ A palavra *métron* é outra transliteração do grego, que de certo modo coincide com *kánon*.

⁵³⁰ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 184.

⁵³¹ “**Silogismo** [lógico]. [Do gr. *sylogismós*, ‘argumento’, pelo lat. *sylogismu*.] 1. *Lóg.* Dedução formal tal que, postas duas proposições, chamadas premissas, delas se tira uma terceira, nelas logicamente implicadas, chamada conclusão.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 1300.

⁵³² *Dicionário de Filosofia*, op. cit., pgs. 369 e 370. Aristóteles funda sua definição de silogismo rumo à opinião comum. Segundo Peters: “6. Ao discutir os tipos de silogismo, Aristóteles trata da contingência da *doxa* de um ângulo um tanto diferente. Um silogismo demonstrativo (*apodeixis*) assenta em premissas que são verdadeiras e essenciais. Assim ele difere de um silogismo

Conforme se vê, o silogismo lógico pode ser entendido como um encadeamento lógico, ou conseqüente, de propriedades atribuídas às coisas ou às idéias segundo as quais as suas peculiaridades encontram-se definidas segundo categorias relacionáveis.

Ora, nesse sentido o silogismo funda-se como que uma **gramática**,⁵³³ ou como um sistema de regras de ordenação formal da linguagem e das idéias segundo a sistematização e encadeamento das partes num todo articulado e flexível, adaptável às circunstâncias e ao que se quer dizer. Não é por acaso que SUMMERSON (1997), curiosamente, expõe a antiga arquitetura clássica segundo o mesmo termo ou, a sua *gramática*.

*“As ordens, tal como exemplificadas nesses monumentos, variam consideravelmente de um exemplo para outro, permitindo a quem quer que seja selecionar aquilo que considera como sendo as melhores características de cada ordem e estabelecer, assim, o que considera ser a ordem ideal. Ao longo da história da arquitetura clássica, a especulação quanto aos tipos ideais de cada ordem persistiu sempre, oscilando entre o respeito preciosista e a pura invenção pessoal. ... Portanto, seria um engano considerar as ‘cinco ordens da arquitetura’ como uma espécie de jogo de montar usado pelos arquitetos para não se darem ao trabalho da invenção. É melhor considerá-las expressões gramaticais que exigem uma imensa disciplina, mas uma disciplina dentro da qual a sensibilidade pessoal tem sempre um determinado papel - mais ainda, uma disciplina que pode ser rompida por um lance de gênio poético.”*⁵³⁴

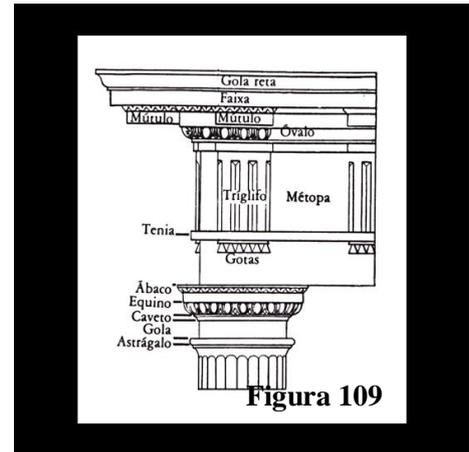


Figura 109

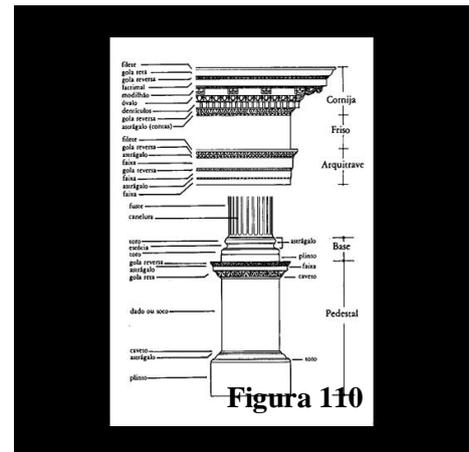


Figura 110

O exame das **figuras 109**⁵³⁵ e **110**⁵³⁶ acima demonstra com clareza o argumento exposto. Cada dimensão e proporção de cada uma das partes do capitel e entablamento da ordem dórica, assim como todas as relações métricas das demais ordens, haviam sido precisamente dimensionadas de modo que o conjunto resulte numa harmonia inteligível, ou harmonia raciocinada e devidamente proporcionada.

A mobilidade compositiva desse sistema gramatical permaneceu sendo alterado pelos próprios gregos assim como através dos séculos, incessantemente, pelas várias gerações que se sucederam. Pequenas alterações foram vagarosamente adicionadas ou subtraídas. As **figuras 111**⁵³⁷, **112**⁵³⁸, **113**⁵³⁹ e **114**⁵⁴⁰ abaixo mostram

dialético (*dialektike*) cujas premissas são baseadas em *endoxa* [opinião, opinião geral], definidas agora como opiniões que são aceites pela maioria dos sábios.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 57.

⁵³³ **Gramática.** [Do *gr. grammatiké* (subentende-se *téchne*). 1. Estudo ou tratado dos fatos da linguagem, falada e escrita, e das leis naturais que a regulam.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 697.

⁵³⁴ SUMMERSON, J.: *A Linguagem Clássica da Arquitetura*, São Paulo, Martins Fontes, 1997, pg. 09.

⁵³⁵ Legenda da **figura 109**: “A ordem dórica grega e romana têm a mesma origem grega, mas desenvolvem-se de modos diferentes. Possuem em comum : 1, tríglifos no friso, mútilos e gotas no sófite do lacrimar; 2, o capitel composto por ábaco sobre uma ou mais molduras. A coluna grega nunca possui base; quanto à dórica romana, quase sempre possui base, apesar de Vitrúvio não recomendar seu uso. O conhecimento adequado e o interesse pela ordem dórica grega ressurgiu em fins do século XVIII, razão pela qual seu emprego é raro no mundo moderno antes de 1800. *A Linguagem Clássica da Arquitetura*, op. cit., texto: pgs. 135 e 136: figura pg. 136.

⁵³⁶ Legenda da **figura 110**: “Esta ordem é uma invenção ateniense do século V a.C.. Nos exemplos mais antigos, distingue-se da ordem jônica apenas pelo capitel, recoberto por folhas de acanto. Vitruvius, já no século I d.C., descreveu apenas o capitel, ‘porque a ordem coríntia não possui regras distintas para as cornijas e outros ornamentos’; posteriormente, os romanos desenvolveram características próprias para o entablamento coríntio. Segundo Vitruvius, o projeto original deste capitel foi feito pelo escultor Calímaco, que se teria inspirado em um cesto de brinquedos protegido por uma laje de pedra (o ábaco). A ordem coríntia, empregada do século XVI em diante, baseia-se em exemplos romanos, em especial os templos de Vespasiano e de Castor e Pollux, no Fórum de Roma.” *A Linguagem Clássica da Arquitetura*, op. cit., texto: pg. 134; figura: pg. 135.

⁵³⁷ Legenda da **figura 111**: “As ordens da arquitetura. Com esta gravura em madeira, de 1540, Sebastiano Serlio começou o seu tratado sobre as ‘cinco maneiras de construir’. As ordens toscana, dórica, jônica e coríntia haviam sido identificadas por Vitruvius.

algumas versões das cinco ordens gregas alteradas no decorrer dos séculos que se seguiram. Contudo esse modo peculiar de organizar e conceber os ambientes construídos atravessou os séculos mantendo a sua essência inalterada: o de um sistema conceutivo que se ordena segundo a *centralidade do humano* transposto ao espaço construído pela idéia de ordem, harmonia e justiça e que de modo mais articulado expressa-se por sua representação através do *logos apodeiktikós*, a razão, que ao ordenar-se dobra-se sobre si mesma como a sua própria medida e termo.

As cinco ordens gregas citadas pelo mesmo autor, Toscana, Dórica, Jônica, Coríntia e Compósita,

evidenciam a passagem dessa ordenação Ética à concreção dos ambientes construídos segundo a ordenação de seus elementos construtivos, impregnados de significados simbólicos, compostos numa determinada métrica e interrelacionados numa ordem de aparição relativamente constante e sempre proporcional. Há, nesse caso, inegavelmente uma racionalidade imanente ou constitutiva às ordens gregas numa relação que é homóloga ao *ethos* grego.

Esse nível de transposição homóloga entre o *ethos* grego e a sua forma de conceber-se a si mesmo ocorre segundo uma reciprocidade clara, sem ocultação, e somente seria possível num horizonte de cultura situado numa instância nomotética.

Essa mesma reciprocidade pode ser verificada com relação à idéia de harmonia. Retornando à SUMMERSON (1997):

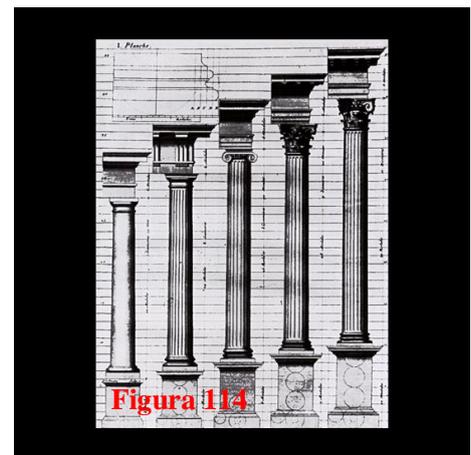
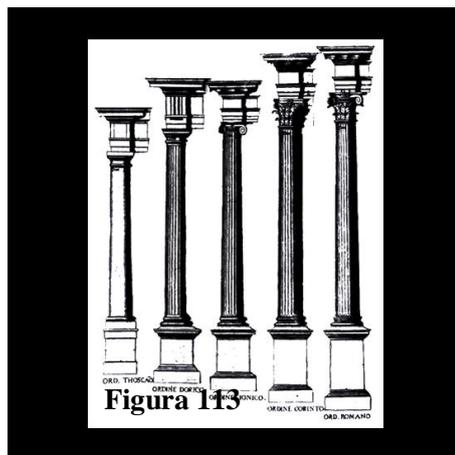
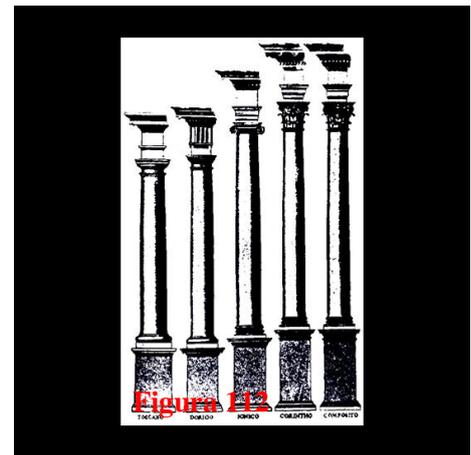
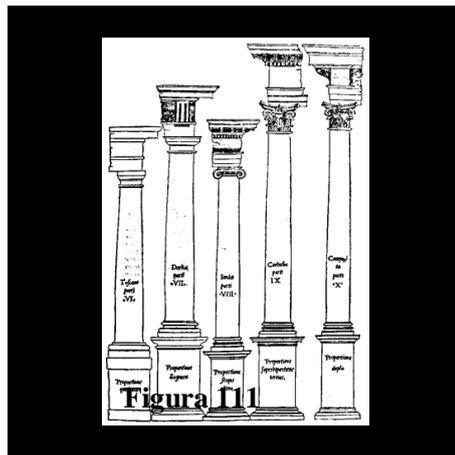
“... encontramos, ao longo da história da arquitetura clássica, uma série de afirmações sobre os aspectos essenciais da arquitetura que nos permitem dizer que o objetivo da arquitetura clássica sempre foi alcançar uma harmonia inteligível entre as partes. Tal harmonia foi vista como parte integrante dos edifícios da Antigüidade e como sendo inerente aos principais elementos antigos - em especial às cinco ‘ordens’, às quais logo nos referimos. Mas foi considerada também em abstrato por vários teóricos, os quais demonstraram a harmonia em uma estrutura, assim como na música, é alcançada por meio da

Alberti havia identificado a compósita. Serlio foi o primeiro a mostrar as cinco ordens como uma série fechada, à qual nenhum acréscimo seria admissível.” a.” *A Linguagem Clássica da Arquitetura*, op. cit., pg. 02.

⁵³⁸ Legenda da **figura 112**: “Cada geração após Serlio estudou as ordens de novo e as delineou com variações cuidadosamente justificadas. A versão de Vignola, primeira a ser gravada em cobre, apareceu em 1563.” *A Linguagem Clássica da Arquitetura*, op. cit., pg. 13.

⁵³⁹ Legenda da **figura 113** (continuando o texto da legenda anterior): “Entretanto, a gravura em madeira de Scamozzi, feita em 1615, tem muito do espírito de Palladio.” *Linguagem Clássica da Arquitetura*, op. cit., pg. 13.

⁵⁴⁰ Legenda da **figura 114**: “O francês Claude Perrault consultou todas as autoridades italianas e produziu sua própria versão, em uma gravura em cobre, de 1676, com uma escala modular a partir da qual as proporções das diferentes partes podiam ser lidas e memorizadas.” *Linguagem Clássica da Arquitetura*, op. cit., pg. 15.



proporção, ou seja, ao se fazer com que as proporções de todas as partes de um edifício sejam funções aritméticas e estejam relacionadas entre si."⁵⁴¹

No horizonte Ético grego a harmonia é concebida como uma relação equilibrada entre as partes transpostas ao constructo segundo um conjunto de proporções matemáticas e logicamente encadeadas. Assim, o todo harmonioso não é apenas o resultado da expressão lógica da razão mas é também a expressão de uma Ética justa. É exatamente esse *logos* apreendido na dobradura do *métron*, como a medida da proporção que se dispõe no interior da lógica como o seu termo e medida, que encontra a sua transcrição concreta no espaço construído como a razão ou proporção entre as partes, ou a harmonia como a dimensão Ética universal. Essa harmonia encontra explicitamente a sua espacialização na métrica e proporção das formas de cada parte construída segundo as ordens gregas. Assim, ela somente existe na conformação do todo ordenado conforme se sugeriu anteriormente.

Corroborando mais uma vez essa perspectiva conceptiva, lê-se ainda em WARTOFSKY (1987):

"O florescimento da arte grega - e, particularmente, a música, a poesia e a tragédia (artes semelhantes entre si) e as artes plásticas da arquitetura e escultura - e o alto nível de atividade tecnológica que se desenvolveu nas colônias gregas da Jônia, e em especial na grande cidade portuária de Mileto, completaram esse rico e complexo quadro de antecedentes. As artes encarnavam um ideal estético de grande profundidade que impregnou boa parte da vida grega: na arte, como na vida, os gregos tentavam agrupar elementos de um todo ordenado, unificado e harmonioso, de modo que o ideal de uma vida bem ordenada estivesse representada no ideal de uma arte bem ordenada. O equilíbrio, a simetria e a correta combinação de elementos constituía o bom na arte, do mesmo modo que constituíam o bom na vida e um estado bem ordenado. A justiça era concebida nos assuntos humanos como a consecução da harmonia, a integração das distintas partes de um todo, atuando cada uma delas, de acordo com sua natureza 'própria' ou 'adequada', para que se conseguisse uma unidade ideal."⁵⁴²

Assim os gregos, para além de ensejarem uma mera transposição da ordem do mundo físico para o seu *ethos* e para os seus ambientes construídos, o fazem segundo uma Ética que insiste em inaugurar a concepção de reciprocidade, de encadeamento entre todas as partes da realidade grega, não segundo um princípio aleatório e casuístico do todo, mas segundo a razão ordenadora e harmoniosa transposta como uma natureza de segunda ordem que são a cidade e a arquitetura da cidade. Eis mais uma vez a importância central da arquitetura templária grega no horizonte de cultura ocidental.

⁵⁴¹ *A Linguagem Clássica da Arquitetura*, op. cit., pg. 04.

⁵⁴² *Introducción a la Filosofía de la Ciencia*, op. cit., pg. 98.

CAPÍTULO 9.

Elementos da “*Fenomenologia do Ethos*” e a Arquitetura Templária Grega: Ética e Arquitetura.

9.1. Uma Breve Recapitulação. *Os Hominídeos / O Paleolítico / O Mesolítico / O Neolítico / A Idade do Bronze na Ilha de Creta / O Sentido de Permanência Civilizatória e a Ordenação da Vida na Ilha de Creta / O Núcleo Conceptivo do Humano: a Ordem Organicista / O Súbito Desaparecimento da Civilização Micênica / O Surgimento da Grécia Continental / A Fragmentação da Cultura Grega Provocada Pelos Aqueus / O Esforço de Reunificação da Cultura Grega / A Invenção do Logos Apodeiktikós e da Episthémé.*

9.2. Elementos da “*Fenomenologia do Ethos*” e os Ambientes Construídos. *Physis e Ethos: Dois Conceitos Primeiros / A Physis Como a Primeira Unidade do Mundo / A Arquitetura e o Ethos em “Virtude de Uma Necessidade Natural” / A Arquitetura e o Ethos como “o Habitual e o Natural” / A Arquitetura e o Ethos Segundo o “Hábito Como Possessão Estável” / O Nómos e a Transposição da Ordenação da Physis ao Logos / A Diferença Entre os Estatutos dos Ambientes Construídos: “Instância Nomotética” Grega e a “Instância Hipotética” Moderna.*

9.1. Uma Breve Recapitulação.

9.1. *Os Hominídeos / O Paleolítico / O Mesolítico / O Neolítico / A Idade do Bronze na Ilha de Creta / O Sentido de Permanência Civilizatória e a Ordenação da Vida na Ilha de Creta / O Núcleo Conceptivo do Humano: a Ordem Organicista / O Súbito Desaparecimento da Civilização Micênica / O Surgimento da Grécia Continental / A Fragmentação da Cultura Grega Provocada Pelos Aqueus / O Esforço de Reunificação da Cultura Grega / A Invenção do Logos Apodeiktikós e da Episthémé.*

Os quatro capítulos inicialmente apresentados procuraram mostrar como, à medida que a idéia de regularidade constituía-se e afirmava-se a partir de instintos animais ou intuições, as formas de habitar humano sobre o mundo modificavam-se expressando novas formas de ser e de estar. Ou seja, procurou-se mostrar como, a partir da construção do sentido de um mundo de regularidades e permanência conseqüente, formavam-se os hábitos e costumes e como esses estilos de vida, eram transpostos aos objetos manufaturados, aos ambientes habitados ou construídos.

Assim esse percurso compreende, a partir dos primeiros instintos dos hominídeos, algumas formas segundo as quais a noção de regularidade encontra várias representações que se desdobram desde as repetições das empirias imediatas às hierofanias, desde as primeiras pinturas rupestres à escrita, desde as primeiras apreensões abstratas à construção dos significados e as suas representações.

É desse lento movimento que surge a construção do sentido civilizatório empreendido pelo povo grego e a sua transposição à *pólis* e à arquitetura templária como uma exteriorização de suas representações simbólicas nos ambientes construídos.

Naqueles primórdios, em períodos anteriores ao Paleolítico, quando se inicia a história do evento humano é apresentado como absoluta indistinção entre os vários seres postos num mundo. O universo apreensível para aqueles hominídeos era constituído basicamente por cinestésias e o seu estatuto ambiental não se diferenciava do restante dos animais. Aqueles seres coabitavam as mesmas tocas, cavernas e buracos como abrigos juntamente com outras espécies simiescas. Seu estilo de vida era então similar ao de outros animais e os seus abrigos eram conformados apenas pelas disponibilidades naturais de um refúgio relativamente seguro encontrados em seu *habitat* natural.

Naquele contexto nada para além do animalesco poderia ser notado em relação àqueles hominídeos. O sentido de suas vidas talvez pudesse ser reduzido à esfera do puro biológico e sua comunidade sintetizada por seu bioma, ou o conjunto de seres vivos de uma determinada área. É provável que sua capacidade racional estivesse comprometida por sua capacidade craniana equivalente a somente 1/3 da de seus sucessores. Nessa perspectiva, o todo indistinto dos instintos percebidos não propiciasse a construção de qualquer ordenação das regularidades; essa idéia era absolutamente impossível. Somente o instinto era a forma acabada e possível de alguma regularidade. Todo o mais provavelmente se reduziria às intuições.

Passados alguns milhões de anos, o volume craniano daqueles hominídeos sofreu uma grande ampliação e é provável que essa transformação tenha gerado uma capacidade maior de adaptação. Talvez seja decorrente dessa transformação que aqueles seres puderam se dispersar por quase todos os continentes. A essa altura dos fatos o seu comportamento passa a ser grupal e eles passam a formar grupos nômades de caçadores e coletadores. Eles também fabricam os seus primeiros instrumentos de pedra lascada destinados a operações técnicas pouco complexas como cortar, raspar, etc..

Alguns milhares de anos à frente esses seres, agora pertencentes ao gênero *Homo* dominam a tecnologia do fogo e desenvolvem outras tantas a partir de outros materiais como os ossos, madeira, marfim, etc.. As operações tecnológicas tornam-se um pouco mais complexas e possibilitam construções minuciosas como costurar, moer, polir, etc.. Esses grupos passam a visitar com certa regularidade o interior das cavernas não só em busca de abrigo como também deixando pinturas em seu interior ou, os primeiros registros e sinais de comunicabilidade. Seu estilo de vida sem dúvida é mais complexo do que seus antecessores, contudo nada há que comprove cabalmente a aparição da idéia de regularidade conceptiva.

A partir das mudanças climáticas do globo terrestre e o conseqüente degelo de parte das calotas polares, os vegetais, a base da cadeia alimentar, multiplicaram-se ocuparam novas porções de terras. Esse novo quadro mais estável e generoso possibilitou a uma maior permanência das espécies herbívoras que eram seguidas pelos humanos. Apesar de manterem suas práticas de caça e coleta aqueles grupos nômades agora permaneceriam mais tempo num mesmo território ou região, e assim, gradativamente, modificaram suas relações com o meio ambiente. Puderam estabelecer a diferença entre interior e exterior e relacionaram essa idéia com a noção do sagrado e do profano. Em seguida, abandonaram as cavernas e construíram as primeiras cabanas. Surgiram daí os primeiros modestos aglomerados familiares seguidos de depósitos de gêneros, ou os primeiros celeiros. Eram os primeiros aglomerados humanos. Aprenderam os primeiros sentidos de permanência no mundo com as hierofanias e ampliam grandemente o seu domínio tecnológico. Fundaram, por assim dizer, um primeiro estilo de vida estável anterior às futuras fazendas do vindouro Neolítico.

Posteriormente, a fixação definitiva desses grupos foi possível graças a aparição da agricultura rudimentar que se restringia à remoção de algumas espécies de cereais de seus locais de origem e o seu plantio numa área determinada, geralmente no vale de algum rio. Esses homens fundaram os primeiros centros agrícolas isolados e auto-suficientes no que diz respeito ao seu próprio abastecimento de gêneros alimentícios. Com eles são construídas as primeiras habitações de caráter permanente seguindo a antiga unidade conceptiva que justapunha a noção de centralidade aos pares de opostos interior/exterior e sagrado/profano.

Dessa estabilidade emergem os primeiros hábitos e costumes, as primeiras normas e interditos no contexto de um estilo de vida fixo. As tecnologias domésticas, destinadas unicamente à manutenção básica da vida, são pela primeira vez reunidos num mesmo espaço, a fazenda, o que potencializa o

surgimento de novas técnicas e materiais a partir da empiria. Nessa perspectiva, o domínio das tecnologias de fazer e conservar o fogo parece indicar a chave dos progressos subsequentes.

Assim, desenvolvem-se os rudimentos da metalurgia, da cerâmica cozida, da navegação. As manufaturas desenvolvem-se e aprimoram-se velozmente. Surgem os tecidos a partir das fibras vegetais e da roda. Somam-se às antigas técnicas construtivas a noção da unidade que se repete e se ajusta segundo a regularidade geométrica que é o tijolo. O interior das habitações são quase idênticos entre si, alteram-se apenas conforme o desejo de cada núcleo familiar mas sempre estão inscritas na ordem do grupo que é produtiva e defensiva. Quase invariavelmente elas são dispostas conformando uma massa construída e contínua contornada por pesados muros externos. Nesses conjuntos quase não há espaço central aberto; o centro é ocupado pelo conjunto de casas e a noção de público e privado não encontram uma clara correspondência nos espaços construídos mesmo porque, talvez esse sentido nem fosse tão claro e necessário naquelas aldeias.

Com a chegada da Idade do Bronze surge na ilha de Creta o que já se pode denominar civilização. Conforme já exposto, Durant refere-se com razão à Creta como “*o primeiro elo da cadeia européia*”. Para lá convergem hábitos e costumes como uma possessão estável e parece certo que ali se fixa definitivamente um estilo de vida e ação continuados. Apesar da descoberta de dois tipos de escrita naquela ilha, os *Lineares* “*A*” e “*B*”, em nada eles ajudam a descrever esses hábitos e costumes, pois são apenas anotações de transações comerciais. Nada que se relacionasse a descrições de cultos religiosos, descrições da vida na corte, ou mesmo algo que explicitasse o seu sistema legal está contido nesses documentos. Eis segundo BROGGI/LOMBARDINI (1981) o que se encontra registrado nessas tabuletas de argila:

“... *listas de gêneros alimentícios, oferendas votivas, tributos, entradas e saídas de mercadorias, consignação e prescrição de materiais; ...*”⁵⁴³.

Entretanto, apesar de limitadas e pouco esclarecedoras essas informações subentendem algumas condições necessárias a essas transações comerciais. Partindo-se do princípio de que essas transações somente seriam possíveis na presença de algumas normas comerciais claramente fixadas, pode-se supor que certas regras e preceitos existiram de modo a ordenar com alguma reciprocidade as ações evitando-se os desperdícios e atingindo os resultados esperados. Assim, a partir da constatação de que a vida comercial cretense esteve claramente ordenada, supõe-se que vários outros aspectos fundamentais da vida na ilha também o estivessem, ainda que minimamente. Nesse caso a evidência da organização comercial indica a organização da vida civil insular. Caso contrário seria impossível a existência e organização do comércio cretense.

Também indicativos dessa mesma necessidade organizadora, os afrescos, para além de representarem meros elementos decorativos, indicavam direta e claramente ao visitante ou usuário a que atividade se destinava cada o cômodo dos prédios. Anunciavam quem poderia estar no cômodo e o seu grau hierárquico no contexto daquela sociedade e, principalmente, as posturas que cada visitante deveria manter nessas circunstâncias. Tratava-se certamente de um estilo de vida complexo e ordenado, devidamente encadeado e composto por normas e interditos.

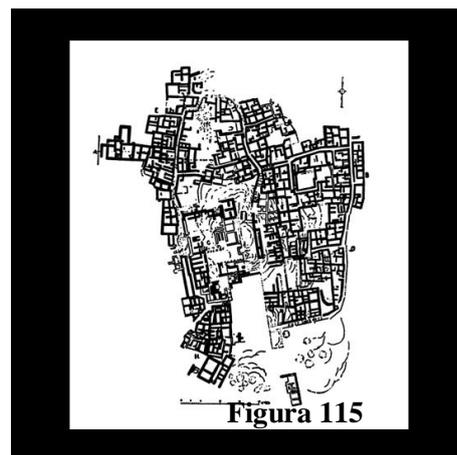
Além do mais, o conjunto de símbolos encontrados, como a *bípene* ou o machado de dois gumes, ou cornos de consagração, o *Minotauro* e outros elementos de culto indicam também a existência de regras exatas no que concerne às experiências religiosas naquela ilha. Estavam subentendidos naquelas imagens e representações todos os procedimentos aceitáveis ou preceitos estritamente determinados a serem seguidos nas cerimônias religiosas. Sob esse ângulo toda a vida cretense, seus comportamentos, hábitos e costumes, pareciam estar regrados, sofisticadamente ordenados.

Tamanha era a importância de tal ordenação que as sucessivas reconstruções dos palácios, e às vezes das cidades, eram realizadas exatamente sobre os restos das anteriores, não raras vezes exatamente acima das

⁵⁴³ *I Palazzi di Creta*, op. cit., pg. 11.

fundações que sustentavam as antigas construções completamente destruídas. Todo esse esforço indica a necessidade da manutenção de um mesmo estilo de vida, um estilo de vida que insistia em retomar o seu curso perdido.

Assim, a ilha de Creta surge como o primeiro anúncio da forma de organização e expressão da futura civilização ocidental. Suas construções são concebidas segundo uma ordenação estranha mas que em seus princípios são muito próximas aos preceitos funcionais presentes no século XX. O conjunto do traçado do Palácio de Cnossos é absolutamente complexo - ele é o *Labirinto*. Por outro lado sabe-se que talvez isso se devesse a questões defensivas. As escavações de seus restos revelaram que várias atividades palacianas foram reunidas em setores como o dos pintores, o dos torneiros de barro, dos aposentos de reis, rainhas e príncipes, o grande compartimento de depósitos, lojas destinadas ao comércio, setores de administração e serviços, salas de representação diplomática e do trono, entre outros. Mais do que isso o palácio fora o centro de festividades, comércio e administração.



Tudo estava lá reunido e organizado como uma pequena cidade. Tudo ali indica a superação e potencialização das primeiras fazendas neolíticas. Sua imensa complexidade funcional revela em cada cômodo ou setor intenções específicas segundo uma hierarquia visível. O que não pensar dos aposentos de uma rainha que se abrem no interior do palácio através de um poço de ventilação e iluminação a partir do qual estão dispostas colunas que filtram a luz mediterrânea? Não há nenhum descuido nessa estratégia de projeção, mas sim uma declarada intencionalidade. Os aposentos não significam apenas o coroamento conceptivo de um ambiente destinado às altas hierarquias visíveis na solução de aspectos funcionais como a ventilação, iluminação e a proteção que tais aposentos oferecem. Eles significam muito mais.

A mesma intencionalidade pode ser observada na disposição das lojas profundas e sistematicamente enfileiradas. Seria um mero acaso que essa disposição original, que organiza os espaços comerciais em contigüidade segundo uma linha reta, facilitasse o controle das transações comerciais? É muito provável que não. Aparentemente nada ali pode ser reduzido a apenas uma intenção, mas cada decisão conceptiva visava equacionar vários aspectos, os quais, correlacionados, perfaziam um todo funcional perfeitamente articulado. A centralidade e intencionalidade do humano se faz presente a todo o momento nessas antigas construções. Na tradição ocidental esse é o primeiro momento em que o sentido de permanência civilizatória ganha seus contornos mais definidos.

Ali, no palácio de Cnossos, cada espaço foi proporcionado segundo as atividades específicas antevendo os conceitos de função e setorização como se entende modernamente. A própria ocupação da ilha revela a intencionalidade humana. Grande parte de seu território é constituído por vilarejos autônomos articulados por inúmeras estradas e caminhos. Dentre essas cidadelas pode-se evocar a pequena Gúrnica. A **figura 115**⁵⁴⁴ acima mostra o plano desse vilarejo cretense.

MARTIENSSEN (1958) enumera quatro pontos dos quais se depreende a humanização da civilização minoica a partir do caso de Gúrnica:

“A base inclinada de Gúrnica requeria o uso de terraços e, na realidade, o tipo de casa, algumas de um pavimento e outras de dois, deve ter-se desenvolvido de modo muito similar às casas das aldeias cretenses da atualidade. A área doméstica da cidade compunha-se de casas retangulares separadas por estreitos caminhos... O que agora nos interessa pode ser resumido nos seguintes tópicos:

⁵⁴⁴ Legenda da **figura 115**: “Ruínas da cidade de Gúrnica, Creta Oriental. Situada na baía de Sitia, data do período minoico médio.” MARTIENSSEN, R. D: *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, Argentina, op. cit., 1958, pg. 26.

- a) A cidade tinha em seu palácio e praça pública um centro cívico, fato que por si só constitui um claro índice do grau de vida organizada e do desenvolvimento dos interesses coletivos alcançados por esta data;
- b) As casas eram de planta retangular e possuíam pátios. Em alguns casos empregavam-se colunas estruturais independentes para sustentar o teto;
- c) As ruas, ainda que estreitas (as de Phylakopi só mediam um metro e meio de largura) eram pavimentadas com pequenas pedras;
- d) O plano da cidade era contínuo e celular e, conseqüentemente, o resultado do esforço coletivo.”⁵⁴⁵

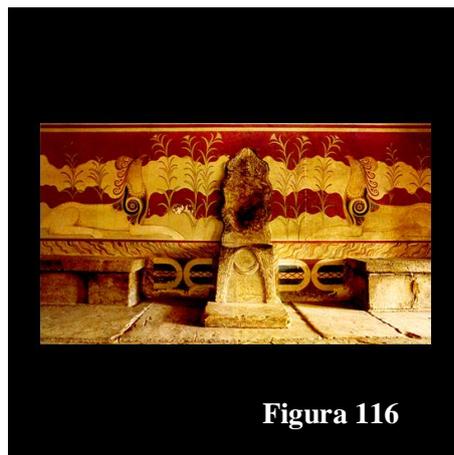


Figura 116

O cuidado com os tratamentos dos espaços públicos são indicativos de um verdadeiro horizonte segundo o qual a centralidade conceitual passa a ser a sua humanização, o seu bem-estar. Tomando um exemplo em outra escala construtiva, a novidade da noção de bem-estar é perfeitamente visível no delicado trabalho em pedra do Trono de Minos. Conforme a **figura 116**⁵⁴⁶ tanto o assento como o alto espaldar mostram uma leve curvatura de modo a acomodar confortavelmente o corpo do rei e suas curvaturas comuns a todos os humanos. Os detalhes vão além: a borda do assento sofreu um leve rebaixamento sob os joelhos de modo a não comprimir os vasos sanguíneos impedindo a circulação do sangue. Assim evitava-se o desconforto da dormência. Que outros cuidados construtivos poderiam explicitar melhor a *centralidade do humano*?

Retornando à escala maior do palácio o sistema de captação armazenamento e distribuição de águas pluviais indicam o mesmo cuidado: o conforto. É claro que tal dispositivo não deve ter eliminado a necessidade de carregar-se água todos os dias, mas é bem provável que tenha minimizado essa necessidade consideravelmente.

Pela primeira vez no Ocidente a noção de bem estar e conforto são colocadas como finalidade da organização, do fazer humano pelo que é bom, belo e durável. Esse sentido teleológico, ou sentido de finalidade, que surge diferentemente das outras civilizações, parece arrastar a racionalidade quando de seu surgimento séculos mais tarde. Pela primeira vez na história a intencionalidade humana é exposta segundo esse ponto de vista único e posteriormente passou a ser o Ocidental: as necessidades básicas do ser humano passam a ser abordadas segundo princípios de conforto e beleza, comodidade e ergonomia. Em Creta vê-se a primeira expressão desse núcleo conceitual voltado ao humano, essa primeira noção que tem por fim a comodidade humana expressa nas coisas segundo uma ordem ainda organicista.

Contudo, por volta do século XIV a.C., a civilização minóica subitamente desaparece e a polarização civilizatória desloca-se para a Grécia continental. As sucessivas ascensões e quedas de outros povos gregos disseminam o estilo de vida minóico irradiando-o a partir de Creta para várias regiões circunvizinhas, levando consigo a idéia civilizatória da *centralidade do humano* que se funde e ajusta com outras tradições culturais dos povos indo-europeus.

É da acomodação da idéia de *centralidade do humano* que nascem os vários palácios como Tróia, Micenas, Argos, Tirinto, Dendra, Atenas, Gla, entre outros. Contudo, por não se tratarem de povos insulares mas sim continentais eles certamente estariam mais expostos aos ataques, invasões e guerras. Conseqüentemente a sua organização defensiva faz com que a antiga liberdade cretense se perdesse de modo que esses novos palácios mais se assemelhavam a grandes fortificações.

Ali, entre aqueles povos guerreiros, predominava uma vida mais rude. As comodidades da Ilha de Creta não puderam florescer em todos os seus matizes e constructos. Entretanto o legado cretense aportava na

⁵⁴⁵ *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, op. cit., pgs. 26 e 27.

⁵⁴⁶ Legenda da **figura 116**: “O salão do trono, Cnossos.” *El Toro de Minos*, op. cit., lâmina 14.

porção continental grega por fios quase invisíveis, mas extremamente eficazes: pela importação de produtos e de mão-de-obra qualificada, pela confecção de novos afrescos e pela própria organização espacial dos palácios continentais e, sobretudo, pela língua falada e escrita. Tão logo essa nova civilização conquista a hegemonia do Egeu por sua forte organização bélica, sua frota naval e por seu poderio comercial, inicia-se a sua expansão. Os novos e discretos entrepostos comerciais disseminados por todo o Mediterrâneo logo se transformam em colônias levando consigo os tênues registros daquela ordem organicista cretense. Assim a *centralidade do humano* expande-se por uma grande faixa do Mediterrâneo.

Seguem-se as invasões aquéias e com elas a outra fragmentação da organização social existente durante o período palaciano Micênico. Nesse novo e obscuro período rompe-se a centralidade organizacional dos palácios que é substituída pela fragmentação política, religiosa, social, e produtiva. Ao que tudo indica, a nova forma organizacional emergente se dispersa pelos territórios gregos sob a forma de núcleos familiares isolados territorialmente ou *génos*. São clãs que se organizam segundo a obediência ao seu chefe e conforme a sua lei. Para ele converge todo o poder religioso, toda a normatividade do grupo e todo o poder de julgar pelas leis, ou as *thémistes*. Esse é um período especialmente violento da história grega. As várias disputas entre os vários clãs tornam o vida excessivamente agressiva, violenta, rude e insegura. O antigo sentido de permanência do humano de Creta é momentaneamente eclipsado pela história grega.

Conforme ocorrera durante o período palaciano onde o rei era filho direto da divindade, o chefe patriarca determinava a sua ascendência direta ou indireta de algum deus que recebe genericamente a denominação de *Patrôos*. Nessa nova perspectiva, o universo dos *mythos* expande-se incomensuravelmente sob novas forma míticas atualizadas. Talvez isso tenha acontecido por uma mera necessidade quantitativa, pois são vários os clãs dispersos sobre o território grego que necessitavam representar-se divinamente. Por outro lado, é muito provável que a atualização dos *mythos* deveu-se igualmente à necessidade de reorganização dos conteúdos hierárquicos face aos novos tempos.

Nesse cenário fragmentado e dispersivo pela violência e arbitrariedade dos *génos*, alguns movimentos iniciam a recomposição do sentido de permanência e estabilidade da cultura grega. Conforme o já exposto, esse lento movimento pode ser exemplificado pelo esforço poético da reunificação das teogonias e cosmogonias das quais emerge a figura dos heróis e pela construção da noção de *dike*. Paralelamente a essas profundas transformações que pretendem reordenar o sentido de permanência e a idéia de regularidade da vida surgem novos ambientes construídos como que projeções dessas novas conquistas. Assim é que à saída da Idade dos Heróis, por volta do século VIII a.C., os gregos apresentam ao mundo a *pólis*, expressão de uma nova ordem cósmica transposta à vida civil. Nelas a sua arquitetura templária se coloca como o coroamento pétreo de toda a sua matriz simbólica.

A essa altura essa nova matriz simbólica sofre uma profunda modificação a partir da idéia de unidade existente no interior do *logos*. Entre os gregos esse movimento de atualização da matriz simbólica emerge, para além dos conhecimentos empíricos e práticos precedentes, pela intuição das regularidades do mundo físico ou imanência da *physis*, e pela intuição de ordem da esfera do religioso que evidentemente ocupa um papel conformador dessa nova idéia de unidade conceptual que é o *logos*.

É ainda nessa perspectiva da idéia de unidade existente no interior do *logos* que esse povo empreenderá o esforço de organização formal de seu gigantesco acervo de conhecimento empírico submetendo-o à formalidade do *logos apodeiktikós* ou o discurso demonstrativo. Eis aí os primórdios da ciência, ou *episthème*, que inicia a sua trajetória expansiva por todas as esferas do entendimento do mundo ocidental ocupando a centralidade de suas representações simbólicas. É ainda segundo essa nascente *episthème* que se coloca como ponderação e medida da vida vivida e imediata, que os gregos constróem algumas articulações lógicas entre os hábitos e costumes subsumidos segundo a originalidade da ordem racional. Eis o surgimento da Ética, como a ciência dos hábitos e costumes regulada pela medida da razão, pelo sentido da proporcionalidade racional.

É desse contexto de homologias e co-respondências que surge a arquitetura templária grega, não só

ocupando literalmente a posição central na *pólis* como também colocando-se como a síntese construtiva dessas mesmas representações simbólicas coroadas pelo advento da nova *episthémé*.

Esse breve percurso teve a intenção mostrar como os homens, a partir daquele todo indistinto e de sua animalidade inicial, lentamente construíram a idéia de regularidade e de permanência, reuniram elementos conseqüentes a partir das empirias, construíram os seus primeiros modelos de ordenação e significação que são as hierofanias, fixaram seus hábitos e costumes pautados por regras, normas e interditos, e ainda, como o caso grego distinguiram-se dos demais povos com a invenção da ciência. É nessa nova perspectiva de humanização do mundo que se insere o povo grego e a civilização ocidental.

Segue-se agora uma rápida exposição de elementos da “*Fenomenologia do Ethos*”, conforme ela é apresentada pelo filósofo Henrique C. de Lima Vaz. Entretanto algumas explicações devem ser apresentadas com relação aos núcleos conceptuais forjados no decorrer do texto, tais como, *medium cultural, coercitividade instintiva, intuição das regularidades, propriedade cultural, dia-lógica material, dialética material, tecnologias apropriadas, intuição do abstrato, elementos subliminares compartilhados, co-periodicidade, cominuição da realidade, ordem organicista, ordem das razões e mar-território*.

Apesar de não ser recomendável num contexto de dissertação de mestrado a criação e utilização de termos que expressem valores conceituais justifica-se na medida que as primeiras formas de associações humanas não se expressavam na forma de categorias teóricas, sendo por isso mesmo necessário denominá-las criando alguns termos de modo a preencher essas lacunas conceptivas.

Por outro lado, os conceitos da “*Fenomenologia do Ethos*”, assim como outros que se situam num horizonte de racionalidade moderno, foram, na medida do possível, evitados até aqui, de modo que a construção dos seus significados através dos milênios do processo civilizatório não fosse prejudicada por sua apresentação antecipada. Além do mais, seria impreciso e até mesmo errado, lançar mão da utilização desses conceitos para a abordagem de contextos e circunstâncias passadas naqueles primórdios. Seria tão incorreto como imaginar um hominídeo concebendo, enquanto caminha pela savana africana ao lado de seu pequeno filhote a idéia de suprassunção. “*Lucy*” não seria capaz de tais pensamentos.

Contudo, esse desvio inicial provocado pela utilização desses termos imprecisos pode agora retomar a retidão de seus significados à luz dos conceitos apresentados por Henrique C. de Lima Vaz. Será a partir desses novos conceitos que a arquitetura templária grega será abordada doravante. Assim, todos esses termos ou expressões podem agora ser atualizados ou suprassumidos conforme os conceitos fundantes da Ética de maneira mais elegante, consistente e, principalmente, articulados segundo um amplo e potente sistema interpretativo. Essa operação consiste pois em apreender as transformações daquelas categorias e seus movimentos de transformação através dos tempos. Nessa perspectiva os conceitos apresentados pela “*Fenomenologia do Ethos*” sintetizam os termos criados anteriormente atualizando-os ou suprassumindo-os em novas categorias mais abrangentes e articulados no contexto das culturas que se alinham à matriz conceptiva ocidental.

Espera-se agora que todos os esforços até aqui empreendido para apresentar as evidentes implicações entre a Ética e os ambientes construídos possam doravante ser mais bem apreendidos. Desse modo, esses novos conceitos filosóficos desempenham também o seu papel funcional na medida em que, por significarem uma forma de abordar a síntese de milênios de cultura, adequam-se facilmente à apreensão dos ambientes construídos.

Eis então uma das razões para a realização da presente dissertação: emprestar ao campo de conhecimento Arquitetura os conceitos de uma outra disciplina, a Filosofia, que apesar de exteriores à primeira situação de modo compreensivo, abrangente e eficientemente face às instituições humanas no horizonte de cultura ocidental.

9.2. Elementos da “*Fenomenologia do Ethos*” e os Ambientes Construídos.

9.2. Physis e Ethos: Dois Conceitos Primeiros / A Physis Como a Primeira Unidade do Mundo / A Arquitetura e o Ethos em “Virtude de Uma Necessidade Natural” / A Arquitetura e o Ethos como “o Habitual e o Natural” / A Arquitetura e o Ethos Segundo o “Hábito Como Possessão Estável” / O Nómos e a Transposição da Ordenação da Physis ao Logos / A Diferença Entre os Estatutos dos Ambientes Construídos: “Instância Nomotética” Grega e a “Instância Hipotética” Moderna .

Conforme o exposto no primeiro capítulo dessa dissertação, *physis* e *ethos* formam o núcleo semântico central ao desenvolvimento da ciência da Ética. Naquele contexto, por *physis* deveria se entender “*natureza*” e por *ethos* o “*modo habitual de vida*”. Contudo a amplitude desses dois conceitos entre os gregos ultrapassa em muito essas primeiras formas de aproximação e os seus significados são tanto mais amplos quanto férteis.

Conforme o já exposto anteriormente o termo *physis* entre os gregos não coincide exatamente com a moderna idéia de natureza. SOUZA (1989) adverte sobre essas diferenças:

“... Pois é muito provável que o que os gregos entendiam por ‘physis’ absolutamente não coincide com o que nós, com nossa ciência e nossa tradição, entendemos por ‘natureza’. E mesmo, sem exagerar, o nosso ‘sobre’ que inadvertidamente colocamos a ‘natureza’, conforme um velho hábito que em si abriga a possibilidade da dissertação erudita, talvez não corresponda também ao ‘peri’ dos gregos, que é concretamente um ‘em torno de’, e portanto designa, com relação ao escrito, e ao que está escrito, uma aproximação em círculo. Uma pequena diferença, que implica uma outra maior, a que abrange o nosso comportamento e o dos gregos com a linguagem, com a fala.”⁵⁴⁷

É a partir dessa diferença básica, colocada inicialmente na forma de representação da linguagem que se apresentam as primeiras diferenças entre o que o “*mundo grego*” entendia por *physis* e o que modernamente se entende por natureza. Talvez essa forma distinta de apropriar-se do mundo se devesse aos conteúdos míticos indissociavelmente justapostos às coisas da natureza grega. Para ela convergiam a um tempo não só uma miríade de divindades como também o sentido de ordenação cósmica. Nessa perspectiva do divino do “*mundo grego*”, a *physis* não pode ser compreendida por uma natureza externa àquele homem, submetida a modelos matematizados e distantes do sujeito conforme hoje se vê. Muito mais do que isso a *physis* encerrava uma potência animada para além do entendimento moderno. VERNANT (1993) ao comentar as diferenças entre o conceito de natureza contemporâneo e o de *physis* grego indica que:

“A physis, termo que nós traduzimos por ‘natureza’, quando, seguindo Platão, dizemos que os filósofos da escola de Mileto foram os primeiros a elaborar, no século VI a.C., uma historia perì physeos, um estudo sobre a natureza - não tem muito em comum com o que constitui o objeto das nossas ciências naturais ou da física. Quer faça crescer plantas, caminhar os homens ou mover os astros nas suas órbitas celestes, a physis é um poder animado e vivo. Para o ‘físico’ Tales, até as coisas inanimadas como as pedras fazem parte da psyché, [⁵⁴⁸] que é simultaneamente sopro e alma, enquanto, para nós, o primeiro destes termos tem uma conotação ‘física’ e o segundo ‘espiritual’. Animada, inspirada, viva, a natureza está, pelo seu dinamismo, próxima do divino e, pela sua animação, próxima daquilo que nós próprios, enquanto homens, somos. Retomando a expressão utilizada por Aristóteles quando se refere ao fenômeno dos sonhos que enchem os nossos sonhos, a natureza é propriamente daimonia, ‘demoníaca’ e, dado que, no mais profundo de cada homem, a

⁵⁴⁷ Coleção Os Pensadores - Pré-Socráticos - Volume I, São Paulo, Nova Cultural, 1989, pg. 01.

⁵⁴⁸ “**Psyché**: respiração da vida, fantasma, princípio vital, alma, anima.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 198.

*alma é um daimom, um demônio, entre o divino, o físico e o humano existe mais do que uma continuidade, existe um parentesco, uma conaturalidade.”*⁵⁴⁹

Assim, é essa “conaturalidade” que atesta que cada elemento do mundo físico está sempre posto entre o humano, o divino e o físico. Cada ser ou coisa natural está necessariamente implicada, por sua simples existência, de partes do divino ou preenchida de uma *animação* inapreensível aos modernos. É a partir dessa idéia indistinta entre o sagrado e o profano, entre o divino e o natural que os gregos concebem a *physis*, uma *physis* repleta de deidades manifestas numa ordem de coisas ao mesmo tempo superior e inextinguível e que se faz presente em tudo o que é visível. É nesse “*mundo grego*” que a própria percepção de mundo físico, ou *physis*, distingue-se da moderna noção de natureza.

Com o passar do tempo na perspectiva da sofisticação das idéias filosóficas, a idéia da existência de elementos divinos dispersos por tudo o que consiste em mundo será sintetizada na idéia de unidade cósmica transcrita na forma do termo *kósmos*, conforme explicita VERNANT (1993):

*“O mundo é belo, como um deus. A partir de finais do século VI, o termo usado para designar o universo no seu conjunto é kósmos. Nos textos mais antigos, esse termo é aplicado a tudo o que, devidamente ordenado e regulado, tem um valor de ordenamento que confere graça e beleza ao que é ordenado. Uniforme na sua diversidade, permanente ao longo do tempo, harmonioso na concatenação das partes que o compõem, o mundo é como uma jóia maravilhosa, uma obra de arte, um objeto precioso semelhante aos agalmata que, pela sua perfeição, eram considerados dignos de servir de oferenda aos deuses no interior do recinto do santuário.”*⁵⁵⁰

Assim ao termo *physis* sucede um outro implicado de uma magistral beleza sempre relacionada à idéia de ordenação desse mundo físico: a idéia sintética de ordenação pela harmonia, ou *kósmos*. Esse todo harmônico original distende-se na própria idéia de tempo indicando que essa beleza harmoniosa é perpetuada segundo essa forma apreensiva original. Além do mais essa nova idéia de *physis* apreendida no conceito de *kósmos*, aprecia a beleza da natureza que se define pela unidade na diversidade.

Contudo, a aparição desse sofisticado conceito, a idéia de *kósmos*, certamente não consistiu em tarefa fácil. Conforme PETERS (1983), a construção da idéia de *physis* atravessa séculos e para o termo convergem várias formas de situar-se no mundo e relacionar-se com ele:

*“Embora a palavra em si não seja fortemente confirmada até ao tempo de Heráclito, é evidente que a investigação que usa a abordagem metodológica conhecida como logos e mais tarde conhecida por Pitágoras como philosophia teve, como assunto principal geral, a physis. Foi assim que a compreenderam tanto Platão como Aristóteles o qual chamava aos primeiros filósofos physikoi, isto é, os interessados na physis. Conglobava estas coisas diferentes mas relacionadas: 1) o processo de crescimento ou genesis; 2) a substância física da qual eram feitas as coisas, a arché⁵⁵¹; 3) uma espécie de princípio interno organizador, a estrutura das coisas.”*⁵⁵²

PETERS (1983) prossegue a sua exposição atribuindo ao termo *physis* os seguintes significados no decurso de sua evolução:

“... no contexto do teísmo dos pré-socráticos: esta ‘substância’ era viva, daí divina, e logo imortal e indestrutível. ... Com Aristóteles há uma reabilitação geral da physis que toma muitas funções da psyche platônica: é definida como o ‘princípio [arché] e a causa [aitia] do movimento e do repouso para as coisas em que está imediatamente presente’ ... O monismo estóico levou à identificação de Deus-natureza-fogo. No seu papel imanente e ativo a physis é o logos e, ao nível do existente

⁵⁴⁹ *O Homem Grego*, op. cit., pg. 14.

⁵⁵⁰ *O Homem Grego*, op. cit., pgs. 14 e 15.

⁵⁵¹ “**Arché**. Filos. Segundo Aristóteles, princípio ou fonte ou causa; *arché*.” *Dicionário Aurélio Eletrônico*, arquivo citado anteriormente.

⁵⁵² *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pgs. 189 e 190.

*individual, os **lógoi spermatikoí** [⁵⁵³]. É um princípio moral pelo fato de que a finalidade do homem era viver ‘harmoniosamente com a natureza’. ... A doutrina plotiniana da natureza está ligada à sua idéia de alma; tanto a alma do universo como as almas individuais imanentes aos homens têm dois aspectos diferentes: um lado superior e contemplativo, a alma em si e um lado inferior, a *physis*, que está eternamente afastada do **nous** [⁵⁵⁴] e cujo enfraquecimento resultante do seu poder contemplativo a faz decair da *theoria* para a atividade (*praxis*); ...”⁵⁵⁵*

Assim as várias acepções do termo *physis* entre os gregos, que além de indicar várias formas de sua representação ideal, encontram-se intimamente associadas à idéia de um princípio de ordenação primordial, um princípio que a tudo envolve, e no qual tudo se situa. De suas várias tonalidades e articulações com outros conceitos depreende-se ainda o sentido de reciprocidade e organicidade. A *physis*, ao desdobrar-se como *arché* (princípio), *logos* (razão), e posteriormente, em *lógoi spermatikoí* (razões seminais) permanece como uma ordenação subjacente a todos os seus significados. Distende-se espetacularmente sobre tudo o que envolve o mundo grego e inunda de um novo sentido a vida nas cidades.

A mesma perspectiva de homologias entre o mundo físico, forma estética e a ordem divina encontram-se alinhadas nas considerações de VAZ (1992). Segundo o autor :

*“Na filosofia antiga, a noção de kósmos ou mundus era empregada num sentido explicitamente ontológico, ou seja, para designar o Todo (tó pân) enquanto ordenado e adornado. Era, pois, uma noção filosófica com uma dimensão estético-religiosa, sendo que essa última prevalece na concepção do mundo como grandeza teológica. ... Ao conceito de kósmos na tradição antiga permanece próximo o conceito de *physis* (natureza) no sentido de que kósmos, ou como ordem eterna (filosofia grega) ou como criado por Deus (teologia cristã), exprime a ordem das coisas na sua inteligibilidade intrínseca, ou seja, na sua natureza (*physis*).”⁵⁵⁶*

Uma especial atenção deve ser dada à inequívoca simetria existente entre os termos *physis* e *logos*, ou razão, quando ambos podem se definir por princípio. Essa simetria indica, sobretudo, uma inclinação grega muito anterior à organização da razão, de uma instância de apreensão da realidade por certa unidade conceptiva na qual ambos os conceitos se situam. De algum modo a imanência da *physis* é apreendida na forma ordenadora do *logos*, o que conforme VAZ (1988) ocorre,

*“... não segundo a sua necessidade transiente [da *physis*], mas segundo o finalismo imanente do *logos*”⁵⁵⁷*

Conforme se vê, reside nesse movimento de apropriação das regularidades da *physis* pelo *logos* uma diferença que se explicita por esses dois termos: a “*necessidade transiente da physis*” e o “*finalismo imanente do logos*”.

A idéia de “*necessidade* ⁵⁵⁸ *transiente* ⁵⁵⁹ da *physis*”, definida pela justaposição dos dois termos em negrito, expressa os vínculos causais observáveis nos eventos do mundo natural, ou as regularidades da *physis*. Ou seja, no interior da própria idéia de natureza encontram-se os eventos correlacionáveis segundo o efeito de causação ou a verificação de que a causas semelhantes sucedem eventos similares, indicando as possíveis regularidades do mundo físico apreendidas pela razão na amplitude do *ethos*. Trata-se, de certo modo, da imanência do mundo físico.

⁵⁵³ “**Lógoi spermatikoí**: razões seminais, rationes seminales.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 11.

⁵⁵⁴ “**Nous**: inteligência, intelecto, espírito.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 160.

⁵⁵⁵ *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pgs. 190 e 191.

⁵⁵⁶ *Antropologia Filosófica II*, op. cit., pg. 16.

⁵⁵⁷ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pgs. 11 e 12.

⁵⁵⁸ “**Necessidade**: Desde Aristóteles, entendeu-se por necessário aquilo que não pode ser de outro modo e aquilo que, por conseguinte, só existe de um modo. Pode-se entender-se esta noção de duas maneiras: a) como necessidade ideal, que expressa o encadeamento das idéias, e b) como necessidade real, que expressa o encadeamento de causas e efeitos.” *Dicionário de Filosofia*, op. cit., pg. 279.

⁵⁵⁹ “**Transiente**: Passageiro, efêmero, transitório.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 1398.

É a existência dessa sucessão de eventos correlacionáveis segundo uma consecução pretensamente previsível que empresta à *physis* o seu sentido de ordenação imanente. Entretanto, mesmo que algumas regularidades ou constâncias sejam observadas na sucessão dos eventos do mundo físico, não significa que essas cadeias de sucessão sejam permanentes, ou de outro modo, que essas cadeias de causa e efeito sempre se relacionem de um único modo. É exatamente pelo fato das relações entre a causação e efeito não serem idênticas, que elas não se constituem como verdade, mas apenas como possibilidades de eventos correlacionáveis à suas causas, e nesse sentido sejam apenas transitórias, ou transientes. Sendo assim, as regularidades verificáveis na *physis* são plausíveis sem que, contudo, sejam constantes. São apenas, conforme se disse transientes.

Eis porque o *logos* não apreende a *physis* segundo a sua “*necessidade transiente*.” Fosse esse o caso o *ethos* não se apresentaria como uma natureza de segunda ordem mas como a própria natureza.

É então segundo a intencionalidade humana ou o “*finalismo* ⁵⁶⁰ *imanente do logos*”, que o *logos* apreende as regularidades da *physis* no contexto de uma Ética. Esse “*finalismo imanente do logos*”, também composto pelos dois termos em negrito, indica que apesar do *ethos* fixar-se em homologia ao mundo físico e em conformidade com a “*necessidade transiente da physis*”, essa fixação não se faz diretamente mas segundo o finalismo do *logos* que é a da cultura ou, justamente o humana. Eis como se insere a *centralidade do humano*, e eis como nesse movimento a *physis* é atualizada em virtude do finalismo do *logos*, ou supressumida pelo finalismo do *logos*. É a partir desse finalismo, ou causa final do humano, que a natureza é apreendida pelo *logos* sendo incessantemente modificada. Eis então a razão pela qual o *ethos* se apresenta como uma natureza de segunda ordem superposta à existência da *physis*. Assim o *ethos* se instaura simultaneamente a partir da *physis* e ao mesmo tempo sobre a própria *physis*. Nesse sentido a idéia de *ethos* nega a *physis*.

Outra característica da *physis* reside em sua indemonstrabilidade. Segundo VAZ (1988):

“*Sendo a physis um gnórimom ou um notum per se e, portanto, um princípio (arché) da demonstração, querer provar a existência da physis seria uma apaideusía tôn analytikôn, uma ignorância dos procedimentos analíticos.*”⁵⁶¹

A *physis* apenas é, está lá, existe como é em sua forma indemonstrável e ordenadora. Como esse reduto primeiro da existência do ser, a sua aparição se faz pela imanência, pelas propriedades que lhes são inerentes, indissociavelmente postas lá. É ainda VAZ (1988) quem encontra em Aristóteles outros predicados da *physis*:

“*A physis é dita tou aei (sempre) e o ethos é tou pollákis (muitas vezes).*”⁵⁶²

Emerge aqui a idéia de perenidade do mundo físico, ele é sempre, e a idéia de transformação do universo ético que é muitas vezes, ou seja, variado. Diferentemente da *physis*, o *ethos* não encontra a sua forma definida e nem mesmo constante. Ele é, mas o é muitas vezes.

Segundo ainda VAZ (1988), ambos os termos ou conceitos, *physis* e *ethos*, possuem existência anterior à sua experiência, são irredutíveis a outros conceitos e essencialmente indemonstráveis. São desde sempre. Conforme mais uma vez o autor:

“*Para Aristóteles seria insensato e mesmo ridículo (geloion) querer demonstrar a existência do ethos, assim como é ridículo querer demonstrar a existência da physis. Physis e ethos são duas formas*

⁵⁶⁰ “**Fim, Finalidade:** ‘Fim’ pode significar ‘terminação’, ‘limite’ ou ‘acabamento’ de uma coisa ou de um processo. Pode ser compreendido: a) em sentido primariamente temporal, como o momento final, b) em sentido primariamente espacial como o limite, c) em sentido de ‘intenção’, ou ‘cumprimento de intenção’, como propósito, objectivo, finalidade. Desde Aristóteles tem-se compreendido com frequência a noção de fim (e de finalidade) em relação com a idéia de causa. O fim é ‘causa final’, ou ‘aquilo porque’ algo se faz.” *Dicionário de Filosofia*, op. cit., pg. 165.

⁵⁶¹ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., nota N° 01, pg. 11.

⁵⁶² *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., nota N° 02, pg. 11.

primeiras de manifestação do ser, ou da sua presença, não sendo o ethos senão a transcrição da physis na peculiaridade da praxis ou da ação humana e das estruturas histórico-sociais que dela resultam.”⁵⁶³

Contudo a definição de *ethos* deve ser melhor especificada. Segundo Henrique C. de Lima Vaz, três formas distintas de relação com o mundo natural podem ser descritas por três diferentes acepções do termo *ethos*. VAZ (1988):

“O termo ethos é uma transliteração dos dois vocábulos gregos ethos (com eta inicial) e ethos (com épsilon inicial). É importante distinguir com exatidão os matizes peculiares a cada um desses termos. Por outro lado, se a eles acrescentarmos o vocábulo hexis, de raiz diferente, teremos definido um núcleo semântico a partir do qual será possível traçar as grandes linhas da Ética como ciência do ethos.”⁵⁶⁴

Mesmo estando circunscritos a um mesmo povo e língua, esses termos *ethos* guardavam certas diferenças específicas e existentes entre as diversas tribos gregas, quando do nascimento do seu conceito na incipiente Civilização Egéia. Conforme se verá, residem aí, nessas três distintas acepções de *ethos* e, conseqüentemente, três diferentes formas das comunidades históricas se representarem nos ambientes construídos e que podem ser concebidas como se estivessem encadeadas segundo um movimento de superação ou supressão em relação ao momento anterior.⁵⁶⁵

Nessa perspectiva uma comunidade histórica se representa primeiramente “*em virtude de uma necessidade natural*”. O *ethos* se apresenta nesse primeiro momento como a “*morada do homem*”. Num segundo momento o *ethos* representa-se segundo a oposição entre “*o habitual e o natural*”, ou o *ethos* como costume. Nesse caso a intencionalidade humana coloca-se com mais clareza, pode ser apreendida com mais facilidade nos seus ambientes construídos. Finalmente, o *ethos* se apresenta segundo o “*hábito como posseção estável*”, conforme a determinação de sua autoafirmação no mundo.

Essas três acepções do *ethos*, podem ser organizadas segundo uma linha conseqüente de evolução ao dispor-se do mundo natural, a qual, ainda que tênue, explicita diferentes modos de relacionar-se com a natureza e com a própria cultura.

Primeiramente, conforme VAZ (1988):

“A primeira acepção de ethos (com eta inicial) designa a morada do homem (e do animal em geral). O ethos é a casa do homem. O homem habita sobre a terra acolhendo-se ao recesso seguro do ethos. Este sentido de um lugar de estada permanente e habitual, de um abrigo protetor, constitui a raiz semântica que dá origem à significação do ethos como costume, esquema praxeológico durável, estilo de vida e ação. A metáfora da moradia e do abrigo indica justamente que, a partir do ethos, o espaço do mundo torna-se habitável para o homem. O domínio da physis ou o reino da necessidade é rompido pela abertura do espaço humano do ethos no qual irão inscrever-se os costumes, os hábitos, as normas e interditos, os valores e as ações. Por conseguinte, o espaço do ethos enquanto espaço humano, não é dado ao homem, mas por ele construído ou incessantemente reconstruído. Nunca a casa do ethos está pronta e acabada para o homem, e esse seu essencial inacabamento é o signo de uma presença a um tempo próxima e infinitamente distante, e que Platão designou como a presença exigente do bem, que está além de todo ser (ousía) ou para além do que se mostra acabado e completo.”⁵⁶⁶

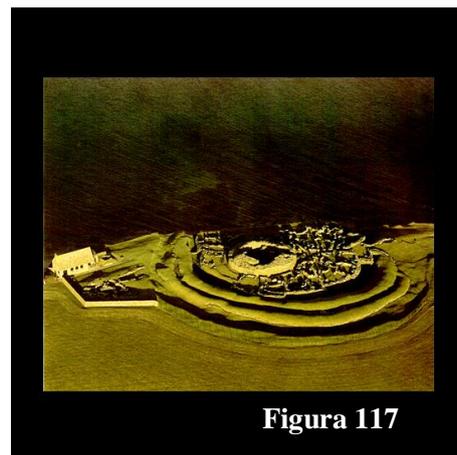
⁵⁶³ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 11.

⁵⁶⁴ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 12.

⁵⁶⁵ Claro é que esse encadeamento de sucessivas superações não pode ser concebido segundo uma cadeia absolutamente lógica e nem mesmo comparando-se diferentes culturas conforme o exposto nessa dissertação. Contudo para efeito de entendimento desse argumento e ainda na ausência de registros de ambientes construídos especificamente gregos que explicitassem cada um desses momentos, optou-se por ilustrá-los utilizando-se exemplos de outras culturas. Espera-se que esse comentário supra os eventuais prejuízos dessa estratégia.

⁵⁶⁶ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pgs. 12 e 13.

Nenhuma referência ao termo *ethos* poderia ser mais sugestiva e generosa com relação aos ambientes construídos. À abertura do mundo em conformidade com um “*esquema praxeológico durável*”, ou os hábitos e costumes, segue-se a metáfora do *ethos* como “*morada e do abrigo*”. É ao reinstaurar na ordem do mundo vivido em sua imediaticidade, ou a ordem imanente da *physis* suprassumida na nova ordenação do *ethos* segundo essa distinção primeira, que o *ethos* abre o mundo como uma morada, como um abrigo. Posteriormente e nessa mesma ordem, os ambientes construídos, e consequentemente, a arquitetura templária grega, não são uma metáfora do *ethos*, mas sim a sua expressão na concretude dos ambientes construídos. Segue à abstração da idéia de *ethos* a sua materialização nos ambientes construídos, a sua concreção, a sua cabal existência conforme a permanência das pedras. Assim, aqueles ambientes construídos são concretamente a materialidade do *ethos*.



A **figura 117**⁵⁶⁷ ao lado, mostra uma dessas formas de relacionar-se com o mundo natural “*em virtude de uma necessidade natural*” ou conforme a primeira acepção do termo *ethos* com *eta* inicial. Trata-se de uma aldeola situada no tempo por volta do retardatário período Neolítico inglês, que vai de 1.100 a.C. até 43 d.C..

São construções de pedras empilhadas segundo suas próprias formas; não há cortes nas pedras. Sua lógica de organização é circular, concêntrica, nos mesmos moldes gerais das primeiras aldeias neolíticas de 8.000 anos atrás: a fortificação central é circundada pelas casas dispostas segundo uma lógica de contigüidade, da simples necessidade de proteção e da centralidade do sagrado. Todo o conjunto é mais uma vez circundado por fossos e valas.

A expressão desse primeiro *ethos* (com *eta* inicial) nos ambientes construídos faz-se somente segundo a necessidade imediata, como uma forma primeira de ser e estar no mundo. Tudo ali indica apenas a expressão de uma necessidade natural, uma necessidade quase animal. Nesse primeiro momento, os ambientes construídos são verdadeiramente orgânicos, perfazem um todo articulado indistinto segundo a lógica simples de disponibilidade de materiais, de certas facilidades existentes representadas pela facilidade topográfica de implantação dos ambientes construídos, e da existência próxima e facilitada de cursos d’água, ventos regulares e adequados, disponibilidade e abundância de materiais utilizados na construção, etc.. Esses materiais são normalmente utilizados na forma como são encontrados na natureza e muito pouco trabalhados. As pedras, por exemplo, são apenas quebradas em porções menores de modo que possam transportadas e empilhadas por uns poucos homens. Contudo, já existem toscos arranjos monumentais, como os *cromlech* dos quais pouco se sabe. As madeiras são mais trabalhadas: as toras são cortadas, aparadas, desbastadas, e toscamente encaixadas. Ali não existem outras intenções colocadas para além de abrigar-se. O pouco que expressa manifestações estéticas não se encontram consequentemente ordenadas.

Assim, de um modo geral, as interferências nos ambientes naturais são relativamente pequenas e seu impacto menor ainda. Elas circunscvem-se ao que é estritamente necessário ao seu estilo de vida e ação pouco normalizado. Trata-se da primeira abertura da *physis* à nova morada do *ethos*, a primeira abertura do homem no espaço natural.

A segunda acepção indica ainda outros elementos conceptivos. Como quer VAZ (1988):

“*A segunda acepção de ethos (com épsilon inicial) diz respeito ao comportamento que resulta de um*

⁵⁶⁷ Legenda da **figura 117**: “Gurness, Orkney, Escócia. Essa localidade foi ocupada por 900 anos. Sua principal característica é o maciço central de pedras, com uma galeria dentro dos muros, e um pátio central contendo cubículos construídos com lajes de pedras, lareiras e poços. Dois baluartes exteriores e um fosso de paredes de pedra defendem os terraços das casas e o maciço central de pedras da cidadela.” *Atlas of Prehistoric Britain*, op. cit., pg. 123.

constante repetir-se dos mesmos atos. É, portanto, o que ocorre frequentemente ou quase sempre (pollákis), mas não sempre (aeí), nem em virtude de uma necessidade natural. Daqui a oposição entre éthei e physei, o habitual e o natural. O ethos, neste caso, denota uma constância no agir que se contrapõe ao impulso do desejo (órexis). Essa constância do ethos como disposição permanente é a manifestação e como que o vinco profundo do ethos como costume, seu fortalecimento e o relevo dado às suas peculiaridades. O modo de agir (trópos) do indivíduo, expressão da sua personalidade ética, deverá traduzir, finalmente, a articulação entre o ethos como caráter e o ethos como hábito.”⁵⁶⁸

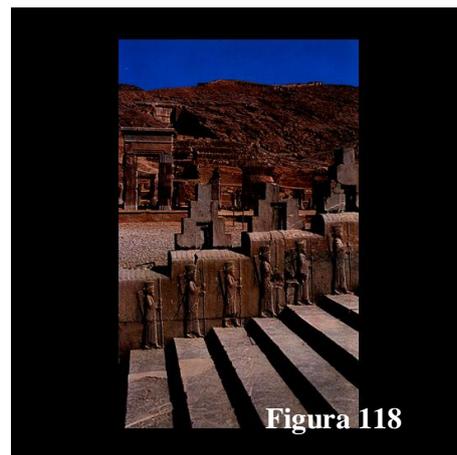


Figura 118

Segue-se à primeira acepção de *ethos*, que denota uma grande predominância da imanência da *physis* transposta aos hábitos, o advento da intencionalidade do humano que não é apenas “*em virtude de uma necessidade natural*”, mas que a ela se soma uma “*personalidade ética*”. É dessa primeira oposição um pouco mais explícita entre *physei* e *éthei* que aqueles ambientes construídos ganham uma nova conotação que é a de uma natureza de segunda ordem, ainda em consonância, mas também superposta ao mundo natural.

Mais uma vez essa operação ocorre a partir da imanência da *physis* transposta aos hábitos, contudo nessa nova forma emerge a intencionalidade do humano. Essa nova disposição do *ethos* determina a sua distinção da acepção anterior, pois que explicita um novo momento de relacionar-se com o mundo natural. Eis então o que determina fundamentalmente a diferença entre a primeira e a segunda acepção de *ethos*: a intencionalidade do humano. Assim, se na primeira acepção de *ethos* o mundo se abria como a morada do homem segundo uma homologia à natureza, a *physis*, agora, à luz dessa nova intencionalidade é claramente posta sob o domínio do humano, sendo por ele transformada ou reinventada. Eis a razão pela qual o horizonte humano pode ser entendido como uma natureza de segunda ordem ou como oposição “*entre o habitual e o natural*”: é o primeiro conceito de *physis* suprasumido numa nova ordenação segundo a intencionalidade do humano. Reciprocamente, assim como o *ethos* com *épsilon* inicial que se constrói diante dessa “*personalidade ética*”, os ambientes construídos passam a sê-lo segundo a nova intencionalidade do humano.

A **figura 118**⁵⁶⁹ acima mostra uma segunda forma de relação com o mundo natural. Para além de significar aquela forma primeira da necessidade natural, nessa segunda forma do *ethos* (com *épsilon* inicial) expressar-se nos ambientes construídos, ali comparecem outros elementos constitutivos. A idéia de regularidade dos componentes dos ambientes construídos expressam esse sentido de permanência, essa idéia de “*repetir-se dos mesmos atos*” que faz com que o caminhar pela escadaria aconteça sempre numa mesma cadência, sempre numa mesma proporção de esforço corporal posto na relação métrica constante entre os seus pisos e espelhos. Eis “*a oposição entre éthei e physei, o habitual e o natural*”.

Além do mais, essas relações de constância desdobram-se na regularidade de seus fechamentos laterais de pedra proporcionados segundo alguma normalização ou intenção humana. Há nesse caso uma superposição de expressões, uma co-ordenação entre as necessidades naturais e essa nova constância do ser e do agir humano.

Para esse segundo sentido, superposto ao primeiro, pois que suprasumido há a representação de seus sistemas simbólicos, expressos, nesse caso, nos altos-relevos das escadarias de Persépolis. Por mais insignificante que possa parecer aos olhos de um homem contemporâneo, a audácia das comunidades humanas de representar-se nos ambientes construídos segundo os seus sistemas simbólicos levou séculos para ser conquistado. A simples passagem das pinturas simbólicas, feitas inicialmente nos próprios corpos

⁵⁶⁸ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 14.

⁵⁶⁹ Legenda da **figura 118**: “Persépolis, alto-relevo no interior da escadaria leste.” *Ancient Architecture*, op. cit., lâmina X.

conforme pode ser verificado em vários grupos étnicos, à sua representação exteriorizada, posta ali, evidenciada nos ambientes construídos é o resultado do trabalho incessante de incontáveis gerações humanas. Essa audaciosa atitude é o fruto milênios de sucessivas conquistas. Eis então o sentido mais preciso da expressão “*personalidade ética*”.

A terceira acepção de *ethos* revela, conforme Henrique C. de Lima Vaz, outro matiz. Trata-se de somar aos dois primeiros significados do termo o vocábulo *hexis*.⁵⁷⁰ Como quer PETERS (1983), *hexis* possui as seguintes acepções:

*“Para Aristóteles há três estados na alma: emoções (pathe), capacidades (dynameis), características (hexeis). Hexis é definida como a nossa condição vis-à-vis aos pathe. A arete [virtude] é uma hexis; só o começo dos nossos hábitos está sob controle voluntário. Os estóicos discordaram de Aristóteles e consideraram a arete mais uma diathesis [disposição] do que uma hexis. ... A hexis é definida, na categoria da qualidade (poion) e distinguida do estado mais transitório, a disposição (diathesis).”*⁵⁷¹

Hexis então se define confrontado às emoções, como uma disposição interior do homem ao seu controle de modo que a virtude, *arete*, deve ser entendida como a superação das emoções pelo controle voluntário do espírito humano. Assim, a acepção de interesse no contexto dessa dissertação é aquela que indica a *hexis* como uma categoria de qualidade, de virtude, ou daquele que dispõe dos meios e das formas para superar os ímpetus volitivos e, dentre eles, poder optar pelo melhor. Indica assim uma disposição permanente para o bem e para o melhor. Essa forma distinguida de ser e estar no mundo constrói a terceira acepção de *ethos* que, conforme VAZ (1988):

*“Mas, se o ethos (com épsilon inicial) designa o processo genético do hábito ou da disposição habitual para agir de uma certa maneira, o termo desse gênese do ethos - sua forma acabada e o seu fruto - é designado pelo termo hexis, que significa o hábito como possessão estável, como princípio próximo de uma ação posta sob o senhorio do agente e que exprime a sua autárquia,⁵⁷² o seu domínio de si mesmo, o seu bem. Entre o processo da formação do hábito e o seu termo como disposição permanente para agir de acordo com as exigências de realização do bem ou do melhor, o ethos se desdobra como espaço da realização do homem, ou ainda como lugar privilegiado de inscrição da sua praxis.”*⁵⁷³

Superpõem-se às duas acepções anteriores essa terceira forma que, além de reiterar as formas anteriores, quais sejam, o *ethos* “*em virtude de uma necessidade natural*” e o *ethos* como “*personalidade ética*” ou a sua forma intencional de ser e estar no mundo, indica a aparição do sentido de permanência. Mas não a de uma permanência qualquer. Essa terceira forma do *ethos-hexis* apresenta-se agora como a intencionalidade suprassumida da forma do bem. Essa predisposição à virtude, assinalada pelos gregos como a *arete*, já havia feito a sua primeira aparição entre os cretenses quando da afirmação da *centralidade do humano*.

Posteriormente ela ressurgiu formalmente organizada quando os antigos *gênos* e suas leis restritas aos núcleos familiares, ou as *thémistes*, foram atualizadas e amplificadas na forma universal da *díke*, justiça, na perspectiva da pacificação dos vários clãs. Esse é o sentido do “*hábito como possessão estável*” para o bem que assegura a abertura do mundo como o espaço de liberdade onde se inscreve o indivíduo ético. Eis aí o significado da adição do radical *hexis* ao termo *ethos*: a abertura na perspectiva humana dos hábitos e costumes como possessão estável, ou como o domínio de si mesmo ou de sua *autárquia*. Mais ainda, como a “*disposição permanente para agir de acordo com as exigências de realização do bem ou*

⁵⁷⁰ “**Héxis.** estado, característica, hábito.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 105.

⁵⁷¹ *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 105.

⁵⁷² Ao sentido de *auto-suficiência* emprestado anteriormente ao termo *autárquia*, vem esse outro sentido e significado mais elevado que emerge no contexto das cidades-estados e no horizonte de uma Ética: “Entre os diversos aspectos sob os quais pode ser considerado o processo de socialização do indivíduo e sua educação como ‘indivíduo social’, o mais fundamental é, sem dúvida, aquele pelo qual a sociabilidade aparece ao indivíduo como um *fim*, como o lugar da sua auto-realização, o campo onde se experimenta e se comprova a sua independência, a sua posse de si mesmo (*autárquia*).” *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 22.

⁵⁷³ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pgs. 14 e 15.

do melhor”.

Ilustrando essa nova forma de expressão ética e o sua correspondente forma transposta aos ambientes construídos gregos pode-se evocar a imagem do Parthenon. As **figuras 119 e 120**⁵⁷⁴ ao lado, mostram respectivamente a planta baixa e uma vista externa desse templo. Trata-se claramente de uma nova forma de representar-se nos ambientes construídos. Assim, para além de representar-se segundo a primeira “*necessidade natural*” e de sua “*personalidade ética*” ou a sua intencionalidade, essa nova forma ética amplifica-se na terceira forma do “*hábito como possessão estável*” ou da “*disposição permanente para agir de acordo com as exigências de realização do bem ou do melhor*”.

Segue-se às duas formas primeiras esse terceiro modo de relacionar-se com o mundo natural. Trata-se de uma diferença radical que marca a existência desses templos e que possibilita a aparição dessa nova forma de ambientes construídos. A diferença reside na capacidade grega de subsumir as regularidades do mundo físico à ordenação humana, à ordenação de sua intencionalidade e, mais do que isso, à sua ordenação racional, consequentemente ordenada. É aqui que pode-se entender perfeitamente como essa passagem se dá “... não segundo a sua *necessidade transiente* [da *physis*], mas segundo o *finalismo imanente do logos* ...”. Caso essa passagem se desse apenas segundo a “*necessidade transiente da physis*”, os ambientes construídos não poderiam encontrar a sua solução formal regrada, ordenada, pois que estariam comprometidos para com as regularidades da natureza que são sempre, mas nem sempre: tratar-se-ia de uma espécie de constância na inconstância.

É então do surgimento do *logos*, em homologia às regularidades da *physis*, mas ao mesmo tempo negando-as num movimento de suprassunção, que revela a nova ordenação que se pauta pelo “*finalismo imanente da razão*”. Eis como desse movimento emerge não só a natureza de segunda ordem construída que é o *ethos*, como a forma de relacionar-se no contexto da cultura grega, e sua arquitetura templária que se pauta igualmente pela sua transcrição aos ambientes construídos. Ambos se pautam por essa ordenação original que se funda no natural, mas que ao mesmo tempo o nega, ou que o suprassume no âmbito de uma nova ordem que são as leis ou *nómos*.⁵⁷⁵

Conforme o exposto, o surgimento da idéia de *nómos*, da lei que rege a vida num horizonte de justiça e do bem fazer ético, parece dever-se fundamentalmente à necessidade de organização das cidades-estados. Se anteriormente a idéia de justiça permanecia circunscrita às unidades familiares, ou *gênos*, e, posteriormente, toma a forma unificada das *thémistes* segundo a necessidade de pacificação dos vários clãs, agora, no horizonte da aparição da razão, ou *logos*, a *díke* encontra a sua forma acabada na idéia de *nómos*, ou lei, ou ainda, suprassumida na forma de um direito mais amplo e extensível a todos os homens no horizonte das cidades-estados.

São essas sucessivas transformações que presidem a aparição das constituições, ou leis escritas que tinham como finalidade última a ordenação e regulação sobre a vida nas cidades-estados. Conforme WARTOFSKY (1987), até esse momento, a Grécia já havia experimentado um sem-número de formas de

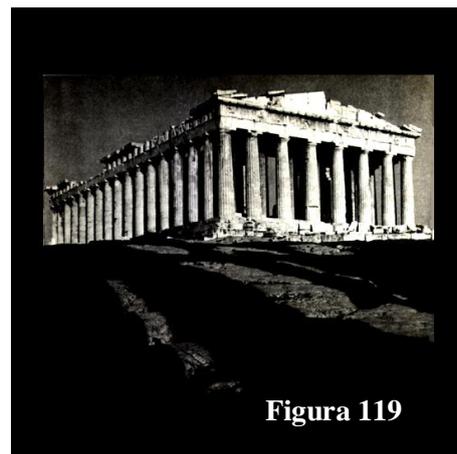


Figura 119

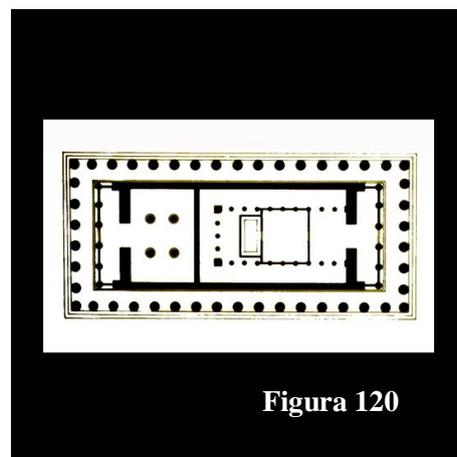


Figura 120

⁵⁷⁴ Legenda das **figuras 119 e 120**: “O Pártenon visto de noroeste .e respectiva planta. Começado em 447 a.C., por Ictino e Calícrates, a sua simplicidade é ilusória. O interior do templo, voltado para oriente, era dividido por colunas em nave e deambulatório. Uma sala colunata na parte ocidental servia de tesouro.” *História da Arquitectura no Ocidente*, op. cit., pg. 36.

⁵⁷⁵ “**Nómos**: *costume, convenção, lei constitucional ou arbitrária*” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 159.

governo e administração num curto espaço de tempo:

*“Além disso, as voláteis condições de troca e inquietude política, a legislação e a codificação de leis eram produzidas com rapidez. As cidades-estados da Grécia introduziram e experimentaram uma grande variedade de formas governamentais e administrativas. Em Atenas, particularmente, a codificação de leis por Drácon (621 a.C.) e as reformas de Sólon (594 a.C.) produziram esse patrimônio de lei pública, explicitamente formulada e sistematizada, que é um dos protótipos de sistematização e lei na filosofia e na ciência.”*⁵⁷⁶

Diante desse acervo experimental, ou empírico, seria natural que os gregos buscassem a sua organização também em conformidade com o *logos* de modo a encontrar a sua forma acabada nas leis das constituições, ou *nómos*. Contudo a idéia de regulação do mundo se dá igualmente a partir da idéia de *physis*, ou da “*necessidade transiente da physis*”.

Assim, própria construção da idéia de *nómos* indica as suas primeiras vinculações com a *physis*, para que num segundo momento, adquira um estatuto próprio no horizonte da autodeterminação da razão. Eis segundo PETERS (1983) síntese dos significados do termo *nómos* entre os gregos:

*“1. À intrusão de nomos no discurso filosófico do século V [a.C.] seguiu-se a passagem da noção de natureza (physis) do campo físico para o ético. Isto pode ter sido resultado da influência médica, mas pode também ser visto no tratamento ético do conceito kosmos. Por outro lado havia uma compreensão crescente de natureza puramente arbitrária e relativa ao nomos. O primeiro a tomar posição explicitamente, de que a justiça e a injustiça são um problema de nomos e não de physis foi Arquelaus, embora pareça estar já implícito em Heráclito. Este ponto de vista tornou-se comum entre os sofistas e as opiniões relativistas destes, quer em moralidade, em política ou na epistemologia, são freqüentemente citadas por Platão. O próprio absolutismo ético e epistemológico de Platão não se baseia, evidentemente, em qualquer defesa da noção antiquada de physis, mas sim nos eide [577] imutáveis e, à medida que ele vai envelhecendo, na existência de Deus. ... 2. A idéia de lei divina já tinha sido inventada por Heráclito, e houve apelos subsequentes à ‘lei não-escrita’ (agraphos nomos), que, longe de ser mera convenção, tem uma sanção divina. Mas nenhuma assenta numa concepção filosófica de uma physis que fundamenta o nomos; isto aparece no estoicismo com a sua doutrina da physis como um logos imanente, e a sua definição da virtude como ‘viver segundo a natureza’ onde a ‘natureza’ deve compreender-se tanto no seu sentido cósmico como individual. É nessa ‘natureza’, a divina ratio que é imanente, eterna e imutável que funda as leis humanas. A sua operação é eminentemente visível no primeiro impulso ‘instintivo’ (physikos [578]) do homem no sentido da autoconservação que gradualmente se alarga para abarcar toda a humanidade (oikeiosis [579]).”*⁵⁸⁰

Conforme se vê, a idéia da lei, *nómos*, emerge num primeiro momento homologamente à idéia regularidade da *physis* para, num momento posterior, reconhecer na sua necessidade, ou em sua “*dependência da proposição implicada no sistema de proposições que a implicam*”.⁵⁸¹

Assim as leis, *nómos*, desdobram-se no interior da razão, *logos*, como ordenação logicamente organizada e permeada pelas idéias de unidade e universalidade colocadas como que medida e proporção do bem das cidades-estado. Esse movimento se instala a partir da crítica sofística do relativismo da lei divina. Posteriormente tanto a Academia quanto o Liceu se ocupam de completar a transição da ordenação mítica ao discurso articulado e consecutivo do *logos apodeiktikós*. Conforme VAZ (1988):

⁵⁷⁶ WARTOFSKY, W. W.: *Introducción a la Filosofía de la Ciencia*, Madri, Alianza Editorial de Textos, 1987, pg. 97.

⁵⁷⁷ “**Eidos**. Aparência, natureza, constitutiva, forma, tipo, espécie idéia.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 62.

⁵⁷⁸ “**Physikós**. estudante da physis, filósofo natural.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 189.

⁵⁷⁹ “**Oikeiosis**. auto-apropriação, auto-aceitação, auto-amor.” *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 169.

⁵⁸⁰ *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, op. cit., pg. 159 e 160. FERREIRA A. B. de H.: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1ª edição, 11ª impressão, 1975, pg. 1180.

⁵⁸¹ FERREIRA A. B. de H.: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 966.

“Por outro lado, a crise sofística representou a transição final do *logos ético* e do *logos político-jurídico* para o campo da razão demonstrativa com a conseqüente posição secundária e subordinada que passa a ser atribuída ao discurso do mito por Platão e Aristóteles: enquanto a ciência reivindica a qualidade de discurso verdadeiro (*alethès lógos*), o mito fica reduzido apenas à condição de um discurso verossímil (*eikòs lógos*).”⁵⁸²

Assim, completada a transição da intuição de ordenação dos *mythos* ao *logos* o sentido de *nómos* se distende espetacularmente sobre todos os aspectos do “*mundo grego*”. Por outro lado, as leis (*nómos*) nada mais são do que a emergência dos hábitos, particulares, contingentes e próprios do indivíduo empírico, na esfera dos costumes, universais, necessários e próprios do indivíduo ético. É então dessa confluência entre hábitos e costumes, “*necessidade transiente da physis*” e “*finalismo imanente da razão*” que as leis encontram o seu destino: realizar a ordem e a justiça nas cidades.

É ainda nesse horizonte de uma racionalidade constituída sob a égide dos hábitos e costumes como possessões estáveis que alguns ambientes construídos, notadamente aqueles para os quais concorrem uma grande carga simbólica, ou os prédios públicos, passam a ser designados como arquitetura.

Assim na perspectiva ocidental não basta que os ambientes construídos representem apenas as necessidades naturais ou que a eles seja justaposta a representação da esfera simbólica. Essa nova ordenação deve comparecer subsumida à forma concebida segundo a idéia do que é bom e do que é mais bem ordenado segundo o *logos*. Eis o sentido ético da arquitetura pública grega e por extensão da arquitetura templária.

Para elas concorre toda a normatividade ética supressumida a partir das primeiras necessidades naturais atravessadas pela fixação das regularidades da constância no agir até atingir a culminância dos hábitos e costumes como possessão estável. Essas se representam pela idéia de ordenação dos elementos construtivos das ordens gregas segundo uma lógica determinada ou na co-determinação de suas partes determinando um todo harmônico. É então esse sentido de normalização, que sintetiza todo o esforço grego de construção da idéia de civilidade e colocada centralmente na concepção de toda a arquitetura pública grega. Eis então um dos paralelos possíveis entre a Ética e sua arquitetura templária.

É então esse movimento de normalização da vida e do “*mundo grego*”, que encontra a sua expressão nos ambientes construídos segundo a sua regulação. Sua submissão à ordenação formal e demonstrativa do *logos* expressa, não só no esforço unificador das formas dos templos como também na sua articulação entre os “*elementos da cidade*” nas cidades-estado, como também a idéia da harmonia cósmica representada na proporcionalidade e co-ordenação das partes, ou os seus elementos construtivos, articulados conseqüentemente na construção do todo que é o templo dórico.

Assim concebidos nesse original horizonte de cultura grego os ambientes construídos não emergem da *physis* e nem mesmo encontram nela o seu estatuto acabado. É essencial para que a arquitetura encontre o seu lugar a passagem pela centralidade e intencionalidade do humano, para, num segundo momento fixar-se na perspectiva da racionalidade segundo leis e normas estritamente concebidas segundo a idéia do *métron*, medida. A arquitetura é então, entre os gregos, uma atividade eminentemente racional, evidentemente simbólica e expressamente ética.

Todavia não seria legítimo afirmar que o estatuto da arquitetura templária grega encontre a mesma ressonância na arquitetura contemporânea. Surge aqui um outro ponto de interesse dessa dissertação: a distinção dos estatutos espaciais dos antigos gregos e os ambientes construídos modernamente. A chave para essa questão encontra-se em dois outros conceitos explicitados por AMARAL (1988) quais sejam: a “*instância nomotética*” e a “*instância hipotética*”.⁵⁸³ Ambos referem-se a formas distintas de apreensão dos conceitos de Natureza em diferentes temporalidades históricas segundo o filósofo Henrique C. de

⁵⁸² *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pgs. 151 e 152.

⁵⁸³ O termo *instância nomotética* assim como o termo *instância hipotética* foram primeiramente recolhidos a partir do curso: *Tópicos de Filosofia da Cultura - Ética e Cultura*, curso citado anteriormente.

Lima Vaz.

Essas expressões apresentadas por VAZ (1988), inicialmente referem-se aos preceitos universais segundo os quais as normas e interditos são concebidos no âmbito do Direito. São eles a “*universalidade nomotética*” e a “*universalidade hipotética*”. Essas duas formas de universalidade são apresentadas ao abordar as questões sobre “*Ética e Direito*”.⁵⁸⁴ Transpondo-se os conteúdos semânticos da esfera do Direito para a apreensão das temporalidades grega e moderna, essas expressões explicitam o todo conceptivo no qual essas comunidades se inscrevem e desvendam precisamente as suas diferenças.

Inicialmente VAZ (1988), distingue esses dois tipos de universalidade: a universalidade nomotética, que procede segundo a idéia de *nómos*, ou lei escrita, e a universalidade hipotética, ou aquela que procede segundo hipóteses.

No primeiro caso, a idéia de unidade cósmica, ou unidade do *kósmos*, preside um estado de direito grafado no *nómos*, ou lei escrita, não sendo o *nómos* senão a transcrição da normatividade imanente da *physis* ao domínio do *ethos* ou da Ética, segundo a idéia de unidade e universalidade expressa no sentido de *kósmos*. Ou seja, o domínio dos hábitos e costumes se encontra estreitamente implicado na determinação universal da justiça cósmica. Neles se fazem representar a própria fundação da idéia de *kósmos*, e de sua universalidade, que se expressa nas leis que regem as cidades. É esse círculo conceptivo, que se esboça desde o mundo físico e de sua específica forma de apreensão transposta à concepção geral do mundo, e que por sua vez, fundam outra concepção de ordem abstrata da ação Ética e que a relaciona aos hábitos e costumes. É a esse círculo conceptivo que se denomina de *instância nomotética*.

Eis o sentido de universalidade nomotética segundo VAZ (1988):

*“O horizonte de universalidade que denominamos universalidade nomotética desenha-se justamente a partir do conceito de uma ordem universal à qual se atribui o caráter prescritivo da lei. É nesse horizonte que se procurará fixar, como iniciativa fundamental da primeira grande forma de pensamento político-jurídico do Ocidente, o pólo do movimento dialético que suprassume no homem a sua particularidade psicobiológica (presa ao mundo da violência e do caos, onde reinam as forças inimigas da Díke), para elevá-la ao mundo divino do nómos. ... Essa universalidade é assegurada pela impessoalidade do nómos divino que a tudo abraça.”*⁵⁸⁵

E, mais sinteticamente:

*“A universalidade nomotética é aquela que tem como fundamento uma ordem do mundo que se supõe manifesta e na qual o nómos ou a lei da cidade é o modo de vida do homem que reflete a ordem cósmica contemplada pela razão.”*⁵⁸⁶

Na esfera do Direito, essa universalidade “*nomotética*” fundamenta o que se denomina Direito Natural Clássico. Operando a transposição dos conteúdos semânticos da esfera do Direito à Ética, a “*instância nomotética*” é a temporalidade na qual as normalizações da vida ocorrem segundo esse todo homólogo e proporcional “*que reflete a ordem cósmica contemplada pela razão.*” É então esse o horizonte grego onde os significados dos termos *nómos*, *physis*, *logos*, *ethos*, *areté*, *díke*, *kósmos*, *polis*, o *sistema dórico*, etc., encontram-se plasmados por reciprocidades e equivalências conformando um todo articulado e naturalmente explícito, apreensível. Nesse contexto uma mesma normalização percorre todos os campos ordenadores da vida inclusive os ambientes construídos, ou a sua arquitetura templária.

Como sugerido anteriormente, a arquitetura grega encontra-se inicialmente coroada tanto pelos conteúdos míticos das hierofanias como pela *centralidade do humano*, já visíveis na ilha de Creta. Essa temporalidade havia sido descrita como uma temporalidade orgânica ou provisoriamente pela expressão

⁵⁸⁴ Ver o capítulo “*Ética e Direito*” in: *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pgs. 135 a 180.

⁵⁸⁵ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 150.

⁵⁸⁶ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 146.

ordem organicista, a qual à luz desses novos conceitos pode ser ampliada à temporalidade identificada com uma instância nomotética. Assim, por instância nomotética, entenda-se a temporalidade segundo a qual a normatividade, ou *nómos*, emerge naturalmente da transposição da idéia de *physis* ao domínio do *ethos* sempre permeado pela razão. Nesse horizonte conceutivo grego essa passagem natural encerrava a sua arquitetura templária estando ela profundamente vinculada com essa temporalidade. Eis um dos modos de ser e estar no mundo apreendida pela temporalidade descrita pelo termo instância nomotética.

Por outro lado, com a finalidade de parametrizar e situar a diferença fundamental entre os estatutos da arquitetura templária grega e os ambientes construídos contemporaneamente, deve-se lançar mão do significado de instância hipotética. Se por um lado a instância nomotética poderia ser apreendida segundo um todo homólogo articulado entre as várias esferas de entendimento e ordenações da vida grega, o sentido de universalidade hipotética não pode ser apreendido segundo esse todo homólogo e articulado. Nessa nova acepção, como quer VAZ (1988),

*“... a universalidade hipotética é o pressuposto epistemológico das teorias do Direito natural moderno. No primeiro caso, permanecemos no âmbito da ontologia antiga, no segundo caso caminhamos sob o signo do pensamento científico moderno. No primeiro caso, a Política conserva uma intrínseca relação com a Ética, no segundo essa relação torna-se extrínseca e problemática e a Política tende a se construir em esfera autônoma, independente da normatividade ética e freqüentemente a ela oposta.”*⁵⁸⁷

A diferença entre a universalidade nomotética e a universalidade hipotética reside na evolução e no modo distinto segundo o qual o conceito de Natureza é apropriado. Essa distinção delimita assim duas formas ou dois modos diversos de ser e estar no mundo. Da instância nomotética para a instância hipotética a diferença reside na transposição do conceito de Natureza de seu sentido de imanência natural a outro domínio, ou o domínio da razão tecnocientífica. Como quer VAZ (1988), essa

*“... nova idéia de Razão se manifesta exatamente na constituição de um tipo de ciência que se funda numa relação de fazer - uma relação técnica ou experimental - entre o homem e o mundo. Como termo desse tipo de relação, o mundo se apresenta como campo de fenômenos que se oferece à atividade conceptualizante e legisladora da Razão e à atividade transformante da técnica.”*⁵⁸⁸

Essa mudança de eixo conceutivo indica a premência da forma eficiente do fazer técnico estreitamente relacionado ao cientificismo e à transposição da Natureza na formalidade matemática dos eventos naturais. Tratam-se da idéia de lei natural que traduzida pela formalidade matemática adquire uma normatividade própria e abstrata, destituída de caráter simbólico ou hierofânico e que não se relaciona diretamente com o mundo empírico. Assim a ciência comparece como um filtro entre o mundo natural e o seu entendimento. Eis a ciência e como ela modernamente ela se apresenta: através de leis hipotéticas.

Segundo ainda VAZ (1988), é nesse cenário tecnocientífico da razão que se pode definir a universalidade hipotética como

*“... aquela cujo fundamento permanece oculto e requer uma explicação a título de hipótese inicial não verificada empiricamente e que deve ser confirmada dedutivamente pelas suas conseqüências.”*⁵⁸⁹

Assim, ao passo que a instância nomotética funda a arquitetura templária grega segundo um horizonte de reciprocidades e homologias naturais, a instância hipotética subjaz ao fazer arquitetônico contemporâneo não segundo em homologia ao *nómos*, mas segundo a razão tecnocientífica ou segundo elementos e dados tecnocientíficos para além da percepção ordinária do mundo.

É nesse cenário que nasce e frutifica o Movimento da Arquitetura Moderna, não mais em homologia à

⁵⁸⁷ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 147.

⁵⁸⁸ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pg. 162.

⁵⁸⁹ *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, op. cit., pgs. 146 e 147.

antiga noção de *nómos* que coroava a *centralidade do humano* e para a qual a sociabilidade do indivíduo aparece como a sua auto-realização ou o seu bem, mas agora subsumida nas hipóteses estreitamente relacionadas à concepção tecnocientífica entre as quais se pode citar: a adoção de um padrão métrico humano apreendidas segundo métodos estatísticos das quais se depreendem a normalização e quantificação de áreas (metros quadrados) suficientes ao desempenho de quaisquer tarefas e mesmo à vida, a sobredeterminação das partes construtivas às capacidades produtivas gerenciais e industriais, as igualmente sobredeterminadas relações entre os componentes dos prédios segundo as leis da estática ou desempenho técnico, a centralidade das idéias de eficiência técnica e científica, a polarização dos interesses econômicos na órbita da razão entre custo e benefício, etc., etc..

É então certo que, face à instância hipotética, as razões que subjazem à concepção dos ambientes construtivos não se encontram facilmente acessíveis e imediatamente postas e nem mesmo dizem respeito aos conteúdos simbólicos naturais como ocorrera no caso grego. A recorrência a esse novo universo de leis e interditos se dá na esfera da tecnociência através de normas, estatísticas, cálculos, prescrições técnicas, etc.. A normalidade do mundo subjaz a uma intrincada trama de especificidades encadeadas não segundo uma ordem natural e empírica, mas segundo um conjunto de pressupostos técnicos e científicos, e portanto abstratos, não relacionados diretamente à empiria, mas subsumidos aos ditames abstratos que devem ser associados segundo a intencionalidade do humano.

Tudo é sobredeterminado e para que a vida se realize nesta instância hipotética o homem deve sempre, necessariamente, recorrer a um conjunto de hipóteses que sobredeterminarão seu pensamento e ação sobre seu mundo ou universo de compreensão.

Nesse novo horizonte os estatutos dos ambientes construídos, será aquele que beneficie as concepções com características generalizantes e que se mostrem passíveis de serem produzidos em escala industrial. Prevaecem as médias científicas aos hábitos e costumes naturais. Os ambientes construídos perdem suas especificidades e ganham em eficiência. Deixam de responder à indeterminação da produção artesanal e passam a responder às sobredeterminações da produção industrial. Os ambientes construídos, segundo a lógica industrial, passam a carregar consigo hipóteses do sistema produtivo. Inaugura-se o reinado das sobredeterminações postas concretamente sobre os ambientes construídos.

Assim, nessa lógica conceptiva, aos ambientes construídos concebidos no natural horizonte da manufatura grega seguem-se os novos ambientes modernos, concebidos segundo um sistema de produção industrial e sua concepção imensamente distante da vida vivida em sua imediaticidade.

Eis então o que distingue fundamentalmente os dois estatutos de ambientes construídos: as diferentes temporalidades apreendidas segundo os seus estatutos de universalidade.

Conclusões e Sugestões Para Novos Estudos.

Mostrou-se no desenvolvimento dessa dissertação como a partir das idéias de regularidade e de permanência formam-se os hábitos e costumes e como essas duas formas primeiras do ser e estar no mundo adquirem diferenciadas formas de expressão inclusive nos ambientes construídos.

Posteriormente, construíram-se a partir das mesmas categorias as suas primeiras formas indicativas dos sentidos de cultura e civilização. Paralelamente mostrou-se como esse sentido aponta para a centralidade do humano e conseqüentemente para o controle da natureza ou a sua domesticação através da abertura de um novo mundo, ou a natureza de segunda ordem que é o *ethos*.

Mostrou-se ainda como entre os gregos essa forma civilizatória construiu-se vagarosamente segundo os seus avanços e suas regressões através da história e como a sua forma acabada dispõe da idéia do natural de modo particular e original. Essa nova forma, conforme também se viu, desenvolve-se primeiramente a partir de suas hierofanias, dos *mythos*, das relações específicas daquele povo com o seu meio ambiente peculiar, das formas de organização política e segundo a centralidade do humano, para num segundo momento assumir a sua forma de racionalidade em conformidade de acordo com a imanência do mundo físico ou *physis*.

Evidenciou-se como essa forma peculiar e original dos princípios da civilização ocidental inaugurados pelos gregos representar-se simbolicamente nos ambientes construídos de modo a conformar um todo articulado. Espera-se com isso que a primeira pretensão dessa monografia esteja devidamente evidenciada: a de que a Ética, segundo o filósofo Henrique C. de Lima Vaz, pode converter-se numa poderosa ferramenta de apreensão e possivelmente crítica dos ambientes construídos.

Contudo seria insuficiente se o presente trabalho não sugerisse a sua continuidade dada a fertilidade dos escritos do filósofo sobre o qual todo esse discurso se articula.

É com essa finalidade que no último capítulo, mostrou-se como, a partir das três distintas acepções do termo *ethos*, três distintas formas de expressar-se nos ambientes construídos poderiam ser homologamente inventariadas. É certo que essas três formas antecedem de algum modo a inventividade conceptual grega, contudo o que se pretendeu foi situar temporalmente aquele povo segundo duas outras categorias expostas por Henrique C. de Lima Vaz à despeito de uma categorização meramente arbitrária conforme o exposto. Muitos estudos mais aprofundados seriam necessários de modo que tal seqüência sucessória fosse devidamente demonstrada - o que sem dúvida não é objeto do presente estudo.

Essas categorias que descrevem inicialmente duas formas de universalidade inicialmente voltadas à ampla esfera do Direito e seus princípios mais gerais, podem descrever com perfeição distintas instâncias temporais. As universalidades são: a universalidade nomotética e a universalidade hipotética. As instâncias temporais correlatas são: instância nomotética e a instância hipotética. A primeira diz-se de uma temporalidade onde predominam as homologias conceptivas ditas orgânicas; trata-se da instância temporal onde se situa a arquitetura templária grega. A segunda diz-se de uma temporalidade onde a vida é regida segundo hipóteses segundo as quais as coisas são como são, ou de uma temporalidade onde a vida se faz segundo os ditames de cunho tecnocientífico; trata-se, por exemplo, da instância temporal na qual se situa e define o Movimento Moderno de Arquitetura.

É a partir dessa distinção temporal e de suas formas conceptivas caracteristicamente distintas que se sugere o prosseguimento das pesquisas. Trata-se então de um trabalho posterior que poderá se fundar nos presentes escritos e que pretenderá determinar recortes mais precisos de modo a distendê-lo até a instância hipotética, quando as premissas do surgimento do Movimento Moderno de Arquitetura encontram-se amplamente articuladas favorecendo a sua síntese. Pretende-se através desse trabalho sugerir que a síntese desse movimento arquitetônico situa-se no mesmo horizonte conceptivo da arquitetura templária grega, ou como um movimento que se pretendia como uma síntese civilizatória.

Assim, se a presente dissertação teve como objeto secundário a determinação, ainda que pálida, dessa temporalidade dita nomotética e a sua expressão nos ambientes construídos, pretendeu-se também preparar o campo de discussões de modo a apreender a gênese do último movimento arquitetônico de real importância no horizonte da civilização ocidental.

Eis aí então a sugestão para os estudos posteriores.

ANEXO 01.

A Similaridade dos Artefatos Ancestrais.

É grande a escassez de registros, ou artefatos, quando temporalidades mais distantes são abordadas. DURANT (1966) ao abordar a arte primeva no distante período da Pedra Lascada, ou o Paleolítico, admite que os registros conseguidos pelos atuais arqueólogos e antropólogos talvez não representem nada além do que uma ínfima parcela do que realmente foi produzido. Sua argumentação é plausível:

“A interpretação da História treme, quando consideramos que essas estátuas, baixos-relevos e pinturas, apesar de comparativamente numerosos, podem não ter passado de uma infinitésima fração da arte que exprimiu ou adornou a vida do homem primevo. O fato de terem sido tais obras descobertas em cavernas não significa que os homens pré-históricos eram artistas apenas quando estavam nas cavernas. Devem ter esculpido e desenhado tão abundantemente como os gregos e os japoneses; e pintado não só o teto das cavernas como tecidos, a madeira, tudo - sem excetuar a si próprios. Devem ter criado obras-primas muito superiores ao que se salvou. Numa gruta foi descoberto um tubo feito de osso de rena cheio de tinta; em outra, uma palheta de pedra ainda, com um pouco de tinta ocre, apesar da longa passagem dos anos. Aparentemente as artes já estavam muito desenvolvidas e eram largamente praticadas há 18.000 anos atrás. Talvez houvesse uma classe de artistas profissionais entre os paleolíticos; talvez houvesse boêmios famintos, abrigados nas cavernas menos respeitáveis, que denunciavam o burguês dos tempos, conspiravam contra as academias e falsificavam antiguidades.”⁵⁹⁰

O bom humor de Durant indica que a essa escassez de registros talvez se deva principalmente às prováveis características materiais desses artefatos sempre sujeitos à rápida decomposição. Presume-se que os materiais utilizados fossem em sua grande maioria as madeiras, couros, folhas, fibras vegetais e animais, enfim, materiais orgânicos que sem dúvida não resistiriam aos gumes do tempo.

Entretanto, apesar de numericamente pouco representativos mas estatisticamente pouco significativos, a grande semelhança encontrada entre esses poucos artefatos, se devidamente situados num período histórico preciso, é notória. Como sugere o próprio nome do período, Pedra Lascada, esses artefatos foram concebidos e construídos segundo materiais e tecnologias muito parecidas. Conforme o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995) essa grande similaridade de artefatos de pedra lascada encontrada em várias regiões do globo, indica, desse modo, uma mesma forma de relacionar-se com o meio ambiente, ou o mundo natural:

“Foram encontrados milhares de utensílios de pedra da Antiga Idade da Pedra, confirmando a habilidade daqueles que os produziam e que precisavam trabalhar com materiais difíceis, como quartzo, quartzito ou seixos rolados de lava. Mas usando essas pedras ou outras mais adequadas, como o sílex, que se rompe mais facilmente, os primitivos tinham uma técnica básica: selecionar uma pedra adequada e apará-la por meio de outra pedra, removendo as lascas para obter uma borda afiada. O processo requeria intuição e planejamento e é uma evidência das habilidades intelectuais e manuais dos ancestrais primitivos do homem.”⁵⁹¹

Essas evidências denunciam uma mesma perspectiva de conhecimento imediato, um mesmo nível de comportamento e um mesmo modo de relacionar-se com a natureza. Esboça-se aqui uma mesma forma de entendimento e de descobrimentos ou apropriações tecnológicas, a qual, à luz da razão, ainda sequer pode ser definida como cultura.

Considerando então esses elementos paleontológicos e antropológicos é que se pode supor esse *medium* cultural que abarca todas as culturas pré-históricas num período temporal específico. Além do mais LEROI-GOURHAN (1971) aponta, sob o ponto de vista estritamente antropológico, para a existência de uma mesma disposição mental desses povos, sem a qual não haveriam trocas tecnológicas ou culturais naquele período:

*“Acabamos de ver que uma técnica, seja ela qual for, só pode fixar-se (isto é, ser inventada ou adotada) num meio que corresponda sensivelmente ao seu nível: não se fixaria mais facilmente a espingarda entre os Australianos que o **propulsor** [⁵⁹²] entre nós, quando muito observam-se estados provisórios de simbiose nos*

⁵⁹⁰ DURANT, W.: *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, Rio de Janeiro, Record, 1966, pgs. 68 e 69.

⁵⁹¹ *Atlas da História do Mundo*, Empresa Folha da Manhã, 1ª edição brasileira, 1995, pg. 34.

⁵⁹² **Propulsor**: “prancheta ou vareta terminando em gancho ou olhal, que se destina a prolongar o braço do lançador no

*quais um grupo superior fornece munições e armas usadas a um grupo inferior.”*⁵⁹³

Assim a similaridade de artefatos desses grupos fósseis deve-se às constantes trocas de artefatos realizados por essas tribos nômades. Cabe ressaltar também que nesse cenário não caberia a valoração em termos absolutos de culturas primitivas que tenham ou não engendrado ou concebido algum artefato. Uma visão mais ampla contempla a predisposição que uma cultura primitiva possui e que “*corresponda sensivelmente*” ao nível do artefato a ser introduzido. Posteriormente esse mesmo artefato poderá até ser melhorado. Claro é também que num primeiro momento o meio ambiente deve apresentar materiais que sustentem a nova aquisição, sem o que seria inviável a produção de dado artefato no seio da nova cultura. Assim a partir dessas trocas propiciadas pela predisposição das culturas primitivas e pela disponibilidade material, é que surge uma média de grau tecnológico, indicativa por sua vez, de uma mesma média mental, ou ainda o *medium* cultural.

ANEXO 02.

O Mito de Prometeu.

A título de ilustração eis alguns comentários acerca do Mito de Prometeu. O mito é apresentado pela primeira vez na Grécia por Hesíodo, um poeta de fins do século VIII a.C.. Prometeu está presente tanto no poema *Teogonia*⁵⁹⁴ como em outro intitulado *Trabalhos e Dias*. Conforme LAMAS (1972):

*“Atribui-se a Prometeu a criação dos primeiros homens, que ele teria modelado em barro, mas essa lenda não aparece na Teogonia de Hesíodo, que o apresenta apenas como o benfeitor da humanidade e não como o seu criador. Segundo alguns mitógrafos gregos, tratar-se-ia da criação da raça humana posterior ao dilúvio. Porém, a opinião corrente atribuída aos homens uma raça mais antiga e mais nobre. Píndaro dizia: ‘Homens e deuses somos da mesma família; devemos o sopro da vida à mesma mãe.’”*⁵⁹⁵

Como reza essa passagem cosmogônica, os homens viviam, até o furto cometido por Prometeu do fogo celeste, em perfeito estado de harmonia entre os imortais do Olimpo. A vida era amena, doce, leve e cercada de regalias divinas. Uma vida fácil e folgazã. Entretanto, a partir do roubo, a vida dos mortais jamais voltou a ser o que era. O fogo celeste, ou o próprio reluzir inteligente da existência humana, antes cedido aos homens, foi-lhes subtraído e desde então os homens são obrigados a trabalhar arduamente, não só por ele, o fogo celeste, mas também para o seu sustento.

Eis a versão sintetizada do mito do Mito de Prometeu por BRANDÃO (1989):

“Filho do Titã Jápeto e da Oceânida Clímene, teve como irmãos a Epimeteu, Atlas e Menécio. ... Prometeu passa por haver criado os homens do limo da terra, mas semelhante versão não é atestada em Hesíodo. O filho de Jápeto, bem antes da vitória final de Zeus, já era um benfeitor da humanidade. Essa filantropia, aliás, lhe custou muito caro. Foi pelos homens que Prometeu enganou a seu primo Zeus por duas vezes. Numa primeira, em Mecone (nome antigo de Secione, cidade da Acaia), quando lá ‘se resolvia a querela dos deuses e dos homens mortais’. Essa disputa certamente se devia à desconfiança dos deuses em relação aos homens, protegidos pelo filho de um dos Titãs, que acabavam de ser vencido por Zeus. Pois bem, foi em Mecone que Prometeu, desejando enganar a Zeus em benefício dos mortais, dividiu um boi enorme em duas porções: a primeira continha as carnes e as entranhas, cobertas pelo couro do animal; a segunda, apenas os ossos, cobertos com a gordura branca do mesmo. Zeus escolheria uma delas e a outra seria ofertada aos homens. O deus escolheu a segunda e, vendo-se enganado, ‘a cólera encheu sua alma, enquanto o ódio lhe subia ao coração’. O terrível castigo de Zeus não se fez esperar: privou o homem do fogo, quer dizer, simbolicamente dos nûs, da inteligência, tornando a humanidade anôetos, isto é, imbecilizou-a:

arremesso de lanças ou arpões” LEROI-GOURHAN, A.: *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, Lisboa, Edições 70, 1971, pg. 13.

⁵⁹³ *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, op. cit., pgs. 234 e 235.

⁵⁹⁴ “**Teogonia.** [Do gr. *theogonía*, pelo lat. *theogonia*.] S.f. 1. Filos. Doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses, e que freqüentemente se relaciona com a formação do mundo. 2. Conjunto de divindades cujo culto forma o sistema religioso dum povo politeísta.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, op. cit., pg. 1366.

⁵⁹⁵ LAMAS, M.: *Mitologia Geral - O Mundo dos Deuses e dos Heróis - Volume III*, Portugal, Lisboa, Editorial Estampa, 1972, pg. 118.

‘Zeus te ocultou a vida no dia em que, com a alma em fúria, se viu ludibriado por Prometeu de pensamentos velhacos. Desde então ele preparou para os homens tristes cuidados privando-os do fogo.’
(Trab. 47-50).

Novamente o filho de Jápeto entrou em ação: roubou uma centelha do fogo celeste, privilégio de Zeus, ocultou-a na haste de uma férula e a trouxe à terra, ‘reanimando’ os homens. O Olímpico resolveu punir exemplarmente os homens e a seu benfeitor.

*Contra os primeiros imaginou perdê-los para sempre por meio de uma mulher, a irresistível Pandora, de que se falará mais abaixo, e contra o segundo a punição foi terrível. Consoante a **Teogonia** (521-534), Prometeu foi acorrentado com grilhões inextricáveis no meio de uma coluna. Uma águia enviada por Zeus lhe devorava durante o dia o fígado, que voltava a crescer à noite.”⁵⁹⁶*

Assim condenado ao castigo eterno, Prometeu é posteriormente salvo por Hércules, mas essa é uma outra história. O que de relevante permanece é a proporcionalidade entre o crime cometido por Prometeu e o terrível castigo divino de ver o seu próprio fígado devorado todos os dias. Conforme o já exposto anteriormente, o fígado, sede da própria vida, lhe seria devorado todos os dias por uma águia divina. À noite o fígado cresceria novamente para ser novamente devorado. Trata-se de um ciclo infinito de punição. Os deuses o haviam punido exemplarmente.

A arrogância cometida por Prometeu foi a de tomar os atributos divinos da criação e entregá-los aos homens, mortais, como que a dotá-los da uma potência somente possível no âmbito divino.

A própria etimologia de Prometeu apresentada por BRANDÃO (1989) indica o seu poder criativo apreendido pelo conhecimento e pela sapiência, tão criador como os deuses:

“Prometeu, que, consoante a ‘etimologia popular’ proviria de pró, antes, e manthánein, aprender, saber, perceber, ‘ver’, significa exatamente o que em latim denomina prudens, de proudens, o prudente, o ‘previdente’, o que percebe de antemão.”⁵⁹⁷

Eis aí o paralelismo que se estabelece entre a laboriosa luta pelas conquistas humanas e o furto do fogo celeste: a prerrogativa da criação, anteriormente um atributo estritamente divino, passa a partir da ação condenável de Prometeu, às mãos dos homens, simples mortais. É assim que se esboça pela primeira vez na história ocidental a constante tenção entre a sapiência e o poder que dela emana, entre as benesses advindas do conhecimento e os perigos decorrentes da manipulação de atributos divinos. É essa idéia transgressora que acompanha o conhecimento e a construção da ciência desde as trevas primordiais à conquista da civilização.

ANEXO 03.

Os Seres Ancestrais.

O começo da história biológica do homem moderno remonta a alguns milhões de anos. Conforme o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995):

“No reino animal, os seres humanos são os que mais se relacionam com os grandes símios (chimpanzés e gorilas), com a mesma estrutura anatômica básica e constituição genética similar. Tais semelhanças foram herdadas de um ancestral comum, que viveu, segundo cálculos baseados em provas fósseis e pesquisa molecular, há cerca de 10 milhões de anos. Estimulados por mudanças ambientais e outros fatores desconhecidos, símios e seres humanos seguiram caminhos evolutivos diferentes entre 5 e 8 milhões de anos atrás. Através dos tempos, algumas características do ancestral comum foram mantidas e outras mudaram para produzir a espécie conhecida hoje.”⁵⁹⁸

Posteriormente, ainda conforme o mesmo Atlas:

“Os Australopitécineos combinavam características simiescas e traços humanos. Viviam na África até 1,7

⁵⁹⁶ BRANDÃO, J. de S.: *Mitologia Grega - Volume I*, Petrópolis, Editora Vozes, 1989, pgs. 166 e 167.

⁵⁹⁷ *Mitologia Grega - Volume I*, op. cit., pg. 166.

⁵⁹⁸ *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 32.

milhões de anos. Pelo menos quatro espécies relacionadas podem ser distinguidas, algumas de constituição leve, outras de físico mais robusto. Não é certo se os primeiros, com cérebros pequenos, faces simiescas e estrutura pélvica característica, foram os ancestrais do homem em sua própria família ou gênero, Homo. Australopithecíneos e Homo podem bem representar linhas evolucionária paralelas com origem em um ancestral comum ainda não reconhecido por registro fóssil. Mas parece que a tendência de afastar as características simiescas em direção a atributos cada vez mais atuais teria origem em época anterior a 2 milhões de anos.”⁵⁹⁹

Contados mais alguns milhões de anos o bipedalismo, ou a faculdade de andar ereto já poderia ser comprovada conforme registros fossilizados encontrados na África. O que tornou possível o caminhar sobre os dois pés uma faculdade constante entre aqueles homínídeos não se sabe precisar. Entretanto a comprovação desse novo gesto parece inegável.

Conforme mencionou-se também no corpo da dissertação, essa capacidade diferencia-o dos demais animais. Indica ainda a sua organização em grupos, provavelmente familiares que posteriormente formariam bandos ou hordas. Passados mais alguns milhões de anos esses homínídeos sofrem algumas transformações consideráveis no que tange à massa craniana que inexplicavelmente amplia-se. Esses homínídeos primitivos, ou os Australopithecíneos, antecederam o homem de Neanderthal e ao homem de Cro-Magnon, e são presumivelmente, os primeiros seres colocados numa ordem de evolução da espécie humana. Seguindo ainda o ATLAS:

“Os primeiros seres humanos eram criaturas da savana africana. O formato dos dentes e o comprimento do trato digestivo mostram que seguiam dieta mista com sementes e pequenas frutas silvestres. Talvez também comessem carne, que cresceu em importância à medida as ferramentas melhores e uma compleição mais robusta os tornou caçadores mais aptos. Assim, a Terra foi primeiro povoada por seres que praticavam caça e coleta, atividades que surgiram pelo menos desde o desenvolvimento dos primeiros instrumentos de pedra, há 2,5 milhões de anos.”⁶⁰⁰

Ao que tudo indica os Australopithecíneos foram, em algum remoto momento da história paleontológica, contemporâneos das forma mais desenvolvidas do gênero Homo. É ainda muito provável que esse novo gênero tenha comprometido a existência dos primeiros uma vez que sua compleição mais robusta e agressiva os colocavam numa posição superior frente aos primeiros. Conforme o ATLAS:

“Um estágio mais avançado no desenvolvimento de características anatômicas modernas é observado em fósseis africanos que datam, aproximadamente, entre 1,7 milhões de anos atrás a 200.000 anos. Mudanças no tamanho e forma do crânio mostram que esse homínídeos tinham um cérebro maior e mais desenvolvido. Fósseis desse tipo são referidos hoje como Homo Erectus, nome primeiramente aplicado aos fósseis encontrados no Sudeste da Ásia e da China. Mas o grupo africano pode ser considerado uma forma primitiva de Homo Sapiens (homem racional), linhagem da qual derivam as primeiras populações de seres modernos.”⁶⁰¹

O passo posterior, que desde então pode ser entendido como um caminhar constate, diz respeito ao aumento do volume craniano, o conseqüente aumento do volume da massa encefálica e o desenvolvimento de tecnologias rudimentares. Ainda que não se possa estabelecer uma relação direta entre o aumento do volume da caixa craniana, do cérebro e o desenvolvimento das tecnologias, esse argumento vem sendo aceito com certa naturalidade. O mesmo ATLAS também emite a mesma opinião:

“Essencial do desenvolvimento humano de 2,5 milhões de anos atrás até 10.000 a.C. foi a mudança física permanente, já que os Australopithecíneos de cérebro pequeno foram substituídos por formas primitivas do gênero Homo e depois por seres humanos com características do homem moderno. A chave para o sucesso humano, porém, reside no desenvolvimento da cultura e da tecnologia, possibilitado por um cérebro cada vez maior. Esse desenvolvimento intelectual e sobretudo a invenção da fala e linguagem possibilitaram ao homem assumir um lugar de destaque na história da evolução.”⁶⁰²

É assim na esteira dessa história evolutiva que iniciam-se as primitivas tecnologias da pedra lascada delineando inexoravelmente a fronteira entre aqueles animais primitivos e as formas mais adaptadas do gênero Homo.

⁵⁹⁹ Atlas da História do Mundo, op. cit., pg. 32.

⁶⁰⁰ Atlas da História do Mundo, op. cit., pg. 34.

⁶⁰¹ Atlas da História do Mundo, op. cit., pg. 32.

⁶⁰² Atlas da História do Mundo, op. cit., pgs. 32 e 33.

ANEXO 04.

Elementos do Período Paleolítico: Os Sete Grupos Fósseis, os Seres, Sua Dispersão Territorial e Suas Tecnologias.

O Período Paleolítico tem uma duração aproximada de 200.000 anos. Como a sua datação e extensão varia de autor para autor, optou-se aqui pela versão de DURANT, a melhor sistematizada. Assim, a título descritivo e como forma de visualização, eis os sete grupos de fósseis culturais referentes ao período Paleolítico e algumas de suas características apresentada segundo DURANT (1966):

I - Cultura Pré-cheliana (125.000 a.C.). *A maioria dos sílices encontrados nessa camada mostra pouco afeição artificial; mas a presença de muitas pedras lascadas e pontudas e de tamanho favorável ao manejo dá ao pré-cheliano a honra de ter conhecido o primeiro instrumento do homem europeu: o coup-de-poing de pedra.* **II - Cultura Cheliana** (100.000 a.C.). *Melhorou esse instrumento, aguçando os lados, apontando-o em forma de amêndoa e adaptando-o ainda mais ao uso manual.* **III - Cultura Acheuliana** (75.000 a.C.). *Deixou abundantes vestígios na Europa, Groenlândia, Estados Unidos, Canadá, México, Oriente Próximo, Índia e China; não só deu ao coup-de-poing a melhor forma como produziu grande variedade de outros instrumentos - martelos, bigornas, raspadores, plainas, pontas de lança, facas; já temos aí um começo da multifária indústria humana.* **IV - Cultura Mousteriana.** *Aparece em todos os continentes em especial associação com o homem Neanderthal (40.000 a.C.). Entre os sílices da época o coup-de-poing é relativamente raro, coisa já passada. Predominam sílices mais leves, mais cortantes e mais bem afeitos. Nas últimas camadas do Plistoceno do sul da França aparecem remanescentes da Cultura Aurignaciana.* **V - Cultura Aurignaciana** (25.000 a.C.). *Com os primeiros indícios das indústrias pós-glaciais e os primeiros sinais da cultura do Cro-Magnon. Instrumentos de osso - furadores, bigornas, polidores, etc. - juntam-se aos de pedra; e a arte aparece em rudes entalhes nas rochas, com figuras em alto-relevo, sobretudo mulheres nuas.* **VI - Cultura Solutriana.** *Aparece no estágio mais alto do Cro-Magnon, (20.000 a.C.), na França, na Espanha, na Tchecoslováquia e na Polônia: pontas, furadores, serras, dardos e lanças se juntam aos instrumentos e armas dos tempos aurignacianos; agulhas já bem finas eram feitas de ossos; e há muitos instrumentos trabalhados em chifre de rena, nos quais também aparecem gravações artísticas superiores às até então encontradas.* **VII - Cultura Magdaleniana.** *Aparece na Europa em 16.000 a.C.. Caracterizada por amplo desenvolvimento de delicados utensílios de marfim, osso e chifre, culminando em humildes mas perfeitos alfinetes e agulhas, e na arte nos desenhos de Altamira, a melhor realização do homem Cro-Magnon.* ⁶⁰³

Conforme o exposto no corpo da dissertação, é nos períodos anteriores que surgem os ascendentes do gênero *Homo*. Esse gênero não é considerado uma descendência direta dos Australopithecíneos, mas sim como uma linha evolucionária paralela. Esse gênero divide-se em três espécies: o *homo habilis*, o *homo erectus* e o *homo sapiens*. Eis uma sucinta descrição desses seres segundo o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995):

“O primeiro fóssil descoberto em Olduvai se diferenciava dos Australopithecíneos pelo cérebro maior, crânio arredondado e face nitidamente humana. Estes homínídeos mais modernos são geralmente classificados como uma espécie única denominada Homo habilis, que significa homem habilidoso, ou aquele que fabrica seus próprios utensílios. Utensílios simples de pedra por vezes aparecem ao lado dos fósseis do Homo habilis, os ancestrais mais antigos do homem a fabricar e utilizar deliberadamente tais objetos. Eles representam um pequeno mas fundamental passo à tecnologia atual. ... Um estágio mais avançado no desenvolvimento de características anatômicas modernas é observado em fósseis africanos que datam, aproximadamente, entre 1,7 milhões de anos atrás a 200.000 a.C.. Mudanças no tamanho e forma do crânio mostram que esses homínídeos tinham um cérebro maior e mais desenvolvido. Fósseis deste tipo são referidos hoje como o Homo erectus, nome primeiramente aplicado aos fósseis encontrados no Sudeste da Ásia e China. ... Os mais antigos fósseis conhecidos, com as características do homem moderno [Homo sapiens], são aqueles do sítio Omo 1 (Etiópia), da desembocadura do Rio Klasies (África do Sul) e de Qafzeh (Israel), que datam entre 90.000 e 110.000 a.C.. Os primitivos seres humanos modernos não substituíram imediatamente todas as formas primitivas de seres humanos. Embora estivessem presentes no Oriente Próximo há 100 mil anos, eles não substituíram o homem de Neanderthal na Europa durante mais de 50 mil anos. Na Europa Ocidental, calcula-se que os primeiros seres humanos com as características do homem moderno apareceram apenas há 35 mil anos. Mais ou menos nessa época, seres humanos modernos surgiram também na Ásia, originando ou substituindo tipos primitivos de homínídeos, incluindo os descendentes daqueles representados na caverna de Chou-k’ou-tien (Zhoukoudian), China.” ⁶⁰⁴

⁶⁰³ DURANT, W.: *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, Rio de Janeiro, Record, 1966, pg. 66.

⁶⁰⁴ *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 32.

Novamente todos esse seres parecem ter coexistido em algum período histórico remoto. Uma versão mais atualizada de LEROI-GOURHAN (1971) revela que é nesses remotas datas que se inicia a distinção de grupos étnicos em regiões específicas do globo. Essa distinção, provocada pela maior adaptabilidade desses seres, pelo incipiente controle do mundo natural, conforme atestam as suas tecnologias rudimentares, e ainda, por sua compleição física e cerebral avantajadas. É a partir desses elementos que esses seres conseguem uma permanência prolongada em regiões pouco hospitaleiras.

“A filosofia distingui duas humanidades sucessivas, a do homo sapiens, que é a nossa, e a do homo faber, criatura teórica cuja única característica humana teria sido a posse de utensílios. O homo faber, termo cômodo mas sem fundamento paleontológico, engloba na realidade toda a longa série de dos Antropídeos de que proveio o homo sapiens: os mais antigos entre eles, os Australantropos, que têm mais de um milhão de anos, possuíam já a nossa postura vertical e fabricavam utensílios primitivos. A partir deste momento que, guardadas as proporções, não deve estar muito afastado do ponto de partida os progressos do cérebro, em volume e organização, têm como corolário uma dupla série de crânios e de utensílios, cada vez mais variados e aperfeiçoados. Desde esses começos até cerca de 50.000 anos antes de nossa era, o fio desenrola-se sem interrupção; mas é um fio tênue pois limita-se ao inventário de alguns tipos de utensílios de pedra talhada e embora seja suficiente para provar o progresso, apenas nos permite dominar uma parte ínfima dos traços culturais desenvolvidos pelos homens que nos antecederam. Entre 50.000 a 30.000 os testemunhos diversificam-se, entrando-se, a partir de 30.000, com as primeiras etapas do homo sapiens, na humanidade atual, que forma um todo até os nossos dias. Embora ainda muito incompleto, o nosso conhecimento sobre a pré-história do Antigo e do Novo Mundo abrange um campo tecnológico considerável. Os elementos inscrevem-se nos fundamentos da evolução de técnicas e de objetos que prosseguiram a sua carreira até a momento presente. A pré-história do homo sapiens, agora conhecida um pouco por todo o mundo mostra que culturas já eram muito diferenciadas no plano técnico, e que a Europa ou as diferentes partes da Ásia, da África, da América e da Austrália tinham uma diversidade étnica que se torna mais nítida à medida que os nossos conhecimentos se ampliam. O fato de se terem podido desenvolver cultura regionais implica em longos séculos de permanência nas mesmas regiões, constituindo a diversidade do equipamento prova de uma lenta maturação que contradiz com as velhas idéias feitas relativas ao perpétuo nomadismo da populações primitivas. Os grupos de caçadores de mamutes ou focas eram de fato nômades, mas no interior do seu próprio território e, as migrações longínquas desempenharam sem dúvida um papel menos importante do que aquele que seríamos levados a pensar. Em contrapartida, os objetos (ou pelo menos a informação sobre a sua existência) circularam de grupo em grupo, por vezes até os confins dos continentes.”⁶⁰⁵

Assim, mesmo na ausência de fundamentos paleontológicos, pode-se comprovar a partir das poucas peças escavadas que esses homens dispersaram-se por todas as regiões do globo. Mais do que isso, esses grupos trocavam tecnologias, ou pelo menos apropriavam-se de tecnologias de outros grupos.

Parece consensual que nesse período houve uma explosão tecnológica. Os textos indicam sem hesitação a pluralidade de artefatos encontrados e, mais do que isso, a fixação dos princípios técnicos até hoje utilizados. Eis como DURANT (1966), apresenta resumidamente a explosão das técnicas a partir dos achados arqueológicos:

“Nessas primitivas culturas da Idade da Pedra Lascada o homem pré-histórico lançou os alicerces das artes manuais que iriam manter-se como parte da herança europeia até o advento da Revolução Industrial. A transmissão para as civilizações clássicas foi facilitada pela ampla expansão das indústria paleolíticas. O crânio e os entalhes em cavernas encontrados em 1921 na Rodésia, os sílices descobertos por Morgan em 1896 no Egito, os restos paleolíticos de Seton Karr, na Somália, os depósitos da Idade da Pedra Lascada da bacia do Faium (um oásis ocidental do Médio Nilo), perto do Nilo, e na África do Sul indicam que o Continente Negro encontrava-se no mesmo grau de desenvolvimento do europeu; e talvez os resíduos encontrados em Tunes e na Argélia, ‘quase aurignacianos’, fortaleçam a hipótese da origem africana do Cro-Magnon, ou pelo menos de que essa raça chegou até ali. Instrumentos paleolíticos foram igualmente encontrados na China, Sibéria e Índia e outras partes da Ásia. Andrews e seus predecessores jesuítas desenterraram-nos na Mongólia; esqueletos Neanderthal e sílices mousterianos apareceram com abundância na Palestina, e já falamos dos restos antiquíssimos encontrados em Pequim. Utensílios de ossos foram achados no Nebraska (5.000 a.C.), e pontas de flecha no Oklahoma (350.000 a.C.). Tudo isto mostra como foi larga a ponte pela qual o homem pré-histórico transmitiu ao histórico as bases da civilização.”⁶⁰⁶

Eis ainda a versão de DURANT (1966) para ao desenvolvimento desses artefatos:

“Com base nos rudes instrumentos do homem paleolítico, só à força de imaginação podemos formar idéia de como vivia o homem da época. Era natural que a pedra fosse o seu primeiro instrumento. Pontuda numa

⁶⁰⁵ LEROI-GOURHAN, A.: *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, Lisboa, Edições 70, 1971, pg. 12.

⁶⁰⁶ *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, op. cit., pgs. 66 e 67.

extremidade e roliça na outra para adaptar-se à palma da mão, tornou-se o primeiro instrumento do homem primevo - a um tempo martelo, formão, raspador, faca e serra; ainda hoje a palavra hammer (martelo) etimologicamente significa pedra. Gradativamente outros instrumentos foram saindo desse: abriram-lhe um buraco para adaptação do cabo, inseriram-lhe dentes para a formação da serra; e dele ainda fizeram a picareta, a ponta de flecha e de lança. A pedra de raspar, que tinha a forma de concha, tornou-se pá e enxada; a pedra de superfície plana mas rugosa tornou-se lima; e a pedra arremessável pela funda chegou até a idade clássica. Com o osso, o marfim, e ainda a pedra, o homem paleolítico fez um sortimento de coisas: polidores, almofarizes, machados, raspadores, furadores, lâmpadas, facas, cintéis, cortadores, lanças, bigornas, buris, adagas, anzóis, arpões, cunhas, alfinetes e outros.”⁶⁰⁷

ANEXO 05.

A Antigüidade do Fogo.

A história da dominação do fogo é antiquíssima e, naturalmente, controvertida. Conforme DURANT (1966):

“Entre os achados da era Neanderthal encontram-se pedaços de carvão e ossos calcinados; o homem, pois, dominou o fogo há pelo menos 40.000 anos. O homem do Cro-Magnon escavava pedras para fazer candeeiros de gordura; a lâmpada, portanto, é também dessa idade. Provavelmente foi o fogo que permitiu o homem esquentar o frio da congelação; foi o fogo que lhe deu melhores noites de sono, porque as feras temiam aquele elemento adorado pelos homens, foi o fogo que venceu as trevas e fez diminuir os horrores do medo; foi o criador da velha e honrosa arte de cozinhar, a qual veio dilatar tremendamente o campo das coisas comestíveis; foi, finalmente, o fundidor dos metais - o único avanço positivo feito pelo homem desde os tempos do Cro-Magnon até a Revolução Industrial.”⁶⁰⁸

É provável, entretanto, que Durant desconhecesse as informações acerca da datação do domínio do fogo ou até mesmo, que essas informações não se encontrassem disponíveis quando de seus escritos. Conforme o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995):

“A capacidade de fazer uso do fogo como proteção e fonte de calor foi importante na adaptação a ambientes frios. O uso do fogo talvez já fosse conhecido na África há 1,5 milhão de anos e certamente já era usado pelos habitantes da caverna Chou-k'outien na China setentrional há 1 milhão de anos. No início do último avanço do gelo na Europa, por volta de 73.000 a.C., os musterianos, moradores das cavernas da Dordonha, com braseiros para cozinhar, agulhas de osso e instrumentos para raspar e modelar peles, estavam bem equipados para sobreviver no inverno. Cada vez que o gelo se retraía, os povos europeus e asiáticos cresciam e desenvolviam.”⁶⁰⁹

Considerando as informações contidas ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO a datação do uso do fogo retrocedem para 1,5 milhão de anos, o que é bastante considerável face à perspectiva apresentada por Durant. Ou seja, a sua primeira utilização se deu num cenário absolutamente intuitivo, ou não racional, por aqueles homens. Nessa perspectiva as entusiasmadas palavras de Durant que descrevem as tecnologias de controle do fogo como “o único avanço positivo” daqueles seres parecem inadequadas. Assim, seria muito mais plausível a versão de que o seu domínio há 1,5 milhão de anos se deu envolto na mais absoluta incerteza, literalmente na mais profunda escuridão conceitual.

É então considerável que “o único avanço positivo”, o fogo, possa também ser tomado numa outra perspectiva mais abstrata de sensações e percepções, situadas na mesma ordem de sua imaterialidade mesma: num cenário de irracionalidade. Nesse caso, o seu domínio, fatalmente esteve permeado por sensações estranhas, ininteligíveis, inexprimíveis, pois aquele era o cenário mental no qual se deu o seu controle. O elemento divino, ou transcendente, esteve assim desde sempre associado às suas tecnologias e ao seu uso e certamente pode ter representado uma espetacular transformação no modo de relacionar-se com a natureza.

São várias as referências de depósitos de cinzas nos sítios arqueológicos e nas mais diversas condições. Seria enganoso, ou pelo menos imprevidente, imaginar que sua utilização apontasse restritivamente para aqueles aspectos

⁶⁰⁷ A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental, op. cit., pg. 67.

⁶⁰⁸ A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental, op. cit., pg. 67.

⁶⁰⁹ Atlas da História do Mundo, op. cit., pg. 36.

práticos ou positivos. É tanto mais plausível como provável que aqueles homens estabelecessem relações estreitas entre o conforto, a alimentação e os aspectos divinos de que o fogo estivesse imbuído. Assim como as cinzas, também são várias as referências aos rituais dedicados ao fogo ou nos quais a chama sagrada ocupava o lugar, senão central, pelo menos como co-participante nos rituais.

Seria natural que os atributos divinos emprestados ao fogo estivessem também presentes entre os primeiros povos gregos. Conforme PUECH (1986), milênios depois, na Grécia pré-minóica, por volta de 3.000 a.C., quando eram utilizadas as bípene, ou os machados de dois gumes, o fogo, revestido de seu sentido celeste, ou o raio, encontrava-se entre os elementos ritualísticos situado entre o princípio masculino e o feminino:

“e sua área de difusão se estende muito além dos limites de Creta. ... A bípene não tem só um papel utilitário: as escavações têm fornecido um número considerável de machados de adorno; estão gravadas nos pilares, pintadas em vasos e afrescos, erigidas entre os cornos de consagração ou cravadas na ponta de cajados em cenas rituais. De todas as formas, seu significado simbólico permanece obscuro. Na Ásia Menor, representa um raio nas mãos de um deus masculino. Por outro lado, em outros lugares, é um atributo feminino: acompanhando a deusa desnuda, desde o Paleolítico, em Tell Arpachiyah no Irã. Igualmente em Creta, aparece nas mãos de mulheres - sacerdotisas ou deusas - ou representadas acima de suas cabeças. Pode-se considerar nesse caso como um emblema masculino ou de poder real subordinado à deusa. Talvez fosse melhor considerá-la, por seu duplo como um símbolo bissexual que expressa a união dos princípios masculinos e femininos no universo (teoria de Evans): nesse sentido é significativo que as moedas de Tenedos cunhadas com a bípene levam no reverso uma cabeça dupla como a de Jano, com um rosto feminino e outro masculino.”⁶¹⁰

Sua utilização acompanhará inclusive os rituais templários alguns séculos mais tarde. Algumas referências à sua utilização intensiva foram abordadas no decorrer da dissertação.

ANEXO 06.

O Neanderthal e Cro-Magnon, a Precedência dos Costumes, o Estilo de Vida dos Coletadores e a Variação do Clima do Globo.

Primeiramente deve-se esclarecer que esses seres, por vezes, não são considerados nossos ancestrais. Segundo DURANT (1966):

“Essas primitivas culturas, aqui esboçadas como meio de estudar os elementos da civilização, não eram necessariamente nossas ancestrais, podem tê-lo sido os degenerados remanescentes de culturas mais altas, que decaíam quando, depois da era glacial, o homem refluiu dos trópicos para o norte da zona temperada.”⁶¹¹

Contudo, a versão de M^c EVEDY (1979), além de bem humorada, parece ser mais tolerante:

“O esqueleto típico do Neanderthal distingue-se, à primeira vista do homem moderno. Esta distinção, que não pode fazer-se no caso das raças modernas, levou os antropólogos a excluí-lo da espécie sapiens, e a brecha foi posteriormente alargada por reconstituições imaginárias; assim, o hirsuto animal criado por tais versões mal se assemelhava a um antropóide. Não sabemos se o homem de Neanderthal era muito ou pouco peludo, e, apesar da sua frente ser maciça e inclinada, o seu cérebro era precisamente do tamanho do nosso e a sua postura igualmente vertical. Hoje em dia é mais freqüentemente designado por Homo sapiens (variante de Neanderthal) do que por Homo neanderthalensis e pensa-se que, convenientemente vestido, passaria perfeitamente despercebido pelas ruas de qualquer cidade.”⁶¹²

Complementando a visualização do homem de Neanderthal e do Cro-Magnon, seus despojos, sua inserção em sua temporalidade e suas relações com o meio ambiente e suas tecnologias, eis dois trechos extraídos de DURANT (1966). No primeiro o autor descreve o homem de Neanderthal:

⁶¹⁰ PUECH, H.-C.: *Historia de las Religiones - Volume 2 - Las Religiones Antiguas. II*, Ciudad del México, Siglo Veintiuno Editores, 1986, pg. 206.

⁶¹¹ *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, op. cit., pgs. 64.

⁶¹² *Atlas da História Antiga*, op. cit., pg. 20.

“Vários remanescentes encontrados têm sido atribuídos ao homem pré-histórico. Em 1929 um jovem paleontologista chinês, W. C. Pei, descobriu numa caverna de Chou-Kou-Tien, a 37 milhas de Pequim, um crânio humano, na opinião de peritos como o abade Breuil e G. Elliot Smith. Junto ao crânio havia traços de fogo e pedras obviamente afeiçoados por mão humana; mas misturado com aquilo havia ossos de animais que o consenso dos paleontólogos estima datarem da Primeira Era Plistocênica, um milhão de anos atrás. Este crânio de Pequim passou a ser considerado o mais velho fóssil humano que a ciência conhece; e os instrumentos foram tidos como os primeiros artefatos humanos da História. Em Piltdown, na Inglaterra, Dawson e ‘Woodward’ encontraram em 1911 restos de ossos possivelmente humanos, hoje conhecidos como o ‘Homem de Piltdown’, ou o Eoanthropus (Homem Auroral); a data em que viveu esse homem oscila entre 1.000.000 a 125.000 anos a.C.. Vemos a mesma incerteza em relação ao crânio e ao fêmur encontrados na ilha de Java em 1891, e ao maxilar encontrado em Heildelberg, perto de Düsseldorf, na Alemanha, em 1857; aparentemente datam de 40.000 anos a.C. e de tal modo se assemelham aos fósseis encontrados na Bélgica, na França e na Espanha, e também nas praias do Mar da Galiléia, que daí veio a admissão de toda uma raça do ‘homem Neanderthal’, de posse da Europa há uns 40.000 anos antes de nossa era. Eram homens baixos, mas com 1.600 cm³ de capacidade craniana - ou 200 mais que a nossa.”⁶¹³

Como se vê, os pobres despojos muito pouco ou quase nada elucidam sobre esses homens. Aparentemente suas vidas não se desdobraram em representações simbólicas ou outro tipo de relação com o mundo exterior. Provavelmente tudo ali se passava na mais completa precariedade, uma precariedade quase animal, parcamente humana. Mais alguns milhares de anos à frente o homem de Neanderthal desaparece. A possibilidade daqueles seres terem sido superados pelo Cro-Magnon, e nesse caso configuram-se disputas territoriais entre esses dois tipos humanos, é aventada por DURANT (1966). Eis como o autor se reporta à sua aparição:

“Esse antigos habitantes da Europa [Neanderthal], por volta de 20.000 a.C., parecem ter sido deslocados pela raça Cro-Magnon, cujos fósseis foram encontrados na caverna desse nome, na Dordogne, ao sul da França. Outros foram exumados em diversos pontos da França, da Suíça, da Alemanha e de Gales, indicando um povo de magnífico porte, de aproximadamente dois metros de altura, com capacidade craniana de 1.590 a 1.715 cm³. Como o Neanderthal, o Cro-Magnon nos é conhecido como um ‘homem das cavernas’, porque seus remanescentes são sempre encontrados em cavernas; mas pode ser que só os que por acaso vivessem em cavernas houvessem chegado até nós. De acordo com a teoria moderna, essa esplêndida raça veio da Ásia, através da África, pela ligação de terra que uniria a África à Itália e à Espanha. A distribuição de seus fósseis sugere que por muitos anos eles lutaram com os Neanderthal pela posse da Europa; bem velho é o conflito entre a França e a Alemanha! Seja como for, o Neanderthal desapareceu e o Cro-Magnon sobreviveu, tornou-se o principal progenitor do moderno europeu ocidental e lançou as bases de nossa civilização.”⁶¹⁴

A mesma idéia contida nos textos de DURANT (1966), de que o homem de Cro-Magnon engendrou a civilização é compartilhada por MUNFORD (1982). Esse autor aponta para a importância do lugar, o local, a localidade mesma, onde esses homens aparentemente exerciam os seus primeiros rituais e suas prováveis repercussões na história mais recente. Segundo MUNFORD (1982):

“Há, porém, ainda outra parte do ambiente que o homem paleolítico não somente utilizava, mas aonde periodicamente regressava: a caverna. Por todo o mundo, há copiosas provas de ocupação ou visitação aborígene às cavernas. Nas camadas das grutas calcárias de Dordogne, na França, por exemplo, é possível retrair sucessivas ocupações pelo homem pré-histórico, à medida que a erosão da rocha fazia descer o leito do rio, levantando novos abrigos e expondo novas plataformas mais abaixo. Contudo, mais importante que a sua utilização para a atividades domésticas foi o papel que a arte desempenhou na arte e no ritual. Embora não fossem habitadas certas grutas, como as de Lascaux e de Altamira, parecem ter sido centros cerimoniais de alguma espécie, tanto quanto Nipur ou Abidos. Ainda no século IV a. C, encontra-se entalhada a representação de uma gruta dedicada às Ninfas, mostrando Hermes e Pan - tendo sido o próprio entalhe descoberto na Gruta das Ninfas, no Monte Pentélico. ... Mesmo nas suas formas mais primitivas, essas práticas sobreviveram ao seu período e abriram caminho para a cidade posterior. Um desenho paleolítico, na Caverne des Trois Frères, em Ariège, representa um homem vestido com pele de gamo, usando galhos na cabeça, presumivelmente um feiticeiro, enquanto que um entalhe em osso do mesmo período, numa gruta inglesa, representa um homem cujo rosto é mascarado por uma cabeça de cavalo. Ora, ainda no século VII d. C. na Inglaterra, segundo Christina Hole, as calendas de janeiro eram observadas por homens que vestiam peles e cabeças de animais, os quais corriam aos saltos e pulos pelas ruas; essa prática foi realmente proibida pelo arcebispo de Canterbury, por ser, disse ele, ‘demoníaca’. Se há razão para suspeitar de alguma obscura continuidade ancestral desse costume, há melhores razões ainda para encontrar nos ritos da caverna os impulsos sociais e religiosos que conspiraram para finalmente atrair os homens às cidades, onde todos os sentimentos originais de medo, reverência, orgulho e alegria seriam ainda mais ampliados pela arte e multiplicados pelo número de

⁶¹³ A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental, op. cit., pg. 65.

⁶¹⁴ A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental, op. cit., pg. 65.

participantes capazes de responder. ”⁶¹⁵

A posição adotada por MUNFORD (1982) é certamente mais generosa para com aqueles homens já que a imagem recorrente relativa a esse período os descrevem segundo relações com um meio ambiente, constantemente violento. Contudo, estudos realizados no início do século indicam condições diferentes dessa violenta forma de relacionarem-se com o mundo. Segundo ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995):

*“Numerosos povos caçadores atingiram o século 19 e início de século 20, tempo suficiente para serem estudados por etnólogos, antropólogos físicos e sociais. Hoje as atividades de caça e coleta são representadas pelos koisans, bosquímanos, esquimós e aborígenes australianos. ... Povos que faziam a caça e coleta ainda sobrevivem, praticamente, em todas as regiões climáticas do mundo. mas a dispersão da agricultura e da indústria os tem deslocado paulatinamente para ambientes marginalizados. Os grupos mais conhecidos, que ainda praticam a caça e a coleta, encontram-se nos desertos árido da Austrália e do Kalaari, nas densas florestas tropicais da África Central e do Amazonas e nos ermos congelados do Ártico.”*⁶¹⁶

Mais à frente, os autores prosseguem as descrições dessa forma de relacionar-se com o mundo:

*“Estudos recentes revelam estreito relacionamento entre povos caçadores e seu ambiente natural, relativa simplicidade da cultura material (apenas 94 artefatos existem entre os bosquímanos de Kung), ausência de acúmulo de riqueza individual e mobilidade. As unidades sociais, bandos ou hordas, são pequenas: grupos familiares e poucos amigos que podem viver e trabalhar bem em conjunto. Estudos recentes contradizem a visão tradicional da vida de caça como grosseira, embrutecedora e curta, e como uma luta constante contra o ambiente hostil. Com efeito, as exigências de subsistência dos bosquímanos são satisfeitas por um pequeno esforço - talvez até de dois ou três dias de trabalho por semana, para cada adulto; não precisam se empenhar por recursos de alimentação; suas atividades em relação à propriedade são flexíveis e seus grupos admitem recém-chegados de outros grupos. Tais características separam aqueles que caçam e praticam coleta das sociedades tecnologicamente mais desenvolvidas, cuja sobrevivência depende da capacidade de manter a propriedade em ordem e sob controle. ... Há evidências de que a expectativa de vida nas comunidades de caça e coleta não é necessariamente curta. Doenças infecciosas são raras, já que as pessoas se estendem por diversas terras, tornando mais difícil o contágio entre grupos. O tamanho da população se mantém estável, devido aos intervalos entre os nascimentos, já que a amamentação por longos períodos inibe a gravidez. Muitos grupos de caçadores mostraram competência em relação ao controle habitacional - não apenas restringindo números, mas preservando e desenvolvendo características sociais desejáveis. ... Tais comunidades mostravam grande resistência diante de perigos naturais. Doenças, acidentes, mudanças climáticas, ou a migração de suprimentos alimentares eram enfrentados com os recursos internos do grupo.”*⁶¹⁷

Esse pequeno trecho ilustra com alguma precisão o que poderia ser recorrente na vida daqueles homens: uma vida bem mais amena e, em certa medida, tranqüila. Entretanto esse modo de vida existente nas zonas mais quentes do globo estava próxima do desaparecimento. As transformações climáticas no globo, e a conseqüente elevação das média de temperatura propiciaram a fixação desses grupos em territórios definidos. A história da humanidade, o seu estilo de vida de caça, iria sofrer a mais radical transformação por um agente intangível: a Terra considerada em seu contexto cósmico. Assim, conforme o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995), os bandos caçadores estavam próximos do desaparecimento:

*“Os últimos 10 mil anos, quando prevaleceram as atuais condições climáticas, são apenas a última de um dezena ou mais de fases que interromperam a Idade do Gelo. Esse período assistiu a uma explosão sem precedentes do número de seres da espécie humana e seu impacto no mundo. ... No ano 8.000 a.C. havia ainda apenas pequenos bandos de homens que caçavam e colhiam, com um estilo de vida pouco diferente de seus predecessores de até 100 mil anos antes. Mas, nos 2 mil anos seguintes, vilarejos consideráveis surgiam em certas regiões; nos 2 mil anos subseqüentes, já havia cidades; 2 mil anos mais tarde as cidades-Estado viravam impérios; 2 mil anos depois, bases tecnológicas foram estabelecidas para realizações que nos mais recentes 2 mil anos incluíram a imprensa, energia atômica e a primeira ida do homem à Lua.”*⁶¹⁸

⁶¹⁵ MUMFRD, L.: *A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas*, São Paulo, Martins Fontes Editora, 1982, pg. 13.

⁶¹⁶ *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 35.

⁶¹⁷ *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 35.

⁶¹⁸ *Atlas da História do Mundo*, op. cit., pg. 38.

ANEXO 07.

O Período Mesolítico.

Eis uma rápida descrição do que ocorria no Período Mesolítico proposta por DURANT (1966):

“Depois de fabricar agulhas e alfinetes, o homem começou a tecer; ou, começando a tecer, teve que inventar agulhas e alfinetes. Já não satisfeito apenas com o uso de peles de animais para o vestuário, teceu a lã dos carneiros e as fibras das plantas - e temos a origem da veste hindu, da toga dos gregos, da camisa dos egípcios e de toda a fascinante gama do vestuário moderno. Substâncias coloridas foram extraídas das plantas e dos minérios, e o vestuário alegrou-se de novo brilho. A princípio o homem devia ter trançado as fibras como se trançasse palha, entrelaçando um fio noutro; depois abriu furos nas peles animais e ligou-as por meio de cordéis de embira, como fazemos hoje com os coletes femininos e sapatos; gradualmente as fibras foram afinando até chegar à linha, e a costura se tornou a mais importante arte da mulher. As rocas de pedra encontradas nos restos neolíticos [] são indicativas de uma das grandes origens da indústria humana. Até espelhos aparecem nesses restos; tudo estava pronto para a civilização. ... Nenhuma cerâmica foi encontrada nos túmulos Paleolíticos: os primeiros fragmentos começam a aparecer na cultura magdaleniana, na Bélgica, mas só nos sambaquis mesolíticos encontramos abundantes sinais dela. A origem dessa arte nos é desconhecida. Talvez alguma primevo, de espírito observador, haja notado que o molde aberto por seu pé na argila mole receptava água; talvez alguma acidental queima de barro numa fogueira sugerisse idéias a respeito do aproveitamento de um material tão abundante, tão maleável e de tão fácil endurecimento ao sol ou ao fogo. Antes disso o vasilhame era vegetal - cuias, cabaças, cocos; depois viriam taças e colheres de pau e de pedra, e cestos de vime e palha; por fim recorreu o homem à argila e criou uma das maiores indústrias da humanidade. Os restos neolíticos [*] não revelam o uso do torno do oleiro; era com as mãos que ele modelava a argila - e já a adornava, criando, pois, além de uma indústria, uma arte. ... Aqui também encontramos as primeiras manifestações de outra grande indústria - a da construção. O homem paleolítico não deixou traço de outra moradia além da caverna; mas no neolítico [*] encontramos coisas como a escada, a polia, a alavanca, a dobradiça. Os homens lacustres eram bons carpinteiros; com cavilhas de madeira fixavam traves sobre os esteios, ou as encaixavam nas extremidades, ou sustentavam os esteios com travessas cruzadas. O chão era de terra; as paredes, de ripas cobertas de barro; os tetos, de cascas ou palha, ou vime. Com a ajuda da polia e da roda, o material de construção era levado de um ponto para outro, inclusive grandes lajes. O transporte também se tronou uma indústria: foram construídas canoas, e o tráfego nos lagos devia ter sido intenso; o comércio se espalhou pelas montanhas e pelos continentes. O âmbar, o diorito, a jadeíta e a obsidiana vinham de longe para a Europa. Palavras similares, letras, mitos, cerâmica e desenhos visivelmente afins atraem os contatos culturais de diversos grupos de homens pré-históricos. ... Além da cerâmica, o neolítico [*] não nos deixou nenhuma arte, nada que se comparasse à pintura e à estatuária paleolíticas. Aqui e ali, entre as cenas de vida neolítico, [*] encontramos acúmulos circulares de pedra, chamados **dólmens**, [619] altos monólitos, chamados **menires**, [620] e gigantescas estruturas de pedra - os **cromlech** [621] - de uso desconhecido, como os de Stonehenge e do Morbihan. É provável que jamais venhamos a saber quais as funções e significação desses megalitos; a presunção é de que tenham sido altares e templos. Porque o homem neolítico [*] certamente teria na religião ou mitos com que dramatizava a diária tragédia e vitória do Sol, a morte e a ressurreição do solo e as estranhas influências da Lua; não podemos compreender as fés históricas a não ser que concebamos suas origens pré-históricas. Pode ser que o arranjo de pedras fosse determinado por considerações astronômicas, e sugerisse, como pretende Schneider, a noção do calendário. Algum conhecimento científico já devia ter-se formado naquela época, porque certos crânios encontrados revelam trepanação e em muitos esqueletos há ossos quebrados e ressoldados.”*⁶²²

⁶¹⁹ “**Dólmen** ou **Anta**. Grande pedra chata colocada sobre duas ou mais pedras verticais.” REAL, R. M.: *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1962, pg. 187.

⁶²⁰ “**Menir**. Monumento celta que consiste num bloco de pedra levantado verticalmente.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 338.

⁶²¹ “**Cromlech**. Monumento céltico formado de menires (monólitos verticais) dispostos em círculo, nomeio do qual levanta-se, por vezes a *pedra do sol* (*hyrmensul*) ou uma esfera druídica (*feyra*). Trata-se de uma expressão céltica aplicada a monumentos megalíticos do período neolítico, anteriores da penetração dos celtas na Inglaterra. Estudos recentes negam, por isso, a construção de tais monumentos aos druidas.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 168.

⁶²² DURANT, W.: *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, Rio de Janeiro, Record, 1966, pgs. 70 e 71. [*] Will Durant refere-se indistintamente aos períodos Mesolítico e Neolítico. Entretanto, esses fragmentos de texto recolhidos são alusivos ao Mesolítico conforme a periodização histórica que o próprio autor apresenta.

ANEXO 08.

As Primeiras Formas de Fixação dos Homens.

Conforme o exposto anteriormente, as alterações climáticas provoca não só a dispersão dos homens sobre as mais longínquas regiões do globo, dado que as médias de temperatura tendem a elevar-se, tornando o clima mais ameno e habitável. É face a esse acntecimento que as várias comunidades humanas de então puderam se fixar em territórios geograficamente definidos.

A lógica que subjaz ao aumento das temperaturas é simples: sua elevação favorece o desenvolvimento e dispersão de espécimes vegetais poráreas cada vez maiores. Como se sabe dsde sempre essas espécimes são a base das cadeias alimentares de vários animais. Decorre dessa dispersão vegetal o crescimento de sua massa provocando, pela abundância de alimentos, o crescimento numérico das espécies herbívoras, ou as superpopulações dessas espécies. Naturalmente, esse mesmo raciocínio pode ser ampliado com relação espécies carnívoras.

Dada então a abundância e a facilidade de caça, os grupos nômades não necessitam mais de deslocar-se de região para região em busca da mesma. Assim, o que anteriormente poderia ser definido por hábitos essencialmente nômades transformam-se vagarosamente em hábitos sedentários, de modo que essas pequenas comunidades passam a se fixar em regiões precisas. Deixam o sistema de coleta e caça e passam a desenvolver os sistemas de criação de animais e posteriormente cultivadores de espécies vegetais.

É nessa perspectiva que surgem, então os primeiros fazendeiros, tímidos núcleos familiares, renunciando a construção das cidades. Eis como o ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO (1995) descreve sucintamente a dispersão desse novo modo de vida do período Mesolítico por toda a Terra já às portas do Neolítico:

*“As mudanças ocorreram de maneira independente em diversas partes do mundo, mas antes e com maior importância no Oriente Próximo, China, América Central e Peru. Ao menos três grupos principais de cereais eram cultivados, cada um se tornando cultura de subsistência e provocando mudanças sócio-econômicas essenciais. No Oriente Próximo, estendendo-se para a Europa e confins da Índia, trigo e cevada constituíam a base alimentar nos vilarejos e cidades. No outro extremo da Eurásia, na China, o painço era cultivado. Painço e arroz (cultivado no Sudeste Asiático) sustentaram as comunidades florescentes da Índia e Extremo Oriente até a atualidade. Na América Central e Peru, o milho era o principal cereal. Ao se desenvolver de sua minúscula forma primitiva para o atual tornou-se capaz de sustentar as civilizações sucessivas das Américas Central e do Sul. Por toda a parte, a inovação do cultivo teve efeito cumulativo pois, uma vez adotado, não era fácil retroceder. E o sucesso do novo estilo de vida induziu a mudanças fundamentais, na economia e nas ordens social, tecnológica e ideológica. ... No Velho Mundo, o cultivo de plantas foi complementado por novas formas de criação animal: carneiros, cabras, gado e porcos passaram a ser criados próximos às moradas e nos campos, e foram domesticados pelo isolamento em relação à sua população selvagem de origem. Depois descobriu-se que alguns animais podiam fornecer lã, leite e carne, além de puxar arados e carroças, aperfeiçoando a agricultura; e que outras espécies domesticáveis, como cavalos e asnos, podiam transportar fardos e cavaleiros, aperfeiçoando as comunicações e as possibilidades de comércio e guerra. Com o tempo, mais plantas passaram a ser cultivadas - árvores frutíferas, como figueiras, tamareiras e oliveiras. E, com a expansão da agricultura pelos trópicos, técnicas de propagação vegetal eram aplicadas a raízes e tubérculos. ... No Novo Mundo, com poucos animais domesticados, a falta de adequados animais de tração impedia o desenvolvimento da técnica do arado. Mas, das várias plantas cultivadas, muitas foram adotadas na Europa após a descoberta das Américas e são de importância mundial hoje - milho, abóbora e feijão da América Central; batata, pimentão e tomate da região tropical no Extremo Sul.”*⁶²³

Já em climas mais amenos, surgem grandes arranjos palafitas instalados sobre lagos, cursos d'água ou baías à beira-mar. DURANT (1966) apresenta uma ilustração do que eram essas construções na forma de palafitas:

“No ano de 1854, durante um inverno particularmente seco, o nível dos lagos da Suíça baixou muito, e isso veio revelar outra época pré-histórica. Em cerca de 200 pontos desses lagos apareceram pilares que estiveram imersos de 30 a 70 séculos. Estavam dispostos de modo a indicar que pequenas aldeias haviam sido erguidas sobre eles, talvez com o intuito de defesa; cada aldeia ligava-se à terra por uma ponte estreita, cujas bases em alguns pontos ainda subsistem; aqui e ali o arcabouço das casas suportou a ação demolidora das águas. (Encontraram-se restos de semelhantes habitações lacustres na França, Itália, Escócia, Rússia, América do Norte, Índia, etc. Tais aglomerados ainda existem em Bornéu, Nova Guiné, Samatra, etc. O nome 'Venezuela', pequena Veneza, foi lembrado por Alonso de Ojda, quando lá descobriu, em 14499, índios habitando em casas sobre estacas, no lago Maracaibo.). ... Os remanescentes mostram que os homens lacustres se alimentavam de

⁶²³ Atlas da História do Mundo, op. cit., pg. 38.

trigo, centeio, cevada e aveia, além de 120 qualidades de frutas e muitas variedades de nozes. Nenhum arado foi descoberto em tais ruínas, provavelmente porque as relhas fossem de pau - uma forquilha de árvore com um sílex encostado no vértice; mas um entalhe em pedra da era neolítica nos mostra um homem guiando um arado de bois. Isto revela a aparição de uma das mais momentosas invenções humanas. Antes da agricultura, a Terra (segundo os cálculos de Sir Artur Keith) havia suportado apenas uns 20 milhões de habitantes, de vida muito curta em consequência dos riscos da caça e da guerra; depois da agricultura começou a multiplicação da espécie, a ponto de espalhar-se por todo o planeta.”⁶²⁴

ANEXO 09.

A Centralidade, o Caráter Pétreo, a Concentricidade e o Sentido Místico da Cidadela de Micenas.

A idéia de centralidade e concentricidade existentes nesses primeiros assentamentos neolíticos pode ser apreciada facilmente em Micenas. Entretanto o mesmo argumento construtivo pode mais uma vez ser detectado em seu interior. Lá existe uma segunda construção circular, trata-se da mesma idéia da concentricidade, mas nesse caso duplicada e interiorizada. Claro é que não se pode argumentar em termos de uma franca intencionalidade de seus construtores. Contudo pode-se vislumbrar as dimensões simbólicas dessa forma de apropriação de uma parcela de terreno natural duplamente construída. Assim, quer o fizessem pela comodidade de construção em um terreno já aplainado, quer o fizessem pela disponibilidade de algumas pedras anteriormente existentes, a simples adoção do círculo implica na persistência de uma forma definida de apropriar-se ou ou mesmo considerando-se quer o fizessem por o que torna a argumentação bastante consistente. DINSMOOR (1950) o descreve assim:

“Muito tempo depois, quando novas fortificações em Micenas foram expostas por volta de 1.250 d.C., as paredes limítrofes do antigo cemitério foram prontamente carregadas e assim todas as sepulturas foram esvaziadas exceto seis das mais importantes, aquelas dos reis. ... As restantes foram posteriormente protegidas por um muro semicircular de contenção com uma inclinação de 75 graus aproximadamente. Além do mais os muros externos da fortificação foram construídos desviando-se da posição que normalmente seria seguida, descrevendo uma curva concêntrica juntamente com os muros do terraço, resultando daí que as sepulturas, contrariamente ao costume, estavam agora incluídas à Acrópolis. Tudo isso formou um recinto sagrado; o aclive havia sido aplainado com um aterro de 4 metros de altura formando um nível uniforme para o qual as antigas estelas foram novamente elevadas. Mais importante é o muro periférico, um círculo de placas de 30 metros de diâmetro, as placas de 20 centímetros de espessura foram dispostas no terraço segundo dois círculos concêntricos, distantes entre si 1,30 m., preenchidos com terra e, conectadas com esteios de madeira e cobertas com lajes cruzadas as quais formam um pesado parapeito de 1 a 1,60 m. de altura. Ao lado, nas proximidades do Portão dos Leões, havia uma entrada à esquerda de 2,6 metros de largura. Ela era o recinto sepulcral que sobreviveu através dos tempos clássicos e foi descrita por Pausânidas no segundo século de nossa era. Os gregos atribuíram os sepulcros a Agamenon e seus seguidores, contudo agora sabe-se que sua existência é anterior à família de Agamenon em dois séculos.”⁶²⁵

Conforme se vê o argumento da centralidade não poderia ser descartado ou mesmo dissociado de seu caráter sagrado ou pétreo. Ao referir-se ao Tesouro de Atreu na mesma cidadela, ROBERTSON (1997) é efusivo em suas alusões à utilização desse material construtivo.

“Os tholoi [⁶²⁶] do continente eram seguramente túmulos da realeza e é pouco provável que mais de um, em média, fosse erguido para uma mesma dinastia em uma mesma geração. Em Micenas, aqueles do grupo mais antigo são de calcário bruto. Em seguida vem um grupo erguido em cantaria [⁶²⁷] de calcário, com elementos de

⁶²⁴ *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, op. cit., pgs. 69 e 70. Fica porém a advertência de que Will Durant não diferencia claramente o período Mesolítico do próximo período que é o Neolítico. Assim a agricultura, que é um atributo exclusivo do Neolítico, encontra-se indistintamente situada entre ambos os períodos. Contudo, conforme comparações com outras periodizações históricas pode-se tomar os textos apresentados como pertencentes ao período Mesolítico. Durant parece ter pressa em chega à civilização!

⁶²⁵ *The Architecture of Ancient Greece*, op. cit., pgs. 25 e 26.

⁶²⁶ Primeiramente: “**Tolo** ou **Tholo**. Edifício circular coberto com uma cúpula.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 487. Complementando: “**Tholos**. Construção circular.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 457 e 458. O que não implica necessariamente na cobertura com uma cúpula.

⁶²⁷ “**Cantaria**. Pedra aparelhada para construção. A cantaria é desbastada quando faceada a picão [Martelo pontiagudo dos dois

conglomerados mais rijos que não são, todavia, cortados com serra; é nesse grupo que aparecem, pela primeira vez, os ‘triângulos de descarga’ por sobre os lintéis.^[628] O último grupo inclui o ‘Tesouro de Atreu’[”]⁶²⁹.

Claro é que essa não seria a única possibilidade construtiva de então. Outros materiais construtivos já haviam sido empregados anteriormente. Contudo, mais uma vez as pedras seriam as eleitas para que se levasse a cabo as impressionantes construções miceneanas. Quer por sua extrema durabilidade capaz de desanimar os mais tenazes invasores, quer por sua adoção como elemento hierofânico, as pedras foram largamente utilizadas. Os músculos, suor e argúcia manufatureira empregados na construção de tais recintos eram facilmente recompensados pelo resultado final resistente e durável. É ainda ROBERTSON (1997), que oferece a real dimensão de tais esforços:

“Esses túmulos mais recentes são construídos em cantaria de conglomerado talhada com serra. Na totalidade dos casos, a parte principal da sepultura era escavada em uma encosta, com o relevo original coincidindo aproximadamente com os lintéis das portas, que deviam ser arrastados encosta acima até a sua posição exata. No último grupo enormes blocos eram utilizados; calculou-se que o peso do lintel interno do ‘Tesouro de Atreu’, ainda hoje no lugar, ultrapassa uma centena de toneladas. Os topos das ‘cúpulas’,^[630] construídas inteiramente em fiadas horizontais sobrepostas, com suas faces lavradas na curvatura apropriada, eram edificadas a céu aberto, mas posteriormente cobertos com terra. O acesso às portas dava-se por um estreito ‘dromos’,^[631] ou passagem, escavado na encosta. ... A figura [34, do corpo da dissertação] apresenta um corte e a planta do ‘Tesouro de Atreu’, que se explica por si mesmos. O diâmetro interno da sala circular é de aproximadamente 14,5 m e a altura de aproximadamente 13 m. a câmara lateral provavelmente teria sido utilizada para abrigar os restos mortais mais antigos, desalojados por novos sepultamentos na sala circular. Tais câmaras não são comuns, embora um túmulo encontrado na Argólia, em Ásina, tenha mais de uma. As fachadas desse período eram decoradas de forma muito elaborada. A porta do ‘Tesouro de Atreu’ era ladeada por duas colunas de mármore verde, com suas partes superiores revestidas com placas de mármore vermelho, entaladas com uma variedade de ornamentos incluindo rosetas,^[632] representações de pontas de vigas e o esquema ‘tríglico-métopa’^[633]. O triângulo de descarga acima do lintel seguramente era preenchido, como aquele do Portal dos

lados com o qual o canteiro pica a pedra]; lavrada quando a escopro [Instrumento de aço temperado terminado em forma de lâmina larga ou estreita, com extremidade cortante, reta ou arredondada. Os estreitos chamam-se Cinzéis]; e escodada, quando alisada a escoda [Martelo denteado com que os canteiros lavram e alisam as pedras].” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 116.

⁶²⁸ Primeiramente: “**Lintel** ou **Dintel**, **Lindeira**. Verga superior da porta ou janela, de pedra ou madeira, que serve para firmar e unir os pés-direitos ou ombreiras entre si.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 24.

Complementando: “**Lintel**. ([termo grego], que também significa ‘limiar’; ... Em Vitruvius [termo grego], é um friso que corre entre o lintel de uma porta e uma cornija mais elevada). Peça única de madeira ou pedra disposta horizontalmente acima de uma porta, janela, ou outra abertura em uma parede, para sustentar a carga sobreposta.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 457 e 458.

⁶²⁹ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 39 e 40.

⁶³⁰ Primeiramente: “**Cúpulas**. As cúpulas diferem do domo porque este designa principalmente a parte exterior, e aquela a parte interior.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 172. Complementando: “**Cúpula**. ([termo grego]; aparentemente, não havia nenhum termo antigo estabelecido, sendo as cúpulas normalmente descritas através de expressões perifrásticas). Abóbada que converge para o alto e para dentro em direção a um centro único, tendo por base um anel de alvenaria, comumente circular mas por vezes elíptico ou poligonal, situado normal mas não necessariamente a uma determinada altura do piso. Na nomenclatura estrita, o termo ‘cúpula’ por vezes se restringe às abóbadas desse tipo quando construídas de blocos, as juntas entre os quais irradiam-se de um ou mais centros segundo o princípio do arco, sendo aquelas construídas segundo algum outro princípio, como o da ‘misulagem’ denominadas ‘falsas cúpulas’; a denominação, todavia, jamais é negada às cúpulas de concreto, muito embora sejam estas, com efeito, sólidas massas homogêneas.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 453 e 454.

⁶³¹ “**Dromo**. Primitivamente, o termo era empregado para exprimir um espaço especial a apropriado à realização de corridas de qualquer espécie. Com essa palavra se compuseram: hipódromo, velódromo, etc. Os atuais estádios são dromos antigos. A palavra teve, todavia, significação diversa: aplica-se a certas alamedas rasgadas e prolongadas, ladeadas de esfinges, em frente dos templos egípcios.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 189. O termo da citação aparece entra aspas porque no caso do Tesouro de Atreu esse ambiente construído não se encontra a céu aberto mas convenientemente coberto por uma abóbada provavelmente de cantaria de calcário.

⁶³² “**Rosácea**. Motivo ornamental em pintura ou escultura em forma de rosa.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 444.

⁶³³ Os termos tríglico e métopa aparecem interligados por travessão na citação já que o autor procurava reforçar o fato de que a aparição de um geralmente implica na aparição do outro nos templos e construções gregas. Entretanto tratam-se de elementos que devem ser definidos separadamente. Assim: Primeiramente: “**Tríglico**. Ornamento peculiar ao friso dórico, formado por dois sulcos ou glifos verticais separados por três ressaltos (estilete ou listel). Nos templos gregos, os ângulos dos entablamentos recebem dois tríglicos, um em cada face do ângulo.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pg. 497. Complementando: “Os tríglicos são blocos delgados, maiores na altura que na largura, divididos em três listras verticais lisas por dois entalhes completos e dois meios entalhes; os entalhes não atingem o cimo do tríglico, que é ornado com um filete liso saliente.” *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pg. 52.

“**Métopa** ou **Métope**. Espaço entre os tríglicos do friso dórico geralmente coberto por placa de mármore ornada de esculturas em baixo-relevo.” *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, op. cit., pgs. 339 e 340. Complementando: “Vitruvius também afirma que os gregos empregavam a palavra [termo grego] como equivalente de *intersestio*, termo este que se aplica de

Leões, por uma placa leve entalhada, neste caso de mármore vermelho, embora as ruínas da fachada como um todo sejam por demais escassos para permitir qualquer reconstituição geral.”⁶³⁴

uma forma algo obscura à fileira jônica de dentículos, aparentemente no sentido dos intervalos entre eles; contudo, a palavra ‘métopa’ jamais é utilizada nesse sentido pelos autores modernos. o termo [termo grego], inteiramente distinto, por vezes figura nas inscrições com o significado de um pilar ou segmento de parede que divide as duas metades de uma porta ou janela duplas.”

⁶³⁴ *Arquitetura Grega e Romana*, op. cit., pgs. 39 e 40.

BIBLIOGRAFIA.

01. **AMARAL, H.:** Curso: *Tópicos de Filosofia da Cultura - Ética e Cultura*, Prof. Hugo Amaral, Departamento de Filosofia, UFMG, segundo semestre de 1988.
02. *Atlas Geográfico Mundial*, São Paulo, Empresa Folha da Manhã; 1994.
03. *Atlas da História do Mundo*, São Paulo, Empresa Folha da Manhã; 1ª edição brasileira: 1995.
04. **BASIN, G.:** *Historia del Arte - De la Prehistoria a Nuestros Días*, Espanha, Barcelona, Ediciones Omega, 1972.
05. **BRANDÃO, J. de S.:** *Mitologia Grega - Volume I*, Petrópolis, Editora Vozes, 1989.
06. **BROGGI, S./LOMBARDINI, E.:** Coleção *Documenti di Arti, I Palazzi di Creta*, Itália, Novara, Istituto Geografico De Agostini SpA, 1981.
07. Coleção: *Os Pensadores - Pré-Socráticos - Volume I*, São Paulo, Nova Cultural, 1989.
08. **COTTRELL, L.:** *El Toro de Minos*, Ciudad del México, Fondo de Cultura Económica, 1992.
09. **CUNHA, A. G. da:** *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1982.
10. Dicionário Aurélio Eletrônico, Versão 2.0, Editora Nova Fronteira, 1996, baseado no Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque De Holanda Ferreira.
11. **DINSMOOR, W. B.:** *The Architecture of Ancient Greece - An Account of Its Development*, London, Unwin Brothers LTD., 1950.
12. **DURANT, W.:** *A História da Civilização - Tomo I - Nossa Herança Oriental*, Rio de Janeiro, Record, 1966.
13. **DURANT, W.:** *A História da Civilização - Tomo II - Nossa Herança Clássica*, Rio de Janeiro, Record, 1966.
14. **ELIADE, M.:** *Tratado de História das Religiões*, São Paulo, Martins Fontes, 1993.
15. **FERREIRA, A. B. de H.:** *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1ª edição, 11ª impressão, 1975.
16. **GLOTZ, G.:** *A Cidade Grega*, Rio de Janeiro, Difel, 1980.
17. **JAEGGER, W.:** *Paidéia - A Formação do Homem Grego*, São Paulo, Martins Fontes, 1995.
18. **JORDAN, R. F.:** *História da Arquitectura no Ocidente, s/ cid.*, Editorial Verbo, 1985.
19. **JUNG, C. G. (vários autores):** *O Homem e Seus Símbolos*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 3ª edição, cap. 4, s/d.
20. **KATZENSTEIN, U. E.:** *A Origem do Livro - Da Idade da Pedra ao Advento da Impressão Tipográfica no Ocidente*, São Paulo, Editora Hucitec, 1986.
21. **LAMAS, M.:** *Mitologia Geral - O Mundo dos Deuses e dos Heróis - Volume III*, Portugal, Lisboa, Editorial Estampa, 1972.
22. **LEROI-GOURHAN, A.:** *Evolução e Técnicas - I - O Homem e a Matéria*, Lisboa, Edições 70, 1971.
23. **LLOYD, S./MÜLLER, H. W.:** *Ancient Architecture*, Itália, Milão, Electa Editrice, 1980.
24. **MANLEY, J.:** *Atlas of Prehistoric Britain*, United Kingdom, Oxford, Phaidon Press Limited, 1989.
25. **MARTIENSSEN, R. D.:** *La Idea del Espacio en la Arquitectura Griega*, Buenos Aires, Editorial Nueva Visión, 1958.
26. **MARX, K./ENGELS, F.:** *A Ideologia Alemã*, São Paulo, Editora Moraes, 1984.
27. **M'VEDY, C.:** *Atlas da História Antiga*, São Paulo, Verbo/Edusp, 1979.
28. **MORA, J. F.:** *Dicionário de Filosofia*, Portugal, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1982.
29. **MUMFRD, L.:** *A Cidade na História - Suas Origens, Transformações e Perspectivas*, São Paulo, Martins Fontes Editora, 1982.
30. Museu das Civilizações Anatólias de Istambul, Turquia, cartões postais.
31. **PESCHANSKI, C.:** *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros - A Cidade e Seus Outros*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.
32. **PETERS, F. E.,** *Termos Filosóficos Gregos - Um Léxico Histórico*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
33. **PUECH, H.-C.:** *Historia de las Religiones - Volume 2 - Las Religiones Antiguas Vol. II*, Ciudad del México, Siglo Veintiuno Editores, 1986.

34. **REAL**, R. M.: *Dicionário de Belas Artes - Termos Técnicos e Afins*, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1962.
35. **ROBERTSON**, D. S.: *Arquitetura Grega e Romana*, São Paulo, Martins Fontes, 1997.
36. **ROSSI**, A.: *Autobiografia Científica*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili S.A., 1984.
37. **SUMMERSON**, J.: *A Linguagem Clássica da Arquitetura*, São Paulo, Martins Fontes, 1997.
38. **VAZ**, H. C. de L.: *Antropologia Filosófica I*, São Paulo, Edições Loyola, 1991.
39. **VAZ**, H. C. de L.: *Antropologia Filosófica II*, São Paulo, Edições Loyola, 1992.
40. **VAZ**, H. C. de L.: *Escritos de Filosofia II - Ética e Cultura*, São Paulo, Edições Loyola, 1988.
41. **VAZ**, H. C. de L.: *Escritos de Filosofia III - Filosofia e Cultura*, São Paulo, Edições Loyola, 1997.
42. **VERNANT**, J.-P. (vários autores): *O Homem Grego*, Lisboa, Editorial Presença, 1994.
43. **VIEIRA**, R. A. A.: *O Futuro da Comunicação - Da Galáxia de Gutemberg à Aldeia Global de McLuhan*, Rio de Janeiro, Editora Achiamé, 1981.
44. **WARTOFSKY**, W. W.: *Introducción a la Filosofía de la Ciencia*, Madri, Alianza Editorial de Textos, 1987.